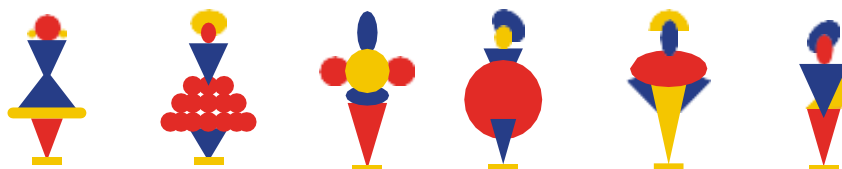




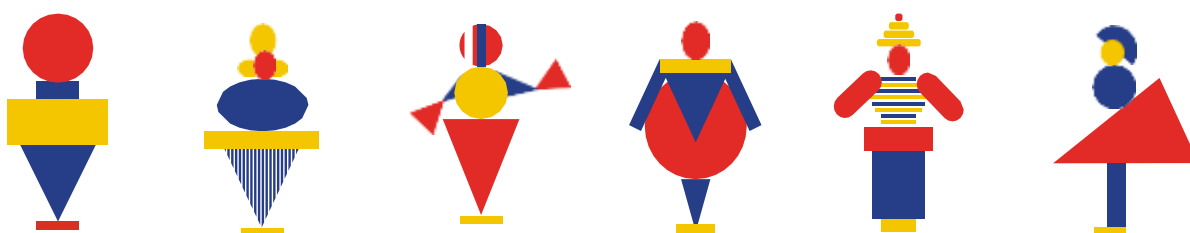
UNIVERSIDADE ESTATUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências
Câmpus de Bauru
Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência

NATALIA CRISTINA DA SILVA



O (DES)COMPASSO NA CRIAÇÃO DOS CURSOS DE MATEMÁTICA NA REGIÃO DO BOLSÃO/MS



Bauru/SP

2024

NATALIA CRISTINA DA SILVA

**O (DES)COMPASSO NA CRIAÇÃO DOS CURSOS DE MATEMÁTICA NA
REGIÃO DO BOLSÃO/MS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação para a Ciência.

Orientadora: Profa. Assoc. Maria Ednéia Martins

Bauru/SP

2024

Silva, Natalia Cristina.

O (Des)Compasso na criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS/ Natalia Cristina da Silva. - Bauru, 2024

452 p.

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Maria Ednéia Martins

1. História da formação de professores de Matemática. 2. História Oral. 3. Região do Bolsão. 4. Mato Grosso do Sul. 5. História da Educação Matemática. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

NATALIA CRISTINA DA SILVA

O (des)compasso na criação dos cursos de Matemática na região do Borsão/MS

Comissão Examinadora

Profa. Assoc. Maria Ednéia Martins (orientadora) – Unesp / Bauru (SP)

Prof. Dr. Alexsandro Coelho Alencar – URCA / Juazeiro do Norte (CE)

Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva – UFMS / Campo Grande (MS)

Profa. Dra. Eliete Grasiela Both – IFMT / Barra do Garças (MT)

Profa. Dra. Kátia Guerchi Gonzales – UEMS / Nova Andradina (MS)

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE NATALIA CRISTINA DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 15 dias do mês de julho do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de NATALIA CRISTINA DA SILVA, intitulada **O (des)compasso na criação dos cursos de matemática na região do Bolsão/MS**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa.Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) FC / UNESP/Bauru-SP, Profa. Dra. CARLA REGINA MARIANO DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Instituto de Matemática - INMA / UFMS, Prof. Dr. ALEXSANDRO COELHO ALENCAR (Participação Virtual) do(a) Departamento de Matemática Pura e Aplicada / Universidade Regional do Cariri (Urca), Profa. Dra. ELIETE GRASIELA BOTH (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ensino / Instituto Federal de Mato Grosso, Profa. Dra. KÁTIA GUERCHI GONZALES (Participação Virtual) do(a) Licenciatura em Matemática / Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: A_P_R_O_V_A_D_A . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa.Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS



Documento assinado digitalmente
MARIA EDNEIA MARTINS
Data: 17/07/2024 11:41:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aos meus pais, Laura e Antonio.

À Ivete (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela inspiração e pelo dom da vida.

À minha coreógrafa e primeira diretora deste trabalho, Ivete Maria Baraldi (*in memoriam*), que me acolheu em um momento em que os caminhos a serem percorridos durante o doutorado eram incertos. Agradeço não só pela orientação, mas pela relação alicerçada no respeito e no diálogo e, acima de tudo, por toda a sensibilidade de uma pessoa com olhar humano com todos os seus orientandos. Infelizmente, essa grande mulher, educadora Matemática, professora e mãe, faleceu em uma noite chuvosa do dia 18 de janeiro de 2021, vítima da Covid-19, e não pôde ver os desdobramentos finais da pesquisa.

À minha coreógrafa e diretora Maria Ednéia Martins, obrigada por ter topado, mais uma vez, orientar-me em um momento extremamente delicado, em um trabalho cujos passos não acompanhou desde o princípio. Você me guiou a rever documentos, bibliografia, hipóteses, escritas e a vida por mais de um prisma, com graça e sensibilidade.

Aos meus assistentes de coreografia e direção Alexsandro, Carla, Eliete e Kátia. Obrigada pelo interesse e apreço demonstrado pela pesquisa, por meio de ideias, sugestões e críticas feitas na qualificação e na defesa.

À minha equipe de bailarinos, composta por Álvaro, Edson, Eliedete, Sonia, Irene, José Felice, Leocádia (*in memoriam*), Marco, Andreia, Marlene, Thiago e Sílvia, pelo carinho e atenção que me foi dedicado, compartilhando e me fazendo rememorar vivências.

À minha equipe de cenógrafos e contrarregras, composta por meus companheiros de trabalho, a toda a equipe da Creche Escola Carrossel e da EMEB Professora Lourdes Regina de Sousa, também a Larissa e Patrícia, as minhas supervisoras de ensino, muito obrigada pela ajuda e paciência durante o processo, assim como pela compreensão por minhas faltas. Este processo teria sido muito mais difícil sem o apoio de todos vocês.

À minha equipe de figurinistas e maquiadores, composta por minha família, especialmente meus pais Laura e Antonio, que sempre respeitaram minhas escolhas e ausências. À minha amiga Luana, por me ajudar com a estruturação desta tese, pelo apoio, por compreender meus sumiços e por ter me aturado, mesmo quando não aguentava mais me ouvir falar da mesma coisa. Ao Murilo, por ter me ajudado em pequenas coisas, mesmo sem ter consciência da ajuda prestada, pelo pouco de distração que me proporcionou durante esse tempo. À Bruna, Gisane, Mariana, Leandro e Tatiana, obrigada por estarem sempre junto comigo. Sem vocês, este trabalho não seria o mesmo.

À minha equipe de iluminadores, composta por todos os professores que puderam compartilhar comigo o conhecimento e que contribuíram para me tornar a profissional que hoje sou. Sem vocês, eu não teria chegado até aqui.

Ao Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) e também ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP), que, por meio das reuniões e discussões, despertaram em mim um movimento singular de sensibilidade acadêmica e pessoal. Vocês foram figuras essenciais neste processo, primeiramente de mestrado e depois de doutorado.

Agradeço à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, instituição em que sempre tive o desejo de estudar, mas que, por motivos do destino, não tinha realizado tal anseio. Em um momento especial de minha carreira profissional – o doutorado – pude, finalmente, concretizar tal sonho.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção desta criação coreográfica.

... o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.
Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo estudar o movimento de criação dos cursos de Matemática na região do Borsão/MS, com base em fontes orais e documentais. Para tanto, foi realizado um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado nas concepções da História Oral, o qual permitiu a construção de fontes historiográficas, que possibilitaram esboçar compreensões sobre diversos movimentos que visavam à formação para a docência. Foram realizadas entrevistas com doze docentes, que vivenciaram, de maneira singular, a criação dos cursos de Matemática, a partir da década de 1970 até meados de 2000. Compuseram o material de análise, portanto, doze narrativas, recortes jornalísticos e legislações. Neste movimento analítico, foram discutidas temáticas que emergiram na fala dos colaboradores, como a urgência na criação de cursos de formação de docentes, o movimento de separação do estado do Mato Grosso do Sul, os entraves entre a Matemática Pura e a Educação Matemática e a falta de planejamento na criação dos cursos, destacando-se a dinamicidade na relação de “centro” e “periferia”. O desenvolvimento da pesquisa permitiu desvelar a complexa interação entre a política educacional, a migração de professores e os impactos socioeconômicos; assim, a institucionalização da formação de professores não fez parte de um planejamento estratégico de educação, sendo a criação dos cursos de Matemática ligada às demandas políticas. A pesquisa desenvolvida contribuiu com o mapeamento da formação de professores que ensinaram Matemática no Estado de Mato Grosso do Sul e no Brasil, foco de estudos do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM).

Palavras-chave: História da formação de professores de Matemática; História Oral; região do Borsão; Mato Grosso do Sul; História da Educação Matemática.

ABSTRACT

This research aimed to study the development of Mathematics courses in the Bolsão region of Mato Grosso do Sul (MS), based on oral and documentary sources. A qualitative approach was employed, grounded in Oral History concepts, which enabled the construction of historiographical sources and the formation of insights into various movements that focused on teacher education. Interviews were conducted with twelve educators who uniquely experienced the creation of Mathematics courses from the 1970s until the mid-2000s. The analysis was based on these twelve narratives, newspaper clippings, and legislation. The analysis explored themes that emerged from the participants' accounts, such as the urgency of establishing teacher education programs, the movement for the separation of Mato Grosso do Sul from Mato Grosso, the conflicts between Pure Mathematics and Mathematics Education, and the lack of planning in the creation of the courses, highlighting the dynamic relationship between "center" and "outskirts." The development of the research revealed the complex interaction between educational policy, teacher migration, and socioeconomic impacts. Thus, the institutionalization of teacher education was not part of a strategic educational plan, and the creation of Mathematics courses was driven by political demands. This research contributed to mapping the education of teachers who taught Mathematics in the state of Mato Grosso do Sul and throughout Brazil, the focus of studies by the Oral History and Mathematics Education Research Group (GHOEM).

Keywords: History of Mathematics Teacher Education; Oral History; Bolsão region; Mato Grosso do Sul; History of Mathematics Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa que ilustra algumas regiões do Brasil e contempla a região do Bolsão/MS	22
Figura 2 – Mapa com a abertura dos cursos de Matemática em Mato Grosso do Sul	341
Figura 3 – Localização de Cassilândia, Paranaíba e Três Lagos no Bolsão/MS	347
Figura 4 – Presidente Ernesto Geisel assinando a Lei de divisão de Mato Grosso	353
Figura 5 – Comemoração dos sulistas, após a criação do estado de Mato Grosso do Sul	354
Figura 6 – Mapa que retrata o território do estado de Mato Grosso <i>uno</i> antes e depois do seu desmembramento	355
Figura 7 – Primeira festa dos calouros da FFOMT	359
Figura 8 – Vista aérea da UEMT	359
Figura 9 – Vista aérea da cidade de Corumbá e do ISPC.....	362
Figura 10 – Centro Pedagógico da cidade de Aquidauana	364
Figura 11 – Inauguração do prédio do CDP	365
Figura 12 – Mapa com os Centros Pedagógicos da UEMT	366
Figura 13 – Mapa de localização dos câmpus da UFMS	371
Figura 14 – Notícia do Jornal O Progresso, que diz que a UEMS será criada com sede em Dourados.....	373
Figura 15 – Notícia do Jornal O Progresso, que informa sobre a votação para instalação da UEMS em Dourados	375
Figura 16 – Notícia do Jornal O Progresso, que cita a criação das três universidades em Mato Grosso <i>uno</i>	376
Figura 17 – Notícia do Jornal O Progresso, que menciona que a UEMS iria ser implantada em onze cidades de Mato Grosso do Sul	377
Figura 18 – Mapa com previsão das unidades da UEMS	378
Figura 19 – Notícias jornalísticas sobre a inauguração da UEMS.....	381
Figura 20 – Notícia jornalística, que menciona o momento de reavaliação da UEMS ..	383
Figura 21 – Notícia jornalística, que menciona sobre as ações da Reitora da UEMS...	384
Figura 22 – Notícia jornalística, que anuncia a abertura do vestibular da UEMS....	385
Figura 23 – Fachada da UEMS em Cassilândia.....	390

Figura 24 – Nomeação da primeira eleição de diretor e vice-diretor do Centro Pedagógico de Três Lagoas	392
Figura 25 – Placa de inauguração do Centro Pedagógico de Três Lagoas	394
Figura 26 – Vista aérea do Centro Pedagógico de Três Lagoas.....	394
Figura 27 – Foto da fachada do Centro Pedagógico de Três Lagoas	395
Figura 28 – UFMS/CPAR na Escola Preve Objetivo	398
Figura 29 – UFMS/CPAR na Escola Maria Luiza	399
Figura 30 – UFMS/CPAR na Escola Aracilda Cícero Corrêa da Costa.....	400
Figura 31 – Finalização da construção do câmpus da UFMS/CPAR	401
Figura 32 – Inauguração do câmpus de Paranaíba	402
Figura 33 – Alunos participando da inauguração do câmpus.....	403
Figura 34 – Domínios do conhecimento matemático para o ensino.....	414
Figura 35 – Readequação do conhecimento matemático para o ensino.....	415
Figura 36 – Conhecimentos específicos da docência de professores que ensinam Matemática.....	416

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Rede de possíveis colaboradores	51
Quadro 2 – Relação de narradores	58
Quadro 3 – Tentativas de implantação do ensino superior no sul de Mato Grosso <i>uno</i>	358
Quadro 4 – Relação de instituições superiores	370

LISTA DE SIGLAS

ABHO	Associação Brasileira de História Oral
AEMS	Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Cades	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino secundário
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBEM	Congresso Brasileiro de Ensino de Matemática
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
Cesp	Companhia Energética de São Paulo
Cesup	Centro de Ensino Superior de Campo Grande
CFE	Conselho Federal de Educação
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CONARCFE	Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores
Consed	Conselho de Secretários de Educação
CPA	Centro Pedagógico de Aquidauana
CPAR	Câmpus de Paranaíba
CPD	Centro Pedagógico de Dourados
CPR	Centro Pedagógico de Rondonópolis
CPTL	Câmpus de Três Lagos
DNA	Ácido desoxirribonucleico
DP	Dependência em disciplina
EAD	Educação a Distância
Ebrapem	Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Emac	Escola Municipal Agrícola de Cassilândia
Enade	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
Enem	Exame Nacional do Ensino médio
Facila	Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína
Fadafi	Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras
Fafing	Faculdade de Filosofia do Norte Goiano

FFCL	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras
FFOMT	Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso
FHC	Fernando Henrique Cardoso
Fies	Fundo de Financiamento Estudantil
Fifasul	Faculdades Integradas de Fátima do Sul
Fipar	Faculdades Integradas de Paranaíba
FJB	Faculdade de José Bonifácio
FUCMT	Faculdades Unidas Católicas Dom Bosco
Fundect	Fundação de Apoio do Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul
Fundef	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino fundamental e de Valorização do Magistério
Funec	Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul
Funepe	Fundação Educacional de Penápolis
Funlec	Fundação Lowtons de Educação e Cultura
GHOEM	Grupo e Educação Matemática
GT	Grupo de Trabalho
HEMEP	Grupo de História da Educação Matemática em Pesquisa
IBILCE	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
ICBCG	Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande
ICHLT	Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas
Ideb	Índice de Avaliação do Ensino Básico
INMA	Instituto de Matemática
ISPC	Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MMM	Movimento da Matemática Moderna
MSTV	Mato Grosso do Sul na televisão
NCTM	National Council of Teachers of Mathematics
Obmep	Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
Paiub	Programa de Avaliação Institucional
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais

PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PEB	Professor da Educação Básica
PED	Programa de Estímulos aos Docentes
PET	Programa de Educação Tutorial
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIN	Programa de Integração Nacional
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
Polocentro	Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
Polonoroeste	Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil
PPP	Projeto Político Pedagógico
Prodasec	Programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais
Profmat	Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional
Proformação	Programa de Formação de Professores em Exercício
Proinfo	Programa Nacional de Informática na Educação
Promat	Programa Especial de Desenvolvimento de Mato Grosso
Proterra	Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo Agroindustrial
Prouni	Programa Universidade para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC-Campinas	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC-PR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RH	Recursos Humanos
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SBEM	Sociedade Brasileira de Educação Matemática
SBF	Sociedade Brasileira de Física
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso de Ciência
SBQ	Sociedade Brasileira de Química
Seduc/MT	Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
Sesi	Serviço Social da Indústria
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
Socan	Sociedade Cultural de Andradina S/C Ltda

Sudeco	Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste
TCC	Trabalho de conclusão de curso
TCLE	Termo de livre Consentimento
UCBD	Universidade Católica Dom Bosco
UDF	Universidade do Distrito Federal
UDN	União Democrática Nacional
Uema	Universidade Estadual do Maranhão
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UEMT	Universidade Estadual de Mato Grosso
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFGO	Universidade Federal de Goiânia
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal de Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal de Tocantins
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Uniban	Universidade Bandeirante de São Paulo
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Uniderp	Universidade para o Desenvolvimento do estado e da Região do Pantanal
Uniesp	União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas
Unigran	Centro Universitário da Grande Dourados
Uninove	Universidade Nove de Julho
Unoeste	Universidade do Oeste Paulista
Unopar	Universidade Norte do Paraná
Urcac	Universidade Regional do Cariri
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

SUMÁRIO

O início de um movimento coreográfico	19
No ritmo da História Oral	28
A construção da nossa coreografia analítica	59
Curvas, tombos e justaposição pelo solo da formação de professores	62
Professor Álvaro Sampaio	63
Professor Edson Rodrigues Carvalho	79
Professora Eliedete Pinheiro.....	98
Professora Sonia Angelina Garcia Modesto	112
Professora Irene Coelho de Araújo	132
Professor José Felice	159
Professora Leocádia Aglaé Petry Leme	176
Professor Marco Aparecido Quieroz Duarte	197
Professora Andreia Cristina Ribeiro	215
Professora Marlene Durigan	244
Professor Thiago Donda.....	264
Professora Silvia Regina Vieira da Silva	294
O (des)compasso da dança educacional	316
Os cursos que formavam professores para que eles formassem outros formadores.....	329
A dança bailada na Cades.....	329
A dança bailada nas licenciaturas curtas.....	334
A nossa (re)criação coreográfica	343

No passo da precariedade	356
Da criação à implantação de uma universidade.....	372
A unidade de Cassilândia	387
O câmpus de Três Lagoas	390
O câmpus de Paranaíba.....	396
A dança se dá a ver nos redemoinhos	404
A corporeidade dos cursos de Licenciatura em Matemática	420
Referências	426
Apêndice A – Carta de apresentação da pesquisa aos colaboradores	435
Apêndice B – Roteiros de entrevistas.....	436
Apêndice C – Carta de retorno aos colaboradores.....	440
Apêndice D – Cartas de cessão.....	441



O INÍCIO DE UM MOVIMENTO COREOGRÁFICO



Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>.
Acesso em: 4 jul. 2023.

Dançar, [...] essa arrebatadora forma de expressão que nos faz entrar em contato com nossa realidade humana imperfeita, inexplicável e tão maravilhosamente plástica. Pensar na dança é pensar nos muitos momentos em que a comunicação escrita ou falada não foi suficiente para expressar as angústias ou o desejo de poetizar. Se a dança fosse um texto escrito, poderia ser uma poesia; se fosse um discurso falado, poderia ser uma declaração de amor à vida; mas, sendo gesto, a dança só pode ser o próprio dançarino em seu movimento dançante. Ai está a sua peculiaridade, a sua sutileza e a sua riqueza, pois, para além dos múltiplos códigos atribuídos ao dançar, será sempre na gestualidade do corpo que ela poderá ser compreendida pelo homem

(Karenine de Oliveira Porpino)

O INÍCIO DE UM MOVIMENTO COREOGRÁFICO

Esta tese¹ é oriunda de nossas percepções e anseios, que foram sendo construídos ao longo da nossa trajetória acadêmica e pessoal. Primeiramente, tornando-nos migrante, deixamos o nosso local de nascimento (interior do estado de São Paulo) e, em busca de nossos objetivos, mudamos para o estado de Mato Grosso do Sul, em 2004, a fim de realizar a graduação (Licenciatura em Matemática), na tão almejada Universidade Federal.

Todo o nosso entusiasmo de jovem foi sendo esvaziado, principalmente quando chegamos à cidade de Paranaíba e nos deparamos com a tão sonhada Universidade Federal, funcionando em um prédio de uma instituição básica de ensino. Com o decorrer do tempo, observamos que a estrutura física era só mais uma adversidade a ser ultrapassada. Havia outras, que interferiam na formação que ali era dada a todos aqueles alunos que viam, naquela instituição, uma oportunidade de mudar suas vidas. Foi aí que surgem as preocupações em relação à formação do professor de Matemática.

A morosidade na criação dos cursos de formação de professores no estado de Mato Grosso *uno*², e posteriormente em Mato Grosso do Sul, é um movimento que perpassou por outras regiões. Segundo Gomes e Garnica (2021), a formação específica para os docentes atuarem no ensino secundário começou a ser ofertada institucionalmente, em cursos de licenciatura, em 1934, com a criação da Universidade de São Paulo (USP). Com isto, houve a criação de cursos de formação de professores em outras partes do país, como nos estados do Sul e do Sudeste brasileiro. Os autores mencionam que a instalação desses cursos no Centro-Oeste, no Nordeste e no Norte do país ocorreu de forma mais discreta.

Na década de 1960, de acordo com Martins-Salandim (2012), observa-se a expansão dos cursos de Matemática no estado de São Paulo. Dizemos que, a partir dessa década, houve a expansão do ensino superior pelo país, implantação que

¹ Todo o projeto de design gráfico aplicado a este trabalho foi inspirado no Ballet Triádico *Bauhaus*, desenvolvido no Teatro da *Bauhaus*, por *Oskar Schlemmer*. Nas capas das entrevistas dançadas, colocamos um figurino em nossos dançarinos para representar o movimento da dança, este mesmo figurino está na capa do trabalho, representando os doze bailarinos com os quais bailamos nossa coreografia. Também utilizamos linhas de funções Matemáticas com o intuito de mostrar a movimentação na criação e instalação dos cursos de Matemática na região estudada.

² Esse termo vem sendo utilizado para diferenciar o atual estado de Mato Grosso do antigo (*uno*), que englobava, até 1977, o atual estado de Mato Grosso do Sul.

esteve ligada a políticas governamentais, diante das demandas de um país que dava os primeiros passos a uma educação básica obrigatória para todos (Gomes; Garnica, 2021).

Neste viés, o Grupo História Oral e Educação Matemática³ (GHOEM) vem se debruçando a estudar como se efetivou/efetiva a formação e atuação de professores de Matemática no Brasil. Em uma paisagem já esboçada pelos trabalhos desenvolvidos, destacam-se os signos das carências e urgências. Ou seja, havia falta de profissionais com formação específica para o magistério, então foram se estruturando cursos ligados a políticas de urgências, com a finalidade de formar um quantitativo de profissionais em larga escala, em um espaço temporal curto, além de dar, àqueles que já exerciam a carreira do magistério, a formalização que as legislações determinavam.

No que tange à formação dos professores de Matemática no Brasil, Gomes (2013, p. 32) aponta para a “[...] inexistência de uma identidade única para o professor de Matemática no Brasil” e para uma “[...] contraposição entre igualdade de condições e desigualdade de oportunidades”. Este contexto multifacetado está ligado diretamente a questões políticas, econômicas, sociais, culturais, ambientais, educacionais, psicológicas e humanas; ou seja, há uma gama de cenários distintos que atravessam o “tornar-se” docente. Se olharmos para as legislações ou para os currículos dos cursos de Matemática pelo país, certamente pensaríamos que a formação seria permeada pela igualdade de oferta, porém o que já foi observado, mas também neste trabalho notamos, é que a desigualdade das oportunidades é latente, fortalecendo a dinamicidade da relação entre “centros” e “periferias”.

Diante deste contexto, acreditamos que o nosso trabalho contribui para o mapeamento da formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Brasil. Observamos que a criação das instituições superiores de

³ Grupo de História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002, cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP – é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), atua nas seguintes linhas de pesquisa: Projeto – Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que Ensinam/Ensina Matemática no Brasil; análise de livros didáticos – Hermenêutica de Profundidade; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção; Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção; IC-GHOEM; e Narrativas e Ensino e Aprendizagem de Matemática (Inclusiva). Assim dizemos que o GHOEM tem como finalidade “o estudo da cultura escolar e o papel da Educação Matemática nessa cultura” (GHOEM, 2017).

ensino, a partir da década de 1970 até meados de 2000, na região do Bolsão/MS, especificamente nas cidades de Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas, como mostramos na Figura 1, constituiu cursos de Matemática sob o signo das carências e urgências e sob dicotomia das políticas públicas.

Figura 1 – Mapa que ilustra algumas regiões do Brasil e contempla a região do Bolsão/MS



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Regioes-de-planejamento-do-estado-de-Mato-Grosso-do-Sul-Brasil_fig1_350324187.

Poderíamos ter escolhido outras regiões para estudarmos, mas optamos pelo Bolsão/MS, tanto por ser uma região ainda não estudada no Projeto de Mapeamento da formação e atuação de professores que ensinam Matemática no Brasil,

desenvolvido pelo GHODEM, quanto por estar interligado com nossa trajetória acadêmica e pessoal. Como já mencionado, foi em Paranaíba que tudo se iniciou, mesmo antes da conclusão do curso de graduação, no qual demos os primeiros passos na carreira como professora de Matemática e, durante alguns anos, a dedicação ao exercício do ensino. A partir daí, desde o ano de 2012, atuamos em cargos de gestão educacional.

Permeada de anseios em relação à formação docente, no ano de 2009, cursamos a Especialização em Educação Escolar e Diversidade, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e nos debruçamos a estudar o letramento matemático. Em 2014, surgiu a oportunidade de cursar o mestrado em Educação Matemática, momento em que foram apresentadas cenas para a formação dos professores de Matemática em Paranaíba, na segunda metade do século XX.

Nestas cenas, pudemos nos aproximar da História Oral, enquanto metodologia de pesquisa, e escolhemos o recorte temporal no momento em que, na cidade de Paranaíba, não existia curso para formar professores de Matemática, situação que foi alterada no ano de 2001, com a abertura do câmpus de Paranaíba pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). De acordo com os colaboradores – entrevistados de nossa pesquisa –, os docentes buscavam cursos que eram ministrados de modo emergencial, pois eles atuavam sem a formação específica do magistério em um curso superior. Devido à situação, muitos buscavam formações em outras regiões, tanto que foi discutida a relação "Centro-Periferia", já que as formações realizadas pelos docentes, em sua maioria, eram em regiões interioranas de outros estados, como no caso do interior de São Paulo. Nesse contexto, regiões periféricas, na perspectiva paulista, poderiam ser consideradas centros, quando vistas de outros locais menos favorecidos do país. Então observamos que a relação entre centro e periferia não se constitui somente por questões geográficas, mas também pelo contexto da região e suas questões políticas.

No percurso do trabalho de mestrado é que surgiram outras inquietações que naquele momento não puderam ser respondidas, mas que continuaram a nos incomodar e que deram origem à nossa pesquisa de doutorado, pois tínhamos estudado como se dava a formação dos professores de Matemática, quando não havia curso de Matemática na cidade de Paranaíba. Mas, e com a abertura do curso, quais novas cenas se desenharam na formação docente, em uma região que ofertava, desde a década de 1970 e 1990, em Três Lagoas e Cassilândia, respectivamente,

cursos que tinham/têm por finalidade ofertar a formalização para o profissional do magistério?

Assim sendo, o nosso trabalho teve por objetivo estudar o movimento de criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS. Arbitramos como início a década de 1970, pois, neste período, foi instalado o primeiro curso de Matemática na região. Definimos, como fim do nosso período, a década de 2000, quando o último curso estudado nesta pesquisa foi criado.

Em nossa primeira apresentação deste trabalho, utilizamos a dança como perspectiva metafórica. Achamos pertinente utilizá-la, pelo fato de que era uma experiência que atravessou/atravessa a nossa trajetória. A nossa proximidade com a dança se dá primeiramente por meio da música, pois todas as vezes que tocamos nos vimos recontando histórias, histórias que à primeira instância não eram nossas, mas que reverberavam a sensibilidade do quanto é complexo o movimento de olhar para as vivências e experiências de um outro e reconstruir uma história. Para um dançarino, é um ato mais delicado, já que é necessário transmitir à sua plateia o sentimento dessas histórias tocadas, misturado com o seu próprio. Assim, podemos correlacionar um trabalho que se deleita a constituir fontes historiográficas por meio de fontes orais, ou seja, por meio de vivências de pessoas e, a partir delas, recontar história(s), assim como o ofício de um dançarino.

Vale ressaltar o que nós estamos compreendendo por experiências. Segundo Larrosa Bondía (2002, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, e com isso o movimento da dança nos surgiu, pela nossa proximidade com a música e também pelo fato de ter trabalhado, na pesquisa de mestrado⁴, com a sensibilidade que a arte nos propõe. Nessa ocasião, utilizamos a metáfora de “cenas”, para desvelar os espaços em que nossos colaboradores encenavam suas práticas docentes e suas formações.

No momento da qualificação, nossa banca nos pontuou algumas preocupações quanto ao uso da metáfora da dança. Talvez a nossa sensibilidade em relação a esse movimento não estaria tão consistente e por isso houve os apontamentos. Foi então que decidimos, mesmo que em um tom “tímido”, utilizar a dança para falarmos do movimento de criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS, a partir da

⁴ Estamos nos referindo a Silva (2016).

década de 1970 até meados de 2000, pois, para nós, este propósito metafórico é relevante, para discutirmos as temáticas que surgiram no desenvolvimento da tese.

Sendo assim, apresentamos a seguir os textos que compõem nosso trabalho.

Em **“O início de um movimento coreográfico”**, apresentamos a pesquisa, como o tema da formação de professores atravessou as nossas experiências acadêmicas e pessoais.

O texto denominado **“No ritmo da História Oral”** foi dividido em dois momentos, sendo que no primeiro traçamos compreensões das nossas concepções metodológicas, bem como foi sendo construída a trajetória da pesquisa, com os desafios e potencialidades que vislumbramos na constituição de nosso movimento historiográfico. O ritmo da História Oral nos permitiu (re)criar uma(s) história(s) da formação de professores na região do Bolsão/MS, por meio das narrativas de pessoas que efetivamente participaram da criação das instituições de ensino superior, a partir da década de 1970 até meados de 2000, das cidades de Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas. Vale salientar que, para a constituição deste trabalho, utilizamos não só as fontes orais, mas toda fonte que nos foi possível conhecer. Já no segundo momento do texto, o qual intitulamos de **“A construção da nossa coreografia analítica”**, discutimos como os temas que nos surgiram em nosso movimento analítico foram constituídos. Inicialmente, utilizamos a nuvem de palavras, para nos auxiliar na escolha dos temas, porém, após o exame de qualificação e as reflexões de nossa banca, chegamos à conclusão de que as singularidades que discutimos emergiram das falas de nossos colaboradores.

Em **“Curvas, tombos e justaposição pelo solo da formação de professores”**, foi o momento em que apresentamos as doze narrativas construídas conjuntamente com nossos colaboradores, que puderam nos contar e rememorar suas vivências acerca dos cursos em que atuaram na região do Bolsão/MS. Os professores José Felice, Irene Coelho de Araújo, Leocádia Aglaé Petry Leme e Marco Aparecido Queiroz Duarte estavam ligados ao curso de Matemática na cidade de Cassilândia; já do curso de Paranaíba, conversamos com Andreia Cristina Ribeiro, Marlene Durigan, Thiago Donda Rodrigues e Silvia Regina Vieira da Silva; e, por fim, do curso de Três Lagoas, dialogamos com Álvaro Sampaio, Edson Rodrigues Carvalho, Eliedete Pinheiro Lino e Sonia Angelina Garcia Modesto. Vale ressaltar que, embora tenhamos pontuado a ligação dos docentes com seu curso de atuação, em vários momentos da construção das narrativas, os colaboradores nos contam de

interligações entre os cursos. Como exemplo, podemos citar os diálogos do professor Edson e Sonia que, embora fossem professores do curso de Matemática de Três Lagoas, citam as contribuições que deram ao curso da cidade de Paranaíba.

Em **“O (des)compasso da dança educacional”**, abordamos os desdobramentos de algumas legislações, no que se refere à formação de professores, o que culminou na falta de profissional com habilitação específica para o magistério. Com isso, tratamos do signo da urgência, ou seja, da criação de alguns cursos em que nossos colaboradores puderam se “formalizar”. Neste modelo de “formação aligeirada”, refletimos sobre as licenciaturas curtas⁵ e a Cades, pois acreditamos que a formação recebida pelos “formadores” está interligada com a que eles ofereceram posteriormente, quando se tornaram docentes dos cursos de formação de professores em Matemática. Também destacamos que, embora os cursos tenham sido criados com a necessidade de atender as legislações, ocorriam adaptações necessárias quanto às particularidades locais e dos alunos, na instalação desses cursos.

No texto intitulado **“A nossa (re)criação coreográfica”**, apresentamos algumas características do estado de Mato Grosso do Sul, que julgamos pertinente para nós, migrantes da localidade, e que também interferiam nas vivências de nossos colaboradores na constituição de criação das instituições de nível superior e nos cursos de Matemática que estudamos.

“No passo da precariedade”, discutimos o contexto histórico quando a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) foram criadas. Também apresentamos os câmpus e a unidade universitária de Três Lagoas, Cassilândia e Paranaíba, respectivamente. Neste escopo, inferimos que as instituições foram criadas e expandidas sem um planejamento, o que gerou a precariedade nos espaços que foram sendo implementados.

Em **“A dança se dá a ver nos redemoinhos”**, pontuamos sobre os entraves entre as áreas da Educação Matemática e a Matemática pura, traçando um contexto histórico, pois o tempo em que as situações vão se desvelando são cruciais para esboçarmos nossas compreensões. Parece-nos que, em um primeiro momento, em meados da década de 1970, marco para a criação do curso de Matemática na cidade de Três Lagoas, os docentes da Educação Matemática estavam interligados ao

⁵ Esse termo, amplamente conhecido no meio educacional, é uma expressão coloquial, visto que a legislação fala em “cursos de curta duração”.

ensino, ou seja, pertenciam à área quem já tinha experiência na educação básica. Neste sentido, acreditamos que o perfil de um curso vai se constituindo de acordo com a formação dos professores que atuam neles.

E, para encerrar, no texto “**A corporeidade dos cursos de Licenciatura em Matemática**”, tecemos alguns apontamentos possíveis. Ao término da pesquisa, se é possível dizer que exista algum fim, diante de tudo que pudemos estudar e conhecer, neste movimento em que nos foi desvelada a formação de professores de Matemática da região do Bolsão/MS, apresentamos algumas reflexões e percepções sobre a instalação dos cursos de Matemática na região investigada.

Depois de apresentada nossa pesquisa, por meio desta pequena sinopse, convidamos a todos a se acomodar, confortavelmente, e, munidos de suas sensibilidades, preparar-se para construir as suas “danças”.

NO RITMO DA HISTÓRIA ORAL

Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>.
Acesso em: 4 jul. 2023.



*De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!*

(Fernando Sabino)

NO RITMO DA HISTÓRIA ORAL

No início de toda e qualquer apresentação de dança, os movimentos são cuidadosamente coreografados, para expressar emoções e contar uma história. O ritmo na dança estrutura os movimentos corporais que a música nos pede. Assim, em nosso trabalho, optamos por dançar com o ritmo da História Oral, pois acreditamos que ele nos dá o suporte necessário para contarmos a(s) história(s) sobre a criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS. Para expressar os movimentos, e os passos que foram ensaiados pelos dançarinos, há a opção por um estilo musical que forneça o suporte rítmico e melódico. Assim, em nosso trabalho, optamos pelo estilo musical da pesquisa qualitativa, pois ele nos auxiliou a apresentar os movimentos que foram pensados e coreografados ao longo da trajetória do trabalho.

Em um outro momento, quando apresentamos as cenas construídas para a nossa pesquisa de mestrado, pudemos ter proximidade com o ritmo da História Oral e também com o estilo musical da pesquisa qualitativa. Contudo, diante desta nova possibilidade de apresentação, sentimos todo o nervosismo que antecede uma dança.

Acreditamos que a História Oral e a pesquisa qualitativa nos trazem as potencialidades que percebemos exequíveis para a construção e, posteriormente, a apresentação de uma possível história. Dizemos “uma possível”, porque a versão aqui construída tem muito de nós, pesquisadores, pois em diversos momentos nos vimos dançarinos também, ensaiando passos, levando quedas e nos levantando para seguir em frente em novos movimentos.

Nosso trabalho teve por objetivo traçar compreensões acerca da criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul, a partir da década de 1970 até a década de 2000. Temos consciência de que não sabíamos as facetas que perpassaríamos para construirmos nossa pesquisa. O que tínhamos conhecimento era que coreografaríamos e dançaríamos com vários outros colaboradores.

Optamos pela abordagem qualitativa, devido à necessidade de compreender contextos múltiplos, sendo que, com levantamentos estatísticos e dados quantificados, não conseguiríamos esboçar compreensões de questões com cunho social. No modelo quantitativo, o pesquisador não deixa que suas percepções e experiências de vida influenciem o que olha e analisa, o que para nós são situações

indissociáveis, pois olhamos e dizemos atravessados por tudo o que nos marca ao longo de nossa trajetória (Larrosa Bondía, 2002).

A partir de nossas aproximações com a História Oral e também pela nossa participação em um primeiro momento no grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP⁶) e atualmente no Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM) – espaços nos quais dialogamos sobre os modos de operar dessa metodologia de pesquisa –, acreditamos que a História Oral possui movimentos característicos, ou seja, passos preestabelecidos. O que difere uma apresentação de outra é a maneira como os dançarinos executam os passos, pois é singular de cada um a delicadeza, os giros e sentimento que é transposto à plateia, assim como em nosso trabalho, a maneira em que operamos a metodologia da História Oral é singular, já que foi sendo construída ao longo de nossa trajetória.

Dizemos que a metodologia não é somente um conjunto de procedimentos que devem ser sistematizados e seguidos, é necessário que ocorra um diálogo no decorrer do trabalho, pois cada um é único, e é necessária uma articulação entre colaboradores, pesquisador, espaços e movimentos (Garnica, 2005). Nesse sentido, a escolha da metodologia de pesquisa é discutida e pensada em toda a sua trajetória. Mesmo que a metodologia nos traga uma aplicação linearizada, é necessário pensar em cada passo, justificando-os, para que a apresentação, ao final, seja a mais condizente possível com as escolhas (Garnica, 2015a).

Um dos grupos que têm se debruçado a estudar a História Oral é o GHOEM. Este grupo tem lapidado, ao longo dos anos, as mobilizações realizadas por seus membros. Tem-se traçado compreensões das narrativas escritas, que são produzidas por narrativas orais e que estas possuem a mesma legitimidade que outros documentos escritos, assim produzindo fontes historiográficas, por meio dos diálogos. Neste sentido, conceber a História Oral como um ritmo metodológico de pesquisa qualitativa em Educação Matemática ainda tem sido um desafio, pois a sua inserção na área é nova, solicitando que seja feita fundamentação criteriosa e detalhada sobre suas mobilizações.

⁶ Grupo formado em 2011, cadastrado no CNPQ e certificado pela UFMS. Tem por finalidade contribuir com o mapeamento da formação e prática de professores que ensinam Matemática no país, bem como esboçar compreensões da dinâmica escolar do ensino e da aprendizagem de Matemática. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf e <https://grupohemep.wordpress.com/>. Acesso em: 2 fev. 2024.

As fontes geradas pelo ritmo da História Oral são historiográficas e nos dão a possibilidade de entender os pontos de vista dos colaboradores, os quais nos ajudam a construir essas histórias tão peculiares. Entendemos que a oralidade nos fornece a possibilidade de observarmos a subjetividade dos colaboradores do processo de criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão (MS), a partir da década de 1970 até a década de 2000. Qualquer história tem as marcas características de subjetividade de quem as vivenciou. A História Oral permite que nós, ora pesquisadores, participemos de toda a subjetividade, explicando todos os passos que demos para a produção do trabalho.

Neste escopo, a História Oral pode ser vista como uma metodologia que é capaz de flagrar certos detalhes que, porventura, tenham sido esquecidos com o cotidiano, além de poder nos mostrar situações pertinentes, mas que, por alguma razão, não foram registradas.

Na História Oral, dois passos se tornaram marcantes: ouvir e aprender. Por meio dos movimentos captados a partir das narrativas, dizemos que nos foi possível aprender ouvindo, conforme nossos colaboradores iam nos contando suas lembranças e vivências. Toda ação narrativa necessita de um narrador e um ouvinte e, nessa relação, há um saber que é contado por meio da oralidade, de forma que o interlocutor compartilha suas experiências, ao mesmo tempo em que o pesquisador aprende com elas (Bosi, 1992).

Várias são as maneiras de elaborar e estudar narrativas, e a História Oral é uma delas. Articulando-se um conjunto de procedimentos e de fundamentos, a História Oral se configura como fonte principal do movimento das entrevistas com pessoas que vivenciaram direta ou indiretamente o tema de nosso trabalho. Com o movimento das narrativas e a articulação com as demais fontes, é possível construir uma outra narrativa.

Em nossos diálogos, não tínhamos a intenção de checarmos ou verificarmos informações, mas de complementarmos/conhecermos novas perspectivas e possibilidades (Baraldi, 2003). Portanto, nossas entrevistas foram momentos em que construímos e reconstruímos, adaptamos os passos, caímos e nos levantamos e ajustamos os nossos corpos, a fim de nos prepararmos para todas as movimentações que pudessem ocorrer.

As narrativas produzidas por meio da História Oral nos mostraram diversas perspectivas, momento em que pudemos observar as características destacadas por

cada colaborador, que, ao revisitar seu passado, ia reconstruindo, por meio de suas memórias, uma dança em um tempo presente, mas projetadas em um futuro (Garnica; Fernandes; Silva, 2011). Ao escolhermos pela História Oral, trabalhamos com a subjetividade dos fazeres historiográficos e científicos.

Quando optamos pela História Oral como metodologia de pesquisa, as narrativas de nossos colaboradores utilizaram suas memórias corporais, que se expressaram por meio da oralidade, para elaborar e reconstruírem significados. Para nós, isso é um dos pontos que difere nosso trabalho dos demais, pois as fontes orais não recordam os fatos de maneira passiva, mas elaboram significados por meio da memória, valendo-se do filtro da linguagem (Portelli, 2016).

Dizemos ainda que a memória das pessoas é um conjunto de acontecimentos, de experiências que vão se formando pelo contexto em que o indivíduo vive. Assim, neste processo, os sujeitos vão se constituindo. De acordo com Portelli (2016, p. 16), a memória “[...] não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado”. Porém, rememorar os acontecimentos está diretamente ligado ao grupo em que cada um está inserido. Neste espaço, salientamos que a memória é coletiva.

Segundo Le Goff (2003), a memória conserva certas lembranças, ou seja, ela armazena informações que, ao nosso entendimento, podem estar entrelaçadas com a ideia de experiência, proposta por Larrosa Bondía (2002). Talvez as lembranças estejam ligadas ao que nos passa, ao que nos atravessa, ao que nos acontece e nos transforma. Um aspecto da memória, que precisa ser lembrado, é o esquecimento, pois ele é “[...] uma das faces do inelutável, do irremediável” (Ricoeur, 2007, p. 435). Acreditamos que o esquecimento faz parte da memória, ou seja, ele acontece de forma voluntária ou involuntária. Neste viés, o esquecimento elucida que a memória não é somente um repositório de lembranças, mas sim um processo que busca ressignificar e estruturar elementos, com a finalidade de “[...] conservá-los, reordená-los ou excluí-los” (Nunes, 2003, p. 14).

Dizemos que as memórias são lembranças de um passado, são recriações desse passado, situadas em um tempo presente. Pensar a história com as facetas da articulação dos tempos (passado, presente e futuro) leva o pesquisador a problematizar os acontecimentos, sendo que “A história deixaria de se compor só de acontecimentos para se voltar para a abordagem de problemas, questões ligadas à vida social, à vida coletiva contemporânea” (Albuquerque Júnior, 2004, p. 65). Sendo

assim, não é nossa intenção, neste contexto, comprovar verdades, ou até mesmo escrever uma história totalizante, mas criarmos versões sobre o que estamos declinados a estudar.

O regime de historicidade⁷ que observa a história, com a finalidade de demonstrar acontecimentos por meio de documentos escritos, é desprovida de conteúdo humano, de espaços para a subjetividade. Logo, as narrativas da memória se afastam da história, sendo refutadas como fontes para a sua escrita, pois não passam de uma invenção dos fatos “considerados reais” (Moraes, 2012). Atualmente, vivenciamos outras concepções de história, ou seja, um outro regime de historicidade. Acreditamos que há uma necessidade de articulações entre todas as fontes que estiverem disponíveis ao pesquisador.

Nossa perspectiva historiográfica propõe a ampliação de fontes e de vozes sobre os temas estudados, produzindo e evidenciando “outras histórias” sobre o passado, desta forma, a constituir-se não em unicidade, mas na pluralidade de vozes, de fontes. Não é nossa intenção sermos historiadores, os quais, na nossa concepção, são as pessoas que têm o ofício de praticar e escrever histórias. Temos plena consciência de que somos educadores matemáticos, que utilizamos o aspecto interdisciplinar da Educação Matemática.

Neste escopo, acreditamos que não há sentido em falar em um tempo linear e contínuo, pois

[...] a história a ser ensinada deveria preparar os homens não para viver num tempo contínuo e progressivo, mas para viver num tempo resvaladiço, fragmentado, múltiplo, um tempo em constantes perigos que exige constante vigilância e ação (Albuquerque Júnior, 2004, p. 66).

E, neste contexto, produzir histórias a partir de narrativas ou possíveis fontes escritas, reinvenções do passado e dos próprios narradores, sempre posicionados num presente; ou seja, as narrativas evidenciam um olhar do presente sobre processos passados.

Então, para compormos o nosso trabalho, utilizamos e problematizamos todas as fontes, às quais tivéssemos acesso, problematizando-as, não aceitando que

⁷ Segundo Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 224, grifo dos autores), os regimes de historicidade “[...] são ferramentas teóricas, paradigmáticas, o que e como somos e podemos ser, quais são – e quais não são – os discursos permitidos e em decorrência, **condicionam** nossas ações e, particularmente, condicionam as operações historiográficas por explicitarem uma articulação entre passado, presente e futuro que vai nortear as (e, ao mesmo tempo, é norteadas pelas) práticas de produção acadêmica”.

“falassem por si só” (Bloch, 2001). Neste sentido, valemo-nos da documentação escrita que foi pertinente, que nos foi possível identificar: as propostas legais que eram pertinentes para o contexto. Também caracterizamos as estruturas das instituições e dos cursos sobre os quais nos debruçamos a estudar. Por meio da documentação escrita, foi-nos permitido levantar nomes de possíveis colaboradores e aprofundar nos procedimentos formais relativos à instalação dos cursos.

Ao optarmos por um estilo musical, que define qual será a coreografia a ser dançada, novos documentos foram descobertos/constituídos, ou esses movimentos já dançados poderão ganhar novo estilo musical e nos apresentar um espetáculo diferente daquele já visto. Com isso, um estilo musical não é apenas um modo de apresentação, mas uma maneira de dançar e interpretar o mundo. Neste contexto, podemos inferir que o movimento da história é um conceito móvel, em diferentes tempos e por diferentes colaboradores, podendo gerar e potencializar novas leituras de compreender os espaços.

Uma característica dos trabalhos que utilizam memória e oralidade é a despretensão de apresentar algo acabado e generalizado. A História Oral investiga contextos muito singulares, permitindo que se esbocem diversas compreensões, abrindo espaços para novas investigações e diálogos.

Com o movimento das entrevistas, pudemos ter a percepção dos detalhes da estruturação e funcionamento dos cursos em suas singularidades, esboçando compreensões do movimento de instalação dos cursos de Matemática da região do Borsão/MS. Quando produzimos as narrativas com nossos colaboradores, tínhamos interesse em entendermos como ocorreram as tramas políticas que atuaram para a configuração de um curso em uma localidade, com as características singulares de cada espaço, bem como o perfil da demanda dos profissionais que atendiam cada curso.

Em nossa concepção, o movimento das narrativas é uma forma de discorrer sobre como se percebe o mundo e como podemos inferir nele (Garnica, 2015b). Neste viés, os diálogos podem ir além de um texto oral ou escrito, eles podem exprimir sensações e pensamentos. Nesse sentido, o GHOEM vem apresentando vários trabalhos que integram essa concepção ampla do que são as narrativas.

Com a História Oral temos a intenção de construir fontes históricas, por meio da oralidade, como em nosso trabalho, no qual utilizamos entrevistas. Sendo assim, dialogamos com (ex) professores, (ex) alunos, (ex) administradores educacionais

ligados à instalação dos cursos de Matemática na região do Bolsão, que, de forma direta ou indireta, puderam vivenciar a criação e constituição dos cursos.

As narrativas produzidas em conjunto com nossos colaboradores nos apontaram diferentes perspectivas às informações que existiam, como em projetos político-pedagógicos, planos dos cursos e até mesmo em narrativas já apresentadas por outros pesquisadores. A História Oral movimenta as informações obtidas, construindo uma outra versão histórica, propiciando-nos um exercício de (re)leitura.

Como parte de um grupo – o GH OEM –, temos defendido uma concepção de história, mesmo em trabalhos que não se comprometem diretamente com a historiografia. Isso ocorre porque a metodologia da História Oral produz fontes que podem ser utilizadas em outros trabalhos, devendo ser produzidas como registros históricos. Então, a partir de outros trabalhos promovidos pelo GH OEM, esboçamos compreensões sobre as diferentes modalidades de escrita da história, diferenciando as que utilizam a História Oral e aquelas que utilizam outras metodologias de pesquisa qualitativa.

Em um trabalho que tem a intenção de produzir fontes históricas, sabemos que as narrativas construídas não serão esgotadas; elas continuarão a fornecer outros argumentos. Dizemos, ainda, que as entrevistas nos fornecem registros acerca daquilo que se percebe, situado em um presente, de um acontecimento que se vivenciou em um passado.

Mesmo que as entrevistas tenham sido preparadas anteriormente, a partir dos temas que nos interessavam em nosso trabalho, e ainda que os colaboradores tenham sido escolhidos por nós, não há espaços privilegiados no campo de relações de poder. A entrevista, na História Oral, não é guiada somente pelo entrevistador e seu roteiro. O narrador tem seu modo de narrar, e suas experiências interferem diretamente na proposta do entrevistador. O colaborador utiliza seu corpo como instrumento, pois é único o seu modo de narrar, de contar suas histórias e de apresentá-las. A via de comunicação do ritmo é determinada por quem está narrando e não pelo entrevistador, por isso, neste momento de interlocução, ocorre uma troca de papéis entre entrevistador e entrevistado.

Em certos momentos, o pesquisador tem uma posição privilegiada no que tange à atribuição de significados, porém, em outros, os narradores usam seus espaços de poder, e isso fica claro, já que eles escolhem o que nos contar e como farão isso. Às vezes, eles, inicialmente, não sabem da importância de suas

lembranças para o trabalho, e nos dizem que não poderão contribuir, mas, quando tomam consciência da sua relevância na sua participação, exercem o poder de veto, quando validam suas textualizações. Mesmo diante deste contexto, que pode se tornar conflituoso, a negociação entre as partes é necessária para que o trabalho seja compassado e transborde toda a sensibilidade dos narradores e pesquisadores.

É nossa intenção, neste trabalho, tecer compreensões a partir das memórias de colaboradores que vivenciaram a criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão (MS) – memórias estas reveladas em suas narrativas orais e apresentadas na linguagem escrita –, e não apenas construir e disponibilizar as experiências desses narradores. Mesmo que, porventura, nossos colaboradores tenham seguido uma postura analítica quanto aos processos de criação e condução dos cursos de Matemática, não intencionamos atribuir a eles a responsabilidade de análise para a pesquisa – esta é uma responsabilidade do pesquisador – ainda que alguns deles tenham elaborado análises (Martins-Salandim, 2012).

Mesmo neste contexto dialético, sabemos que é função do pesquisador apresentar uma possível análise a partir dos diálogos criados. Não podemos controlar e impedir que os colaboradores façam suas análises críticas, assim como devemos entender que tais apontamentos são do pesquisador e que cabe a ele questionar sobre o que se ouve, para transpor tudo, a ser analisado, de forma fundamentada, para construir a sua história.

Entendemos que, no momento das entrevistas, as narrativas vão sendo construídas coletivamente, entre aquele que está contando suas vivências e aquele que as ouve. É um movimento rico e complexo, no qual se trocam experiências valiosas. Porém, uma das entrevistas deste trabalho foi se mostrando complexa, devido à proximidade de uma das pesquisadoras com seus colaboradores, pelas relações próximas construídas com eles, já que alguns haviam sido seus professores ou coordenadores de um dos cursos que estava sendo estudado. Especificamente, em uma das entrevistas, no momento em que o colaborador ia narrando, era necessário a concordância em relação aos fatos narrados, pois muitas daquelas vivências foram sentidas e experienciadas de maneira conjunta, já que uma das pesquisadoras deste trabalho foi aluna do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Paranaíba (2004-2008).

Pensar a História Oral como metodologia deste trabalho é superar as dificuldades encontradas durante a nossa trajetória, e, para nós, as entrevistas foram

momentos de repensar os próximos movimentos a serem dados. Afinal, nem tudo estava sob o comando das pesquisadoras. As facetas construídas, em conjunto com nossos colaboradores, foi uma experiência marcante, já que as vivências dos acontecimentos narrados por eles aguçavam as lembranças de uma das pesquisadoras, tanto que, no momento da transcrição, percebemos o quanto éramos convidados a participar junto com nossos colaboradores.

Nos trabalhos que utilizam a História Oral e que têm como vertente a Educação Matemática, alguns passos são comuns a todos que se enveredam nessa trajetória. Temos os passos da gravação em áudio ou filmagem dos diálogos orais, e, posteriormente, o seu registro ocorreu por meio das narrativas escritas, constituindo-se em fontes historiográficas ou não.

Dizemos ainda que, especificamente na História Oral em Educação Matemática, experienciada pelo GHOM, além dos passos que são comuns a todos os campos, destacamos alguns passos que vêm sendo discutidos e apresentados por seus membros, que são: seleção e contato com os possíveis entrevistados, formando ou não um critério de rede; realização das entrevistas; transcrição literal do áudio produzido nas narrativas; textualização que é feita a partir da transcrição; retorno aos entrevistados das narrativas, para que possam validar tais documentos; assinatura da carta de cessão pelos colaboradores; tratamento dos dados e publicação pelo pesquisador. Esses passos podem ser variáveis, de acordo com as ações mobilizadas, pois alguns passos podem ser acrescentados, de acordo com a necessidade do trabalho. Como nossa metodologia foi sendo constituída no decorrer da pesquisa, será pautada e discutida ao longo de nossas mobilizações.

Na seleção dos entrevistados para nosso trabalho, *a priori*, especificamente para esta apresentação, tínhamos alguns nomes que tiveram ligação com o curso de Matemática em Paranaíba e havia outros dois nomes que tiveram participação direta com o curso de Cassilândia e de Três Lagoas. Isso devido à proximidade de uma das pesquisadoras com a localidade e pelas experiências vividas na região.

Em posse dos primeiros nomes com os quais pudemos dar início às entrevistas, posteriormente foi sendo constituído o nosso critério de rede, que é quando um colaborador vai indicando outros possíveis nomes, em um movimento de sucessivas indicações, ampliando nosso leque de possibilidades de traçar compreensões acerca do tema que nos declinamos a estudar. Neste contexto, o critério de rede foi sendo

construído e formado. Conforme as entrevistas foram sendo realizadas, os colaboradores nos indicaram outros nomes que compuseram este trabalho.

Alguns colaboradores, por algum motivo, não aceitaram participar, outros não responderam ao nosso contato inicial, que foi feito via *e-mail*, via telefone ou pelas redes sociais. Valemo-nos de todas as possibilidades que estavam ao nosso alcance para contactar os possíveis colaboradores. Dizemos que, na dança, o toque e o olhar são passos fundamentais para qualquer apresentação. Em nosso trabalho, o toque foi dado por meio dos contatos que fomos realizando e, mesmo que à distância, os nossos olhares foram se encontrando em um único objetivo: a nossa coreografia.

Durante e até mesmo antes do levantamento dos possíveis narradores, elaboramos um roteiro que nos guiou na condução das nossas entrevistas. Elaboramos, *a priori*, um roteiro que tinha questões disparadoras da temática que nos propusemos a estudar. Porém, quando nos surgiu o nome da professora Leocádia, pelo cargo de reitora, ocupado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), achamos pertinente fazer alterações em nosso roteiro, para que ele nos ampliasse percepções da nossa temática. Isso também ocorreu na entrevista com o professor José Felice.

O roteiro foi disponibilizado para os narradores com antecedência, para que eles pudessem ter acesso ao conteúdo que seria abordado, preparando suas falas ou até mesmo para separar documentos que pudessem nos servir como fontes de pesquisa, assim ensaiando seus passos com os pés no chão. Não tivemos a intenção de que o nosso roteiro se constituísse como um questionário fixo, mas sim como um fio condutor de nossos diálogos, tanto que, durante a constituição de nossas fontes, fomos adaptando-o, acrescentando questões que eram sugeridas na fala de nossos narradores, situação que ocorreu praticamente em todos os diálogos produzidos para este trabalho.

A História Oral é dinâmica e sempre nos propõe movimentos que, a princípio, não tínhamos estabelecido. Um exemplo disso é a quantidade de narradores de uma pesquisa, já que não tínhamos um número preestabelecido. Então, qual seria o momento de encerrar os diálogos? Acreditamos que é preciso estar atento aos indícios que vão surgindo no decorrer das narrativas. Quando os temas começam a se repetir, é uma pista de que se deve parar. Sabemos que qualquer trabalho nunca terá um fim, sem que alguém olhe e perceba outras perspectivas que aquele pesquisador não tenha olhado. Mas, em dado momento, é necessário sistematizar

tudo o que foi construído. Embora trabalhemos com passos preestabelecidos, temos a consciência de que eles são mínimos para o planejamento e execução dos nossos trabalhos.

Salientamos que o grupo ao qual pertencemos – o GH OEM – tem a preocupação ética com seus colaboradores, tanto que as entrevistas passam por legitimação de seus narradores, para que se reconheçam no texto a eles apresentados e façam as alterações que julgarem pertinentes, assim, ocorrendo uma negociação entre ambas as partes. Ou seja, tem-se estabelecido uma forma própria de validação/legitimação das fontes por nós construídas.

Há discussões no grupo GH OEM, no sentido de que devemos transitar em todos os espaços e, inclusive, nos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), para que também nossas pesquisas possam ser discutidas e dialogadas nestes espaços de manifestação. Assim sendo, as primeiras pesquisadoras⁸ deste trabalho, com o intuito de ocupar os espaços que eram possíveis, optaram por encaminhar este trabalho para ser avaliado pelo Comitê de Ética. Em um primeiro momento, recebemos uma resposta negativa, devido a alguns ajustes técnicos⁹ que precisavam ser refeitos. Depois de realizados os ajustes solicitados, o trabalho recebeu uma resposta positiva do CEP.

Quando fomos contactando nossos possíveis narradores, encaminhamos primeiramente a eles a carta de apresentação desta pesquisa, explicando sobre nosso objetivo e nossos procedimentos metodológicos da História Oral. Depois que foi feito o convite e o colaborador sinalizou a sua participação, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que elucidava sobre a participação no trabalho, bem como o tratamento que suas narrativas perpassariam.

A primeira entrevista deste trabalho nos causou certa insegurança e ansiedade, mas, no momento de sua constituição, ocorreu de forma sensível. O nome da professora Marlene Durigan surgiu devido à proximidade de uma das pesquisadoras com o câmpus da UFMS de Paranaíba, Marlene era diretora do câmpus, quando a pesquisadora chegou à universidade. Para localizar a docente, foram realizadas buscas nas redes sociais e encontramos a sua rede social do *Facebook*¹⁰. Então,

⁸ Estamos nos referindo à primeira orientadora deste trabalho, professora Ivete Maria Baraldi.

⁹ Estamos nos referindo a questões de cunho técnico, como, por exemplo, foi-nos pedido que adequássemos o nosso cronograma de atividades.

¹⁰ Uma rede social lançada em 2004 e muito utilizada na atualidade.

mandamos uma mensagem para ela, explicando sobre a pesquisa. No dia 15 de janeiro de 2020, no mesmo dia, a professora nos respondeu e nos passou seu *e-mail* e também seu contato telefônico. Conversamos via *WhatsApp*¹¹ e a professora aceitou participar de nosso trabalho. Por *e-mail*, encaminhamos a documentação (TCLE e roteiro de entrevista).

Marcamos nossa entrevista para o dia 20 de janeiro, em sua residência, em Três Lagoas (MS), às 8h da manhã. No dia e horário marcado, nós nos dirigimos até a cidade de Três Lagoas, na residência da professora, a qual nos recepcionou com muito carinho. Naturalmente, iniciamos nosso diálogo, que teve duração de 1h24min. Foi uma experiência muito marcante dialogar com Marlene, a qual nos possibilitou recordar e conhecer mais sobre a implantação do câmpus da UFMS de Paranaíba. A professora nos indicou o nome dos professores Antonio Pádua, Antonio Tamarozzi, Osmar e Eugênia.

Antes mesmo de realizarmos as demais entrevistas, o mundo enfrentou a pandemia¹² de Covid-19, um vírus que até então era desconhecido, mas que dilacerou famílias, ceifando a vida de muitos entes queridos, inclusive da primeira orientadora deste trabalho, a professora Ivete Maria Baraldi.

Novamente, era um momento de repensar, (re)construir nossa trajetória metodológica, posicionar nosso corpo com os instrumentos que tínhamos, para podermos continuar, talvez, em uma nova coreografia. Até então, nas pesquisas de cunho qualitativo, e costumeiramente no grupo GHOEM, a principal forma de produzir fontes era por meio das entrevistas presenciais (Schmidt *et al.*, 2020). Porém, era

¹¹ *WhatsApp* é um aplicativo que foi lançado em 2009. Atualmente, é gratuito e utilizado para troca de mensagens instantâneas e comunicação em áudio e vídeo pela internet. Está disponível para smartphones Android, iOS, Windows Phone, Nokia e computadores Mac e Windows.

¹² A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV-2. O primeiro caso de Covid-19 foi registrado no mês de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, no sudeste da China. No Brasil, o primeiro caso foi anunciado no dia 26 de fevereiro de 2020. A Covid-19 foi classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma pandemia no dia 11 de março de 2020. O vírus da Covid-19 é de fácil transmissão, sendo que o contágio pode ocorrer por meio de gotículas emitidas na fala, no espirro ou na tosse, o contato com um indivíduo infectado ou com superfícies e objetos contaminados também pode levar ao contágio da doença. Para conter o avanço da Covid-19, o distanciamento social – o *lockdown* ou confinamento – e a utilização de máscaras foram algumas das medidas utilizadas. Milhões de pessoas faleceram em decorrência da Covid-19 no mundo e no Brasil, sendo que em nosso país a doença apresentou grandes picos de mortalidade em maio de 2020 e em meados de março e abril de 2021. Devido ao avanço da Ciência, a primeira dose de uma vacina da Covid-19 foi aplicada no Brasil em 17 de janeiro de 2021, o que certamente teve efeitos positivos sobre o avanço e as complicações que a doença causa. A pandemia de Covid-19 trouxe repercussões de ordem biomédica e epidemiológica, mas também afetou diretamente as transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e históricas. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-Covid-19.htm>. Acesso em: 4 jan. 2024.

inviável operar desta maneira. Os protocolos sanitários recomendavam o distanciamento social. Diante da pandemia, era preciso uma nova movimentação, ampliar as estratégias de produzir dados. Em respeito a todas as pessoas que iriam compor nosso trabalho, optamos por realizar as nossas entrevistas de modo *online*.

Por conta do período pandêmico do Covid-19, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) disponibilizou, aos seus alunos, docentes e funcionários, o acesso a gravações de reuniões, por tempo ilimitado, por meio da plataforma do *Google Meet*¹³. Então, utilizamos a ferramenta para gravarmos nossas entrevistas, mas também achamos pertinente nos valermos de outra forma de registrar os nossos diálogos.

Devido à principal pesquisadora deste trabalho também lecionar em uma faculdade¹⁴ e estar utilizando o programa *A Tube Catcher*¹⁵ para gravar suas aulas, escolhemos também essa ferramenta para garantirmos as gravações das narrativas, já que era algo novo e nos despertava muito receio. Foi preciso aprender novos passos, antes jamais realizados pelas autoras desta pesquisa, mas era preciso seguir em frente, diante de um momento complexo, jamais presenciado pela humanidade.

As entrevistas no formato *online* possuem suas potencialidades, bem como seus desafios. Acreditamos que a abrangência geográfica seja um dos pontos mais interessantes, já que presencialmente haveria o tempo com o deslocamento e as despesas realizadas com ele. Pudemos vivenciar esta potencialidade na apresentação deste trabalho, visto que nossos narradores residiam em diversas cidades: Três Lagoas (MS), Campo Grande (MS), Nova Andradina (MS), Ilha Solteira (SP), Paranaíba (MS) e Cassilândia (MS).

Também temos que pontuar as dificuldades frente à condução desse modo de operar as entrevistas. Um dos problemas que encontramos foi referente aos nossos narradores, na utilização da plataforma do *Google Meet*, devido às idades de alguns deles serem avançadas e estarem aposentados há um certo tempo, não possuindo proximidade com as tecnologias da educação. Outro fator também vivenciado por nós

¹³ O *Google Meet* é o serviço de videoconferências oferecido pelo Google, criado em 2017 e, posteriormente, difundido no ano de 2020, devido ao isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/o-que-e-o-google-meet/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

¹⁴ Faculdades de Dracena (FAD).

¹⁵ Este é um programa para baixar vídeos do *YouTube* diretamente do computador. Além de fazer download dos clipes, o software converte os arquivos para outros formatos de vídeo e pode extrair apenas a faixa de áudio em MP3. O programa também tem a funcionalidade de capturar o que se apresenta na tela do computador, inclusive as reuniões de cunho *online*. Disponível em: <https://unitau.br/arquivos-downloads/cicted/cicted-atube-catcher.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

foi a instabilidade da conexão de *internet*, já que o mundo dependia desse meio para se comunicar, trabalhar, entre outras demandas.

Tanto nas entrevistas *online* quanto nas presenciais, é de suma importância a checagem dos materiais utilizados. Então, para a realização de nossos diálogos, primeiramente nos ambientamos com a plataforma do *Google Meet*. Também contamos com um equipamento reserva (*notebook*), em caso de o nosso apresentar problemas técnicos. Utilizamos a conexão direta da *internet*, em vez da rede *Wi-Fi*. Porém, mesmo com todos os cuidados, devido ao grande uso da *internet* por todo o mundo, tivemos instabilidade com a conexão, o que por diversos momentos nos tornou inaudível o diálogo entre entrevistado e entrevistador. Mas conseguimos amenizar esta situação quando retornamos as narrativas para a legitimação de nossos narradores. Também tivemos o cuidado de não nos alongar em nossas entrevistas, pois acreditávamos que os diálogos *online* se tornariam mais cansativos do que os realizados presencialmente, principalmente porque muitos dos nossos colaboradores eram idosos.

Para tentar auxiliar nossos narradores quanto ao uso da plataforma *Meet*, foi gravado um vídeo por nós, explicando o seu funcionamento e, quando surgiam dúvidas, também foram gravados outros materiais, fazendo as orientações necessárias, a fim de sanar as dúvidas encontradas. Porém, para nós, também, o uso da plataforma era novo. Então, foi necessário estudarmos como se usava, para que tivéssemos o domínio do uso do *Meet* e assim pudéssemos ajudar os nossos colaboradores. Vale ressaltar que contamos também com a ajuda de filhos e netos de nossos narradores, que nos auxiliaram com o uso da tecnologia. Assim, os nossos diálogos foram sendo realizados de modo coletivo, com a ajuda da família.

Apesar de todos os cuidados técnicos, nem tudo estava ao nosso alcance. Um exemplo: no nosso diálogo com a professora Sonia Angelina, houve, por três vezes, queda de energia elétrica, fazendo com que interrompêssemos nossa conversa, o que por vezes prejudicou a linha de raciocínio que era traçada pela narradora e pela pesquisadora. Outro ponto a se ressaltar foi que, neste mesmo diálogo, tivemos problemas técnicos com o *notebook*; daí, foi fundamental ter um reserva para que a troca fosse realizada e pudéssemos continuar com a entrevista.

Na maioria de nossos diálogos, tivemos problemas relacionados à instabilidade da *internet*. Outro aspecto foi a questão de ruídos externos, mesmo que tenhamos tomado todos os cuidados necessários. Nós sempre utilizamos um local

silencioso, longe de qualquer tipo de som, mas, na entrevista com a professora Leocádia, tivemos ao fundo carros de sons anunciando propagandas. No momento da transcrição de outras entrevistas, foi perceptível o som de ruídos de outras pessoas que estavam nas residências de nossos narradores, já que grande parte das pessoas se encontrava em isolamento social, ou seja, em suas casas.

Mas, diante de todas as dificuldades, das quedas e dos tombos encontrados na realização das entrevistas *online*, acreditamos que este modo de operar e construir os diálogos possui grandes potencialidades, pois se não fosse com esse novo estilo de conduzir, até então não praticado por nós, não nos teria sido possível constituir nossas fontes historiográficas para este trabalho e para os que futuramente os usem. Também salientamos o respeito com os nossos narradores, que, por terem idade avançada e pertencerem ao grupo de risco para Covid-19, não poderiam ter-nos recebido presencialmente para produzirmos as entrevistas.

Então, já em período pandêmico, realizamos a nossa segunda entrevista. Chegamos ao nome de nossa narradora por meio do *site* da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Cassilândia. Pesquisamos sobre os professores que estavam em exercício, encontramos o nome da professora Irene Coelho e recordamos que ela havia lecionado no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, na unidade da UEMS de Paranaíba, no ano de 2009. Devido a umas das pesquisadoras conhecê-la, encaminhamos um *e-mail* a ela no dia 7 de maio de 2020, apresentando a pesquisa e convidando-a para participar. No mesmo dia, a professora nos respondeu ao *e-mail* e aceitou o convite para a nossa entrevista. Marcamos nossa conversa para o dia 11 de maio de 2020, às 20h no horário sul-mato-grossense.

A professora Irene não teve dificuldade em usar a plataforma do *Meet*, deixando-nos mais tranquilas. No dia e hora marcados, reencontramo-nos *online*. Nosso diálogo discorreu de maneira tranquila e sensível. Somente a conexão da *internet* oscilou em alguns momentos, o que casou apreensão em nós, pois era nossa primeira entrevista realizada neste formato. Mesmo à distância, a professora Irene foi receptiva e se colocou à disposição para quaisquer dúvidas que surgissem. Perguntada se ela poderia nos indicar alguns nomes, a docente nos falou do professor Marco Queiroz. Ele havia lecionado como professor substituto na UEMS de Cassilândia em meados dos anos 1990 e depois havia prestado o concurso e retornado como efetivo. Havia passado bastante tempo na universidade e teria muitas coisas a nos contar.

A fim de dar continuidade às nossas entrevistas, entramos em contato, por *e-mail*, com o professor Marco, no dia 21 de maio de 2020, apresentando a pesquisa e convidando-o a participar. No mesmo dia, o professor nos respondeu, aceitou o convite e marcou a entrevista para o dia 26 de maio, às 15h do horário de Brasília. O professor Marco também não apresentou dificuldades em usar a plataforma do *Meet*.

No horário combinado, ficamos *online*. O professor foi muito receptivo e simpático. A sua narrativa discorreu de maneira natural. Tivemos algumas interferências por oscilação da *internet* e ruídos externos (latidos de cachorros). Por Marco ter estudado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no câmpus de Três Lagoas, perguntamos sobre alguns professores e ele nos indicou o nome das professoras Eliedete Pinheiro e Sonia Angelina, como possíveis colaboradoras para o nosso trabalho. Já para o curso de Cassilândia, indicou-nos os nomes de Janete Bertolaia e Paulo Neres.

No decorrer do trabalho, alguns possíveis narradores foram surgindo, como o da professora Ivonete Bitencourt Antunes Bittelbrunn. Seu nome se apresentou devido ao contato de umas das pesquisadoras deste trabalho com a UFMS, câmpus de Paranaíba. Em nossas recordações, a professora Ivonete substituiu a professora Marlene Durigan, na direção do câmpus, em 2005. Ela também lecionava no curso de Psicologia. Então, buscamos a professora Ivonete em redes sociais e a encontramos. Enviamos mensagem em 29 de março de 2020 e, no mesmo dia, ela nos respondeu, momento em que pudemos iniciar um diálogo e a docente se manifestou interessada em participar da pesquisa. Passou-nos seu contato via *WhatsApp*. Em nossos diálogos, ela nos solicitou um tempo para que pudesse fazer um tratamento de saúde e, logo que apresentasse melhora, faria contato conosco para marcarmos a entrevista. Porém, devido aos problemas de saúde, no dia 28 de junho de 2020, fomos surpreendidos com a notícia do falecimento da professora, uma perda irreparável.

No dia 21 de maio de 2020, encaminhamos um *e-mail* para o professor Edvaldo Romanini, o qual nos respondeu no dia 22 e passou seu número de telefone. No dia 23, falamos com ele via *WhatsApp* e o professor nos ligou. Conversamos sobre a pesquisa e sobre sua possível participação. O professor preferiu não participar, pois está no câmpus desde o ano de 1994 e, a partir desse período, o curso não sofreu muitas alterações, segundo sua percepção, mas indicou os nomes do professor Álvaro Sampaio e da professora Eugenia Uribe, passando-nos o contato desta última.

No dia 24, ligamos para a professora Eugenia, a qual conversou conosco com muita receptividade. Falamos de uma possível participação na nossa pesquisa, mas a professora nos mencionou que não esteve no início, quando o curso foi criado e nos indicou o nome da professora Sonia Angelina, pois ela esteve como aluna do curso de Três Lagoas e, posteriormente, como docente.

O nosso terceiro diálogo foi realizado com o professor Thiago Donda, um reencontro, pois já havíamos compartilhado várias vivências. Uma das pesquisadoras era aluna do curso de Matemática do câmpus da UFMS de Paranaíba e ele era docente do mesmo curso. O nome do professor surgiu, pois ele foi primeiramente docente temporário do curso e, posteriormente, retornou como professor efetivo da universidade, sendo coordenador do curso de licenciatura por alguns anos. O nosso contato com Thiago se iniciou por *e-mail*, em 8 de março de 2020. O professor nos respondeu no dia 9 de março e sinalizou que estaria disposto a participar do trabalho. No dia 1º de abril, encaminhamos outro *e-mail* com os documentos relacionados à pesquisa. Passamos a nos comunicar via *WhatsApp* e marcamos nosso diálogo para o dia 22 de junho. O professor não teve dificuldades em usar a plataforma *Meet*. Pelo fato de nossa conversa ocorrer no período noturno, não tivemos problemas com conexão de *internet*.

A narrativa do professor Thiago nos apresentou alguns desafios, pois, pela proximidade com a história do curso, e por termos vivenciado como discente, em certos momentos, uma das pesquisadoras do trabalho se percebia sendo convidada a compartilhar suas lembranças. Também por meio de olhares e gestos, o professor buscava um posicionamento positivo ou negativo acerca do que ele narrava, situação que nos fez refletir sobre os modos de operar e realizar as entrevistas, pois certamente iríamos conversar com outras pessoas que tivessem também proximidade conosco. O professor Thiago nos indicou os nomes das professoras Silvia Regina, Andreia e Tatiana.

Nosso quinto diálogo foi realizado com a professora Leocadia Leme. O nome da docente surgiu devido às pesquisas realizadas acerca do curso de Matemática de Cassilândia. A professora foi a primeira reitora da UEMS. Ela participou da implantação da universidade no estado de Mato Grosso do Sul. Porém, muitas foram as tentativas para conseguir contato com a professora Leocadia; conversamos com várias pessoas, porém não obtivemos sucesso. Até mesmo nas redes sociais não conseguimos estabelecer nenhum diálogo com a docente. Depois de muitas pesquisas, encontramos a rede social *Facebook* do seu filho, Marco Leme, momento

em que encaminhamos uma mensagem que explicava a pesquisa. Foi então que ele nos cedeu o *e-mail* de sua mãe.

No dia 25 de junho de 2020, enviamos um *e-mail* à Leocadia, apresentando a pesquisa e convidando-a para participar. No dia seguinte, a professora nos respondeu, sinalizando seu contentamento em participar do trabalho. Marcamos nosso diálogo para o dia 1º de julho, no período da tarde. A professora apresentou algumas dificuldades em utilizar a plataforma do *Google Meet*, que foram facilmente sanadas. Durante a narrativa, tivemos algumas oscilações de *internet*, o que prejudicou, por alguns instantes, os áudios. A docente nos externou todo o seu contentamento em participar de nossa pesquisa e nos indicou os nomes dos professores José Felice e Elisa Cesco, inclusive nos encaminhando seus contatos telefônicos.

Também como possível narrador, tínhamos o nome do professor Barbosa, que atuou como docente no câmpus de Paranaíba por diversos anos, até mesmo como professor voluntário. Seu nome surgiu devido às lembranças de uma das pesquisadoras deste trabalho. Entramos em contato via *Facebook* e ele nos encaminhou seu contato de *WhatsApp*. Iniciamos um diálogo e o professor aceitou participar de nosso trabalho. Porém, posteriormente, tentamos contato com ele, por meio de outras pessoas próximas do professor, nos foi informado que ele estava enfrentando problemas graves de saúde. Em respeito a ele, achamos pertinente não o contactar naquele momento.

Fomos estudando e buscando outros nomes para compor nosso trabalho. Como já havia indicação do professor Álvaro Sampaio, tentamos encontrá-lo, porém não conseguíamos o seu contato. Ligamos no câmpus da UFMS de Três Lagoas, porém não nos souberam passar maiores informações. Foi quando lemos uma notícia relacionada à medicina e o nome de um médico cardiologista – Halan Sampaio, filho de Álvaro Sampaio. Pesquisamos e encontramos a sua rede social do *Facebook*. Enviamos uma mensagem em 21 de maio e, em 13 de junho, recebemos sua resposta, passando-nos o contato de *WhatsApp* de seu pai Álvaro. Halan foi muito receptivo e simpático conosco, contribuindo com a exequibilidade de nosso diálogo com seu pai.

Então, estabelecemos um diálogo com o professor Álvaro, desde o dia 14 de junho. Surpreendendo-nos com toda a dedicação e comprometimento em participar de nossa pesquisa, disponibilizou-nos documentos e artigos que tratavam da história do curso de Três Lagoas. Foi perceptível o quanto Álvaro ficou contente em poder

contribuir. O professor já tem uma idade avançada, mas a memória lúcida. Contou-nos sobre as primeiras ações acerca do início do curso em Três Lagoas, visto que o professor esteve na atual UFMS, desde o ano de 1971, um ano depois de começar seu funcionamento. Auxiliamos o professor quanto ao uso das tecnologias e tivemos também o auxílio de seu filho Halan.

Fizemos o nosso primeiro e principal diálogo no dia 25 de agosto, no período da manhã. Em outros momentos, o professor nos chamou, via *WhatsApp*, para que pudéssemos acrescentar algumas falas em sua narrativa; isso se deu conforme os fatos iam surgindo em suas lembranças.

A nossa sétima entrevista foi com o professor José Felice, indicação da professora Leocádia. Primeiramente, entramos em contato, via *WhatsApp*, no dia 13 de julho de 2020. Obtivemos uma resposta no mesmo dia, com a sinalização de que ele gostaria de participar de nossa pesquisa. No dia 21 de julho, o docente respondeu e nos solicitou um prazo para que ele pudesse terminar alguns afazeres, para que então pudéssemos marcar nosso diálogo. Marcamos nossa entrevista para o dia 10 de setembro, no período vespertino. O professor foi muito simpático e conversou conosco. Não teve dificuldades com o uso da plataforma do *Meet*. Tivemos pequenos momentos de oscilações de *internet*, os quais não prejudicaram o momento da transcrição. O docente nos indicou os nomes de Janete Bertolaia, Paulo Neres e Eliane Greice.

E fomos realizando leituras pertinentes ao tema e buscando nossos possíveis narradores. E assim realizamos o nosso oitavo diálogo com a professora Sonia Angelina. Ela, primeiramente, esteve como aluna do curso de Três Lagoas, em suas primeiras turmas e, posteriormente, como docente da UFMS. O nome de Sonia surgiu devido, primeiramente, à indicação do professor Marco e posteriormente da professora Eugenia, a qual nos cedeu seu *e-mail*. Porém, como Sonia aposentou-se, não conseguimos estabelecer contato com ela por esta ferramenta. Fizemos várias buscas pela *internet* e não obtivemos sucesso, mas foi em uma dessas procuras que vimos um anúncio com o nome da professora, que estava à procura de um cachorro e a mensagem continha dois telefones. Então, em 25 de junho de 2020, enviamos mensagens via *WhatsApp* a esses dois números e, nessa tentativa, recebemos a mensagem de que um dos números realmente era da professora Sonia.

Iniciamos um diálogo, explicando sobre nossa pesquisa, e a convidamos para participar. A professora prontamente aceitou o convite e ficou muito contente em

contribuir conosco. Encaminhamos toda a documentação em seu *e-mail* e conseguimos marcar nosso diálogo para o dia 3 de outubro. A professora teve algumas dificuldades quanto ao uso da plataforma do *Google Meet*. Encaminhamos alguns vídeos, com o intuito de ajudá-la, vídeos que versavam sobre o uso da ferramenta e também contamos com a colaboração de seu neto, que a auxiliou para que pudéssemos conversar.

Em nosso diálogo, tivemos problemas com a falta de energia elétrica, talvez porque a tarde estava extremamente quente e, com o isolamento social, as pessoas estavam fazendo um grande uso de energia em suas residências. Devido à queda de energia, houve também falta de *internet* e, em virtude dos problemas, o *notebook* também apresentou falhas. Precisamos substituí-lo por nosso equipamento reserva.

Todas essas quedas técnicas fizeram com que interrompêssemos nosso diálogo por alguns instantes, especificamente por três vezes. Percebemos que a professora também se apresentou insegura. Propusemos a ela que marcássemos outro momento, porém ela preferiu que gravássemos naquele dia. Depois das falhas, houve a estabilidade da energia, possibilitando que a entrevista com a professora Sonia transcorresse tranquilamente. Ela foi muito gentil e nos indicou que conversássemos com os professores Antonio Pádua e Antonio Tamarozzi.

O nosso nono diálogo com a professora Eliedete Pinheiro, também indicação do professor Marco Queiroz. Em nossas pesquisas, encontramos pela *internet* um possível *e-mail* da professora e encaminhamos a ela uma mensagem no dia 22 de junho de 2020, porém não obtivemos sucesso. Mas, a partir do momento que estabelecemos contato com a professora Sonia, ela nos auxiliou para conseguirmos conversar com Eliedete, passando seu contato de *WhatsApp* e também intercedendo para que iniciasse um diálogo conosco. A professora Eliedete também foi aluna das primeiras turmas do curso de Matemática em Três Lagoas e posteriormente foi docente do curso.

Em 1º de outubro, marcamos nosso encontro em uma tarde ensolarada e quente. Antes de iniciarmos nosso diálogo, auxiliamos a professora quanto ao uso da plataforma e assim pudemos conversar. Ela é uma pessoa muito reservada, gentil e generosa. Durante a entrevista, Eliedete teve problemas com a conexão da *internet*, mas que logo se reestabeleceu e conseguimos continuar. Já ao final de nosso diálogo, a professora teve novamente problemas com a conexão e fez a substituição do *notebook* pelo celular, a fim de finalizarmos nossa conversa. Ela sugeriu que

conversássemos com a Irmã Zélia e com os professores Celso Souza, Álvaro Sampaio, Antonio Pádua e Edson Carvalho.

Por conhecermos a grande maioria dos docentes, professores, coordenadores e diretores do curso de Matemática da UFMS, Câmpus de Paranaíba, em 15 de janeiro de 2020, iniciamos um diálogo com a professora Andreia, que à época era a diretora do câmpus e também uma das professoras que está desde o início do curso. A princípio, explicamos à professora sobre nossa pesquisa e prontamente ela aceitou participar. Combinamos que, em meados de fevereiro ou março do ano de 2020 iríamos até Paranaíba, para que pudéssemos conversar. Só que, neste período, ocorreu a pandemia da Covid-19 e não tivemos nosso diálogo face a face.

Continuamos nossas conversas via *WhatsApp* e, devido às grandes demandas que a pandemia expôs a todos, a docente solicitou um tempo para se organizar e marcamos nossa entrevista. Então, em 28 de outubro, em uma tarde, encontramos nos de modo *online* para produzirmos sua narrativa. Esta foi nossa décima entrevista. A professora não teve dificuldades em utilizar a plataforma do *Meet*, por já estar utilizando em suas atividades remotas na universidade. Ela não havia sido docente enquanto uma das pesquisadoras cursou Matemática no câmpus de Paranaíba. Havia uma certa proximidade entre ambas, porém foi um diálogo em que não sentimos dificuldade em fazê-lo, devido a essa proximidade. Também vale ressaltar que, quando a professora Andreia chegou ao câmpus, a pesquisadora desta pesquisa estava concluindo seu curso. Então, nos momentos de sua narrativa, Andreia apresentou as suas percepções que não haviam sido vivenciadas por nós. Logo, não tivemos aquele sentimento que percebemos em uma outra entrevista, que era a legitimação da fala do narrador.

Andreia, muito simpática e gentil, conversou conosco com toda a delicadeza e nos contou sobre suas experiências¹⁶ vivenciadas e nos sugeriu o nome da professora Tatiana e do professor Luiz Fernando. O nosso critério de rede foi sendo constituído e desenhado, mas para o nosso trabalho ainda tivemos a oportunidade de dialogar com o professor Edson e com a professora Silvia Regina.

Nossa décima primeira entrevista foi com o professor Edson. O seu nome surgiu pelo fato de uma das pesquisadoras deste trabalho conhecê-lo, quando foi sua aluna no câmpus de Paranaíba. E o nome do professor também nos foi indicado

¹⁶ Neste trabalho, estamos entendendo que experiência é tudo aquilo que nos atravessa ao longo de nossa trajetória, ou seja, é o que nos marca, segundo concepções de Larrosa Bondía (2002).

posteriormente pela professora Eliedete. Fizemos uma busca na *internet* e encontramos o *e-mail* institucional do professor Edson, pois atualmente ele é docente da UFMS de Campo Grande. Nosso primeiro contato foi em 1º de abril de 2020, e no dia seguinte ele nos respondeu. Pudemos apresentar a pesquisa e convidá-lo a uma possível participação. O professor solicitou que encaminhássemos o roteiro de pesquisa e nos indicou que conversássemos com o professor Celso. Falamos da importância de sua participação e ele aceitou, porém nos solicitou um tempo, pois, devido à pandemia, estava com muitas demandas a serem cumpridas e que, assim que possível, entraria em contato conosco.

Em 1º de junho, encaminhamos outro *e-mail* ao professor, o qual nos respondeu no mesmo dia, informando-nos que estava com problemas de saúde e que, assim que sua saúde se restabelecesse, conversaria conosco. No dia 27 de outubro, o professor nos contactou para que marcássemos a sua entrevista. Então, em comum acordo, a mesma foi agendada para o dia 5 de novembro, às 8h, no horário sul-mato-grossense. No nosso diálogo, Edson não teve dificuldades quanto ao uso do *Meet*, e a entrevista transcorreu tranquilamente, sem maiores problemas no que tange à conexão com a *internet*. O professor atuou no curso de Matemática de Três Lagoas, no início de sua fundação. Ele nos sugeriu que conversássemos com os professores Celso e José Antônio Menoni e com a servidora da UFMS, a Nilda.

O nosso último diálogo foi realizado com a professora Silvia Regina, o que gerou certa insegurança de nossa parte, devido à proximidade pessoal com a colaboradora. A professora chegou ao câmpus de Paranaíba no ano de 2005, quando uma das autoras da pesquisa cursava Matemática. Foram muitas experiências vividas juntamente, muitas situações para que o curso se consolidasse na região. Mesmo após a conclusão da licenciatura pela pesquisadora, manteve-se uma ligação entre ambas.

O nome da professora Silvia surgiu desde o início de nossa pesquisa, pois ela esteve presente no curso de Matemática de Paranaíba desde os primeiros anos de sua criação. Como já tínhamos seu contato via *WhatsApp*, em meados de abril de 2020, conversamos e pensamos que logo que a pandemia passasse nos encontraríamos pessoalmente e conversaríamos. Porém, não poderíamos saber que esse período duraria anos. Em 15 de junho, voltamos a nos falar e optamos por fazermos a entrevista em formato *online*, pois era o possível naquele momento. A professora solicitou que aguardássemos um período, devido à volta do ensino remoto e às grandes demandas vivenciadas por ela.

Continuamos nos comunicando e, em 12 de novembro, no período vespertino, reencontramo-nos, desta vez, virtualmente. Para nossa surpresa, a partir do momento em que começamos a gravar a narrativa de Silvia, não enfrentamos dificuldades por conta da proximidade pessoal de ambas as partes. O diálogo ocorreu naturalmente. Em determinados momentos, uma das pesquisadoras desta pesquisa foi convidada a participar dos diálogos, compartilhando suas lembranças. A professora não teve dificuldades em utilizar a plataforma do *Google Meet* e também não tivemos obstáculos que comprometessem nossa conversa, no que diz a respeito à conexão da *internet*.

Abaixo, trazemos o Quadro 1, com os nomes mapeados, por meio de indicações dos colaboradores de nosso trabalho e outros que eram do conhecimento de uma das pesquisadoras, pela proximidade com a região. Com isso, o nosso critério de rede foi sendo desenhado na trajetória do trabalho. Ainda no quadro, destacamos os nomes de quem tivemos a oportunidade de entrevistar. Vale ressaltar que entramos em contato com alguns nomes que constam no quadro, porém não obtivemos sucesso.

Quadro 1 – Rede de possíveis colaboradores



Fonte: dados da pesquisa (2024).

Depois de realizadas todas as entrevistas, chegamos a um momento relevante para esta apresentação. Observamos que as narrativas começaram a se aproximar umas das outras. Então, a pergunta que nos cercava era: Será o momento de pararmos com nossas narrativas e sistematizarmos tudo o que já tínhamos reunido? Foi então que decidimos que era o momento de respirar, analisar e refletir sobre o que tínhamos construído com os colaboradores.

Então, de posse dos diálogos produzidos, seguimos adiante, narrando sobre o próximo passo preestabelecido pelo ritmo da História Oral: a transcrição. Porém, vale ressaltar que este processo não foi realizado após todas as narrativas terem sido concluídas, mas sim concomitante às entrevistas. Sempre tivemos o cuidado com nossos narradores, durante nossos diálogos, pois sabemos que de determinadas lembranças podem aflorar sentimentos de emoção, alegria, tristeza, indignação, saudosismo... e, em nossas narrativas, percebemos que alguns destes sentimentos vieram à tona. Tratamos com toda delicadeza e respeito nossos colaboradores.

O primeiro diálogo que passou pela transcrição foi o da professora Marlene Durigan. Não era a primeira vez que transcreveríamos, pois já o havíamos realizado no mestrado. Entendemos que não é um trabalho apenas técnico de desgravação das narrativas. É o momento em que o áudio da fonte oral passa para a linguagem escrita; ou ainda, é neste instante que os movimentos realizados oralmente pelo corpo tomam forma com as palavras escritas.

No grupo GH OEM, costumeiramente, transcrevemos nossas narrativas na íntegra, contendo todos os movimentos realizados, como as repetições, momentos em que, por algum motivo, ocorreram pausas, gestos e marcas de oralidade que o narrador apresenta. Achamos relevante fazer todas essas anotações, porque a transcrição nos serviria de base para que, posteriormente, pudéssemos dar outro passo a este trabalho. A este texto, denominamos textualização. Assim, o narrador pode observar a correspondência entre a transcrição e a textualização, na hora em que legitimar sua narrativa.

Já sabíamos que o passo da transcrição é um processo exaustivo, pois uma hora de entrevista demanda muitas horas para se transcrever. Esse trabalho pode ser reduzido se o pesquisador possuir uma certa habilidade ou possuir outros recursos. Atualmente, existem *softwares*, aplicativos ou ferramentas *online* na *internet* que ajudam nesse processo de degravação, diminuindo o tempo dedicado a este passo.

Vale ressaltar que grande parte destes recursos reconhecem a voz externa de alguém que ouve o áudio com o auxílio de um fone auricular e repete a voz em tom alto, para que o programa faça o registro da linguagem oral para a escrita ou até mesmo programas que fazem por si só a transcrição do áudio do computador, conforme os fatos são narrados (Alencar, 2019). Alguns desses programas podem ser encontrados gratuitamente ou podem ser comprados pela *internet*. Lógico que os citados por último possuem mais ferramentas para otimizar o processo.

Há também o modo tradicional de transcrição, que consiste em escrever o que se ouve, com pausas, até a conclusão do áudio. Nós já havíamos utilizado esta forma de transcrever, em nossa pesquisa de mestrado (Silva, 2016). Já tínhamos certa intimidade, porém testamos outro recurso e observamos que demorávamos mais tempo para conferir o áudio com os trechos transcritos pelo programa do que ouvirmos e escrevermos o que escutávamos. Acreditamos que não existe método melhor ou pior. Temos a consciência de que há uma gama de variáveis, como, por exemplo, a habilidade técnica, recursos disponíveis e preferências do pesquisador (Alencar, 2019). Também sabemos que, por mais sofisticado que seja o programa utilizado para transcrever, ele pode deixar escapar ou alterar trechos. Então, faz-se necessária uma revisão criteriosa do que foi transcrito.

Especificamente em nossas entrevistas, como já citamos anteriormente, tivemos vários problemas técnicos com a conexão de *internet*. Sabíamos que precisávamos ter total atenção no momento em que fôssemos transcrever esses trechos, pois sabíamos que alguns poderiam estar inaudíveis. Foi quando optamos por utilizar o método tradicional de transcrição, pois já possuíamos certa proximidade com este modo de operar os áudios. Então, o tempo em que faríamos isso seria mais adequado para a exequibilidade deste trabalho.

Outro ponto que queremos ressaltar neste passo da transcrição é sobre a escrita literal da fala de nossos narradores. Alguns nos solicitaram, no momento de nossos diálogos, que fossem omitidos alguns trechos ditos por eles e, com todo o respeito ético por nossos colaboradores, as falas foram retiradas na transcrição. Então, dizemos que, por mais fidedigna que seja a transcrição, ela nunca será total, pois, como pano de fundo, temos como sujeitos pessoas que expressam toda a sua emoção ao falar, suas vibrações na tonalidade de voz, quando relatam algumas situações vivenciadas por eles, a expressão corporal expressa por meio de gestos, e isso não é capturado na linguagem escrita (Alencar, 2019; Martins-Salandim, 2012).

Nesse sentido, dizemos que a transcrição é processo subjetivo em cada contexto. Sabemos que não é intencional, mas de certo modo há uma descaracterização da linguagem oral, quando realizada a linguagem escrita.

Para nós, o momento da transcrição era momento de reflexão e novos passos a serem tomados ou até mesmo repensados para os próximos diálogos. A dificuldade encontrada por nós foi quanto aos trechos que ficaram inaudíveis, devido às falhas técnicas ocorridas.

Depois das narrativas transcritas, demos um outro passo, já também conhecido por nós: a textualização. Este processo também ocorreu concomitante ao momento em que íamos construindo as narrativas. Entendemos que textualizar não possui regras rígidas e que isso depende muito de quem o faz, ou seja, do pesquisador, pois toda a sensibilidade é colocada no texto escrito. As textualizações são resultantes do tratamento, das edições que damos aos textos transcritos. São retirados os trechos repetitivos, marcas de oralidade, ou seja, procura-se deixar as narrativas mais fluentes, em uma linguagem escrita. Tenta-se não alterar o sentido do que foi dito pelos colaboradores, sabendo que o texto escrito não possui a mesma dinâmica que um oral (Morais, 2017; Paiva, 2023). Nas textualizações, esforçamo-nos para que não sejam perdidas suas características linguísticas e nem suas maneiras de dizer.

Nas narrativas que compõem este trabalho, optamos por modificar a ordem de alguns trechos narrados, com o intuito de fazer ligações entre as falas. Também retiramos partes repetitivas, para que tivéssemos um texto mais fluente. E, neste processo, dizemos que há uma coautoria entre narrador e pesquisador. Também foram mantidas, em nossas textualizações, as perguntas disparadoras feitas aos nossos colaboradores.

Por todas as escolhas que o pesquisador precisa fazer, chamamos a textualização de composição. No entanto, para que exista a garantia da não alteração, no sentido do que foi dito pelo narrador, após concluída a textualização, ela foi devolvida ao seu narrador, junto com o áudio, *links* de gravação e a transcrição, para que ele realizasse a leitura e pudesse se reconhecer naquele texto, dizendo: “eu diria tudo isso desta maneira”. Se isso não ocorrer, é necessário que ocorra uma negociação entre entrevistador e entrevistado, envolvendo novas edições.

Para esta pesquisa, em específico, adotamos uma postura comum a todos os narradores. Quando encaminhamos a textualização, também foi enviada uma carta de retorno, que explicava as funções de todos os materiais e documentos que estavam recebendo: transcrição, textualização, *link* dos diálogos ou áudios (no caso da entrevista realizada presencialmente) e carta de cessão. Explanávamos sobre a importância da leitura dos textos e que, após as sugestões indicadas e realizadas na textualização, concedesse-nos a autorização para a publicação, em nosso trabalho, de suas narrativas ou em danças futuras, já que são fontes historiográficas.

Para uma das pesquisadoras deste trabalho, textualizar não foi algo simplista, pois foi um misto de sentimentos, sensibilidade, acompanhado, ao mesmo tempo, de todo cuidado e respeito ético aos nossos colaboradores. Acreditamos que as narrativas precisam retornar a quem as contou, o mais rápido possível, para que os narradores possam lembrar tudo o que foi dito com clareza. Porém, na noite chuvosa do dia 18 de janeiro de 2021, a primeira orientadora desta pesquisa faleceu, em decorrência da Covid-19. Foi então que este trabalho permaneceu por um tempo inativo e paralisado.

Passado algum tempo, a vontade de continuar nosso trabalho ressurgiu. Depois de todos os trâmites legais, passamos a ter uma nova orientadora para dividir conosco todos os anseios e dúvidas que ainda iriam ocorrer. Com todas essas mudanças, conseguimos que os textos retornassem aos seus narradores somente no ano de 2022.

O processo de legitimação das entrevistas com nossos narradores foi essencial para nós, visto que eles puderam contribuir com os trechos inaudíveis; só que, como em toda apresentação, há situações que não estão no nosso controle e isso ocorreu quando retomamos a narrativa da professora Leocádia. Como após o envio do texto não recebemos resposta da professora, fomos fazer uma busca na *internet* e fomos surpreendidas com a notícia de seu falecimento, vítima de um acidente de trânsito na cidade de Campo Grande, em fevereiro de 2022, uma perda inigualável e irreparável!

Daí vieram nossas inquietações sobre como faríamos para legitimar sua textualização. Foi quando, novamente, olhamos com muito cuidado a gravação de sua narrativa, para que tentássemos, ao máximo, não descaracterizar a fala de Leocádia. Quanto à publicação desta narrativa, acreditamos que talvez poderíamos fazê-lo sem

a sua carta de cessão, pois em seu vídeo tínhamos a sua gravação, autorizando-nos a publicar sua belíssima narrativa. Porém, não nos parecia o passo mais correto e assertivo com a sua memória; então, procuramos seu filho Marco Leme, que também é docente da UFMS em Campo Grande, e explicamos sobre a importância da narrativa de sua mãe. Ele prontamente concordou e assinou a carta de cessão, para que publicássemos a entrevista com Leocádia, já que era a vontade dela em participar deste trabalho.

Todas as outras legitimações transcorreram de maneira tranquila. Alguns narradores fizeram pequenas alterações ou complementações em suas textualizações e nos concederam a carta de cessão. Quando o professor Álvaro Sampaio recebeu sua narrativa, fez-nos ligações pelo *WhatsApp* e pudemos ler juntos sua textualização. Fizemos as alterações que o professor julgou necessárias. Tão grande foi seu comprometimento, que ele foi até a cidade de Andradina e se dirigiu até a escola onde lecionou, para completar o nome de alguns docentes. Após isso, repassamos novamente sua narrativa, a qual o professor achou estar pertinente aos fatos por ele contados e assim também nos concedeu sua carta de cessão.

Destacamos, também, a morosidade desse processo de validação, pois há narradores que nos retornaram suas narrativas com uma semana e outros que levaram seis ou sete meses para o fazer, mesmo com a frequência de nossos contatos. Só queremos ressaltar que, dentro do nosso grupo – o GHOEM –, temos todo este cuidado ético com nossos narradores e com suas lembranças, publicando somente o que eles nos autorizam.

Tendo todas as nossas entrevistas, textualizadas e legitimadas, vieram-nos algumas indagações: O que as nossas narrativas nos permitem entender sobre o tema que nos propusemos a estudar? Além dos documentos escritos existentes, que compreensões essas fontes orais, produzidas pelo ritmo da História Oral, levam-nos a esboçar? Os documentos escritos falam sobre a criação dos cursos, a legislação referente aos trâmites legais para o reconhecimento dos cursos; porém, em todos os documentos, não fica esclarecido o motivo da criação dos cursos e nem como ocorreu essa implementação, principalmente o motivo pelo qual o curso de Três Lagoas, embora criado na modalidade de licenciatura, tinha um perfil próximo de um bacharelado. Sabemos que a divisão do estado de Mato Grosso *uno*, foi um momento relevante para a região, mas os documentos não deixam claro como isso se efetivou,

como, por exemplo, para funcionários e docentes de uma universidade que era federal de um único estado e que foi dividido em dois territórios. Também não foi possível identificar, nas documentações, como ocorreu a formação desses professores que atuavam nas universidades, como eram suas relações com os alunos, quais mudanças ocorreram na região do Bolsão, com a criação dos cursos.

Dizemos que as entrevistas permitiram ampliar nossos dados disponíveis, ou seja, a todo momento houve uma articulação entre as fontes orais e escritas. As narrativas nos ajudaram a esboçar compreensões acerca da complexidade do processo de criação dos cursos de Matemática, bem como se efetivaram as mudanças no que se refere à legislação. Dizemos que pudemos olhar por quais motivos e necessidades esses cursos foram sendo criados e instalados. Todas essas questões fazem parte de nossa trama analítica.

As fontes produzidas pelo ritmo da História Oral são historiográficas e nos permitem, por meio do ponto de vista de quem vivenciou tais situações, esboçar compreensão de realidades tão complexas e multifacetadas (Thompson, 1992). Neste viés, as fontes orais nos possibilitaram vislumbrar singularidades de cada colaborador que participou da criação dos cursos de Matemática a partir da década de 1970 até meados de 2000 na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul, e essas particularidades também se estendem às pesquisadoras, pois a História Oral nos dá abertura de dialogarmos junto com nossos narradores, explicitando, toda a trajetória construída no decorrer do percurso.

Para auxiliar nas discussões aqui enunciadas, apresentamos a seguir o Quadro 2, no qual trazemos uma relação dos narradores, datas e duração das entrevistas e o câmpus no qual atuou. As textualizações não se encontram na ordem que foram realizadas, mas na ordem cronológica de criação dos cursos, por acharmos que facilitava, a fim de estabelecer vínculos com os contextos sociais que o país perpassava.

Quadro 2 – Relação de narradores

Colaborador	Data da entrevista	Duração da entrevista	Curso no qual atuou
Álvaro Sampaio	25/08/2020	1h36min	Três Lagoas
Edson Rodrigues Carvalho	05/11/2020	1h48min	Três Lagoas
Eliedete Pinheiro	01/10/2020	1h16min	Três Lagoas
Sonia Angelina Garcia Modesto	03/10/2020	1h23min	Três Lagoas
Irene Coelho de Araújo	11/05/2020	2h08min	Cassilândia
José Felice	10/09/2020	1h35min	Cassilândia
Leocádia Aglaé Petry Leme	02/07/2020	1h31min	Cassilândia
Marco Aparecido Queiroz Duarte	26/05/2020	1h30min	Cassilândia
Andreia Cristina Ribeiro	29/10/2020	1h57min	Paranaíba
Marlene Durigan	20/01/2020	1h24min	Paranaíba
Silvia Regina Vieira da Silva	12/11/2020	1h26min	Paranaíba
Thiago Donda Rodrigues	02/06/2020	2h42min	Paranaíba

Fonte: criação nossa (2024).

A coreografia aqui dançada por nós, juntamente com todos os nossos colaboradores, foi uma imersão de bailarinos que, incansavelmente, debruçaram-se a estudar e dançar esta coreografia, que aos nossos olhos é uma dança contemporânea, com os movimentos de olhar para o passado, mas situados em um presente, articulando olhares para o futuro. Em nossa imersão na coreografia, tivemos movimentos de entortar e reequilibrar, uns mais bruscos que os outros, mas, mesmo com inclinações, curvas, balanços não programados, não abandonamos nosso tronco, bailamos com toda a delicadeza e suavidade que nos foi possível, pois entendemos que a dança possui características de abstração, assim como a pesquisa qualitativa e a História Oral.

A construção da nossa coreografia analítica

Se a dança fosse um texto escrito, poderia ser uma poesia; se fosse um discurso falado, poderia ser uma declaração de amor à vida; mas, sendo gesto, a dança só pode ser o próprio dançarino em seu movimento dançante.
(Karenine de Oliveira Porpino)

Na apresentação deste trabalho, ensaiamos os passos que nos foram possíveis. Tanto que, em um primeiro movimento de teorização de nossas análises, achamos adequado utilizarmos o referencial teórico de Michel Foucault, pois percebemos que, na trajetória de nossa pesquisa, foram sendo desveladas características, e que o óculo teórico supracitado nos ajudaria a discutir o que estávamos enxergando. Porém, na contramão deste processo, paramos e refletimos que o conhecimento e a leitura que tínhamos acerca desta teoria não seria o suficiente para conseguirmos ter sintonia entre os passos bailados e os ritmos que nos estavam sendo propostos.

Tínhamos uma característica muito relevante: o tempo. Tivemos a sensibilidade de observar que, para ensaiarmos os passos para uma total sintonia com o ritmo, despenderíamos um longo período. Após alguns ensaios, ora individuais, ora em dupla e ora em grupo, fomos abrindo nossas percepções e começamos a enxergar novas possibilidades. Entendemos que, em todo trabalho acadêmico, o pesquisador se debruça sobre leituras e, com a sensibilidade que reverbera, diante de todas as possibilidades que estão disponíveis, constrói o seu movimento analítico.

Depois de nossas percepções iniciais, voltamos nosso olhar e refletimos como poderíamos construir uma perspectiva plausível ao nosso movimento analítico. Devido ao trabalho produzido no mestrado, decidimos pensar nos temas que nos atravessavam/atravessam. Então, em um primeiro momento, pensamos que o recurso da nuvem de palavras¹⁷ nos ajudaria a evidenciar os temas que almejávamos, pois olharíamos as palavras que mais se repetiam nas entrevistas. Com a utilização do recurso, algumas palavras que mais se repetiram foram evidenciadas, como:

¹⁷ Utilizamos o aplicativo *WordClouds* na versão gratuita, para criarmos as nuvens de palavras de nossas narrativas dançadas.

Matemática, perfil, salas, política, modelo, professor, semana, interiorização, cursos, câmpus, prefeitura, universidade, dentre outras diversas palavras. Após olharmos para as nuvens e os contextos em que as palavras estavam inseridas, achamos que elas nos ajudaram a encontrar os temas que discutiríamos.

Uma pesquisa acadêmica nunca é construída de forma individual, tanto que, após o nosso exame de qualificação e as reflexões apontadas por nossa banca, chegamos à conclusão de que as nuvens de palavras, momentaneamente, auxiliaram-nos a enxergar algumas coisas, mas a escolha dos temas que constituíram nosso movimento analítico emergiu das narrativas e da nossa percepção e sensibilidade de pesquisadoras do trabalho.

Foi quando optamos por discutir alguns temas que nos surgiram, como: a carência e a urgência, já tematizados em outros trabalhos do GHOEM. Neste sentido, abordamos os desdobramentos de algumas legislações que apontavam para a formação de professores. Ou seja, diante das demandas, houve a carência de profissionais habilitados para o magistério. Com isso, foram surgindo cursos de forma emergencial, com a finalidade de formar um quantitativo maior de pessoas, ou oferecê-los àqueles que já lecionavam sem a formalização específica para a docência. Esses cursos, normalmente, eram ministrados em um espaço de tempo menor do que os cursos ditos regulares e também atendiam às necessidades locais, onde eram ministrados. Discutimos os modelos de formação do professor de Matemática do 3+1, as licenciaturas curtas e parceladas em Ciências com habilitação em Matemática e a Cades, cursos estes que surgiram nas narrativas de nossos colaboradores, cursos que alguns dos professores tiveram a oportunidade de realizar, e que, posteriormente, com essa estrutura, ajudaram a formar outros professores.

Outro tema que achamos pertinente abordar foi o movimento de criação das duas universidades (UFMS e UEMS), nas quais os três cursos que estamos estudando foram criados. Com isso, abordamos o câmpus da UFMS/CPTL de Três Lagoas, a unidade universitária da UEMS de Cassilândia e o câmpus da UFMS/CPAR de Paranaíba, pois saltou aos nossos olhos que os cursos foram criados no viés da precariedade, gerando novos cenários de carências. Também achamos oportuno pontuar sobre características singulares na criação do estado de Mato Grosso do Sul, como a separação do estado e os processos migratórios.

Um outro tema que se mostrou latente, ao nosso ver, foi a questão dos entraves, que ocorriam/ocorrem entre a área específica da Matemática e da Educação Matemática. Observamos isso de forma mais tensionada no curso de Três Lagoas, porém este aspecto se estendeu nas formalizações ofertadas nas cidades de Cassilândia e de Paranaíba.

Neste escopo, achamos conveniente mostrar, ao nosso leitor, como nosso movimento analítico foi pensado e constituído a várias mãos.

CURVAS, TOMBOS E JUSTAPOSIÇÃO PELO SOLO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES





Fonte: arquivos pessoais do professor.

PROFESSOR
ÁLVARO SAMPAIO



PROFESSOR ÁLVARO SAMPAIO

Natalia: *Bom Dia! Hoje, dia 25 de agosto de 2020, vamos falar com o professor Álvaro Sampaio. Professor, obrigada por ter aceitado o convite de conversar comigo. É comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado apresente-se da forma que queira ser apresentado em nossa tese. Então, peço que o senhor faça a sua apresentação.*

Álvaro: Eu sou natural de Pirajuí¹, estado de São Paulo. Meu pai trabalhava na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil², ele foi removido de Avaí³, para Guaraçai⁴ e, posteriormente, para Mirandópolis⁵. Comecei o primário⁶ em Avaí estado de São Paulo, que fica perto de Bauru⁷, fiz o primeiro ano lá. O segundo ano fiz em Guaraçai e o restante em Mirandópolis. Cheguei a Mirandópolis com dez ou nove anos, passei toda minha adolescência lá, conheci minha esposa Maria Aparecida Castanheira Samapiao⁸ e nos casamos em Mirandópolis.

Em 1965 fiz o primeiro ano do científico⁹ também em Mirandópolis. Esse curso tinha duração de três anos, eu optei pela área de exatas, naquela época o científico tinha três opções: área de exatas, biológicas e línguas e a estrutura curricular dava a opção de escolha nas disciplinas que você mais se identificava.

Terminei em 1967 o científico e eu queria fazer Engenharia, mas em virtude das dificuldades tive que optar por um curso na região de Mirandópolis, que dista de

¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 386 km da capital São Paulo.

² Segundo Baraldi (2003) a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) surgiu com o intuito de interligar as cidades brasileiras, principalmente as que ficavam na fronteira oeste. No ano de 1905, iniciou-se a construção do primeiro trecho que partia de Bauru/SP e chegou a Corumbá em 1952, quando houve a junção com a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia.

³ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 367 km da capital São Paulo.

⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 608 km da capital São Paulo.

⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 596 km da capital São Paulo.

⁶ O Professor está se referindo o que atualmente corresponde as etapas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. De acordo com a Lei 4024/61, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional desse período, o ensino primário contemplava as quatro primeiras séries. Com a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971 o ensino primário era composto por oito séries e segundo a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 ficou denominado como ensino fundamental que atualmente abrange as nove primeiras séries - que pela Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, teve alteração de oito para nove anos- e ensino médio, que corresponde aos três últimos anos da educação básica.

⁷ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 330 km da capital São Paulo.

⁸ Professora Maria Aparecida Castanheira Sampaio atuou como professora no estado de São Paulo.

⁹ O professor está se referindo o que atualmente corresponde ao ensino médio, porém o ensino científico foi criado pela Lei 4.244 de 9 de abril de 1942, conhecida como a Reforma Capanema. Conforme esta lei o científico faria parte do ensino secundário e teria ênfase nas disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia.

Araçatuba¹⁰ praticamente uns 100 km, indo para o trajeto da região Noroeste, Três Lagoas¹¹, Andradina¹², Mirandópolis, Guaraçaí¹³, Guararapes¹⁴ e depois Araçatuba¹⁵.

Alguns dos meus colegas do científico, à época, foram estudar fora e muitos também optaram por fazer Ciências em Araçatuba. Tinha uma Kombi que levava o pessoal, mas eu não gostava de Biologia, não queria Ciências, então eu optei por exatas. Tinha sido criado o curso de Matemática e Desenho na Fundação Educacional de Penápolis¹⁶, já tinha uma turma estudando e eu entrei no segundo vestibular, passei em décimo sexto lugar.

A Yasuko¹⁷, minha professora de Matemática, me emprestou o livro de Teoria dos Conjuntos e eu peguei, porque eles exigiam muito nesta área, era novidade à época, e eu já tinha feito um curso com o Osvaldo Sangiorgi¹⁸, eu sempre fazia esses cursos de extensão, já tinha feito o Cades¹⁹ em Araçatuba, tinha feito também um curso com Castrucci²⁰, aqui na Ilha Solteira²¹. À época, estavam construindo a barragem de Jupia²² e em seguida a baragem de Ilha Solteira²³

¹⁰ Mirandópolis é uma cidade do estado de São Paulo, localizada a 77 km do município de Araçatuba, estado de São Paulo.

¹¹ Mirandópolis é uma cidade do estado de São Paulo, localizada a 86 km do município de Três lagoas, estado de Mato Grosso do Sul.

¹² Mirandópolis é uma cidade do estado de São Paulo, localizada a 49 km do município de Andradina, estado de São Paulo.

¹³ Mirandópolis é uma cidade do estado de São Paulo, localizada a 26 km do município de Guaraçaí, estado de São Paulo.

¹⁴ Mirandópolis é uma cidade do estado de São Paulo, localizada a 49 km do município de Guararapes, estado de São Paulo.

¹⁵ Mirandópolis é uma cidade do estado de São Paulo, localizada a 73 km do município de Araçatuba estado de São Paulo.

¹⁶ A Fundação Educacional de Penápolis, entidade mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis e do Centro de Estudos Profissionalizantes, foi criada no dia 28 de maio de 1966. Em 20 de maio de 1967, é publicada no Diário Oficial do Estado a Portaria no 8/66, a qual autoriza o funcionamento dos cursos de Desenho, Matemática, Letras e Pedagogia.

¹⁷ Não encontramos maiores informações sobre a professora.

¹⁸ Professor Osvaldo Sangiorgi (1921-2017) possuía graduação em Matemática pela Universidade de São Paulo (1943), especialização (1960) e mestrado (1961) pela University of Kansas e pós-doutorado pela Universität Gesamthochschule Paderborn (1979). O Professor foi autor de livros didáticos da época do Movimento da Matemática Moderna no Brasil.

¹⁹ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do ensino secundário (Cades). Segundo Baraldi (2003) o curso tinha por finalidade difundir e elevar o nível do ensino secundário e, para alcançá-los promoveu cursos e estágios de especialização e aperfeiçoamento.

²⁰ Professor Benedito Castrucci (1909-1995) era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1935 e licenciado em Ciências Matemáticas e Físicas pela Universidade de São Paulo em 1939.

²¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 686 km da capital São Paulo.

²² A Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias – Jupia foi construída com tecnologia inteiramente brasileira e teve a conclusão em 1974. Está localizada no Rio Paraná entre as cidades de Andradina, Castilho/ SP e Três Lagoas/MS.

²³ A Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira é a maior usina da Companhia Energética de São Paulo (CESP) no Estado de São Paulo é a terceira maior usina hidrelétrica do Brasil. Está localizada no Rio Paraná entre os municípios de Ilha Solteira/SP e Selvíria/MS.

(CESP), e tinha uma escola na Vila Piloto para os filhos dos funcionários.

Eu fui para Penápolis, fiquei um mês em república e meu pai falou: “Nós vamos ter que dar um jeito nisso!”. Fui para Penápolis em março e no dia primeiro de abril eu peguei o trem e desci em Castilho e fui para Andradina de ônibus. Chegando lá fiz tudo o que tinha que fazer a pé, naquela época carro era luxo.

Eu já tinha dado aulas particulares antes em Mirandópolis e a minha sorte que na escola estadual Dr. Augusto Mariani²⁴, em Andradina, tinha os professores estáveis que eram aqueles profissinais com diplomas de bacharel, porém sem formação pedagógica, devido ao salário que era ótimo os professores nessa situação com mais de cinco anos de exercício, entrou na justiça para se efetivar, pois quase não tinha concurso, ou seja, eram efetivos por força da lei, eram aqueles que já tinham ganhado causa na justiça, pois estavam como estáveis por força da lei, só que eles tinham a mesma regalia do que um efetivo. Era uma disputa muito boa.

Eu cheguei e a diretora Sebastiana Robert de Carvalho²⁵ lá estava, ela era professora de Educação Física efetiva e ocupava o cargo de diretora, estava também outro professor efetivo Domingos²⁶ que era professor de Língua Portuguesa e era da região de Cafelândia²⁷, se não me engano auxiliava a diretora. Quando cheguei tinham 36 aulas de Matemática, e como eu possuía toda a documentação, minhas pastas eram todas arrumadas, você sabe que matemático é organizado [risos], a diretora disse que as aulas eram minhas, pois era meu direito, porém ela me disse que tinha um professor que trabalhava como efetivo no grupo escolar do ginásial, atualmente denomina-se por Professor de PEBI²⁸ ele lecionava Matemática. À época, os alunos faziam a prova de admissão para entrar no ginásio²⁹. A diretora disse que ele era um bom professor e tal, como eu não queria as 36 aulas, eu fiquei com vinte e quatro e esse professor com doze, mas a condição era de que a diretora acertasse um horário para mim.

Para cursar a faculdade 50% da carga horária aconteciam às segundas- feiras e aos sábados, tinha aula cedo e à tarde, durante a semana a carga horária era menor

²⁴ Escola Estadual Dr. Augusto Mariani atualmente atende alunos do 6º ao 9º ano e do ensino médio.

²⁵ Não encontramos outras informações sobre a professora.

²⁶ Não encontramos outras informações sobre o professor.

²⁷ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 889 km da capital São Paulo.

²⁸ Professor de educação básica que leciona normalmente do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I.

²⁹ O Professor está se referindo o que atualmente conhecemos por 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O curso ginásial tinha uma duração de quatro anos e fazia parte do ensino secundário, segundo o que previa o Decreto nº 4.244 de 9 de abril de 1942 – Reforma Capanema.

só que as aulas ocorriam no período da tarde, se eu tivesse 50% de presença estava tranquilo, não teria problema, já que a presença era complicada. Passei um semestre assistindo aula só na segunda e no sábado, ia e voltava de ônibus até Penápolis, morava em Mirandópolis e viajava até Andradina para trabalhar, me casei nesse período.

Fiz a minha faculdade trabalhando e estudando no primeiro semestre do primeiro ano. No segundo semestre comprei um carro financiado para poder fazer o curso. Acertei meu horário e eu ia para Penápolis todo dia à tarde e voltava para trabalhar de noite. A primeira aula não dava tempo de eu dar, eu entrava na segunda aula do período noturno e saía na quarta aula do período da manhã. Ia e voltava todos os dias, isso foi a partir do segundo semestre do primeiro ano, no terceiro semestre do curso já estava mais organizado, mas foi um período bem difícil.

A minha biblioteca de Matemática foi usada para o reconhecimento do curso de Matemática de Andradina, os livros de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Socan³⁰) eram meus, eu quem coloquei para o reconhecimento do curso quando ocorreu a vistoria. Quando eu fazia a faculdade tinha que ter livro, precisava comprar, pois eu precisava estudar e isso normalmente acontecia à noite, mas o livro caía na cara [risos]. O curso de Licenciatura em Matemática que fiz durou três anos, porém a carga horária correspondia ao curso regular de quatro anos, foi puxado, terminei em 1970, mas consta em 1971, porque eu tive que fazer uma prova em janeiro para compensar. À época fazíamos um exame final de cada disciplina, e eu fiz em janeiro porque eu não pude fazer a prova na primeira chamada, então fui fazer a segunda em janeiro, pois eu teria mais tempo para estudar.

Quando conclui a faculdade eu já trabalhava no estado, a vida já estava organizada. Em 1971 fiquei sabendo da criação da faculdade em Três Lagoas, ela foi criada efetivamente em 1970. Os alunos eram quase todos professores da rede estadual. Em 1970 Três Lagoas possuía uns 40 ou 30 mil habitantes, outro detalhe foi o término da construção da Usina de Jupiá, tinha o rio Paraná e não tinha uma ponte rodoviária, à época tinha os vagões da estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e como conseguíamos ir até Três Lagoas? A Noroeste colocou dois vagões abertos, os carros subiam nos vagões

³⁰ Em 1965 foi criada a Mantenedora da Faculdade de Bacharelado em Ciências Econômicas e passou a funcionar juntamente com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Rui Barbosa", com cinco opções de Licenciaturas: Pedagogia, Letras, História, Geografia e Matemática. Em janeiro de 2000 a Sociedade Cultural de Andradina, mantenedora das Faculdades Integradas "Rui Barbosa", passa a denominar-se Sociedade Cultural de Andradina S/C Ltda (SOCAN).

e eles atravessavam, quando chegava saía pelo outro lado e quando os vagões voltavam retornavam com mais gente, o transporte era realizado desta maneira. Não era uma balsa, mas passava por cima da ponte sobre os trilhos da Noroeste.

Fiquei sabendo da faculdade e fui até Três Lagoas. Eu e meu colega professor doutor Roberto Castanheira Pedrosa³¹, ele já é falecido. Nós fomos juntos e deixamos nosso nome com os nossos certificados de Matemática para podermos trabalhar lá. À época não existia pessoas formadas na área da Matemática e outra coisa, ninguém ia se sujeitar a atravessar o rio para trabalhar em Três Lagoas.

Eu já morava em Andradina, o curso começou em 1970 e eu entrei em 1971. Só tinha uma disciplina de Matemática no primeiro ano, as outras disciplinas mais pedagógicas, era Fundamentos de Matemática Elementar e um engenheiro que lecionava. Quando eu entrei ele continuou trabalhando mais um semestre e começaram com Álgebra e Complementos de Matemática. Eu gostava de Álgebra Moderna, em virtude do Castrucci que eu tinha estudado para o vestibular. No científico eu tive a disciplina de Lógica, a Lógica formal, não a Lógica Matemática.

Nós começamos a trabalhar, eu em março de 1971 e o Prof Roberto em agosto, mas já no começo todos os problemas que surgiam no curso de Matemática era eu quem respondia, tudo era passado para eu resolver e dar soluções. Os alunos eram a maioria professores do estado, tinham certa idade, também tinham fiscais de renda e outros funcionários públicos do estado do Mato Grosso e também funcionários da CESP por conta da barragem.

No início da faculdade fizemos realmente um trabalho de formação, colocando as coisas no devido lugar. Quando chegou ao segundo semestre de 1972, entrou o professor de Física que era um engenheiro da Noroeste, professor Ayres Barbosa da Silva³², muito eficiente. Fomos convidando os outros que conhecíamos para trabalhar em Três Lagoas, mas não era qualquer um, fazíamos uma triagem séria para poder convidar. O problema para contratar professor era que o pagamento acontecia por hora aula, ainda não tínhamos uma estrutura da carreira universitária.

A Universidade Estadual foi formada, se não me engano, em 1970³³, tinha um curso em Campo Grande de Odontologia, mas não tinha Medicina. Quando criaram o curso de Medicina em Campo Grande eles formaram toda a Universidade Estadual

³¹ Não encontramos outras informações do professor.

³² Não encontramos mais informações do professor.

³³ A Universidade Estadual de Mato Grosso foi criada pela lei estadual nº 2.947, em setembro de 1969.

do Mato Grosso (UEMT), porque a nossa capital não era Campo Grande e sim Cuiabá e a distância de Três Lagoas a Cuiabá é 1000 km³⁴.

Em agosto de 1971 eu já fui para São Carlos³⁵ fazer minha primeira disciplina do mestrado: “Análise Real no Instituto de Matemática da USP³⁶”, só existia mais ou menos oito a nove doutores em Matemática no Brasil, segundo o meu professor. Todo sábado eu ia para São Carlos, saía às três horas da manhã de Andradina e chegava às oito horas da manhã em São Carlos, assistia aula até meio dia e vinha embora, chegava às cinco ou seis horas da tarde, a família sofreu muito com isso, porque eu não parava. Naquele ano, lá na região, eu fui o primeiro classificado na rede estadual [risos], por causa do título de São Carlos, mas não tem nada fácil na vida da gente, tudo é dedicação, eu era casado e já tinha dois filhos.

Foi um trabalho contínuo e sério, muito sério, a estrutura do Centro Universitário era o diretor, os chefes de departamento e os coordenadores de curso, cada departamento tinha dois ou três cursos que o constituía, cada curso tinha o seu coordenador. Quando o diretor fazia reunião de conselho, o conselho era constituído pelos chefes de departamentos, os chefes de departamentos faziam a reunião dos colegiados de curso, mas quem que participava eram os coordenadores e sempre um representante do corpo discente estava presente. Eu fui o primeiro chefe de departamento do curso de Matemática de Três Lagoas no tempo da Universidade Estadual, e o primeiro vice-diretor do Centro Universitário de Três Lagoas. Houve a eleição e na composição da chapa o diretor era o Padre Jair Gonçalves³⁷, eu era o vice-diretor, o que contradiz a fala do professor Germano³⁸, pois ele foi posterior, não conheceu essa etapa.

A escolha do diretor não foi aleatória, a primeira constituição dos

³⁴ A cidade de Três Lagoas, estado de Mato Grosso do Sul, fica localizada a 738 km do município de Cuiabá estado de Mato Grosso.

³⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 238 km da capital São Paulo.

³⁶ A Universidade de São Paulo (USP) é uma das instituições públicas de ensino superior mais importante do Brasil, pois é responsável por grande parcela da produção científica do país.

³⁷ Padre Jair Gonçalves Ribeiro foi o primeiro diretor do Centro Pedagógico de Três Lagoas da Universidade Estadual de Mato Grosso, foi escolhido por políticos locais para ocupar tal cargo (BENFICA, 2014).

³⁸ O Professor está se referindo a uma entrevista que o professor Germano Molinari concedeu para a composição do seguinte artigo de BENFICA (2014). Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/456>>. Acesso em 10 nov.de 2020. Antes de marcarmos a entrevista o professor Álvaro me enviou este artigo para que eu pudesse ler e conhecer mais sobre a criação do curso de Matemática de Três Lagoas, porém segundo o professor Álvaro há algumas divergências na fala do professor Germano no artigo.

departamentos realmente ocorreu por escolha, o diretor quem escolheu, mas isso foi somente na primeira, as demais foram todas por eleição. Pelo que o Germano disse deu a entender que não havia estrutura, mas desde o começo tinha uma estrutura a ser seguida, afinal era um órgão oficial.

Enquanto Universidade Estadual os alunos pagavam mensalidade, uma contribuição, se não me engano de 50% do preço de uma faculdade particular, eu não sei falar um valor correspondente para os dias atuais, mas havia uma contribuição que eles teriam que pagar. Ah! O Centro Universitário, à época da estadual era Centro Pedagógico que passou a ser Centro Universitário quando foi federalizado, porque passou a ser Universidade Federal quando dividiu o Estado em 1977, mas efetivamente isso se concretizou em 1979, vamos chegar até 1977 [risos]. Nós começamos a formar o quadro docente, apriori não houve concurso para contratação de professor porque não existia um quadro docente habilitado para isto, tínhamos a liberdade de convidar. Posteriormente eles faziam um estágio de um ou dois meses, se ele correspondia então ele ficava, se não correspondia já mandava embora. Outro fator era o salário mensal, pagava-se por hora aula e o pagamento da hora aula não era alto, o estado de São Paulo pagava mais, porque à época, a carga horária máxima no estado de São Paulo era trinta e seis aulas por semana, então o salário do professor estadual era um salário bom.

Nesta época da estadual também não podia afastar-se para fazer pós-graduação, fizemos somente especialização. Mesmo com as dificuldades deste período, trazíamos professores de fora, convidávamos para dar palestra, falar sobre os cursos e motivar os alunos para não ficarem somente conosco. Trouxemos vários cursos de especialização para os docentes do Centro, o que foi muito bom.

O MEC³⁹ dava oportunidade e criava projetos do qual acompanhávamos, líamos bastante, procurávamos acompanhar os projetos para trazer, convidávamos os professores, aproveitávamos as oportunidades e eles vinham sem ganhar nada, pagávamos a passagem e hotel, eles vinham, faziam a palestra e iam embora. Abríamos esses cursos para a sociedade em geral.

O enfoque era formação de professores, realizamos muitos projetos de extensão pedagógica junto à Pró-Reitoria de ensino e extensão. Tínhamos um coordenador central em Campo Grande e em cada Centro Pedagógico também existia

³⁹ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

um coordenador. Em Três Lagoas eu era o coordenador, naquela época os projetos de pesquisa só eram realizados no câmpus de Campo Grande, em Três Lagoas iniciou só quando federalizou e depois de um bom tempo é que surgiram os projetos de pesquisa.

A formação do curso era de licenciatura e não de bacharel. A preocupação, realmente, era em relação ao ensino e eu acredito que os objetivos foram plenamente cumpridos pela instituição. Tínhamos alunos que já eram professores e receberam o título de graduação e outros que não eram professores, mas foram formados bons docentes, tanto que nós temos alunos que são doutores. A instituição cumpriu o papel dela, pelo menos até quando eu aposentei, eu posso falar somente deste período em que estive na universidade [risos]. O nosso curso foi criado como licenciatura em Matemática, houve uma série de transformações no decorrer do tempo, ele foi transformado em Ciências com habilitação em Matemática, mas permaneceu a estrutura de Matemática, depois ele voltou como curso de Matemática novamente. Houve uma época que não tinha curso de Biologia na região, não existia! Então foi criado o curso de Biologia, na verdade foi transformado em Ciências com habilitação em Matemática e Biologia, fizeram essa jogada. Nessa época eu estava afastado e quando retornei já estava a estrutura formada, depois nós voltamos para o curso de Matemática, pois o curso de Ciências com habilitação em Matemática e Biologia não funciona.

O curso de Matemática começou no segundo semestre de 1970, depois veio 1971, 1972, 1973 e 1974, nós começamos a trabalhar no processo de reconhecimento do curso, eu estive acompanhando este processo, fui à Brasília participar da reunião do Conselho Federal de Educação, é como dizem: “somos de gente de olho no olho, não de correspondência”, então fomos atrás do conselheiro relator. Em julho de 1975 eu e minha esposa Maria Aparecida Casatanheira de Samapaio fomos juntos a Curitiba, inclusive foi o ano que caiu neve lá, nós chegamos um dia depois da neve, fomos à residência do conselheiro Professor Algacyr Munhoz Maeder⁴⁰, porque tinha que apresentar uns documentos que ele pediu na plenária. Eu levei em mãos os documentos para ele, depois ele quis saber um monte de coisa, foi o momento em que pontuamos sobre a situação geográfica da região e o curso foi reconhecido. Em

⁴⁰ Professor Algacyr Munhoz Maeder era Engenheiro Civil. Foi prefeito da cidade de Curitiba, Reitor da Universidade Federal do Paraná e Conselheiro Federal de Educação. Faleceu no dia 29 de outubro de 1975, aos 72 anos.

agosto houve a reunião de conselho novamente, fui com o diretor Padre Jair Gonçalves até Brasília, fomos e voltamos de carro já com o curso reconhecido.

Em 1976 ocorreu a eleição para diretor e vice diretor. O Padre Jair foi reeleito e eu eleito Vice Diretor. No segundo semestre o Diretor se afastou, ficando então eu respondendo pela Direção. Depois, por questões administrativas e em consonância com o Reitor da UEMT Dr. João Pereira da Rosa⁴¹, foi criada uma comissão de inquérito na instituição. Eu não concordava com algumas coisas, então fui a Campo Grande falar com o reitor e ele colocou uma comissão de inquérito que apurou e resolveu os problemas da instituição. E assim caminhamos até me aposentar.

No segundo semestre de 1970, para não atravessarmos o rio por cima da ponte com gôndola, a usina hidrelétrica de Jupiá assoalhou os trilhos da ferrovia da ponte com um tablado grosso por compressão, com isto nós começamos a passar de carro em cima da ponte onde passa o trem e isso permaneceu por um bom tempo até a CESP liberar a passagem por cima da barragem. Depois que liberou a passagem por cima não teve mais problema.

De Três Lagoas a Andradina são trinta e poucos quilômetros, uns trinta e cinco quilômetros, mas tem o fuso horário⁴² e isso nos ajudou muito na época que eu viajei para Três Lagoas até meados de 1979. Depois me mudei para Três Lagoas, logo após me afastei para fazer o mestrado em 1980 e 1981, mas não concluí. Eu tenho os créditos, porém no exame de qualificação o professor zerou minha prova, não foi questão de conhecimento, acho que foi questão pessoal e eu não quis discutir, larguei tudo e vim embora da USP de São Carlos. Não me fez falta, porque o conhecimento eu tinha, eu fiz muitos créditos, até para o doutorado, só que eu não fiz o trabalho de monografia, mas não fez falta. Eu trabalhava muito, me afastei para estudar e quando o tempo acabou eu retornei a Três Lagoas e me deram vinte e quatro aulas nas costas [risos], era uma carga horária muito alta, dificultando que eu estudasse para o exame de qualificação. Nessa época, na qual fui estudar, eu já tinha deixado as aulas no estado de São Paulo, porque já tinha federalizado a universidade e eu optei por trabalhar em período integral e por força da lei você só pode ter esse serviço, sendo assim eu tive que me afastar do estado e fiquei só em Três Lagoas.

⁴¹ João Pereira da Rosa é médico anesthesiologista e foi o primeiro reitor da atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1970-1978).

⁴² O professor está se referindo que o município de Três Lagoas possui uma hora a menos que o fuso horário de Brasília.

Aposentei-me em 1995, foram vinte e quatro anos só na universidade. Nestes anos estive várias vezes em Campo Grande participando de cursos, foi um trabalho muito bom, bem produtivo, criamos uma estrutura melhor dentro do Centro Universitário. Hoje já não sei como é que está a estrutura, porque quando nos aposentamos já nos afastam da instituição, porque você não corresponde a mais nada do que eles precisam. Quando me aposentei mudei-me para Mirandópolis em 2000 e lá fundamos a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mirandópolis⁴³ e ajudamos na implantação da UNIESP⁴⁴ de Guararapes.

N: Que legal!

A: Eu estive na criação, trabalhei com o Professor Fernando⁴⁵ em Mirandópolis e em Guararapes. O Ademar Peixoto Martins⁴⁶ foi o primeiro diretor de Guararapes. Em 2003 voltamos para Andradina, ficamos dois anos lá. Depois disso tive um problema de saúde e meus filhos me curaram [risos]. O Halan, que é médico cardiologista, e o Alex Castanheira Sampaio e a esposa são psicólogos clínicos. Nós mudamos de volta para Três Lagoas, vai fazer um ano que nós moramos aqui.

A Cidinha⁴⁷, minha esposa, é formada em Pedagogia e aposentou-se do estado. Ela lecionava em Andradina e depois em Jupiá, pois era só atravessar um rio, ela viajava todo dia. Em Três Lagoas ela fez o curso de Espanhol e foi convidada a ministrar aula na escola que ela se formou, depois foi convidada para trabalhar na FUNLEC⁴⁸, Fundação Lowtons de Educação e Cultura, que é uma escola de primeiro e segundo grau.

N: O Professor poderia contar sobre a estrutura física da universidade?

⁴³ A Faculdade de Mirandópolis começou a funcionar em 1999, primeiramente, em prédio alugado e em 18/08/2000 passou a atender em seu prédio próprio.

⁴⁴ União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privadas é um grupo educacional que iniciou suas atividades em 1999, unificou toda sua rede de Faculdades e Centros Universitários sob a direção de uma única organização mantenedora.

⁴⁵ José Fernando Pinto da Costa possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1981), é engenheiro aposentado pela CESP e foi Reitor da Universidade do Brasil até 2019.

⁴⁶ Ademar Peixoto Martins foi professor, vereador da cidade de Castilho por quatro mandatos não consecutivos e também fundador de uma faculdade e Dracena - SP e Naviraí - MS.

⁴⁷ Maria Aparecida Castanheira Sampaio.

⁴⁸ Atualmente é denominada por Escola Hermesindo Alonso Gonzales, porém foi criada no ano de 1967 como Grupo Escolar Hermesindo Alonso.

A: Em 1970 e em 1971 ela funcionou no lugar que chamávamos de Patronato⁴⁹, mas é uma escola dos padres que pertence ao Salesiano⁵⁰ de Campo Grande. A escola é de primeiro e segundo grau, mas o governo e a prefeitura cederam o prédio para funcionar a faculdade. Em 1972 o governo do estado já tinha construído o prédio do Centro Pedagógico de Três Lagoas, era ali perto de onde fica o prédio do exército, nós funcionamos muito tempo naquele lugar, tivemos curso diurno e noturno. A Matemática funcionou dois anos com o curso diurno, só dois anos, porque a procura pelo curso se dava pelo período noturno.

Tínhamos alunos que eram funcionários do governo do estado que queriam se qualificar e faziam o curso também. Outra coisa, depois que ficou pronto a barragem e os carros passavam por cima da barragem, o pessoal da Ilha Solteira, e de Andradina começou a frequentar o Centro Universitário. O pessoal de Ilha Solteira começou a vir de ônibus, o curso era noturno, já a prefeitura de Andradina e Castilho colocou um ônibus ou uma tinha Kombi, então ampliou bastante a clientela. Os alunos de Ilha Solteira foram formados aqui em Três Lagoas, muita gente de Andradina fez o curso aqui em Três Lagoas, depois que federalizou passou a ser gratuito e não precisava pagar a mensalidade.

Essa era a frente [mostra uma foto] do Centro Pedagógico no tempo da estadual, o nosso governador era o Pedro Pedrossian⁵¹. Não tinha espaço para sala de professor, o que ocasionava discordâncias. Tinham os cursos de Matemática, Letras, Pedagogia, História e Geografia, começaram com estes e depois veio Biologia que eu te falei da implantação do curso de Ciências com habilitação em Matemática e Biologia, isso em meados de 1980.

⁴⁹ Escola Paroquial Bom Jesus iniciou suas atividades em 1957. De 1970 até abril de 1971 funcionou nos locais do Patronato a Faculdade de Filosofia, com seus primeiros cursos. No ano de 1998, por meio do Decreto nº 9.104 de 12/05/1998, passa a ser denominada como Escola Estadual Bom Jesus. Disponível em: < <https://sites.google.com/site/eebomjesustl/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

⁵⁰ Os Salesianos chegaram a Cuiabá/MT em 18 de julho de 1894, fundando a Missão Salesiana de Mato Grosso/MT. A Missão Salesiana de Mato Grosso administra mais de 20 escolas, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande/MS e o Uni SALESIANO – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – em Lins e Araçatuba/SP. Disponível em: < <http://unisalesiano.com.br/lins/historico/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

⁵¹ Pedro Pedrossian era formado em Engenharia Civil pela Universidade Mackenzie na cidade de São Paulo, foi eleito governador do estado de Mato Grosso no ano de 1966-1971, eleito senador do estado de Mato Grosso do Sul em 1979 e permaneceu até 1980, quando renunciou para assumir o governo do Estado, já que Marcelo Miranda havia sido exonerado do cargo por motivos políticos eleitorais, assim ocupou o cargo de 1980-1982. Novamente foi eleito governador do Estado de Mato Grosso do Sul 1991-1994. Pedro Pedrossian criou três universidades públicas: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Pedro Pedrossian faleceu em 2017 aos 89 anos.

N: O Professor poderia comentar sobre o Projeto Político Pedagógico?

A: Existia, mas não o tenho. Sempre trabalhamos sob a égide do projeto pedagógico. Nenhuma instituição é autorizada a funcionar sem um projeto pedagógico. O processo de autorização de qualquer curso de nível superior depende de aprovação do Conselho Federal de Educação. No conselho nada é aprovado se não tiver dentro dos padrões. O projeto era da universidade, cada Centro Pedagógico tinha que fazer o seu de acordo com a sua realidade (professores, titulação e a realidade do meio), o nosso enfoque era a formação de professores e os cursos, e as palestras de extensão eram adequadas ao projeto da universidade.

N: Professor, e qual a sua percepção sobre o movimento de criação dos cursos de Matemática na região?

A: A única Universidade no Brasil, à época, que tinha seus Centros Universitários ou Pedagógicos Isolados era a Universidade Estadual de Mato Grosso. Tinha a UNESP⁵² em Botucatu⁵³ com o curso de Medicina e Medicina Veterinária, criaram a UNESP e englobaram Botucatu dentro dela, mas a UNESP de Botucatu era uma instituição isolada. Então você observa o estado de Mato Grosso, à época que foi criado, foi o primeiro a ter uma universidade da qual tinham os polos de desenvolvimento na região. A universidade foi muito bem estruturada para o desenvolvimento do estado que era isolado, além de ser muito grande. Tinha Campo Grande como a segunda cidade do estado, divisa com Paraguai, com o estado do Paraná, com o estado de São Paulo, mas o Rio Paraná isolava todo mundo e à época não existia ponte. Então a universidade foi planejada para o desenvolvimento regional do estado, muito bem planejada, muito bem colocada para o desenvolvimento da região, esse foi o objetivo principal.

Talvez as pessoas não pensem, mas os objetivos da universidade foram cumpridos plenamente para época, mesmo porque o curso era para formar professor, por exemplo, na USP de São Carlos não existia licenciatura, agora Paranaíba realmente cumpre o seu objetivo, pois o curso é para formar professores. Lembro que

⁵² Criada em 1976 a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

⁵³ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 240 km da capital São Paulo.

o professor Noriyoshi Massunari⁵⁴ e a Marlene⁵⁵ foram para lá no começo. Também o professor Edson Carvalho⁵⁶ foi para lá, ele era de Mirandópolis, nós que trouxemos ele para Três Lagoas, o Celso⁵⁷ também convidamos para vir trabalhar na universidade conosco.

Depois que federalizou o que ocorreu? Houve uma absorção do quadro funcional, foi aproveitado o quadro de professores e quem quis ficar ficou, quem quis sair saiu. E a partir daí passou a ter a estrutura da Universidade Federal, simplesmente passamos a ser estatutário. Na estadual éramos contratados pela CLT⁵⁸ por hora/aula, depois passou a ser por período. Quando passamos para regime federal, fomos reavaliados e tivemos que preencher um questionário de enquadramento e avaliação extenso, não foi todo mundo enquadrado a bel prazer, você era enquadrado de acordo com a titulação que você tinha à época. Foi a primeira transformação, a estrutura não mudou muito porque a Universidade Estadual já tinha praticamente toda a estrutura da federal, só mudou algumas como o Germano falou, o que houve foi uma estabilização do quadro funcional. Com a federal passamos a ter um plano de carreira o que a estadual não tinha, começamos a trabalhar com um cronograma de acordo com seu quadro funcional de vinte ou quarenta horas ou ainda com dedicação exclusiva. Na estadual não tinha isso, era pago por aula, mas a estrutura da universidade, os conselhos universitários, os departamentos eram praticamente idênticos, o que aumentou

⁵⁴ Não encontramos mais informações do professor.

⁵⁵ Professora Marlene Durigan possui graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1978), mestrado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1991) e doutorado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995). A Professora é uma das colaboradoras deste trabalho.

⁵⁶ Professor Edson Rodrigues Carvalho possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro (atualmente, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) (1969-1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1987), doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e pós-doutorado pelo Departamento de Mecânica Computacional da Faculdade de Engenharia Mecânica da UNICAMP. O Professor é um dos colaboradores deste trabalho.

⁵⁷ Professor Celso Correia de Souza possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis (1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (1985), doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (1994). É professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), câmpus de Três Lagoas, MS.

⁵⁸ A Consolidação das Leis do Trabalho surgiu pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas, unificando toda legislação trabalhista existente no Brasil.

foram as leis em relação ao cumprimento das obrigações, isso aumentou bastante.

Quando era a estadual o professor dos Centros Universitários não podia afastar-se para estudar, mas lá em Campo Grande podia. Com a federalização foi aberto um processo para quem queria se afastar, só que não foi tão simples, porque o número de professores que o departamento tinha era baixo e se você se afastasse as aulas precisavam ser repassadas para os outros que ficavam. O quadro era pequeno, nós tínhamos quatro ou cinco professores, não tinha muito, não eram trinta professores como hoje.

O departamento de Matemática tinha o professor de Física e o professor de Desenho, mas o professor de Física só dava aula de Física, não dava aula de Matemática, o de Desenho Geométrico só dava aula de Desenho Geométrico, não dava de Matemática. Quem que trabalhava com Matemática? Nós três: o Celso, o Edson e eu. O Celso é de Penápolis, também se formou lá, o Edson se formou na UNESP de Rio Claro⁵⁹, eles fizeram mestrado e doutorado, mas não na área de Matemática, foi na área de Engenharia Aplicada. O único que fez Matemática Pura fui eu. Estudar Matemática tem que ter dedicação, porque é uma ciência que está em todo lugar.

Em 1974, 1975 ou 1976 teve o pósgrad⁶⁰, o MEC lançou esse programa, era pós-graduação à distância, conseguimos praticamente que todos os professores da Matemática e da Biologia do Centro fizessem o pós-grad e isso foi muito bom, porque você acompanhava o curso por correspondência, mas ocorreram algumas aulas presenciais, tiveram que ir a Campinas⁶¹, o curso era oferecido por instituições públicas como a UNICAMP⁶², USP e as federais, não foi Instituição privada. Nesta época muitos professores já se engatilharam para fazer o mestrado, já começaram a fazer os contatos.

N: Poderia me contar como surgiu a docência em sua vida?

A: Tinha o distrito de Três Alianças⁶³ que pertence a Mirandópolis, a estrada era toda de terra e chovia muito, tinha um grupo escolar na Primeira Aliança e eu levava professores para dar aula lá e quando faltava professor, porque eles abonavam, eu

⁵⁹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 524 km da cidade de Três Lagoas/MS.

⁶⁰ Programa de apoio à Pós-Graduação a distância.

⁶¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 99 km da capital São Paulo.

⁶² Universidade Estadual de Campinas foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966.

⁶³ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 612 km da capital São Paulo.

os substituí. Como eu tinha o diário tudo arrumadinho e deu certo da primeira vez que dei aula, virou praxe. As primeiras aulas que eu ministrei foram no curso primário, trabalhei com crianças de primeira série, segunda série, terceira série e quarta série⁶⁴, depois trabalhei com colegiais, ou seja, lecionei para todas as etapas de ensino. Gostava da profissão, eu e minha mulher fizemos um trabalho bom, nos sentimos satisfeitos, periodicamente encontramos ex-alunos, quando eles não fogem da gente é porque gostaram.

N: O Professor gostaria de acrescentar algo?

A: O que mais me surpreendeu em 1972, quando estreiei na sala de aula para ministrar a disciplina Cálculo Diferencial e Integral na Faculdade Rui Barbosa em Andradina, minha professora da oitava série de Matemática, a que tinha me emprestado o Livro de Teoria dos Conjuntos de Benedito Castruci, era minha aluna [risos]. Acredito que é isso o que eu teria para falar, mas quero dizer que você pode ficar à vontade para me perguntar o que precisar.

N: Combinado. Professor como conversamos anteriormente, irei transcrever a entrevista, posteriormente escrever um texto e enviar ao senhor para que olhe e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua fala em minha pesquisa.

A: Sim. Se eu me lembrar de mais coisa lhe chamo.

N: Combinado. Obrigada professor pela atenção, um abraço a todos! E obrigada por enquanto.

A: Para vocês também!

N: Tchau!

⁶⁴ Atualmente denominamos estas etapas de ensino como 1º ao 5º ano do ensino Fundamental.



Fonte: arquivo das redes pessoais do professor

PROFESSOR
EDSON RODRIGUES
CARVALHO



PROFESSOR EDSON RODRIGUES CARVALHO

Natalia: *Bom dia! Hoje, dia 05 de novembro de 2020, vamos falar com o Professor Edson Carvalho. Professor, muito obrigada por ter aceitado o convite para conversar conosco. É comum em nossas pesquisas, pedirmos que o nosso colaborador se apresente da forma que queira ser apresentado em nossa tese. Então, peço que o senhor se apresente.*

Edson: Meu nome é Edson Rodrigues Carvalho, sou de Mirandópolis¹, estado de São Paulo, fiz o meu ensino básico em Mirandópolis, de primeira à quarta série² - alfabetização, depois fui para o ensino ginásial³, que era de quinta a oitava série⁴, posteriormente cursei o ensino secundário⁵, em meados da década de 1960, na época esses eram os nomes atribuídos às formas de ensino, parecidos com os de hoje; o ensino secundário tinha três vertentes: o curso normal, o curso clássico e o curso científico. O curso normal tinha uma vantagem, principalmente para quem não tinha condições de continuar os estudos, pois terminado os três anos você poderia ser professor de ensino de primeira à quarta série, era algo interessante, porque existia muita necessidade de professores, e de fato tinham muitas escolas em sítios, fazendas, além das escolas da cidade.

Eu não tinha nenhuma perspectiva de fazer uma faculdade, porque Mirandópolis ficava distante de grandes centros. O maior centro nas proximidades de Mirandópolis era Araçatuba⁶, mas que ainda não tinha faculdade nesse período. Faculdades públicas só existiam em cidades com mais de cem mil habitantes, quando existiam.

Eu não sairia de Mirandópolis para estudar em uma faculdade particular que dava no mesmo, não tinha condições, então a faculdade mais perto devia estar a 200 km ou mais, não tinha condição de sair para cursar, por isso que eu fiz o curso normal.

¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 596 km da capital São Paulo.

² Atualmente, esta etapa de ensino corresponde com o 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

³ Atualmente, esta etapa de ensino corresponde do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O curso ginásial era uma etapa do ensino secundário, foi criado pelo Decreto nº. 4.244 - conhecido como a Reforma de Capanema. A reforma propunha que o ensino secundário fosse dividido em duas etapas, sendo a primeira, o ginásial, que teria duração de quatro anos e a segunda etapa o aluno escolheria entre a modalidade do científico ou do clássico, sendo a duração de cada uma delas de três anos.

⁴ Atualmente, esta etapa de ensino corresponde com o 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

⁵ O ensino secundário era o nível de ensino pós primário, que corresponderiam aos atuais anos finais do ensino fundamental e o ensino médio.

⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 523 km da capital São Paulo.

Fiz também um ano de curso clássico, porque você podia fazer dois cursos, o clássico e o científico, eram cursos noturnos e esse normal era diurno. Então, por um ano, eu fiz o curso normal e o clássico juntos. O clássico era um curso de Letras, Português, Literatura Portuguesa e Estrangeira, Inglês, Literatura Inglesa, Francês e Literatura Francesa, Latim e mais algumas coisas, eu fiz só um ano, porque eu estava ficando muito cansado e eu jogava futebol.

No final do curso normal tive uma mudança de planos na minha vida, de forma inesperada e tive a oportunidade de mudar para Rio Claro⁷, perto de Campinas⁸, estado de São Paulo. O motivo da mudança foi para acompanhar uma irmã, cujo marido que trabalhava em um banco, foi transferido para lá. No final de outubro eu fui para Rio Claro, para dar uma olhada, fui junto com meu cunhado e descobri que lá tinha o curso de Geografia, História Natural, Geologia, Física, Matemática e, talvez, alguns outros de que não me lembro. Como eu fiz um ano de clássico era mais fácil eu cursar Letras do que cursar Matemática, porém não tinha Letras.

Tomei uma decisão e optei em fazer Matemática, embora não tivesse feito o curso científico. Apesar de que eu não conhecesse a Matemática do ensino secundário, estudei por cerca de três meses, aproximadamente os conteúdos dos três anos, e de certa forma consegui apreender os conceitos desses conteúdos que permitiram com que eu fosse aprovado no vestibular. Este, se não me falha a memória, consistiu em uma prova de redação, uma prova de conhecimentos gerais e uma prova de conhecimentos específicos. Um fato importante para que eu tivesse tido sucesso no vestibular, foi que eu era muito bom na Matemática que corresponde hoje, a do ensino fundamental II⁹. Os estudos que antecederam ao vestibular ocorreram nos meses de novembro, dezembro, janeiro e início de fevereiro. Eu estudava, em média, 12 horas por dia

Fiz o vestibular e consegui passar. De cinquenta vagas eu fiquei em trigésimo quarto lugar e comecei o curso de Matemática. Naquela época a faculdade chamava “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” e era um instituto isolado da USP¹⁰, que virou a UNESP¹¹ em 1977, lembro que foi em 1977 que houve uma reestruturação no

⁷ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 450 km de Mirandópolis/SP.

⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 83 km de Campinas/SP.

⁹ Atualmente, esta etapa de ensino corresponde do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

¹⁰ A Universidade de São Paulo (USP), é uma das instituições públicas de ensino superior mais importante do Brasil, pois é responsável por grande parcela da produção científica do país.

¹¹ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

estado de São Paulo e institutos isolados existentes formaram a UNESP. Cursei Matemática de 1969 a 1972.

Nos primeiros meses tudo era novo para mim. Fui estudando cada vez mais, pois o curso era integral (manhã e tarde). Eu começava sete horas da manhã e ia até seis da tarde, eu ficava o dia todo na faculdade. As disciplinas eram todas anuais. O curso era de licenciatura, mas era equivalente, nos dias hoje, a um bacharelado.

Com relação ao desenvolvimento do curso de Matemática, observei que havia uma preocupação em fornecer uma forte formação em Matemática. A ideia era que se você tivesse uma formação robusta em Matemática, então você seria capaz de ensinar. As disciplinas de Psicologia da Educação, Didática e Estágio eram ministradas nos últimos anos do curso. Mas nem todos os professores pensavam assim. A disciplina de Estágio Supervisionado foi ministrada pelo professor Dante¹², no último ano do curso, e ele não pensava exatamente assim. Tive a sensação que essas divergências de ideias, com relação ao ensino, causou algum desconforto entre os professores da época. De fato, no mundo já existia um movimento de mudança com relação ao ensino, mas aqui no Brasil, para as instituições públicas, foi muito difícil essa transição. O professor Dante, por exemplo, era partidário dessa mudança a respeito do ensino, mas muitos professores, respeitados por suas competências, não aceitavam com tranquilidade essa nova visão do ensino, era difícil para eles.

Voltei para Mirandópolis quando terminei o curso, comecei a dar aula no ensino fundamental¹³ como substituto. Depois eu consegui passar em um concurso do estado, tornei-me professor efetivo em Mirandópolis. Em primeiro de agosto de 1974 eu fui convidado para trabalhar na Universidade Estadual de Mato Grosso, estava faltando professor, eles não tinham professor de Estatística e me chamaram para dar aula desta disciplina no curso de Pedagogia, mas como no curso de Matemática não tinha professor que queria dar aula de Estatística, gradualmente eu fui dando aula no curso de Matemática também. O curso era noturno e eu viajava, porque trabalhava o dia inteiro na escola na qual eu era efetivo, mas não ia só eu, tinham mais professores que faziam essa viagem, eles eram de outras áreas, mas íamos juntos, nós revezávamos o carro.

¹² 103 Professor Luiz Roberto Dante é Livre-docente em Educação Matemática pela Unesp – Rio Claro (SP); Doutor em Psicologia da Educação: Ensino da Matemática pela PUC/SP; Mestre em Matemática pela USP; Licenciado em Matemática pela Unesp – Rio Claro/SP.

¹³ Atualmente este nível de ensino faz parte da educação básica, obrigatório para todas as crianças na faixa etária de 6 a 14 anos com duração mínima de 9 anos.

Em 1979 houve a mudança para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o estado não tinha muito recurso, a universidade, enquanto estadual, tinha dois prédios, aquele que fica na entrada da cidade, [localizado Av. Ranulpho Marques Leal], que entrou em atividade em 1975 ou 1976, eu não me lembro exatamente a data, e o prédio antigo, [localizado na Av. Cap. Olinto Mancini].

A universidade conseguiu um dinheiro para dar uma reformada no prédio da entrada da cidade, eu não lembro o que funcionava nele, e aos poucos alguns cursos foram sendo transferidos para lá. O curso de Biologia foi o primeiro a ser transferido, e posteriormente o de Matemática.

Quando houve a federalização da universidade melhorou muito, houve uma reestruturação, os laboratórios melhoraram, a biblioteca ampliou um pouco mais, de modo que a mudança foi benéfica com a transformação para federal. Mesmo assim ainda era pouco, porque a maioria dos professores da universidade não tinham formação de pós-graduação e isso era uma luta para conseguir, porque não tinha dinheiro suficiente para mandar todo mundo fazer mestrado ou doutorado e ter que contratar alguém para colocar no lugar, só era possível sair para cursar o mestrado ou doutorado, se o colega segurasse as pontas, ou seja, desse o dobro de aulas, funcionava assim e era uma situação difícil.

Funcionava muito politicamente esse negócio, não havia muita transparência. As direções dos Centros Universitários que decidiam quem iria, eu só consegui sair para fazer o mestrado dez anos depois, exatamente no segundo semestre de 1984. Eu fiquei dez anos substituindo para que os outros colegas pudessem sair, não podia contratar professor, naquele período eram sete professores em média para dar aula de Matemática e ainda atender alguns cursos fora, então tinha muita aula. De 1984 a 1986 fiz mestrado em Matemática Aplicada no Instituto de Matemática Aplicada da UNICAMP¹⁴, trabalhei com a área de análise numérica.

Retornei para Três Lagoas e trabalhei até 1990. Em 1990 eu saí novamente para fazer o doutorado. De 1990 a 1995 eu fiz o doutorado no departamento de mecânica aplicada na Faculdade de Engenharia Mecânica da UNICAMP, trabalhei com métodos numéricos aplicados em problemas relacionados com fluídos e com estrutura, eu permaneci em Três Lagoas por 33 anos, até o final de 2007. No final de

¹⁴ Universidade Estadual de Campinas foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966.

2007 eu fui redistribuído para a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD¹⁵), que se separou da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2005 ou 2006.

Minha mulher passou em um concurso em Dourados¹⁶ e então eu pedi redistribuição para lá. Foi até muito bom, uma experiência nova, porque era uma universidade que estava começando, tinha muita coisa para se fazer. Eu cheguei a ser coordenador do curso de Matemática, foi uma boa experiência, com novos colegas, pessoas diferentes, com ideias diferentes, isso também foi muito importante na minha formação. Fiquei em Dourados até 2010, mais ou menos, uns três anos. No início de 2010 eu voltei pra UFMS, só que em Campo Grande¹⁷, para o Instituto de Matemática que é onde eu estou agora e tive um pouco mais de oportunidade de trabalhar, por exemplo, com o PROFMAT¹⁸. Em Três Lagoas, quando eu estava lá, não tinha mestrado, quando eu fui para Dourados também não tinha ainda, estava formando.

Quando eu cheguei à Campo Grande já tinha iniciado o PROFMAT, eu orientei alguns alunos, trabalhei também com um projeto de Olimpíadas de Matemática que existia aqui no estado, quem cuidava eram dois representantes, um o coordenador geral, mas o trabalho dele era mais técnico, e o outro era responsável por toda essa coordenação - era a professora Sonia¹⁹. Então quando eu estava em Dourados ela me convidou para trabalhar nas Olimpíadas, orientando alunos de escolas em Dourados. Quando eu vim para Campo Grande eu continuei aqui por um bom tempo, era um projeto excelente, porque você dava aula uma vez por semana para os alunos, tinha um material muito bem elaborado e os meninos eram todos do ensino

¹⁵ A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), foi criada do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O CEUD, antes Centro Pedagógico de Dourados (CPD) começou a funcionar em Dourados em 1971.

¹⁶ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 447 km de Três Lagoas/MS.

¹⁷ Capital do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 230 km de Dourados/MS.

¹⁸ O Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), é um programa de pós-graduação semipresencial stricto sensu em Matemática, que visa atender docentes de Matemática em exercício na educação básica, especialmente de escolas públicas.

¹⁹ Professora Sonia Angelina Garcia Modesto, possui licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1984), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Associação de Ensino de Cultura Urubupungá (1988), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997) e doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (2003). A Professora é uma das colaboradoras desta pesquisa.

fundamental, eles eram bons, era excelente. A Sonia até hoje trabalha com isso, embora tenha se aposentado.

De 2012 a 2019 eu exerci algumas funções administrativas aqui na UFMS, como coordenador de projetos de obras, coordenador de pesquisa e por uns três ou quatro meses eu acabei completando o mandato de pró-reitor de pesquisa. Agora eu só estou dando aula, nesse período que te falei, eu dava aula também, só que era uma disciplina. Eu nunca parei de dar aula, mas agora eu só estou cuidando disso, não quero mais saber desses cargos. Tenho uns quarenta e nove anos de sala de aula, não quis me aposentar, poderia ter aposentado em 2002, mas eu não quis, fiz todo o processo, mas não quis aposentar, quem sabe o ano que vem. Eu gosto do que eu faço, sempre gostei, só fiz isso!

N: Legal! O Professor poderia comentar sobre o processo de federalização da universidade. Os professores continuaram na universidade?

E: Eu fui efetivado quando ocorreu essa transição. Os professores que quiseram, ficaram, mas eu parei de dar aula no ensino básico em 1980 e fiquei somente na universidade, porque tinha que ter dedicação exclusiva, foi quando me mudei para Três Lagoas.

N: Na universidade em Três Lagoas o senhor ocupou outros cargos?

E: Eu fui duas ou três vezes, em todo esse período de trinta e três anos, coordenador de curso, acho que na década de 1980 eu fui uma vez e depois na década de 2000, 2006 eu também fui coordenador de curso. Fui chefe de departamento uma vez, eu não lembro quando. O Álvaro²⁰ e o Celso²¹ eram os professores que iniciaram o curso, eles eram chefe de departamento, ora era um, ora era o outro. Eles foram importantes nesse período, dedicaram todo o esforço necessário para fortalecer o curso de Matemática, e conseguiram.

²⁰ Professor Álvaro Sampaio, possui graduação e licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis. O professor é um dos colaboradores deste trabalho.

²¹ Professor Celso Correia de Souza, possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis (1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1985), doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (1994). É professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Três Lagoas, MS.

N: Nesses anos de docência, quais disciplinas o senhor lecionou?

E: Naquele período era difícil, não tinha muito professor, então você tinha que dar aula do que fosse necessário. Eu, particularmente, dei aula de tudo, de Cálculos, que eram dois ou três, Álgebra Linear, Álgebra, Vetores, Geometria Analítica, Geometria, Análise e Estágio Supervisionado, tudo isto em Três lagoas.

Logo no início da faculdade eu dei aula de Estágio, não havia um professor especialista nessa disciplina. Com relação a outras disciplinas específicas da Matemática, também não havia especialistas, assim, era preciso trabalhar em diferentes frentes. Atualmente, temos mais professores especialistas em diferentes áreas e não há necessidade disso, embora eu entenda que é importante que o professor interaja com disciplinas que aparentemente não se relacione com seu objeto de interesse.

Nesse período foi bom para mim, porque eu trabalhei com quase todas as disciplinas, o que me forçou a estudar e observar as interrelações entre elas. Em minha visão, penso que é muito importante que os professores da graduação troquem as disciplinas, trabalhem pelo menos duas vezes com a mesma disciplina, porque isso faz com que ele possa perceber relações que existem entre elas. Eu trabalhei com muitas disciplinas quando fui para Dourados; Cálculo, Geometria, Álgebra Linear, Cálculo Numérico e entre outras.

N: Quando o senhor chegou em Três Lagoas, o curso era licenciatura?

E: Era, depois houve uma mudança no projeto pedagógico, e por uma questão da época mesmo, virou Ciências com habilitação em Matemática ou em Ciências, os alunos podiam escolher, depois acabou isso e voltou a ser licenciatura em Matemática. As datas eu não lembro, acho que foi no início do ano de 2000 que teve um curso de bacharelado, continuou o curso de licenciatura em Matemática, se não me falha a memória, e foi montado um curso de bacharelado em Matemática Aplicada, ficaram os dois, o bacharelado era durante o dia.

Com o tempo começou a não ter aluno, porque sendo nossos alunos oriundos de regiões mais pobres, eles precisavam ter uma resposta de trabalho mais imediata, o que era dada pela licenciatura e não pelo bacharelado. Sendo assim, acabou o curso por falta de aluno, tínhamos, inicialmente, uma ideia e depois a situação mostrou que a cidade não comportava. Embora tivéssemos alunos de fora da região, não era

suficiente. O pessoal preferia a licenciatura. Além disso, os alunos que começamos a receber não eram mais os mesmos da década de 1970, tinham muita dificuldade. O mundo e a educação foram mudando, e não para melhor, no sentido que gostaríamos. Assim, esse curso (bacharelado) passou a ser para alguns que realmente gostavam de Matemática.

Eu vejo que as pessoas vão fazer Matemática porque é onde conseguem uma vaga, não é porque elas gostam. Elas querem ter um curso superior para mostrar o diploma na empresa que trabalha, para ganhar mais, não porque elas gostam de Matemática. Esse gostar de Matemática pode ter a ver com o ensino nos anos iniciais (ensino fundamental), e na relação Escola-Família. Não é possível aprender Matemática (possivelmente outras coisas também) se você tem fome, tem família desestruturada e que deixa a responsabilidade total da educação apara a escola. No meu entendimento, não tem que discutir a importância da Matemática do ensino médio, não é ela quem determina, quem determina é a Matemática do ensino fundamental, porque se você souber bem isso, você aprende a outra e a que vem pela frente.

Eu que dou aula hoje em cursos de Economia, vejo a importância para eles da Matemática, embora vista como uma ferramenta. Observo que os alunos não sabem Matemática do ensino fundamental, por exemplo, para calcular a derivada de uma função elementar pela definição, eles têm de fazer manipulações algébricas, como fatoração e simplificação de expressões algébricas, e eles não sabem fazer isso, que é uma Matemática do ensino fundamental. Os alunos precisam saber a Matemática Básica, não importa se ele vai fazer Matemática ou não, mas não é isso que acontece hoje.

Então o curso de bacharelado não vingou por causa disso, já estava começando esse período difícil, o curso fechou, eu não lembro quando fechou, mas foi em meados de 2004 ou 2005.

Em 1974, quando eu fui para universidade, tinha diferença, por exemplo, a maior parte dos nossos alunos era de fora: Ilha Solteira²², Mirandópolis, Andradina²³, Guaraçai²⁴, Castilho²⁵, e mais o pessoal de Três Lagoas. Então tinham mais alunos

²² Cidade do estado de São Paulo, localizada a 66 km de Três Lagoas/MS.

²³ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 43 km de Três Lagoas/MS.

²⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 70 km de Três Lagoas/MS.

²⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 32 km de Três Lagoas/MS.

de fora do que da própria cidade, sempre tivemos muito aluno, o curso era concorrido, principalmente esses alunos de fora que eram do estado de São Paulo tinha uma boa formação, muito boa formação. O curso era noturno, eles trabalhavam durante o dia e vinham para aula e levavam tudo a sério, eram pessoas que tinham uma educação de casa, uma educação diferente, tinham responsabilidades, eles estavam lá porque eles precisavam, e você exigia. Não era como hoje que se você exige reprova 90%, tem as estatísticas e a universidade fica louca, porque as estatísticas estão baixas, o governo não vai mandar o dinheiro que precisa, a preocupação não é com o ensino, a preocupação é com a verba federal que a universidade precisa receber e que está vinculada a uma eficiência na aprovação. O fato de o conhecimento matemático ser cumulativo parece não influenciar nessa decisão.

Eu não estou dizendo que está errado hoje, por exemplo, ter certas políticas importantes visando inserir o aluno. Não estou dizendo que não tenha que fazer isso, que o professor não tem que ter sensibilidade, que não tem que perceber certas situações, mas éramos sensíveis antes, percebíamos quando havia certa dificuldade e nós próprios resolvíamos isso, será que eu preciso dar mais uma oportunidade? Vamos dar, éramos razoáveis, não era algo bruto, tão bravo, não era um sistema tão rígido, era sério nesse sentido, não deu? Não deu e ponto, já fiz o que eu podia fazer por você, agora é a sua parte. Hoje eu acho que tem muita coisa boa, eu fui uma das pessoas que não me importava com a Educação Matemática, por causa da minha formação.

O que eu achava, na década de setenta, era que a visão, por exemplo, do professor Dante, sobre uma nova forma de ensino, não servia. Mas é claro que eu evolui, eu comecei a perceber que você tem que mudar, as coisas não são desse jeito, tem que fazer muito mais do que você faz. Então, eu compreendi e fui mudando também, hoje entendo, não concordo com algumas coisas, mas também não concordo com algumas coisas de antes. Tem que ter o equilíbrio, fazer a sua parte e olhar o tempo em que você está, as coisas mudam.

N: Sim. O Professor poderia nos dizer qual era ao perfil do aluno em 1974?

E: A maioria era mais maduro, mas tinha também um bom percentual de alunos novos, mas a maioria era mais maduro, principalmente porque o curso era noturno, então dava mais oportunidade para essas pessoas. Houve uma época em que nós colocamos o curso no período da tarde, eu não sei se ele saiu da noite e veio para

tarde e depois voltou para noite ou se abrimos uma turma à tarde e continuou a outra de noite, isso eu não consigo lembrar mais, o professor Celso deve saber disso com mais clareza, mas durante o dia tínhamos alunos mais novos, porque os mais maduros trabalhavam em empresas. Nós tínhamos muitos alunos da CESP²⁶, lembra-se da antiga CESP?

N: Lembro.

E: A usina é em Ilha Solteira e tinha muito emprego. A maioria dos nossos alunos, que vinham de Ilha Solteira, eram todos da usina. Eles precisavam de mais formação, então eles levavam a sério o negócio, a empresa exigia isso deles, é uma característica daquele período, meados da década de 1970.

A ideia era formar o aluno para ser licenciado em Matemática e trabalhar no ensino fundamental e médio, essa era a ideia. Embora, bem no início ninguém estava preocupado como ia fazer isso, por exemplo, eu dei aula de Estágio Supervisionado, eu reunia os alunos e conversava com eles, pegava uns livros do ensino fundamental e médio e depois eles tinham que contatar a escola ou o professor da disciplina e ver o que estava sendo trabalhado e preparar uma aula para aplicar, um dia, no lugar do professor, e eu ia assistir. Eu tive que viajar para Ilha Solteira, para Mirandópolis, para Guaraçai, onde o aluno fosse eu ia assistir a aula e anotava tudo, para que depois eu pudesse discutir com ele. Isso de 1974 a 1979, depois eu não mexi mais com isso, então não sei como é que foi dado. Os professores achavam que tinha que fazer isso no Estágio e como eles lecionavam Álgebra e outras coisas, achavam que não precisavam fazer isto.

N: Certo. O Professor poderia comentar sobre o projeto político pedagógico?

E: Não é como hoje. Naquele tempo, quando montou o curso²⁷, veio o projeto pedagógico montado e ele permaneceu por muitos anos. Tomávamos conhecimento, às vezes, em reuniões do colegiado, que eu não sei como é que chamava o conselho à época. O coordenador e os demais, que faziam parte da comissão, às vezes, reuniam-se com todos os professores. Hoje, por exemplo, os professores não tem

²⁶ A Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira é a maior usina da Companhia Energética de São Paulo (CESP), no Estado de São Paulo. É a terceira maior usina hidrelétrica do Brasil. Está localizada no Rio Paraná, entre os municípios de Ilha Solteira/SP e Selvíria/MS.

²⁷ O professor está se referindo em meados da década de 1970.

acesso, existe o conselho, que é o coordenador e mais cinco membros, eles que se reúnem e discutem o curso, os outros professores não participam da reunião. Antes era melhor, havia uma reunião geral, embora fosse uma quantidade menor de pessoas, porque hoje são quarenta professores e fica mais complicado. Eu acho também que tem que separar e depois comunicar, mas não somos comunicados, de repente isso acontece porque eu não dou aula no curso de Matemática.

Antes era assim, reunia todo mundo do curso, se eram dez professores, reuníamos, sentávamos e discutíamos, o coordenador mencionava o objetivo do curso e cada disciplina tinha seu objetivo, ele dizia que quando fossemos dar aula de Álgebra Linear tínhamos que dar uma olhada no projeto e ver qual era o objetivo da disciplina para que pudéssemos atender. Então era uma conversa normal, se as pessoas faziam isso eu não sei, tínhamos que fazer um plano de ensino e colocar os objetivos, então nós acabávamos olhando no projeto pedagógico para ver como é que era. Eu acredito no seguinte, que a maioria dos professores nem ligava para isso, ia e dava a aula dele e acabou. Hoje ainda acontece a mesma coisa.

N: Entendi, o senhor tem conhecimento de outros cursos de Matemática na região do Bolsão?

E: Com a criação da UNESP em 1977, na Ilha Solteira, não sei se o curso de Matemática veio de imediato, acho que a Matemática veio depois, a vinda da universidade dividiu um pouco os alunos conosco, mas não houve tanto prejuízo. A UNESP foi a primeira que apareceu perto de Três Lagoas, antes não tinha, depois começaram a aparecer as escolas particulares, eram todas do mesmo dono, eram em Andradina, Dracena²⁸ e Mirandópolis, mas não nos incomodava, porque na UFMS o curso não era pago e isso era melhor para o aluno. Acho que a partir de 1980 começou, ainda que tímido, a aparecer outros cursos de Matemática na região, em 1990 começou a ter mais, 2000 já estava tendo uma grande expansão.

Ilha Solteira veio depois. Nesse início só tinha Três Lagoas, isso foi importante, porque como eu disse para você, no final da década de 1960, não tinha curso superior nas proximidades, quando abriu em Três Lagoas foi um negócio importantíssimo, por isso que vinha gente de Mirandópolis para fazer curso lá, porque Mirandópolis, com

²⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 120 km de Três Lagoas/MS.

exatidão dá 90km de lá. Então acho que em um raio de 100 km tinha alunos, pois era uma novidade.

N: O Professor poderia nos comentar sobre a locomoção das cidades do interior de São Paulo até Três Lagoas?

E: Antes da construção da usina hidrelétrica, havia uma ponte que ligava o estado de São Paulo com Mato Grosso, ponte esta que veio importada da Inglaterra e servia para passagem de carro e trem.

N: Sim.

E: Não passa mais por cima da usina, mas quando você contorna e sai de Três Lagoas, ali indo para o estado de São Paulo, você vê uma outra ponte do lado direito, não vê?

N: Sim.

E: É esta ponte a que me referi e que pode ser vista quando você sai de Três Lagoas em direção a São Paulo. Eu passei naquela ponte algumas vezes, mais isso foi na década de 1960, porque eu ia jogar futebol em Três Lagoas, tínhamos que passar, pois era a única ponte que existia, porque estava construindo a usina, tinha que esperar o trem, porque tudo passava ali: trem, carro e você tinha que chegar e parar, tinha uma sinalização e você esperava para ver se não estava vindo ninguém.

Na década de 1970, já existia a usina, não me lembro se foi em 1969 que ela começou a funcionar, mas como eu fui para Três Lagoas só em 1974, já era a usina. Passava por cima, não era mais aquela ponte que foi desativada, o acesso ficou mais fácil, ajudou muito.

A construção dessas pontes é um marco. Um exemplo disto é a divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul, ali em Santa Fé do Sul e Aparecida do Taboado. A cidade de Paranaíba²⁹ não tinha acesso a Três Lagoas, porque a estrada é muito ruim, lembro-me de que na época, que eu ia dar aula em Paranaíba, estraguei muito o pneu do meu carro, levei muito prejuízo, porque voltando à noite você não enxergava buraco, era um perigo aquela estrada.

²⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 179 km de Três Lagoas/MS.

N: Professor, o curso de Três Lagoas teve contribuição com o de Paranaíba?

E: Teve, principalmente pela disposição da Marlene³⁰, que à época era diretora do Câmpus de Paranaíba. No caso da Matemática, ela entrou em contato com os professores, mas nem todo professor quis, eu disse que ajudava porque ela pediu, não exigiu nada, mas eu e a professora Lilian³¹ ajudamos para iniciar o Câmpus de Paranaíba, acho que professores de outros cursos também.

N: Legal! O Professor poderia nos dizer como era o ingresso do docente na universidade?

E: Na década de 1980 começaram a aparecer os concursos. Tínhamos certa dificuldade, porque todos queriam contratar professor. Não tinha muitos professores no curso, era uma disputa terrível nesse período, causava até desconforto e tinha as questões políticas. Não havia muito dinheiro para a universidade nesse período, então foi difícil contratar. A Matemática sempre era deixada para traz, o professor Menoni³², que leciona ainda em Três Lagoas, ele é desse período da década de 1980, não sei exatamente que ano, ele foi diretor, ele pode até acrescentar algumas coisas que eu esqueci, ele foi muito ativo em Três Lagoas, inclusive politicamente.

N: O senhor poderia comentar sobre a relação da Matemática e da Educação Matemática no curso de Três Lagoas?

E: Sempre existiu um embate. Mas é por conta da formação dos professores desse período, pois entendiam que o importante era saber Matemática, se ele soubesse Matemática ele sabia dar aula, essa era a visão, pois se estou preparado e eu conheço

³⁰ Professora Marlene Durigan possui graduação em licenciatura Plena Em Letras Português Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1978), mestrado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1991) e doutorado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995). A Professora é uma das colaboradoras desta pesquisa.

³¹ Professora Lilian Milena Ramos Carvalho, possui graduação em licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1998), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutorado em Ciências da Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo (2005).

³² Professor José Antônio Menoni, possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1983), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) e doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (2004).

o que eu vou fazer, eu encontro alternativas para ensinar. Os professores se baseavam nisso, tinha que “saber Matemática”. Quando começou um viés diferente, no sentido de que precisava se preocupar com metodologia, tinha que ter um olhar diferente para o aluno nesse aspecto, os professores que não gostavam disso e não tinham interesse, começaram a olhar as pessoas que tinham de forma diferente, como fizeram os professores em Rio Claro com o Dante. Isso acontecia também em Três Lagoas, como acontecia aqui em Campo Grande e que acontece até hoje, ainda tem gente assim.

Hoje a Educação Matemática no país está um pouco mais sólida. Mas quando ela iniciou aqui, havia muita informação e precisava sistematizar. Mas isso é um processo que demora, não é do dia para a noite. Eu acho que ainda tem muito que fazer na Educação Matemática, tem muita coisa, porque essas duas coisas não podem ser separadas, é claro que o educador matemático, que faz Matemática, sabe que tem que ter o conhecimento e ele também busca esse conhecimento, ele sabe disso, ele é um professor de Matemática também. O problema é que não é muito fácil isso, ligar essas duas coisas, é um trabalho, as pessoas começam muito devagar, vai para lá e vai para cá, acho que isso serve, isso não serve, então ficou complicado, e aquele professor que só está preocupado com conhecimento e não está preocupado com a transmissão dele, talvez esteja preocupado com a transmissão, mas não com quem está do outro lado, ele é mais tranquilo, porque não tem a preocupação de ir atrás de metodologia. Tem professor da minha época que não conhecia uma escola, até hoje tem professor que nunca foi em uma - a não ser quando ele estudou -, para saber como é que o aluno dele trabalha, como é que as coisas andam.

É muito difícil para Educação Matemática conseguir controlar tudo isso. Não é algo trivial, eu particularmente não tenho mais nenhum problema com isso, eu acho complicado ligar a parte conceitual com a parte da metodologia, ligar isso e fazer o aluno enxergar, então isso vai ser uma briga, uma luta, que vai embora, por mais não sei quantos anos, é difícil!

N: Certo. O Professor poderia nos dizer sobre a estrutura física da universidade?

E: O prédio que fica na saída da cidade era velho, só deram uma reformada nele ao longo do tempo. Como o espaço é um pouquinho maior, algumas construções foram feitas, separadas daquele prédio original. Existia uma secretaria geral logo na entrada e à esquerda da secretaria, tinha uma sala grande, mais ou menos três metros por

seis, que era a sala dos professores, era tudo junto ali, uma mesa grande com cadeiras, o professor vinha e deixava o material dele ou pegava, não existiam salas individuais para os professores nesse período, o restante eram salas de aula.

Tinha uma biblioteca pequena, mas suficiente, e o restante era tudo sala de aula. Os cursos eram juntos. Quando conseguiu montar outra biblioteca mais específica para Matemática e Biologia, tinha livro suficiente para os alunos, muitos livros de Cálculo e Álgebra Linear. Posteriormente, foram surgindo salas de professores, mas não o suficiente, porque não tinha só Matemática, tinha Biologia, depois veio mais outro curso, que eu não lembro qual foi, a disputa era acirrada.

N: Professor, havia tempo destinado a pesquisa ou a extensão?

E: No início era mais voltado para o ensino, porque as pessoas não tinham qualificação suficiente para fazer pesquisa, mesmo em outras áreas, por exemplo, Biologia, não tinha laboratório, os laboratórios estavam começando a serem formados, era mais voltado para o ensino mesmo.

Só depois que os professores começaram a voltar do mestrado, que começou a ter uma perspectiva de pesquisa que também era ineficiente, porque muitos professores saíam e tinham que fazer o curso de mestrado que desse para ele fazer. Foi o meu caso no mestrado, eu fui liberado no segundo semestre de 1984, se eu não conseguisse o local para eu fazer o mestrado, eu não iria mais, teria que esperar não sei quanto tempo. O ideal era ser liberado no início do ano, mas às vezes, abriam possibilidades e diziam que daria para ir mais um, mas era meio do ano e dificilmente você acha uma faculdade que o curso começa no segundo semestre. Vieram até mim e disseram que eu poderia sair e que no próximo ano não teria garantia que iria conseguir. A forma que eram feitas essas escolhas, era geral na UFMS, não era específico para Três Lagoas, disseram-me que não saberiam quando eu iria ter novamente a oportunidade, porque eu sairia da fila.

Eu fui para Rio Claro, porque tinha mestrado em Matemática e eu conhecia a cidade, era mais fácil eu morar lá do que morar em outro lugar. O mestrado era em Álgebra e eu gosto de Álgebra. O coordenador do curso era o professor Irineu Bicudo³³, que foi meu professor na graduação e eu gostava muito dele. Fui lá falar com ele, ele me

³³ O professor Irineu Bicudo era Graduado em Matemática pela USP, obteve doutorado pela PUC-SP e pós-doutorado pela University of California. O professor faleceu em 20 de julho de 2018.

disse que a pós-graduação não tinha entrada no meio do ano, então não tinha como dar um documento dizendo que eu estava aceito. Então, ele sugeriu que eu fizesse uma disciplina como aluno especial e no início do ano ele formalizaria o procedimento. Entretanto, eu não podia, porque a exigência da universidade era ter um documento do curso dizendo que tinha sido aceito, ele falou que não poderia dar porque não era permitido, mas esse mesmo professor disse-me que talvez eu conseguiria no meio do ano em Campinas, em Matemática Aplicada, porque nos outros mestrados que ele tinha conhecimento eu não conseguiria no meio do ano, só no início.

Cheguei em Campinas e conversei com o coordenador do curso, que era indiano, ele me disse que a entrada lá ocorria tanto no meio como o início do ano, fiz uma prova e consegui. Quando fui de fato fazer o mestrado em Campinas, precisava de computador, pois minha área era Análise Numérica, mas naquele período no Brasil não tinha computador, como que eu ia trabalhar? Como eu ia orientar aluno nessa área de Análise Numérica? O máximo que eu podia fazer era uma iniciação científica e foi o que eu fiz.

Quando voltei eu fiz um projeto de pesquisa e consegui um recurso na universidade e comprei cinco computadores importados dos Estados Unidos, montei uma sala e coloquei cinco alunos em iniciação científica, era o que dava para fazer. Foi quando começaram as iniciações científicas, mas pesquisa no sentido que tem hoje, não tinha. A universidade exigia que se tivesse extensão e pesquisa, mas o máximo que conseguíamos era um projeto de pesquisa. O que eu conseguia de aluno era para iniciação científica, que era o ensino.

N: Sim. Professor, a universidade oferecia cursos para a sociedade?

E: Na década de 1970 tinha cursos de especialização, dávamos aula para os professores do ensino básico para ensinar Matemática. Não tinha essa relação de ir numa escola fazer um projeto para o professor desenvolver, era aula normal. No curso de especialização, as disciplinas eram Álgebra Linear, Cálculo e Álgebra, não havia nada de novo. Com o passar do tempo os professores passaram a odiar, porque, além disso, você os reprovava. Esses eram os cursos de especialização.

A Universidade Estadual tinha um Câmpus avançado em Barra do Garças³⁴, no qual era ofertado um Curso de Pedagogia a professores da rede estadual de

³⁴ Cidade do estado de Mato Grosso, localizada a 685 km de Três Lagoas/MS.

ensino, que não tinham formação em nível superior. Isso ocorreu em 1975 e 1976, e por um período fui coordenador desse curso. Como coordenador eu permanecia em Barra do Garças em janeiro no início de fevereiro e em julho, ficava alojado em uma escola que cedia o espaço, eu ficava na sala do diretor, porque tinha banheiro, levava colchão e dormia no chão. Cada semana vinha um professor diferente para dar uma disciplina que era semanal, eles ficavam nas salas de aula. Os alunos vinham de fora e ficavam todos na escola também, dormindo nas salas de aula, porque só precisava de uma sala de aula, então o restante era para eles dormirem. O convênio da universidade com a Secretaria de Educação do estado permitia que tivéssemos alunos de todo o estado.

N: Professor, a universidade tinha influências de outras instituições de ensino?

E: Se você se refere à elaboração dos projetos pedagógicos, creio que sim, entretanto, esses foram adaptados para atenderem às necessidades regionais. Havia também, algumas situações excepcionais, como por exemplo, a implantação do Curso de Direito em Três Lagoas. Existia um apelo da sociedade local por esse curso, sentimento este que também era partilhado pelo, então, Diretor do câmpus. A universidade, na época (década de 90), não tinha estrutura física e consequentemente recursos para a implantação. Ocorre que, neste período, o então senador Ramez Tebet³⁵, foi convidado para ser o paraninfo de uma turma de Administração, em seu discurso ele, sabedor dos anseios da comunidade local, enfaticamente definiu que “estava criado o Curso de Direito em Três Lagoas”, penso que as consequências deste ato foram boas, embora o procedimento não tenha sido o usual.

N: Professor, e qual sua percepção sobre a criação do curso de Matemática em Três Lagoas?

E: Foi relevante, acho que ele foi fundamental. A partir dele a universidade expandiu para Paranaíba, Nova Andradina, mas Três Lagoas foi fundamental para isso, tanto é que ainda se fala em criar a Universidade do Bolsão, inclusive o Professor Menoni é articulador para a criação desta universidade.

³⁵ Ramez Tebet nasceu em Três Lagoas/MS em 1936, Tebet era advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1959. Na vida pública, Tebet também atuou como prefeito de Três Lagoas (1975 – 1978), deputado estadual/MS (1978 – 1982), vice-governador/MS (1982 – 1986), Governador/MS (1986 – 1987) e senador/ MS (1995 - 2003 e 2003 – 2006). Tebet faleceu em 17/11/2006.

N: O Senhor teria algum nome para indicar-me?

E: Os professores Celso Correia de Souza, José Antônio Menoni e uma servidora da universidade que trabalha na pró-reitoria de graduação, cujo nome é Nilda³⁶, esta servidora é de Três Lagoas, trabalhou comigo lá, acho que começou junto com a universidade, ela era secretária, é uma mulher muito inteligente, educada e legal, gosto muito dela, ela começou na universidade na limpeza, depois ela virou secretária, inclusive, quando eu fui ser coordenador em Barra do Garças, ela foi comigo, ela foi minha secretária lá.

N: Certo, o senhor gostaria de acrescentar algo?

E: Acho que não!

N: Professor, como conversamos anteriormente, irei transcrever a entrevista, e posteriormente enviarei ao senhor para que olhe e acrescente, ou retire, o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado autoriza-me usar sua fala em minha pesquisa.

E: Sim.

N: Eu agradeço ao Senhor por ter se disponibilizado em conversar comigo.

E: Foi um prazer.

N: É um prazer em revê-lo.

E: A mim também. Eu fico contente.

N: Um abraço e eu agradeço o senhor pelas contribuições.

E: Para você também, tudo de bom.

N: Tchau!

³⁶ Nilda Rodrigues da Silva Moreira.



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora.

PROFESSORA
ELIEDETE PINHEIRO



PROFESSORA ELIEDETE PINHEIRO

Natalia: *Boa tarde! Hoje, dia 01 de outubro de 2020, vamos falar com a professora Eliedete Pinheiro. Professora, obrigada por ter aceito o convite de conversar conosco. Normalmente pedimos aos nossos entrevistados que se apresentem como queiram ser apresentados em nosso trabalho. Então, peço que a senhora faça a sua apresentação, fique à vontade.*

Eliedete: Sou a professora Eliedete Pinheiro Lino. Estudei na segunda turma do Centro Acadêmico de Três Lagoas¹ e depois fui docente do mesmo curso. Fiz a minha formação básica em Três Lagoas. Saí da cidade de Três Lagoas somente para estudar especialização, mestrado e doutorado. Estudei sempre em escola pública, à época nem tinha escola particular em Três Lagoas, somente escolas públicas. Fiz todo o primário² e depois estudei na Escola Estadual Dois de Julho³, que passou a ser chamada Afonso Pena, fiz o magistério no Corrêa⁴ e depois entrei na faculdade.

Quando estudava no primário, por alguma razão resolveram me adiantar. Hoje temos pré I e pré II⁵ e depois entra no primeiro ano, mas em algum momento a escola me adiantou um ano, fui da primeira para a terceira série⁶, acharam que eu não precisava fazer a segunda série⁷, por isso, na minha escolaridade, eu fui sempre um pouquinho mais adiantada na idade.

¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 668 km da capital São Paulo.

² A Professora está se referindo o que, atualmente, conhecemos por 1º ao 5º ano do ensino fundamental. De acordo com a Lei 4024/61, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional desse período, o ensino primário contemplava as quatro primeiras séries. Com a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971 o ensino primário era composto por oito séries e segundo a Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 ficou denominado como ensino fundamental que atualmente abrange as nove primeiras séries - que pela Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, teve alteração de oito para nove anos- e ensino médio, que corresponde aos três últimos anos da educação básica.

³ A Escola Estadual Afonso Pena foi criada pela resolução nº 846, de 03 de novembro de 1921 e foram integradas a ela mediante Decreto nº 1.722, de 31 de outubro de 1973, a Escola Técnica de Comércio e a Escola "02 de Julho. Atualmente a Escola Estadual recebe a denominação de Escola Estadual Afonso Pena oferece a educação básica nas etapas do ensino fundamental, ensino médio e Técnico em Biblioteconomia.

⁴ A Escola Normal Dom Aquino Corrêa, foi instalada na cidade de Três Lagoas, no sul de Mato Grosso em 1952.

⁵ Atualmente é a etapa da educação infantil obrigatória (de 4 a 5 anos).

⁶ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 1º e 3º ano do ensino fundamental.

⁷ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 2º ano do ensino fundamental.

Á época tínhamos que fazer a prova de admissão⁸ para o ginásio⁹, às vezes a pessoa ficava muito tempo retida na admissão. Eu tenho uma colega que ficou três anos para ser admitida, era um curso igual o nosso vestibular de hoje, você precisava estar bem habilitada para iniciar o ginásio, foi um ensino muito bom.

Depois eu fiz o Magistério e entrei na Universidade Estadual do Mato Grosso (UEMT). Terminei o Magistério um pouco antes, porque era a mais nova da turma, nessa época quem estava estudando, na universidade eram os professores que davam aula há muitos anos, professores meus do ginásio que não tinham formação universitária. Esses professores que entraram na segunda turma do curso de Matemática, inclusive muitos dos meus colegas de turmas foram também meus colegas na universidade. Eu era a mais nova da turma, como terminei o Magistério e fui para a universidade entrei nova, era paparicada pelos colegas, a maioria deles que eu tentei lembrar, já morreram, pois eles tinham sido professores meus no ginásio.

Na época o curso era de quatro ou cinco anos, lembro-me que terminei a faculdade em 1974. Ingressei como docente muitos anos depois, não foi na sequência, foram muitos anos depois. Por alguma razão eu também gostava muito de dar aula no ensino fundamental e médio, amava de paixão, eu nunca pensei em dar aula na universidade.

Em alguma ocasião um dos meus professores falou: “Eliedete, vai abrir um concurso, por que você não presta?”. Pela própria formação ou história, ninguém gostava muito de dar aula de Prática de Ensino e eu tinha essa prática de dar aula para o ensino fundamental e médio. Então eu entrei em 1989 na universidade e nunca mais parei de dar aula de Prática, além de todas as outras disciplinas, as Práticas e o Estágio Supervisionado era uma única disciplina quando eu entrei, pois não era a grade atual. Muitas grades foram sendo refeitas e só no último ano é que eles faziam essa Prática do Estágio Supervisionado, era uma disciplina anual. Então, por eu ter uma vivência na escola no ensino fundamental e Médio, fui dar aulas de Práticas, eu sempre gostei muito.

⁸ Criada pelo Decreto nº. 19.890, de 1931, e extinta com a promulgação da Lei 5.692, em 1971. A prova de admissão selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial, que atualmente é a etapa de ensino conhecida como de 6º a 9º ano do ensino fundamental.

⁹ A Professora está se referindo o que, atualmente, conhecemos por 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O curso ginasial tinha uma duração de quatro anos e fazia parte do ensino secundário, segundo o que previa o Decreto nº 4.244 de 9 de abril de 1942 – Reforma Capanema.

Por muitos anos fiquei na educação básica, quando eu estava quase me aposentando, com vinte anos de sala de aula, prestei concurso para a universidade, precisei me atualizar muito para o concurso, porque não foi na sequência que terminei a graduação, lecionei mais trinta anos na universidade. Quando eu me aposentei não quis mais saber de papel, eu me desfiz de tudo, estava cansada, eu acho que realmente cumpri o que eu tinha que cumprir. Faz somente dois anos que me aposentei, aí veio essa pandemia e eu estou dentro de casa.

N: A senhora poderia nos contar como surgiu a Matemática em sua trajetória?

E: Quando iniciei o curso, o curso era Ciências com habilitação em Matemática, a Matemática foi porque eu fiquei em Três Lagoas, eu tinha uma irmã que fazia faculdade fora da cidade, talvez por apego a pai e mãe, não sei muito bem o motivo da razão. Os cursos disponíveis na cidade eram: História, Língua Portuguesa e Matemática, e eu escolhi a Matemática. Inclusive, quando fui olhar o resultado do vestibular eu achei que nem tivesse passado, porque eu não achava meu nome, mas eu passei em segundo lugar. Fiquei na expectativa de ver quem era o primeiro lugar, mas ela nem concluiu o curso, era uma colega japonesa. Dos cursos que eram licenciatura eu optei pela Matemática, eu achei que Língua Portuguesa tinha muitas regras, acabei entrando na Matemática que tinha muitas fórmulas [risos]. Mas foi por falta de opções na cidade, eu optei por ficar aqui, e para continuar estudando tinha que escolher uma dessas licenciaturas, não tínhamos outras opções. O curso era noturno, na verdade sempre foi noturno.

N: A Professora poderia comentar mais um pouco do perfil dos seus colegas de turma de quando entrou na faculdade?

E: Eram professores do ensino básico da região, alguns vinham de fora. Inclusive, uma turma que vinha, acho que de Andradina¹⁰, sofreu um acidente com a van que os estava trazendo, ninguém se machucou, mas eles ficaram traumatizados e muitos deixaram o curso.

Eu tinha uma colega que vinha de Cassilândia¹¹, como o curso era noturno e ela trabalhava como professora, ela vinha e voltava todos os dias, era muito exaustivo.

¹⁰ Cidade localizada no estado de São Paulo, aproximadamente, a 43 km de Três Lagoas/MS.

¹¹ Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente, a 227 km de Três Lagoas/MS.

Percebia que na sexta-feira ela já não tinha rendimento algum, porque dava muitas aulas, além disso, vinha de longe. Mas, a grande parte dos alunos era aqui da região. O acesso à cidade não era tão fácil, porque não tínhamos o asfalto de hoje da rodovia Marechal Rondon¹², não era duplicada, então tudo isso acabava dificultando. Hoje nós temos alunos que vêm de Águas Claras¹³, mas se eles quisessem optar por Campo Grande¹⁴, a distância seria a mesma. Hoje quem está na coordenação do curso de Matemática de Cassilândia é o professor Marco Queiroz¹⁵, que foi nosso aluno em Três Lagoas.

N: A Professora poderia comentar qual a estrutura da universidade quando era aluna?

E: Já¹⁶ existia o que é hoje o câmpus I, que inclusive está desativado. O curso começou na escola Bom Jesus¹⁷, onde hoje é o Salesiano¹⁸, as minhas primeiras aulas foram lá. Quando o câmpus I, que está localizado em frente ao quartel, ficou pronto, nos mudamos para lá. Naquela época tinha uma grande biblioteca, mas que não tinha todos os livros que precisávamos. Era uma biblioteca modesta, que acredito que existia por conta do reconhecimento do curso.

N: Professora, poderia comentar da estrutura da universidade, depois que retornou para lecionar?

¹² O trecho oeste da rodovia Marechal Rondon (SP-300) é cortado por 25 municípios, são eles: Bauru, Avaí, Presidente Alves, Pirajuí, Guarantã, Cafelândia, Lins, Guaiçara, Promissão, Avanhandava, Penápolis, Glicério, Coroados, Birigui, Araçatuba, Guararapes, Rubiácea, Bento de Abreu, Valparaíso, Lavínia, Mirandópolis, Guaraçaí, Murutinga do Sul, Andradina e Castilho – divisa entre o estado de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

¹³ Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente, a 134 km de Três Lagoas/MS.

¹⁴ A cidade de Águas Claras é localizada no estado de Mato Grosso do Sul e fica, aproximadamente, a 193 km da capital Campo Grande/MS.

¹⁵ Professor Marco Aparecido Duarte Queiroz, possui graduação em Matemática licenciatura plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1995), mestrado em Engenharia Elétrica-Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Engenharia Elétrica-Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005).

¹⁶ A professora está se referindo a meados da década de 1980.

¹⁷ Escola Paroquial Bom Jesus iniciou suas atividades em 1957. De 1970, até abril de 1971, funcionou nos locais do Patronato a Faculdade de Filosofia, com seus primeiros cursos. No ano de 1998, por meio do Decreto nº 9.104 de 12/05/1998, passa a ser denominada como Escola Estadual Bom Jesus. Disponível em: < <https://sites.google.com/site/eebomjesustl/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

¹⁸ Os Salesianos chegaram a Cuiabá/MT em 18 de julho de 1894, fundando a Missão Salesiana de Mato Grosso/MT. A Missão Salesiana de Mato Grosso administra mais de 20 escolas, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande/MS e o Uni SALESIANO – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – em Lins e Araçatuba/SP. Disponível em: < <http://unisalesiano.com.br/lins/historico/>>. Acesso em: 23 abr. 2021

E: O¹⁹ curso de Matemática aconteceu no câmpus em frente ao quartel, depois nós fomos para onde hoje é a universidade, ficamos onde era a ala da Geografia, no primeiro prédio, só tinha aquele primeiro bloco e nós dávamos aula ali. Como aumentou o número de alunos, voltamos para o câmpus I em frente ao quartel, acho que umas duas vezes fomos e voltamos.

O prédio onde hoje é da Matemática, foi um projeto, se eu não me engano do professor Pádua²⁰ e do Celso²¹ da Matemática. A construção de onde hoje é a unidade II, era para ser só da Matemática, mas impossível que isso acontecesse. Embaixo ficou a Matemática e em cima a Administração e a Economia, ficaram definitivas naquele bloco, hoje o anfiteatro é próprio. Tudo isso aconteceu devagarinho, montamos o laboratório de ensino e foi uma batalhazinha para termos um lugar da Matemática, porque hoje o Centro cresceu muito.

Temos os cursos de Engenharia, Medicina, História e Geografia. Fica na Avenida Ranulpho, em frente à antiga empresa Mabel²², agora todos os cursos estão lá. Na unidade I tem atendimento dos alunos de Direito. Em questões administrativas ficou muito melhor, tudo concentrado em uma única unidade, embora a unidade I seja grande ela não comporta todos os cursos.

N: Quando a senhora cursou Matemática, se recorda dos professores?

E: Era o Celso, Álvaro Sampaio²³, Edson²⁴ e Pádua, tínhamos um professor de Andradina, mas infelizmente não vou lembrar o nome, ele dava aula de Desenho, tinha

¹⁹ A professora está se referindo a meados da década de 1990.

²⁰ Professor Antônio Pádua Machado, possui graduação em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1981), especialização em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (1985), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista (1997), doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003).

²¹ Professor Celso Correia de Souza, possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis (1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1985), doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (1994). É professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Três Lagoas, MS.

²² O Grupo Mabel é uma empresa brasileira produtora de biscoitos.

²³ Professor Álvaro Sampaio, possui graduação e licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis. O professor foi um dos colaboradores deste trabalho.

²⁴ Professor Edson Rodrigues Carvalho, possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro (atualmente, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) (1969-1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1987), doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e pós-Doutorado pelo Departamento de Mecânica Computacional da Faculdade de Engenharia Mecânica da UNICAMP. O professor foi um dos colaboradores deste trabalho.

o professor Alcides²⁵, que lecionava Didática. Nós tínhamos Língua Portuguesa e Sociologia com a irmã Zélia²⁶, que foi uma das fundadoras. O padre Jair²⁷, que já faleceu, foi o mentor, inclusive ele falou com a irmã Zélia que já tinha um grupinho ali de professores para começar o curso, a irmã Zélia conta essa história, ela tem uma memória extraordinária, foi minha professora de Sociologia, é aposentada pela universidade, ela esteve lá desde a fundação da universidade, inclusive foi homenageada, ela mora em Três Lagoas, na quadra atrás da matriz.

A grade mudou muito, a cada ano muda. Eu sempre dei aula de Desenho Geométrico, porque quando entrei a colega que lecionava a disciplina de Desenho, logo se aposentou e eu assumi essas aulas dela. Geometria Descritiva era anual, em uma das ocasiões que o MEC²⁸ passou pela universidade fomos parabenizados por estas disciplinas que tinha no currículo, mas logo eu saí para fazer meu mestrado, acho que eles não tinham muita habilidade com Desenhos, então reduziram a carga horária.

Entre outras razões a grade foi modificada, hoje tem Fundamentos de Matemática, mas tudo isso depende muito de quem está administrando, atualmente tem softwares que facilitam essas construções. Sei dizer-te que acabou a disciplina de Desenho, é uma pena, porque eu sou apaixonada.

N: A Professora poderia nos contar sobre o projeto político pedagógico?

E: Cada câmpus faz o seu, existe esta autonomia. Algumas coisas tem que ser respeitadas, por exemplo, existe orientação do MEC quanto ao currículo mínimo e máximo, mas nós temos a autonomia de construir o projeto de acordo com a realidade local.

N: Professora, conte-nos sobre o mestrado e doutorado que cursou?

E: Eu fiz o mestrado e doutorado quando eu estava lecionando na universidade. O mestrado cursei com facilidade, sem pedir o afastamento, eu ia e cursava, voltava e

²⁵ Professor Alcides Falleiros.

²⁶ Irmã Zélia Lopes da Silva.

²⁷ Padre Jair Gonçalves Ribeiro foi o primeiro diretor da Universidade Estadual de Mato Grosso, foi escolhido por políticos locais para ocupar tal cargo (BENFICA, 2014).

²⁸ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

dava aula, fiz na UNESP²⁹, em Ilha Solteira³⁰. Então, quando eu fiquei afastada já estava no final do curso, foi mais para defesa. Fiz em Engenharia Elétrica, na área de automação. Como eu disse para você, eu sempre dei aula de Prática e a Educação Matemática sempre foi meu grande prazer.

Um dia uma aluna que era coordenadora em uma cidade perto de Ilha Solteira, pediu-me para eu dar um minicurso na Semana da Matemática, ela tinha assistido comigo esse minicurso em outra ocasião, ficou insistindo e eu acabei aceitando. Eu já tinha ministrado esse curso, mas eu fui dar uma atualizada nele e por acaso abriu uma página falando do doutorado na PUC³¹ em São Paulo. Sabe quando entra na sua tela, ainda falei: “nossa, em uma altura dessa, aberto?”. E eu continuei fazendo minhas coisas. Daqui a pouco novamente, outro texto de um professor da PUC, pensei: “meu Deus! É algum sinal”. Também um aluno pediu para eu dar olhada em um texto que era de um livro de um professor da PUC na área de Educação Matemática, então, arrisquei e mandei um projeto, mas nem falei para os meus colegas. Existe na universidade uma época que fazem um levantamento para ver quem vai sair para estudar, já tinha passado esse período, eu não tinha essa pretensão, mandei o projeto e foi aceito. No dia da entrevista eu ainda não tinha falado com ninguém, porque tinha mais inscritos do que vagas, fiz a entrevista e fui aceita para fazer o doutorado em Educação Matemática.

Na outra semana seria a última reunião do departamento, eu tinha que fazer a minha matrícula, conversei com um e com outro, falei que não estava programado o doutorado para aquele momento e meus colegas ficaram em choque, pois alguém teria que assumir as minhas aulas para eu sair, esse era o princípio para você poder pedir autorização, alguém teria que assumir as minhas aulas. Ainda que depois tivesse um concurso para completar essa vaga temporária, mas deu tudo certo e eu fui fazer o doutorado.

Nós que somos da área da Matemática não temos muito o hábito da leitura, então quando eu cheguei no doutorado em educação, era tanta teoria, tanta leitura,

²⁹ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

³⁰ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 66 km de Três Lagoas/MS.

³¹ A PUC-SP foi fundada em 1946, a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito. A Universidade Católica de São Paulo tinha a missão de formar lideranças católicas e os filhos da elite paulista. No final dos anos 1960 a PUC-SP começa a desenvolver atividades que levaram a ser reconhecida pela qualidade acadêmica vinculada à preocupação social.

que me deu uma frustração, porque eu pensei que eu fosse aprofundar na parte que eu gosto da aula de Matemática, da prática em Matemática, mas era só teórico. Enfim, eu fiz o meu doutorado na PUC em São Paulo, que é excelente, um corpo docente espetacular e renomado, tudo autores de obras, foi uma experiência muito boa. Foi Deus quem me levou para São Paulo para fazer o doutorado, não era só o doutorado, muita coisa na minha vida aconteceu.

Eu sempre gostei de me atualizar na área pedagógica da Matemática, tanto que quando eu estava no ensino básico eu fazia todos os cursos que a universidade oferecia, até curso de cinema eu fiz. Sempre gostei muito de estudar e ficar atualizada. Quando eu tive a oportunidade de fazer a especialização, eu fui para Penápolis³² e cursei Didática, mas isso ocorreu quando eu lecionava no ensino básico.

N: Certo. A senhora nos contou sobre o perfil dos alunos quando era discente da universidade, mas e depois quando retornou como docente poderia nos falar sobre o perfil?

E: Eu acho que nós temos um excelente curso, tanto que nossos alunos, quando prosseguem os estudos, sempre são aceitos onde pretenderam estudar, é um curso muito bom, a meu ver. Mas é aquilo que eu te falo, se você for bom em Matemática, você acaba sendo um bom professor, você sabe Matemática, eles sabem muito Matemática: Cálculo, Álgebra, os alunos saem muito bem, mas a formação de professor fica só por conta da Prática, que já não é uma disciplina anual.

Cada um vai ter a sua prática, o máximo que você consegue é tentar ajustar. Eu sinto que não há diálogo entre a Matemática e a Educação Matemática, tenho um sentimento que a Educação Matemática é algo menor. Eu não tinha com quem conversar, no final que eu tinha uma colega, mas por muito tempo eu fiz parte do clube do bolinha, era só eu de professora, todos os meus colegas eram homens. Por muitos anos eu fui pertencente do clube do bolinha, mesmo fazendo o mestrado em Engenharia. Quando eu decidi pela Educação Matemática, no doutorado, era assim: “ah! A Educação Matemática é menor”. Essa é a sensação, não é como você sair para fazer um doutorado na Matemática Aplicada, por ser um curso de licenciatura nós temos que estar preparando os meninos para darem aula de Matemática, essa já foi

³² Cidade do estado de São Paulo, localizada a 200 km de Três Lagoas/MS.

uma discussão muito grande, mas por outro lado eu entendo que com a Matemática ele vai se ajustar com as aulas.

Nas minhas aulas de Prática eu os trazia para sala de aula. Pegava livros de ensino fundamental e fazia-os refletirem de como dariam aula deste conteúdo lá na sua sala de aula. Foi muito prazeroso dar essas Práticas, mas eu estou falando na questão da formação de Educação Matemática, os nossos alunos saem muito bem, tanto que nós temos vários ex-alunos que hoje estão dando aula na Matemática e na Engenharia. A menina que ficou no meu lugar quando eu me aposentei é uma ex-aluna nossa da Matemática. Fez doutorado em Educação Matemática, temos na universidade muitos ex-alunos dando aula na universidade: o Marco de Cassilândia, o Marco Lívio³³, que leciona na Administração, outros estão em Campo Grande, não tenho muita certeza, mas aqui no nosso câmpus temos uns três alunos da Matemática.

Houve uma época que chegou a ter bacharelado em Matemática, mas não tiveram muitos alunos para esse bacharelado, o curso era diurno, nós não tínhamos clientela. Por alguma razão nós ainda temos muitos alunos de fora, às vezes, as aulas até atrasavam para começar, porque vinha ônibus lotado de alunos de outras cidades. Muitos alunos eram de fora, trabalhavam durante o dia e a maioria deles estudava à noite, mas o bacharelado não deu muito certo. Acho que esse bacharelado era para sair da história da licenciatura, para ficar mais valioso, fazia diferença a grade do bacharelado para uma de licenciatura. Torço, cada vez mais, que as licenciaturas estejam voltadas para formar professor, já que é este o objetivo do curso, pois infelizmente ainda se tem licenciaturas com cara de bacharelados.

N: Sim. A Professora poderia nos contar sobre o perfil dos professores quando cursou Matemática?

E: Eles não eram efetivamente concursados e também não tinham muita experiência em curso superior.³⁴ Eu tive um bom curso, mas com professores que não tinham essa vivência de um curso superior. Então, quando eu prestei o concurso e voltei a dar aula, esses professores que tinham sido meus professores tinham mais experiência, já tinham saído para fazer o mestrado e doutorado, e estavam em um outro patamar, diferente de quando eu fiz o curso, era um curso começando, com

³³ Professor Marco Livio Trajano dos Santos possui mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

³⁴ A professora está se referindo a meados da década de 1980.

peessoas que não tinham essa vivência, essa experiência, então para mim foi uma adaptação. Eu me atualizei muito para voltar no Magistério do ensino superior, o meu concurso foi em Cálculo e Estatística, então estudei muito, porque estava há muitos anos formada e nós esquecemos os conteúdos, estudei muito para esse concurso.

Quando você volta a lecionar, dá aula de tudo. Muitos anos depois é que ficou mais setorizado, quem leciona Cálculo sempre dará Cálculo, quem dá Estatística está sempre dando Estatística, Álgebra, não fica mais aquela situação do começo que dava aula de tudo para todos os cursos. Já dei aula de todas as disciplinas, Estatística para Geografia, para Pedagogia, então você era polivalente, tinha que se atualizar em todas as disciplinas. Mas eu sempre dei aula de Prática e Estágio, o Estágio mudou muito, tinha muitas horas. Eles iam para a escola, antes você tinha um teste de Prática e Estágio em uma única disciplina, eles faziam estágio e vinham com um *feedback* e nós discutíamos essas práticas, era mais dinâmico o estágio, hoje eles vão e trazem toda a papelada, você olha, mas não tem aquela prática de estágio, horas de prática, é diferente, mudou bastante.

N: Na universidade a senhora ocupou outros cargos?

E: Logo no começo eu fiquei na direção, substituindo umas férias de 15 dias, também cobri férias da coordenação.

N: Professora, a universidade sofria influências de outras instituições superiores de ensino?

E: Apesar de sempre estarmos nos atualizando, as nossas grades são sempre diferentes. Quando fiz o meu doutorado tive colega do Amapá, de Roraima e o curso delas era completamente diferente do nosso. Lá eles dão aula para os professores lecionarem mesmo, não tem essa coisa de Cálculo, de Álgebra, é como se fosse o Magistério melhorado, são grades diferentes. Os meus colegas daqui estão sempre muito atualizados, procuramos observar essas grandes universidades, mas sempre com vida própria, com grade própria, nos espelhando, mas independente mesmo. O nosso curso é muito bom e eu tenho muito orgulho disso, já tivemos nota A, já tivemos nota dez dos alunos que se formaram em 2002, turma A do provão³⁵, temos até uma

³⁵ Exame Nacional de Cursos (Provão) foi implementado em 1996, e tinha por finalidade avaliar cursos de três áreas do conhecimento - Administração, Direito e Engenharia civil -, porém ampliou as áreas de conhecimento no decorrer do tempo, tanto que no ano de 2003 (última edição) avaliou 30 áreas

plaquinha. Hoje não é mais provão, tem outros exames, mas nossos alunos são sempre muito bem classificados e então eu tenho o maior orgulho. É um excelente curso!

N: Certo. A Professora poderia nos dizer sobre o perfil dos alunos quando retorna à universidade como docente?

E: Temos outro perfil, alunos jovens que estão continuando os estudos, saem do ensino médio e já entram na universidade.³⁶ Diferente de quando eu fiz, alunos com mais idade, hoje a maioria é de jovens, inclusive, os alunos que não conseguem entrar na Engenharia, entram em Matemática e no ano seguinte eles fazem Engenharia e passam. Tive um aluno agora no final, que o objetivo dele era Medicina, ele começou a fazer Matemática com a gente, era um excelente aluno, vinha de uma boa escola aqui da cidade e no ano seguinte já passou na Medicina. Temos muito isso, somos meio que um trampolim pra quem não conseguiu fazer o outro curso, depois são aprovados e saem, é um perfil bastante diferente.

N: Professora, há um quantitativo significativo de formandos?

E: O depoimento dos alunos, é que eles ficam um pouco frustrados, acham o curso difícil demais. Aliás, recebemos alunos muito mal preparados, dá um trabalhão você cuidar das turmas e tentar nivelar elas com a disciplina de Fundamentos de Matemática, os alunos não sabem fazer nem equação do primeiro grau, é uma coisa absurda! Nesse nivelamento você leva um ano. Eles vêm muito despreparados, demais. Seria até interessante fazer uma pesquisa nesse sentido. Isso mudou muito, porque eu saí de uma excelente escola pública e hoje é uma coisa de você ver o aluno armar uma continha de divisão com um número na chave e colocar ali x, está procurando que número, é uma coisa absurda. Eles vêm muito mal preparados. Valia uma pesquisa para ver como é que anda o ensino fundamental, porque sempre teve esse jogo de empurra, pois o ensino médio diz que os alunos vêm muito mal preparados.

do conhecimento. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/iniciativas-descontinuadas/provao#:~:text=O%20Prov%C3%A3o%20foi%20implementado%20em,alcan%C3%A7ou%2030%20%C3%A1reas%20do%20conhecimento>. Acesso em 10 de abril de 2024.

³⁶ A professora está se referindo a meados da década de 1990.

N: Sim. A Professora poderia comentar sobre pesquisa e extensão, tanto do tempo que era aluna e posteriormente enquanto docente?

E: Quando eu era aluna era mais voltado para o ensino, depois que retornei tinha alguns colegas que trabalhavam com pesquisa, porém tinha mais extensão. Eu, por exemplo, tive inúmeros projetos de extensão. Hoje tem o PIBID³⁷, o PET³⁸ e que na minha ocasião não tinha. Então, vários projetos de extensão proporcionavam bolsa para os alunos, poucas bolsas, mas conseguíamos algumas para os nossos alunos. Eu desenvolvi muitos projetos de extensão. O professor tinha uma carga horária destinada a isto e podia optar por pesquisa ou por extensão, eu mesmo fiz mais extensão.

N: A Professora poderia comentar sua percepção sobre a criação do curso de Matemática em Três Lagoas?

E: Foi sempre muito importante, tanto que a maioria dos professores que lecionavam não tinha formação em nível superior. Para você ter noção da importância desse curso, a primeira turma foi quase total de professores da rede pública, professores antigos que sempre deram aula e não tinham curso superior. Podemos dizer que essa situação já foi muito relevante: formar quem não tinha o curso em nível superior, até hoje é um curso que tem impacto social, os alunos fazem o curso de Matemática, porque é uma disciplina que você sempre vai ter aula para dar.

O curso proporciona, socialmente, muita coisa, mudança de vida. Nós temos alunos que tem dificuldade social e eles veem no curso uma forma de mudar a vida, pois continua sendo um curso de ascensão, bem forte [neste momento cai a conexão da *internet* da professora por alguns minutos]. Nós temos muitos ex-alunos que hoje também são professores na universidade e eu fico tão orgulhosa desses ex-alunos que hoje são colegas da gente. O Marco para mim é modelo, pois ele fez o curso com muita dificuldade e hoje ele é coorientador aqui na UNESP. É um orgulho mesmo.

³⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, que tem por objetivo proporcionar aos discentes, na primeira metade do curso de licenciatura, uma aproximação prática com o dia a dia das escolas públicas de educação básica.

³⁸ O Programa de Educação Tutorial (PET) organiza-se academicamente a partir das formações em nível de graduação, sob a orientação de um professor tutor. Desenvolvem atividades acadêmicas pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

N: A senhora tem conhecimento de outros cursos de Matemática na região?

E: Na AEMS³⁹ eu acho que tem, na UNESP de Ilha Solteira também.

N: A senhora teria algum nome para me indicar?

E: A irmã Zélia vai te ajudar muito com o início da universidade. Ela, juntamente com o padre Jair, foi uma das fundadoras da universidade. Fora isso os meus colegas, o professor Celso, uma pessoa boníssima que está dando aula, acho que na UNIDERP⁴⁰ em Campo Grande. O professor Álvaro Sampaio, o professor Edson, o Pádua, acho que estes [neste momento cai a conexão da minha *internet*].

N: A Professora gostaria de acrescentar algo?

E: Não, talvez depois, lendo, relendo, pode ser que venha alguma coisa. Mas achei que você conduziu bem, sinto muito prazer em poder colaborar com a sua pesquisa.

N: Professora eu agradeço por ter conversado comigo. Como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que a Senhora leia e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.

E: Lógico, que dê tudo certo na sua pesquisa, eu estou à disposição.

N: Obrigada, eu agradeço.

E: Boa sorte e um beijo. Tchau!

N: Tchau!

³⁹ A Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul (AEMS), foi fundada em 27 de setembro de 1989 e tem sede na cidade de Três Lagoas. Sua mantenedora é a Faculdade Integradas de Três Lagoas. Disponível em: < <http://www.aems.edu.br/instituicao/>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

⁴⁰ O Centro de Ensino Superior de Campo Grande (CESUP) foi criado em 1974. Pelo seu grande desempenho, em 1996 passou-se a chamar Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). Em 2008, passou a denominar-se Universidade Anhanguera-UNIDERP.



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora.

PROFESSORA
SONIA ANGELINA
GARCIA MODESTO



PROFESSORA SONIA ANGELINA GARCIA MODESTO

Natalia: *[antes de iniciar a entrevista eu e a professora conversamos sobre os procedimentos que iriam ser tomados com sua narrativa, também tive problemas técnicos com a conexão da internet, devido à queda de energia]. Boa Tarde! Hoje, dia 03 de outubro de 2020, vamos conversar com a professora Sonia Angelina que vivenciou o curso de Matemática de Três Lagoas, primeiramente como aluna, e posteriormente como docente. Professora, obrigada por ter aceito o convite de conversar conosco, é comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que queira ser apresentado em nossa tese, então peço que a senhora faça a sua apresentação, fique à vontade.*

Sonia: Meu nome é Sonia Angelina Garcia Modesto, sou casada e aposentada, como professora adjunta, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Comecei muito nova, porque meus pais trabalhavam de empregados em uma fazenda e eu tinha que ficar em uma casa com doze crianças para estudar o primeiro grau¹, porque meu pai não tinha condições. Minha avó cuidava de doze netos, eu era a única menina. Sofri muito, porque uma menina junto com onze meninos, minha avó ficava o tempo inteiro cuidando dos doze.

Eu fiz da primeira a quarta série² em uma escola pública estadual, e a quinta e sexta³ também na escola pública. Na sétima série⁴ eu arrumei um trabalho, eu tinha onze anos de idade, mas arrumei um trabalho e tive que passar a estudar à noite. Meu pai era roceiro, mas ele era muito inteligente para aquilo, ele foi até o juiz e pediu para que me registrassem⁵, para que eu estudasse à noite, porque à época tinha que ter 14 anos para ser registrado e estudar a noite, tinha uma lei que não poderia ser de forma diferente.

¹ Atualmente, esta etapa de ensino corresponde do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

² Atualmente, esta etapa de ensino corresponde ao 5º ano do ensino fundamental.

³ Atualmente, esta etapa de ensino corresponde com o 6º e 7º ano do ensino fundamental.

⁴ Atualmente, esta etapa de ensino corresponde ao 8º ano do ensino fundamental.

⁵ As leis brasileiras mencionam que a emancipação do menor de idade é uma das maneiras de fazer com que adolescentes possam exercer seus direitos civis antes de atingir os 18 anos.

Comecei a trabalhar e estudar à noite, fiz todo o segundo grau⁶ à noite. Naquela época eu não sabia que tipo de ensino médio eu fazia, eu queria fazer uma faculdade, mas era difícil, meu pai não tinha condições de pagar e meu sonho era fazer Engenharia, mas só entrava quem tinha o estudo muito bom, e meu pai não tinha condição de pagar cursinho para mim.

Então, eu fiz Patologia de Análises Clínicas. Era o curso mais difícil que tinha para aquela época, eu fiz no período noturno, trabalhando oito horas. Quando eu terminei eu fui prestar vestibular, cheguei a prestar Engenharia Civil na UNESP⁷ de Ilha Solteira, pois era meu sonho fazer uma das engenharias, mas eu não passei. Eu só estudei em escola pública e quem passava era só quem tinha feito cursinho.

Fiz vestibular na UFMS para Matemática, que era o que mais chegava perto da Engenharia, cursei Matemática. À época você tinha que fazer dois anos e meio de Ciências e depois você fazia habilitação em um ano e meio, ou para Biologia ou para Matemática, como eu queria fazer Matemática, tive que engolir dois anos e meio de Ciências, tinha muita Biologia, muita Zoologia, eu engoli muito sapo na universidade, porque eu tinha pavor de sapo e na Biologia tínhamos que abrir o animal. Eu fiz esses dois anos e meio com muita dificuldade, eu não gostava de Biologia.

Nestes dois anos e meio eu sempre trabalhei, eu tinha passado no concursinho do Sesi⁸ e meu patrão me ofereceu uma sala de aula de pré⁹, e uma de quarta série¹⁰, eu não tinha a formação específica para isto, mas ele me deu a sala assim mesmo e mandou eu fazer um curso de sessenta horas que me habilitava. Este curso só tinha em Pereira Barreto¹¹, que fica a 140km de Três Lagoas, fui fazer esse curso, que ocorreu em todos os fins de semana, meu pai ia comigo todo sábado de moto, porque não tinha ônibus. Eu assistia aula o dia inteiro e voltava à noite ou no outro dia cedo. Normalmente voltávamos à noite, porque não tínhamos dinheiro para o hotel, só quando tinha prova que voltávamos no domingo, porque não tinha jeito.

⁶ Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 5.692/71, definiu as nomenclaturas de Ensino de Primeiro e Segundo Graus, sendo correspondente ao ensino fundamental e ensino médio dos dias atuais.

⁷ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

⁸ Serviço Social da Indústria (SESI) tem dentre seus objetivos viabilizar a educação para o desenvolvimento econômico e social do país.

⁹ Atualmente é a etapa obrigatória da educação infantil (de 4 a 5 anos).

¹⁰ Atualmente essa etapa de ensino corresponde ao 5º ano do ensino fundamental.

¹¹ Cidade localizada no estado de São Paulo, aproximadamente, a 92 km de Três Lagoas/MS.

Fiz esse curso e pude ficar dando aula no pré e na quarta série. Lecionei por vários anos no SESI, acho que de 1980 a 1985, foram uns quatro anos. Nos primeiros anos que eu fiz o curso eu já estava fazendo Matemática, quando eu terminei os dois anos e meio eu só tinha habilitação para dar aula de Ciências, por isso fiz o curso, porque no SESI era uma sala de pré e outra de quarta série.

Depois fiz concurso para o estado e passei na primeira fase. Como eu podia dar aula de quinta a oitava série, por ter feito Ciências, eu assumi vinte e duas aulas em Arapuá¹², a 40km de Três Lagoas, e no outro período eu trabalhava no SESI. Isso coincidiu com o nascimento do meu primeiro filho, o Vinicius, foi muito sofrimento, porque eu tinha que amamentá-lo na meia hora de almoço que eu tinha, às vezes eu tentava tirar o leite e não conseguia, tinha vez que eu ia de carro e levava minha sogra comigo, ela ficava debaixo dos pés de manga, eu dava aula e no intervalo o amamentava, e de tarde vínhamos embora.

Fiquei um tempo trabalhando no SESI por oito horas e em Arapuá, depois eu pedi demissão do SESI e fiquei como concursada em Arapuá e contratada nos outros dois períodos no estado. Fiz isto durante um ano e meio que faltava para eu concluir a Matemática. Quando eu terminei esse um ano e meio de Matemática, fiz um outro concurso para mais vinte e duas horas aulas e fiquei dois períodos concursada. Trabalhei por dez anos no estado, acho que emburrecendo, porque eu só dava aula de quinta a oitava série, e segundo grau, mas era aquela mesma coisa que você vai se habituando, os alunos não querem saber de nada e você vai se acomodando.

Um dia veio na escola um pessoal da universidade, e nos contou que o estado tinha assinado um convênio com a universidade para que nós fôssemos cedidos, por quatro anos, para dar aula na UFMS. Iríamos ganhar pelas quarenta e quatro aulas, pelo estado mesmo, só que daríamos doze aulas, e o restante era para estudar. Eu logo pensei, para quem leciona trinta e seis aulas, isso vai ser mamata.

Como eu tinha o sonho de continuar estudando, porque durante o tempo que lecionei no estado eu acho que emburreci, então fui para a universidade. Minhas colegas diziam que eu estava louca, porque a universidade ficava longe, elas falavam que eu iria pagar para trabalhar já que gastaria muita gasolina por conta da distância e, à época, eu trabalhava há três quadras da minha casa, inclusive eu ia de bicicleta, não precisava nem de ir de carro. Mas eu fui para a universidade, ficava o dia inteiro

¹² Distrito de Três lagoas/MS, localizado a 45 km de Três Lagoas/MS.

lá, porque era longe, levava comida para não gastar. A universidade ficava a dez quilômetros da minha casa, eu ganhava muito pouco, o salário do estado era uma merreca, perto do que ganhava um professor de universidade.

Só que com seis meses que eu estava na universidade resolvi fazer mestrado em Ilha solteira¹³, descobri que quem fazia Matemática poderia fazer mestrado em Engenharia Elétrica, como eu tinha um período que eu poderia ir, já que aulas eram de manhã, eu troquei meu horário na universidade, fiquei à tarde e à noite e comecei com uma amiga a fazer o mestrado na UNESP em Engenharia Elétrica que era meu sonho.

Eu não tinha graduação na Engenharia Elétrica, e no mestrado tinha muita disciplina específica, dessa forma, eu tinha que estudar a matéria da graduação para entender a matéria da pós-graduação, eu fiquei seis meses só estudando, eles não me deram aula na universidade nos primeiros seis meses, nos outros seis meses eu peguei doze aulas. Só que foi engano meu, porque para eu planejar essas doze aulas na universidade eu gastava as quarenta e quatro aulas para preparar, porque eu estava nua e crua. Mas mesmo assim eu estava muito feliz, porque fui fazer aquilo que eu queria.

Eu pensava que eu tinha que fazer o concurso para universidade e passar. Quando eu terminei o mestrado houve dois concursos: no primeiro eu não passei, mas eu tinha ainda dois anos para ficar cedida, eu só pensava que eu tinha que passar no concurso, porque eu não queria voltar para o estado de jeito nenhum. Nesse período eu peguei toda a matéria e fiz a minha dissertação de mestrado, pois ia ter um concurso no meio do ano na área de Estatística, que era o que eu dava aula, o que eu mais gostava, era minha praia. Eu pensei: “Eu vou ter que estudar para morrer, mas eu tenho que passar nesse concurso”.

Eu fiz a dissertação e ficou para eu defender em dezembro, e o concurso, se não me engano, foi em setembro ou outubro em Campo Grande¹⁴. Eu fiquei três meses estudando doze horas por dia. Pedi para o coordenador me deixar sem aulas e eu ia para a universidade das sete às onze, das uma às cinco e das sete às dez e pouco, enquanto tinha gente lá. Por três meses eu estudei assim, eu peguei o

¹³ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 66 km de Três Lagoas/MS.

¹⁴ Capital do estado de Mato Grosso do Sul, localizada, aproximadamente, a 327 km de Cassilândia/MS.

conteúdo de Estatística que eles tinham dado no edital, eu tinha do item um ao item dez na ponta da língua, eu quase morri de estudar.

No concurso foi sorteado o item dez para mim, era o mais difícil, mas eu sabia e foi tudo ótimo. Foram dez pessoas fazer a prova e somente dois foram aprovados, o menino que passou em primeiro lugar ficou empatado comigo, mas ele tinha mestrado e eu não. Eu quase morri, porque só tinha uma vaga. Eu estava chorando tanto quando eu sai da prova, que o rapaz olhou para mim e disse para eu não ficar daquele jeito, pois ele não iria assumir em Três Lagoas, porque ele tinha uma empresa de consultoria em Campo Grande, ele disse que iria desistir da vaga, pois ele tinha feito o concurso para assumir se fosse em Campo Grande, mas eu fiquei sem acreditar e voltei arrasada.

Em dezembro eu defendi minha dissertação, mas não valia mais nada porque o concurso já tinha acontecido. Em janeiro ele foi chamado e assinou a desistência, e em fevereiro eu assumi, acho que a vaga era para ser minha mesmo. Quando você assume, entra na fila para continuar os estudos e eu estava na fila para o afastamento, tinha que cumprir dois anos de probatório para sair. Quando venceu os dois anos eu já tinha defendido o mestrado, então eu fui fazer o doutorado em Campinas¹⁵. Nesse período eu já tinha feito uma ou duas disciplinas, então quando eu fui chamada eu já tinha os quatro créditos que era o máximo que podia, eu ia uma vez por semana para Campinas para fazer as disciplinas, foi uma loucura [risos]!

Fiz o doutorado e no final eu fiquei grávida. Isso me atrasou, porque eu estava na época de escrever a tese, tanto que no dia da defesa eu estava com um bebê de dois meses, mas eu consegui, graças a Deus! Trabalhei na universidade até que me aposentei, meus colegas diziam que estava nova para me aposentar, mas o meu pai foi muito inteligente, apesar de ser um agricultor ele me registrou com onze anos de idade, quando me aposentei tinha dez anos no estado e mais o tempo da universidade. Eu também tinha registro em carteira do Sesi, eu aposentei em 2012, super nova. Eu ia aposentar quatro anos antes, mas veio aquela lei que tinha que pagar um pedágio de mais quatro anos, eu ia aposentar com 46 anos.

N: Professora, poderia comentar sobre o curso de Ciências com habilitação em Matemática quando estudou?

¹⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 604 km de Três Lagoas/MS.

S: Eu saí do SESI em 1985, acho que conclui o curso no mesmo ano. Eu fiz Ciências com habilitação em Matemática, mas também poderia escolher Biologia, eu não me recordo direito, talvez a Eliedete¹⁶ se lembre, mas depois veio a licenciatura em Matemática, antes de eu sair criaram o bacharelado em Matemática, a Eliedete, o Padúa¹⁷ e eu éramos da licenciatura da Educação Matemática. Nós tínhamos uns colegas que são engenheiros e eram da área da Matemática pura, eles odiavam, odeiam até hoje a Educação Matemática, eles gostam da Matemática pura, e com isto eles criaram um curso de bacharelado. Mas foi um desastre, acho que formaram só uma ou duas pessoas, os alunos não davam conta do curso, porque só eles davam aula, os conteúdos eram muito difíceis e eles não conseguiram acompanhar.

Na licenciatura a gente trabalhava muito com a Educação Matemática, tanto que nos últimos anos nós fizemos muitos cursos, eu comecei a participar muito de encontros e levava meus alunos para participarem de aulas com jogos matemáticos e eles ficaram apaixonados, foi um sucesso total. Tem aluno meu que até hoje está fazendo essa mágica da Matemática por aí, e eu fico muito feliz com isso, porque estão fazendo Educação Matemática. O Jihad¹⁸ está trabalhando com a parte de jogos, ele fez mestrado também, mas eu não sei o que acontece que a maioria dos nossos alunos vão para Ilha Solteira fazer mestrado, que é o mais prático, e dali eles saem completamente contra a Educação Matemática, porque se não tiver a coisa firme você vai para o lado das engenharias e para o lado do bacharelado e dali tem saído muitos alunos, a maioria não vai para a Educação Matemática. O Nickson¹⁹, o Jihad e o Joaquim²⁰ foram para a Educação Matemática, mas são poucos.

¹⁶ Professora Eliedete Pinheiro Lino, possui mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (2014). A professora é uma das colaboradoras desta pesquisa.

¹⁷ Professor Antônio Pádua Machado, possui graduação em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1981), especialização em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (1985), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista (1997) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003).

¹⁸ Professor Jihad Kasem Kassab.

¹⁹ Professor Nickson Moretti Jorge, é doutor e mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especialista em Docência no Ensino Técnico e Superior pela Faculdade Toledo de Araçatuba, licenciado em Pedagogia pela Faculdade Metropolitana de Santos e licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²⁰ Professor Joaquim Ribeiro Moreira Júnior, é graduado em licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Gestão Educacional, pela Faculdade Integrada de Urubupungá, especialista em Ensino de Matemática - EAD/UFMGD (2015) e Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2020).

A Matemática em si forma poucas pessoas, uma parte não aguenta o curso, os meninos brincavam comigo, diziam que eu era a mãezona, pois eu convivia com eles, conversava sobre problemas da minha família, eles os problemas deles, ficávamos muito amigos, viajávamos juntos.

Houve uma época que veio muita verba para viagem, e eu levava esses meninos, viramos uma família! Meus colegas ficavam me questionando, mas eu dizia que era amiga dos meus alunos sim! Porque tem gente que tem um pedestal e está lá em cima, e os alunos estão aqui em baixo, com isto o aluno começa a não gostar do professor, não gosta da Matemática e vira um inferno. Mas eu, a Eliedete e o Antonio Tamarozzi²¹, uma pessoa muito boa, o Antônio Pádua, nós éramos excluídos daquele grupo mais inteligente, porque eles se consideravam muito inteligentes, se consideram até hoje, porque estão lá, não aposentaram não! Tem uma pessoa lá que o primeiro emprego dele foi na universidade, então ele não tem vivência nenhuma de uma sala de aula de quinta à oitava série.

Eu comecei no prézinho, sabia o que aqueles alunos de quinta a oitava série não entendiam, quando começamos a levar esses jogos para as escolas os meninos começaram a amar Matemática, porque eles odiavam. Os meus alunos faziam estágio e já iam levando esses jogos para sala de aula, mas nós quatro éramos considerados menos inteligentes, não éramos do mesmo nível que eles.

Eu esqueci de te contar que antes de aposentar eu pensei: “Eu não vou aguentar ficar parada”, porque eu mexo com fazenda, então eu fiz o vestibular e cursei Direito no período da manhã, meu irmão fez Direito em Goiás e meu filho fez em Maringá, depois foi para Curitiba e trabalhou por um tempo lá, fez um concurso para Maceió. Ele e a esposa são juízes, eles só conversam disso.

Logo pensei que quando eu aposentasse não iria ter ninguém para conversar, porque de Matemática ninguém quer ouvir. Eu fui falar com meu sobrinho de 14 anos sobre Matemática e ele me disse para falarmos de outro assunto, e ele quer ser economista, mas eu disse a ele que dava aula no curso de Administração, de Ciências Contábeis e no curso de Matemática, eu dava aula de Matemática Financeira e Estatísticas, os piores alunos que eu tinha eram do curso de Ciências Contábeis ou de Economia, então eu disse que se quisesse ser um economista, ele teria que saber

²¹ Professor Antonio Carlos Tamarozzi, possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestrado em Matemática pela Universidade de Brasília (1996) e doutorado em Matemática pela Universidade de Brasília (2003).

Matemática. Na universidade o curso de Ciências Contábeis é muito fácil de entrar, então aqueles inteligentes iam para Matemática ou para Administração, que era muito concorrido, e o que sobrava entrava para Ciências Contábeis, era uma turma muito fraca, os professores sempre diziam aos alunos que para ser administrador ou contador tem que saber Matemática.

N: Legal! A senhora foi para a universidade quando?

S: Concursada em 1993, mas cedida pelo estado foi em 1989, quando meu filho nasceu. Fui eu e o professor Osmar²², cedidos do estado, ele chegou lá encantou-se e vestiu a camisa daquela turma mais inteligente, entre aspas, e ele não passava no concurso, foi devolvido para o estado, só depois que no outro concurso ele passou e entrou, ele ainda está lá.

O Edvaldo²³ Romanini, que eu te falei que a universidade foi o primeiro serviço dele, pensa em um professor odiado pelos alunos, e o Osmar foi na mesma linha dele, quando eu estava quase saindo o Osmar viu que a Educação Matemática era o que importava na universidade, então ele começou a assumir aqueles trabalhos que eu e a Eliedete fazíamos. Não sei como ficou agora, eu me dou bem com todos eles, converso com todos, mas quando ele foi para a universidade isso subiu na cabeça, ele já entrou naquele grupo que massacrava os alunos.

N: Professora, poderia nos dizer sobre o perfil do aluno quando era discente e depois como docente?

S: Houve²⁴ a mudança que comentei com você, não lembro o ano, mas bem depois que entrei foi que começou o curso de bacharelado, o Osmar deve saber essas datas, eu não me lembro, mas quando começou o curso era para formar professores de Matemática, a linha da universidade era essa, só que como muitos engenheiros

²² Professor Osmar Jesus Macedo, é graduado em licenciatura Plena com Habilitação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra (1985), mestrado em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos (1997) e doutorado em Agronomia (Estatística e Experimentação Agrônômica) pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (2007).

²³ Professor Edvaldo Romanini, possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1986), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e doutorado e pós-doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (1995).

²⁴ A professora está se referindo aos meados de 1980, quando foi aluna do curso de Ciências com Habilitação em Matemática e posteriormente a meados da década de 1990 quando foi docente do curso.

passaram no concurso o curso foi tomando outra linhagem, formava esse profissional com bacharelado e ele não tinha para onde ir trabalhar. Em Três Lagoas não tinha esse monte de empresas que tem hoje, também entrou vinte alunos no bacharelado e formou um ou dois, hoje eu não sei como que está, mas o importante é o professor de Matemática.

Nesse período em que eu me formei, em que eu fiz esses dois anos e meio de Ciências, eu não fiquei um mês sem aula, mesmo sem ser concursada, eu tinha somente vinte e duas horas concursada e o resto de contrato, nunca me faltou aula. Houve uma época em que a universidade entrou em greve e eu cheguei a dar aula em escola particular, porque não tinha dedicação exclusiva, dei aula em escola particular, porque faltava professor para todo lado eles não tinham professor de Matemática, professor de Matemática não fica desempregado eu cheguei a dar aula de Ciências para completar carga horária, mas para Matemática sempre faltou professor.

O que percebo também é que, na minha época, eu passava sábado e domingo estudando para fazer prova durante a semana, porque eu trabalhava, já o aluno de hoje não tem essa preocupação, por exemplo, tinha vinte e cinco alunos no caso da Matemática, quando chegou no segundo ano tinha dez e na formatura tinha três ou quatro, mas não era culpa só dos professores, o aluno não levava a sério, ele queria fazer um curso de Matemática sem estudar, e sem estudar você não faz curso nenhum.

Os alunos das outras ciências conseguem colar e vai passando, agora o de Matemática não tem jeito, então mudou demais o perfil do aluno, a responsabilidade do aluno está deixando muito a desejar. Quando eu cursei só tinha um ou dois alunos mais velhos, o restante era gente jovem que tinha entrado na primeira faculdade e nunca tinham trabalhado. Agora tem um diferencial, o aluno tem bolsas, ele recebe para estudar, então ele não trabalha, ou ele opta por trabalhar em outro lugar e não ganhar a bolsa, aqueles que ganham a bolsa ficam o dia inteiro na universidade estudando. Eu orientava vários alunos que tinham essas bolsas, você orienta e cobra do aluno que ele tem que ficar lá fazendo exercício, então é diferente de ter um grupo que trabalham oito horas e vão para faculdade, pois eles fazem o que dá.

Na Engenharia de Produção era um sofrimento para dar aula, porque eles trabalhavam aqui na Eldorado²⁵, a aula caía no dia de plantão deles, era muito difícil. Agora o perfil mudou com relação a essas bolsas, por exemplo, na minha época se tivesse uma bolsa para estudar, imagina se eu ia trabalhar. Os alunos que trabalham, a faculdade acaba ficando para depois, porque primeiro vem o trabalho, pois é sobrevivência, a universidade é um complemento. São muitos poucos que têm condições de estudar sem trabalhar, a maior parte trabalha, mas isso não serve como justificativa, porque eu trabalhava oito horas e fazia uma faculdade puxada para caramba, só que para eles serve como justificativa.

Até acho que a criação do curso ajudou a suprir a falta de professor, porque toda vida em Três Lagoas e na região faltou professor de Matemática, tanto que os nossos alunos que se formaram não estão desempregados, você pode procurar, todos eles estão trabalhando. Aqueles que optaram por dar aula estão dando, quem não quis dar aula está fazendo outras coisas na área da Matemática.

Eu acho que a pessoa que faz Matemática é uma pessoa inteligente, não sei se eu estou errada, mas ela se dá bem em qualquer coisa que faz. A pessoa que faz Matemática é diferente de uma pessoa que faz História, porque na História ela vai para as Ciências Políticas, eu tenho uma funcionária que fez Geografia, ela é uma excelente funcionária, trabalhou em casa cinco anos e está fazendo faculdade, e até hoje ela não conseguiu sala de aula, porque Geografia é pouca aula por semana. Não estou desmerecendo o curso de Geografia, estou dizendo que a Matemática tem mais abertura em outros empregos. Às vezes eu chego no Banco do Brasil e tem aluno meu, em todo lugar que eu vou sempre tem um me chamando de professora. Às vezes você não lembra do rosto porque se modifica, mas onde eu vou tem aluno, meu marido até falava para mim que em todo lugar que vou tem um aluno meu. Quando meu irmão precisa de alguma coisa na prefeitura me pergunta se eu não tenho nenhum aluno lá[risos], isso quer dizer que mesmo não dando aula eles estão bem empregados.

Para você ter uma ideia, no curso de Matemática tinha eu, a Eliedete, o professor Antônio Pádua e o professor Antônio Tamarozzi, nós éramos em doze, e da parte da Educação Matemática eram só esses. Quando eu fiz a faculdade, no período de um ano e meio de Matemática, tinha o professor Edson²⁶, o professor Pádua e a

²⁵ A empresa Eldorado Brasil atua no município de Três Lagoas no setor de celulose.

²⁶ Professor Edson Rodrigues Carvalho, possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro (atualmente, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)

Eliedete, inclusive ela nem gosta que fala, porque ela diz que parece que ela é muito velha, mas eles tinham sido meus professores. Fiquei dez anos no estado. Quando saí da universidade e fui dar aula, eu não tinha aprendido nada daquilo que eu ia ensinar, eu pensava o que eu iria fazer na sala de aula de quinta à oitava série e no ensino médio? Eu peguei aqueles livros que eu estudava e me matei para fazer de uma forma que o ensino chegasse até o aluno e que ele entendesse. Às vezes eu encontro algum aluno meu e ele diz que eu fui professora dele e que o ensinei a gostar de Matemática, que gostava das minhas aulas e isso é gratificante.

Fiquei dez anos no estado emburrecendo, entrei na universidade novamente e fiquei seis meses estudando para dar aula, tanto que na minha primeira prova de Análise, o coordenador que era o professor Álvaro²⁷, veio conversar comigo e eu fui até grossa com ele, porque eu disse que se eu não sabia Análise era porque eles não haviam me ensinado, pois ele que foi meu professor, mas depois de dez anos não tem como se lembrar de Cálculo de Análise, eu havia me esquecido de tudo. Acho que na universidade eles pensavam que eu não tinha condições, me deram aula de Estatística e Matemática no primeiro ano, em Ciências Contábeis, Administração, Geografia e Biologia eu dava aula de Estatística e eles não gostavam, porque era Matemática. Mas eles aprenderam a gostar, eu trabalhava muito bem com eles, tinha boa relação com os professores de todos os cursos.

Na Matemática sempre teve uma panela muito grande, os meninos do grupo de Matemática são muito fechados, eu me dava bem com os cursos, tudo que tinha eles estavam me chamando: para reunião, para projeto. Comecei a trabalhar com projetos muito bons, e veio muita verba com a qual montamos um laboratório, foi muito gostoso. O curso é voltado para a educação, para professores de Matemática, só que muitos não entendem e querem formar matemáticos.

Hoje eu não sei o que os meninos estão passando, eu acho que a Eliedete pegou, o Pádua fez doutorado em Educação Matemática lá em Campo Grande, o professor Pádua é extremamente difícil, é muito fechado, mas ele é inteligentíssimo, se você conseguisse falar com ele, ele é apaixonado por Educação Matemática.

(1969-1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1987), doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e pós-Doutorado pelo Departamento de Mecânica Computacional da Faculdade de Engenharia Mecânica da UNICAMP. O professor foi um dos colaboradores deste trabalho.

²⁷ Professor Álvaro Sampaio, é licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis. O professor é um dos colaboradores desta pesquisa.

Quando eu me aposentei, o Pádua estava voltando do doutorado, foi ele quem pegou as minhas aulas de Educação Matemática, e depois a Eliedete pegou uma parte também, mas eu não sei se já deu o tempo deles.

N: A professora Eliedete aposentou-se faz dois anos.

S: Ah! Então é possível que o Pádua também já tenha aposentado, mas ele é muito bacana, ele sabe muita coisa do curso, porque essas reuniões que tinham para decidir nós votávamos juntos para poder ver se segurava a Educação Matemática.

N: Na universidade a senhora teve outros cargos?

S: Eu fui coordenadora e cobri as férias de alguém no cargo de chefe de departamento, eu nunca tive ambição política para ficar disputando cargos, eu nunca gostei.

N: A senhora poderia cometar quais disciplinas lecionava na universidade?

S: Eu lecionava Práticas de Ensino, Estatísticas, Matemática Financeira, e quando abriu o curso de Engenharia de Produção, como eu tinha formação em Engenharia, eu dei aula de Sistemas e de disciplinas voltadas também para Engenharia, mas a minha praia mesmo era Matemática de ensino, eu fazia esses trabalhos que eu falei para você, essas viagens, essas apresentações de trabalho. Eu era coordenadora do PET²⁸, mas tinham vários PETs de Geografia, eu trabalhei com a professora Eugênia²⁹, também é engenheira, ela é chilena, trabalhávamos em uma parceria bem legal, nesse PET conseguimos montar um senhor laboratório para a universidade.

Na Matemática eu dei aula de Cálculo, porque quando eles viam que a Prática de Ensino estava muito valorizada eles pegavam, é pelo ano que você entra que pode escolher as aulas. Fazíamos uma reunião para a distribuição de aula e era uma briga, porque aqueles mais velhos queriam pegar as disciplinas que estava no auge, por exemplo, se a Prática de Ensino no ano passado veio dinheiro para o laboratório, eles

²⁸ Professora Eugenia Brunilda Opazo Uribe possui graduação em Pedagogia em Matemática y Física pela Universidad Austral de Chile (1985), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (1989), doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (2002).

²⁹ Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões dos Saberes, tinha por finalidade propiciar ações inovadoras que ampliassem a troca de saberes entre a sociedade e a universidade valorizando o protagonismo dos estudantes universitários.

pegavam e virava uma briga, porque eu queria Prática de Ensino, a Eliedete e o Pádua também, quando eu saí eles estavam brigando por causa das Práticas, o Pádua disse que como ele tinha feito o doutorado na área as aulas de Prática seriam todas dele, bateu o pé mesmo e pegou.

A reunião era em outubro e eu saí no final de novembro, o Pádua brigou e pegou as Práticas de Ensino, mas as vezes tinha que completar com aula de Cálculo. As aulas dos outros cursos eles não gostam de dar também não, era eu, a Eliedete e o Pádua, quando eles iam os alunos odiavam, porque era aquela Matemática morta. Cada professor trabalha de uma forma, pois tem seu jeito de trabalhar. É lógico que quando tem alguém saindo muito fora dos eixos o coordenador chama e conversa, mas é muito difícil, porque quando se entra dentro da sala de aula, o professor faz ali o que ele quiser.

N: [risos] Professora, e sobre o processo de reconhecimento do curso?

S: Lembro-me que o curso já era reconhecido, mas quando houve a mudança para o bacharelado teve que regularizar novamente, não lembro se criou um novo curso ou se o curso antigo dividiu em dois setores.

N: Certo. Professora, qual a sua percepção sobre a criação do curso de Matemática para a região?

S: Foi muito importante, como eu te disse, em todo lugar que eu vou tem um aluno meu trabalhando em cargos bons, não vejo ninguém desempregado, o curso tem uma linha própria, o problema é que os professores que entram vão tentando mudar essa linha, mas a universidade é muito firme com aquilo que ela deseja, valoriza muito o profissional que trabalha direitinho, eu acho que ela não tem influência de outras universidades. Três Lagoas é vinculada a Campo Grande, Três Lagoas é um centro igual é Corumbá³⁰ e várias outras cidades. Em Campo Grande fica a reitoria, tudo depende do que é decidido em Campo Grande, mas até a época que eu trabalhei tivemos a sorte de ter a Célia³¹ como reitora, ela era do curso de Três Lagoas e com isso fomos beneficiados. Eu acho que foi muito bom, mas tem a política, eu odeio

³⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 427 km da capital Campo Grande/MS.

³¹ Celia Maria Silva Correa Oliveira possui graduação em licenciatura em Química pela Universidade Estadual de Londrina (1978), mestrado em Química pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982) e doutorado em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais (1995). Professora Celia foi reitora da UFMS por oito anos (2008-2016).

política nunca me meti com política, mas dentro da universidade tem um grupo de petista e tem um grupo de não petistas, com isso tem muitas divergências.

Quando eu entrei na universidade tinha a Renata Moura³², coordenadora do curso de Administração, nós trabalhávamos em conjunto e muito bem, eu dava aula no curso de Administração e eles não tinham a prática de ter contato com outros cursos, então eles falavam que eu era pecuarista, eu não sou pecuarista coisa nenhuma! Tenho um sítiozinho e só. A política influencia muito na universidade, demais da conta, tirando disso eu acho a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul uma instituição de ponta, admiro demais a formação dos alunos que saem dali. No Direito a política come solta também, então é em todo curso, não é só na Matemática, eu começo a perceber que o professor da universidade ele vai muito para o lado da política, demais da conta, e a política hoje nos deixa à mercê.

N: Professora, e como é o processo de construção do projeto político pedagógico e das grades?

S: É feito pelos professores da unidade de Três Lagoas, depois ele vai para aprovação e se tiver alguma coisa ele volta, mas é feito em cada Centro. Tem as linhas gerais e as específicas, as gerais é feita pela reitoria dentro daquilo que temos que trabalhar, mas se algo geral também não for de acordo eles aceitam a retificação. As grades tem um currículo mínimo do MEC³³ que é respeitado, a grade é montada dentro do currículo mínimo do MEC, mínimo ou máximo, mas nunca ultrapassando o limite do MEC, que é quem determina quais disciplinas tem que ter, qual a carga horária. Então, dentro daquele currículo colocamos as disciplinas que não são obrigatórias e as optativas, e o aluno cursa se ele quiser, porque ele pode escolher as optativas, mas são oferecidas todas as optativas, algumas são colocadas dentro do horário de aula e outras fora. A grade obrigatória o aluno tem que cumprir aquelas horas de acordo com projeto político pedagógico, e as optativas ele escolhe o que quer fazer, mas sempre eles fazem o máximo possível para poder aproveitar o tempo.

³² Professora Renata Gama e Guimaro Moura possui graduação em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), mestrado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001) e doutorado em Administração (2015) pelo DINTER entre Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³³ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

N: Professora, poderia nos falar das semelhanças/diferenças da estrutura física da universidade nos dois momentos que esteve por lá.

S: Não tem nem comparação, eu fui conhecer computador quando eu vim trabalhar na universidade, você acredita que eu fiz o curso de Ciências com habilitação em Matemática e não tinha computador? Nem laboratório? Não tinha nada, hoje tem um laboratório para a Educação Matemática que nós deixamos montadinho, coisa de primeiro mundo, tem coisas excelentes, a tecnologia melhorou muito. Hoje tem computadores para os meninos pesquisarem, estudarem, não tem nem comparação.

A estrutura física do prédio de Matemática é excelente, bem arejada, é muito boa, a questão física não tem comparação, acho que por conta da tecnologia, por exemplo, eu me formei e trabalhei por dez anos na escola pública, na universidade já tinha os primeiros computadores, acredito que logo que me formei já tinha computador, quando começou o computador nas universidades as escolas públicas não tinham nada. Nos seis meses que eu fiquei estudando, fiz um curso com um colega para aprender a mexer no computador, porque eu não sabia nem ligar um.

Quando eu fui fazer mestrado foi um sofrimento, eram aquelas máquinas para rodar programas e eu não sabia nem ligar uma máquina daquela. Mas tinha uns meninos que tinham feito Engenharia, a sorte é que você encontra pessoas muito boas, e esses meninos me ajudavam a rodar o programa, me ajudavam a programar. Em Campinas teve um menino que tinha feito Engenharia em Campo Grande e ele me ajudou muito com as máquinas, elas já estavam mais avançadas. Em Campinas na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)³⁴, quando você passa no doutorado você recebe uma chave do laboratório e pode ficar vinte e quatro horas no laboratório, se quiser passa a noite todinha lá programando, se outro aluno quiser usar ele também tem a chave, é uma abertura muito grande para o ensino.

Na minha época aqui na UFMS como professora, eu até questionei isso, falava que na UNICAMP cada um tinha a chave do laboratório, não tem esse negócio de ficar trancando, ficar um professor responsável, porque o aluno não pode entrar tal hora, o aluno tinha horário para participar do laboratório, tinha horário para usar o computador, e eu questionava muito isso, não sei se hoje mudou. Em Ilha Solteira a

³⁴ Universidade Estadual de Campinas foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966.

gente não tinha a chave, mas o laboratório ficava aberto vinte e quatro horas, podia ficar a noite inteira programando, não tinha problema nenhum.

Continuando a falar mais da estrutura, na época que eu estudei tinha a sala de professor, a cantina para irmos e mais nada. Nos dois anos e meio de Ciências, tinha o laboratório de Ciências, uma vez tivemos que matar os bichos, foi sorteado cinco grupos, um era para matar uma pombinha, um coelhinho, um sapo, um peixe, falta um, não me lembro dos cinco grupos, e me pediram para levar um coelhinho e eu pedi para o meu pai comprar, porque eu trabalhava. Chegando lá o professor era homossexual e não gostava das meninas, ele pegou o sapo enorme que o meu colega levou e deu para mim e pegou o meu coelhinho e deu para o menino matar, eu passei umas três noites sem dormir por causa daquele sapo, foi a pior sensação da minha vida, mas tinha esse laboratório de animais e de folhas, tinha uma professora de Botânica muito boa. Existia a biblioteca, mas eu não me lembro de ter pego um livro na área de Matemática, porque eu não tinha tempo, eu estudava de madrugada para fazer as provas durante a semana, eu nunca peguei um livro durante a época da minha graduação. A biblioteca melhorou muito, chegaram muitos livros, a biblioteca da UFMS de Três Lagoas é de ponta.

N: Havia um quantitativo suficiente de docentes na universidade?

S: Nunca faltou professor e se faltava, contratava, o que ocorreu em uma época é que alguns profissionais não queriam dar mais do que doze aulas, por exemplo, quando vagava e precisava de um contrato, demorava uns 30 ou 40 dias até ir para Campo Grande e autorizar, eles não assumiam essas aulas, então às vezes os alunos ficavam sem essas aulas até o professor ser contratado, mas nunca faltou professor, tinha professor de sobra, se cada um pegasse pelo menos vinte aulas nunca teria dado problema, os problemas eram nesse período de que, às vezes, alguém faltava, aposentava ou entrava de licença e os alunos ficavam bravos, porque eles tinham que ficar nas férias fazendo disciplina.

N: E o perfil desses professores?

S: A maioria deles eram de fora, aqui de Três Lagoas tinha só eu, a Eliedete e o Pádua, os demais vinham de fora. O Edvaldo é de Rio Claro³⁵, o Edson é de

³⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 524 km da cidade de Três Lagoas/MS.

Mirandópolis³⁶, tinha o Celso, eu acho que é de Três Lagoas também, ele era irmão da professora Célia que foi reitora. A Eugênia mora até hoje na Ilha Solteira, ela vai e volta todos os dias, o Álvaro Sampaio que era de Mirandópolis, eles eram a maior parte do interior de São Paulo e faziam mestrado e doutorado em Rio Claro, ou em Campinas, depois eles prestavam concurso aqui. Quando eu estudei só tinha o Pádua e a Eliedete daqui, os demais eram de fora.

N: Professora, poderia nos contar qual era o tempo destinado a pesquisa e a extensão?

S: Trabalhávamos por quarenta horas, doze em sala de aula e as outras vinte e oito aulas eram divididas para preparação de aula e para pesquisa. No começo eu sofri bastante para preparar, eu gastava oito horas por semana para preparar minhas aulas e as outras, no máximo vinte horas, eram feitas para pesquisa ou extensão, eu trabalhei muito com a extensão, a pesquisa eu trabalhei menos, porque é muito trabalhosa, exige demais, eu tive projeto de pesquisa, mas menos. Minha área mesmo era a extensão. Eu percebo que o curso é muito sério, quando você fala que fez o curso de Matemática na UFMS você é admitido em qualquer lugar que você quiser fazer mestrado, eu vejo isso não só por mim, mas pelos meus alunos, eles prestavam as provas, mas já levavam as cartas falando que tinham feito na UFMS.

Hoje em dia as faculdades particulares oferecem muitos cursos de licenciatura de Matemática, eu cheguei a dar aula em Mirandópolis em uma faculdade particular, mas não tem nem comparação com o nível dos nossos alunos, não tem nem comparação com o nosso curso. Então eu o considero de bom para ótimo, mesmo que tenha esses problemas com professores, eu gostaria que fosse mais voltado para Educação Matemática, é um curso bom, um curso que vale a pena o aluno fazer.

N: A senhora tem conhecimento da criação de outros cursos de Matemática na região?

S: Eu participei da seleção de professores em Paranaíba³⁷, também tem os cursos em Ilha Solteira, Andradina³⁸ e Mirandópolis, são cursos particulares, mas mesmo com isso nunca afetou o curso de Três Lagoas, foi diminuindo a quantidade, mas a

³⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 88 km da cidade de Três Lagoas/MS.

³⁷ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 179 km da cidade de Três Lagoas/MS.

³⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 43 km da cidade de Três Lagoas/MS.

qualidade melhorou. O aluno mora em Andradina ou em Mirandópolis e ele prefere fazer na própria cidade a viajar todo dia e fazer. Teve uma queda de alunos porque cada um começou a ficar na sua cidade e deixou de vir para Três Lagoas, eu reconheço que diminuiu, mas a carência de profissional de Matemática em Três Lagoas continuou. Quando os professores das escolas ligavam para nós, procurando professores, eles preferiam pegar nossos alunos como contratados, que ainda não tinham se formado, do que pegar um formado de uma escola particular. O curso de Andradina é muito fraco, o de Mirandópolis era fraquíssimo na época que dei aula, hoje eu não sei.

N: Professora, o curso de Três Lagoas contribuiu com o curso de Paranaíba?

S: Nós participamos das bancas, depois fomos dar cursos para os professores, nós fizemos acompanhamento muito tempo tentando colocar na mesma linha de trabalho nossa, só que depois eu aposentei e eu não sei como é que ficou, mas nós participamos ativamente da criação do curso, tanto é que Paranaíba era vinculada a Três Lagoas, depois que desvinculou, e quando desvinculou nós fomos fazer os concursos, a banca foi quase toda daqui de Três Lagoas, além disso, teve a Semana da Matemática e nós fomos dar palestra, sempre que tinha alguma atividade extra eles convidam os professores de Três Lagoas e nós participávamos, em Cassilândia eu nunca fui.

Em Paranaíba teve a professora Marlene Durigan³⁹, ela foi diretora da universidade aqui, não sei se você conhece, uma pessoa muito capaz, e ela foi diretora em Paranaíba, como ela era de Três Lagoas, à época que ela foi diretora, nós trabalhamos muito em Paranaíba, porque tudo que tinha ela nos chamava para ir lá, quando não tinha verba ela mandava a van nos pegar, foi muito legal a participação nossa lá.

N: Professora, gostaria de acrescentar algo?

³⁹ Professora Marlene Durigan possui graduação em licenciatura Plena Em Letras Português Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), graduação em Licenciatura Plena Em Letras Português Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1978), mestrado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1991) e doutorado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995). A professora é uma das colaboradoras deste trabalho.

S: Só tenho a agradecer pela oportunidade e pedir desculpas pelos não atendimentos, não é falta de vontade é porque a minha vida é uma correria. Foi muito bom falar com você, se precisar de mais alguma coisa, eu estou à disposição. Eu só quero dizer que é um prazer muito grande, quando você aposenta parece que você morre para os colegas e olha que eu me dava bem com todos, nunca mais você vê ninguém, ninguém te liga. Agora estamos na pandemia, mas eu aposentei muito antes da pandemia e nunca alguém me ligou, nunca mais tive contato com ninguém, então quando algum aluno ou pessoa me procura eu fico muito feliz.

Quando eu vou em algum lugar e uma pessoa fala: “Oi professora, estudei com você”, um carregador, ou uma pessoa nos Correios, no Banco do Brasil, na prefeitura, seja onde for, eu fico muito feliz de estar falando dessa vida, de como foi difícil para mim, de como é difícil para muitas pessoas, os alunos de hoje tinham que aproveitar o que eles têm, e eles não aproveitam, são poucos os que estão tomando o caminho que você está tomando, agora fiquei muito feliz em saber do Nickson, esses tempos ele me mandou mensagem, às vezes eu recebo mensagens de ex-alunos que estudaram comigo.

N: *Sim. A senhora teria algum nome para me indicar?*

S: O Pádua e o Antônio Tamarozzi.

N: *Professora, eu agradeço por ter conversado comigo, como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que a senhora leia e acrescente, ou retire, o que achar necessário, mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.*

S: Sem problemas. Um beijo e fica com Deus!

N: *Abraços e obrigada!*



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora.

PROFESSORA
IRENE COELHO
DE ARAÚJO



PROFESSORA IRENE COELHO DE ARAÚJO

Natalia: *Boa noite! Hoje, dia 11 de maio de 2020 vamos falar com a Professora Irene Coelho. Professora, muito obrigada por ter aceitado o convite de conversar comigo. É comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que preferir, sendo assim, peço que a senhora comece apresentando-se.*

Irene: Meu nome é Irene Coelho de Araújo. Sou nascida em Mato Grosso do Sul na cidade de Jateí¹ região da Grande Dourados. Estou aqui em Cassilândia² desde 2006, mas até chegar a Cassilândia eu tive todo um percurso estudantil.

Sou licenciada em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em Glória de Dourados³. Sou filha de pais semianalfabetos, tenho sete irmãos e trabalhávamos na zona rural, meu pai mora no sítio até hoje, a minha mãe é falecida há sete anos. Trabalhei na roça, estudei em escola rural multisseriada⁴ até a quarta série⁵. Depois, até a sétima série⁶, eu ia de bicicleta para a escola, porque são cinco quilômetros de distância do sítio onde eu morava até a cidade.

Eu cheguei à cidade com muito medo de estudar, mas me destaquei muito, talvez por conta do medo eu não fazia bagunça, nem falava direito de tanta vergonha, naquela época havia o preconceito com as pessoas que vinham do sítio, parecia que a pobreza estava no sítio, era uma vergonha não ter um carro, tanto que quando íamos para igreja de carroça, eu tinha vergonha de estar na carroça com meus pais. Penso que devia ser algo muito preconceituoso com as pessoas do sítio.

Eu sou a quinta filha dos oito irmãos, e segundo os meus pais contavam, eu me alfabetizei com quatro anos. Fiz, primeiramente, técnico em contabilidade no

¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 265 km de Campo Grande/MS.

² Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 433 km de Campo Grande/MS.

³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 281 km de Campo Grande/MS.

⁴ As conhecidas classes multisseriadas não estavam previstas em Lei, mas foi uma situação vivenciada em instituições de ensino brasileiras, principalmente nas regiões rurais com a falta de professores e de alunos, era inviável manter diferentes classes com distintos níveis de ensino, ou seja, duas ou mais séries eram mantidas em uma mesma sala de aula e o docente que atuava nestas salas acumulava várias funções (Moraes, 2017).

⁵ Atualmente corresponde ao 5º ano do ensino fundamental.

⁶ Atualmente corresponde ao 8º ano do ensino fundamental.

ensino médio, à época denominado segundo grau⁷. Quando terminei o técnico em contabilidade em 1993 tinha vários sonhos, por exemplo, fazer Psicologia ou Medicina Veterinária, mas era muito complicado, pois teria que ir para Dourados que fica a 60 km de Jateí, ou ir para Campo Grande que fica a 260 km. Eu não sabia de quase nada, não tinha nenhum conhecimento dessas coisas de estudar fora, e ainda tinha muito medo.

Em Jateí tinha a oportunidade de fazer o magistério, pois havia o técnico em contabilidade e também o magistério, então eu fiz o magistério, iniciei em 1994. Eu tinha certa vantagem, pois já havia feito o técnico em contabilidade e eu já entrava no segundo ano do magistério, naquela época o curso tinha duração de quatro anos. Depois que terminávamos o técnico em contabilidade percebíamos que nós não tínhamos emprego na área, era quando íamos fazer magistério para conseguir emprego. O meu pai queria que fizéssemos o magistério, mas a maioria dos meus irmãos fizeram o técnico em contabilidade para depois fazer o magistério. Eu me arrependi de ter feito o técnico em contabilidade, mas foi um processo.

Em 1996, estava assistindo o programa MSTV⁸, primeira ou segunda edição, e falaram que estavam abertas as inscrições para o vestibular da UEMS, com isenção de inscrição. Como não tínhamos dinheiro sobrando, pois vivíamos com menos de um salário mínimo, nós plantávamos e colhíamos para nos alimentar, eu escutei a reportagem e falei “- Ah! tem Matemática em Glória de Dourados”, são vinte quilômetros do sítio que meu pai mora até a universidade não seria tão difícil e eu arrisquei ir até Glória de Dourados e tentar essa isenção, porque eu não ia pagar pela inscrição, somente ia gastar o dinheiro da passagem até a cidade para tentar fazer isto. Eu fui e consegui essa isenção e fiz o vestibular, que era realizado em dois dias. Foi difícil porque eu tive que ficar na casa de alguém em Glória de Dourados, porque não tinha ônibus nos horários.

Passei no vestibular em décimo sétimo lugar, isto está bem claro na minha cabeça, não me esqueço disto. Eram quarenta vagas, eu fui da segunda turma do curso de Matemática da UEMS. A UEMS iniciava as aulas em agosto e tinha o

⁷ Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 5.692/71, definiu as nomenclaturas de Ensino de Primeiro e Segundo Graus, sendo correspondente ao ensino fundamental e ensino médio dos dias atuais.

⁸ Segundo Dib (2013) os telejornais MSTV primeira edição e o segunda edição foram criados em janeiro de 1983, é exibido pela TV Morena – afiliada da Rede Globo atendendo determinação da Rede Globo.

vestibular no meio do ano. Algumas pessoas falavam que quem não havia passado nas federais tinham mais uma chance para entrar na estadual.

Parecia que era algo muito fácil, já que passei razoavelmente no vestibular, mas quando foi para estudar mesmo surgiram as dificuldades, a primeira a falta de transporte, porque Jateí está entre Fátima do Sul⁹, Glória de Dourados e, Vicentina¹⁰ ali pelo meio. Havia uma faculdade particular em Fátima do Sul que naquela época era chamada de Faculdades Integradas de Fátima do Sul (FIFASUL); de Bataguassu¹¹ ao interior de São Paulo, a região toda ia para essa faculdade e eu estava no sentido contrário dos meus colegas. Todos iam para Fátima do Sul e eu tinha que ir para Glória de Dourados, só tinha eu de Jateí, fiquei nessa situação de passar e não ter como estudar porque não tinha como ir para faculdade.

A faculdade era no período da noite e eu não tinha carro, foi difícil, mas tinha um ônibus que passava às 16h30min da tarde e daria para eu ir nesse ônibus e chegar a tempo de estudar, pois as aulas se iniciavam às 19h. Meu pai fazia compra em Glória de Dourados, porque Jateí é uma cidade de 4.000 a 5.000 habitantes, nem supermercados grandes tinham na época. Meu pai ia sozinho de carona a Glória de Dourados e o dono do mercado trazia a compra para o sítio. Meu pai falou para o dono do mercado se não tinha como eu ficar na casa dele e dormir toda noite lá, já que eu tinha que estudar, essa família também foi um diferencial, porque a senhora e o senhor aceitaram que eu ficasse na casa deles, eu dormia e no outro dia cedo eu já saía e voltava para o sítio de ônibus, porque tinha um ônibus às 6h da manhã.

Eu fiquei seis meses nessa situação, só que nunca perguntei para a senhora porque ela nunca me deu a chave da casa dela para eu entrar a noite, eu tinha que acordá-la para eu poder entrar na casa. Achava muito difícil porque ela trabalhava o dia todo e ainda tinha essa situação de eu chegar 11h da noite, pois a aula terminava às 22h30min e era mais ou menos meia hora até a casa dela. No frio eu tinha que chamar a senhora e, às vezes, ela não acordava na hora e eu ficava ali uns dez minutos para ela levantar. Eu achava que aquilo incomodava, mas ela não me dava à

⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul localizada aproximadamente a 265 km de Campo Grande/MS.

¹⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul localizada aproximadamente a 248 km de Campo Grande/MS.

¹¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 336 km de Campo Grande/MS.

chave. Ela me dava comida, me dava janta e café da manhã, mas eu não ficava o dia todo, acordava e ia embora.

Em dezembro, quando terminaram as aulas eu pensei: “Agora vou ter que arranjar outro jeito, porque eu não quero mais incomodar essa senhora”. Foi quando comecei a dar umas aulas particulares em Jateí, também consegui um emprego na prefeitura, eu era assistente de uma professora e sobrava um dinheirinho.

No ano seguinte eu dei uma olhada para ver se não tinha nenhum hotel ali por perto que eu pudesse ficar para não incomodar mais a senhora. Acho que a senhora não entendeu muito, mas depois acabou entendendo porque eu não queria depender tanto dela. Consegui um hotel, num preço barato, a mulher me cobrava cinquenta reais por mês. Eu acho que, naquela época, fevereiro de 1997, o salário era uns duzentos e poucos reais ou trezentos reais, acho que era mais ou menos isso.

Eu ficava nesse hotel, só era ruim porque não tinha um banheiro dentro do quarto, eu tinha que dividir o banheiro com um monte de viajantes que passavam por lá. Pode ser que o quarto fosse usado por outras pessoas no fim de semana e a dona também falava que não iria trocar a roupa de cama todo dia, dizia que lavaria o lençol uma vez por semana, mas eu dormia muito bem no hotel. Eu continuava a fazer o mesmo percurso, chegava no hotel e dormia e no outro dia cedo eu já tinha que sair por conta do ônibus.

Nos primeiros seis meses eu precisava terminar o magistério, eu não queria abandonar já que estava no último ano. A escola da minha cidade falava que eu não podia fazer o curso de Matemática e magistério no mesmo período, eu tinha que fazer o magistério no período da manhã e a faculdade no noturno. Tive que ir fazer em Dourados e me transferi para lá para não perder, era a única cidade que oferecia magistério no período matutino. A moça da escola me falou que não tinha problema algum eu estudar cursando os dois no mesmo período, desde que eu não reprovasse por falta em nenhum dos cursos. Eu teria que controlar as faltas, tinha dia que eu estudava até às 20h na faculdade, existia um ônibus que passava às 20h30min e eu pegava esse ônibus e ia para escola, ia conversando com os alunos e com os professores, como eu não tive muitas faltas no primeiro semestre, eu poderia faltar no outro. Alguns dias eu precisei faltar, mas eu consegui terminar o magistério nessa escola durante os primeiros seis meses. Eu fazia estágio durante o dia e a noite eu ia para faculdade.

Quando terminou o segundo semestre, veio outro colega de Fátima do Sul estudar também e eu comecei a pegar carona com ele. Esse colega me levava até a cidade, porque ainda por destino, Jateí não fica na rodovia, têm que sair da rodovia e andar uns 2.400 metros para poder chegar na cidade, ainda tinha mais essa dificuldade. Os professores que vinham para Glória de Dourados eram de Dourados, e eles passavam no trevo todos os dias indo e vindo, daria para eu pegar carona com eles, mas ter que entrar na cidade já desviava do caminho deles.

Esse colega vinha e me dava carona, só que ele era professor e acabava atrasando muito. Ele fez muita amizade com o pessoal da universidade, gostava de sair depois da aula para comer e beber alguma coisa, e eu chegava muito tarde em Jateí. Ficava muito cansativo, porque ainda tinha que dar um jeito de ir para o sítio ou arrumar outra casa em Jateí para eu ficar. Era mais difícil, era melhor ficar em Glória de Dourados e fazer do jeito que eu fazia. Às vezes, na sexta-feira eu ia com ele e, alguns dias eu ficava em Glória de Dourados mesmo.

Graças a Deus consegui vencer! No terceiro ano eu tirei a habilitação, porque eu arrumei um emprego na prefeitura, eu tinha um cargo de confiança e isso ajudou bastante, pois consegui comprar uma moto. Na metade do terceiro ano, mais ou menos, eu comecei a ir de moto e voltar, só que ninguém sabia na cidade que eu voltava, porque eu tinha medo de alguém ficar me esperando ou fazer alguma sacanagem. No primeiro dia que eu comprei a moto, eu pensei: “Eu vou voltar porque eu quero dormir em casa”, foi a minha libertação essa moto, porque era bom voltar para a casa.

Na faculdade fiquei de exame acho que só em uma disciplina, eu estudava muito, porque a saída de casa mais cedo era um diferencial, pois eu chegava à faculdade e ficava estudando, tínhamos um grupo de estudo, era boa essa parte. Os professores chegavam e eu tirava dúvidas, estava com as matérias sempre em dia, não fazia outra coisa a não ser o meu trabalho e a faculdade, não me preocupava muito com outras coisas, porque eu tinha traçado uma meta de terminar essa faculdade, era minha esperança.

Depois que terminei a faculdade as portas se abriram, nesta época, no ano de 2001, eu já estava dando aula em uma escola estadual e surgiu esse contrato na UEMS e eu acabei ficando só na UEMS, pois eu poderia me preparar melhor e estudar mais. Terminei a faculdade em agosto de 2000, e em setembro de 2000 a UEMS fez uma seleção para docentes. Os nossos professores falaram para irmos fazer a

seleção, porque estava precisando de professor e só estava pedindo a graduação, então todos podíamos fazer. Fomos eu e mais quatro colegas fazer a seleção, e eu passei em primeiro lugar. Peguei algumas aulas em Glória de Dourados, fiquei seis meses dando aula para a turma que era um ano mais nova que a minha na faculdade. Digamos que foi a coisa mais difícil, mas deu certo. Foram somente seis meses, porque era uma licença gestante e depois eu consegui um contrato de dois anos.

Nesse intervalo deu um problema nesse contrato e eu o perdi, porque eles tinham me contratado para uma licença, mas a professora não tinha direito a se afastar por algum problema que encontraram. A moça do RH¹² me disse que eu teria uma opção: manter o contrato por dois anos, só que a vaga era em Cassilândia, ela me disse que eu ficaria lá somente seis meses e quando o ano letivo terminasse eu voltava para a região de novo.

Tinha uma colega minha indo fazer mestrado, ela era professora efetiva e ela tinha que arrumar e pagar uma substituta, porque na UEMS ainda não tinha o afastamento e ela me fez uma proposta: “Você vai para Cassilândia que eu te pago as passagens para você poder voltar, você fica dois dias lá em Cassilândia, dá as aulas e volta”, só que de Cassilândia para Glória de Dourados são em torno de 700km e, eu fazia o percurso de ônibus, saía de Glória de Dourados 9h da noite e chegava a Cassilândia umas 9h da manhã. Eu ficava quinta e sexta em Cassilândia, pegava outro ônibus e ia para Campo Grande e de lá para Dourados e depois para Jateí, chegava em Jateí no sábado 14h mais ou menos, era mais na estrada, só que eu não tinha a despesa das passagens, pois a professora me pagava, e eu dava aula de segunda e terça em Glória de Dourados e deu certo, só era muito cansativo, mas consegui fazer essas duas coisas, e eu tinha o salário do contrato por dois anos, então isso foi muito bom para mim naquela época.

Eu fiquei somente seis meses nessa vida e na próxima escolha eu consegui as aulas em Nova Andradina¹³ e Amambaí¹⁴, foi em 2002 quando eu consegui ser efetivada na prefeitura de Campo Grande. Eu ficava dois dias em Campo Grande, ia para Nova Andradina e depois ia para Amambaí, e de lá voltava para Jateí, porque são cidades próximas.

¹² Recursos Humanos.

¹³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 297 km de Campo Grande/MS.

¹⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 351 km de Campo Grande/MS.

Passava o fim de semana em Jateí e depois ia para Campo Grande, pois na segunda e terça eu tinha aula no ensino fundamental. Nesse meio todo eu consegui fazer algumas disciplinas como aluna especial no mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Estava tudo dando certo, eu também cursava uma especialização em Educação Matemática na UEMS de Dourados, eu estava circulando em uma área que gostava e era a oportunidade mais fácil para eu não ter que sair do estado.

A possibilidade de fazer o mestrado era grande, tentei uma vez o mestrado em Educação e não consegui, mas na segunda tentativa eu consegui entrar, a minha orientadora foi a Marilena Bittar¹⁵. À época ainda não tinha o mestrado em Educação Matemática e os professores trabalhavam no mestrado em Educação, depois que eu terminei o mestrado que abriu o mestrado em Educação Matemática.

Terminei o mestrado no final de 2005 e em 2006 ocorreu o concurso para a UEMS e eu passei. Tinha vaga para Nova Andradina e Cassilândia, só que como passei em terceiro lugar os primeiros escolheram ir para Nova Andradina e sobrou Cassilândia. Eu já conhecia Cassilândia e seria longe de todo jeito eu vir para Cassilândia. Eu morava em Campo Grande, o meu marido foi estudante do curso de Matemática em Glória de Dourados, nos conhecemos lá, já estávamos namorando nessa época, e ele estava em Campo Grande também, tinha terminado o curso de Matemática e estava trabalhando.

Estávamos planejando casar e morar em Campo Grande, mas eu passei no concurso, vim para Cassilândia e adiei um pouquinho o casamento. Em Cassilândia eu fiquei sozinha por um tempo e foi muito difícil chegar para dar aula no curso superior. Era o meu sonho dar aula em um curso superior, isso era um orgulho para minha família, mas estava sozinha aqui numa cidade longe de todos, mas fui superando.

Casei no final do ano de 2006, achando que o meu marido iria vir para Cassilândia, mas ele não veio e foi mais difícil ainda. Naquele momento parecia que o casamento ia ser para que ficássemos perto um do outro, mas ele estava fazendo uma especialização que a prefeitura de Campo Grande estava ofertando, com isto,

¹⁵ Professora Marilena Bittar é graduada em Matemática-licenciatura Plena pela UFMS (1984), mestre em Matemática pela Universidade de Brasília (1987), doutora em Didática da Matemática pela Universidade Joseph Fourier/ Grenoble I da França (1998) e pós doutora em Educação Matemática pela Universidade Grenoble-Alpes.

não tinha como ele vir, eu continuei viajando todo fim de semana para Campo Grande. Viagem! O meu DNA¹⁶ era de viagem, isso foi em 2007 e eu viajei 2007, 2008 e 2009. Em 2009 eu terminaria o estágio probatório, no meio do ano, e a UEMS estava promovendo afastamentos, e eu estava tentando o doutorado na UNESP¹⁷ de Rio Claro¹⁸ em Educação Matemática, mas neste ano eu não consegui. No final de 2008 eu não consegui passar na seleção.

Entrei em 31 de maio de 2006 na UEMS, então em 31 de maio de 2009 terminava meu estágio probatório e eu poderia ser afastada para o doutorado. Estava procurando um doutorado em Educação Matemática e achei na **Pontifícia Universidade Católica (PUC)**¹⁹ e na Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN)²⁰ de São Paulo. Só que eu tinha muito medo de São Paulo, nem passear lá eu queria.

A seleção aconteceu em abril ou maio, para iniciar o curso em agosto, e nós fomos participar da seleção em São Paulo e eu falei para o meu marido, “- Nós vamos e se não acontecer nada nos dias que ficarmos lá, durante a seleção, nós estudamos, mas se acontecer alguma coisa estranha nós desistimos”. Nós fomos e não aconteceu nada, andamos e gostamos, era fácil de localizar a PUC, eu tentei só na PUC, por conta que o doutorado era nível cinco e a Fundect²¹, de Mato Grosso do Sul, que é a fundação de pesquisa, ela oferecia bolsa para as pessoas que trabalhavam em Mato Grosso do Sul e que cursavam doutorado com nível cinco. A PUC tinha tudo a ver, mas a mensalidade era muito alta, porém a bolsa cobria a mensalidade e eu pensei: “vou manter o meu salário de professora universitária e essa bolsa vai cobrir a

¹⁶ Em 1869 a molécula de DNA foi descoberta e está relacionada diretamente com as características físicas e fisiológicas do nosso corpo e de outros seres vivos. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/biologia/o-que-e-dna.htm> >. Acesso em: 30 mai. 2020.

¹⁷ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

¹⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 624 km da cidade de Cassilândia/MS.

¹⁹ A PUC-SP foi fundada em 1946 a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito, a Universidade Católica de São Paulo tinha a missão de formar lideranças católicas e os filhos da elite paulista. No final dos anos 1960, a PUC-SP começa a desenvolver atividades que levaram a ser reconhecida pela qualidade acadêmica vinculada à preocupação social.

²⁰ Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN) foi criada em 1956 na Zona Norte de São Paulo com a Escola de Ensino Superior de Música, que em 1973 foi transformada em Faculdade Paulista de Arte. Em 2011 foi comprada pela Anhanguera Educacional.

²¹ A Fundação de Apoio do Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect) foi criada em 03 de julho de 1998 tem por finalidade conceder o apoio financeiro e incentivar projetos de pesquisa científica, tecnológica e de inovação relevantes para o desenvolvimento econômico, cultural e social de Mato Grosso do Sul.

mensalidade, assim será possível sobrevivermos em São Paulo pagando o aluguel e as outras despesas.

Eu tenho primos que moram em São Paulo que eu não conhecia, pois são primos mais velhos da família. Eu consegui contato com eles, os visitei em São Paulo e vi que era possível morar naquela cidade. Meu primo abriu a casa dele e falou: “Se você quiser ficar uns dias na minha casa, você fica e depois organizamos uma casa para você morar por perto daqui”. Fomos percebendo pela *internet* e por onde passávamos que era melhor ficar perto de uma estação de metrô, tanto que meu primo morava perto de uma na zona leste, muito longe da PUC, mas era fácil porque poderíamos andar a pé sem problema algum.

Meu marido conseguiu afastamento sem ônus do seu cargo de professor de Matemática da prefeitura de Campo Grande, fomos com a cara e a coragem e com a ideia de que ele não precisasse trabalhar e de repente ele tentasse, também, uma formação em nível de mestrado, porque ele não tinha. Conseguimos chegar a São Paulo e alugamos uma casa perto da estação de metrô e da casa do meu primo.

Antes de irmos morar em São Paulo, houve o período da gripe H1N1²² que foi terrível, as aulas tiveram que ser adiadas por conta do caos e fomos com medo de pegar essa gripe por lá, era bem difícil porque no interior não tinha tantos casos, era mais nas grandes cidades.

Iniciamos as aulas no final de agosto e era para ter iniciado em julho. Fomos nos adaptando àquela rotina. As aulas eram à tarde, nós pegávamos metrô vazio, só na volta que era terrível, mas foi tudo bem.

Nesse meio tempo, no final do segundo semestre, meu marido conseguiu fazer seleção na UNIBAN. A UNIBAN era a concorrente da PUC e estava iniciando, embora já tivesse algumas turmas de mestrado e de doutorado. Ele conseguiu ser aprovado na UNIBAN com meia bolsa de cinquenta por cento. Eu consegui a bolsa da Fundect e fomos levando, pagando a mensalidade, mas tendo bons professores. Aproveitamos o máximo que podíamos desse tempo lá, meu marido e eu fizemos aulas como alunos especiais na USP²³, meu marido foi orientando do professor Ubiratan²⁴, e apesar de

²² A gripe H1N1 ou influenza A, é provocada pelo vírus H1N1, um subtipo da influenza do vírus do tipo A. No Brasil, no ano de 2009, houve uma pandemia causada por tal vírus.

²³ A Universidade de São Paulo (USP) é uma das instituições públicas de ensino superior mais importantes do Brasil, pois é responsável por grande parcela da produção científica do país.

²⁴ Professor Ubiratan D'Ambrosio é matemático pela Universidade de São Paulo (1955), doutorado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1963) e professor emérito da Universidade Estadual

estudarmos em universidades diferentes nós conseguimos trilhar bem, eu ia tanto nos eventos da UNIBAN, como ele ia aos da PUC, não tínhamos problema nenhum, aproveitamos bem o tempo em São Paulo para estudar.

Terminei o doutorado no meio do ano de 2012, foram três anos, eu me dediquei muito. Meu marido conseguiu passar em uma seleção para professor convocado da UEMS em Cassilândia e com isto foi melhorando a situação, pois ele não precisava mais viajar, pelo menos moramos juntos em São Paulo e voltamos a morar juntos em Cassilândia.

Em São Paulo foi muito bom para o casamento, já foram voltando meus planos de ter filhos e o ano de 2012 é um ano muito importante para mim enquanto pesquisadora, porque eu terminei o doutorado. Mas no dia da minha defesa de doutorado eu fiquei sabendo que minha mãe estava com câncer, ela já estava doente há algum tempo, mas os meus irmãos não tinham me contado ainda porque estava no período de defesa, seis meses depois ela faleceu. Eu ainda tive a oportunidade de cuidar dela, porque eu voltei, acho que fiquei uns quinze dias, mas minha mãe precisava de alguém para cuidar dela e eu era a filha que tinha mais facilidade de afastamento, até porque eu não estava ligada a alunos e nem nada, foi fácil conseguir uma licença para cuidar dela, fiquei com ela um tempo.

Em fevereiro de 2013 a minha mãe faleceu e em junho de 2013 eu descobri que estava grávida da minha primeira filha, era o sonho da minha mãe também, porque ela gostava muito de netos, tanto é que teve oito filhos, devia gostar muito de criança.

Minha filha veio trazer uma alegria muito grande para minha família, que é muito unida. Antes de completar um ano que minha mãe faleceu a minha filha já tinha nascido, e estava todo mundo em volta dessa criança, ela não substituiu claro, mas trouxe uma esperança de renovação para todos, então foi um marco, tanto que o nome da minha mãe era Maria e o nome da minha filha é Mariana, que é uma homenagem a Maria de certa forma. Acho que é isso sobre minha apresentação.

N: Legal! Professora, poderia comentar sobre a criação da UEMS?

I: A UEMS, como um todo, foi uma criação política, ela já estava na lei e deveria ter sido criada bem antes, mas nenhum governo tinha coragem de criar, porque era uma despesa a mais e o estado de Mato Grosso do Sul não tinha profissionais da educação graduados. A área de Matemática era muito carente, assim como a de Língua Portuguesa e as outras áreas, então a UEMS veio para tentar resolver esse problema de formação de professores, tanto é que ela inicia com cursos de licenciatura. Se formos buscar na história, os prefeitos que apoiavam o governador conseguiram abrir uma unidade na cidade, mas também havia uma necessidade em Cassilândia, porque eu não sei se a UFMS no câmpus de Paranaíba existia quando abriu a UEMS aqui.

Se pensarmos, o curso mais perto era em Três Lagoas²⁵, acho que o curso de Matemática não foi algo político, foi necessidade da região. A abertura da unidade deve ter sido algo político, ajudou algum compadre, pois vendo que a UEMS poderia trazer muitas coisas, porém o curso de Matemática foi necessidade, porque aqui é muito longe de Campo Grande. À época, as estradas eram longe dos centros maiores deveriam ser mais complicadas do que hoje. A localização de Cassilândia é privilegiada, acho que naquela época a maior cidade era Chapadão do Sul²⁶, veio muita gente do estado de Goiás, acredito que ajudou os dois estados, talvez até mais Goiás do que Mato Grosso do Sul.

Eu acho que a criação do curso de Matemática foi por necessidade mesmo, porque os professores mais antigos das redes estaduais e municipais de Cassilândia são professores oriundos do estado de São Paulo, não são de Mato Grosso do Sul, os que são de Mato Grosso do Sul já são egressos nossos, acredito que a UEMS teve um papel fundamental aqui nessa região em relação ao curso de Matemática, pois alavancou o ensino que era dado, às vezes, por profissionais que não possuíam um curso em nível superior, assim como em todo estado do Mato Grosso do Sul. O meu professor de Matemática, quando eu estudei o ensino fundamental e médio, ele veio do Paraná, a maioria vinha de outros estados.

N: A senhora poderia comentar do curso de Matemática de Cassilândia?

²⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 228 km de Cassilândia/MS.

²⁶ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 304 km de Campo Grande/MS.

I: Eu conheci o curso de Matemática de Cassilândia em 2001, porque eu vim como professora convocada e eles estavam vivendo uma transição, porque o curso era Ciências com habilitação em Matemática. Ele começou com a primeira turma em 1994 e em 1995 não teve vestibular, pois o governador queria fechar a universidade. Em agosto de 1996 iniciaria a segunda turma. Em 2001 a faculdade ainda tinha Ciências com habilitação em Matemática terminando.

Quando eu estive em Cassilândia, em 2001, a UEMS estava no primeiro ano de Matemática²⁷, eu lecionei para a turma do primeiro ano de Matemática e para a turma do terceiro ano de Ciências com habilitação em Matemática. Víamos uma diferença muito grande dessas turmas, os alunos de Ciências eram mais velhos, os da Matemática eram pessoas um pouco mais jovens. Como eu fiquei aqui quatro meses eu vi que tinha muita dificuldade no curso de Ciências, embora a sala fosse cheia. A turma da Matemática era um pouco melhor, os alunos correspondiam muito mais do que os alunos de Ciências, em virtude da idade eu acho, eram alunos mais velhos, já casados, os da Matemática eram alunos que estavam saindo do ensino médio.

Quando eu cheguei em 2006 já havia se passado cinco anos, e eu assumi uma disciplina de Estágio e outra de História da Matemática, não sei se tinha outra disciplina na época, não me lembro, mas pelo menos essas duas lembro-me muito bem, por conta de ter terminado o mestrado e estava tudo na minha cabeça para área da educação. Havia muita reclamação dos alunos que alguns professores exigiam muito nas áreas mais duras e a minha disciplina servia, às vezes, para que eles reclamassem de algumas coisas, como por exemplo, dos outros professores.

O currículo do curso, de certa forma, era pesado. O quarto ano reclamava muito que tinha Análise Real e Estruturas Algébricas. Não tem como comparar com um curso de bacharelado que é outra situação, mas tinham professores recém-saídos do mestrado e do doutorado. Eles vinham da Matemática pura, tinha um professor, que eu não conheci pessoalmente, mas eles falavam muito, ele estava afastado para o doutorado, era da Matemática pura, mas aconteceu um acidente familiar e ele faleceu nesse período em que cheguei, foi em 2006 ou 2007. Isso foi desagradável para o curso, porque perdemos um profissional que, apesar dos alunos às vezes falarem um pouco, eles gostavam muito desse profissional.

²⁷ Resolução CEPE/UEMS n.º 158 de 23/02/00.

Vivenciamos um tempo sem professores efetivos e isso foi ruim para o curso. Nada contra os professores convocados, mas a universidade não dá o suporte para os convocados como ela dá para os efetivos, de desenvolver projetos, por isso acho que isso é ruim.

A minha disciplina de formação de professores se tornou difícil, por eu estar em início de carreira e querer exigir algumas coisas. O aluno que estuda a noite e trabalha durante o dia não tem horário pra fazer estágio, acredito que essa foi uma grande dificuldade que eu tive nesses primeiros anos, por querer meio que forçar esse aluno a fazer um estágio durante o dia, pois às vezes à noite não tinha aula de Matemática na escola em que ele ia fazer estágio. Isso prejudicava o desenvolvimento da disciplina, mas eu fui me adaptando.

Entre 2006 a 2020, são mais de dez anos, fomos aprendendo e hoje eu não faria o que eu fiz naquela época que cheguei, talvez nós fôssemos muito rígidos, muito mais rígido do que hoje, não que eu não siga algumas orientações, mas acho que pondero mais algumas coisas e aceito outras e com isso vamos negociando.

Para a formação dos professores, acho que temos que pensar um pouco mais, não tratar os alunos com muito ferro e fogo²⁸, afinal, estamos formando professores para irem armados às escolas? Armados que eu digo é querendo bater de frente com aluno, e hoje na nossa conjuntura educacional não podemos bater de frente com ninguém. Nós temos que respeitar as diferenças e tentar cativar para mostrarmos que é algo bom, porque se mostro para os meus alunos a minha história de vida, ela não faz sentido para eles, pois cada tempo é um tempo, eu vivi em um tempo que o estudo era a única esperança na minha vida, não sei na vida das outras pessoas. Hoje eu mostro uma história que deu certo, poderia ter acontecido um monte de coisa, eu ter sofrido acidente, ter morrido ou sei lá, mas foi uma trajetória que deu certo, talvez outras pessoas não tiveram as mesmas oportunidades do caminho do estudo, mas para mim deu certo.

Vemos alunos que iniciam com muito fervor a faculdade e depois eles desistem. Eu não consigo entender, devem ter outras coisas que os atraem, na minha época não atraía, melhor não me atraiu, mas acho que é tudo um período. Eu sou de uma geração de oito irmãos, todos terminaram o curso superior, os oito fizeram licenciatura, seis atuam em escolas, cinco professores efetivos, uma que é professora, mas não

²⁸ Expressão que neste contexto significa: muita exigência.

está lecionando agora e um que é bombeiro militar, o outro que é motorista, mas é licenciado também.

Minha família deu certo na educação, estão sobrevivendo bem, pois tem casa própria, tem carro, bem diferente daquela realidade que tínhamos. Só que a segunda geração, que são os meus sobrinhos, uma é fisioterapeuta, outra dentista, uma advogada, a outra está se formando também para dentista e estão com muita dificuldade para arrumar emprego. Essa advogada e uma das dentistas se formaram agora no início deste ano e estão desempregadas. Estamos vivendo a pandemia, mas elas já estavam desempregadas antes e sem muita esperança de arrumar um serviço, talvez elas não tiveram as dificuldades que nós tivemos. Tentaram concurso e não passaram, não sei se é culpa delas ou é culpa dos meus irmãos que proporcionaram uma vida boa para elas, apesar de que uma fez ProUni²⁹ e a outra conseguiu o FIES³⁰, metade ProUni e a outra metade FIES, não que se vive uma vida tão confortável, mas terminaram uma graduação diferente das nossas. Os meus irmãos e eu conseguimos entrar no mercado de trabalho mais rápido do que elas, talvez quando elas entrarem terão uma renda melhor do que a nossa, mas há uma incerteza ainda.

N: A senhora lecionou outras disciplinas além das voltadas para a formação de professores?

I: Eu lecionei Cálculo I, mas como uma DP³¹, as aulas não eram no horário normal, eu lecionava no período da tarde. Também lecionei Cálculo II, em virtude de um professor que se aposentou no “meio do caminho”, então terminei de ministrar esta disciplina. Acho que foram essas disciplinas que lecionei, também trabalhei com Fundamentos de Matemática Elementar.

A partir de 2012, houve mudanças no projeto pedagógico ao longo desses anos, por conta das mudanças do Ministério da Educação e das avaliações do

²⁹ O Programa Universidade para Todos (ProUni) é um programa criado no ano de 2004 pelo Ministério da Educação, com o objetivo de auxiliar os estudantes brasileiros que não têm condições financeiras de pagar uma faculdade particular a ingressar no ensino superior por intermédio da concessão de bolsas de estudo que vão de 50% (parciais) a 100% (integrais) das mensalidades.

³⁰ O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação que tem por finalidade a concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores presenciais de instituições particulares.

³¹ O termo DP é utilizado para se referir à dependência em uma disciplina, ou seja, quando o aluno não atinge a média esperada e precisa repetir a matéria.

Conselho Estadual. O currículo era um pouco duro demais e foram exigindo disciplinas mais voltadas para formação de professores.

O currículo foi flexibilizado um pouco mais para área da educação, ou seja, para a formação de professores. Agora nós temos um Comitê Docente Estruturante que estuda o projeto pedagógico e a sua implementação. Uma vez a cada quinze dias ou uma vez por mês, nos reunimos com esse Comitê. Tem umas disciplinas que vamos ter que tirar, não que elas não estejam fazendo o papel que elas deveriam fazer, mas são disciplinas ainda duras³² e que não ajudam muito nessa formação, alguns alunos ainda têm muita dificuldade em Variáveis Complexas, Equações Diferenciais, pois temos essas disciplinas no curso de licenciatura.

Agora eu trabalho com a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado de Matemática no ensino fundamental, é o estágio que trabalha com turmas de sexto ao nono ano. No quarto ano o estágio curricular supervisionado de Matemática é no ensino médio, eu trabalho no terceiro ano a disciplina de Laboratório de Ensino de Matemática, essa foi implementada a partir de 2011, no terceiro ano também trabalho com uma disciplina de Matemática Elementar, mas é só como DP.

N: E a UEMS tem essa flexibilidade de tirar disciplinas e colocar outras?

I: Cada curso agora é responsável pelo seu projeto pedagógico, temos que obedecer às normas. Hoje nós temos um curso com muitas disciplinas da área pedagógica, dada por professores da Pedagogia, temos Direitos Humanos, Relações Étnicas Raciais e Diversidade e outras, tem que ter essas disciplinas. Temos uma disciplina de Didática do Professor de Matemática, porque essa disciplina seria para trabalhar a didática tradicional, a que todo curso tem. Ela é ministrada por um pedagogo ou professor de Matemática e colocamos um pouco dessa Didática da Matemática, que é para ser ministrada por um professor com formação em Educação Matemática.

N: Ao longo do tempo o curso sofreu alterações em seu perfil?

I: Na realidade depende muito de quem do Conselho Estadual de Educação vem avaliar o curso. Um determinado ano, vieram professores da área da Matemática pura e aplicada e eles deram uma direção para o curso e nós seguimos, estava até certo eles não reclamaram muito do projeto, só que tinha que seguir as normas, já tinha

³² A professora está se referindo as disciplinas específicas do curso Matemática.

uma porcentagem de disciplinas da área de Pedagogia, que são obrigatórias, foram realizadas umas mudanças, mas não foram tantas nessa parte de formação de professores da área de Matemática.

Em 2012 quem veio avaliar o projeto pedagógico foi a professora Marilena Bittar e o professor Zé Luiz³³ da UFMS, eles são da Educação Matemática e eles reclamaram que o curso era muito pesado. Se fossemos comparar o curso de Três Lagoas e Paranaíba, que estão aqui mais próximos, o currículo deles era muito mais na área de formação de professores do que o nosso, o nosso ainda era muito duro. Alguns questionamentos que foram feitos por essa equipe de dois professores nos levaram a refletir um pouco mais e vimos que eles tinham razão, estávamos em um período de muita evasão de alunos.

Começamos a articular um pouco mais essas situações, pois às vezes, existiam alunos reprovando no quarto ano e somente em uma disciplina. Por que essa disciplina era tão importante? Se ele tinha cursado a maioria das disciplinas e tinha reprovado somente em uma, às vezes, esses alunos estavam desistindo por conta disso, não queriam mais fazer aquela disciplina e perdiam o curso todo.

Toda a situação nos levou a refletir mais um pouco e pensar mais nessa formação, porque era um curso de licenciatura. Nós tínhamos um grande número de alunos que saíam para fazer mestrado em Matemática pura e isso também contava, não os convencia de que deveríamos desistir e talvez voltar a formação um pouco para o ensino. Alguns professores eram mais radicais nessa situação, porque os frutos eram bons e parecia que uma pessoa que vai para a sala de aula conta menos do que alguém que vai fazer um mestrado. Parece que as universidades olham muito isso, e quando nós começamos a pensar que o aluno que sai daqui e vai dar aula, que passa em um concurso, ele também é importante, porque nosso curso é de licenciatura. Talvez começamos a refletir sobre o objetivo do curso, que é formar professores e não formar alguém que vai fazer mestrado. Se ele for fazer mestrado será bom, mas temos que pensar primeiro que temos que formar professores, que é essa a nossa obrigação. Começamos a rever algumas situações.

³³ Professor José Luiz Magalhães de Freitas possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1976), mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1982), doutorado em Didática da Matemática - Université de Montpellier II (Sciences et Techniques du Languedoc) (1993) e pós doutorado em Educação Matemática pela Universidade Joseph Fourier.

Hoje temos um projeto pedagógico que já tem no primeiro ano uma disciplina de Metodologias e Práticas, o aluno vai tentando se encontrar, porque também temos outro problema, quando o aluno entra num curso e Matemática ele fala que não quer ser professor, poucos alunos falam que querem se tornar professores, talvez em virtude dessa problemática do “ser professor” que estamos vivenciando alguns alunos que no meio do curso decidem: “ah, agora eu quero ser professor”, mas outros desistem de ser professor quando vão para o estágio, tem tudo isso. Talvez o forte do nosso curso fosse enviá-lo para o mestrado de Matemática pura ou aplicada aqui da região, por conta de estarmos em uma região privilegiada, pois é perto do estado de São Paulo, acho que isso também conta já que a maioria foi para a UNESP de Rio Preto ou para São Carlos.

Hoje estamos mais flexíveis devido a estudarmos mais sobre a formação de professores, hoje os professores já são em sua maioria doutores. Eu vim com doutorado, o meu marido veio com mestrado em Educação Matemática e ele era professor convocado, mas fizemos um projeto, eu como efetiva e ele como contratado. O projeto da Feira Itinerante de Matemática, nós construímos os materiais, pois eu tinha essa disciplina de Laboratório, que não existia antes, e que passou a existir e o Laboratório junto com o Estágio proporcionou construir uma sala de laboratório de materiais que fazíamos os testes com os alunos.

Nós começamos a sair da cidade levando esses jogos e esses materiais a outras escolas, ou seja, a diversão. Fomos com os alunos em várias feiras em escolas particulares e públicas. As pessoas foram gostando muito dessa parte de jogos e isso era um projeto só da disciplina de Estágio e de Laboratório, até os professores da área da Matemática pura e aplicada participaram também, eles foram vendo que aquilo atraía o pessoal, pois começaram a ligar na faculdade e nos convidar para irmos aos lugares. Muitos professores foram vendo que precisávamos nos unir mais por conta da evasão dos alunos, precisávamos pensar em algumas coisas e esse projeto estava dando certo.

Nós professores nos unimos um pouco mais, tínhamos mais professores efetivos e uma professora que é da Matemática pura, até egressa daqui ela fez mestrado e doutorado na UNESP em Matemática pura e se efetivou como professora, só que ela se sentia muito mal, porque ela veio com tudo e os alunos não corresponderam muito. Depois desse contato com a Marilena Bittar ela fez pós-

doutorado com ela na UFMS, talvez até você a tenha conhecido, porque é de Paranaíba, a Regina Litz Lamblém³⁴.

N: *Conheço.*

I: Ela voltou transformada, apaixonada pela área. Somos nós duas e o meu marido, que em 2015 conseguiu passar no concurso para a UEMS. Ele também é professor efetivo, apesar de agora ele ter saído da área da Educação Matemática, pois ele está fazendo o doutorado na Matemática aplicada. Esse ano foi contratado um professor da área da Educação Matemática que está aqui conosco. A coisa foi caminhando, porque a UEMS começou a exigir pós-graduação. Estamos tentando alavancar um mestrado na área de ensino, mas para isto nós temos que unir os professores e começarmos a fazer artigos juntos, pesquisarmos juntos, para conseguirmos ter um número de publicações para abrir esse mestrado.

N: *A senhora chegou a ocupar outros cargos dentro da UEMS?*

I: Nós estamos organizando uma forma para que todos os professores efetivos do curso possam ser coordenadores, indicando sempre os mais antigos e quando a Regina se tornou coordenadora eu estava grávida, iria tirar licença e não tive interesse. Temos um professor mais antigo que é o professor Marco³⁵, que já foi coordenador, depois sou eu, o professor Adilson³⁶, a professora Regina e o professor Éder³⁷, que é meu esposo, e o novo professor que chegou, acho que agora estamos em seis professores efetivos da área de Matemática. Eu seria a professora para assumir a coordenação, mas estava de licença e a professora Regina assumiu e ficou dois mandatos na coordenação. Quando estava terminando a coordenação dela, e já estava planejado que eu seria a próxima coordenadora, ela foi para o pós-doutorado

³⁴ Professora Regina Litz também possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Unidade de Cassilândia) (2004), mestrado em Matemática (2008) e doutorado em Matemática (2011) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/IBILCE), e pós-doutorado em Educação Matemática (2017) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³⁵ Professor Marco Aparecido Duarte Queiroz, possui graduação em Matemática licenciatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1995), mestrado em Engenharia Elétrica-Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Engenharia Elétrica-Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005).

³⁶ Professor Adilson Lelis Nunes Júnior, possui graduação em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1999) e mestrado em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (2005).

³⁷ Professor Eder Pereira Neves, possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2004) e mestrado em Educação Matemática pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2011).

e eu assumi em novembro de 2016, me tornando a coordenadora. Fiquei o final de 2016, 2017 e 2018, meu mandato terminaria em julho de 2019, mas como eu engravidei tirei licença em primeiro de junho de 2019. Fiquei na coordenação de novembro de 2016 a primeiro de junho de 2019. Foi uma experiência incrível, mas acredito que todo mundo que está dentro de um curso superior tem que passar. Parece que estamos preparados, mas são muitos desafios, principalmente lidar com a parte burocrática, você acaba comandando professores e descobre que é difícil lidar com eles.

Nós temos professores efetivos que ficam o tempo todo na universidade, que se dedicam só a ela, fica mais fácil lidar com eles, é mais difícil lidarmos com o professor convocado que não fica disponível na universidade e que trabalha em vários lugares, pois você tem toda a burocracia de organizar, o horário e depois que você organiza o professor não pode, porque aconteceu alguma coisa na escola dele e você tem que mudar o horário novamente. Achei bem complicado dar recado em sala, pois eu sou muito tímida, tímida, muito tímida, tive muita dificuldade com muita coisa, de tomar decisões sozinha, com isso tentei conduzir a coordenação de forma muito participativa, tanto com alunos quanto com os professores.

Talvez, muito provavelmente, se não fosse a minha gravidez eu teria me candidatado novamente e ficado na coordenação, pois a ideia seria que cada professor ficasse pelo menos dois mandatos, que seriam quatro anos. Fazer parte da coordenação do curso foi bom, pois tive a vivência de muitas coisas.

Na unidade de Cassilândia temos quatro cursos, três de graduação e um de mestrado. Na coordenação ficamos sabendo de tudo o que acontece na unidade mais de perto, você vê e participa de tudo, acredito que essa parte administrativa é boa para formação, pois ficamos com outra visão de professor. Passamos algumas angústias na coordenação, é exigência de professor cobrando algumas coisas e quando somos coordenador e depois voltamos a ser professor tem algumas coisas que eu vejo o coordenador sofrendo e você já entende, você sabe dosar algumas coisas. A coordenação também foi um aprendizado muito bom.

Na UEMS é bom e ruim, porque o coordenador tem que dar aula também, tinha dia que eu só dava aula. É bom você estar ligado à sala de aula, mas é melhor ser só coordenador e não ficar na sala de aula, porque uma parte é prejudicada. Eu conheci alguns coordenadores que não trabalhavam em casa, eu trabalhava em casa e na faculdade, mas recebia elogios de alunos e de professores, nunca tive nenhum

problema, em alguns dias tive que ser mais dura com alguns professores e alunos e foi muito desagradável, mas aconteceu.

Eu acho que na escola você vivencia as coisas mais de perto, na universidade é bom e é ruim porque temos a pressão de publicação de artigos, desenvolver projetos de pesquisa, extensão e ensino, enfim, isso tem hora que estressa não tem como se desligar da universidade, apesar de que temos menos aula. Algumas vezes, olho para meus irmãos, só eu que fiz mestrado e doutorado, eles fizeram especialização e as nossas conversas são muito de professor. Vejo que eles ficam muito estressados com a bagunça dos alunos e com tudo, eu tenho menos isso, tenho alunos desinteressados também, porém meus irmãos vão para casa, deitam e dormem e eu, às vezes, tenho que acordar de madrugada para corrigir artigo e isso é muito desagradável, principalmente quando você recebe a correção, que achou que fez tudo bonito, e alguém falou que está tudo errado.

N: Professora poderia comentar sobre o perfil dos professores.

I: Nós temos um professor nascido em Rondônia³⁸, mas ele viveu aqui no Mato Grosso do Sul desde criança e estudou em Três Lagoas, trabalha em Cassilândia, fez mestrado e doutorado na UNESP de Ilha Solteira³⁹, um professor que veio de Goiânia⁴⁰ que trabalha aqui e fez mestrado, acho que em Brasília⁴¹ ou Goiânia, não tem doutorado, o meu esposo que é professor, a formação dele é em Mato Grosso do Sul, apesar de que ele é nascido no Paraná⁴², mas também estudou na UEMS e fez mestrado em São Paulo, agora faz o doutorado na UNESP de Ilha Solteira, ele morava em Ivinhema⁴³ quando ele começou a carreira. Tem esse professor novo que chegou, ele é nascido em Rio Verde do Mato Grosso⁴⁴, estado de Mato Grosso do Sul, também fez mestrado e doutorado em Educação na UFMS de Campo Grande, é o professor

³⁸ Estado brasileiro que fica localizado aproximadamente a 1524 km de Cassilândia/MS.

³⁹ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 209 km de Cassilândia/MS.

⁴⁰ Cidade do estado de Goiás, localizada aproximadamente a 431 km de Cassilândia/MS.

⁴¹ Capital do Brasil que fica localizada, aproximadamente, a 633 km de Cassilândia.

⁴² Estado brasileiro que fica localizado, aproximadamente, a 957 km de Cassilândia/MS.

⁴³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 289 km de Campo Grande/MS.

⁴⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 442 km de Cassilândia/MS.

Frederico⁴⁵, e os outros são oriundos da região, estamos com o professor André⁴⁶, convocado, que é de Votuporanga do interior de São Paulo, ele tem doutorado, tem a Tatiana⁴⁷, que está trabalhando aqui, é nascida no Rio de Janeiro⁴⁸, mas ela é daqui da região, também é egressa da UEMS de Cassilândia. Acho que da Matemática são somente esses dois que estão trabalhando agora como convocados. Outros professores, mas não são da Matemática, são da Região de Aparecida do Taboado⁴⁹ e do interior de São Paulo.

N: Hoje os professores convocados desenvolvem projetos na universidade?

I: Eles podem desenvolver projetos como voluntários, mas não recebem por isso, eles têm que estar trabalhando com um professor efetivo para coordenar, co-coordenar digamos assim, porque se ele sai os alunos não ficam sem professor. Até um TCC⁵⁰ que eles vão orientar tem que ter um professor efetivo junto, porque o contrato na universidade é de dois anos seguidos e tem que parar seis meses para poder retornar, nesses seis meses pode acontecer muitas trocas e às vezes o professor nem retorna mais. Esse ano de 2020, alguns professores não puderam assumir por conta disso. Mas os professores da UEMS têm essa política de desenvolver projetos voluntários, tem um termo de voluntariado que precisam fazer, pois eles não vão receber por esses projetos, eles podem orientar, mas não orientar aluno com bolsa, eles não podem nem ter um bolsista no caso, em virtude desse processo de contrato.

N: Professora, em relação à estrutura física da universidade em Cassilândia?

I: Em 2001, quando eu estive na universidade, ela funcionava em uma escola estadual, o prédio era dividido, a partir de 2002 a universidade ganhou o terreno de

⁴⁵ Professor Frederico Fonseca Fernandes possui Graduação em licenciatura em Matemática com ênfase em Computação, pela Universidade para o Desenvolvimento do estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) (2002), mestrado em Educação Matemática (2014) e doutorado em Educação (2018).

⁴⁶ Não encontramos informações do professor.

⁴⁷ Professora Tatiana Rozália Guedes possui Graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Cassilândia – MS, é mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁴⁸ Estado brasileiro que fica localizado, aproximadamente, a 1199 km de Cassilândia/MS.

⁴⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 146 km de Cassilândia/MS.

⁵⁰ Trabalho de conclusão de curso é um trabalho acadêmico e pode ser um instrumento de avaliação final de um curso superior.

uma escola agrícola, que deixou de existir, cujo terreno era da prefeitura, em troca a universidade teve que trazer um curso de Agronomia para Cassilândia.

Hoje temos os cursos de Agronomia, Matemática e Letras. A universidade é localizada em uma fazenda, fica a oito ou dez quilômetros de distância da cidade, o prédio é da universidade, o que é uma coisa boa, mas só que ainda temos a estrutura do colégio agrícola, as salas de aulas que já existiam, os pisos estão ruins e são muito antigos, mas acontecerá uma reforma em breve. Algumas salas são novas, como a biblioteca, que foi a universidade que construiu e tem um acervo razoável, apesar de que hoje conseguimos mais livros pela *internet*. A facilidade é maior e com isso modernizamos o curso, só que os livros que são as referências bibliográficas básicas ainda precisam constar na biblioteca, o que se torna uma dificuldade. Essa disciplina de formação de professores ainda tem poucos livros modernos na biblioteca, mas isso também não significa que não possamos utilizá-los.

A biblioteca é razoável, tem um prédio novo, hoje nós temos ar-condicionado em todas as salas do curso de Matemática, os alunos que entraram e permaneceram por sete anos na universidade achavam que nunca iam ver isso, mas já não passamos mais calor. Como a universidade é em uma fazenda, tem um período de bichos, de besouros, tem sapos, cobras, tem tudo isso e como o curso é no período noturno, acredito que já perdemos alunos que tem medo desses insetos e bichos, sofremos um pouquinho com isso. As salas tem Datashow, ar-condicionado, está mais fácil do que quando eu entrei que eram salas só com o quadro, dificilmente tínhamos Datashow, hoje, nesta parte, está um pouco melhor.

N: A senhora percebe se a UEMS sofreu influência de outras universidades quando foi criada e também nos dias de hoje.

I: Acho que influência indiretamente sim. Eu fiz uma formação fora, conheci outras realidades, também tenho colegas que trabalhavam em cursos de Matemática de outras cidades, como em Paranaíba e Campo Grande, acabamos conversando e os outros professores aqui do curso também mantém contato com outros professores, nós também lemos muito sobre os cursos de Matemática, porque há uma pressão dentro da universidade em relação ao número de formandos no curso, pois é um número muito pequeno ainda. Diante disso, vemos que é uma realidade dos cursos de Matemática das diversas Regiões do Brasil, não é algo particular nosso, por estarmos em uma cidade pequena de 20 mil habitantes, se você pegar Campo Grande

e Dourados, que são cidades maiores e outras cidades do estado de Mato Grosso do Sul, todas estão com dificuldades com seus cursos de Matemática, tanto pela evasão, quanto pelo número de alunos que concluem o curso.

Então, acho que isso tudo influencia, mas uma tendência é que os cursos da UFMS são uma referência, de certa forma eles se tornaram cursos muito mais voltados para a formação de professores, bem antes do nosso, porque a UEMS tem curso em Nova Andradina e Dourados, se você olhar o projeto pedagógico deles, eles começaram a pensar mais na formação do professor primeiro. O nosso currículo, e de outras universidades daqui da região ou do estado de Mato Grosso do Sul, é um dos currículos ainda mais pesados em relação às outras, eu não sei dizer se há essa disciplina de Equações Diferenciais e Variáveis Complexas em outros cursos, eu acho que quando os professores Marilena e Zé Luiz vieram avaliar eles falaram muito sobre essa situação, questionaram muito: “Para que ter esse tipo de disciplina”, e alguns professores nas nossas discussões falavam muito: “Será que tem que tirar?” Eu penso que no próximo projeto essas disciplinas, provavelmente, vão sair, apesar de que há justificativas porque existem essas disciplinas também.

N: Professora, poderia comentar do perfil dos alunos da UEMS de Cassilândia?

I: Cassilândia, desde o início, atende ao estado de Goiás e do estado de São Paulo, temos uma facilidade para termos alunos oriundos de Aporé⁵¹, Itajá⁵², Lagoa Santa⁵³ e Itarumã⁵⁴, são quatro cidades que estão a menos de 65 km de Cassilândia, são mais próximas do que Chapadão do Sul, que está a 100 km, também temos alunos de Paranaíba, que fica a 100 km. Cassilândia está no centro dessas cidades, tem faculdade particular aqui e vêm ônibus todos os dias dessas cidades que eu citei. Temos vários egressos trabalhando nesses municípios, acredito que por conta deles nós somos convidados para fazer palestras. Também falamos com alunos do ensino médio, tivemos projeto de cursinho para o Enem⁵⁵, vieram alunos do ensino médio aos sábados para fazê-lo.

⁵¹ Cidade do estado de Goiás localizada, aproximadamente, a 39 km de Cassilândia/MS.

⁵² Cidade do estado de Goiás localizada, aproximadamente, a 23 km de Cassilândia/MS.

⁵³ Cidade do estado de Goiás, localizada aproximadamente a 44 km de Cassilândia/MS.

⁵⁴ Cidade do estado de Goiás, localizada aproximadamente a 64 km de Cassilândia/MS.

⁵⁵ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é a principal porta de entrada no ensino superior do Brasil nos dias de hoje.

Temos alunos do interior de São Paulo, tivemos alunos de Campinas⁵⁶, Sumaré⁵⁷ e Estrela D'Oeste⁵⁸. De Estrela D'Oeste nós temos um dos melhores alunos, foi medalhista de Olimpíada Brasileira de Matemática das escolas públicas e veio para Cassilândia, tem desenvolvido um bom trabalho. Para Agronomia vem alunos de outras regiões, então acaba vindo também para fazer Matemática e Letras, e agora como a nossa porta de entrada é o Sisu⁵⁹, os alunos vão tentando as vagas até vir ao encontro de Cassilândia.

Depois do Sisu não tem como avaliar a procura pelo curso, porque na primeira chamada são quarenta vagas e temos duzentos alunos para a Matemática, só que vem somente dez alunos fazer a matrícula. Temos um projeto de ligar para os alunos quando sai a chamada e às vezes, escutamos: “Ah! Eu moro longe”, “Eu estava tentando, mas já consegui entrar em outra faculdade”, ou “Não conseguirei chegar aí até o dia da matrícula”. Faz bem falar para um tio e para uma tia: “Eu passei em Matemática em Cassilândia!”, mas eu estou lá no Pará. Nós até brincamos que parece que isso faz bem para o ego da pessoa, passar e ser chamado num curso. O Sisu traz esse problema, já tivemos aluno que era de uma cidade depois de Goiânia, veio para estudar em Cassilândia, ficou um tempo e depois ele desistiu, depois analisando, ele passou por um monte de cursos de Matemática em Goiânia, na região toda, e veio parar aqui, nunca conseguimos entender algumas coisas desse tipo. Quando conversamos com os alunos eles falam: “Ah! não é a minha primeira opção de curso”.

Nós oferecemos quarenta vagas todos os anos, mas são preenchidas trinta e oito, trinta e cinco ou trinta e quatro. Isso não significa que esses alunos ficam o ano todo, às vezes, terminamos com vinte, vinte e cinco ou quinze alunos no primeiro ano. Não estou falando que esses alunos concluem a faculdade, esse ano tivemos oito ou sete alunos concluintes, mas não é a turma que entrou desde o primeiro ano e que foram juntos até o final. É uma mistura de turmas que vão ficando e vão se juntando, acho que da turma que entrou junto foram quatro alunos que se formaram esse ano e tinha mais três perdidos das outras turmas.

⁵⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 705 km de Cassilândia/MS.

⁵⁷ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 699 km de Cassilândia/MS.

⁵⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 329 km de Cassilândia/MS.

⁵⁹ O Sistema de Seleção Unificada (SISU), é o sistema informatizado do Ministério da Educação, onde as instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos que participaram do Enem.

Já aconteceu, em alguns anos, de somente um aluno da turma terminar o curso. A universidade tem observado muito essa situação, pois entram quarenta e termina um aluno, isso é um peso negativo para o curso. Tivemos aluna que já desistiu porque engravidou ou o rapaz engravidou outra menina e a moça desistiu, têm problemas psicológicos ou porque se casou, separou, o namoro terminou, temos um problema sério, pois casais vêm estudar, ficamos felizes que vem dois da mesma família, só que se termina o namoro, acabamos perdendo os alunos. Também temos alunos com depressão e isso é bem complicado. Não sei se hoje os problemas são maiores do que os de antigamente ou o que acontece para ter essa dificuldade de permanência, de você superar esses problemas.

N: Professora e qual sua percepção em relação à criação dos cursos de Matemática na região?

I: Em um raio de 100 km para vários lados do estado de Goiás, estado de Mato Grosso do Sul, estado de Minas Gerais, foi muito importante. Fazendo um raio de vários estados o curso é de uma importância muito grande no meu modo de pensar, apesar de estar em uma cidade pequena, essa divisa nossa é muito importante para o curso. Temos curso em Três Lagoas, acho que Jataí que está a 150 km mais ou menos, como Três Lagoas que está a mais ou menos 180 km daqui. Temos curso de Matemática à distância em Chapadão do Sul em uma faculdade particular, a UNOPAR⁶⁰, não sei se têm alunos matriculados, eu não sei informar, temos essas concorrências à distância também. Em Cassilândia tem a Anhanguera⁶¹, que é particular e oferece o curso de Matemática, mas eu não sei se tem alunos que estudam lá.

N: A senhora gostaria de acrescentar algo?

I: Não, só agradeço por ter escolhido meu nome.

N: A senhora teria algum nome que pudesse me indicar para que eu pudesse conversar.

⁶⁰ Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) possui cursos de graduação presencial, semipresencial e a distância.

⁶¹ A Anhanguera Educacional foi fundada em 1994 e oferece cursos de graduação, pós-graduação, técnicos e de extensão, em diversas áreas do conhecimento.

I: O professor Marco, que é egresso de Três Lagoas, às vezes ele pode até falar alguma coisa do curso de lá, e a professora Regina, que é egressa daqui da UEMS de Cassilândia.

N: Professora desde já eu agradeço sua atenção, muito obrigada por conversar comigo. Como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que a Senhora leia e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.

I: Sim, sem problemas. Nós vamos conversando.

N: Até mais!

I: Até.



Fonte: arquivo das redes pessoais do professor

PROFESSOR JOSÉ FELICE



PROFESSOR JOSÉ FELICE

Natalia: Bom Dia! Hoje dia 10 de setembro de 2020, vamos falar com o Professor José Felice que foi indicação da Professora Leocádia Aglaé Petry Leme. Professor, muito obrigada por ter aceitado o convite de conversar comigo. É comum em nossas pesquisas, pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que preferir. Então, peço que o senhor faça sua apresentação pessoal e profissional.

José: Comecei como professor em 1970 na rede estadual de Mato Grosso. Eu não tinha formação em nível de graduação, mas fui dar aula de Matemática. À época não tinha professor de Matemática, eram todos leigos¹. Eu morava próximo de Presidente Prudente², na cidade de Santo Anastácio³, mas eu estava trabalhando em Mato Grosso do Sul - naquele tempo ainda Mato Grosso⁴. Eu tinha começado a graduação em Presidente Prudente, mas naquele tempo era difícil de se locomover aqui do estado do Mato Grosso para Presidente Prudente.

Em janeiro de 1971 fiz um curso chamado Cades⁵. Era um curso de formação precária que o MEC⁶ oferecia para oficializar quem estava dando aula no ginásio⁷ e não tinha formação em nível de graduação. Muitos professores do atual estado de Mato Grosso do Sul foram convidados a fazer o curso, que foi em Campo Grande⁸. Quando terminamos a Cades recebemos uma carteirinha do MEC nos autorizando a dar aula, no meu caso eu era autorizado a dar aula de Matemática em todo o estado, pois os professores eram leigos.

¹ Neste texto estamos entendendo por “professores leigos” profissionais que não possuíam a formação “formal”, suficiente, para lecionar no nível de ensino em que estavam atuando.

² Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 559 km da capital São Paulo.

³ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 34 km de Presidente Prudente.

⁴ Neste contexto, o professor quis dizer que o estado de Mato Grosso não havia sido dividido, pois a separação ocorreu em 11 de outubro de 1977.

⁵ Segundo Baraldi (2003), a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do ensino secundário (Cades), foi criada na gestão de Armando Hildebrand, na Diretoria do ensino secundário e no governo de Getúlio Vargas, a partir do Decreto n.º 34.638 de 14 de novembro de 1953. O objetivo do curso era reciclar os professores para que conseguissem os registros para exercerem o magistério, já que havia falta de professores, principalmente, nas cidades do interior.

⁶ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

⁷ A etapa a qual o professor está se referindo, atualmente, corresponde do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

⁸ Campo Grande é a capital do estado de Mato Grosso do Sul.

Logo em seguida fiz a graduação em Presidente Prudente e comecei a trabalhar como graduado. Eu comecei na UNOESTE⁹ e acabei finalizando o curso de graduação em Dourados¹⁰. Quando abriu o curso de Matemática em 1974 ou 1975 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que tinha um câmpus em Dourados, terminei a graduação lá.

Eu trabalhei até 1994 lecionando nas escolas do estado, foram 24 anos! Em 1994, quando houve a instalação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), eu fui trabalhar lá. À época fiz uma seleção e como eu era professor do estado fui cedido para a UEMS por um bom tempo. Quando fui para a UEMS, primeiramente conhecemos os cursos e posteriormente os reestruturamos. Em agosto de 1994 as unidades começaram a funcionar, inclusive em Cassilândia¹¹.

Quando eu já trabalhava na UEMS, fiz o mestrado. À época, já trabalhava com a Educação Matemática. Então eu fiz um mestrado em educação, na linha de pesquisa de Ciências e Matemática, na Universidade Federal de São Carlos. E o doutorado eu fiz na UFMS, também em educação, na linha de pesquisa de Ciências e Matemática, inicialmente o meu orientador era o professor Luiz Carlos Pais¹², mas ficou impossibilitado de me orientar por problemas de saúde e eu terminei com o José Luiz¹³. Todas as pesquisas que eu tenho feito é na linha da Educação Matemática.

O ensino fundamental eu cursei em Santo Anastácio no estado de São Paulo, que é próximo de Presidente Prudente. O ginásio¹⁴, à época, eu fiz um curso

⁹ A Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), nasceu do sonho dos professores Agripino de Oliveira Lima Filho e Ana Cardoso Maia de Oliveira Lima, por meio do decreto nº 71.190 de 3 de outubro de 1972, que autorizou a Faculdade de Artes, Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente (Faclepp), da Associação Prudentina de Educação e Cultura (Apec). No primeiro vestibular foram oferecidas vagas para as licenciaturas em: Estudos Sociais, Letras e Pedagogia. Em fevereiro de 1973 surgiu o primeiro prédio e em 1987 foi inaugurado o segundo câmpus. Além de Prudente, a UNOESTE também está presente em Jaú e Guarujá.

¹⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 281 km de Campo Grande/MS.

¹¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 433 km de Campo Grande/MS.

¹² Professor Luiz Carlos Pais é graduado em Licenciatura Matemática, pela Universidade Federal do Pará (1980), e graduado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará (1977), com mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade de Montpellier (1991).

¹³ Professor José Luiz Magalhães de Freitas possui graduação em Matemática, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1976), mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1982), doutorado em Didática da Matemática - Université de Montpellier II (Sciences et Techniques du Languedoc) (1993), e pós doutorado em Educação Matemática pela Universidade Joseph Fourier.

¹⁴ O Professor está se referindo ao que atualmente conhecemos por 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O curso ginásial tinha uma duração de quatro anos e fazia parte do ensino secundário, segundo o que previa o Decreto nº 4.244 de 9 de abril de 1942 – Reforma Capanema.

profissionalizante em uma escola técnica de comércio, era uma escola particular, mas depois eu fui para a escola pública. O curso ginásial nesta escola particular era um curso de contabilidade, porém fiz só o técnico de comércio que atualmente corresponde até o 9º ano do ensino fundamental. Cursei o ensino médio em 1967, 1968 e 1969, comecei no colegial e depois eu mudei para o curso normal, que era voltado para a formação do Magistério, terminei em 1969. À época, o pessoal saía do Magistério e ia dar aula e, às vezes, acabávamos dando aula em disciplinas específicas do ensino médio que era chamado de colegial - também lecionava no ginásio, mas eu fui dar aula na graduação.

Eu era péssimo em Matemática, mas em 1967 quando comecei o normal, que tinha a duração de 3 anos, tive um professor de Sociologia que me despertou para Matemática. À época, todos os meus professores também eram leigos, não tinham formação. Mas esse professor era o único que tinha mestrado em História e nas aulas ele foi contar sobre a história da civilização egípcia e começou a resgatar questões da Geometria nas construções. Por exemplo, o uso do esquadro nos prédios, as pirâmides com paredes inclinadas, tudo isso me despertou para a questão da Geometria, foi algo que me empolgou. Esta história que eu estou contando, irei publicar em um livro que estou escrevendo, já publiquei dois livros.

Lecionei muito tempo Geometria Euclidiana, gostava de trazer os fatos históricos, pois foi isto que me motivou a ser professor de Matemática. Quando eu dizia para os meus colegas que eu ia fazer o curso de graduação em Matemática, o povo falava: “você não sabe Matemática, como você vai fazer Matemática?” [risos]. Eu passei a aprender muita coisa que não aprendi na escola durante o curso, foi difícil para mim. Mas a minha tendência sempre foi na questão do ensino em Matemática. Me dediquei nas pesquisas e as coisas que eu ia escrevendo era tudo em relação à Matemática.

Quando eu cheguei a UEMS, fui trabalhar em Glória de Dourados¹⁵, pois tinha o curso de licenciatura em Matemática. A universidade foi criada com vários tipos de cursos, tinha Ciências com habilitação em Matemática e Ciências com habilitação em Biologia. O nosso curso em Glória de Dourados era licenciatura plena em Matemática.

¹⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 281 km de Campo Grande/MS.

Inclusive, em Cassilândia o curso começou como Ciências com habilitação em Matemática e outras unidades também tinha esses cursos. Em 2000 a UEMS modificou esses cursos, foi extinto as Ciências¹⁶ com as habilitações e passou a ser licenciatura em Matemática¹⁷ em todas as unidades que ofereciam os cursos: Cassilândia, Dourados e Nova Andradina¹⁸.

No início a UEMS tinha por finalidade levar o curso superior para o interior do estado de Mato Grosso do Sul, essa era a ideia inicial. À época, ainda tinha essas habilitações que eram importantes, porque era um currículo muito heterogêneo, Ciências tinha aula de Biologia, Química, Física e a parte de Matemática. A ideia era que formasse o professor com habilitação em Matemática, mas que ele pudesse também dar aula de Ciências. Como a falta de professor era grande, então implantaram no projeto inicial da UEMS esses cursos, depois a legislação foi mudando e surgiram às diretrizes da licenciatura em Matemática, os cursos e os projetos pedagógicos também foram alterados.

N: O Professor poderia comentar mais um pouco sobre a criação da UEMS?

J: O objetivo maior era levar formação em nível superior para o interior, porque, à época, só tinha o curso de Matemática em Campo Grande, Dourados, Três Lagoas¹⁹ e Aquidauana²⁰, mas havia um vácuo no estado em relação aos cursos de ensino superior. Tanto que foi atingido várias partes do estado, tiveram cursos em Paranaíba²¹ e Cassilândia, eles foram levados nesta época porque o ensino superior na região do Bolsão era só Três Lagoas. Tinha também o curso de Matemática em Campo Grande, mas era longe.

A UEMS foi criada em 1993, mas foi implantada em julho de 1994 quando ocorreu o primeiro vestibular. As aulas começaram no dia 08 de agosto de 1994, era um calendário diferente, pois começava no meio do ano e terminava no meio do ano do próximo ano, o pessoal precisava se acostumar com essa singularidade. A

¹⁶ Resolução CEPE/UEMS, nº 157, de 23/02/00.

¹⁷ Resolução CEPE/UEMS n.º 158 de 23/02/00.

¹⁸ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 297 km de Campo Grande/MS.

¹⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 228 km de Cassilândia/MS.

²⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 228 km de Cassilândia/MS.

²¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 408 km de Campo Grande/MS.

professora Leocadia²² vendia a ideia que quem não entrasse em outras universidades, ainda tinha a chance de conseguir na UEMS, pois nos começávamos quando ninguém estava começando [risos].

A carência de professores era significativa. Professor de Matemática com formação era muito difícil de encontrar, por exemplo, quem estava em Paranaíba ou em Cassilândia não ia estudar em um lugar muito longe, ou você saía e se deslocava para ir estudar ou não estudava. Para trabalhar nesses lugares do interior, bem no interior mesmo, vinham pessoas de fora, porque formação local não existia!

Depois que entrei na UEMS em 1996 eu assumi um cargo de chefe da divisão de graduação, mas continuei dando aula. Nós discutíamos os cursos na Pró-Reitoria de ensino, eu trabalhei muito tempo lá. Alguns cursos foram escolhidos, à época, de forma política. O político ia e dizia quais cursos gostariam de ter na cidade, por exemplo, em Cassilândia houve uma consulta com os políticos, perguntando qual curso seria importante para cidade. À época o curso discutido foi de Letras e Matemática, pois era isso que a região pedia. Não existia em Paranaíba o curso de Matemática e com isto acabou abrindo em Cassilândia. Geralmente, os prefeitos faziam uma consulta na secretaria municipal do local, não era uma consulta popular efetiva, mas era uma consulta popular a grosso modo.

A abertura das unidades, às vezes, era estratégica, mas atrás dessa estratégia tinha as questões políticas. À época, o prefeito que era chegado do governo, do governador ia e pedia. Com isto, muitos municípios ganharam uma unidade da UEMS na base da política, tanto é que Glória de Dourados, onde eu trabalhei muito tempo, foi muito concentrado a questão de política, mas não tinha nem prédio próprio. Cassilândia também não tinha, a unidade foi criada, mas não tinha prédio. Em outros locais foi determinado a construção de prédio.

Em 1995 o pessoal já estava nos prédios novos, mas em Glória de Dourados, Cassilândia e Rochedo²³ não tinha o prédio a priori. Em Glória de Dourados nós trabalhávamos no salão paroquial, foi o local que a prefeitura tinha para nos ceder, ficamos com algumas salas de instituições e de entidades. Por exemplo, Cassilândia

²² Professora Leocádia Aglaé Petry Leme, possui graduação em Pedagogia e foi reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (1994-2003). A professora é uma das colaboradoras deste trabalho.

²³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 83 km de Campo Grande/MS.

funcionou lá no “Marcelão²⁴” por muito tempo, em um andar daqueles, hoje funciona no antigo colégio agrícola que é localizado em uma fazenda um pouco mais para frente, no sentido de Chapadão do Sul²⁵.

Hoje em Cassilândia tem a Irene²⁶, ela foi minha aluna na graduação em Glória de Dourados, depois ela fez o mestrado e, quando abriu o concurso, ela entrou na UEMS, fui banca dela. O Marco Queiroz²⁷ também está em Cassilândia, ele fez o mestrado e o doutorado em Ilha Solteira, conheço bastante o Marco.

N: Professor, quando os cursos de Matemática foram sendo criados na UEMS vocês se espelharam em alguma outra universidade?

J: Quando os cursos foram implantados o projeto estava pronto e nós tínhamos que operacionalizar, ou seja, fazer a coisa funcionar. Mas o grupo que trabalhou bastante no projeto da UEMS era o grupo da universidade federal. Como eles pensaram o curso não sei, mas depois nós começamos a pensar no curso, fomos modificando-o e fazendo as alterações, até quando saiu as diretrizes da licenciatura em Matemática, remodelamos os cursos de acordo com as diretrizes.

Os grupos de professores, no início das graduações em Matemática eram os professores da Matemática Pura e Aplicada, um pessoal forte, à época. Com o passar do tempo foi chegando também os que tinham a ideia voltada para o ensino da Matemática, então nós fomos formando um grupo grande, porque começou a aparecer o pessoal formado no mestrado em Educação Matemática.

Quando começaram a surgir esses grupos, começamos a trabalhar na questão de que as disciplinas fossem equilibradas, até porque era um curso de licenciatura. Houve bastante mudanças, hoje podemos dizer que já temos um grupo consolidado dentro da Educação Matemática. Mas não foi fácil, já fizemos vários concursos para a área de ensino da Matemática, então entraram muitas pessoas que nos ajudam a

²⁴ O professor está referindo-se a Escola Hermelina Barbosa Leal.

²⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 304 km de Campo Grande/MS.

²⁶ Professora Irene Coelho de Araújo é graduada em Matemática (2000), possui especialização em Educação Matemática (2004), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2005) e doutorado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012). A Professora é uma das colaboradoras deste trabalho.

²⁷ Professor Marco Aparecido Duarte Queiroz, possui graduação em Matemática, licenciatura Plena pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1995), mestrado em Engenharia Elétrica-Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Engenharia Elétrica-Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). O professor é um dos colaboradores deste trabalho.

trabalhar, tanto é que na unidade de Nova Andradina, onde eu trabalho hoje o grupo da Educação Matemática está consolidado, nós somos em quatro professores da área, por exemplo, temos as seguintes disciplinas: Informática Aplicada no ensino da Matemática, Metodologias voltadas para a Educação Matemática, Didática da Matemática específica, Didática Geral e Didática da Matemática, Laboratório de ensino da Matemática e História da Matemática.

Temos um curso bem equilibrado nas questões entre a Matemática e a Educação Matemática. Em Cassilândia tem um grupo, mas não é muito grande, mas tem a Irene e mais outros que estão batalhando para trabalhar essas disciplinas voltadas para o ensino da Matemática.

N: Poderia comentar sobre o projeto pedagógico dos cursos de Matemática?

J: Em 2003, quando foi implantada a licenciatura em Matemática, o projeto era o mesmo para Dourados, Nova Andradina e Cassilândia. Depois de discussões entre os grupos de professores, começaram a pensar nesta questão do projeto, então foi modificando. Por exemplo, tem disciplinas que nós temos em Nova Andradina que não tem em Cassilândia, tem disciplinas que o pessoal de Dourados tem e nós não temos aqui e nem em Cassilândia.

Então agora ficou independente, cada unidade tem o seu projeto pedagógico. Sempre tem algumas questõezinhas que você tem que incluir, alguns conteúdos dentro das disciplinas, assim vamos fazendo uma reformulação curricular, mas não tem mudanças estruturais do curso, algumas coisas que são acrescentadas é para seguir as diretrizes do Conselho Nacional de Educação. Também temos o Conselho Estadual e a maioria das coisas da esfera federal, eles vão passando para os cursos.

N: Professor, na UEMS o senhor ocupou quais cargos?

J: Em 1994 eu comecei como professor, depois em 1996 tive alguns cargos administrativos, mas eu nunca deixei de dar aula. Fui sempre professor e fazendo a parte administrativa, fiquei quase dez anos na sede em Dourados - de 1996 até 2005 - na administração. Fui o chefe de ensino de graduação, depois eu fui chefe do núcleo de Ciências Tecnológicas, trabalhava com os cursos da área de Ciências Exatas e de Tecnologia. Fui coordenador do curso em Dourados e, por fim, vim para Nova Andradina e fui coordenador de curso. Mas agora eu quero terminar como professor.

No começo foi tudo cedido, ou você era cedido ou era contratado. Os que tinham vínculo com o estado foram cedidos para a UEMS, quem não tinha vínculo com estado era por contrato de trabalho. O concurso foi só em 1997, porque para fazer concurso precisava ter um plano de carreira, só depois de criar o plano de carreira é que ocorreu o primeiro concurso. Eu fiz e passei no primeiro concurso, entrei na primeira turma, acho que foi em 1997 ou 1998, não estou lembrado. Alguns não quiseram fazer o concurso e estão cedidos até hoje, outros fizeram e não conseguiram passar. À época, eu tinha feito duas especializações, uma delas era em Matemática Aplicada, então ficou mais fácil quando eu fui fazer o concurso que estava exigindo uma especialização que fosse a área específica do concurso. Tanto é que eu fiz o concurso para Matemática mesmo, os conteúdos eram todos na Matemática.

N: Os professores que vieram cedidos do estado, eles tinham graduação ou poderia ser professor leigo?

J: Não tinha ninguém leigo, todos tinham que ter no mínimo uma especialização, não bastava ter só a graduação não.

N: No início da UEMS os professores tinham um tempo destinado a pesquisa e a extensão?

J: No início era o seguinte, tinha que dar aula. O forte era o ensino, até porque não tinha uma estrutura para pesquisa. A pesquisa foi surgindo quando o pessoal chegou com mestrado e doutorado, principalmente os doutores que começaram agilizar a promotoria da pesquisa. No começo era o ensino e extensão, dávamos muitas aulas, porque não tinha o que fazer, o pessoal não era da área da pesquisa.

Os concursos começaram a exigir no mínimo um mestrado e o pessoal vinha com mestrado. Grande parte já chegava com o doutorado pronto e eles estavam preparados para incrementar a pesquisa, principalmente na área de Biologia que era forte no início. A Matemática demorou um pouco, porque tinha poucos que chegavam com mestrado. Hoje só abre concurso para doutores, então quer dizer, o pessoal já chega com o trabalho de pesquisa bem desenvolvido.

O professor cedido acabou ficando com mais horas aulas, embora tivesse a oportunidade em desenvolver pesquisa também, mas isso aconteceu porque ele não estava no plano de carreira da UEMS. Ele recebe o mesmo salário, mas não está no

plano de carreira, então ele não tem aquela renovação de titulação na carreira. Ele está estacionado, se ele for mestre ele ganha como mestre, se ele for doutor, ganha como doutor, mas ele não ganha por tempo integral, ele não tem os benefícios do plano de carreira.

Temos professores concursados, cedidos e contratados. O professor substituto é contratado, ele faz uma seleção e é contratado por dois anos. Posterior a esse período ele não pode renovar, tem que esperar um tempo, depois faz outra seleção para conseguir ser contratado novamente. Eles não são obrigados a fazer pesquisa, se ele tiver pesquisa vai fazendo, mas ele não é obrigado a fazer, porque é contratado por carga horária.

N: Certo. O Professor poderia comentar sobre o processo de reconhecimento dos cursos de Matemática?

J: O curso é guiado pela universidade, já que ela quem faz a criação. O Conselho Estadual é quem faz a validação e a reavaliação dos cursos, o prazo é de quatro ou cinco anos, tem curso que eles dão prazo de três anos para revalidar, tem uma comissão técnica que vai visitar os cursos. Quando a universidade é federal é o MEC quem avalia, mas quando é a da universidade estadual é o Conselho Estadual.

N: O Professor poderia dizer qual era o perfil do aluno que ingressava na UEMS?

J: Cassilândia tinha um perfil interessante, isso era no tempo em que eu estava na administração. Foi a época que 50% dos alunos eram de Mato Grosso do Sul e 50% eram de Goiás. Houve época que teve mais alunos de Goiás do que de Mato Grosso do Sul [risos], isso porque Cassilândia tem cidades de Goiás que são divisas com ela. Tinha alunos que já estavam dando aula e ainda não tinham formação, mas estavam buscando um meio para se formar.

N: E qual seria o perfil do egresso dos cursos de Matemática da UEMS?

J: Era formar o professor para que ele pudesse trabalhar na educação básica, esse era o perfil desses alunos egressos. Por exemplo, eu trabalhei muito tempo dando aula no primeiro ano de Geometria Euclidiana, então eu conhecia muito os alunos que chegavam. Esses alunos vinham da EJA²⁸ com muita dificuldade em Matemática,

²⁸ Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou a educação formal na idade apropriada.

esse era o perfil dos alunos que ingressavam. No vestibular aqueles que tinham menor pontuação eram do curso de Matemática.

O pessoal da Letras, por exemplo, de Nova Andradina e Cassilândia que tinham o curso de Letras e o de Matemática, a pontuação dos alunos de Letras era bem maior que a da Matemática. Era um perfil de alunos carentes mesmo. Tanto que o curso foi modificado depois, mas o primeiro ano, por exemplo, tinha Fundamentos I e Fundamentos II que eram aquelas disciplinas que pegavam todo aquele conteúdo de Matemática do ensino médio. Nós tínhamos que ensinar e prepará-los, porque no segundo ano esse aluno iria ter Cálculo. Hoje nós temos Cálculo no primeiro ano, mas é complicado. O perfil desses alunos hoje não mudou muito daquele tempo atrás não! No curso de Matemática temos que segurar a clientela, diferente de um curso de Engenharia. Sempre discutimos a qualidade do ensino médio na visão do ensino público.

Um tempo atrás os cursinhos preparavam quem ia para Engenharia, um tempo bem atrás [risos] eu dei aula em um cursinho e nós trabalhávamos com a visão de que o sujeito ia fazer Engenharia ou Medicina, trabalhávamos aqueles conteúdos com uma carga horária boa de Matemática, Química e Física. Se você olhar a carga horária de Matemática da educação básica pública do ensino médio é precária. O aluno vai chegar ao ensino superior com uma defasagem muito grande, sem muitas coisas, você vai ter que trabalhar no primeiro ano e não adianta reclamar, porque aquela é a clientela que você recebe da escola pública. Quem estuda em escola particular vai fazer outros cursos, como por exemplo, Engenharia e assim por diante, nossa clientela é essa com uma defasagem muito grande principalmente na Matemática.

Eu falo que antigamente, quando eu trabalhava no curso de Matemática, existia uma motivação, porque existiam os concursos para professores, tinha bastantes vagas. Hoje não tem quase concurso e nem vagas, o pessoal fica desmotivado, quando você passa em um concurso acaba pegando aula em duas, três ou quatro escolas e fica tudo complicado. Se você disser para uma turma: “nós estamos aqui no curso de licenciatura de Matemática, de formação de professores”. O sujeito te olha e fala: “Ah! Eu não quero ser professor de Matemática”. Mas está fazendo Matemática, sei lá, tentamos entender, porém fica complicado.

Eu que trabalho com Didática da Matemática e com Laboratório, tento explicar como é que iremos trabalhar certo conteúdo dentro da sala de aula, mas observo a

desmotivação, vai ter dois ou três que vão se destacar, os outros não tão pensando muita coisa não [risos].

N: Sim. O Professor poderia nos dizer sobre a estrutura da universidade?

J: Eu fui muitas vezes para Cassilândia quando era o chefe da divisão de graduação, quando ainda usavam o espaço físico da escola que era localizada na cidade. A estrutura hoje eu não sei como que é.

Em Nova Andradina nós conseguimos uma estrutura em termos de tecnologia, temos três laboratórios de computação, pois temos o curso de Computação. O pessoal trabalha muito com software, há projetos de extensão e ensino na área de tecnologia. Leciono a disciplina de Didática de Laboratório e temos uma sala que é de ensino de Matemática, temos retroprojektor, filmadora - você pode produzir a aula -, tem os armários com material pedagógico e mesas grandes. A Didática que usa o laboratório, uma sala específica. Agora nas outras unidades eu não sei como que é, porque faz tempo que visitei pela última vez as unidades. Em Dourados eu sei que não tem muita coisa não, nós conseguimos mais, é uma estrutura melhor aqui em Nova Andradina para as aulas práticas.

A estrutura de Cassilândia era complicada, nem tanto para Matemática, porque as salas eram hexagonais, nem trinta alunos cabem. À época, só tinha sala de aula mesmo, o prédio não era da UEMS, ela ocupava um determinado espaço, hoje a unidade de Cassilândia está na zona rural, na fazendinha, eu não sei como que a Irene faz, porque é ela quem comanda. Eu não sei como ela se ajeitou com essa questão da parte de Didática, não sei como que é.

Quando a Irene fez o concurso, eu fui banca dela e eu falei para ela: “oh você é a esperança do curso de licenciatura em Matemática em Cassilândia”. Porque não tinha ninguém, à época, eram todos matemáticos, não tinha ninguém da área da Educação Matemática. Eu disse a ela: “você vai fazer a diferença!”. Nas outras unidades também era assim, não tinha uma estrutura, então você dava aula, era tudo na base da aula mesmo.

N: O senhor comentou sobre a interferência política na criação dos cursos da UEMS, depois da criação ainda houve essas interferências?

J: Teve interferência política muito grande. Houve momentos em que achávamos que estava tudo perdido, hoje acredito que essas questões estão mais consolidadas. Tem que ter todo um trabalho de aproximação com o governo, porque o governo do estado é o mantenedor da universidade, para ter recursos financeiros, investimentos e a aberturas de cursos, por exemplo.

Hoje nós temos cursos de mestrado e doutorado, mas tudo isso precisa do incentivo financeiro do próprio governo, senão você não abre. Hoje a estrutura é outra, eu leciono uma disciplina no curso de Educação Científica que é o mestrado profissionalizante de Dourados, faço parceria com o professor Soner²⁹, nós temos um curso de mestrado que forma na área de ensino de Ciências que é bem abrangente.

Eu tinha um cargo na administração, então era comum chegar documento dos prefeitos pedindo para abrir um curso em suas respectivas cidades. Nós mandávamos a solicitação para o reitor. À época, eu trabalhei muito na administração e a professora Leocádia passava a bola para nós: “mas como vai abrir um curso lá?”. Ela falava: “o povo quer, como é que faz?”. Era uma guerra grande, todos os prefeitos queriam o curso de Direito, era uma briga danada. Mas eu me dava muito bem com a Leocádia, conversávamos muito e eu falava a ela para descartar um pouco desses pedidos, porque o povo pedia demais [risos].

Tinha muita interferência política, mas hoje não tem mais, quem decide são os conselhos universitários, conselhos de ensino, pesquisa e extensão. São conselhos bem estruturados, qualquer proposta que chega, tem um nível bem alto de discussão, se você vai reestruturar um curso tem que passar por uma assessoria jurídica, depois passar pela câmara de graduação e você vai estudar as reformulações porque precisa estar tudo dentro da lei. Hoje o pessoal está bem preparado para essas coisas. Então a interferência política não tem tanta força.

Quando eu fui para UEMS em 1993 eu já trabalhava na UNIGRAN³⁰, que é uma instituição particular. Nós tínhamos estruturado um curso de licenciatura em Matemática, eu tinha uma determinada experiência quando eu cheguei a UEMS.

²⁹ Professor Sonner Arfux de Figueiredo possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2000), especialização Lato Sensu em Educação Matemática pela Faculdade de Educação São Luiz – Jaboticabal/SP (2001), mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade de Taubaté (UNITAU/SP) (2004), e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Anhanguera de São Paulo/SP, possui também Sanduiche na Universidade de Alicante-Espanha.

³⁰ Na década de 1970 surge na região da Grande Dourados, a instituição particular Sociedade Civil de Educação da Grane Dourados (SOCIGRAN), em 1998 tornou-se Centro Universitário (UNIGRAN).

Quem me conhecia dizia: “você quer uma pessoa que já tem uma experiência nisso? Chama o José Felice” [risos]. Então me chamaram e eu acabei ficando bastante tempo, aprendi muito na administração. Porque em 1996 nós já tínhamos duas turmas, porém não tínhamos normas para graduação, só tinha o regimento. Então nós elaboramos os projetos pedagógicos, foi um aprendizado muito grande. Hoje quando se fala na parte histórica desses cursos o pessoal sempre cita o meu nome, para eu explicar esta parte histórica.

Eu sempre falo que historiar essas coisas é interessante. Às vezes, o pessoal reclama das coisas que estão estruturadas e eu digo que hoje as coisas estão boas. Porque já foi terrível a coisa. Estamos vivenciando muitas coisas, mas é sempre bom você recordar. A professora Leocádia em uma certa altura do campeonato falava para nós: “você estão discutindo isso, mas vocês parecem muito amadores tendo essa discussão”. Eu falava: “nós somos amadores mesmo, o dia que a gente virar profissional, aqui vai ficar melhor” [risos].

As questões de legislação, de estrutura dos cursos são muito sérias, mas fomos aprendendo muito. Hoje os cursos estão todos estruturados. Quem está à frente da administração da UEMS está tocando cursos bem estruturados. Quando abriram os cursos em Cassilândia, tinha uma estrada com umas casas em volta da estrada e nós questionávamos: “Por que abriu lá e não em Paranaíba?”. Uma resposta muito difícil. Eu acabei assimilando a ideia que o prefeito de Cassilândia tinha uma influência muito grande, tanto que quando eu ia até lá, o pessoal dizia que eu iria ficar no hotel do prefeito [risos] que era cinco estrelas, tinha um restaurante bom. Como a influência do prefeito era grande, ele levou o curso para lá. Tanto é que Paranaíba ficou muito tempo chateado, mas depois acabou levando vantagem, porque o prefeito conseguiu uma unidade e o curso de Direito, que era difícil de conquistar. Essas coisas políticas que eu nem perguntava o motivo, pois não queria envolvimento político com ninguém. Quando foi feito o processo de reconhecimento do curso de Direito de Paranaíba eu era o chefe de divisão de graduação e acompanhei uma comissão instituída pelo Conselho Estadual. Vieram um juiz de trabalho do Rio de Janeiro e um professor de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi um trabalho complexo. Porque eles vêm com uma ideia, mas quando veem que a coisa funciona de outro jeito, por exemplo, pediram para ver a biblioteca e disseram: “só isso?”. Porque no Rio de Janeiro você tem a biblioteca! Foi difícil de reconhecer o curso!

Hoje Paranaíba está muito mais estruturada do que de Cassilândia, apesar que Cassilândia ter cursos importantes, que é o curso de Agronomia, acho que aquela região está bem servida. Eu não sei qual é a procura pelo curso de Matemática hoje, porque teve uma época que foi muita baixa. Mas Cassilândia sempre vai ter esse problema em relação aos números de alunos para formar turma, nós já estamos sentindo aqui em Nova Andradina isso também, ainda não está crítico. Acredito que esse número baixo de alunos em Cassilândia tem vários motivos e um deles se deve à formação dos docentes da rede municipal de educação, já estão todos formados. Aquelas cidades de Goiás já estudaram em Cassilândia, estão todos formados. Então não é uma região que pode atrair uma clientela. O pessoal de Paranaíba não vai mais para lá, porque tem o curso de licenciatura em Matemática na UFMS.

Cassilândia não está localizada em um ponto tão estratégico para o curso de Matemática, não sei como que eles vão fazer no futuro, é lógico que eles vão lutar sempre para ter o curso, porém ele vai ser sempre deficitário de alunos ingressantes. Outro fator desmotivante é a questão de a universidade estar localizada na zona rural, no meio do mato e com muitos bichos, por exemplo. Em Nova Andradina nós estamos dentro da cidade, é fácil de se locomover. Mas Dourados já tem dificuldades, a unidade é dezesseis quilômetros do centro da cidade ou você vai de carro ou de ônibus, a cidade universitária é grande, porque juntaram a UFGD³¹ e a UFMS. Mas é um lugar distante, para você fazer um curso lá tem que estar bem motivado, tem que gostar, porque são no mínimo quatro anos.

No início de Cassilândia era como se fosse uma família, muito legal de falar, tinha os professores antigos, que foram cedidos. No começo tinha aquela empolgação, havia uma competição entre os cursos de Letras e Matemática para ver quem tinha mais alunos, mas com o tempo isso foi se perdendo, foi deixando de ser um local legal para você confraternizar. Passa a ser algo mais técnico, hoje é um curso que não motiva muito.

³¹ A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), foi criada do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O CEUD, antes chamado de Centro Pedagógico de Dourados – CPD, começou a funcionar em Dourados em 1971.

Tinha a Janete³², que eu conheci em junho de 1994 na seleção. Tinha o Paulo Neres³³, ele era o desbravador. Quando fizemos a seleção, eu me lembro da classificação, tinha uma professora e um professor que eram mestres eu fiquei em terceiro, logo após a Janete e o Paulo Neres. E nós dizíamos para eles ficarem tranquilos, porque ninguém iria escolher trabalhar em Cassilândia, porque eram setecentos quilômetros de Dourados. Tanto que os dois assumiram todas as disciplinas em Cassilândia. Também tinha mais um professor que vinha de Aparecida do Taboado³⁴, eu não lembro mais o nome dele, foi um grande amigo meu, ele também fez a seleção. A professora Elaine Greice³⁵ era professora de Psicologia, lecionava na área pedagógica, no curso de Letras e Matemática, acho que ela está em Campo Grande trabalhando com os cursos de Educação.

N: Ela se aposentou.

J: Todos estão aposentando e eu estou aqui aguentando as pontas [risos].

N: O Professor gostaria acrescentar algo?

J: Vamos ficar assim, se você precisar de algo é só me chamar.

N: Combinado [risos]. Eu agradeço a sua atenção e a sua disponibilidade em conversar comigo. Como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que o senhor leia e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.

J: Sim. Obrigado também pela oportunidade de contar um pouco de história.

N: Imagina, o prazer é todo meu!

J: Agora é você quem conta a história [risos].

³² Professora Janete Bortolaia de Freitas, graduada em Matemática, foi professora da UEMS na Unidade Universitária de Cassilândia, atualmente está aposentada.

³³ Professor Paulo Neres de Carvalho, é formado em Ciências com Habilitação em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP), atualmente é professor da UEMS unidade universitária de Campo Grande/MS.

³⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul localizada aproximadamente a 145 km de Cassilândia/MS.

³⁵ Professora Eliane Greice Davanço Nogueira, psicóloga, pedagoga e doutora em Educação, hoje professora aposentada da UEMS.

N: Sim... [risos].

J: Até mais! Felicidades para você.

N: Obrigada e até mais!



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora.

PROFESSORA **LEOCÁDIA AGLAÉ** **PETRY LEME**



PROFESSORA LEOCÁDIA AGLAÉ PETRY LEME

Natalia: *Boa Tarde! Hoje, dia 02 de julho de 2020, vamos falar com a Professora Leocádía Aglaé Petry Leme. Professora, muito obrigada por ter aceitado o convite de conversar conosco. É comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que preferir. Então, peço que a senhora faça sua apresentação pessoal e profissional.*

Leocádía: Eu vou fazer rapidamente a apresentação, porque são cinquenta anos dedicados à educação, então tem muita coisa. Mas vou contar como se deu o meu vínculo com a educação. Sinto-me sul-mato-grossense, mas a minha infância, início da fase adulta e casamento foram em Curitiba¹.

Formei-me pelo Colégio de Freiras Sagrado Coração de Jesus² em Curitiba, fiz o antigo normal³, pois meu pai queria ter uma filha professora - somos três filhos, um homem e duas mulheres. Naquela época, para fazer faculdade era necessário fazer cursinho, já que as vagas eram muito difíceis.

Eu queria fazer Direito, não sei se você sabe, mas hoje eu sou aluna do Direito. Meus colegas de turma ficam animados, pois eu já fui a reitora da universidade e hoje eu estudo nela [risos]. Hoje eu estou completamente aposentada, aposentei-me no final de 2017, faz dois anos e pouquinho, mas eu resolvi fazer o curso de Direito, então agora sou aluna, estou na metade do curso, no quinto semestre. Hoje tenho setenta e dois anos, o corpo até acaba tendo problemas, mas a mente você tem que colocar para pensar e eu achei o melhor jeito, estudar é o único jeito, até admito ficar velha, mas enlouquecer não pode, pois tenho que cuidar dos meus filhos e dos netos que eu tenho um monte [risos].

Digo para os colegas que estou realizando um sonho de adolescência, pois sempre tive vontade de cursar Direito, mas o meu pai falou: “Filha, eu quero que você seja professora”, E eu disse: “Tudo bem”. Pensei, vou fazer o curso de Pedagogia,

¹ Cidade do estado do Paraná, localizada aproximadamente a 1006 km da capital Campo Grande.

² O Colégio foi fundado e mantido desde 1915 pelas Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus que há 100 anos vieram da Itália, os educandos recebem uma formação ética e cristã. Disponível em: <http://sagradoctba.redesagradossul.com.br/institucional>. Acesso em: 26 jul. 2020.

³ A professora está referindo-se às Escolas Normais que foram aprovadas pelo decreto n. 8.025, de 16 de março de 1881. As instituições tinham por objetivo preparar professores para atuar no ensino primário, o que atualmente corresponde do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, os alunos eram formados em Ciências e Letras ou em Arte.

entrei na Federal⁴, e o meu curso era vespertino, então pedi para meu pai me deixar fazer no período da noite o curso de Direito na Universidade Católica⁵, e ele me disse para eu fazer o vestibular, eu fiz e passei. No dia de realizar a matrícula ele foi comigo, pois era no período da noite, e eu nunca tinha estudado de noite, era sempre de manhã ou de tarde. Chegando à universidade tinha uma fila de sessenta pessoas, na qual cinquenta e oito eram homens e duas eram mulheres. Imagina isso há cinquenta anos, meu pai disse: “Filha, vamos fazer o seguinte, é perigoso estudar de noite, então você faz Pedagogia e depois você faz o Direito”.

Fiz a Pedagogia, cursei três anos na Federal e quando faltava mais um ano para terminar eu me casei e fui morar no interior do Paraná. Terminei minha faculdade em Presidente Prudente⁶. Eu tinha feito Magistério com habilitação em supervisão, minha vida inteira eu fiquei desenvolvendo tarefas de supervisora, coordenadora educacional, eu fui muito pouco para docência, tanto que ao invés de fazer a carreira em mestrado e doutorado eu fiz pelo menos três especializações em gestão, comecei com a gestão de supletivo, depois de ensino superior e por último, gestão de negócios dentro da área privada. Eu acabei ficando mesmo na administração das coisas.

Depois que terminei a faculdade eu fui para uma cidadezinha do Mato Grosso⁷, que depois virou Mato Grosso do Sul, morei oito anos lá. Fui coordenadora pedagógica em uma escola de El Dourado⁸, e logo após vim para Campo Grande⁹ e fui direto para Secretaria. Lá eu exerci uma série de direções, de supervisões de planejamento, que me facilitou quando eu recebi o convite para ser secretária de educação do estado. Eu conhecia muito da rede por ter trabalhado uns seis ou sete anos lá.

⁴ Universidade do Paraná começou a funcionar como instituição particular, com a Primeira Guerra Mundial houve o fechamento das universidades particulares, numa tentativa do Governo Federal de centralizar o poder sob as instituições de ensino superior. Restaurada, a universidade em 1946 e federalizado em 1950, passou-se a chamar Universidade Federal do Paraná (UFPR).

⁵ Fundada como Universidade Católica do Paraná em 14 de março de 1959 pelo Arcebispo Dom Manuel da Silveira D'Elboux. Em 1985 recebeu o título de Pontifícia e passou a chamar-se Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

⁶ Não foi possível ter conhecimento de quais faculdades a professora estudou, pois antes de ela validar a sua narrativa, infelizmente, Leocádia faleceu.

⁷ A divisão do estado de Mato Grosso e a criação do estado de Mato Grosso do Sul, foi oficializada em 11 de outubro de 1977 pela Lei Complementar nº 31, sancionada pelo presidente da República Ernesto Geisel.

⁸ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 374 km da capital Campo Grande.

⁹ Campo Grande é a capital do estado de Mato Grosso do Sul.

Fui secretária de educação do estado durante quase quatro anos, depois eu fui reitora, mas antes de ser secretária eu fui técnica, fui coordenadora, primeiro fui professora de Ensino Básico durante dois anos no Paraná, depois coordenadora pedagógica, fui técnica no setor de supervisão na Secretaria de Educação, fui técnica da programação da coordenadoria de planejamento da Secretaria da Educação, diretora de desenvolvimento educacional da coordenadoria geral, e aí fui secretária de educação. Fui presidente e vice-presidente do CONSED que é o Conselho de Secretários de Educação, fui membro do Comitê de Implantação da Universidade, consultora da Fundação Roberto Marinho em 1995, reitora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, depois eu fui conselheira durante seis anos do Conselho Estadual de Educação, fui diretora da UNIDERP¹⁰, vice-reitora da UNIDERP e depois reitora da UNIDERP, eu fui tudo isso [risos], foram anos de muito trabalho!

Enquanto secretária tinha uma proposta muito interessante de implantar uma Universidade Estadual e o governador aceitou implantar. Prevíamos a democratização da escola e a capacitação de nossos profissionais, e a capacitação veio por meio da implantação da universidade, que tinha o compromisso de formar os docentes do interior. É claro que abrangemos também outras áreas, como a Enfermagem, Direito, Zootecnia, mas antes de qualquer outro curso teria que ter um ou dois cursos de licenciatura.

A universidade, no primeiro momento, tinha o compromisso com o ensino, a extensão era muito pouco, a pesquisa veio um pouco depois quando começamos a formar os nossos primeiros alunos, foi quando nós trouxemos mestrado em parceria com a Universidade de São Carlos¹¹ e a Federal de Santa Catarina¹².

¹⁰ O Centro de Ensino Superior de Campo Grande (CESUP) foi criado em 1974 pelo seu grande desempenho, em 1996 passou-se a chamar-se Universidade para o Desenvolvimento do estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). Em 2008 passou a denominar-se Universidade Anhanguera-UNIDERP.

¹¹ Universidade de São Paulo (USP) - São Carlos começa a ser implantada no ano de 1948 com a criação da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), mas as atividades tiveram início cinco anos depois, com a primeira aula proferida no dia 18 de abril de 1953, a universidade instalou vários prédios e construiu outro câmpus devido ao seu desenvolvimento e crescimento. A professora está se referindo ao Convênio de Cooperação institucional nº 001/99 que tinha por objetivo ofertar 14 vagas exclusivas para os docentes da UEMS realizarem o Mestrado em Educação na área de Fundamentos da Educação (Faria, 2013).

¹² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem sua sede em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, criada em 18 de dezembro de 1960 com a finalidade de promover o ensino, a pesquisa e a extensão. Em 1999, houve um convênio com a universidade com a finalidade de ofertar o Mestrado a Distância em Engenharia de Produção, com ênfase em Mídia e Conhecimento (Faria, 2013).

Começamos a preparar os nossos docentes com o magistério, para que depois saíssem para o doutorado. Com isso a pesquisa começou a se formar anos depois. Isso é interessante, pois hoje os docentes da universidade estão muito preparados, mas no início a função dela era basicamente o ensino, sempre como prioridade absoluta a licenciatura. A escolha pelas licenciaturas foi pelo grande número de professores leigos¹³ nas áreas mais difíceis, Pedagogia até tinha em alguns lugares, Matemática existia o curso¹⁴ em Três Lagoas¹⁵ e o de Campo Grande pela UFMS¹⁶, e depois vieram os nossos cursos. Como o reitor atual¹⁷ disse: “Os cursos trouxeram melhorias para o Ensino Básico de Mato Grosso do Sul”.

Os cursos que nós mais procuramos implantar eram três: Letras, Matemática e Ciências com habilitação em Biologia, mas também teve Física. A proposta inicial da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) era vinculada ao compromisso com a capacitação de um maior número possível de pessoas no interior do nosso estado, tanto que nós bolamos um processo de rotatividade, acho que foi a única universidade do Brasil que teve isso.

Depois de duas turmas formadas na cidade, nós traríamos outro curso para a cidade e aquele que lá estava também iria para outro município, isso para que não oferecêssemos o mesmo curso eternamente, principalmente em cidades pequenas, dessa forma conseguiríamos atingir o nosso primeiro objetivo que era fazer o estado inteiro ter essa formação para os docentes, mas era muito difícil para os profissionais da UEMS, já que eles não tinham moradia fixa, mesmo fazendo o concurso.

Cassilândia¹⁸ nasceu com os cursos de Letras e Matemática, eles existem até os dias de hoje, depois o prefeito¹⁹ ofereceu o prédio do colégio agrícola com a

¹³ Neste contexto, estamos entendendo por “professores leigos”, profissionais que não possuíam a formação “formal” suficiente para lecionar no nível de ensino em que estava atuando.

¹⁴ Em 30 de janeiro de 1970, o Centro Pedagógico de Três Lagoas (C.P.L) foi instalado na cidade de Três Lagoas com os cursos de Geografia, História, Letras e Matemática, atualmente é denominada Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Câmpus de Três Lagos (CPTL).

¹⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 334 km da capital Campo Grande.

¹⁶ O curso de Licenciatura em Matemática, do atual INMA (Instituto de Matemática) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em Campo Grande, foi implantado em 1981 e reconhecido em abril de 1984. O objetivo principal da criação do curso foi à necessidade de atender a necessidade de formar professores para atuarem no ensino fundamental e médio de Mato Grosso do Sul.

¹⁷ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

¹⁸ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 419 km da capital Campo Grande.

¹⁹ Jair Boni Cogo foi prefeito de Cassilândia por cinco mandatos. O prefeito faleceu em 31/05/2022 aos 74 anos em decorrência de uma pneumonia.

condição de ir para a unidade o curso de Agronomia. Por mais que tenha mudado, os cursos permaneceram em Cassilândia, porque era muito difícil tirar professor do Bolsão para trazer aqui para o Sul, por exemplo, para Naviraí²⁰ ou Nova Andradina²¹.

Era uma proposta, mas começamos a abrir novos cursos e fechar outros e nós não tirávamos mais esses profissionais, com isso fomos fundamentando cada vez mais que os cursos tinham o intuito de atender a proposta inicial que era formar o professor, principalmente no interior do estado. Hoje eles saem formados para o Ensino Básico, mas também podem concluir especialização, mestrado e até doutorado. Hoje a UEMS oferece dois doutorados.

Com esse objetivo, que eu enquanto secretária da educação à época, tive o prazer de participar da implantação da UEMS. Eu fui a primeira reitora eleita pelo colegiado, o primeiro reitor que era interino, um reitor Pro Tempore²². Diz que quando foi realizada a primeira eleição para reitor, na qual eu fui eleita, teve que colocar até polícia na porta, porque o povo não queria deixar fazer a eleição.

Fui reitora durante dois mandatos, no segundo mandato a eleição já foi com a participação de alunos e servidores administrativos, e foi assim que completei a minha trajetória na educação. Fico muito feliz por ter conseguido atender a proposta inicial da universidade, que era formar professores, principalmente de Matemática, pois era a área mais defasada que durante muito tempo no Brasil, e acho que ainda hoje mesmo, estando em um percentual bem alto de atendimento às áreas, onde falta professor é na área de Ciências e Matemática, pois é mais difícil as pessoas permanecerem na docência, elas acabam indo para a pesquisa e saindo fora da docência do Ensino Básico.

Seria interessante que você conseguisse conversar com uma diretora de escola bem antiga de Cassilândia, para que ela pudesse lembrar esses tempos em que eles não conseguiam ter professores habilitados nas áreas de quinta à oitava série²³, e principalmente no ensino médio.

No início da universidade muitos professores, do estado, vieram cedidos para lecionarem, por isso que logo em seguida começamos a trazer mestrado em parceria com as universidades do Sul e de São Paulo para capacitá-los e, com isso eles

²⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 650 km de Cassilândia.

²¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 497 km de Cassilândia.

²² Jair Soares Madureira era graduado em Medicina Veterinária e mestre em Produção Animal, faleceu em 30/08/2014.

²³ Atualmente esta etapa de ensino corresponde do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

entrariam, definitivamente, para o quadro de docentes da UEMS. Muitos desses professores ficaram cedidos até prestarem o concurso e entrar para a universidade. Nós não podíamos perder o foco de qualificar e isso começava pelos docentes da própria UEMS, juntamente com a qualificação de profissionais do Ensino Básico, isso ocorreu com muito planejamento e com uma luta constante. Agora esses profissionais podem ser substituídos tranquilamente, na medida em que vão se aposentando. Eu fico muito feliz de saber que a UEMS cumpriu com seu papel.

Nós testávamos os nossos meios, como eu falei da rotatividade, se percebíamos que ao invés de trazer qualidade estava indo em sentido contrário, nós alterávamos e isso era muito bom, porque era um grupo receptivo, um grupo que analisava que se algo não estivesse dando tão certo, pensava-se em outras metodologias.

Os anos iniciais foram anos muito significativos, agora a universidade está madura, depois que implantou a unidade de Campo Grande²⁴, ela está uma universidade com todas as garantias no que tange as documentações legais, 78% dos professores tem doutorado e 22% tem mestrado. Isso significa que tem uma capacidade muito interessante e que não deve nada a nenhuma universidade brasileira, pois ela está absolutamente cumprindo um papel brilhante.

Um dado que eu acho muito interessante e que o reitor²⁵ me contou foi que ele fez uma entrevista com aproximadamente três mil ex-alunos, e a média de salário de 86% deles permanece de R\$ 3.000 a R\$ 4.000, enquanto a média no Mato Grosso do Sul é de R\$1.200, e isso traz desenvolvimento para as cidades onde essas pessoas moram e trabalham, eu acho isso fantástico!

De todas as ações como secretária, junto com o grupo que me dava apoio, podemos dizer que a criação da UEMS é a mais significativa em termos de presente e passado, presente e futuro, porque é algo que não volta atrás, ela só garante avanços e isso é muito bom.

Enquanto secretária eu lembro também que a primeira eleição de diretor foi durante o nosso mandato, foi algo revolucionário, pois foi tirado de dentro da rede pública estadual aquele jogo político, pois eram os deputados que nomeavam os

²⁴ A UEMS foi implantada na capital do estado de Mato Grosso do Sul no ano de 2000, até 2015 funcionou em 10 diferentes lugares públicos, somente em 2015 ganha seu prédio próprio. Disponível em: <http://www.uems.br/assets/uploads/editora/arquivos/1_2019-09-30_13-27-22.pdf>. Acesso em 30 jul. de 2020.

²⁵ Fábio Edir dos Santos Costa foi reitor da UEMS por dois mandatos, de 2001-2015 e 2015-2019.

diretores que às vezes nem conheciam a escola, nem sabiam o que era escola, essa mudança que implantamos também foi um grande avanço, hoje isso está tão democrático.

A UEMS é uma usina de saber, ele só tem a crescer daqui para frente, por conta da pandemia as aulas estão sendo virtuais, mas enfim, é o que o momento exige. Ainda bem que conseguimos que ela não fechasse, porque o estado de Mato Grosso do Sul perderia muito, já imaginou fechar 15 unidades com todos os cursos? Já pensou como seria no interior? Porque a Universidade Federal continua do mesmo tamanho, e os alunos que cursam na UEMS? A universidade Estadual é um instrumento interessantíssimo para o nosso estado e acho que ela ainda vai trazer muitos benefícios por aqui.

N: A professora poderia comentar sobre essa questão do fechamento da universidade?

L: Foi exatamente o primeiro ato que o governador Wilson Barbosa Martins²⁶. Logo depois que ele foi eleito nosso governador, à época não tinha reeleição e foi exatamente o ano que ele iniciou o mandato, que já não era mais em 15 de março, como tinha sido o nosso mandato, mas em primeiro de janeiro de 1995, no dia 15 de janeiro ele fez o meu ato de exoneração, juntamente com o do vice-reitor²⁷. Foi convocada uma interventora, a professora Sandra²⁸, que trabalharia para ele. Também foi convocada uma comissão para fazer uma análise na universidade, com isto foi cortado o vestibular, tinha uma turma de 830 alunos que tinham entrado em julho de 1994, mas nós saímos e a justiça levou nove meses para derrubar o decreto dele. Isso só aconteceu em setembro de 1995, quando o Tribunal de Justiça anulou o decreto de fechamento da UEMS. A justiça demorou, mas conseguiu.

²⁶ Wilson Barbosa Martins foi prefeito de Campo Grande de 1958-1962, foi deputado federal de Mato Grosso de 1963-1969, quando teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos pelo Ato Institucional nº 5. Foi Governador do estado de Mato Grosso do Sul de 1982-1986, quando deixou o mandato para concorrer uma vaga de senador, a qual ele ocupou de 1987-1994, foi eleito governador do estado de Mato Grosso do Sul de 1995-1999.

²⁷ Luiz Antônio Alvares Gonçalves foi vice-reitor de 1999-2003 e reitor 2003-2007 da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Graduado em Direito (Bacharelado) pela Faculdade Estadual de Londrina/PR e em Pedagogia (Licenciatura Plena) pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Urubupungá, em Pereira Barreto/SP, possuía especialização em Metodologia do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas de Fátima do Sul (FIFASUL), e mestrado em Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina/SC.

²⁸ Sandra Luiza Freire foi nomeada no dia 13 de janeiro de 1995 como reitora pro-tempore da UEMS, com sede em Dourados.

Os alunos que já estavam cursando, antes da justiça derrubar o decreto, foram transferidos para universidades privadas, nas cidades que não tinham a universidade os alunos foram transferidos para a cidade mais próxima. Ainda bem que foram somente nove meses, assim o estrago não foi tão grande.

Logo em seguida fizemos o segundo vestibular e dali para frente não aconteceu mais nada. Na verdade, passado uns dois anos disso, novamente o mesmo governo tentou fechar pelo menos cinco unidades, inclusive a de Campo Grande estava dentre elas, lutamos de novo, enchemos a assembleia de alunos e fomos à luta. A justificativa do governador era que se gastava demais e o estado não podia ter uma universidade. Começamos a pesquisar o quanto era possível, porque tínhamos muitas justificativas, durante muitos anos todo o administrativo era cedido, usávamos a rede pública como local para funcionar as unidades, enquanto fomos construindo as unidades pouco a pouco. Digamos que este assunto de fechar foi eterno, até os anos de 2005 e 2006 sempre tinha uma coisinha política na tentativa de fechar algo. Mas são as lutas, cada época foi uma luta e eu acredito que fomos vencendo.

Depois que saiu o Wilson Barbosa entrou o governo do Zeca²⁹, ele devolveu a nossa autonomia, e com isto crescemos muito enquanto universidade, hoje confesso para você que nem sei se eles tiraram a autonomia da universidade, porque ela tinha autonomia assim como as paulistas, a autonomia financeira é uma briga eterna da UEMS.

A briga política sempre foi muito forte aqui em Mato Grosso do Sul, Pedro Pedrossian³⁰ era tido como um governo de direita e escolheu o nosso grupo para administrar a Secretaria de Educação que era totalmente de esquerda, pessoas que

²⁹ José Orcírio Miranda dos Santos foi deputado estadual de Mato Grosso do Sul de 1990 – 1998, foi governador de estado 1999 – 2006, vereador de Campo Grande em 2013-2014 e deputado federal 2015-2019.

³⁰ Pedro Pedrossian era formado em Engenharia Civil pela Universidade Mackenzie, na cidade de São Paulo, foi eleito governador do estado de Mato Grosso uno de 1966-1971, eleito senador do estado de Mato Grosso do Sul em 1979 e permaneceu até 1980, quando renunciou para assumir o governo do estado, já que Marcelo Miranda havia sido exonerado do cargo por motivos políticos-eleitorais, assim ocupou o cargo de 1980-1982. Novamente foi eleito governador do estado de Mato Grosso do Sul 1991-1994. Pedro Pedrossian criou três universidades públicas: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Pedro Perossian faleceu em 2017 aos 89 anos.

militavam no sindicato, eu, a Eliza³¹ e o Hélio de Lima³². Ele nos deu total autonomia para que nós trabalhássemos, foi uma gestão de quatro anos com muito compromisso de fazer as coisas. Fomos nós que criamos a eleição de diretor nas escolas estaduais, criamos aquelas unidades que atendiam às pessoas portadoras de deficiência dentro das escolas, nós conseguimos fazer muito e entre essas coisas nós fizemos a criação da universidade, ela era uma universidade criada na Constituição, que nenhum governo tinha conseguido implantá-la, e como o Pedro Pedrossian já era famoso por ter criado duas universidades, tanto a Federal de Mato Grosso do Sul como a Federal de Mato Grosso, começamos a bolar um modelo que pudesse auxiliar a educação básica e saiu esse modelo que eu tenho maior orgulho de ter podido participar.

N: Sim. E a professora poderia comentar sobre a criação da UEMS?

L: O primeiro decreto foi em dezembro de 1993, tivemos alguns meses para formar o corpo docente e fechar alguns compromissos, oferecemos o primeiro vestibular em julho de 1994, porque em agosto as turmas estavam todas em sala de aula com seus profissionais lotados. Dali para frente continuamos o processo fazendo dela o que ela é hoje, investindo na população de nosso Mato Grosso do Sul.

A educação não é um gasto, mas um investimento, é uma pena que a maioria dos políticos do nosso país não tenha esse pensamento, eles acham que é gasto, inclusive uma vez eu ia coordenar uma Conferência Nacional de Educação com Cristóvão Duarte³³, que acabou não saindo porque o Lula³⁴ denunciou, o Cristóvão dizia que a educação no Brasil só vai melhorar no dia em que tiver uma lei que obrigue os políticos do país a colocar seus filhos em escolas públicas, quando essa lei existir

³¹ Eliza Emilia Cesco é licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Dom Aquino de Filosofia Ciências e Letras (1966), especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973) e mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e conselheira titular do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul.

³² Professor Hélio de Lima possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras (Urubupungá) (1981), graduação em Letras com Português e Inglês pela Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (1976), especialização em Língua Portuguesa pela Fundação Educacional Severino Sombra (1982) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1994).

³³ Professor Cristóvão Fernandes Duarte, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983), mestrado em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987) e doutorado em Planejamento urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002).

³⁴ Luis Inácio Lula da Silva foi o 35º presidente do Brasil, governou o país durante dois mandatos 2003-2011, foi também líder sindical e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT). Atualmente é o 39.º presidente do Brasil desde 2023.

a escola pública vai mudar, ele falava sempre isso, e eu torci muito que um dia ele fosse presidente, porque ele tem um compromisso muito grande com a educação.

São muitos anos e você sabe que conforme os anos vão passando você vai transitando e na medida em que você exerce algum cargo de nível técnico, você não agrada alguns políticos, e não agradando alguns políticos você acaba sendo perseguida, querem tirar ou querem que fique. Isso foi muito presente nas nossas gestões, tanto na Secretaria de Educação, quanto na universidade, quando os deputados faziam campanha para me tirar o governador Pedro Pedrossian se mantinha firme.

Enquanto candidato a governador ele pediu para vários grupos escreverem uma proposta sobre educação, o que achava que tinha que ser feito, e nós fizemos uma proposta, esse documento é público, e ele falou: “Vocês garantem que vocês fazem isso?”. Eu respondi: “Professor, essas palavras são de um estudioso da USP³⁵ - só existe uma possibilidade de mudança, se tiver três coisas presentes: a primeira delas é conhecimento da realidade, não adianta você querer mudar se você não conhece a realidade; segundo é ter competência técnica para mudar algo, você precisa saber exatamente como fazer; e terceiro, ter vontade política, se não existir vontade política não adianta ter competência técnica e nem conhecimento da realidade”. Os deputados se acalmavam um pouco quando eu colocava isso, mas era sempre uma briga insana, porque fazer a coisa certa nesse país é algo difícil, muito difícil, mas é possível. Por isso que eu digo que não dá para desistir, tem que acreditar, tem que fazer e com isso as coisas vão crescendo sempre, foi com essa ideia que se fortaleceu o que hoje é a nossa universidade.

Nós entendemos que quem tinha o poder de criar a universidade era o nosso Conselho Estadual e depois tramitaríamos junto ao MEC³⁶ para regulamentar, e fizemos isso. Iniciamos as atividades na UEMS e o MEC ficou sem entender. Quando isso já tinha um ano e meio ou dois saiu a LDB³⁷, que definitivamente deu aos sistemas estaduais a autonomia para criar suas universidades. Foi muito legal isso, é uma história que todos os alunos que estudam na UEMS acabam conhecendo. Uma prova

³⁵ A Universidade de São Paulo (USP), é uma das instituições públicas de ensino superior mais importante do Brasil, pois é responsável por grande parcela da produção científica do país.

³⁶ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

³⁷ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta a organização do sistema educacional (público ou privado) do Brasil no ensino fundamental e ensino superior. A primeira LDB foi promulgada em 1961 (LDB 4024/61).

disto é que quando abriu as primeiras unidades e os primeiros cursos, tramitamos junto ao MEC o processo de criação e ele nos devolveu dizendo que eles não teriam que fazer nada, pois nós éramos os responsáveis.

Outro fator muito interessante de ser contado, é que a universidade foi toda pensada com o intuito de atender o desenvolvimento do nosso estado, mas garantindo a qualidade do Ensino Básico e para garantir esta qualidade, necessariamente, precisávamos qualificar os nossos profissionais, ela nasce com essa característica.

Outra característica da universidade foi que nos baseamos na UNESP³⁸, pois ela é multicampi dentro do estado de São Paulo. A única coisa que a nossa tem de diferente é que ela tem um compromisso com o Ensino Básico do interior do estado do Mato Grosso do Sul, então nas unidades, antes de qualquer outro curso, tinha que ter um curso de licenciatura. Isso eu acho de uma diferença enorme, acho que é a única universidade no Brasil que nasceu com esse compromisso. Até porque, a história de criação da UEMS causou muita discussão, inclusive o governo que tentou fechar a UEMS dizia que ela não atendia à legislação, o Brasil estava passando por um momento de transformação, estava em aprovação a LDB.

A UEMS, por força de lei, foi criada com a sede em Dourados³⁹, na lei ela estava como Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, nós criamos a sede dela em Dourados e espalhamos 15 unidades. Lembro-me de que houve discussões junto ao antigo diretor, porque a Federal ainda não era universidade em Dourados, era um Centro Universitário ligado à Universidade Federal. Não tinha a UFGD⁴⁰, ela se transformou depois em UFGD. Diziam que Dourados era muito semelhante a São Carlos no estado de São Paulo, pois tem várias universidades e é uma cidade pouco populosa. Dourados tem 200 mil habitantes e tem uma Federal, uma Estadual, tem a UNIGRAN⁴¹ que é grande e tem a UNIDERP com uns de seus câmpus, então Dourados tem quatro grandes universidades trabalhando em uma região. Dourados é uma cidade considerada de porte médio, não é uma cidade grande.

³⁸ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

³⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 229 km da capital Campo Grande.

⁴⁰ A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), foi criada do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O CEUD, antes Centro Pedagógico de Dourados (CPD), começou a funcionar em Dourados em 1971.

⁴¹ Na década de 1970 surge na região da Grande Dourados, a instituição particular a Sociedade Civil de Educação da Grane Dourados (SOCIGRAN), em 1998 tornou-se Centro Universitário (UNIGRAN).

A universidade de Dourados é muito semelhante à de São Carlos, nós passamos muito tempo estudando a UNESP para poder formar a nossa universidade. Na época tinha um número muito grande de professores leigos que nem conseguiam fazer concurso, eles eram só convocados. O reitor de 2019 levantou alguns dados muito interessantes, no qual mostra que 80% dos alunos da UEMS são sul-mato-grossenses, terminam o curso e ficam trabalhando na região, isso fez com que o IDEB⁴², do ensino fundamental, ampliasse desde o nascimento da UEMS, inclusive subiu bastante e eu fiquei muito orgulhosa desses números.

N: Sim. Professora, e sobre a criação da universidade houve embates políticos?

L: Então, na verdade como ela era constitucional o embate maior não foi com a ala política, algumas cidades já estavam escolhidas desde a constituição, por exemplo, Aquidauana⁴³, Nova Andradina⁴⁴, tinha três ou quatro, exatamente não sei todas que já estavam escolhidas, começou a vir uma solicitação de outros lugares e nós chegamos a dez unidades. Os deputados das regiões que não foram contempladas vinham até o governador e ele me chamava e dizia: “Eu preciso de mais duas cidades”. Isso aconteceu enquanto se estudava a possibilidade de como ela seria, até que fechamos em quinze unidades, Cassilândia é uma que entrou nesse segundo momento.

O governador Pedro Pedrossian entrou em 1991 e nós pedimos para que ele nos desse um tempo, pois só íamos começar a pensar em 1992. Eu disse para ele que traria o modelo e assim ele poderia fazer a criação da universidade. E assim foi, ele criou a universidade em 1993. Ela foi tão planejada que é por isso que aquele modelo acabou dando certo, pois pensamos muito, discutimos muito, tinham profissionais aposentados nos dando apoio, nós chamávamos pessoas para discutir em São Paulo, houve muitas discussões.

Foi quando formamos a comissão na qual a Eliza era a coordenadora, que ia de cidade em cidade para fazer uma reunião com todos os professores e diretores locais, ela perguntava o que mais faltava na localidade, principalmente na licenciatura,

⁴² Índice de Desenvolvimento da Educação Básica foi criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tem por finalidade medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

⁴³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 141 km da capital Campo Grande.

⁴⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 297 km da capital Campo Grande.

quando íamos até as cidades, todos diziam que queriam Engenharia, Medicina ou Direito, mas nós explicávamos que a nossa universidade queria trazer para o interior a formação de docentes, daí eles escolhiam Matemática, Português ou Geografia, e assim fomos distribuindo esses cursos desta forma.

O maior embate foi diretamente com a Secretaria da Educação e o Sindicato, que inclusive queria fazer greve, o Sindicato não queria a universidade por uma única razão, diziam que estávamos tirando recursos do Ensino Básico para colocarmos no Ensino Superior, mas nós acabamos convencendo-os, porque o estado de Mato Grosso do Sul, à época, aplicava 30% dos seus recursos na educação, então não seria tirado nenhum recurso dos 25% obrigatório do Ensino Básico, a universidade ficaria com 4% e os outros 26% iria para o Ensino Básico. Foi quando eles acabaram aceitando a nossa proposta, foram entendendo o modelo e perceberam que estávamos trabalhando com o plano de cargos de salário, ou seja, os professores que já lecionavam poderiam ter um curso superior e crescer, pois tinha muito professor que só tinha o ensino médio.

Quando nasceu no MEC o Normal Superior⁴⁵, nós o implantamos na UEMS, pois sempre tivemos o compromisso com o Ensino Básico, contribuímos com o desenvolvimento do estado com qualidade na educação, desde a etapa que abrange as crianças menores.

Quando o governador exonerou todo mundo, mandou fechar, todo mundo ficou muito quieto, mas quando a justiça determinou o retorno, tivemos muito apoio, não de prefeitos e deputados, mas de toda a sociedade e isso foi muito legal, foi muito bom, pois achamos que seria muito difícil ganhar aquela luta. O governador com uma ou duas semanas de gestão foi para o Tribunal de Justiça e como o Tribunal iria ser contra ele? Mas a nossa defesa foi em cima do artigo 207 da nossa Constituição, que dizia que as universidades têm autonomia, mas isso também mudou recentemente. Se fosse em outra cidade tinha fechado a universidade, se fosse qualquer outro formato teria fechado com certeza, mas como ela é uma universidade, tivemos a garantia do artigo 207, os juízes entenderam e isso nos fortaleceu.

⁴⁵ Segundo Faria (2013) o curso Normal Superior foi ofertado pela UEMS no período de 2001 a 2006, e tinha por finalidade ampliar o acesso à educação superior os docentes que não possuíam formação específica para o magistério, sendo estes docentes vinculado as redes estaduais e municipais, assim a UEMS fortalecia o seu compromisso de formar professores para atuar na educação básica no estado de Mato Grosso do Sul.

N: Legal! A professora poderia comentar mais um pouco sobre como foi a escolha dos cursos nas unidades?

L: Tinha que ter pelo menos um curso de licenciatura, às vezes tinha dois, um sendo de licenciatura e outro não, mas pelo menos um tinha que ser de licenciatura e foi assim que a universidade nasceu. O Projeto Pedagógico era único para os cursos, o Conselho aprovou desta maneira. Então, o curso de Matemática de Cassilândia era igual ao de Nova Andradina e ao de Mundo Novo⁴⁶, tínhamos oito cursos e nós fechamos os Projetos Pedagógicos⁴⁷ aprovados nos Conselhos. Encaminhamos para o Conselho Estadual, eles fizeram a vistoria e os cursos nasceram. Depois foram se modificando, as Diretrizes Curriculares vieram depois e os cursos foram se adequando às Diretrizes Nacionais.

Matemática e Ciências era uma necessidade no estado, todos os locais que escolheram primeiro ficaram com Matemática, Ciências Gerais e os outros com Pedagogia ou Letras, porque Matemática tinha falta de profissionais no estado todo, então procuramos deixar o curso em cada região do estado, a fim de suprir a falta de professores. Era uma das áreas mais defasadas, sempre foi. Cursos de Ciências Gerais e Língua Portuguesa até tinha um pouquinho, Pedagogia um pouco e o resto tinha o Normal Superior. Cassilândia escolheu Letras e Matemática e não quis mais tirar, até hoje ainda tem, e é bom, porque eles se aprofundaram em extensão, você que morou ali pertinho em Paranaíba⁴⁸ deve ter escutado que eles se especializaram bastante.

N: *Sim, tive professores que eram de Cassilândia.*

L: Você vê que legal! Acabou formando um grupo, porque o curso leva quatro anos, no primeiro vão dois ou três professores da área e têm outros de Filosofia e áreas afins, e quando forma a primeira turma já tem um grupo de professores bem qualificados, eu acho isso muito bom, para quem começou do zero. Outra característica da UEMS foi que ela já começou como universidade, diferente de tudo que existe, porque normalmente começa como uma faculdade, vai crescendo o número de cursos, várias faculdades e vira centro, depois vira universidade, a nossa

⁴⁶ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 463 km da capital Campo Grande.

⁴⁷ A professora está se referindo ao período da década de 90.

⁴⁸ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 93 km de Cassilândia/MS.

nasceu universidade, ela contrariou todos os históricos de universidade do Brasil, mas valeu à pena, apostamos e acabou dando certo, graças a Deus!

Ela continua do mesmo tamanho. Aliás, muito mais, pois começou com 830 alunos e hoje ela tem quinze mil. É algo enorme. É lógico que hoje não tem oito cursos, ela tem cinquenta e seis cursos, isso é crescimento, ela tem vinte e cinco anos o que para uma universidade ainda é muito jovem, as universidades europeias têm 500 ou 300 anos.

Lembro que como reitora eu acompanhei o governador em uma viagem para a França, aconteceu uma reunião de reitores entre cinco universidades, três da própria França, uma do Brasil e uma da Espanha. Nós sentamos para fazer um debate e pediram que todos se apresentassem, que falassem um pouco sobre a sua universidade, para você ter uma ideia a nossa universidade tinha cinco aninhos e os reitores apresentaram uma com 315 anos, com 320 anos, a da Espanha com cento e poucos, quando chegou a minha vez eu falei: “a nossa universidade é uma criança perto de todas, ela tem apenas cinco anos”. Eles olharam assim para mim: “como?” Foi muito legal poder apresentar. Eu levei um PowerPoint e mostrei as regiões, lembro-me até hoje. contei a história do compromisso de formar docentes no interior do estado e eu mostrei a região, mostrei os gados, as fazendas da região de Cassilândia, pois lá têm Agronomia, até brinquei com eles, eu não sei se hoje continua, mas à época nós tínhamos um milhão e pouco de pessoas no nosso estado, hoje tem dois milhões e pouquinho, mas tínhamos vinte e dois milhões de cabeças de gado, eu falei: “Lá no meu estado tem um milhão e meio de pessoas e tem vinte e dois milhões de cabeça de gado, ou seja, quase vinte e dois para cada pessoa, mas tem gente que tem mais, porque eu não tenho nenhum” [risos]. E eles ficaram surpresos, tenho ótimas lembranças, por isso que eu falo que a UEMS é diferente no Brasil, mas ela é diferente no mundo, pois não existe história parecida, ela foi algo inovador.

N: Legal. Professora, e em relação à estrutura física dos prédios nas unidades, poderia comentar.

L: Nós construímos de imediato três prédios: em Dourados, onde não tinha nenhum, em Aquidauana, tinha escola agrícola, em Cassilândia, tinha uma escola boa, Ponta

Porã⁴⁹, tinha um prédio da Federal - como a Federal não estava atuando ela nos emprestou, o restante das unidades eram prédios da rede estadual, pois à noite não tinha aluno, a maioria das escolas não tinha ensino médio, então as aulas eram durante o dia, e com isso as escolas no período noturno se transformavam na UEMS, enquanto os prédios foram sendo construídos gradativamente nos anos seguintes.

Então tínhamos o prédio próprio que era do estado e tínhamos a parceria dos prefeitos, para eles nos cederem os profissionais como guarda, porteiro, pessoal da limpeza, já os docentes e o diretor da unidade eram do quadro da UEMS. Era muito interessante, porque como os funcionários da escola só trabalhavam de dia e eu precisava de gente à noite, então os prefeitos nos cediam e punham esses profissionais que nos ajudavam, foi dessa forma que aconteceu.

N: Os docentes da UEMS ingressaram de que forma na universidade neste começo?

L: Nós fizemos uma seleção bastante grande, principalmente na Região de Dourados. No início a seleção foi bem simplificada, o concurso só veio quatro anos depois com profissionais de mestrado ou especialização, mas no começo a maioria dos nossos docentes eram da UEMS. Também pegamos enfermeiros para Dourados, pois lá tinha o curso de Enfermagem e Direito. Esses cursos foram fortes lá, tínhamos muitos profissionais dos hospitais da região. Com o primeiro mestrado nós capacitamos um número grande de profissionais, nossos parceiros foram São Carlos e Santa Catarina, como eu te falei, foi aí que começamos a efetivar pessoas já com qualificação.

N: Professora, e os docentes tinham tempo destinado à pesquisa e extensão?

L: Pelo menos os quatro primeiros anos iniciais, a universidade não fazia pesquisa, ela fazia ensino e extensão. Ensino e extensão sempre foi o nosso carro chefe. Quando aconteceu a primeira formatura já tinha um grupo de professores que conseguiram iniciar a pesquisa. Depois da rotatividade, o profissional acabou ficando definitivo no local e aí a pesquisa avançou. Nos primeiros anos a universidade não tinha estrutura para fazer o processo. O Flávio⁵⁰ veio no primeiro concurso, ele era de São Paulo. O primeiro concurso trouxe muita gente de fora, com mestrado e doutorado

⁴⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 711 km da capital Campo Grande.

⁵⁰ Não conseguimos encontrar mais informações sobre o professor.

e ele foi um dos primeiros pesquisadores da área de Biologia. Nós tivemos um contrato com a Petrobrás⁵¹, e com isto tivemos vários recursos, construímos no meio do câmpus de Dourados o que chamávamos de Gás Lab, era um laboratório de gás.

O Flávio trabalhava muito, as pesquisas dele eram voltadas para essa área, a partir dali a pesquisa começou a ser bastante incentivada e hoje os professores têm carga horária específica para isso. Os nossos profissionais, por mais que eles dessem um número menor de aulas, eles tinham vinte ou quarenta horas que era a carga horária do estado, mas quando começou a pesquisa foi como na Federal, tinha que dar oito aulas e o resto era para pesquisa, mas hoje são doze horas em sala de aula, é o mínimo que o professor da UEMS tem que ter quando ele é concursado, o restante é destinado à pesquisa e à extensão.

N: A Professora poderia nos contar sobre o perfil do aluno formado nos cursos de Matemática da UEMS?

L: Muitos acabaram não indo para a docência, por exemplo, em Cassilândia como havia poucas pessoas com nível superior, muitos acabaram nos frigoríficos ou indo para área de planejamento, porque matemático sabe de contabilidade e isso ajuda os empresários. Por isso que digo que a UEMS continua sendo necessária, porque a pessoa faz o curso que tem ali na cidade, mas depois ela vai para a pesquisa ou ela vai para outra coisa ou faz uma especialização em uma área perto do que aprendeu e nem sempre vai para a docência. Por isso que tínhamos que formar bastante gente, para poder ter pessoas dentro da escola no Ensino Básico e com formação.

Quando ocorrem os concursos, para os professores da rede municipal ou estadual, a maioria dos que foram nossos alunos prestam as provas, porque estão na cidade, com isso os que passam acabam saindo dos empregos, mas a escola fica atendida, essa é a grande vantagem de o curso permanecer nas localidades. Também o aluno de Letras ou de Matemática, por exemplo, ele pode escolher o caminho da pesquisa, porque a universidade também prepara o estudante para isto.

⁵¹ Petróleo Brasil S/A (Petrobras) foi fundada no dia 3 de outubro de 1953 pelo presidente Getúlio Vargas, tendo como objetivo a exploração petrolífera no Brasil em prol da União.

N: Professora, a senhora comentou que o Projeto Pedagógico era único para os cursos⁵²?

L: No início tinha as orientações da época, as Diretrizes Curriculares ainda não estavam aprovadas, mas com orientação e a aprovação do Conselho Estadual de Educação, sempre com a garantia da teoria e da prática, a prática era muito exigida dentro da escola. Os Projetos de Matemática eram idênticos em qualquer unidade que ele estava sendo dado e era cobrado por parte do Pró-Reitor de ensino a mesma eficiência dos nossos profissionais. Eu acho que isso facilitou o crescimento, a cada dois meses era feita uma reunião em Dourados e os professores vinham, eles iam falando e anotando o que podia melhorar. Existia um compromisso muito forte, era uma coisa muito bonita de ver, era uma luta para fazer o melhor. Como a universidade começou pequenininha com uma turminha ou duas, foi dando para crescer junto com os alunos, foi muito bom, é por isso que eu queria que você conversasse com o Felice⁵³, ele vai contar bastante como o grupo da Matemática trabalhou.

Os nossos profissionais que trabalharam no Projeto Pedagógico tinham uma parceria muito grande com a Federal, também buscávamos consultoria e nos espelhávamos muito na UNESP e na USP de São Carlos, que depois acabou trazendo o mestrado. Então, foi um trabalho muito profissional. Quando sentíamos que estávamos com dificuldade buscávamos quem poderia contribuir conosco, como a universidade nasceu dentro da Secretaria de Educação, tínhamos essa liberdade de buscar as coisas e trazer. Cada área tinha um grupo trabalhando nos Projetos Pedagógicos e depois disto eram verificados por autoridades da área, professores da Federal.

É bom você contar com quem tem competência, com quem você sabe que é indiscutível, tanto a UNESP, a UNB⁵⁴, a USP de São Carlos, a Federal de Santa Catarina, são universidades de muita tradição, então copiamos [risos], víamos o que estava dando certo por lá e pegávamos. Como eu era Secretária e participava do CONSED, do qual eu fui até presidente durante um tempo, também olhávamos para

⁵² A professora está se referindo ao Projeto Político Pedagógico nos primeiros anos de funcionamento da UEMS – década de 90.

⁵³ José Felice possui graduação em Matemática pela Universidade do Oeste Paulista (1979), mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2002) e doutorado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁵⁴ Universidade de Brasília (UNB), foi inaugurada em 21 de abril de 1962 com a promessa de reinventar a educação superior.

o Paraná, pois tem muitas universidades estaduais maravilhosas, também trocávamos muita figurinha nessas reuniões, eles estavam encantados com a proposta do Mato Grosso do Sul, porque tivemos a oportunidade de crescer, foi o primeiro estado que fez avaliação do Ensino Básico, foi uma proposta que criamos, eu levava para as reuniões e eles diziam: “Nossa, a Leocádia está impulsionando o Mato Grosso do Sul”.

Eu pegava muita orientação e tenho certeza de que foram bons os cursos, porque os alunos têm conseguido aprender bastante e o que foi bom é que o IDEB - que é o Índice de Avaliação do Ensino Básico, que é uma avaliação nacional feita pelo MEC -, nos municípios que tiveram as unidades da UEMS, os IDEBs cresceram e isso está relacionado com a qualidade da formação do professor, é óbvio, e isso me deixa sempre orgulhosa, pois a educação é o único meio de garantia da democracia neste país.

Foram muitos anos dedicados à educação. É muito gratificante, às vezes dá muita tristeza quando vemos os resultados, por mais que eles tenham melhorado teria que ter acontecido bem mais, eu não me conformo. Lembro-me que quando eu fui secretária, eram 420 escolas e 68 delas tinha o que era chamado de intermediário, que era assim, o aluno do matutino entrava das sete às dez e meia e onze horas entrava o intermediário das onze a uma da tarde, depois os alunos entravam a uma e saíam as quatro, porque não tinham salas suficientes, eram poucas e os alunos eram muitos, então tinham os alunos que estudavam, no que era chamado de intermediário, eu fiquei horrorizada com essa questão, e nós prometemos que trabalharíamos de forma que nenhuma escola tivesse esse intermediário, para ter pelo menos quatro horas e meia de manhã, quatro horas e meia à tarde, e num futuro deixamos programado que seriam escolas de tempo integral. Agora que está começando, vinte e cinco anos depois, muito tempo depois. Dizíamos: “Como é que o nosso brasileiro vai concorrer com um aluno dos Estados Unidos, com a Europa, que o aluno entra às oito e meia ou nove horas da manhã e sai cinco da tarde. Ele tem todas as propostas de cultura, de esporte e de outras línguas, os nossos menininhos precisam ter isso como tem os filhos de quem pode. O filho de quem pode tem a escola de manhã, de tarde tem o inglês, depois o balé e outras coisas. Como é que o coitadinho da escola pública vai concorrer para entrar em uma universidade pública, com esse que tem tudo isso?

Ele não consegue e isso me dá uma tristeza, porque eu acho que não é possível que o Brasil não dê conta disso, escola é obrigação. Por isso que eu acho que o Cristovão está certo, na medida em que os deputados tivessem que pôr seus filhos

na escola pública, eles iam trabalhar favoravelmente para essas leis, mas Graças a Deus que durante o tempo que tivemos a oportunidade de contribuir, fizemos o que foi possível e torcemos para que o mundo desse certo, e o Brasil caísse a ficha e entendesse que educação era e sempre será investimento.

Eu espero ter contribuído com as informações para você, pois é uma história que empolga, eu me empolgo muito quando falo, acho muito bom que vocês vão colocar essas coisas todas nos trabalhos de vocês, isso vai virando história do nosso estado, eu acho que quem trabalha com educação precisa ter entusiasmo, é isso que eu dizia para o meu grupo, lembro-me de que quando foi implantado o Colegiado nas escolas e começou dar briga, uma pessoa que era do meu grupo dizia: “Nós criamos um monstro” e eu falava: “Porque você acha que nós criamos um monstro? “Olha aí outra escola brigando”. Eu falei: “Quantas pessoas estão brigando?” Ela disse: “Tem seis”, e eu disse: “Quantas escolas nós temos?”. “430”. “Então a maioria é um sucesso, sucesso absoluto” [risos].

N: [risos] Professora, a senhora teria algumas pessoas para me indicar, a fim de que eu pudesse conversar?

L: A Eliza e o José Felice.

N: A senhora gostaria de acrescentar algo?

L: No momento não.

N: Professora desde já eu agradeço a sua atenção, muito obrigada por conversar comigo. Como expliquei anteriormente, irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que a Senhora leia e acrescente ou retire o que achar necessário, mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado autoriza - me usar sua narrativa em minha pesquisa.

L: Lógico, fique à vontade, fiquei contente em te conhecer.

N:O prazer é todo meu, muito obrigada professora!

L: Obrigada por ter me deixado contar toda essa história, até mais!

N: Até.



Fonte: arquivo das redes pessoais do professor

PROFESSOR **MARCO APARECIDO** **QUEIROZ DUARTE**



PROFESSOR MARCO APARECIDO QUEIROZ DUARTE

Natalia: *Boa tarde! Hoje, dia 26 de maio de 2020, vamos falar com o professor Marco Duarte. Professor, muito obrigada por ter aceitado o convite de conversar comigo. É comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que queira ser apresentado em nossa tese. Então, peço que o senhor se apresente.*

Marco: Boa tarde Natalia, eu sou o professor Marco Aparecido Queiroz Duarte, sou formado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no câmpus de Três Lagoas¹, e tenho mestrado e doutorado em Engenharia Elétrica pela UNESP² de Ilha Solteira³.

Sou professor de ensino superior desde 1999, neste mesmo ano comecei a lecionar na UEMS⁴ como professor contratado no período do segundo semestre e trabalhei lá até o início de 2001, quando saí para fazer o doutorado. Quando eu estava no final do meu primeiro ano do doutorado, a UEMS abriu um concurso para professor de Matemática, eu prestei, fui aprovado e retornei para UEMS no segundo semestre de 2002, estou aqui em Cassilândia⁵ desde então. Na UEMS eu só trabalhei em Cassilândia lecionando disciplinas no curso de Matemática, que é noturno, e também no curso de Agronomia que funciona em período integral.

N: *Professor, poderia me contar sua trajetória escolar.*

M: Eu costumo dizer que eu sou um cidadão brasileiro quase completo, porque eu nasci em Três Lagoas, mas os meus pais e eu fomos embora para Rondônia⁶ quando eu ainda era criança, então até me caracterizo mais como rondoniense do que como um três lagoense, porque vivi a infância e a adolescência em Rondônia. Eu fiz o ensino fundamental e médio e vim embora de Rondônia em 1991, com o objetivo de fazer Engenharia. Quando eu cheguei de Rondônia morei um tempo em Campo Grande,

¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 327 km de Campo Grande/MS.

² Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública, brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

³ Cidade Localizada aproximadamente a 67 km de Três Lagoas/MS.

⁴ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, criada pelo governador Pedro Pedrossian em 20 de dezembro de 1993, e está presente em 22 cidades do Mato Grosso do Sul, com 15 Unidades físicas e sete polos de educação a distância.

⁵ Cidade do Estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 434 km de Campo Grande/MS.

⁶ Estado brasileiro, localizado aproximadamente a 1634 km de Três Lagoas/MS.

mas eu não tinha condições de me manter em um curso de Engenharia, pois eu precisava trabalhar e por isso escolhi fazer Matemática, eu imaginava que quando eu terminasse teria condições de trabalhar como professor à noite e me manter em um curso de Engenharia durante o dia.

À época, pelo menos que eu sabia, o único curso noturno que a UFMS⁷ oferecia era em Três Lagoas, devido isso eu voltei para lá. Chegando em Três Lagoas comecei a fazer Matemática e comecei a dar aula, praticamente, no primeiro ano em escolas de ensino básico. Desde então, eu permaneci professor no ensino básico, no ensino fundamental, à época de quinta a oitava série⁸, e primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio. Sempre trabalhei em escolas particulares até que em 2009 eu me tornei professor com dedicação exclusiva da UEMS e deixei a educação básica. Sou professor do ensino superior, exclusivamente, desde 2009.

N: Quando o Senhor trabalhava na UEMS também lecionava no Ensino básico?

M: Sim, na verdade eu sempre dei aula no ensino médio. Eu era desses professores errantes, dava aula em Três Lagoas, Andradina⁹, Pereira Barreto¹⁰, Ilha Solteira, Paranaíba¹¹, Aparecida do Taboado¹² e Cassilândia¹³, eu fazia esta rota, saía de Três Lagoas passava por todas essas cidades e no final de semana voltava para Três Lagoas, foi quando eu descobri a UEMS por um colega de mestrado. Ele que me falou da UEMS e que iria ter uma seleção para professores, fiz essa seleção fui aprovado e comecei como contratado. Quando eu já estava no doutorado voltei e fiz o concurso e deixei a bolsa de doutorado, pois fui aprovado no concurso.

Eu voltei a dar aulas nas escolas que trabalhava antes, não só voltei como aumentei meu número de aulas, pois peguei aula no Anglo¹⁴ de Cassilândia, também em Paranaíba¹⁵, mas era uma época boa para mim, era jovem e tinha energia para

⁷ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁸ Atualmente denominado 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

⁹ Cidade localizada no estado de São Paulo, aproximadamente a 43 km de Três Lagoas/MS.

¹⁰ Cidade localizada no estado de São Paulo, aproximadamente a 92 km de Três Lagoas/MS.

¹¹ Cidade no estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 179 km de Três Lagoas/MS.

¹² Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente a 128 km de Três Lagoas/MS.

¹³ Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente a 228 km de Três Lagoas/MS.

¹⁴ Escola privada que atualmente recebe o nome de Intellectus Anglo.

¹⁵ Escola particular criada em 1985, inicialmente, com a finalidade de oferecer cursos técnicos. No ano de 1987, foi implantado o ensino fundamental e médio

correr o trecho, até que eu fui convidado pelos colegas a assumir a coordenação em Cassilândia.

Como coordenador do curso de Matemática eu não tinha como ficar só três noites, que era o que eu ficava, eu dava aula quinta e sexta o dia todo, no sábado desenvolvia projetos para poder cumprir o mínimo que um professor de quarenta horas precisava, mas como coordenador não tinha jeito, também não estava mais compensando, o corpo estava cansado de viajar muito e eu passei a ser dedicação exclusiva.

N: O Senhor transitou por outras funções sem ser esta de coordenador?

M: Eu só tive a função de professor e coordenador do curso de Matemática. Eu fui coordenador de dezembro de 2008 até junho de 2012 e eu saí da coordenação nessa época, afaste-me para estudos e voltei novamente para coordenação em junho do ano passado, 2021, substituindo a professora Irene¹⁶, que entrou de licença maternidade. Logo depois teve uma eleição e me candidatei por dois anos, então eu fico de agora até o final de 2023 na coordenação.

N: Professor, poderia contar-me sobre o curso e quando chegou à UEMS.

M: Eu cheguei à UEMS no dia 04 de outubro de 1999, e o curso que a universidade oferecia naquela época, ainda era Ciências com habilitação em Matemática, essa foi a última turma ofertada de Ciências, porque a próxima turma já era de Licenciatura em Matemática. O curso ofertava o vestibular e o ingresso, que era no meio do ano, em agosto. Eu entrei em outubro, porque eu fui contratado, mas tiveram algumas questões de ajuste de calendário e o ano letivo acabou começando, na UEMS, em outubro, mas quando entrei o curso ainda era Ciências.

N: Professor, poderia comentar sobre o perfil dos alunos.

M: Os cursos da UEMS foram criados devido à necessidade de suplementação de professores no estado. Abriram Letras e Ciências com habilitação em Matemática em Cassilândia, outros cursos de licenciatura também surgiram, por exemplo, tinha

¹⁶ Professora Irene Coelho de Araújo é graduada em Matemática (2000), fez Especialização em Educação Matemática (2004), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2005) e doutorado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012).

Ciências com habilitação em Biologia em outra unidade, Ciências com habilitação em Química em outra, então o objetivo era suprir a necessidade de professores que o estado tinha.

Algumas pessoas que lecionavam, em 1994, quando a UEMS surgiu, já eram professores de Matemática, Biologia, Química e Física, mas que não eram formados em um curso de graduação. Os alunos das primeiras turmas da UEMS entraram no curso – essa é uma característica das primeiras turmas, a faixa etária era elevada –, a maioria era de pessoas de trinta anos para cima. Com o passar do tempo essas pessoas foram se formando e começaram a surgir os alunos na faixa etária de dezoito e dezenove anos, que é a faixa etária do aluno que acaba de terminar o ensino médio.

O curso de Matemática quando começou ainda era misto, tinha alunos que acabavam de terminar o ensino médio e tinha alunos que já estavam fora do ensino médio, ou seja, fora da escola há um bom tempo, mas com o passar dos anos foi diminuindo. Hoje, noventa por cento dos nossos alunos ingressantes, estão na faixa de dezoito a vinte anos.

N: E como era a estrutura do câmpus quando chegou à UEMS?

M: Em 1999 a UEMS funcionava em uma escola estadual, nós temos aqui a escola que é chamada Hermelina Barbosa Leal¹⁷ que tem uma estrutura física semelhante ao Aracilda, você que é de Paranaíba deve conhecer a escola Aracilda¹⁸ que fica localizada de frente para UEMS de lá.

N: Sim, estudei lá na UFMS.

M: A mesma coisa aconteceu aqui, é uma escola com aquele mesmo padrão. É um padrão que um governo estadual anterior criou, foram construídas várias dessas escolas em cidades do estado. A UEMS tinha dois andares, dois pavimentos, no de cima funcionava a parte administrativa e no debaixo funcionavam as salas de aula de Letras e de Matemática e era tudo muito apertado. A sala dos professores era a mesma para todos, é tipo uma sala de aula de escola básica de hoje, onde todos os

¹⁷ A escola Estadual Walkíria Romão Costa juntou-se com a Escola Estadual Ambrosina Apolinária de Rezende na década de 1990, passando a ser denominada de Centro Educacional de Cassilândia e atualmente Escola Hermelina Barbosa Leal.

¹⁸ A atual Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa funciona no prédio Walmir Lopes Cançado, o qual abrigou por alguns anos a extinta Agência de Educação, a escola foi criada no ano de 1966 no governo de Pedro Pedrossian (1966-1971).

professores ficam no mesmo lugar e reúnem-se na hora do intervalo para discutir a vida dos alunos. A biblioteca era uma sala de aula, num lugar bem apertado, porque naquela época não tinha um acervo muito grande e ficou lá de 1994, quando a UEMS começou, até 2001, quando surgiu o curso de Agronomia.

Com o surgimento do curso de Agronomia, que era um desejo político da cidade, o prefeito cedeu o antigo Colégio Agrícola que ficava oito quilômetros da cidade. Ele é no sentido de Chapadão do Sul¹⁹ e a UEMS mudou para lá, iniciando o curso de Agronomia e os cursos de Letras e de Matemática que já existiam. Agronomia é um curso diurno e Letras e Matemática eram noturnos.

Hoje a nossa situação é bem melhor, não existe sala de professores individual para todos, mas pelo menos a gente divide a sala, no máximo, com mais dois colegas. Nós temos uma biblioteca com espaço amplo, já que aumentou o acervo, temos laboratório de ensino de Matemática, laboratório de didática, laboratório de Informática e temos sala de projetos. Mudou muito, porque quando era na cidade tinha apenas um espaço que deveria ser compartilhado com os dois cursos existentes.

N: Professor, e a respeito da grade do curso?

M: A UEMS, quando surgiu, era muito centralizada em Dourados²⁰. Os cursos de Ciências, que formavam os alunos de Matemática, tinham praticamente a mesma grade²¹, diferenciando-se no estágio e nas disciplinas básicas. Em virtude da habilitação em Matemática, tinham mais disciplinas de Matemática, enquanto que a habilitação em Biologia chegava num momento que tinham mais disciplinas de Biologia, mas esses projetos pedagógicos já vinham prontos de Dourados.

Entre 1998 e 1999, quando começaram a pensar na criação do curso em Matemática, primeiro decidiram criar o curso de Biologia, alegando que as pessoas não estavam tendo uma formação boa. Independentemente da habilitação, se era Matemática, Biologia ou Química, a pessoa estudava muita Matemática, muita Biologia, muita Química, muita Física e acabava habilitado em uma e não podia habilitar na outra. Além disso, diziam que as pessoas não formavam para nada e também os cursos de Ciências com habilitação, à época, estavam saindo de moda.

¹⁹ Cidade no estado de Mato Grosso do Sul localizada, aproximadamente a 104 km de Cassilândia/MS.

²⁰ Cidade no estado de Mato Grosso do Sul localizada, aproximadamente, a 644 km de Cassilândia/MS.

²¹ O professor está se referindo aos primeiros anos de funcionamento da UEMS, na década de 90.

Os cursos foram divididos e foi decidido que a UEMS não poderia ter mais de três ofertas de um único curso na universidade, criou-se o curso de Matemática em Dourados, Nova Andradina²² e Cassilândia, e mesmo assim continuava tendo um único projeto pedagógico para toda universidade²³.

O projeto pedagógico de Matemática era o mesmo para Dourados, Nova Andradina e Cassilândia, era um projeto pedagógico que não dava uma formação sólida em Matemática, tinha disciplinas básicas da Matemática, disciplinas que são consideradas o alicerce da Matemática, porém, às vezes, com pouco conteúdo. As ementas acabavam sendo deficitárias, se não faltavam no projeto pedagógico, nas grades não constavam essas disciplinas. Então, a partir de 2012, foi liberado para que cada unidade, cada curso pensasse o seu projeto pedagógico.

Com isso, pudemos pensar na capacidade do corpo docente que tínhamos e também nos alunos da nossa região que entravam na universidade, assim formulamos um projeto pedagógico mais adequado. Esse primeiro projeto pedagógico da Matemática era de 2000, em 2005 teve uma reformulação, mas ainda foi feita pela Universidade de Dourados, e em 2012 realmente foi um projeto pedagógico que nós comandamos a reformulação dele.

Na universidade temos o Comitê Docente Estruturante, chamado de CDE. Ele vai avaliando o projeto pedagógico no decorrer da sua implementação e depois que ele está totalmente implementado, essa avaliação é feita em relação à adequação das disciplinas numa determinada série, o rendimento dos alunos, se determinada disciplina está na série adequada, coisas desse tipo. Também é levada em conta a legislação, conforme a legislação vai mudando as alterações precisam ser feitas e este é o principal motivo da gente ter feito essa última reformulação, pois a Resolução²⁴ do Conselho Pleno do MEC²⁵, que determinava que os cursos precisavam mudar de 2800 horas para 3200 horas, que é a carga horária mínima dos cursos de licenciatura e o nosso era de 2800, então fizemos essa adequação para o projeto de 2018. Agora já tem outra que precisamos adequar, os cursos têm que estar

²² Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente, a 497 km de Cassilândia/MS.

²³ O professor está se referindo ao início dos anos 2000.

²⁴ Resolução CNE/CP nº 2 de 1º de julho de 2015, que apresentava novas diretrizes para a formação de professores. Entre elas, a ampliação da carga horária.

²⁵ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

mais alinhados com a nova BNCC²⁶, então provavelmente em dois anos, no máximo, teremos que mudar novamente.

Também as avaliações externas norteiam as mudanças do projeto pedagógico, por sermos universidade estadual somos avaliados pelo Conselho Estadual de Educação, que vem de quatro em quatro anos, às vezes demora um pouco mais. Por exemplo, era para termos sido avaliados este ano, mas devido ao afastamento social²⁷ que estamos vivendo já foi dito que esse ano vão renovar a autorização do nosso curso e que avaliação vai ser o ano que vem. A Comissão do Conselho Estadual, quando vem, faz várias observações sobre o que deve ou não mudar no curso, e aquelas que achamos pertinente, aquelas que nós pensamos que, realmente, vão ajudar a melhorar o curso, acatamos e as implementamos nas mudanças do projeto pedagógico.

N: Professor, poderia comentar sobre essa mudança em relação à carga horária do curso.

M: Eu sou uma das pessoas que sou contra essa mudança, porque eu não sei o tanto de qualidade que isso traz para o curso, aumentar muito a carga horária para cursos que não são muito atrativos. Sabemos que os cursos de licenciatura não chamam muita atenção em virtude da situação da educação brasileira, do desgaste e da desvalorização do professor. Então, isso acaba afugentando mais ainda o candidato a querer fazer uma opção para os cursos de licenciatura, e esse aumento da carga horária cansa mais o aluno.

O que nós fizemos foi aumentar algumas disciplinas mais voltadas para formação de professor, que foi umas das reclamações dos últimos avaliadores em relação ao nosso curso. Eles disseram que deveríamos olhar mais para formação de professores, chegaram a dizer que o nosso curso tinha um caráter semi bacharelado e para aumentar essas disciplinas e manter algumas que já eram do curso criamos uma carga horária à distância.

Implementamos a carga horária à distância cumprindo a recomendação do

²⁶ A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras em todas as etapas de ensino, a fim de garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os alunos.

²⁷ O contexto em que o Professor menciona é a pandemia da COVID 19, que assolou todo o mundo no ano de 2020 e uma das formas de precaução da doença é o isolamento social entre as pessoas.

MEC²⁸, que diz que poderíamos ter, no máximo, 20% da modalidade à distância. Só que, de qualquer maneira, esse aumento sobrecarrega o aluno do mesmo jeito, porque o nosso curso tem aula de segunda a sábado, segunda a sexta no noturno e sábado essas aulas a distância podem ser de manhã ou à tarde, além disso, o aluno ainda tem que estudar em casa, fazer as tarefas normais das disciplinas e fazer essas aulas à distância. Por exemplo, tem disciplinas com quatro aulas, sendo que duas dessas são à distância e isso sobrecarrega muito o aluno, mas foi assim que fizemos para não fazer um curso de cinco anos. Eu acompanhava algumas universidades e tinha algumas instituições que estavam pensando num curso de licenciatura de cinco anos. Agora pense, se os alunos já não se agradam dos cursos de quatro anos, imagina com cinco. Inclusive, as faculdades particulares que ainda mantêm as licenciaturas oferecem cursos de três anos, e o que iríamos ter de atrativo para um curso de cinco anos? Então, para que esses cursos não ficassem desiguais, implementamos essa carga horária à distância.

N: Em relação a Dourados, hoje a UEMS de Cassilândia possui certa autonomia?

M: Sim, essa liberdade é total, cada curso tem o seu projeto pedagógico independente da área, por exemplo, nós temos Agronomia em Cassilândia e tem Agronomia em Aquidauana²⁹, são projetos pedagógicos diferentes, o mesmo vale para Matemática e Letras, já as grades dependem de como as universidades reagiram às mudanças sofridas com o passar do tempo.

N: Entendi. Professor, poderia me falar do perfil dos docentes, de quando chegou à universidade, e também nos dias de hoje.

M: A UEMS quando foi criada, principalmente pelo fato de os primeiros cursos em sua maioria serem cursos de licenciaturas, eu não sei se é bem esse termo, mas ela aproveitou os professores que já estavam na rede estadual de ensino, do ensino básico. Quando cheguei, muitos professores vinham do ensino médio do estado, tanto na Matemática quanto no curso de Letras, inclusive eu fui um dos primeiros professores mestres do curso de Ciências da UEMS de Cassilândia. Na verdade,

²⁸ Portaria nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018, que dispõe sobre a oferta por Instituições de Educação Superior (IES), de disciplinas na modalidade à distância em cursos de graduação presencial, esta portaria foi revogada pela Portaria nº 2.117 de 06 de dezembro de 2019.

²⁹ Cidade no estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 575 km de Cassilândia/MS.

quando entrei, ainda não tinha terminado o mestrado. Eu defendi a dissertação de mestrado dia vinte e sete de outubro de 1999 e iniciei na UEMS no dia quatro do mesmo mês e ano. Junto comigo chegou outro professor que era de Ilha Solteira³⁰. Esse professor já era aposentado, ele era doutor e veio contratado também, era o professor João Toledo³¹, mas eu fui um dos primeiros da Matemática a ter mestrado e os outros eram professores do estado cedidos para UEMS, tinha professor de Cassilândia, de Ilha Solteira, de Três Lagoas³², que era meu caso e de Aparecida do Taboado³³, eram professores mais da região. Eu me lembro que tinha um ou dois que vinham de Campo Grande³⁴ e eram professores, em sua maioria, faltando pouco tempo para aposentar, tanto é que os que não aposentaram ainda é porque não quiseram, mas a maioria dos que estavam aqui quando eu cheguei já se aposentaram.

N: Professor, poderia comentar sobre o perfil do curso?

M: Quando surgiu o curso de Matemática o pessoal até falava que o curso era de Matemática pura, mas, pela minha formação, que à época era recente, pois isso foi em 1999, eu me formei em 1995 em Três Lagoas, eu não via um curso tão puxado para Matemática quanto foi, por exemplo, o que fiz na UFMS. Em outra oportunidade, olhei o projeto pedagógico do curso da UFMS e hoje ele não é tão puxado como era naquela época, porque tem a preocupação com a formação de professores.

O curso de Matemática de Cassilândia surgiu bem mais voltado para formação de professores, por exemplo, tinha uma carga horária ainda alta em Física, tinha Programação em Computadores, mas já tinha disciplinas da área pedagógica, de didática, até mais que no curso de Ciências com habilitação em Matemática.

N: Professor, houve uma época que queriam fechar o curso ou a UEMS?

M: A primeira vez que se falou em fechar não foi o curso, falou-se em fechar a UEMS. Em 1995, eu não estava na UEMS ainda, mas eu me lembro de uma situação, eu

³⁰ Cidade no estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 209 km de Cassilândia/MS.

³¹ Professor João Toledo da Silva é professor aposentado e graduado em Matemática pelo Centro Universitário Fundação Santo André (1973), mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1995).

³² Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente a 228 km de Cassilândia/MS.

³³ Cidade localizada no estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente a 146 km de Cassilândia/MS.

³⁴ Capital do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 420 km de Cassilândia/MS.

estudava em Três Lagoas, e isso é meio fora da pergunta, mas vou contar essa situação, pois é muito vivo da formação da UEMS para mim, eu estudava em Três Lagoas e, eu acho que era 1994, estava no terceiro ano de faculdade, e em Três Lagoas o curso de Matemática funciona no câmpus II, nós chamávamos de unidade II que fica na saída para São Paulo, ia de bicicleta até a unidade I, que fica em frente ao quartel, deixava a bicicleta e ia para frente da faculdade para pegar carona, isso era normal, apareciam os colegas que tinham carro, independentemente de ser do seu curso ou não, você sempre tinha carona e de vez em quando pegávamos carona com os professores também. Eu me lembro de que num final de ano, não lembro bem se era 1993 ou 1994, eu peguei carona com um professor Milanez³⁵, que chegou a ser vice-diretor da UFMS do câmpus de Três Lagoas, entrou eu e mais alguns colegas no carro, e o professor Milanez era uma pessoa bem simpática e conversador com os alunos, ele falou: “Olha, eu estou indo para Campo Grande amanhã, vamos abrir a UEMS e nós vamos conseguir trazer o curso de Direito para Três Lagoas”, à época, não tinha direito em Três Lagoas, e realmente no outro ano abriu o curso de Direito em Três Lagoas e esse curso de Direito era da UEMS. Então, a UEMS chegou a existir em Três Lagoas, mas depois esse curso foi transferido para UFMS, que é o curso de Direito que existe lá até hoje. Lembro que o Milanez era uma pessoa com um envolvimento político muito forte, então sempre caracterizo que a abertura da UEMS foi política.

Depois de dois anos, eu acho que o governador era o Wilson Martins³⁶, quis fechar a UEMS por causa de questões financeiras, sendo assim teve um ano que não houve nem vestibular em toda a UEMS, eu acho que em 1995 ou 1996, não me lembro, teve esse movimento. Lembro-me da dissertação da Tatiana³⁷, ela conversou com alguns colegas que lecionavam na UEMS na época, e eles contaram sobre o movimento que houve para que não se fechasse a universidade.

Na criação da UEMS, embora a maioria dos cursos eram para suprir a falta de professores, mas já tinha cursos de bacharelado, por exemplo, Direito em Paranaíba, esse Direito em Três Lagoas que depois passou para UFMS, enfim, mas a maioria

³⁵ Professor Antônio Eduardo Milanez.

³⁶ Wilsnon Barbosa Martins foi prefeito de Campo Grande entre os anos de 1959 e 1963, deputado federal e senador por Mato Grosso do Sul, ele também foi governador por dois mandatos –1983 e 1986 e 1995 e 1998.

³⁷ Professora Tatiana Rozalia Guedes, no ano de 2018 defendeu sua dissertação de mestrado que contou uma história sobre a criação e extinção do curso de Ciências com Habilitação em Matemática da UEMS de Cassilândia/ MS.

dos cursos eram para suprir a falta de professores. Então esses cursos foram criados para serem rotativos, ficaria Letras e Ciências em Cassilândia por um tempo e depois mudaria para outra cidade e viria outro curso para cá, só que esqueceram que os professores tinham que se fixar no local. O docente prestava um concurso, professor do próprio município ou não, depois que passava comprava casa e construía família e não queria mais sair do local, por essas questões a rotatividade dos cursos não vingou.

O curso de Matemática não é um curso de alta demanda e sempre esteve na mira de fechar ou mudar de unidade, já se falou em mudar o curso daqui para Campo Grande, ou fechar mesmo, mas nós vamos trabalhando e essas questões políticas acabam influenciando muito o nosso trabalho. Eu sei que existem questões políticas o tempo todo, porque infelizmente, ou felizmente, para manter a UEMS aqui foi preciso muita atuação e interferência política. Existem sempre demandas que os políticos querem ou a comunidade local quer esse ou aquele curso, e eles dificilmente vão até o diretor da universidade ou a um determinado grupo de professores, eles vão direto à governadoria pedir o curso e daí vem de cima para baixo, se analisa a possibilidade ou a questão financeira e é assim que a coisa funciona na UEMS.

N: Sim. Professor, poderia comentar como era e como é o tempo destinado à pesquisa e extensão dos professores na UEMS.

M: Éramos contratados e tínhamos um salário “xis” e se fizéssemos um projeto de pesquisa tínhamos direito a uma bolsa cujo valor variava de acordo com a titulação. No meu caso, que era mestre, meu salário dobrava. Esse projeto poderia ser de pesquisa, de ensino ou de extensão, a princípio fiz um projeto de ensino que trabalhava com linguagem de programação, depois eu acabei cadastrando o meu próprio projeto de doutorado, porque quando eu entrei no doutorado eu não tinha bolsa, isso foi no início de 2001, eu dava aula e cadastrei esse projeto que se chamava na UEMS de Programa de Estímulos aos Docentes (PED)³⁸. Logo depois, eu recebi a bolsa e fiz a opção de sair da UEMS e quando voltei já era diferente, não existia mais o PED.

A UEMS criou a dedicação exclusiva, só que era diferente de antes, pois quando eu entrei em 1999 um professor contratado e um professor efetivo ganhavam

³⁸ Resolução conjunta COUNI/CEPE-UEMS nº 2, de 25 de junho de 1998.

a mesma coisa, tinham as mesmas funções. Por exemplo, o professor contratado podia orientar a iniciação científica, extensão, podia ser coordenador de curso e, além disso, o contrato era por quatro anos e era um contrato por CLT³⁹. Outra coisa, para ser contratado o professor ia a Dourados e fazia uma entrevista, sentava-se na frente de dois ou três professores de Matemática, que eram a banca, mas eles simplesmente faziam algumas perguntas sobre as disciplinas que estavam disponíveis no momento para você assumir.

Depois que se criou a dedicação exclusiva na UEMS, passou a se diferenciar o professor contratado do efetivo. Além disso, o professor contratado tem que passar por uma seleção na qual ele dá uma aula e é avaliado, também é avaliado pelo currículo. Antes, o professor tinha esse contrato de no máximo dois anos, só que ele podia ser recontratado logo depois, por exemplo, estava vencendo o contrato, tinha uma seleção e ele prestava, se passasse podia já ser contratado no outro ano. Agora não, ele tem que cumprir um interstício de dois anos, se o professor ficar contratado por dois anos, não pode voltar a trabalhar na UEMS, imediatamente, terminado esse contrato, tem que ficar dois anos fora.

Quando se criou a dedicação exclusiva, a princípio era assim, todo ano o professor que tinha interesse preenchia um formulário solicitando e esse formulário tinha uns requisitos para que o docente cumprisse: tinha que ter dado curso, feito minicurso, ministrado palestras, a carga horária dele na UEMS tinha que ser uma carga horária mínima, inclusive quando entrei como dedicação exclusiva, em 2009, eu também preenchi esse formulário e consegui. Na época, quando o professor efetivo pedia dedicação exclusiva aumentava cinquenta por cento no salário, e quando ele aposentava esses cinquenta por cento não eram incorporados no salário. Depois de muita luta conseguimos com que a dedicação exclusiva fosse incorporada também no salário da aposentadoria.

A partir daí não precisou todo ano fazer esse pedido, preenchendo esse formulário e cumprindo os requisitos. A única coisa que ficou limitada foi o número de professores, podendo ser no máximo 40% professores efetivos⁴⁰.

N: O senhor poderia comentar sobre esses projetos que os professores

³⁹ A Consolidação das Leis do Trabalho surgiu pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas, unificando toda legislação trabalhista existente no Brasil.

⁴⁰ Lei nº 4.431, de 12 de novembro de 2013.

elaboravam, em qual momento que podiam escolher entre pesquisa, ensino e extensão.

M: Na verdade era bom e não era, era bom para o curso que o professor tinha o projeto, mas pelo fato desse projeto ser ligado a dinheiro, ao financeiro, o professor podia fazer de qualquer jeito, de qualquer jeito assim, ele fazia o projeto gostando ou não, porque se não tivesse um projeto ganharia só a metade, então ele precisava desse projeto até para se sustentar, era bom para o curso, mas às vezes tinha aquele professor que fazia simplesmente pela questão financeira.

N: Na UEMS o professor tem a oportunidade do afastamento para estudos?

M: Sim, a UEMS tem a comissão de capacitação e ela oferece uma lista trienal, os professores que querem sair para capacitação se inscrevem, e tem uma ordem prioritária, mas sempre teve incentivo para capacitação. Eu, particularmente, acabei me afastando pela UEMS só quando eu fui fazer o pós-doutorado, porque quando comecei o doutorado eu não era professor efetivo, então não podia me afastar, ou eu fazia o doutorado trabalhando como professor contratado, ou pedia demissão, optei por pedir demissão e quando voltei a trabalhar na UEMS estava no final do segundo ano de doutorado, tinha cumprido os créditos, mas não tinha direito de pedir afastamento porque estava no estágio probatório. Primeiro, eu não tinha dedicação exclusiva, então não precisava ficar os cinco dias na unidade, então consegui acertar o meu horário de forma que ficava três dias na unidade e dois dias me dedicando ao doutorado, mas a UEMS sempre teve esse incentivo para capacitação dos docentes.

N: Professor, há oferta de projetos de extensões para a comunidade?

M: Sim, nós temos projetos de extensão e não só em Cassilândia, mas nas cidades onde nós temos alunos. Na Matemática esses projetos são voltados a trabalhar dentro da escola no atendimento de alunos com dificuldades e com metodologias diferenciadas para o ensino de Matemática. Eles ocorrem sempre no contra turno, então temos projetos de extensão com alunos de Cassilândia, Itajá⁴¹, Aporé⁴² e Chapadão Do Sul, tinha de Paranaíba⁴³ quando não tinha Matemática lá, e temos

⁴¹ Cidade do estado de Goiás, localizada aproximadamente a 22 km de Cassilândia/MS.

⁴² Cidade do estado de Goiás, localizada aproximadamente a 30 km de Cassilândia/MS.

⁴³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 93 km de Cassilândia/MS.

também eventos como a Semana da Matemática, Semana de Letras e de Agronomia. Trabalhamos com muitos projetos de extensão para professores da rede municipal e da rede estadual, sempre em parceria com as escolas e com as secretarias municipais de educação de cidades da região. Nós, do curso de Matemática, temos um projeto chamado Feira de Matemática Itinerante, com jogos e materiais didáticos. Saímos pelas cidades da região apresentando esse material e isso acaba sendo algo muito atrativo para os alunos do ensino básico, somos sempre convidados para feiras. Quando vai ter uma feira na escola, eles nos chamam para ir e participar com nossa Feira de Matemática Itinerante. Somos bem atuantes na comunidade.

N: *Professor, o curso da UEMS tem relações com outras instituições?*

M: Não, Cassilândia não teve essa cooperação, pelo menos do meu ponto de vista. Primeiro que os professores daqui vieram do estado, e no princípio eles tinham cargos de chefia aqui na unidade: coordenação, direção do câmpus, algum cargo em Dourados também e comissões. Uma coisa que estranho até hoje é que quando a UFGD⁴⁴ foi criada, não sei se você lembra, ela era câmpus da UFMS.

N: *Lembro.*

M: A UFGD quando foi criada, ficou sobre a tutela da Universidade Federal de Goiás, acho que foi isso. E eu fiquei me perguntando o porquê a UEMS não teve uma universidade que fizesse isso também quando foi criada? É claro que eu não acompanhei todo o processo de criação da UEMS e nem os primeiros anos, pois entrei na UEMS ela já estava com cinco anos, mas a impressão que tenho é que não teve, não tinha muito amparo de outros professores e de outras instituições. Na verdade, a meu ver, não tinha nenhuma. Hoje há essa colaboração, por exemplo, nós estamos conversando aqui por vídeo, então hoje é possível isso, a *internet* e as mídias eletrônicas nos proporcionam isso, mas antes para você trazer alguém de Dourados para dar uma palestra aqui em Cassilândia era muito difícil, porque ficamos quase a setecentos quilômetros de Dourados. Os colegas de Dourados acham Cassilândia muito longe e nós achamos que lá é mais longe ainda.

⁴⁴ A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), nasceu do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

N: Sim. Professor em relação à origem dos alunos, você poderia comentar?

M: Os alunos eram de Cassilândia e também de outras cidades da região, vinham alunos de Paranaíba, de Chapadão Do Sul, Caçu⁴⁵, Aporé, Lagoa Santa⁴⁶, Itajá, que são cidades vizinhas. Aqui de Mato Grosso do Sul, nós temos Paranaíba e Chapadão, mais ou menos Cassilândia fica no meio, dá mais ou menos cem quilômetros uma da outra, tanto para Chapadão quanto para Paranaíba.

N: Sim. Professor, poderia falar sobre a área de atuação do aluno formado pela UEMS?

M: Percebemos que a maioria dos nossos egressos atua como professor, mas nós temos alunos que fizeram o curso mais preocupados em ter uma base para prestar um concurso numa área técnica. Uma curiosidade que tem aqui em Cassilândia, eu até brinco, se você quiser ver onde têm mais egressos de Matemática você vai ao presídio aqui, porque a maioria dos agentes penitenciários daqui é de ex-alunos da Matemática. Mas, os nossos egressos atuam em várias áreas, claro que a maioria é professor, principalmente depois que surgiu o PIBID⁴⁷, ele ajudou muito o aluno pibidiano que geralmente acaba optando pela sala de aula com mais frequência do que aquele aluno que não participa do PIBID. Nós temos também ex-alunos que optaram pela carreira acadêmica, não são muitos, mas temos.

N: Professor, e qual sua percepção sobre o movimento de criação do curso de Matemática para a região?

M: Eu acredito que o curso contribui para qualidade da formação do professor, e naturalmente vai melhorando o ensino básico. Eu acho que o curso não foi dos sonhos para cidade à época, porque como falamos em alguns momentos, a UEMS tem uma criação política, muito política. A ideia era ter o curso de Direito aqui e ele acabou indo para Paranaíba, Direito e Pedagogia em Paranaíba, e disseram: “Olha, vocês querem Matemática e Letras”, ou Letras já estava decidido, mas Ciências com habilitação em Matemática não estava decidido vir para Cassilândia, foi mais ou menos assim, “nós

⁴⁵ Cidade do Estado de Goiás localizada, aproximadamente, a 101 km de Cassilândia/MS.

⁴⁶ Cidade do Estado de Goiás localizada, aproximadamente, a 43 km de Cassilândia/MS.

⁴⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica que tem por objetivo que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o dia a dia das escolas públicas de educação básica.

não vamos dar o Direito, mas vamos dar Ciências para vocês”. Nós temos ex-alunos que são professores de Matemática, Física, Química e Biologia e todos passaram pelo curso de Ciências. É claro que depois passamos a habilitar só em Matemática, mas muitos que formaram na primeira turma em 2004 estão espalhados na região de Cassilândia, ou pelo estado e em outros estados, inclusive vizinhos de você, eu sei que tem ex-alunos nossos aí em Rosana⁴⁸, perto daí não é?

N: Rosana é até perto.

M: Então, eu sei que tem ex-alunos nossos que dão aula aí, são inclusive concursados do estado. O curso aqui foi o primeiro, hoje em dia tem em Paranaíba. Então, por isso que paramos de ter alunos de Caçu, porque os alunos de Caçu vinham para Cassilândia, mas aí a Universidade Estadual de Goiás abriu o curso em Jataí⁴⁹ e a Federal também e, além disso, começaram a surgir os cursos à distância, às vezes o aluno vai para esses cursos, entre viajar cem quilômetros, duzentos contando a ida e volta. Ainda tem a diferença de horário, porque um aluno que é de Goiás, na hora que a aula acaba para ele aqui é quase meia noite, mais uma hora ou uma hora e meia que ele viaja, ele vai chegar em casa quase duas horas da madrugada, tendo que acordar às sete para ir trabalhar. Então, perdemos esses alunos por causa da distância e também pelas facilidades de estudo que foram surgindo com o tempo.

N: O Senhor teria algum nome para me indicar que eu pudesse conversar.

M: Olha, eu acho que a professora Janete Bortolaia⁵⁰, ela é de Andradina, se não me engano ela está morando lá, ela seria uma pessoa que teria várias informações para dar, o professor Paulo Neres⁵¹ também.

N: A professora Eliane Greice⁵² atuou no curso de Matemática ou ela atuava no de Letras?

⁴⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 509 km de Cassilândia/MS.

⁴⁹ Cidade do Estado de Goiás, localizada aproximadamente a 184 km de Cassilândia/MS

⁵⁰ Professora Janete Bortolaia de Freitas, graduada em Matemática, foi professora da UEMS na Unidade Universitária de Cassilândia, atualmente está aposentada.

⁵¹ Professor Paulo Neres de Carvalho é formado em Ciências com Habilitação em Matemática pela PUC-CAMP (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), atualmente é professor da UEMS, unidade universitária de Campo Grande/MS.

⁵² Professora Eliane Greice Davanço Nogueira, psicóloga, pedagoga e doutora em Educação, professora aposentada da UEMS.

M: Ela é da área de educação, então ela atuava nos dois. Ela trabalhava com disciplinas pedagógicas, mas no curso de Matemática ela não chegou a atuar, ela atuou no curso de Ciências. Quando voltei ela já não estava mais em Cassilândia, ela vinha de vez em quando dar uma palestra ou outra, porque o pessoal gostava muito dela.

N: *Professor, e de Três Lagoas teria algum nome para me indicar, já que estudei lá.*

M: A Eliedete Pinheiro⁵³, se ela aposentou deve ter uns dois ou três anos. Ela estava em Três Lagoas quase desde o começo do curso, se você conseguir falar com ela provavelmente terá bastante informação. A professora Sonia Angelina⁵⁴, só que ela já se aposentou faz tempo, acho que há uns sete anos.

N: *Agradeço por ter me indicado os nomes. Como conversamos anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que o Senhor olhe e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.*

M: Tranquilo Natalia, eu agradeço por ter escolhido meu nome e se precisar de alguma coisa é só mandar mensagem.

N: *Tá joia professor, eu agradeço ao senhor por toda a sua atenção.*

M: Tá bom! Obrigado, tchau.

N: *Até mais!*

⁵³ Professora Eliedete Pinheiro Lino, possui mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Pontifícia Católica de São Paulo (2014).

⁵⁴ Professora Sonia Angelina Garcia Modesto, possui licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1984), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Associação de Ensino de Cultura Urubupungá (1988), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997) e doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (2003).



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora.

PROFESSORA ANDREIA CRISTINA RIBEIRO



PROFESSORA ANDREIA CRISTINA RIBEIRO

Natalia: Boa Tarde! Hoje, dia 29 de outubro de 2020, nós vamos conversar com a professora Andreia Cristina, que atualmente exerce a função de diretora do câmpus de Paranaíba. Professora, obrigada por ter aceitado o convite de conversar conosco. É comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que queira ser apresentado em nossa tese. Sendo assim, peço que a senhora faça a sua apresentação, fique à vontade!

Andreia: Boa tarde, Natalia! Obrigada pelo convite. Eu sou a Andreia Cristina Ribeiro, professora doutora em Matemática, atuo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde fevereiro de 2008. Nesse período que estou aqui, atuei tanto como docente quanto na parte administrativa.

Comecei minha carreira em 2006, logo que eu terminei o doutorado, passei por dois concursos públicos, primeiramente, fiquei um ano e quatro meses na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)¹ como professora no curso de licenciatura em Matemática, depois fiz um novo concurso e ingressei na federal em 08 de fevereiro de 2008. Já estive na coordenação do curso por três anos e desde 2013 eu estou na direção do câmpus de Paranaíba. O mandato aqui é por eleição, meu primeiro mandato foi de 2013 a 2017 podendo ter uma recondução, então me submeti novamente a outra consulta e fui reconduzida por mais quatro anos, meu mandato encerra agora em junho de 2021. Leciono no curso de licenciatura em Matemática, mas nesses últimos oito anos eu estou fora da sala de aula por conta da direção, tem professor substituto no meu lugar.

Nasci em 22 de fevereiro de 1977, em uma cidade do interior paulista - Paulo de Faria², logo meus pais mudaram-se para uma cidade chamada Ubarana³, no interior de São Paulo, foi onde eu passei quinze anos. Estudei sempre em escola

¹ Criada em 20 de julho de 1978 como Instituto de Ensino Superior de Cáceres, em 17 de julho de 1989 passa a denominar-se Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres (FCESC). Em 1992 recebe a denominação de Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT. Em 1993 passa a denominar-se Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT). A universidade teve sua expansão na década de 1990, atualmente possui 13 câmpus, 17 núcleos pedagógicos e 24 polos educacionais de Educação a Distância. A instituição conta com quatro doutorados institucionais, quatro doutorados interinstitucionais (Dinter), três doutorados em rede, 11 mestrados institucionais, um mestrado interinstitucional (Minter) e cinco mestrados profissionais. Disponível em: < <https://unemat.br/site/institucional/nossa-hist%C3%B3ria> >. Acesso em: 23 abr. 2021.

² Cidade do estado de São Paulo localizada a 530 km da capital São Paulo.

³ Cidade do estado de São Paulo localizada a 159 km de Paulo de Faria/SP.

pública, não fiz pré-escola⁴, sempre brinco que fiquei triste por não ter feito, à época minha mãe achava que era bobeira, que era só para brincar e gastar dinheiro com material e eu não pude fazer a pré-escola, não era obrigatório. Lembro-me que fui à formatura de uma prima e fiquei tão feliz de ver eles todos arrumadinhos, bonitinhos, fazendo a musiquinha, só que eu não tive essa oportunidade, eu falo isso para minha mãe hoje e ela fala que se arrepende, que se soubesse que eu ia gostar tanto de estudar ela teria me colocado.

Entreí na primeira série⁵, era série ainda⁶. Nos dois primeiros meses estava alfabetizada e de lá para cá sempre gostei muito de estudar, não gostava de faltar na escola. Na quinta série⁷ me identifiquei com Matemática, eu tive uma professora muito bacana, a dona Hilda Catelan⁸, lembro-me do primeiro dia de aula dela, aquilo despertou-me ainda mais o gosto e eu adquiri o sonho de ser professora de Matemática, cresci com aquilo na cabeça. Pai e mãe ficam perguntando: “O que você quer ser?” E eu dizia: “Professora de Matemática”. Sem saber tudo o que eu teria que fazer para terminar.

Com quinze anos eu casei e me mudei para José Bonifácio⁹. Terminei meu ensino médio lá em uma escola pública. À época eu queria fazer licenciatura para ser professora em Ubarana, sempre sonhamos em trabalhar na cidade de origem, eu tinha um tio que trabalhava de porteiro na UNESP¹⁰ em Rio Preto¹¹ e meu sonho era estudar naquela faculdade, mas não sabia que era pública, difícil de entrar. Só que eu queria estudar lá, porque eu achava a faculdade linda, mas descobri que era difícil estudar lá, que me faltava bastante bagagem por ter vindo de escola pública.

Tinha muito conteúdo que era omitido e que caía em vestibular, mas não era visto na escola, sentia falta de muita coisa, por exemplo, logaritmo eu nunca tinha visto na escola, o máximo que eu lembro-me era de matriz, essas coisas não eram vistas na minha época e isso fazia falta, mesmo assim eu não desisti.

⁴ Atualmente é a etapa da educação infantil obrigatória (de 4 a 5 anos).

⁵ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 2º ano do ensino fundamental.

⁶ A lei 11.274/2006 instituiu o ensino fundamental de nove anos, alterando a nomenclatura se “série” para “ano”. As escolas de todo o país tiveram até o ano de 2010 para atender essa obrigatoriedade.

⁷ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 6º ano do ensino fundamental.

⁸ Hilda Catelan, professora aposentada, moradora de José Bonifácio.

⁹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 16 km de Ubarana/SP.

¹⁰ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

¹¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 51 km de José Bonifácio/SP.

Terminei em 1995 o ensino médio e em 1997 consegui entrar na UNESP, prestei três vestibulares para entrar, à época eram três dias de vestibular, antes eu até passei em uma faculdade particular em Lins¹² - Salesiana¹³, só que era cara e não podíamos pagar. Também não era meu desejo, eu queria estudar naquela faculdade que eu cresci sonhando e com isso eu busquei, sempre ficava na lista de espera.

Eu tentava a licenciatura noturna e no último ano eu falei: “Vou prestar bacharelado que é diurno e a concorrência é menor, depois eu transfiro para licenciatura noturna”. Fiquei sabendo que o pessoal fazia muito isso, consegui passar também pela lista de espera, mas teve vagas suficientes para eu entrar.

Em 1997 eu passei na UNESP e ela mudou tudo! Houve a junção da licenciatura e do bacharelado durante o dia, a turma era de 55 alunos e por dois anos estudamos juntos. Depois tivemos a oportunidade de decidir o que queríamos, porque eles tinham observado que tinha muita desistência e muita reprovação, que às vezes as pessoas entravam no bacharelado e não se identificavam e começavam a reprovar, ou vice versa, então deram essa oportunidade e foi ótimo, porque pudemos conhecer o curso.

Mas quando eu tive a oportunidade de escolher licenciatura eu escolhi bacharelado [risos], por vários fatores: o primeiro era que eu tinha me identificado com o curso de Matemática, eu era mesmo apaixonada, não tive dúvidas, não era fácil, mas eu estudava muito, chegava às seis horas da manhã na faculdade, assim que abria a biblioteca, eu estudava a manhã inteira, à tarde eu tinha aula, saía de lá entre seis e meia e sete horas da noite para ir para minha casa, viajava todos os dias 50km, viajei minha graduação, mestrado e o doutorado.

Surgiu a oportunidade da bolsa de aluno carente por um ano, depois perdi a bolsa, eu tive dificuldade para estudar e eles viram que eu realmente precisava e restituíram a bolsa para mim, só que eu fiquei chateada com a situação e falei: “Poxa vou ficar todo ano chorando, sofrendo por conta dessa bolsa”. Eu já tinha conversado sobre iniciação científica com alguns professores e deu certo para sair uma bolsa

¹² Cidade do estado de São Paulo, localizada a 76 km de José Bonifácio/SP.

¹³ Os Salesianos chegaram a Cuiabá/MT em 18 de julho de 1894, fundando a Missão Salesiana de Mato Grosso/MT. A Missão Salesiana de Mato Grosso administra mais de 20 escolas, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande/MS e o Uni SALESIANO – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – em Lins e Araçatuba/SP. Disponível em: < <http://unisalesiano.com.br/lins/historico/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FAPESP¹⁴ para mim. Eu fiquei feliz por liberar a outra bolsa para um aluno que precisasse tanto ou mais que eu.

Meu orientador dizia para eu não fazer licenciatura, porque no bacharelado a grade era mais ampla, que depois eu poderia voltar e fazer só as disciplinas pedagógicas da licenciatura, e eu escutei. Eu gostava de estudar, ficamos em cinco alunos na turma, o professor Márcio¹⁵ que você conhece, a professora Tatiana¹⁶ que acho que você conheceu aqui...

N: Conheci.

A: O Homero¹⁷, que é professor concursado em Minas Gerais e a Flavia¹⁸, que hoje também é professora concursada na UNESP, nós cinco terminamos juntos! A trajetória na faculdade foi tranquila, no sentido de que eu tinha bolsa, então eu me dedicava totalmente aos estudos, mas ralava bastante para não pegar dependência, tinha que manter nota, porque tinha a bolsa FAPESP, tive um bom rendimento e meu professor falou: “Vamos fazer mestrado”, porém eu queria fazer a licenciatura quando terminei, e ele falou: “Você vai fazer mestrado”. Eu disse: “Está bom! Vou fazer mestrado”, mas eu ainda queria fazer licenciatura, eu falava para ele e ele dizia para fazer o mestrado primeiro.

Fiz o mestrado de 2000 a 2002, até comecei a puxar algumas disciplinas que ficou da licenciatura, mas não deu, porque ficou pesado. Fiz o mestrado e falei: “Agora vou trabalhar” e ele falou: “Vamos pedir uma bolsa de doutorado em Campinas¹⁹” e a orientadora aceitou. Eu e a professora Tatiana passamos no exame, no departamento

¹⁴ A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo contribui com a pesquisa científica e tecnológica no estado de São Paulo, apoia os estudantes de graduação e pós-graduação com bolsas e também com auxílios pesquisadores com titulação mínima de doutor.

¹⁵ Professor Marcio Ricardo Alves Gouveia, possui graduação em Matemática (bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade de São Paulo (2003) e doutorado em Matemática Aplicada pela Universidade de São Paulo (2008).

¹⁶ Professora Tatiana Bertoldi Carlos, possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2007).

¹⁷ Professor Homero Ghioiti da Silva, possui graduação em bacharelado em Matemática pelo Departamento de Matemática do IBILCE (UNESP) (2000), mestrado em Ciências Matemáticas pelo Departamento de Matemática do ICMC (USP) (2003), doutorado em Engenharia Mecânica pela USP - São Carlos (2008) e pós-Doutorado em Engenharia Mecânica pela UNESP – Ilha Solteira.

¹⁸ Professora Flávia Souza Machado da Silva, possui graduação em bacharelado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2006).

¹⁹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 393 km de José Bonifácio/SP.

de Matemática da UNICAMP²⁰, isso foi em 2003. Não foi fácil, penamos para caramba, era puxado, outro clima, os alunos eram competitivos, um lugar mais gelado em termos de contato com os professores, muito mais individualizado do que era a UNESP, mas com muita dedicação, viagens e com filho crescendo, pois já era casada, eu consegui! Lá fiquei sabendo do primeiro concurso que fiz - para UNEMAT. Quando eu passei nesse concurso, meu orientador disse para eu terminar o doutorado e assumir o concurso. Então ele me acelerou, e defendi em novembro de 2006 e na outra semana estava dando aula na UNEMAT de Barra do Bugres²¹, no curso de licenciatura em Matemática, mas também dei aula de Cálculo para o pessoal da Agronomia, acho que para a Ciências da Computação lecionei Matemática Discreta e Cálculo.

N: Certo. O mestrado e doutorado a professora fez na Matemática Aplicada?

A: Na Matemática Pura. O mestrado foi em teoria dos números, trabalhei com códigos corretores de erros, que à época estava no auge, e na UNICAMP eu fui para área de teoria dos números, só que na parte de análises combinatórias, meu professor orientador era da Aplicada, mas a minha tese é dentro do programa de Matemática Pura. Só que eu não fiz a licenciatura, amargo até hoje esse desejo, já pensei várias vezes em entrar, fazer um EAD²², mas por amor mesmo, por querer conhecer, na verdade é ver a teoria de algumas coisas que já faço na prática, porque por mais que eu tenha ido para pura, eu me identifico muito com essa questão do aprendizado, do ensino, das dificuldades que os alunos têm, de querer ajudar nesse enfrentamento. Sempre que eu posso eu leio alguma coisa, assisto a uma palestra, converso bastante com alguns colegas, ainda penso em fazer um pós-doutorado na área de Educação Matemática, converso muito com a Silvia Regina²³, eu já propus para ela ser minha orientadora de pós-doutorado várias vezes, ela já me passou vários textos, mas talvez estudar à distância seja complicado, porque a Matemática tem um formato muito específico de estudar e produzir artigo e quando vamos para a Educação Matemática

²⁰ Universidade Estadual de Campinas, foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966.

²¹ Cidade do estado de Mato Grosso, localizada a 1281 km de José Bonifácio/SP.

²² A modalidade Ensino a Distância (EAD), tem como principal ferramenta do processo ensino aprendizagem a tecnologia.

²³ Professora Silvia Regina Vieira da Silva, possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista – câmpus de Rio Claro, mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo/São Carlos e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista – câmpus de Rio Claro.

ela está dentro das humanas e é muito diferente. Eu não tenho esse feeling²⁴. Sempre discutimos muito isso e ela sempre fala para eu ler, mas quando começo, logo vejo que perdi o foco e ela diz: “É treino, amiga”, mas acho que ainda vou fazer alguma coisa.

Eu e a professora Tatiana sempre tivemos esse gosto, quando fomos para o mestrado até conversamos com uma professora na UNESP sobre fazer em Rio Claro²⁵, acho que, à época, estava começando o programa e estava concorrido, lembro-me que ela falou: “Olha, é muito difícil ser aceita, muita gente boa está ficando de fora”, e como minha graduação não tinha sido voltada para isso, ela disse que seria difícil, então por um pouco de comodismo também, pois eu já estava em Rio Preto, era casada e em Rio Claro, teria que viajar direto, aquele medo de morar fora, acabei fazendo por lá mesmo. Não me arrependo, gosto muito, mas tenho um carinho especial pela licenciatura, pela parte da educação.

Os meus alunos até brincam, porque uma vez teve um comentário de um colega que passou pela faculdade, que quem não era licenciado não tinha didática, tinha só 50% de didática e não saberia dar aula, e como eu gosto muito de dar aula me preocupo muito com as formas de ensinar, fico me revendo o tempo todo naquele intuito de que os alunos aprendam, eles falavam: “Nossa professora, mas você tem tanta didática e a senhora não tem licenciatura”, dava até gosto, eu peguei paixão, sempre fiz com amor.

N: Professora, e quais disciplinas você lecionou na universidade?

A: Como minha área é Álgebra, trabalho com todas as disciplinas de Álgebra: Álgebra Linear, Álgebra Abstrata e Tópicos de Álgebra, mas trabalhei bastante com Cálculo, com um pouco de Combinatória e Estatística, também lecionei Análise na UNEMAT, ensinando Teoria dos Códigos com monitoria em Análise, esta matéria me surgiu porque o professor deixou a disciplina no curso de verão.

Antes do doutorado minha primeira experiência em sala de aula foi em uma faculdade particular em José Bonifácio, Faculdade de José Bonifácio (FJB), inclusive ela fechou, mas trabalhei nela três anos, trabalhava com Matemática Financeira e

²⁴ Palavra de origem inglesa que traduzida para o português, quer dizer ‘sentimento’.

²⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 312 km de José Bonifácio/SP.

Estatística e cheguei a aceitar o desafio de dar aula para o Normal Superior²⁶, que é o Magistério, na verdade é a Pedagogia, mas na faculdade eles fizeram Normal Superior, trabalhei com os professores formas de ensinar conteúdo de primeira a quarta série²⁷, foi um desafio gigante e bom. Eu não ia aceitar, mas a diretora da época disse que apostava em mim e eu fui, mas tive que descobrir a existência de materiais didáticos para trabalhar Matemática, algo que eu não tive em minha formação. Por exemplo, eu tive que entender a lógica do material dourado, sua utilização, os algoritmos, a base decimal, eu queria falar para eles que todas as operações estavam baseadas em uma boa aprendizagem de sistema decimal, e que é esse sistema que faz aparecer zero, acrescentar vírgula, eu queria explicar isso, e tive, na verdade, que aprender para ensiná-las, porque eu fazia na técnica, mas eu peguei um material ótimo da USP²⁸ e levei para elas, porque abaixo aqui é regra, mas de onde vem gente? Porque é um sistema posicional.

Era uma sala lotada de professoras quase aposentando e não estavam muito a fim de aprender, queriam mais o diploma. E eu tinha que falar para elas as formas de ensinar a Matemática, mas foi uma experiência e tanto que me enriqueceu bastante.

Acredito que os professores pedagogos tem uma formação muito abrangente, isso dificulta com que eles ensinem os alunos que acabam chegando ao sexto ano com muitas dificuldades. Algumas políticas precisavam ser revistas, por exemplo, poderia ter uma Pedagogia com habilitações, faz a Pedagogia e mais um ano de Matemática, então você vai ser pedagogo e vai dar a disciplina de Matemática.

Uma vez um aluno nosso do curso de Matemática, que é professor concursado do município, disse-me que toda vez que era aula de Português ele e outra professora licenciada em Pedagogia e Letras, trocavam de sala, ele dava aula de Matemática na sala dela e ela dava aula de Português para ele. E para os alunos isso é lucro, vejo pela minha filha Beatriz, a consolidação da base Matemática dela foi excelente, foi se constituindo ao longo do processo, mas a professora dela foi uma aluna nossa da UFMS, porque na escola onde ela estuda há essa separação por áreas já no ensino fundamental. Mas infelizmente isso é uma questão muito ampla, pois qualquer

²⁶ O curso Normal Superior tinha por finalidade ampliar o acesso à educação superior os docentes que não possuíam formação específica para o magistério.

²⁷ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 5º ano do ensino fundamental.

²⁸ A Universidade de São Paulo (USP) é uma das instituições públicas de ensino superior mais importante do Brasil, pois é responsável por grande parcela da produção científica do país.

mudança na educação demora muitos anos para você colher os frutos, enquanto não tiver um trabalho contínuo e permanente não vai ter mudança, tem uma mudança hoje e daqui a quatro anos tem outra, troca o ministro da educação, troca o secretário, fica essa dança das cadeiras, ficam só procurando culpados e os alunos vão apanhando cada vez mais.

A educação demanda muito mais empenho e interesse, pois está ficando em segundo plano. Eu falei isso para os senadores que andaram me procurando, à época estávamos com dificuldades financeiras na universidade, corria o risco de suspender tudo por falta de recurso e eu disse várias vezes para eles: “O problema é que a educação não é vista em primeiro plano por nenhum político, ninguém tem interesse na educação, só a usam como plano de fundo, para promoção.” Há investimento naquilo em que o retorno é imediato!

N: Professora, a senhora comentou que foi coordenadora do curso de Matemática, poderia nos contar mais um pouco desta experiência?

A: Eu entrei em 2008 na federal, e a Silvia era a coordenadora. Como, à época, só tinham professores efetivos: eu, a Silvia, e o Marcio, nós éramos muito próximos. A estrutura do prédio também não permitia salas separadas, trabalhávamos praticamente todos juntos na mesma sala, e ela ensinou-me bastante coisa sobre a parte administrativa, mas eu não era a coordenadora. Em 2009 eu tive minha filha e saí de licença gestante, a Silvia também prestou outro concurso e foi embora, o Marcio também foi embora, tudo em 2009. A professora Tatiana, que tinha chegado em fevereiro do mesmo ano, assumiu a coordenação a sangue frio, depois quando voltei, a substituía quando era preciso. Mas de 2011 a 2013 eu fui a coordenadora e na sequência, em junho de 2013, eu fui para a direção do câmpus e estou até hoje, contando os dias para acabar!

Na direção você se afasta demais da parte de pesquisa, do ensino, porque são muitas demandas. Para nós que somos câmpus fora de sede, fica mais difícil, porque tudo recai sobre a direção, desde a manutenção, a gestão de pessoas, a questão da gestão dos cursos junto aos coordenadores, é muita coisa e precisamos nos afastar da sala de aula, mas já estou com saudade dos meus alunos. Já não tem mais nenhum aluno na universidade que eu tenha dado aula, todos vão ter que me conhecer novamente, com até uns quatro, cinco anos na gestão ainda tinha alunos

que eu havia dado aula, tanto que participava das refeições de grau, depois disso não tinha mais e é ruim porque dá uma tristeza!

N: A Professora poderia nos falar sobre a estrutura da universidade quando a senhora chegou? E como está hoje?

A: A universidade começou em 2001 no prédio de uma escola particular – a escola Objetivo²⁹, depois foi para o prédio da Escola Maria Luiza³⁰, que foi cedida pela prefeitura em 2001 e depois foi para o Aracilda³¹, passou por três prédios até que se construísse o prédio próprio da UFMS, você deve ter estudado no Aracilda?

N: Estudei no Maria Luiza, no Aracilda e no finalzinho, no câmpus.

A: Todo começo é precário, é difícil. Quando cheguei eu era a terceira professora efetiva do curso de Matemática. A universidade foi criada com os cursos de Administração, Matemática e Psicologia, todos passavam essa dificuldade, ainda não tinha concurso, então tinham professores substitutos e aos poucos isso foi mudando. Quando eu cheguei ao câmpus não tinha asfalto na avenida que dava acesso a ele e também não tinha luz, o estacionamento de dentro era terra, as árvores eram pequenas. O câmpus foi construído estritamente pensando em salas de aulas, nós só tínhamos sala de aula e um espaço maior que dividiram e era a secretaria. Estava sendo construída a parte da sessão de Psicologia, a clínica de Psicologia era na cidade, em uma casa. Acho que em 2009 foi inaugurado o prédio de Psicologia para o desenvolvimento do estágio.

A sala de professores era uma sala de aula na qual todos se reuniam em círculo. Todos brincavam e diziam que parecia uma pré-escola, um professor do lado do outro com suas mesas. Depois tinha outra salinha com divisórias para os coordenadores, não sei se já tinha ou se as divisórias vieram depois na gestão da

²⁹ Prevê-Objetivo, criado em 1955 com a denominação de Educandário Santa Clara, uma escola particular ainda existente em Paranaíba.

³⁰ A Escola Municipal Maria Luiza Corrêa Machado foi criada em 22 de junho de 1993 pelo Prefeito Moacir da Silva Queiroz (1991-1995), instalada no prédio cedido pela Prefeitura Municipal de Paranaíba pelo governo do Estado de Mato Grosso do Sul, onde funcionou a Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa. O prédio da escola também foi sede das Faculdades Integradas de Paranaíba (FIPAR) (de 1995 a 1998).

³¹ A atual Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa, funciona no prédio Walmir Lopes Cançado, o qual abrigou por alguns anos a extinta Agência de Educação. A escola foi criada no ano de 1966 no governo de Pedro Pedrossian (1966-1971).

Eliana³², mas era assim, um dos maiores complicadores é porque quem é efetivo por quarenta horas - dedicação exclusiva - e tem que ficar na unidade para desenvolver projeto de pesquisa, de ensino e extensão, dar atendimento aos alunos, ficávamos todos juntos e misturados, ficava difícil, isso era ruim.

As estruturas das salas de aulas são as mesmas, pois já eram legais. Todas tinham ar-condicionado, as carteiras novinhas, o prédio era novo, apesar de não ter tanto espaço. A biblioteca ficava nesses espaços apertadinhos, eu me lembro de uma coisa que me deixou até impressionada, quando eu cheguei e fui conhecer a biblioteca eu olhei para bibliotecária e falei: “Mas como o pessoal estuda aqui dentro?” Porque tinha a estante de livros, ao lado a mesa de estudos e do outro lado, o balcão de empréstimo, e ela falou: “Professora ninguém pode nem conversar”. E a sala de estudos? Eu que vivi a minha graduação enfiada dentro de uma sala de estudo na biblioteca, chegava e entrava em uma salinha daquela e ficava o dia todo estudando, deixava o material lá e ia almoçar, voltava e dormia, uma das coisas que me ajudou muito durante meus estudos foi ter essa sala na biblioteca, e a bibliotecária disse: “Não tem professora”. Fiquei triste, tanto que quando me tornei diretora a primeira coisa que eu fiz foi lutar para termos uma biblioteca adequada a rotina dos estudantes universitários.

A estrutura curricular do curso eu achava até engraçada [risos]. Entrei para dar a primeira aula que foi de Cálculo, estava falando de funções e um aluno vira e fala assim para mim: “Eu estou vendo isso em Análise”, e eu estava na aula de Cálculo I: “Mas como assim, você está vendo isso em Análise? Você está fazendo Cálculo I”. “Estou fazendo Cálculo I e Análise”. “Mas Análise é uma disciplina do último ano e Cálculo I não é pré-requisito?” Isso me chocou! Como não tem pré-requisito? Fiquei chocada. Conversei com o Márcio e ele me disse que não tinha pré-requisito, era a primeira série, segunda série, terceira série e quarta série, a estrutura em si era isso. Eu entrei na gestão em 2013 e consegui junto à reitoria a construção de um novo prédio que começou em 2014, houve muito atraso na obra por conta de empresas terceirizadas que enrolaram, mas em 2016 conseguimos terminar. É um prédio de dois andares, com salas todas retangulares para serem transformadas em laboratórios e salas de aulas, já temos isso, tem curso que demanda laboratório e tínhamos que resolver esse problema.

³² Professora Eliana da Mota Bordin de Sales.

Os professores reclamavam com razão da sala dos professores, porque nós trabalhávamos em um espaço que não era adequado, não tinha sala de professores, a biblioteca, como eu te disse, me incomodava extremamente, era uma questão de honra ter uma biblioteca de fato. À época em que ganhamos esse prédio começaram as discussões junto à reitoria, já que o prédio não atendia às nossas necessidades, precisávamos de sala de professor e biblioteca, eu comecei uma discussão junto com o pessoal de infraestrutura da reitoria, tanto que eles me disseram que se as mudanças não alterassem o projeto, pois eu não podia mexer na estrutura do projeto que já estava pronto, então o que fiz? Até brinco que eu fiz um curso de Engenharia [risos], avaliamos, e da biblioteca tiramos as paredes internas, deixamos o espaço todo para a biblioteca e construímos salinhas de estudo com divisórias de gesso. E como tiramos a parede embaixo? O valor que gastaríamos com essas paredes, jogamos para cima e dividimos esses laboratórios em salas de professores. E assim foi feito. Conseguimos fazer um prédio com dezessete salas em cima e embaixo ficou a biblioteca com seis salas de estudos em grupo, sala para a bibliotecária, uma sala multiuso para colocar projetor, cadeiras de estofado e para fazer apresentação de dissertação, de monografia e para cursos rápidos. É o meu xodó, hoje, essa biblioteca! Conseguimos dividir as salas para caber até três professores por sala, mas hoje a maioria está com dois, só algumas salas que têm três colegas. Mas ainda sobra espaço, tem mesa, computador e armário, cada coordenador tem sua sala individual com mesa para reunião, temos espaço para secretaria de apoio aos estudantes, temos espaço para secretaria de apoio pedagógico - que dá apoio aos coordenadores, isso no prédio novo. Temos uma sala para o técnico de áudio visual, que foi uma conquista minha também e temos um hall bacana na entrada que tem espaço para descanso com sofá, o mobiliário é novinho, ficou realmente uma biblioteca que causa inveja na UFMS como um todo, pois dos câmpus pequenos que tem a mesma estrutura, só o nosso que tem essa biblioteca e das maiores que são Três Lagoas³³, Corumbá³⁴ e Aquidauana³⁵, as bibliotecas são velhas e também não tem essa estrutura. A nossa bibliotecária fala que os outros câmpus ficam muito chateados, mas foi uma luta, não foi fácil. Você conhece o prédio onde tinha a secretaria e a antiga sala de professores?

³³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 178 km de Paranaíba/MS.

³⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 834 km de Paranaíba/MS.

³⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 549 km de Paranaíba/MS.

N: Sim.

A: As árvores estão gigantes, consegui fazer uma área de convivência, calçamos e plantamos árvores, colocamos umas folhagens, bancos e fizemos uma rampa com acesso para cantina, colocamos mesinhas de mármore com xadrez, ali os professores orientam os alunos, conversam, jogam xadrez, ficou um espaço bacana. Conseguimos calçar o estacionamento, na minha gestação eu cheguei a levar um tombo lá, porque era cheio de pedras. Hoje está tudo calçado, as vagas pintadinhas. Fizemos a ligação dos dois prédios com um corredor coberto que liga um prédio ao outro, também foi uma luta, porque não estava previsto no projeto, mas conseguimos! Estamos em andamento com a construção do prédio para abarcar o curso de Medicina Veterinária, então para cima desse prédio tem outro sendo construído de três andares, atrasou um pouco também por conta das empresas, mas já está na construção. A ideia é que no ano de 2022 fique pronto esse prédio para pensarmos já na abertura desse curso.

Conseguimos colocar retroprojektor em todas as salas de aula, pois era outro problema, porque os professores pegavam equipamentos de projetor e não tinha para todos. Às vezes guardava quente e queimava, não tinha servidor para entregar na hora que o professor precisava, depois na hora de devolver deixava em qualquer lugar, eram coisas pequenas, mas que eram um transtorno. Hoje todas as salas têm retroprojektor instalado, tem um computador em cada sala para o professor só chegar e colocar o pen drive.

Aquela secretaria que era uma bagunça, tudo amontoado, se você olhar hoje dá gosto, fez armário embutido, colocou mesinha nova, computador, fizemos um balcão para o lado de dentro, então tem como esperar para ser atendido, tem vidro, não fica mais na janela e todas as salas administrativas com ar-condicionado split, que não faz barulho. Conseguimos fazer um espaço com sala de direção e secretaria da direção, que é onde era a sala de coordenadores. As duas salas que foram deixadas de serem salas de professores, conseguimos reformar e são duas salas de aula, ao lado do anfiteatro, com ar-condicionado novo e carteiras.

Hoje o prédio está melhor ainda, é lógico que ainda falta espaço para bastante demanda, acho que cada conquista a seu tempo. Já deu uma caminhada boa, servidores que lá estão e conhecem desde o início são muito gratos, falam que a mudança foi muito eficaz. Hoje os professores ficam lá, aumentou o número de

projetos, o aluno chega lá a qualquer horário e o professor está na sua sala estudando, todo mundo com seu ar ligadinho, o prédio tem acessibilidade e tem elevador.

O aprendizado durante esse tempo foi muito grande, tive que aprender muita coisa de administração, pois não somos formados para sermos administradores de nada, nem gestor, mas de repente você se torna gestor de tudo, foi um aprendizado muito grande, está sendo sempre e a cada dia mais. Quando entrei surgiram muitos enfrentamentos, mas depois você vai aprendendo e hoje é uma paz, graças a Deus!

N: Professora, e como está a gestão dos docentes hoje?

A: Quando eu cheguei tinha três professores efetivos, dos três, dois se foram, mas os concursos foram refeitos. Hoje nós somos um corpo docente de seis professores efetivos, dois professores doutores em Educação Matemática e quatro na área de Matemática ou Matemática Aplicada, na verdade três são doutores e um mestre que está fazendo doutorado em Engenharia Mecânica, mas ele é graduado e mestre em Matemática. O corpo docente é de excelência, nós temos uma formação muito boa.

Os professores coordenam projetos como PIBID³⁶, PIBIC³⁷, Residência Pedagógica³⁸, entre outros. O corpo docente está completo para a carga horária do curso, como só atendemos o curso de Matemática não tem falta de professor. Temos também o professor que leciona a disciplina de Libras, ele é específico, leciona algumas disciplinas optativas no curso. Temos um professor na área de Educação, a professora que estava nesta vaga pediu redistribuição, ela era pedagoga de formação, mas a vaga em si não exige, agora estamos com substituto nessa vaga. Mas ocorreu o concurso e o professor que foi aprovado é licenciado em Pedagogia e Sociologia, ele também poderá lecionar as disciplinas de Políticas e Didática no curso, e ainda conseguirá ofertar disciplinas optativas. Tem o professor Elton³⁹ que é da Estatística, que agora foi para o curso de Administração, mas também leciona disciplinas de Estatística no curso.

³⁶ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica que tem por objetivo proporcionar aos discentes, na primeira metade do curso de licenciatura, uma aproximação prática com o dia a dia das escolas públicas de educação básica.

³⁷ Programa de Iniciação Científica e Tecnológica e Inovação, tem por finalidade incentivar os estudantes a desenvolverem conhecimento científico – tecnológico.

³⁸ Programa de Residência Pedagógica - CAPES.

³⁹ Professor Elton Gean Araújo possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), mestrado em Estatística e Experimentação Agrônoma pela Universidade de São Paulo (2008) e doutorado em Agronomia pela Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira – UNESP (2016).

Hoje os três cursos não sofrem com falta de professores, que nem era no passado, os cursos estão preparados com o corpo docente efetivo, todos podem sair para fazer qualificação, também é uma vitória, pois os que não fizeram estão terminando seus doutorados, uma vitória!

N: Professora, houve mudanças em relação a grade do curso?

A: Houve. Eu não estava ainda, mas eu lembro que a universidade tinha recebido uma visita do MEC⁴⁰ e eles tinham feito alguns apontamentos sobre a grade. Eles apontaram umas disciplinas que não tinha na grade, também tinha a questão dos pré-requisitos que gostaríamos que mudassem. Em 2009 houve uma mudança no projeto, eu, o Márcio, a Silvia, a Tatiana e a Sabrina⁴¹ - ela já tinha chegado como efetiva, participamos, nós que fizemos essas mudanças, também veio a semestralização na sequência. Em 2010 teve que semestralizar e nessa época inserimos alguns pré-requisitos, mudamos as disciplinas de lugar, inserimos disciplinas que achávamos importante. Observamos que os alunos sempre chegavam com bastante deficiência, que na maioria das vezes era na Matemática básica. Até hoje eles não têm muito a compreensão de como fazer as operações, a parte elementar da Matemática, então conseguimos colocar algumas disciplinas de Fundamentos no primeiro ano e Cálculo no segundo ano, mudamos a disciplina de Análise, pois era anual e dava muito trabalho para todos. É a característica da Análise, ela é muito abstrata, mas é importantíssima, então a deixamos para o sétimo semestre, e havia duas Físicas, tiramos uma, porque o curso não habilita para Física, para o conhecimento mínimo que o aluno tinha que ter em Física deixamos só uma. Discutimos bastante isso, olhamos outros projetos e planos de outras universidades. A Álgebra Linear, à época, ficamos com uma só, mas depois teve uma segunda mudança no plano, em 2016, 2017 ou 2018, talvez o Thiago⁴² tenha falado isso com mais precisão, eu não me lembro.

Nesta outra mudança foi colocado mais um curso de Álgebra Linear, se manteve a mudança com a Análise. O grupo de professores está tentando melhorar o

⁴⁰ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

⁴¹ Professora Sabrina Helena Bonfim possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - câmpus de São José do Rio Preto e mestrado e doutorado em Educação Matemática - câmpus de Rio Claro.

⁴² Professor Thiago Donda Rodrigues Possui licenciatura em Matemática pelo Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV) (2004), mestrado (2008) e doutorado (2015) em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Rio Claro).

curso, queremos manter a qualidade, mas também queremos manter o aproveitamento dos alunos, com a experiência das aulas, com uma vivência, olhando o perfil dos nossos alunos depois que terminam, vamos conseguindo fazer essas mudanças. Hoje, desde a primeira mudança, o aluno que está cursando Análise não vai fazer Cálculo I, pois para fazer Análise ele tem que ter feito Cálculo I, então conseguimos organizar essas situações, mas também sem engessar muito, já que o intuito não é ficar segurando o aluno por causa de pré-requisito por exemplo, Cálculo I e II tem que ser pré-requisito para Análise, porque é onde o estudante vai aprender os conceitos de limite, derivada e integral de uma variável, e depois ele volta a ver isso em Análise só que com um tratamento teórico dos números reais então não tem como fazer simultaneamente as duas coisas. Cálculo III e IV não é pré-requisito para fazer Análise, só que o I é pré-requisito para o III, e o II é para o IV, só é pré-requisito quando é importantíssimo mesmo, pois o pré-requisito não pode engessar o estudante, é necessário que ele tenha fluidez na caminhada, porque somos uma unidade pequena, não conseguimos fazer reoferta da disciplina semestralmente, então se ele não fizer agora, ele só irá fazer no ano seguinte. Se tivéssemos outros cursos com essas matérias os alunos poderiam puxar, por exemplo, se ele ficar em janeiro na UFMS em Campo Grande⁴³, e lá tiver a oferta, ele pode fazer e aproveitar aqui, porque o estatuto da universidade permite cursar e depois fazer mobilidade interna. Como não temos esse perfil de reoferta, também não podemos ficar limitando muito esses pré-requisitos.

N: Certo. A Professora poderia nos dizer sobre o perfil dos docentes?

A: Hoje eles são todos da região próxima daqui. Tem eu, de José Bonifácio⁴⁴, Tatiana, de Nhandeara⁴⁵, Thiago, de Tanabi⁴⁶, a Sabrina, de Planalto⁴⁷, o Raildo⁴⁸, de Três Lagoas e o professor Luiz Fernando⁴⁹, de Ilha Solteira⁵⁰. Antes tínhamos muita

⁴³ Capital do estado de Mato Grosso, localizada a 409 km de Paranaíba/MS.

⁴⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 297 km de Paranaíba/MS.

⁴⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 219 km de Paranaíba/MS.

⁴⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 228 km de Paranaíba/MS.

⁴⁷ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 274 km de Paranaíba/MS.

⁴⁸ Professor Raildo Santos de Lima é bacharel em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mestre em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia e doutorando em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual Paulista.

⁴⁹ Professor Luiz Fernando de Souza Freitas possui graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - câmpus de Ilha Solteira (2009), mestrado (2012) e doutorado (2018) em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas.

⁵⁰ Capital do estado de Mato Grosso, localizada a 118 km de Paranaíba/MS.

rotatividade dentro dos cursos, não só na Matemática, o pessoal passava no concurso público e achava que Paranaíba não oferecia nada, o curso não oferece pós-graduação, sendo assim eles não vão conseguir trabalhar na pós, ele passa em outro concurso ou pede redistribuição e vai embora, e isso é ruim, porque você não consegue criar vínculo com os alunos, não pensa em projetos para a graduação e para sua cidade, pois você está sempre querendo ir embora, costumo usar a expressão: “Está sempre com a mala pronta” [risos]. Eu passei por isso, é horrível!

Quando eu passei na UNEMAT era muito longe, quase 1400 km da minha casa, meu marido não foi, com isso eu e minha filha Renata⁵¹ sofríamos lá. Eu dizia que precisava voltar, então você não se entrega de corpo e alma, faz seu trabalho, mas sempre com aquela ansiedade de que uma hora vai sair. Quando eu vim para Paranaíba a distância diminuiu para 280km da casa dos meus pais, e mesmo assim meu marido não veio, passou dois, três anos sem vir. Cheguei a prestar concurso para Ilha Solteira na UNESP, cheguei lá e sorteei o tema. Voltei para cá, pois tinha aula à noite, pensei: “não vou fazer a prova”. Porque senão eu vou ficar sempre com essa angústia, procurando lugar mais perto, e isso vai fazer mal para mim como pessoa, para os meus filhos e como profissional. É aqui que eu quero ficar, mais perto que isso só se for em São José do Rio Preto, se tiver uma pública lá, uma federal de preferência. Não almejo mais ir para UNESP e aqui eu estou bem. Eu quero ficar em um lugar que eu faça a diferença, nunca sonhei em ir para algum lugar só para ser mais uma, eu gostaria de estar em um lugar em que eu realmente conseguisse fazer a diferença na vida daquelas pessoas que eu convivo, seja profissionalmente ou socialmente. E aqui aconteceu isso, graças a Deus, na Barra dos Bugres também, porque o perfil dos nossos alunos era de pessoas que trabalhavam, a classe de renda média ou baixa, que está sem objetivo na maioria das vezes, não é aquela pessoa que vem para cá porque ele ama e quer fazer Matemática, para ser professor eu sinto que a maioria chega sem objetivo, entrou porque estava fácil ou porque a mãe falou que tinha que fazer alguma coisa e que se ficasse em casa ia ter que aguentar a mãe, já ouvi relatos de todos os tipos.

Fizemos a recepção de calouros e pedimos que cada um fale o porquê escolheu o curso, justamente para ter esse sentimento, você escuta de tudo, tem aluno que fala, que não aguentava a mãe falando na sua cabeça, outros dizem que

⁵¹ Professora Renata Cristina Ribeiro.

queria muito Engenharia, mas não consegui entrar e então foi fazer Matemática, outros falam que vão ver no que dá, porque não gostam de Matemática, mas como passou...O aluno tem esse perfil, mais que professor, coordenador, diretor, você tem que ter um lado humano muito aguçado, tem que ouvir muito as pessoas, porque às vezes ela chega e o problema dela não está no conteúdo que você acabou de ensinar, o problema dela está lá em casa com o pai, com a mãe ou com o filho que está doente ou ainda com o salário que cortou, porque foi mandado embora, então o aluno está tão angustiado, ele precisa conversar com alguém e muitas vezes é o professor ou o coordenador, quantas vezes os alunos vêm na minha sala para contar a história de vida deles e eu não posso ser indiferente a isso. Acho que você tem que ser empático, tem que se imaginar na situação do outro também. Eu sempre discuto muito isso, pois o nível de nossos alunos tem sido assim.

Quando tem muito conflito entre aluno e professor é porque o professor está só ligado no que tem que passar e ensinar, no que tem que cumprir e o aluno começa a não absorver, muitos querem só justificar para enrolar o professor, mas isso também o docente tem que ter a destreza de investigar. A maioria precisa ser ouvida e temos que avaliar isso. Eu estou em um lugar no qual eu acho que faço a diferença e daqui eu não quero sair não. Enquanto diretora, obtive conquistas em melhorar o espaço físico, o espaço de convivência e as relações com as pessoas, são coisinhas que contribuem para melhoria de vida do próximo. Acho que não tem preço você contribuir para a qualidade de vida e para o avanço, de alguma forma, das pessoas. Falo muito isso com meus amigos, inclusive com o Márcio, pois sou madrinha dele. Ele está na UNESP de Rio Preto, fez o pós-doutorado pelo mundo, o perfil dele é a pesquisa.

No perfil do curso e a localização em que eu estou é necessário que se tenha a preocupação com o aluno. Nossos professores todos têm qualificação, mas a maioria tem essa preocupação também. Fiz a média de permanência em Paranaíba do professor que é de 8,3 anos, estou há doze, sou a mais velha, e tem o mais novo que está com dois anos, eu sou de 2008, depois a Tatiana de 2009, o Thiago, que já atuava no curso, mas como concursado foi em 2010, o Raildo é de 2016, o Luiz Fernando de 2018.

Quando o professor chega já temos o cuidado de conversar com ele sobre o perfil dos nossos alunos, sobre o acolhimento, o acompanhamento. Já tive aluno que

morava em Inocência⁵² e acordava às cinco da manhã para tirar leite, depois à noite ele vinha a Paranaíba para estudar, então que horas esse aluno estudava? Não tinha horário para dedicar-se aos estudos, ele vinha porque a namorada também estudava aqui, o professor tem que ter o cuidado de ver aquilo como esforço. Então, são coisas dessa natureza que estamos sempre discutindo, mesmo eu não dando aula, eu estou nos grupos dos colegas e vejo as discussões deles e, eles mantêm a preocupação. Agora está no ensino remoto, eu vejo a preocupação muito grande a respeito da cola, da repetição de conteúdo, todos eles entregando a mesma coisa, com os mesmos erros, os professores se reúnem e pensam no que pode ser feito para melhorar essa situação, porque isso também beira a falta de ética. Então penso que conseguimos essa integração dos colegas no sentido de pensar no bem-estar e na melhoria do curso.

Outra característica é que a nossa faixa etária abaixou bastante, entram alunos mais jovens. Com a vinda do Sisu⁵³ ficou mais tranquilo a nota, mas não podemos desistir, temos que estar sempre buscando e trazendo os meninos que estão chegando cada vez mais despreparados na questão de conteúdo, com dificuldade grande em Matemática, Português, interpretação e leitura. Eles não gostam de ler, leem mal, depois a culpa acaba sendo da Matemática, estávamos até discutindo esses dias que para tentar melhorar a evasão, temos que tentar de alguma forma inserir disciplinas de nivelamento, mas quando o curso é proposto, não vem ninguém, porque normalmente o curso de Matemática básica é de sábado. Na ocasião em que ofertamos o curso, no final só tinha aluno da Psicologia e da Administração, e da Matemática nenhum, então é difícil. Agora com esse ensino remoto acho que o pessoal vai querer mais ainda que façamos as coisas à distância e menos presencial. Esse é um medo que tenho, mas o que estamos fazendo nesse momento é o que dá para fazer, mas é longe do ideal, muito longe!

N: Professora, os alunos são da região?

A: O perfil continua sendo do município e dos municípios vizinhos, esporadicamente recebemos alunos de um pouco mais longe, já tivemos alunos de Jaú⁵⁴ que se formou

⁵² Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 90 km de Paranaíba/MS.

⁵³ O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado do Ministério da Educação, onde as instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos que participaram do Enem.

⁵⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 483 km de Paranaíba/MS.

aqui. Tivemos agora recentemente um aluno que está fazendo mestrado, ele era do interior, perto de Rio Preto⁵⁵, ele veio e dedicou-se bastante, foi premiado. Já mandamos dois alunos nossos para participar de internacionalização, mas o perfil ainda continua sendo de alunos trabalhadores que viajam todos os dias, os que não viajam trabalham durante o dia e moram aqui em Paranaíba.

N: Certo. A Professora poderia nos dizer qual o perfil do aluno formado pela UFMS de Paranaíba?

A: O nosso curso é de licenciatura, nosso foco é formar professores, temos dois programas que o governo tem incentivado que é o Residência Pedagógica e o PIBID, e temos vários alunos que acabam indo para a pesquisa, vai do perfil do aluno, aquele que, às vezes, quer seguir carreira acadêmica, quer aprender mais, começa a participar de uma iniciação científica, com certeza ele vai almejar o mestrado. É o que aconteceu comigo, meu sonho era ser licenciada e dar aula, mas você faz uma iniciação científica e descobre que o mestrado é legal, que oportuniza mais conhecimento. Você vai trabalhar em uma faculdade, vai ganhar um pouco mais, como nosso perfil é deficitário em renda, que é meu caso e de todos nós professores e de quase todos os nossos alunos, é lógico que você quer um emprego que lhe ofereça estabilidade, que ganhe um pouquinho mais, então temos os que vão para o mestrado e doutorado, tanto na Matemática, quanto na Educação Matemática. Nós temos alunos egressos formados no mestrado e no doutorado, está aí você [risos], temos uma maioria que vai para licenciatura e isso me deixa feliz, porque temos muitos alunos nossos trabalhando aqui no município. Mas sei também de alunos nossos que eram de Inocência e que trabalham em Inocência, tem aluno dando aula em Três Lagoas, isso muito nos alegra.

Também tem o aluno que faz Matemática para melhorar o conhecimento dele, as habilidades, o raciocínio lógico, para trabalhar em outras áreas, muitas vezes vão fazer estágio em banco, depois efetiva em concurso bancário ou, às vezes, já estava trabalhando em uma empresa e fica por ali mesmo, mas vai dar aula particular, tem casos de alunos com medo de largar o emprego, já formou-se, mas diz que tem medo, pois não vai pegar aula direto, vai ser substituição, então dá aulas particulares e conserva aquele emprego, mas depois cresce lá dentro e pega uma gerência, eu

⁵⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 268 km de Paranaíba/MS.

observei que quem não queria a licenciatura terminou e continuou trabalhando em empresa, mas passou um tempo e teve a oportunidade e está na escola dando aula. Então nós temos esses perfis, mas a nossa formação básica é para licenciatura e os alunos que se destacam, que querem, que procuram e almejam mais conhecimento, envolvem-se nos projetos de pesquisa, é possibilitado bolsas, eles vão participar de eventos, a partir daí nasce o interesse para fazer a pós-graduação. Nós temos vários casos de sucesso, tanto em um perfil quanto em outro.

Temos um problema que é nacional: o número de formandos no curso de Matemática, sabemos que não são números elevados, entra quarenta alunos e no primeiro semestre vinte já deixam, isso é desde a sua turma. São oito, dez, cinco ou sete, mas são poucos. Estamos trabalhando, mas ainda não tem uma análise profunda do perfil do egresso, eu não saberia te dizer hoje onde estão nossos alunos, eu estou te dizendo por ser uma cidade pequena e termos muita proximidade com nossos alunos, então sabemos da vida de todos que estão fora e os que estão aqui, essa percepção é em função disso, mas não tem estudo, os que se formam tem sucesso onde eles escolhem seguir.

N: Sim. A Professora poderia nos dizer sobre a construção do projeto político pedagógico?

A: O projeto político pedagógico tem a parte estrutural padrão da universidade, têm as políticas nacionais presentes e a parte de conteúdo, lógico que todos os cursos de Matemática têm um padrão, tem as disciplinas, mas foi o que lhe falei, tentamos sempre moldar de acordo com a experiência que temos enquanto professor. Mudamos para melhorar, sempre estamos discutindo, tem o núcleo dos docentes estruturantes, que foi constituído em 2010, que é um grupo de professores que são interligados ao projeto político pedagógico, sempre estamos conversando sobre as disciplinas, sobre os conteúdos, sobre as dificuldades que o aluno sente. Essas discussões geram mudanças dentro das disciplinas, posicionamentos, conteúdo programático, por exemplo, teve uma mudança, acho que tem dois anos, a UFMS queria padronizar as disciplinas pedagógicas de todas as licenciaturas com o mesmo conteúdo, porque se fez Didática aqui ou em Três Lagoas, você pode aproveitar essa disciplina, se for preciso dar ela remotamente, você pode assistir lá, então umas quatro ou cinco disciplinas foram chamadas de núcleo comum da educação com o mesmo conteúdo. Se o aluno fizer aqui, em Campo Grande ou em Corumbá vai ser a mesma

carga horária e o mesmo conteúdo, teve cobrança do MEC em relação a inserir algumas disciplinas de conteúdo voltado para o meio ambiente, esses temas transversais.

Essas propostas, temos que atender quando vem, mas o formato do curso que vai ser ministrado em termos de conteúdo fica nas nossas mãos, tanto que ele pode não ter mudanças constantes, pois a mudança do projeto pedagógico impacta na formação de todos os anos. À sua época, até um pouco depois, tínhamos várias grades caminhando juntas. Se você mudar o projeto todos os alunos têm que migrar e se enquadrar no projeto vigente, isso pode provocar impacto para o aluno, temos que reenquadrá-lo. Quando houver disciplina diferente temos que dar um jeito de ofertar a carga horária, então quando tem mudança é complicado e com isso as mudanças vão ocorrer cada vez menos por conta desse impacto na vida do estudante. Lembro-me que quando eu estava na coordenação eu deixava passar coisas, pois eu nem entendia, tinha quatro grades, porque mudou o projeto. Então, na hora de fazer um aproveitamento tinha que olhar o ano e a grade que o aluno estava para fazer o aproveitamento. A Psicologia vai precisar mudar algumas coisas importantes no projeto deles, eles estão estudando para fazer a mudança de uma vez só, todos os planos de estudo dos duzentos alunos matriculados têm que estar feito, porque o aluno tem que migrar sabendo o que é que ele precisa fazer dali para frente, se ele vai ter que pagar mais carga horária, se vai ter que fazer optativa, cada aluno tem que saber certinho o que vai ser da vida dele. Após essa mudança o coordenador precisa organizar as ofertas das disciplinas.

N: A Professora poderia comentar mais um pouco sobre o tempo destinado a pesquisa e extensão?

A: Nós todos somos efetivos por quarenta horas na normativa da federal. O professor de dedicação exclusiva tem que desenvolver pesquisa, ensino e extensão. O ensino é dentro das aulas mais desenvolvimento de projeto de pesquisa e extensão. Eu acho que cada professor tem um caráter, caráter mais pesquisador ou mais extensionista. Vamos supor que eu não queira fazer nem pesquisa e nem extensão, então eu tenho que aumentar a minha carga horária de aula, tenho que dar mais aulas, mas hoje todos os nossos professores têm projetos de pesquisa cadastrados e muitos também tem projetos de extensão e ensino.

Já o de extensão concorre edital de um ano, depois prorroga, o de pesquisa também é assim. É um ano, depois pode prorrogar e isso é ótimo, porque possibilita nossos alunos a ter iniciação científica, que é uma forma do aluno que quer seguir uma carreira acadêmica em qualquer uma das áreas, a aprender alguma coisa a mais que não está ali na grade dele, porque como eu te falei estamos sempre preocupados com a grade para que ela possa formar os licenciados.

Só que isso significa que se ele quiser fazer uma Matemática pura no mestrado ou aplicada, vai faltar muito conteúdo de Matemática, porque não é essa formação que ele tem aqui, mas a iniciação científica o possibilita a buscar isso junto com o orientador, estudar conteúdos além do que está na grade. Às vezes, a pessoa quer fazer um mestrado na educação, então ele já vai procurando uma iniciação científica e vai sendo orientado com trabalhos, leituras e escritas para ter condições de ter um projeto na educação. Isso está muito bom nesse sentido, deu uma melhorada depois da sala de professores que eu te disse para todo o câmpus. Hoje o professor tem o local de trabalho, agora estamos no ensino remoto, mas às vezes eu vou lá e tem vários professores nas suas salas estudando, porque lá é silêncio e dá para se concentrar, tem seu computador, então melhorou bastante e os alunos estão tendo bastante oportunidade por conta disso. Todos os eventos científicos da universidade nós temos trabalhos!

N: Professora, qual a sua percepção acerca da escolha do curso de Matemática para o câmpus de Paranaíba?

A: Vou te falar na base do achismo, porque eu não participei quando começou o câmpus, umas pessoas falam que foi questão política que trouxe o câmpus para cá, mas eu penso que independente da motivação de ter vindo, ele veio, isso que é muito importante. Hoje temos um município com duas universidades públicas, isso é um patrimônio para a cidade, pois forma um patrimônio humano muito grande e, eu acredito que a escolha de ser Matemática, Administração e Psicologia é por ser uma licenciatura. Por mais que tenha a desvalorização dos professores, sempre vai precisar de professor, principalmente de Matemática, isso é ciência básica. Geralmente é o que vemos nas universidades do Brasil, Administração e Matemática, tem em qualquer faculdade, talvez pela facilidade de contratação dos professores, o que depois se mostrou difícil, pois não tem tantos formados com mestrado e doutorado, tanto que no começo quem dava aula eram engenheiros, arquitetos,

peessoas com outras formações que vinham dar aula aqui na UFMS, na área mesmo era mais difícil. Mas eu acredito que tenha sido por isso.

Existe Matemática aqui e em Cassilândia na UEMS⁵⁶, temos em Três Lagoas na UFMS, e na Ilha Solteira acho que só tem licenciatura não tem bacharelado. Em Três Lagoas eles começaram a instituir o bacharelado, acho que ficaram uns três anos e não vingou, porque não tinha procura, tanto que pararam de ofertar. A Matemática conversa com outros cursos, então se você coloca um curso de Matemática, o professor pode dar aula de Matemática Financeira na Administração, o estatístico transita na Administração, Matemática e Psicologia, se vier uma Engenharia, os professores da Matemática podem atuar nos Cálculos, na Geometria, por ser um curso que os profissionais conseguem conversar com os outros cursos não ficam totalmente isolados. Mas até nisso penamos, os servidores falam que não pensaram quando colocaram cursos totalmente distintos aqui, tinha que ser cursos que conversassem mais, mas é difícil, porque estamos começando e os cursos que temos são básicos. Vai vir o curso de Medicina Veterinária, que também não conversa com os outros, mas é um curso forte e irá trazer mais alunos, temos que pensar no avanço, no crescimento, então a escolha da Matemática eu acredito que seja também por conta dessa transição de um curso para outro. Sempre teve procura por professor de Matemática na rede, acho que nunca vão tirar Matemática da grade, Matemática e Português acho que não pode tirar.

N: Professora, essa vinda do curso de Medicina Veterinária é uma discussão antiga?

A: É de 2009. Depois tiveram várias discussões, eu entrei na direção com esse propósito, tive que desprender energia nesse projeto, mas caminhou bastante, à época ganhamos uma área, mas era ruim e a universidade não aceitou. Ao longo desses anos ganhamos uma fazenda muito boa, perto do câmpus, temos a fazenda doada pela prefeitura, conseguimos recursos para construir o primeiro prédio com verba federal do Moca⁵⁷, está construindo devagar e as empresas que temos, ficamos em cima, pois eles querem fazer do jeito deles. Também a própria universidade é

⁵⁶ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul criada pelo governador Pedro Pedrossian em 20 de dezembro de 1993 e está presente em 22 cidades do Mato Grosso do Sul, com 15 Unidades físicas e sete polos de educação à distância.

⁵⁷ Waldemir Moka foi deputado estadual de 1987-1999, deputado federal - 1999-2011 e senador pelo estado de Mato Grosso do Sul com mandato de 2011 a 2019.

devagar, mas continuamos caminhando. Elaboramos um projeto político pedagógico desse curso, para isto fizemos várias visitas técnicas, tem muitos professores do Brasil querendo vir para cá com remoção, já avaliamos alguns currículos, já tem lista de livros pronta, tem lista de todos os materiais de laboratório, prontas também, para quem for licitar e comprar.

A vinda do curso continua sendo tema de apoio dos governantes e senadores, principalmente agora na época de eleição para prefeito, todo mundo está tirando fotinha lá, falando que vai manter o apoio para universidade e ao curso. A vinda desse curso está mais viável agora do que eu já vi. Está muito mais estruturado, porque realmente não é um curso que dá para vir do dia para noite, é um curso que precisamos de cem milhões na mão para estar completamente funcionando. Tem que construir um hospital, vários laboratórios, tem que ter professor, técnico, só para professor são vinte e cinco, mais quinze técnicos, não é um curso barato, por isso que não dá para sair da noite para o dia, só que não morreu a ideia, então acredito que vá sair. Nós temos o curso de Ciências Contábeis aprovado para começar em 2022, será um curso noturno, já até concursou um professor no último processo, ele deve estar para chegar, se apresenta agora no começo do ano. Nós temos professor economista no curso da Administração e ele está bem envolvido. Digamos que a UFMS de Paranaíba tem mais visibilidade.

N: *Sim. Professora, a universidade sofre influências de outras instituições?*

A: Não vem nenhuma pressão em nós da universidade, é lógico que os indicadores nos preocupam, todas as reuniões de gestão os indicadores do curso têm melhorado, mas a Matemática em si tem o problema de formar poucas pessoas. Mas isso é nacional, ela não tem nenhuma fórmula mágica, os coordenadores e os professores estão sempre pensando, mas não tem essa influência direta. Às vezes, nós como professores, mas isso foi no começo, nós trouxemos as experiências que nós tínhamos com os nossos projetos pedagógicos das universidades que fizemos, discutíamos qual disciplina poderia ser inserida. Então assim: “Ah, foi legal essa disciplina”, mas depois fomos moldando de acordo com a natureza da nossa unidade mesmo. É lógico que quando fomos mexer no projeto, nós demos uma olhada em outros projetos da UFMS. Quando pensamos na oferta de um ou outro curso relacionado à Matemática olhamos o que tem no país, o que está acontecendo, o que seria bom, se daria para enquadrar aqui, mas influência direta eu não vejo, porque

são regiões e públicos diferentes. O que eu sinto é que as dificuldades são iguais, converso com professores de todos os lugares e as dificuldades são as mesmas, esse perfil do ingresso está idêntico, mesmo nas grandes capitais.

Estou até pensando, quando eu retornar para sala de aula - acompanho as discussões, converso muito com a Tatiana e ela tem falado para mim que está pior do que quando eu saí há oito anos. Ela falou: “Andréia, os alunos estão sabendo menos e querendo se envolver menos e ainda criticam, não valorizam o empenho do professor, acham que temos que fazer uma mágica, que a culpa está nas nossas costas”. Não está fácil! Com o retorno pós-pandemia eu acho que vai ser pior, porque esses alunos que fizeram disciplinas de forma remota vão ter um aproveitamento menor ainda, não dá para você reprovar aluno que está fazendo trabalho à distância. O que vamos ter que fazer? Voltar esses conteúdos e discutir com eles, não vai dar para passar por cima, porque como você vai ensinar o currículo do ano vigente se ele não aprendeu nem do ano anterior. Só que as cobranças vão continuar, por exemplo, vai ter Enade⁵⁸? Porque se for ter o reflexo vai ser uma pauleira, porque nossos alunos fizeram aulas remotas, já não aprendem no presencial, o curso está com as notas baixas, vai e faz uma prova e eles não vão mudar o nível, vai rebaixar a nota do curso, olha que absurdo! Os que estão formando-se, a maioria do conteúdo que eles tinham que saber, já sabem, são adultos, tem maturidade, então um semestre ou dois com a profissão eles vão melhorando. Quem está no primeiro ano ainda temos o tempo para ir revendo, vai ficar uma lacuna, mas podemos ainda ir cimentando-a para não ficar tão funda. O problema são os que estão no terceiro ou quarto ano, porque não vai nem ter tempo para voltar e você também não pode deixar de falar o que vem.

N: Professora, qual sua percepção sobre a criação do curso para a região?

A: Na minha percepção pelo período que estou aqui, é de suma importância, porque esse curso mudou a história de todo mundo que passou por ele. É esse o objetivo: mudar a história. Então mesmo que não tenhamos um número elevado de pessoas que se formam, os que se formam mudam a sua história, porque é uma oportunidade a mais. Você pensa que não, mas quando está ali fazendo um exercício de Cálculo, vai desenvolvendo outras habilidades, está um pouco mais rápido de raciocínio lógico,

⁵⁸ Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade tem por finalidade avaliar o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos.

você adquire até vocabulário para discutir diversos assuntos com qualquer pessoa, melhora sua postura, sua fala, seu desejo pela leitura e por ouvir notícias.

Eu até brinco, pois antes da faculdade eu não gostava nem de ver jornal, eu também tenho esse histórico de pobreza, não tinha essa cultura de cinema, artes, sorte que eu gostava de ler os livros da biblioteca central da faculdade, mas não gostava de jornal e nem de notícias, não me interessava por política, depois que você passa pela faculdade você começa a ter interesses nesse sentido, de ter umas discussões das coisas, de saber o que está acontecendo no seu município, no seu país e no mundo, não que você vá seguir carreira política, mas saber para ter uma base e discutir com o outro, para buscar melhorias.

Acredito que a vinda desse curso para o câmpus foi muito boa. Eu vejo nossos alunos com a oportunidade dos projetos desenvolvidos na escola, observando os professores trabalhando e trazendo isso para dentro da faculdade. O aluno já sai um profissional com outro olhar, sabendo o que vai encontrar e com propostas para melhorar. O município é pobre, tem uma média salarial muito baixa, se você sair da faculdade e pegar vinte horas aulas vai ganhar duas ou três vezes a mais do que você ganharia ficando oito horas em pé, às vezes, atendendo um público mal-educado e patrão grosseiro. Estando em uma sala de aula você é a professora e controla a situação, pode e deve fazer a diferença.

Acredito que a vinda do curso para região foi maravilhoso, me dói de pensar que um dia esse curso pode não estar aqui, e se um dia acontecer - mas penso que não vá, principalmente porque é um curso necessário, sempre vai precisar de professores de Matemática. Se o curso não tivesse vindo eu não estaria aqui, não teria minha neta aqui, minha filha não tinha casado, minha comadre, a Tatiana, e os outros professores não teriam vindo, dos seis professores da Matemática, quatro tem residência fixa e não vai sair daqui, acho que só se tiver uma oportunidade muito maravilhosa ou se aposentar.

Quanto mais tempo ficamos em um lugar, não é regra, mas mais você consegue fazer ações para melhoria, qualquer mudança é a longo prazo para ser percebida, principalmente na educação, não tem como ter muito imediatismo, acho que é por isso que sofre um pouco nosso país, porque cada governo desenvolve sua política, seu plano de governo, seus projetos e quando troca o governo acaba mudando tudo, não tem essa continuidade nas coisas, e isso é ruim para nós que estamos aqui efetivos e com residência, acredito que a nossa ideia é sempre melhorar.

N: Professora a senhora teria algum nome para nos indicar?

A: A Tatiana, que chegou em 2009, ela foi a coordenadora de curso que passou pela semestralização, inclusive, foi ela quem tomou frente, tem os mais jovens que é o professor Luiz Fernando, que está há dois anos aqui, a experiência dele com o curso em si é pequena, mas em algumas percepções acho que ele pode contribuir, o Ailton agora está afastado para o doutorado, ele ficou dois anos como substituto na minha vaga e depois conseguiu se efetivar.

N: Certo. Professora gostaria de acrescentar algo?

A: Só tenho a agradecer, porque eu fico muito feliz de poder contribuir de alguma forma e de ver que você, a nossa egressa, mesmo tendo enfrentado todas as dificuldades do período de implantação do curso, que ficou migrando de lugar para lugar, está seguindo sua vida dentro da sua proposta que foi ser professora licenciada em Matemática. Isso para nós é muito orgulho, eu fico muito feliz quando eu vejo egressos nossos seguindo e tendo sucesso e fazendo a diferença, você fazendo a diferença na vida das pessoas que convivem com você.

Minha filha Renata fez Matemática na UFMS e pegou umas aulas em um bairro difícil no começo ela sentiu dificuldades, mas depois eu conversei com ela disse: “Pensa que nada é por acaso, se você está lá é porque você vai fazer a diferença na vida desses alunos”. Às vezes, o aluno não está precisando aprender o que é uma raiz quadrada, mas sim de um carinho, uma atenção, uma boa conversa, uma orientação. Ela foi insistindo, quando saiu de lá os alunos mais complicados estavam mandando cartinhas, apaixonados por ela, tanto que ela sofreu para deixá-los. O sexto ano ninguém gosta, eles são difíceis, mas são muito carinhosos, quando criam confiança em nós é muito gostoso. Quando ela era firme, eles escutavam. Foi na minha quinta série que hoje é o sexto ano que me apaixonei pela Matemática, foi ali que eu decidi a minha profissão, eu tinha onze anos e até hoje não me arrependo, era o que eu queria mesmo, por conta de um professor que fez com amor e bem feito o trabalho.

N: Legal! Professora, eu agradeço por ter conversado comigo. Como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que a Senhora leia e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum

ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.

A: Lógico. E quando puder venha visitar o câmpus e ver como está diferente.

N: Irei sim, fico muito feliz em saber de todas as mudanças.

A: Você vai gostar! Eu fiquei muito feliz e adorei ter sido lembrada e poder contribuir com você que é nossa egressa.

N: Obrigada professora, um abraço!

A: Outro e até mais.



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora.

PROFESSORA
MARLENE DURIGAN



PROFESSORA MARLENE DURIGAN

Natalia: *Bom dia! Hoje, dia 22 de janeiro de 2020, vamos falar com a Professora Marlene Durigan. Professora, muito obrigada por ter aceito o convite para conversar comigo. É comum, em nossas pesquisas, pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que queira ser apresentado em nossa tese. Então, peço que a senhora se apresente.*

Marlene: Bom dia! Obrigada pela oportunidade de falar de uma fase tão importante da minha vida.

Eu sou formada em Letras anglo-germânicas, fiz mestrado e doutorado em Letras, isso nos anos 1990. Fui professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) desde 5 de agosto de 1982 até 19 de março de 2009, quando me aposentei. Atuei especialmente no curso de Letras, mas tive passagens por todos os cursos da instituição, no câmpus de Três Lagoas¹, e nos três cursos criados em Paranaíba² em 2001. Fechei minha trajetória acadêmica na UFMS como professora titular, mediante concurso público, e lecionei durante 30 anos! Comecei a carreira no estado de São Paulo como professora de ensino fundamental e médio (por 3 anos e meio) e, durante esses 30 anos, eu fiz aquilo que sempre me deu muito prazer: ser Professora!

N: *A senhora é natural de Três Lagoas?*

M: Não, eu nasci num sítio, no município paulista de Maracaí³, que, como eu sempre brinco, tem no mapa. Maracaí é uma cidadezinha bem pequena entre Assis⁴ e Presidente Prudente⁵. Estudei numa escola rural e multisseriada⁶, entre 1963 e 1966, e ainda me lembro perfeitamente das minhas professoras de primeira a quarta série⁷. Maria Dulce Cunha Ribeiro⁸ foi a minha primeira professora; depois vieram Angélica

¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 668 km da capital São Paulo.

² Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 706 km da capital São Paulo.

³ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 462 km da capital São Paulo.

⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 437 km da capital São Paulo.

⁵ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 555 km da capital São Paulo.

⁶ As conhecidas classes multisseriadas não estavam previstas em Lei, mas foram um fenômeno que aconteceu em várias escolas brasileiras, principalmente nas regiões rurais. Com a falta de professores ou alunos, era inviável manter diferentes classes com distintos níveis de ensino, de modo que duas ou mais séries eram mantidas em uma mesma sala de aula, e o docente que atuava nessas salas acumulava várias funções.

⁷ Atualmente esta etapa de ensino corresponde do 1º ao 4º ano do ensino fundamental.

⁸ Não encontramos mais informações da professora Maria Dulce Cunha Ribeiro.

Polettini⁹, dona Cidinha¹⁰, Dona Haydê¹¹, Dona Nilce¹². À época (1966/1967), ainda havia o exame de admissão¹³ para entrar na quinta série¹⁴. Prestei o exame de admissão e fui para a quinta série, mas precisei me mudar do sítio porque meu pai não ia permitir que as meninas viajassem para estudar. O meu irmão, tudo bem, porque era o mais velho (e menino!)... Ele andava um quilômetro e meio, pegava o ônibus na rodovia (Raposo Tavares) e ia para a cidade de Maracaí. Mas o meu pai preferiu mudar-se para a cidade de Assis, uma cidade maior, que fica a vinte quilômetros do sítio. Nós nos mudamos e eu estudei numa escola chamada Instituto de Educação Clybas Pinto Ferraz¹⁵, onde cursei o ensino fundamental (1967-1970) e médio (1971-1973). À época, no ensino médio, o aluno podia optar entre três possibilidades: ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas, e eu, para fugir da Matemática e adjacências, fui fazer ciências humanas. Prestei vestibular e, em 1974, entrei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Assis, hoje integrante da UNESP¹⁶, onde eu fiz graduação em Letras anglo-germânicas. Com quatro anos de curso, concluí, em 1977, a primeira graduação, em Português/Inglês, e, no ano seguinte, cursei mais um ano, conquistando a segunda graduação, em Português/Alemão.

Recém-formada, prestei concurso público e, em 1979, ingressei como professora no ensino fundamental, lecionando em turmas de quinta a oitava série¹⁷,

⁹ Não encontramos mais informações da professora Angélica Polettini.

¹⁰ A professora Marlene não se recorda do nome completo da professora Cidinha e com isto, não encontramos mais informações sobre a docente.

¹¹ A professora Marlene não se recorda do nome completo da professora Haydê e com isto, não encontramos mais informações sobre a docente.

¹² A professora Marlene não se recorda do nome completo da professora Nilce e com isto, não encontramos mais informações sobre a docente.

¹³ Criada pelo Decreto nº. 19.890, de 1931, e extinta com a promulgação da Lei 5.692, em 1971, a prova de admissão selecionava alunos para ingressar no ensino ginasial, que atualmente é a etapa de ensino conhecida como de 6º a 9º ano do ensino fundamental.

¹⁴ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 6º ano do ensino fundamental II.

¹⁵ Criado na década de 1930 em Assis, foi o primeiro Ginásio Estadual, para preparação do segundo ciclo educacional. O Ginásio primitivo, que levava o nome de Ginásio Estadual de Assis, passou a se chamar Instituto de Educação “Doutor Clybas Pinto Ferraz”, em homenagem ao Professor e Diretor por muitos anos e um dos grandes batalhadores em prol do ensino assisense, principalmente na criação do Instituto. Disponível em: <http://www.findglocal.com/BR/Assis/174404822606355/E.E.Dr.-Clybas-Pinto-Ferraz>. Acesso em: 10 fev. 2020.

¹⁶ Criada em 1976, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

¹⁷ Atualmente esta etapa de ensino corresponde do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

na Escola Coronel José Joaquim Bittencourt¹⁸, na cidade de Palmital¹⁹, que fica a 30 quilômetros de Assis. Turmas inesquecíveis, minhas crianças maravilhosas! Alguns desses alunos hoje são professores universitários. Tenho contato com vários deles, que me “acham” pelo Facebook²⁰. Mediante pedido, fui removida, em 1981, para outra cidade, Echaporã²¹, onde havia também ensino médio. A distância em relação a Assis também era de 30 quilômetros, mas em outra direção. Palmital era na direção de Ourinhos²² e Echaporã, na direção de Marília²³.

Em julho de 1982, prestei um processo seletivo da UFMS e, aprovada, vim para Três Lagoas no dia 5 de agosto de 1982, quando “tomei posse” e não quis mais ir embora, afastando-me ou deslocando-me apenas para cursar mestrado (defendido em 1991) e doutorado (defesa em 1995) na UNESP de Assis.

N: Professora, a senhora poderia me contar de sua trajetória na Universidade?

M: Lecionei por 27 anos, 7 meses e 12 dias na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Foi bastante tempo. Eu sempre gostei da sala de aula; então, fugia dos cargos, mas acabei assumindo a coordenação do curso de Letras por mais de uma vez, a chefia do departamento de Educação (à época, a divisão era diferente do que se apresenta hoje: eram cursos, coordenações de cursos, depois os departamentos e chefias de departamentos). Fui substituir algumas férias dos titulares na direção e também coordenei por um tempo o curso de Administração, que foi criado em 1991, se a memória não me falha. Mas eu nunca quis direção; os cargos administrativos não me atraíam. O amor da minha vida era a sala de aula.

Paranaíba apareceu na minha história de repente. Os cursos de lá foram criados em 2001, e o então Pró-Reitor de ensino de graduação entrou em contato comigo por telefone, me chamou para uma reunião em Campo Grande²⁴ e me apresentou o desafio. Só que era um desafio por livre e espontânea pressão, e eu não

¹⁸ A Escola Estadual Coronel José Joaquim Bittencourt é uma instituição de ensino de educação básica, localizada em Palmital/SP, oferece o ensino fundamental e ensino médio. Não encontramos mais informações sobre a unidade escolar.

¹⁹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 413 km da capital São Paulo.

²⁰ Uma rede social lançada em 2004 e muito utilizada na atualidade.

²¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada a 462 km da capital São Paulo.

²² Cidade do estado de São Paulo localizada a 371 km da capital São Paulo.

²³ Cidade do estado de São Paulo localizada a 434 km da capital São Paulo.

²⁴ Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 407 km de Paranaíba/MS.

podia dizer “não” para o Dr. Cézar Augusto Carneiro Benevides²⁵, porque era uma pessoa que me ajudava muito na gestão dos cursos de Três Lagoas. Havia servidores na Pró-Reitoria de ensino de graduação que me ensinavam tudo da parte legal, o gerenciamento, a administração de cursos de graduação, essa parte do trabalho: “pegar o touro pelo chifre”²⁶. Desses servidores, eu poderia falar de muitos, mas um em especial é o Jacson Martins Fedorowicz²⁷, que me ensinou muito, a Anaderge de Jesus D’Angelo²⁸, que também me ensinou muito, entre tantos outros. Foram muitos. Então, eu fui com a cara e a coragem assumir a direção do câmpus de Paranaíba²⁹. Não havia prédio, não havia professor, não havia nada.

No dia 26 de maio de 2001, ainda não havia nada lá, mas eu aceitei o desafio, contando com a ajuda de Deus e de muitos amigos e muitos colegas professores, em especial do curso de Matemática de Três Lagoas³⁰. Tenho de destacá-los porque eles foram extraordinários! Ajudaram-me muito, não só com os professores que vieram de Três Lagoas para lecionar em Paranaíba. Como eu disse, fui fazer ciências humanas para fugir da Matemática; eu tinha “problemas de relacionamento” com a Matemática... Então, eu dependia de alguém que, realmente, soubesse do curso de Matemática. O primeiro vestibular aconteceu em julho de 2001; se a memória não me falha, foi em 19 e 20 de julho de 2001. No dia 6 de agosto, começaram as aulas.

O processo de seleção de professores substitutos aconteceu nesse intervalo, também durante o mês de julho e, então, em cerca de 40 a 50 dias o câmpus estava funcionando. Em 3 de maio de 2001, foi oficialmente criado o câmpus de Paranaíba; no dia 24 de maio, ocorreu a conversa que mencionei; no dia 26, fui conhecer Paranaíba; em junho e julho se oficializou a implantação dos cursos.

N: Em Paranaíba, a senhora contou com parcerias?

M: Sim, porque não era uma unidade gestora, não constava como tal, embora aparecesse, desde o ano 2000, na legislação/documentação dos conselhos

²⁵ Cezar Augusto Carneiro Benevides é graduado em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (1982), mestre em História Social pela Universidade Federal do Paraná (1985), doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (1991) e pós-doutor pela Universidade de São Paulo (1994). É Professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

²⁶ Expressão popular que, neste contexto, significa enfrentar um problema de maneira determinada e corajosa.

²⁷ Não encontramos maiores informações de Jacson Martins Fedorowicz.

²⁸ Não encontramos maiores informações de Anaderge de Jesus D’Angelo.

²⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul localizada a 179 km de Três Lagoas/MS.

³⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul localizada a 177 km de Paranaíba/MS.

superiores da UFMS. O câmpus de Paranaíba constava lá porque já havia funcionado como “Unidade de Paranaíba” durante um determinado período (1982-1990), sob a coordenação de professores de Três Lagoas, com os cursos de Letras - Português/Inglês e Ciências com habilitação em Física e Biologia. O professor Noriyoshi Massunari³¹ foi quem assumiu durante o tempo em que funcionou, mas, na nova estrutura da UFMS, (re)aparecia como Câmpus de Paranaíba-CPAR, embora não fosse uma unidade gestora. Não havia infraestrutura para os três cursos que foram propostos quando da criação oficial do câmpus em 2001: Administração, Matemática e Psicologia.

E quem assumiu a responsabilidade foi a prefeitura de Paranaíba, mas foi o colégio Objetivo³² que sediou o câmpus, pois não havia espaços em que coubessem os alunos e os cursos. Como os cursos seriam noturnos e o colégio Objetivo só funcionava durante o dia, a prefeitura conseguiu que o colégio nos recebesse e nos hospedasse durante um tempo. Eu fui a gestora inicial desse convênio de cooperação mútua entre UFMS e Prefeitura, mas, na negociação entre a Prefeitura e o colégio, eu não tive participação.

A Universidade não ficou muito tempo no colégio; foram cerca de dois anos apenas; depois nós fomos para a escola Maria Luiza³³, uma escola do município, e lá ficamos até final de 2004. Em 2005, o câmpus foi para uma escola estadual, o colégio Aracilda³⁴, mas daí para frente eu já não sei mais dos detalhes, porque meu último dia em Paranaíba foi 28 de fevereiro de 2005, com muita dor no coração. No dia 1º de março, vencendo as eleições, assumi a direção do câmpus de Três Lagoas. Como Paranaíba não era unidade gestora, não poderia ter eleição para diretor.

Vale explicar que, para exercer as atividades de gestão em Paranaíba, eu fui designada assessora do reitor, com a tarefa de responder pelas atividades acadêmicas e administrativas no/do câmpus. Não havia supervisores de cursos, não havia chefes de departamento; eu congregava as três funções. Difícil de gerenciar,

³¹ Não encontramos maiores informações do professor Noriyoshi Massunari.

³² Prevê-Objetivo, criado em 1955, com a denominação de Educandário Santa Clara, uma escola particular ainda existente em Paranaíba.

³³ A Escola Municipal Maria Luiza Corrêa Machado, foi criada em 22 de junho de 1993 pelo Prefeito Moacir da Silva Queiroz (1991-1995), instalada no prédio cedido pela Prefeitura Municipal de Paranaíba pelo governo do estado de Mato Grosso do Sul, onde funcionou a Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa. O prédio da escola também foi sede das Faculdades Integradas de Paranaíba (FIPAR) (de 1995 a 1998).

³⁴ A atual Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa funciona no prédio Walmir Lopes Cançado, o qual abrigou por alguns anos a extinta Agência de Educação; a escola foi criada no ano de 1.966 no governo de Pedro Pedrossian (1966-1971).

mas o que foi possível nós fizemos, com a imensa cooperação do pessoal de Três Lagoas e de uma secretária que foi cedida pelo colégio Prevê Objetivo. A Alda Cristina Ribeiro Freitas³⁵ era cedida; ela era funcionária do Prevê e atendia a secretaria da UFMS e, com a graça de Deus, ela continuou com a gente. Mesmo sem remuneração, ela foi para a escola Maria Luiza e ficou conosco. Um anjo!

N: Professora, a senhora pode me contar sobre a criação dos cursos em Paranaíba?

M: A criação oficial foi entre maio e junho de 2001; desculpe a expressão, mas a gente “caiu de paraquedas”³⁶. Em uma salinha no colégio Objetivo ficava a direção, a virtual supervisão dos cursos, a virtual chefia de departamentos, a secretaria e um ensaio de biblioteca.

A maioria dos primeiros livros foram doados pelo meu irmão; outros, por um professor que veio de Assis para o curso de Psicologia. Eu também comprei do meu bolso uma série de livros. Havia uma estante com alguns livros das disciplinas básicas, do primeiro ano de cada curso, de Administração, de Matemática e de Psicologia. A Administração levava uma certa vantagem no acervo porque meu irmão é mestre em Administração e ele doou muitos livros. Então, os alunos do curso levavam uma certa vantagem com relação ao quantitativo de livros. Havia três estantes, uma para cada curso, só com um ou dois exemplares dos livros essenciais das disciplinas dos primeiros anos.

Eu tinha aulas em Três Lagoas na graduação e na pós-graduação, pois eu não tinha como parar, porque o quantitativo do corpo docente da instituição, à época, era muito reduzido, então eu não pude parar. Eu precisava de um motorista e, quando não tinha carro e nem motorista, eu ia muitas vezes com meu carro mesmo, mas havia dias em que eu precisava voltar a Três Lagoas porque eu tinha aula às 7h da manhã no mestrado, e as aulas em Paranaíba terminavam às 22h45. Na maioria das vezes, pude contar com o motorista cedido por Três lagoas: José Feliciano Alves³⁷, outro anjo na minha vida, que me levava e trazia.

Foram anos difíceis; o processo não foi simples, a logística era muito difícil, mas foi possível, graças a Deus. Como os professores substitutos ganhavam muito

³⁵ Não encontramos maiores informações de Alda Cristina Ribeiro Freitas.

³⁶ Neste contexto, a expressão significa surgir de forma inesperada, iniciar certa atividade sem preparação prévia.

³⁷ Não encontramos maiores informações de José Feliciano Alves.

pouco e, praticamente todos de fora, às vezes, se havia professores de Três Lagoas, eu levava no meu carro, ou o motorista levava. Muitas vezes fui de ônibus, alguns professores também; era uma viagem difícil, bem demorada e com ônibus sem ar condicionado.

Eu imagino que os objetivos essenciais, o que era proposto para aquele momento do curso, conseguimos cumprir e, no caso específico da Matemática, havia professores que iam lá para me ajudar, como o Prof. Dr. Edson Rodrigues Carvalho³⁸, e o coordenador de curso daqui [Três Lagoas], que depois assumiu a supervisão, professor Osmar Jesus Macedo³⁹. Ele assumiu a coordenação porque eu não tinha formação na área! E ele era um ajudante incrível, assim como o Prof. Edson e outros. Foram parceiros extraordinários. E assim o curso foi avante e sobreviveu. E sobrevive.

N: Professora, poderia me contar o motivo da escolha do curso de Matemática?

M: Eu mesma não participei desse processo de escolha dos cursos; isso terá ocorrido no âmbito da reitoria. O que me parece ter sido o carro chefe para essa decisão foi, no caso específico do curso de Matemática, a carência de professores nessa área. Em todos os lugares há raríssimos professores. Muitos professores chamados leigos⁴⁰, eu acredito que ainda estejam atuando, mas, naquele momento, isso era gritante.

À época, gestores e muitos diretores de cursinhos vinham à universidade procurar professores de Matemática, de Física, de Química, mas não havia. Em Três Lagoas, os cursinhos buscavam professores no estado de São Paulo para vir trabalhar porque não tínhamos professores suficientes. Imagine em Paranaíba, que só tinha uma Universidade particular e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, mas que não ofereciam o curso de Matemática.

A carência de profissionais da área teria sido a principal razão de se criar uma

³⁸ Professor Edson Rodrigues Carvalho possui graduação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro (atualmente, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) (1969-1972), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1987), doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (1995) e pós-Doutorado pelo Departamento de Mecânica Computacional da Faculdade de Engenharia Mecânica da UNICAMP.

³⁹ Professor Osmar Jesus Macedo é graduado em Licenciatura Plena Com Habilitação em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Ministro Tarso Dutra (1985), mestrado em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos (1997) e doutorado em Agronomia (Estatística e Experimentação Agronômica) pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (2007).

⁴⁰ Neste texto, estamos entendendo por “professores leigos” profissionais que não possuíam a formação “formal” suficiente para lecionar no nível de ensino em que estavam atuando.

licenciatura em Matemática e com o perfil que foi proposto. Você me desculpe os termos que vou usar, porque eles não serão tão técnicos, mas eu acho que não se buscavam matemáticos, buscavam-se professores. A alma do curso foi formar professores de Matemática, capazes, competentes para atuar nos níveis Fundamental e Médio. Essa foi uma das razões pelas quais eu não tive tanto medo de ser a primeira supervisora do curso. Eu participei diretamente da elaboração do projeto pedagógico⁴¹, e até incluímos uma disciplina: “Leitura e Produção de Textos Matemáticos”, porque era algo em que eu talvez pudesse atuar.

O curso de Matemática foi criado para atender uma demanda muito grande de profissionais dessa área e com a proposta de formar professores. Era essa a filosofia, esse era o perfil desejado e eu imagino também que fosse o sonho da comunidade paranaibense. É isso que posso dizer para você que está diretamente na gênese do curso de Matemática do câmpus de Paranaíba. Havia, evidentemente, as disciplinas que para mim eram “bichos de sete cabeças”⁴², os Cálculos, as Álgebras Lineares, mas eram requisitos necessários para ser um profissional bom em Matemática – e o projeto pedagógico contemplava isso.

N: A senhora participou da elaboração desse primeiro projeto pedagógico?

M: Sim, participei. Já tínhamos uma grande referência e havia certa flexibilidade nas optativas e na inclusão de disciplinas. O professor Luiz Carlos Pais⁴³ foi um mentor incrível, de uma competência extraordinária e que sabia o que era Educação Matemática e o que era educar e ensinar em Matemática. Ele foi um pai, “Pais” (até um trocadilho); ele ajudou muito, me ensinou muita coisa, porque eu não tinha formação na área e ele tinha toda formação, além de que escrevia muito bem. Eu não tive muito trabalho não! Ele sabe muito da história desse primeiro projeto pedagógico e de todas as reformulações a que foi submetido; ele nos orientou muito, foi fundamental para que o curso se estabilizasse.

⁴¹ A professora está se referindo aos primeiros anos de 2000, quando o câmpus de Paranaíba foi criado.

⁴² Expressão popular que, neste contexto, quer dizer excesso de dificuldade, algo que demanda bastante esforço.

⁴³ Professor Luiz Carlos Pais é graduado em licenciatura Matemática pela Universidade Federal do Pará (1980) e graduado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará (1977), com mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade de Montpellier (1991).

N: E a procura pelos cursos, foi grande no começo?

M: Houve, no primeiro vestibular, 139 inscritos para o curso de Matemática, para 40 vagas. O curso de Psicologia teve 398 inscritos e o de Administração, 254. Eu encontrei nos meus guardados esses dados. São poucas coisas que tenho guardadas, pois, quando saí de Paranaíba, não tive mais acesso aos computadores onde os dados ficavam armazenados e algumas coisas que eu salvara. A Alda salvava as coisas para mim. Eu encontrei esse quadro que continha esses dados de que falei. Então, foi uma procura considerável, um curso de licenciatura do qual muita gente foge porque acha difícil, inclusive eu...

E os que entraram no curso eram pessoas que, realmente, gostavam de Matemática, não era porque era “o que tinha sobrado em uma Universidade pública” não! Eu não vou citar nomes, mas há alguns alunos que já são doutores, outros que estão no doutorado em Matemática e que se formaram dessa primeira turma, e eles eram muito bons. Eu sou suspeita porque amei fazer isso, embora tenha sido muito difícil para mim. Foi o maior desafio profissional que enfrentei. O maior! Porque eu fui formada para ser professora. Coordenação de curso e chefia de departamento são mais burocráticos, e o contato com alunos é menor. E a direção tem esse distanciamento ainda maior. Em Paranaíba, eu pude ser professora, supervisora de curso, chefe de departamento, “mãe” e diretora. Foi o maior desafio. Claro que cometi muitos erros, foram muitas as falhas, mas eu tenho absoluta certeza de que aquilo que era essencial foi feito. Quando eu saí, os três processos para reconhecimento já estavam bem encaminhados. O de Matemática e o de Administração já estavam até lançados no sistema. É possível que tenha havido algumas reformulações até chegarem as comissões do MEC⁴⁴, que eu não tive o prazer de receber, infelizmente! Mas os três cursos foram reconhecidos, e o de Matemática foi o primeiro deles. Então foi um desafio extraordinário e valeu a pena. Muito gratificante!

A criação dos cursos foi muito importante, porque nós não recebíamos apenas alunos de Paranaíba; nós tínhamos alunos das regiões vizinhas, de municípios mineiros, até municípios goianos e do estado de São Paulo. Paranaíba tem uma localização estratégica; é um lugar muito estratégico para cursos de perfis tão distintos. Para você ver, Psicologia, Administração e Matemática são perfis de cursos

⁴⁴ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

diferentes, mas que chamaram a atenção até mais de alunos do estado de São Paulo, de Minas, de Goiás e de Mato Grosso. No caso da Matemática, eu não me lembro exatamente se houve algum aluno de Mato Grosso, mas na Psicologia nós tínhamos alunos de Mato Grosso. O curso, realmente, atendeu a proposta inicial, a filosofia do curso que estava no pensamento dos gestores da UFMS de atender uma clientela que não fosse só local, sul-mato-grossense; buscou atender uma clientela regional. Então atendeu às expectativas e atendeu à proposta.

N: Professora, os cursos tiveram contribuições da Universidade de Três Lagoas?

M: Sim! Muitas do câmpus de Três Lagoas e também vieram profissionais de Campo Grande para nos atender, nos três cursos e na Semana de Matemática, por exemplo. Na primeira semana de Matemática, nós contamos até com professor da UFSCar⁴⁵. Nós conseguimos muita ajuda externa, eu digo extra-Paranaíba, mas a comunidade paranaibense também foi muito receptiva, e ajudou muito, contribuiu muito para o sucesso. A Prefeitura, o colégio Objetivo, pessoas da comunidade mesmo, câmara municipal, empresários da cidade. Eu não posso reclamar de nada, foi um marco para a cidade, sem dúvida, uma Universidade Federal. Nós tivemos também o Pasquale Cipro Neto⁴⁶ lá em 2002.

N: Professora, a senhora poderia me falar do corpo docente?

M: Os professores substitutos daqui ministravam cursos, ajudavam em módulos de disciplinas, mas a maioria dos nossos professores substitutos eram de fora de Paranaíba. A maioria era do estado de São Paulo. Para a Psicologia, por exemplo, vinham pessoas até de Assis, porque eu entrei em contato com a UNESP e eles indicaram alguns ex-alunos. Alguns ainda eram alunos de mestrado e, à época, vinham ministrar disciplinas para nós às quintas, sextas e sábados.

Havia muito trânsito de docentes, também tinha professores extraordinários de Paranaíba, que ficaram enquanto eles puderam permanecer nos ajudando. Grandes professores de Paranaíba e de Ilha Solteira⁴⁷, que era relativamente perto, e de outros

⁴⁵ Universidade Federal de São Carlos é uma instituição de ensino superior pública e federal brasileira, com sede no município de São Carlos, no estado de São Paulo.

⁴⁶ Professor de Português desde 1975, é autor de muitas obras didáticas e paradidáticas.

⁴⁷ Cidade do estado de São Paulo localizada a 116 km de Paranaíba/MS.

munícipios, como Cassilândia, Santa Fé do Sul⁴⁸ e Urânia⁴⁹.

N: Os professores prestavam uma prova? Concurso?

M: Sim, faziam seleção, um processo seletivo para todos os substitutos. Todos os que atuaram lá passaram por processo seletivo, com banca examinadora e a ajuda de Três Lagoas. Não houve nenhum professor substituto que não tivesse passado por processo seletivo com edital, processo de inscrição, tudo de acordo com a legislação vigente, mas faltavam bastantes professores. Havia professores que acabaram ministrando 20 horas-aula semanais. A gente conseguiu contratos de quarenta horas, graças à Pró-Reitoria de ensino de graduação, que, à época, foi muito participativa e ofereceu muito para o câmpus de Paranaíba.

N: Professora, qual era o perfil desses professores?

M: Nós tivemos professores doutorandos, alguns com mestrado, outros que estavam cursando mestrado, alguns com pós-graduação *lato sensu*, e professores só com graduação. Se o curso nasceu da falta de profissionais, você imagina qual foi a luta para encontrar profissionais que pudessem vir lecionar por um salário de professor substituto de 20 horas semanais; o salário era muito pequeno.

Então, nós abríamos edital exigindo graduação. Assim, em geral eram licenciados em Matemática que tivessem perfil de professores de Matemática, realmente atendendo ao princípio que governa as licenciaturas, que é formar professor. Nós fomos privilegiados, porque nós tivemos professores de Matemática, até houve profissionais com titulação acadêmica, mas o forte mesmo foram excelentes professores de Matemática.

N: E nesta época existia um tempo destinado à pesquisa, à extensão?

M: Não! O professor substituto não tinha espaço, mas nós conseguimos propor algumas atividades extensionistas que pudessem entrar no rol das atividades complementares, que eram uma exigência legal, já previstas pelas diretrizes curriculares nacionais obrigatórias. Ao final de todos os cursos de graduação, os alunos tinham que ter uma carga horária em atividades complementares. Todas as

⁴⁸ Cidade do estado de São Paulo localizada a 67 km de Paranaíba/MS.

⁴⁹ Cidade do estado de São Paulo localizada a 112 km de Paranaíba/MS.

atividades que eram propostas como atividades complementares tinham a participação ativa desses substitutos e, na nossa Semana de Matemática, a participação foi muito forte, com muita contribuição desses profissionais. Então, na extensão eles participaram desse modo.

Na pesquisa, era impossível envolvê-los porque não havia condições. Quando veio uma professora efetiva, a professora Silvia⁵⁰, nós conseguimos até propor iniciação científica. Eu tive aluno que concorreu para iniciação científica do curso de Matemática sob minha orientação. O título do plano de trabalho era “O livro didático de Matemática no banco dos réus”, eu não lembro o subtítulo do projeto. Elvis⁵¹ era um aluno excelente da Matemática, e ele foi o primeiro aluno de iniciação científica do curso de Matemática. Quando a professora Silvia assumiu, já que ela era do quadro e era doutora, ela veio para assumir muitas coisas; ela foi coringa, “bombril”⁵², assumiu a coordenação e esses alunos. Ela veio transferida de Corumbá⁵³, por remoção interna. Ela foi a primeira do quadro, porque até então não tinha acontecido nenhum concurso para Paranaíba.

E, para o curso de Psicologia, chegou a professora Ivonete⁵⁴, que veio de Campo Grande. Para a Administração, veio o professor Roberto Pereira da Silva⁵⁵, o primeiro concursado. Os primeiros concursos foram para Administração. Não me lembro se, antes da vinda da Silvia, houve concurso para Matemática? A professora Silvia foi a primeira professora do quadro, em 2004; ela chegou e assumiu uma série de atividades; logo depois, eu saí de lá.

N: Sobre as estruturas dos prédios, o que a senhora nos conta?

⁵⁰ Professora Silvia Regina Vieira da Silva possui graduação em Matemática pela UNESP/Rio Claro, mestrado em Matemática pela USP/São Carlos e doutorado em Educação Matemática pela UNESP/Rio Claro. Ministra aulas no ensino superior desde 1996, e, desde 2009, no Departamento de Matemática da UNESP/Ilha Solteira.

⁵¹ Não conseguimos maiores informações de Elvis.

⁵² Expressão popular que, no contexto em que foi usada, significa uma pessoa que exerce várias funções ao mesmo tempo.

⁵³ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada a 1076 km de Paranaíba/MS.

⁵⁴ Professora Ivonete Bitencourt Antunes Bittelbrunn, com graduação em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (1983), mestrado em Programa de Pós-Graduação Em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2013). Foi professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul até 2020, ano de seu falecimento.

⁵⁵ Professor Roberto Pereira da Silva possui graduação em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1998) e mestrado em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Atualmente é coordenador/professor nas Faculdades Integradas Rui Barbosa, professor - Vice Diretor/professor nas Faculdades Integradas Urubupungá.

M: Foram dois anos no colégio Objetivo e, em agosto de 2003, nos mudamos para a escola Maria Luiza por causa do espaço, pois foi aumentando o número de salas. No primeiro ano, havia três salas; no segundo, já foram seis; num terceiro ano, seriam nove salas, mas o Prevê Objetivo não dispunha de espaço suficiente para nós.

A prefeitura construiu um lugar, um “puxadinho” para a direção e o laboratório de informática, que demorou um pouco, mas veio. Então, tinha espaço para a direção e para as coordenações. O laboratório de informática era para o curso de Matemática, mas é óbvio que a Psicologia também usava porque havia disciplinas experimentais. Não havia laboratório para o curso. Os alunos da Administração eventualmente também usavam, mas o laboratório foi implantado para o curso de Matemática.

N: Professora, e nessa época em que a senhora estava lá, havia discussões sobre a construção do câmpus próprio?

M: Sim, a construção do câmpus foi promessa desde o dia em que me chamaram para assumi-lo, mas demorou. Nesse âmbito do poder público, construir, comprar equipamentos, comprar material permanente, tudo isso é muito difícil e nós enfrentamos muita dificuldade, porque não podia, não tinha rubrica. Paranaíba não era unidade gestora, e, não o sendo, não podia comprar. Nós recebemos muitas doações, a prefeitura doou o terreno em Paranaíba, mas a construção precisava vir do poder público federal, e aí demorou muito. Foram muitos entraves, não tinha como contratar, não tinha como abrir vaga para concurso público.

N: Como era o perfil do aluno ingresso e do egresso da Matemática? A senhora poderia nos contar?

M: O aluno saía professor de Matemática; uma preocupação era com os estágios supervisionados, por exemplo. Eu fui a supervisora dos convênios de estágios, e as escolas estaduais e municipais se prontificaram a receber esses alunos. Eles, realmente, cumpriram o estágio supervisionado com relatórios de acompanhamento, um projeto para estágio supervisionado com resolução, tudo conforme mandava o figurino.

Como estava previsto no projeto pedagógico, esperávamos que os alunos adquirissem o saber objetivo da Matemática, a formação técnica em Matemática, mas que não se dissociasse em momento algum daquela chamada dimensão subjetiva do

currículo escolar. Precisava-se reconhecer o que está nos parâmetros curriculares nacionais, nas diretrizes; era preciso que houvesse uma formação humanística e que todas as dimensões do ser humano fossem levadas em consideração, seja no perfil do aluno que nós estávamos formando, nele, inerente a ele, mas muitas vezes construído ali no curso de Matemática.

Era essa a proposta, mas que esse perfil de professor pudesse enxergar o seu futuro aluno de uma forma humanística também, em que todas as dimensões humanas fossem contempladas, as questões atitudinais, as questões cognitivas, tudo isso, competências e habilidades, tudo isso envolvido, e nós queríamos, evidentemente, que houvesse uma formação em pesquisa deles também. Por isso, quando houve um vislumbre da possibilidade de inserção na iniciação científica, nós propusemos.

N: E a grade dos cursos?

M: O professor Doutor Luiz Carlos Pais e os professores do curso de Matemática de Três Lagoas, como Antônio Tamarozzi⁵⁶, por exemplo, leram tudo o que eu escrevia; eu recebia as orientações de profissionais da Matemática, de professores da área e trazia Antônio Tamarozzi, Osmar, Eugênia⁵⁷, Edvaldo Romanini⁵⁸, José Antônio Menoni⁵⁹, Rogério⁶⁰ (que hoje está em outra instituição). Todos eles participaram fazendo críticas, apresentando sugestões, para que nós realmente tivéssemos um curso com o perfil de Educação Matemática. A matriz curricular foi gerida a muitas mãos e a muitos cérebros e com muita orientação, para que não faltasse absolutamente nenhuma disciplina de formação específica. Acho que chama currículo

⁵⁶ Professor Antonio Carlos Tamarozzi possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1993), mestrado em Matemática pela Universidade de Brasília (1996) e doutorado em Matemática pela Universidade de Brasília (2003).

⁵⁷ Professora Eugenia Brunilda Opazo Uribe possui graduação em Pedagogia em Matemática y Física pela Universidad Austral de Chile (1985), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (1989), doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (2002).

⁵⁸ Professor Edvaldo Romanini possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1986), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (1990) e doutorado e pós-doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (1995).

⁵⁹ Professor José Antônio Menoni possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1983), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1994) e doutorado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual de Campinas (2004).

⁶⁰ Professor Rogério de Oliveira é graduado em Licenciatura em Física pela Universidade Federal de São Carlos (1992), com mestrado em Matemática (1995) e doutorado em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos (2002).

comum, alguma coisa assim, não sei como é agora com a BNCC⁶¹. Tudo era sempre baseado nos eixos articuladores de formação específica, de formação complementar; havia todas essas preocupações, assim como as disciplinas da área de Desenho, Fundamentos de Álgebra, Fundamentos de Cálculo, tudo isso estava contemplado.

Aquilo que foi proposto para o primeiro eixo (formações específicas em Matemática), o segundo eixo (componentes curriculares de formação epistemológica, pedagógica e cultural) e o terceiro eixo (flexibilização curricular e desenvolvimento de uma postura interdisciplinar), tudo estava presente. Esta era a concepção: formação específica, formação epistemológica, pedagógica e cultural e aquela formação interdisciplinar e flexível que era a base das propostas de Educação Matemática à época. Eu imagino que você tenha vivenciado isso; não sei como foi, porque em 2005 eu já não estava lá, mas era essa a proposta inicial.

N: Sim, eu vivenciei, sempre gostei de Educação Matemática, mas quando chegaram os professores matemáticos tivemos alguns empecilhos.

M: E nós brigávamos exatamente pelo oposto: a formação pedagógica, a formação docente. Afinal era um curso de licenciatura. É óbvio que a pesquisa tem que ser subjacente, precisa ser paralela, não é possível fugir disso, nós pensávamos nisso. A extensão é necessária porque você precisa vivenciar o espaço lá fora em que você vai atuar. E o mundo em que atua o professor é bem diferente das torres de marfim⁶², o lugar em que atuariam só pesquisadores, é muito diferente.

N: Gostaria que a senhora me falasse qual sua percepção do movimento de criação dos cursos de Matemática na região.

M: Eu já disse que, para minha vida profissional, para minha carreira profissional, foi uma experiência incrível, foi a experiência mais importante, mesmo eu estando longe da sala de aula de Letras, ou de disciplinas afins (eu atuei em todos os cursos da UFMS, já que eu não lecionava somente no curso de Letras. Eu lecionava Português Instrumental, Metodologia da Pesquisa, Língua Portuguesa para Administração, Linguagem Jurídica no curso de Direito, e antes havia Leitura e Produção de Texto e,

⁶¹ A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras em todas as etapas de ensino, a fim de garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os alunos.

⁶² É uma expressão que descreve o “mundo” onde cientistas praticariam questionamentos desvinculados das preocupações do cotidiano.

mais antigamente, Comunicação e Expressão (esta, em todos os cursos de graduação). Mesmo fora da minha área, essa foi a experiência mais enriquecedora na minha vida, porque você vê nascerem cursos, você acompanha os primeiros passos. Eu acho que isso ficou muito perceptível na minha fala, que o ressentimento, e não adianta dizer que não é ressentimento, porque eu sofro todas as vezes em que eu penso em não ter participado da visita do MEC para o reconhecimento dos cursos, que aconteceu em 2005 e 2006. Eu me ressinto disso.

Para a cidade, foi extremamente significativo. Houve uma movimentação grande. Uma cidade que sempre mandava os seus filhos para fora, recebeu muitos alunos de fora; eram muitos alunos. Ao chegarmos ao quarto ano dos cursos, havia doze salas, com uma média de trinta por sala. Pense! É muita gente, muita gente nova na cidade. A cidade ganhou. Eu imagino que, para o colégio Objetivo, isso tenha sido muito importante também. Nossos estagiários puderam atuar ali também e ver o que acontece na rede particular (além da rede pública); eles puderam ter essa visão paralela para enxergar as diferenças. O colégio Objetivo pôde mostrar o seu material didático para os nossos alunos; então eu imagino que tenha sido muito bom para eles.

A prefeitura foi decisiva e isso marcou um ponto positivo; a política local também ganhou. Àquela época, o Prefeito era o “Tita” – Diogo Robalinho de Queiroz⁶³, muito prestativo; o que o sucedeu, o Manoel Ovídio⁶⁴ – “Mané”, também foi, ajudou muito o câmpus. Eles ofereceram muito, e a política ganhou porque ela teve a força de trazer isso para Paranaíba. A comunidade como um todo ganhou, o comércio ganhou e o público-alvo de cursos de graduação, esses, então, ganharam muito mais.

Nós realmente oferecemos a oportunidade para a população paranaibense de ter uma formação numa universidade pública e gratuita e de qualidade. “Ah! Mas eram professores substitutos...” Em nenhum momento, isso diminuía a competência deles. Nós oferecemos um curso de qualidade e ele só foi ganhando, só foi agregando e eu imagino que os alunos de hoje têm a oportunidade de ter, como professores, docentes formados pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Paranaíba.

Imagino que a cidade tenha ganho muito no âmbito da educação e da formação.

⁶³ Diogo Robalinho de Queiroz, mais conhecido como Diogo Tita, se elegeu pela primeira vez para o cargo de prefeito de Paranaíba em 1996, reelegendo-se na eleição seguinte. Em outubro de 2010, Tita foi convocado para assumir cargo de deputado na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul. Em abril de 2013, renunciou a seu cargo de deputado para assumir a prefeitura de Paranaíba, pois os então prefeito e vice haviam tido seus mandatos cassados.

⁶⁴ Manoel Roberto Ovídio foi prefeito de Paranaíba no mandato 2005-2008.

Acredito que esses docentes que atuam lá hoje e que foram para fora, foram fazer mestrado, foram fazer doutorado, muitos estão lecionando em outras cidades e mostrando, fora do estado de Mato Grosso do Sul, o que a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Paranaíba, produziu para a sociedade.

Eu me arrepio, eu me emociono, porque foi fundamental, foi muito importante ter um curso de licenciatura em Matemática. Até então tínhamos um curso de licenciatura em Matemática em Três Lagoas, mas o tipo de formação é diferente; é uma formação muito centrada no “núcleo duro” da Matemática. Extraordinário, um curso extraordinário, com um corpo docente extremamente capacitado, mas que não tinha esse olhar específico para a Educação Matemática, como foi o curso de Paranaíba; um perfil diferente. E aí você vai me perguntar: mas você conseguiu chamar esses professores? Exatamente, e esses professores formados no núcleo duro, docentes que atuavam oferecendo uma formação técnica muito forte em pesquisa Matemática, eles foram capazes de oferecer o seu lado docente lá para os alunos do curso. Eles foram como professores de Matemática; eles doaram o seu lado docente, acho que você entendeu. Seu lado docente mesmo, a docência pura. Eles ministraram cursos durante a Semana de Matemática, específicos para o ensino de Matemática. Você pode perguntar para quem teve a oportunidade, e eu imagino que você tenha tido a oportunidade de participar dessa Semana de Matemática. Eles ofereceram cursos que, até eu, que só sei as quatro operações, regra de três simples, porcentagem e sei de cor uma fórmula que não sei pra que serve ($-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}$...) (isso é o que sei de Matemática), houve curso lá que até eu consegui compreender.

N: Professora poderia falar um pouco mais desta Semana da Matemática?

M: Houve a conferência inicial, que até foi interrompida por uns ruídos de política. Eu fui denunciada por um candidato a prefeito, que alegava que eu estava favorecendo outros candidatos com a Semana de Matemática. Por quê? Porque no folder havia o nome da prefeitura, que era o parceiro máster⁶⁵, e o nome de uma construtora que, em janeiro daquele ano, haviam patrocinado o evento. Mas ainda não estavam abertos os trâmites políticos; esses patrocínios que apareceram no verso do folder foram oferecidos em janeiro. Então, não havia sido desencadeado o processo

⁶⁵ Palavra de origem inglesa que, traduzida para o português e neste contexto, quer dizer ‘superior’, ‘acima de’.

eleitoral, e não estavam ainda proibidos os patrocínios. Não estavam! O candidato que se sentiu prejudicado quis embargar a semana, mas o palestrante da abertura, Doutor Adalberto Panobianco Bergamasco⁶⁶, da UFSCar, já estava na cidade e ele iria fazer a abertura.

O juiz foi bastante condescendente e não criou empecilhos, mas determinou que, antes da abertura do evento, antes da fala do conferencista, eu facultasse a palavra aos quatro candidatos à prefeitura, e eu fiz isso. Três deles falaram e um preferiu não o fazer, porque ele disse que não iria misturar política com questões acadêmicas e que reconhecia que ali não era o momento. Ele declinou do seu direito de falar.

Eu tive isso na abertura e foi em 2004, mas foram um sucesso os minicursos e as palestras de encerramento. E o evento propiciou muitas horas para os alunos nas atividades complementares. E veja: essa foi outra contribuição das atividades complementares, porque o pessoal de Paranaíba não estava tão acostumado a eventos acadêmicos.

A UEMS oferecia alguns, mas geralmente no curso de Direito e em outras áreas, que não a de Matemática. Tivemos inscrições de pessoas da comunidade, porque a semana não foi só para os nossos alunos; foi aberta, assim como foi aberta a palestra com o professor Pasquale Cipro Neto, que reuniu muita gente. Foi uma maravilha, já que a linguagem faz parte de todas as áreas. Acho que Paranaíba conheceu coisas muito importantes no âmbito acadêmico com a vinda do curso de Matemática, e eu me emociono muito, porque foi muito importante, muito importante. E eu aprendi muita coisa. Tudo é provação, e eu acredito muito em Deus e sei que nada foi por acaso.

N: A senhora gostaria de acrescentar algo?

M: Foi um prazer muito grande, e eu só quero reiterar os meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram comigo e com o curso, concorrendo para a expansão da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para outros lugares. Foi, realmente, uma política expansionista. Acho que eu nem toquei nisso, mas, em 2001, foi criado também o câmpus de Coxim⁶⁷ (além de Paranaíba). Poucos anos depois,

⁶⁶ Professor Adalberto Panobianco Bergamasco possui graduação em Matemática pela Universidade de São Paulo (1970), graduação em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo (1970), mestrado em Matemática em São Carlos pela Universidade de São Paulo (1972) e doutorado em Matemática - Rutgers - The State University of New Jersey (1977).

⁶⁷ O câmpus de Coxim iniciou suas atividades em julho de 2001, com os cursos de Licenciatura em História e Licenciatura em Letras, com habilitação em Português e Espanhol.

viriam os de Nova Andradina⁶⁸, Chapadão do Sul (em 2008), Naviraí⁶⁹, Bonito⁷⁰ e Ponta Porã⁷¹. Foi muito importante para a Universidade e foram em pontos muito estratégicos e, salvo engano, Paranaíba foi o que mais se destacou.

N: Legal! Professora, como conversamos anteriormente, irei transcrever a entrevista, posteriormente escrever um texto e trazer para que a senhora olhe e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua fala em minha pesquisa.

M: Claro, claro. Até essas histórias de embate político, se for o caso.

N: Sim, depois a senhora pode ficar à vontade para acrescentar.

M: É melhor a gente evitar algo que há de político, mesmo porque tudo foi superado. Queiramos ou não, a gente depende dos políticos, eu digo político no nosso sentido do senso comum: o vereador, o deputado, o senador, o presidente, o prefeito, e nós dependemos deles. O câmpus de Paranaíba foi criado sob a batuta de uma prefeitura, e não se pode fugir disso. Nós precisamos dos políticos; o que não podemos é empunhar bandeiras e deixar que a política partidária e o fazer política suplantem a educação. Não pode! Eles podem caminhar paralelamente, mas eles não podem interferir um no outro. Não! A educação deve pronunciar-se sobre política, mas a política não pode interferir na educação; esse é meu pensamento.

N: Professora. eu agradeço a atenção da senhora, muito obrigada!

M: Estou às ordens, falo com muito prazer sobre isso!

N: Muito obrigada!

⁶⁸ O câmpus de Nova Andradina (CPNA) foi criado pela UFMS por meio da Resolução COUN nº 64, de 12 de dezembro de 2005, em parceria com a Prefeitura Municipal.

⁶⁹ O câmpus de Naviraí iniciou suas atividades no ano letivo de 2009, com dois cursos de graduação: Licenciaturas em Ciências Sociais e Pedagogia – criados pela Resolução COUN nº 65, de 28 de agosto de 2008.

⁷⁰ O câmpus de Bonito iniciou suas atividades no ano letivo de 2009, oferecendo os cursos de Administração e Turismo e Meio Ambiente no período noturno, porém no início de 2015 houve o fechamento da unidade. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/artigos-e-opiniao/loiva-schiavo-o-futuro-do-campus-da-ufms-em-bonito/259881/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

⁷¹ O câmpus de Ponta Porã foi pela Resolução COUN nº 88 de 28 de outubro de 2008, o Câmpus de Ponta Porã (CPPP). Primeiramente ofereceu o curso de Sistemas de Informação na modalidade de Bacharelado e Licenciatura em Matemática, com início das atividades em 2009. A partir de 2010 teve início o curso de Ciências da Computação.



Fonte: arquivo das redes pessoais do professor

PROFESSOR
THIAGO DONDA



PROFESSOR THIAGO DONDA

Natalia: *Boa noite! Hoje, dia 22 de junho de 2020, vamos falar com o Professor Thiago Donda. Professor, muito obrigada por ter aceitado o convite de conversar comigo. É comum em nossas pesquisas pedirmos que o nosso entrevistado se apresente da forma que preferir. Então, peço que o senhor comece se apresentando.*

Thiago: Meu nome é Thiago Donda Rodrigues, eu sou nascido na cidade de São Paulo¹, embora tenha morado 14 anos lá não me sinto paulistano, sinto-me mais interiorano, inclusive meu sotaque é de quem é do interior. Morei onze anos em Valentim Gentil², depois mais três anos e pouco em Tanabi³ e, de 2010 até agora, moro em Paranaíba⁴. Sou casado com a Talita e pai da Mariana que tem incríveis 17 anos, do Enzo que tem 5 anos e o Pietro que tem 3 anos.

Além das minhas atividades acadêmicas, que acaba se confundindo com o meu “eu”, eu gosto de outras coisas. Atualmente toco teclado em uma banda de rock setentista, mas também toco violão e toco viola, tenho uma formação em música caipira, resgatei a música depois de 20 anos, pois ela estava meio que dormindo. Além disso, gosto de inventar coisas com madeira, gosto de literatura e dou umas arriscadas em várias coisas.

Como eu nasci em São Paulo fiz o Pré⁵ numa escola chamada Leofavi⁶, que provavelmente não existe mais, isso foi em 1988, mais ou menos. Depois fiz da primeira a quarta série⁷ em uma escola estadual chamada Jocelyn Pontes Gestal⁸, foi na época em que o governo FHC⁹ fez uma separação¹⁰ das escolas, eu não sei

¹ A cidade de São Paulo é a capital do Estado de São Paulo, sendo o mais importante centro econômico do Brasil. Possui cerca de 12 milhões de habitantes (IBGE, 2016).

² Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 537 km da capital São Paulo.

³ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 479 km da capital São Paulo.

⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 407 km da capital Campo Grande.

⁵ Atualmente esta etapa de ensino corresponde a educação infantil obrigatória das crianças de 4 e 5 anos de idade.

⁶ Era uma escola particular na zona leste de São Paulo, informações cedidas pelo Professor Thiago Donda.

⁷ Atualmente esta etapa de ensino corresponde do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

⁸ A Escola Estadual Jocelyn Pontes Gestal atualmente atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

⁹ Fernando Henrique Cardoso foi Presidente da República do Brasil por dois mandatos consecutivos, de 1º de janeiro de 1995 a 1º de janeiro de 2003.

¹⁰ O professor está se referindo ao processo de municipalização que as escolas públicas passaram no estado de São Paulo a partir de 1995. A municipalização seguiu o preceito da Constituição Federal

exatamente se foi uma questão governamental federal ou estadual, mas a escola que eu estava ia ter alunos até a quarta série e outras escolas iam oferecer o ensino da quinta série¹¹ para frente. Eu fiquei até a quarta série nessa escola e na quinta série fui para outra escola, chamada Maria da Glória¹², só que fiquei nela somente seis meses. Como eu morava na periferia de São Paulo, tinha muita violência na escola, eu fazia parte do grêmio e os moleques me ameaçaram de morte. Mudei de escola no meio do ano, fui para uma escola chamada Braga de Paula¹³.

Em 1996, com quatorze anos, eu deixei meus pais em São Paulo e fui morar com minha vó no interior do estado, até hoje eu tenho uma ligação muito forte com meus avós. Meu avô aposentou-se e foi para uma cidade 500 km de distância da capital e eu não consegui lidar muito com a distância e pedi para minha mãe que deixasse morar com minha avó e ela deixou, eu fui para trabalhar.

Com quatorze anos comecei a trabalhar em uma fábrica de Valentim Gentil, fiz a oitava série¹⁴ e o ensino médio na escola Cícero Usberti¹⁵. O primeiro e o segundo ano eu cursei no período da manhã e o terceiro ano no período da noite. Esses dois anos que estudei no período da manhã foi porque na época eu já tocava violão e eu comecei a dar aula de violão em uma escola de Votuporanga¹⁶, mas também dava aula em casa, fiquei mais ou menos um ano e meio fazendo isto, mas o dinheiro era muito pouco, então eu voltei a trabalhar na fábrica.

No final do ano 2000, quando eu estava no terceiro ano do ensino médio, até aquele momento eu queria ser músico, mesmo trabalhando em uma fábrica, nunca tinha passado pela minha cabeça fazer outra coisa da minha vida se não fosse a música. Até os dezessete anos eu tinha dado aula de violão, tocava na missa, tinha tocado em um grupo de samba, tinha feito parceria com um amigo, tocava nos showmícios na época das eleições, tinha feito um monte de coisa nesse sentido.

Quando chegou o terceiro ano do ensino médio eu falei: “Ah, mas eu preciso fazer alguma coisa da minha vida, porque isso talvez não dê certo, eu preciso garantir

de 1988 que diz sobre a obrigatoriedade de os municípios aturarem com prioridade no ensino fundamental e na educação infantil.

¹¹ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 6º ano do ensino fundamental.

¹² Escola Estadual Professora Maria da Glória Costa E Silva, atualmente, atende alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

¹³ Escola Estadual Professor Joaquim Braga de Paula, atualmente, atende alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

¹⁴ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 9º ano do ensino fundamental.

¹⁵ Escola Estadual Professor Cícero Usberti atualmente atende alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

¹⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 521 km da capital São Paulo.

um dinheiro para eu sobreviver”, foi quando apareceu a inscrição do vestibular da UNESP¹⁷. À época ganhávamos a inscrição que custava cem reais, era caro, até hoje cem reais é caro, imagina vinte anos atrás. Para ganhar a inscrição tinha que optar por um curso de licenciatura, como eu gostava de Matemática, me inscrevi para o curso. Eu queria fazer Engenharia Civil, mas não tinha dinheiro, porque era um curso caro, eu não tinha clareza da diferença de uma faculdade particular para uma universidade pública, apesar de eu morar em Valentim Gentil, que são aproximadamente 100 km de distância da UNESP de Rio Preto¹⁸, eu não tinha informação do que era a UNESP, o que tinha lá, o que eu podia, se ia ter bolsa, se eu ia ter que trabalhar, não sabia nada disso. Em 2000 não existia smartphone, a *internet* era muito diferente do que é hoje, não tinha informação e nem formação do estudante para procurar essas coisas.

Eu não passei no vestibular da UNESP, porque eu tinha estudado em escola pública noturna, embora tivesse cursado dois anos durante o período da manhã eu não tinha condições de passar no vestibular.

Algo interessante aconteceu nessa época, eu achando que ia conseguir salvar alguma coisa, fui fazer o cursinho num cursinho pré-vestibular, 45 dias antes da prova da UNESP, não aprendi nada porque eles estavam falando grego para mim, inclusive em Matemática, não fazia a mínima noção do que era aquilo que eles estavam falando no cursinho, mas o que foi muito legal é que eu conheci professores diferentes daqueles que eu estava acostumado.

Hoje, há uma discussão quanto à prática dos professores que atuam em cursinhos, entendemos que teoricamente eles fazem um ensino tradicional, eles só usam artifícios para que as coisas sejam memorizadas com mais facilidade, mas na época, eu conheci nesse cursinho um cara que eu fiquei fascinado, era o professor chamado Kiko¹⁹, ele devia ter uns 55 anos, eu virei amigo dele e o chamava de Papai Noel, porque ele tinha uma barba grande. Ele dava aula de Física, a aula dele era espetacular, no âmbito do cursinho, e eu pensava se eu conseguir dar aula 10% do que esse cara dá, eu já estou top.

¹⁷ Criada em 1976 a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

¹⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 441 km da capital São Paulo.

¹⁹ Haig Krikor Hamparian.

Na verdade, eu não pensava que eu queria dar aula, eu comecei a olhá-lo a trabalhar e comecei a pensar que talvez fosse aquilo que eu devesse fazer, ao invés de ser engenheiro, mas eu poderia fazer Engenharia e dar aula em uma faculdade. Mas eu não ia fazer Engenharia porque o vestibular da UNIFEV²⁰, que era de Votuporanga, eu também optei pela Matemática, era o curso que eu podia pagar, tinha Engenharia Civil, mas eu só podia pagar Matemática, hoje eu penso que foi um tiro no escuro, mas que eu acertei.

Eu não fui aprovado no vestibular da UNESP, mas fui aprovado no vestibular da UNIFEV que era tranquilo, não tinha concorrência para ser reprovado. Fiz os quatro anos de graduação na UNIFEV em Votuporanga. Eu não tive uma formação Matemática que talvez tivesse na UNESP, ou a formação Matemática que ofertamos para os alunos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) de Paranaíba, talvez não tive a formação em Educação Matemática que os alunos da UNESP tiveram, aqui em Paranaíba oferecemos essa formação. Eu entendo que a formação que uma instituição particular oferece apresenta algumas circunstâncias que depois acaba emperrando outras formações nessas questões mais pontuais. Eu acho que foi uma experiência muito boa fazer a graduação na UNIFEV.

Na primeira semana de aula da faculdade eu tinha certeza que eu queria ser professor, que eu não queria ser engenheiro, porque a ideia era fazer Matemática, ir trabalhar, dar aula, para poder fazer Engenharia. Esse plano mirabolante ficou na primeira semana de aula da graduação, tanto que eu disse para minha coordenadora que eu queria fazer mestrado, não sabia como, mas eu queria fazer mestrado.

Algumas coisas foram ruins na vida, eu perdi meu pai em 2001, quando eu trabalhava e fazia faculdade. Quando eu perdi meu pai, começamos a receber uma pensão que foi no nome da minha irmã, há vinte anos, era uma pensão de mil reais, era três vezes o salário que eu ganhava na fábrica. Minha mãe já era separada do meu pai, e ela falou: “Olha vamos fazer o seguinte: dividimos essa pensão em três, fica uma parte para você pagar a sua faculdade e não precisar trabalhar”, minha irmã estava no ensino médio ainda e minha mãe bancava a casa, eu não pagava nenhuma

²⁰ Centro Universitário de Votuporanga teve início em 1966, quando foi criada a sua mantenedora, a Fundação Educacional de Votuporanga (FEV), inicialmente o nome era Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga (FACLE). Em 1973 foi criada a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Votuporanga (FACICA). Facle e Facica conviveram juntas até 1991, quando ambas deram origem às Faculdades Integradas de Votuporanga (FIV). Diante do aumento da oferta de Ensino Superior em 1997 a FIV transformou-se em UNIFEV.

conta em casa, pois não conseguia pagar nem as minhas contas. Nessa época, com essa parte da pensão, minha mãe começou a pagar minha faculdade, só que eu ficava sem dinheiro para fazer o resto, então eu comecei a dar aula particular.

Quando eu estava cursando o segundo ano da faculdade eu estava dando aula particular, também peguei uns seis meses de aula em uma escola particular pequenininha, foi uma das experiências mais ricas, tanto que me levou para o meu tema de pesquisa do mestrado. Comprei um computador com o acerto da fábrica, foi muito importante, pois comecei a fazer trabalhos acadêmicos nele. No terceiro ano de faculdade eu já era professor de uma escola no interior de São Paulo com aulas livres, chamava de aulas livres porque eu não era substituto de ninguém. No quarto ano eu tinha quarenta e tantas aulas, nem lembro mais, inclusive eu tinha aula no período da noite, na hora da faculdade, tive que acertar com o professor para que eu pudesse dar aula. Tinha aulas em Cardoso²¹ e na escolinha que era em Valentim Gentil, também tinha umas aulas de Estatística em uma escola técnica no período da noite, além disso, foi nessa época que eu consegui uma bolsa de cento e poucos reais para ser monitor em uma escola dentro da faculdade, que era a escola Objetivo²².

Quando me formei em 2004, eu já tinha feito muitas coisas, tinha dois anos de experiência em escolas. Se eu tivesse estudado na UNESP em Rio Preto, toda essa experiência teria sido diferente, talvez eu tivesse partido para outros caminhos, mas você só tem o caminho que você escolhe o outro caminho não te pertence.

Em 2004 conheci o Pedro Paulo Scandiuizzi²³, temos uma proximidade, um tio dele era casado com uma tia da minha avó, era essa ligação que tínhamos. Ele já tinha estado na casa do meu avô, tanto que meu avô dizia que tinha um cara em Rio Preto que era professor de faculdade, que orientava mestrado e doutorado e que era sobrinho do tio Pietro. E isso acabava sendo uma referência, foi quando alguém falou: “Olha, manda um *e-mail* para ele”, e me passou o *e-mail* dele. Eu era quase um analfabeto funcional em informática, pois não sabia mexer com isso, imagina isso era em 2004, mas mandei o *e-mail* para ele, só que por um *e-mail* que eu não abria muito. Ele me respondeu e a resposta ficou na minha caixa de mensagem uns três meses,

²¹ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 51 km de Valentim Gentil/SP.

²² Prevê-Objetivo, criado em 1955 com a denominação de Educandário Santa Clara, uma escola particular ainda existente em Paranaíba.

²³ Professor Pedro Paulo Scandiuizzi possui graduação em Licenciatura Em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (1973), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1997) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista (2000).

porque na época eu pensei que tinha mandado pelo *e-mail* que eu usava sempre. Um dia eu me liguei e fui ver este *e-mail* e a mensagem dele estava lá, me convidando para ir a UNESP e conversar com ele, o dia que eu quisesse. Escrevi outro *e-mail* explicando minha burrice e marquei para conversar com ele, e ele falou: “Termina a graduação e no próximo ano você vem para UNESP de Rio Claro²⁴ para fazer aula como aluno especial, vai estudando”. Meu pé no mestrado estava encaminhado. À época, todos diziam que era muito difícil de entrar na pós-graduação de Rio Claro, pois tinha prova de Matemática, uma redação, prova de inglês e a entrevista, algumas pessoas chegavam a dizer que era mais fácil fazer Matemática pura no IBILCE²⁵.

Minha coordenadora e eu já tínhamos tido alguns desencontros, tivemos uma discussão, e ela meio que desdenhando de mim, mas foi a melhor coisa da minha vida, ela falou: “Você não dá certo para Matemática pura, você é da Educação Matemática, você gosta mais de dar aula, então você tem mais cara de Educação Matemática, mas é muito difícil de entrar em Rio Claro”.

Fiz aula como aluno especial no primeiro semestre de 2005. Não teve esse negócio de ler várias tendências ou várias linhas, o Pedro Paulo me abraçou, e eu o abracei. Eu falei: “Se você me quer eu quero você” e deu certo, foi um segundo tiro que eu dei no escuro e acertei, foi algo que eu me identifiquei muito rapidamente, eu falei para ele: “Eu não vou prestar a seleção este ano”, eu nunca tinha lido nada, imagina eu tinha lido um único texto de Educação Matemática na graduação, foi o livro da Educação Matemática: da Teoria à Prática do Ubiratan²⁶, li esse livro porque eu fui à biblioteca e o encontrei, não era um trabalho, não era nada, eu fui lá e li o livro.

Eu pensava que não tinha condições de passar nessa seleção, eu sabia das minhas limitações, inclusive limitações de tempo. Eu estava fazendo como aluno especial, trabalhando quarenta horas por semana, o professor Pedro disse que tudo bem, mas depois de umas duas semanas, ele virou para mim e disse: “porque você não presta a seleção, se eu fosse você eu prestava, você não tem nada a perder”. Eu

²⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 177 km da capital São Paulo.

²⁵ O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), em 1976 foi um dos institutos isolados da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto foi criado em 1957, primeiramente, como Universidade do Município de São José do Rio Preto (UMURP), posteriormente recebeu os nomes de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI) e Instituto Isolado de Educação de São José do Rio Preto.

²⁶ Professor Ubiratan D’Ambrosio é matemático pela Universidade de São Paulo (1955), doutorado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1963) e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas, reconhecido mundialmente pela comunidade acadêmica por seus estudos na área de EtnoMatemática.

entendi que ele me disse que eu teria uma chance de passar, eu pensei: “Se ele está falando para eu prestar, é porque ele está vendo que eu tenho chance de concorrer”. Fui correr atrás de tudo que eu já tinha perdido, porque como pensei que não iria prestar a seleção naquele ano, eu iria estudar aos poucos todos os livros, mas como decidi fazer a seleção eu fui estudar Matemática, estudar geometria, aprender a escrever um pouco, fiz aula de espanhol, isso tudo em dois meses, li toda a bibliografia.

Passei na prova escrita, porque lá era assim, você faz toda a prova escrita, ou primeiro faz uma prova de Matemática, já não me lembro, se você passar nessa prova segue para próxima etapa. Passei na prova escrita “na rapa”, tirei 7.5. Passei em geometria, eu não tinha um tratamento axiomático, mas dava aula de geometria na escola, talvez isso me fez lembrar de algumas coisas, eram cinco questões de nível universitário e cinco questões de nível básico, eu tinha que escolher dentre as cinco questões, sendo dos dois grupos e eu escolhi três do grupo do ensino básico e duas do ensino superior e tirei 7.0 na prova de geometria. Eu chorava copiosamente que tinha passado, tinha oitenta e três candidatos para dezesseis vagas, se não me engano, só tinha eu de uma universidade particular.

Como tinha proposto um projeto que não tinha sido ainda estudado na área acadêmica, inclusive já peguei o projeto mais ou menos elaborado, o Pedro Paulo falou: “Olha usa esse projeto aqui como modelo”, hoje eu dou aula de metodologia de pesquisa e oriento alunos, mas na época eu não sabia nada de metodologia de pesquisa, mas fui aprovado e tudo deu certo. O Pedro Paulo tinha a vaga, inclusive um amigo, o Marcos Lübeck²⁷, teve que adiantar um pouco a defesa dele para que eu pudesse entrar, porque se ele demorasse um pouco mais eu não conseguia entrar na vaga.

O Pedro Paulo não era metódico, ele dizia: “Você precisa aprender o que é metodologia” e, me dava um livro, “Nossa teoria é essa”, e me dava o livro, ele falou, “Oh, lê esse projeto sobre inclusão”, e eu fui lendo, li tudo o que eu tinha de Paulo Freire²⁸ em casa, li tudo que eu tinha de inclusão, achei na *internet* alguns coisas, ele

²⁷ Professor Marcos Lübeck possui Graduação em Matemática pela Universidade Federal de Santa Maria, Mestrado e Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro/SP.

²⁸ Paulo Freire nasceu no Recife, estado do Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo no dia 2 de maio de 1997. Foi um educador brasileiro e criador do método inovador no ensino da alfabetização para adultos.

só me indicou uns dois livros, e ele falou: “O primeiro livro que você vai ler é esse”, e me deu o nome, eu comprei e li aquele primeiro, e dali ele falou assim: “Agora você lê tudo o que você encontrar”.

A minha primeira aula do mestrado, como aluno regular, foi com o professor Antonio Carlos Carreira de Souza²⁹. À época, ele tinha algumas coisas com a História Oral, isso foi em 2006, fiz essa primeira disciplina com ele, as leituras eram pesadas, como por exemplo, Michel Foucault³⁰ e Deleuze³¹, para quem não tinha lido nada até um dia antes passei as férias lendo tudo o que podia para conseguir adiantar um pouco. Quando estudei com o Carreira era muito diferente, muito estranho, pois eu lia e não conseguia entender o que eu estava lendo, parecia que eu estava lendo em outro idioma, mas eu fiz a disciplina de verão, depois fiz outra disciplina com o Carreira, e também fiz uma disciplina com a Rosana³².

Outra coisa que eu acho muito importante é que o Pedro Paulo falava que não aceitava trabalho com pesquisa bibliográfica, tinha que fazer um trabalho de campo, inclusive um dos orientandos dele deixou o trabalho por conta desse campo. Ele trabalhava com a EtnoMatemática³³, então quem ia para o campo teria que ir para a aldeia, para um quilombo, não era uma escola e eu fui para escola, pois meu trabalho era em escola. Eu aprendi muito indo para a escola e observando.

Até 2008 eu nunca tinha escrito nenhum artigo, tinha escrito os trabalhos para as disciplinas, uma resenha. Antes da defesa da dissertação eu nunca tinha escrito um artigo, porque eu participei do primeiro evento acadêmico em 2008, um pouco antes da defesa precisei mandar um texto para lá, mas foi praticamente a escrita da minha dissertação, eu não tinha escrito nada na minha vida até aquele momento.

²⁹ Professor Antonio Carlos Carrera de Souza possui graduação em licenciatura em Ciências pela Universidade Católica de Santos (1971), graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Santos (1975), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1992).

³⁰ Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês, suas teorias abordam principalmente a relação entre o poder e o conhecimento e como elas são usadas no controle social por meio das instituições.

³¹ Gilles Deleuze (1925-1995) foi um pensador francês contemporâneo, a ideia de diferença é o núcleo de sua filosofia.

³² Professora Rosana Giaretta Sguerra Miskulin possui Graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (1974), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1994), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e livre-docência pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Rio Claro.

³³ Segundo o Professor D'Ambrosio a etnoMatemática é a arte ou técnica (techné = tica) de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade (matema) dentro de um contexto cultural próprio (etno).

O Pedro Paulo falou que eu precisava qualificar com o trabalho pronto, eu achei que aquilo era normal e escrevi o trabalho para qualificação. À época, eu dava aula na faculdade em Paranaíba, dava aula para você, eu ia para Rio Claro, assistia às aulas, viajava, chegava em casa à noite, saía de madrugada para dar aula em Cassilândia³⁴, voltava e escrevia minha dissertação nos espaços de tempo. Chamei a professora Maria Teresa Mantoan³⁵ para a banca de qualificação.

Em 2008 fizemos o que hoje é comum, uma banca por videoconferência porque a professora Maria Teresa não podia ir para Rio Claro na qualificação. Umas duas semanas antes, ela me ligou e eu estava em uma loja alugando a roupa do meu casamento, ela falou: “Aqui é a professora Maria Teresa”, e como eu dava aulas nos colégios e era um final de ano, eu achei que fosse alguém me chamando para trabalhar em alguma escola, eu não consegui entender. Ela me falou: “Eu estou aqui com seu trabalho e eu queria saber se é defesa ou qualificação, porque o trabalho está pronto”. Falei: “Professora, mas é qualificação”, e ela rasgou um monte de seda, ficamos uma meia hora conversando, ela fez vários elogios.

Fomos para a qualificação com o trabalho pronto, ela sugeriu várias mudanças, mais na questão estética do que na questão teórica e metodológica. Defendemos o trabalho que foi o fruto de um livro, uns dos livros, a mudança sugerida no trabalho e que escrevi no livro também foi que a página é dividida em duas partes, em uma parte eu descrevo os dados e na outra eu faço a análise.

A professora Maria Teresa era de Campinas³⁶ e no dia da minha defesa eu fui levá-la de carro para lá, ela é uma pessoa muito simples, muito acessível, mas já era Maria Teresa Mantoan em 2008. Ela era referência na área, é claro, com amores e desamores, mas trabalhava no MEC³⁷, ela me disse que se eu quisesse fazer o doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) ela me orientaria. Eu não ia fazer doutorado porque eu estava com cinquenta aulas, eu tinha terminado o mestrado a duras penas, eu queria descansar, mas ela me chamou e eu falei que iria. Ela queria que eu fosse para Campinas participar do grupo de pesquisa, eu acho que cheguei a ir umas duas vezes; eu fiz duas seleções, uma no final de 2008 e outra em

³⁴ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 420 km da capital Campo Grande.

³⁵ Professora Maria Teresa Eglér Mantoan é Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

³⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 94 km da capital São Paulo.

³⁷ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

2009 e acabou não dando certo. Eu gostava muito da Maria Teresa, toda vez que eu ia a Campinas ia à sala dela e conversávamos, ela lembra-se de mim, mas hoje não temos uma comunicação frequente. Como já tinha tentado duas vezes com ela e não tinha dado certo, eu tentei com o Ubiratan em Rio Claro no ano de 2010 para entrar em 2011, mas ele não tinha vaga, ele tinha umas vagas e fez as escolhas que ele tinha que fazer, e eu não entrei.

O Pedro Paulo aposentou em 2012 e eu procurei várias pessoas, fui à professora Mirian³⁸, não tinha vaga, fui ao Olle³⁹, porque eu queria pesquisar algo sobre a inclusão, fui à Rosana, que tinha participado da minha banca de mestrado, também não tinha vaga, conversei com várias pessoas, mas ninguém tinha vaga, conversei também com o Cezar⁴⁰ e ele me disse para eu ir falar com ele para que organizássemos alguma coisa.

Lembrei-me do Carreira, que foi professor da primeira disciplina que fiz como aluno regular, tínhamos nos dado muito bem durante o mestrado, apesar dele não gostar muito da etnoMatemática, mas tivemos boas discussões, uma boa amizade. Eu perguntei para o Pedro Paulo, que ainda estava na ativa, o que ele achava do Carreira e ele disse que ele seria muito bom orientador para mim. Quando ele falou isso eu sai dali e fui falar com a Inajara⁴¹, que era a secretária da Pós, e pedi que ela fizesse o favor de ligar na casa do Carreira e ver se ele poderia me receber, porque ele já estava aposentado. Ela ligou e disse: “Tem um ex-aluno nosso aqui, o Thiago Donda, ele queria ir até a sua casa para conversar sobre doutorado”, e ele falou: “Eu não estou lembrando quem é, mas manda-o vir aqui”, eu sabia onde era a casa dele, pois tinha ido entregar um trabalho do mestrado.

Quando cheguei, ele me olhou e falou: “Agora eu sei quem é você, é o rapaz que fez o trabalho sobre a sua mãe, na disciplina do mestrado em 2006”, isso aconteceu em 2012 e ele lembrou-se de mim. O trabalho de finalização da disciplina

³⁸ Professora Miriam Godoy Penteado é livre docente em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Rio Claro; pós-doutorada na Universidade de Bristol, Inglaterra, doutorada em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Educação Matemática e graduação em Matemática, ambos pela Universidade Estadual Paulista.

³⁹ Professor Ole Skovsmose possui doutorado em Mathematics Education - Royal Danish School of Educational Studies (1982).

⁴⁰ Professor Cézar Donizetti Pereira Leite possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1991), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002), pós Doutorado pela FLACSO Argentina em 2008 e pela Universidade Complutense de Madrid 2012 é livre docência pela Universidade Estadual Paulista em 2011.

⁴¹ Inajara Federsom de Moraes, não encontramos mais informações sobre a servidora.

de verão era fazer uma entrevista nos modos da História Oral com alguém, sobre a história de vida, depois esta conversa teria que ser transcrita e textualizada [neste momento o professor se emociona], em 2018 eu perdi minha mãe. Ele pediu para eu entrar e falou: “Olha Gilda⁴², é o Thiago, aquele menino que fez o trabalho sobre a mãe dele”, e ela lembrou, era algo que estava nos ligando.

Conversamos sobre o trabalho, hoje eu tenho duas coisas que me atravessam academicamente, que é a EtnoMatemática e a Filosofia da Diferença que são coisas que por uma época ficaram meio distantes, mas foram se aproximando de mim, hoje são coisas muito fortes. Foram quatro anos de muito aprendizado, eu devo muito a esses quatro anos, por vários motivos, continuei trabalhando, não fui bolsista, não me afastei, mas eu era professor aqui da universidade de Paranaíba, dava minhas aulas, mas me dediquei muito aos estudos.

O doutorado foi muito interessante, pois o Carreira, com toda a heterogeneidade de formação, me possibilitou fazer uma tese totalmente fora dos padrões acadêmicos. A tese é um jornal, inventamos um jornal chamado Correio de Santana de Paranaíba, eu publiquei sete edições do jornal na tese, tudo fictício, foi a forma que eu encontrei para analisar os dados. A escrita foi meio jornalística em algumas colunas, em outras mais acadêmicas, foi um período bem interessante, apesar de eu não ter conseguido ficar em Rio Claro e tive que continuar viajando para lá toda a semana, eu terminei o doutorado em 2015. Acho que é isso a minha trajetória.

N: E Paranaíba como aparece na sua vida?

T: O Carreira tem vários momentos na minha vida. Em uma das aulas que eu estava, expliquei para ele que eu dava aula em Cassilândia e em Iturama⁴³, eu ficava em Cassilândia quarta e quinta, passava por Paranaíba para ir até Iturama na sexta para dar aula, depois voltava para casa, era mais fácil ir de Iturama para Valentim, pois são aproximadamente 115 km. Conversando com o Carreira ele comentou que tinha uma

⁴² Gilda Lúcia Delgado Souza faleceu no ano de 2017, era esposa do Professor Antonio Carlos Carreira de Souza, possuía graduação em licenciatura em Ciências pela Universidade Católica de Santos (1970), graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Santos (1976), mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (1999) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005).

⁴³ Cidade do estado de Minas Gerais, localizada aproximadamente a 158 km de Tanabi/SP.

orientanda em Paranaíba que trabalhava na UFMS, a Silvia⁴⁴, eu não lembro se foi ele que falou para eu passar e conversar com ela. Peguei um currículo Lattes e fui para Paranaíba, eu não conhecia nada lá, passei na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), achei que era ali a UFMS, pois algumas pessoas me explicaram que era lá, acabei deixando o currículo também, pois tinha o curso de Pedagogia. Eu não sabia que tinha processo seletivo, não sabia nada disso, a moça da UEMS disse que a UFMS era do outro lado da avenida na escola Aracilda⁴⁵. Quando cheguei lá, a Silvia não estava, mas deixei o currículo e pedi que a secretária entregasse para ela, comentei que eu era aluno de Rio Claro e conhecia o Carreira.

Um dia eu estava em Iturama e a Silvia me ligou e disse: “Aqui é a professora Silvia da UFMS, vai ter um processo seletivo, você não quer participar?” Falei: “Claro que eu quero”, participei sozinho do processo seletivo para oito aulas, foi quando eu comecei a dar aulas para vocês. Então, eu comecei a ficar em Paranaíba, isso foi no segundo semestre de 2006, foi quando eu conheci o Anderson⁴⁶, que era chamado de Coxim, fiquei na casa dele, à época ele morava sozinho, mas depois montamos uma república, Washington⁴⁷, Coxim e eu na avenida Getúlio Vargas. Eu comecei na UFMS em 2006, hoje tem poucas pessoas daquela época, se eu não me engano eu, o Carlos⁴⁸ e a Jassonia⁴⁹ somos os professores que pegaram a fase do Aracilda e, depois a mudança para o câmpus.⁵⁰

⁴⁴ Professora Silvia Regina Vieira da Silva possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro, mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo/São Carlos e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Rio Claro.

⁴⁵ A atual Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa funciona no prédio Waldir Lopes Cançado, o qual abrigou por alguns anos a extinta Agência de Educação. A escola foi criada no ano de 1966 no governo de Pedro Pedrossian (1966-1971).

⁴⁶ Professor Anderson Afonso da Silva possui graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Câmpus de Paranaíba (2009), mestrado e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista.

⁴⁷ Professor Washington Campos Marques possui graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Câmpus de Paranaíba (2009), mestrado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista.

⁴⁸ Professor Carlos Rodrigues da Silva é graduado em Administração pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1995), mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá e doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho.

⁴⁹ Professora Jassonia Lima Vasconcelos Paccini é graduada em Pedagogia, graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Bragança Paulista, graduada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Itatiba (1982), especialização em Educação Especial pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990), mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (1999) e doutora em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2014).

⁵⁰ Neste contexto o professor está dizendo que os docentes citados passaram pela mudança da universidade para o seu câmpus próprio.

Trabalhei de 2006 a 2008 como professor substituto, depois de dois anos o contrato terminou, à época eu fui contratado como graduado, pois ainda estava cursando o mestrado, acho que conclui em abril, e em junho ou julho o contrato terminou. Não sei se você se lembra do professor Netto⁵¹, que era da Psicologia.

N: Sim, ele era de Araçatuba⁵².

T: O Netto me indicou na FATEB⁵³ em Birigui⁵⁴. No final de 2008 eu prestei o concurso e fiquei em segundo lugar, fui chamado e fiquei trabalhando lá por seis meses. Em 2008 também prestei o concurso da UFMS, umas coisas foram acontecendo na minha vida sem eu programar, eu não queria ir para universidade, não gostava muito, ganhava um dinheiro razoavelmente bom, era um salário maior do que o da universidade, mas pensei que não poderia deixar passar a oportunidade de prestar um concurso para Paranaíba. Para mim não servia um concurso em outro lugar, porque eu tinha minha filha que morava em Valentim Gentil, a Silvia disse para eu prestar o concurso porque seria interessante, já que eu era da região e, provavelmente, eu ficaria em Paranaíba se tudo desse certo.

Decidi prestar o concurso, mas eu não tive condições de estudar muito, porque eu dava um monte de aula, estudei um pouco, mas longe de estudar o tanto que eu vejo os colegas estudando hoje para passar nos concursos, fui com a cara e com a coragem. Fui de carro para Campo Grande⁵⁵, nunca tinha ido até lá. Em algumas coisas eu tive sorte. Na primeira prova que era a escrita, caiu história e eu dava aula em uma disciplina que eu discutia uns textos de História, eram três textos, eu não lembro agora se eu cheguei a discutir exatamente estes textos com vocês, eu sei que cada disciplina que eu dava de Leitura e Escrita da Matemática, eu selecionava textos, vários textos, e dentre estes estavam os textos de História.

Uma hora e meia antes da prova eu peguei para dar uma folheada no material, peguei os três textos e dei uma recapitulada, isto contribuiu para eu elaborar o texto

⁵¹ Professor Nilson Berenchtein Netto é mestre em Psicologia: Psicologia Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007) e doutor em Educação: Psicologia da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012).

⁵² Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 522 km da capital São Paulo.

⁵³ Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui (FATEB) iniciou suas atividades acadêmicas em 08 de março de 1988.

⁵⁴ Cidade do estado de São Paulo localizada aproximadamente a 511 km da capital São Paulo.

⁵⁵ Campo Grande é a capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 993 km da Capital São Paulo.

da prova, acho que eu tirei 7.5. Não lembro-me direito quantos candidatos foram fazer a prova, mas por exemplo, se fossem doze candidatos, nove candidatos foram reprovados na prova escrita, então ficou eu e a Luzia⁵⁶, ela ficou em primeiro lugar, teve uma nota muito boa, e eu fiquei em segundo, só que a Sabrina⁵⁷ também estava na seleção e ela é da área de História, mas tirou 6.0 na prova e eu disse a ela que era inconcebível eu que não era da História tirar 7.5 e ela tirar menos, então disse a ela para entrar com recurso.

Ela entrou com o recurso e fomos para a prova didática que era sobre formação de professores. Eu não tinha muita leitura, então eu discuti a formação de professores a partir da EtnoMatemática. Isso me salvou, porque eu tinha um pouco de leitura sobre o assunto, mas também me prejudicou porque dois professores queriam que eu citasse autores da formação de professores e eu não citei ninguém, então eu tirei 7.0 na prova didática, e a Sabrina foi um pouco melhor do que eu, ela ficou em segundo lugar. Na hora da prova de título eu fiquei lá atrás, porque eu tinha o mestrado e o artigo do evento, não tinha mais nada, não tinha publicação nenhuma em lugar algum, com isso eu fiquei em terceiro lugar.

Lembro-me da cena do pessoal que tinha reprovado, o Viola⁵⁸ por exemplo, ele namorava a Luzia, ele foi reprovado na prova escrita. Eu os trouxe embora, disse a eles para virem até Tanabi, que era onde eu morava, e de lá para frente eles pegariam um ônibus até chegar a Rio Claro, dei essa carona para eles e foi muito triste porque ele não tinha passado. Eu comentei com eles que eu tinha as minhas aulas, por isso não estava desesperado, porque como fiquei em terceiro lugar sabia que não seria chamado, porque tinham somente duas vagas em Paranaíba.

A vida passou, eu passei no concurso de Birigui, fiquei em 2009 dando aula em Birigui, e um dia me ligaram: “A professora Luzia foi transferida para Campo Grande e nós queremos saber se você quer assumir a vaga, você é o terceiro candidato, se você não quiser nós vamos abrir um novo edital”. Isso foi, sem

⁵⁶ Professora Luzia Aparecida de Souza possui graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003), mestrado e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Rio Claro. Pós - doutora pela School of Education da University of Cape Town, South África (2019-2020).

⁵⁷ Professora Sabrina Helena Bonfim possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de São José do Rio Preto, mestrado e doutorado em Educação Matemática - Câmpus de Rio Claro.

⁵⁸ Professor João Ricardo Viola dos Santos é licenciado em Matemática (2004) pela Universidade Estadual de Londrina, mestre em Educação Matemática Universidade Estadual de Londrina (2007) e doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Rio Claro. Pós-doutor pela School of Education da University of Cape Town, South África (2019-2020).

brincadeira, em 30 de dezembro de 2009, eu estava me preparando para o ano novo, tinha acabado de ser contratado por uma escola que estava me pagando muito bem, entrei como um professor experiente, respondi para a pessoa que me ligou que eu precisava pensar, mas a pessoa disse que eu precisava responder naquela hora se eu ia querer ou não, mas eu disse que eu precisava de um tempo para pensar e a pessoa me disse que eu teria 5 dias. Era algo muito significativo para mim, porque eu ia abandonar tudo que eu tinha mais ou menos certo, escola particular não temos a certeza de nada, mas eu estava indo bem nas escolas, tinha sido contratado por essa escola em Votuporanga, isso era algo que contava muito, o valor que você era contratado, o valor do passe.

Minha previsão era de que em mais dois ou três anos eu ia conseguir me organizar só em escolas que pagavam muito bem, foi quando eu liguei para um amigo e perguntei o que ele achava e ele me respondeu se eu tinha alguma dúvida se iria aceitar, mas eu tinha dúvida porque o salário era menor. Também liguei para a professora Tatiana⁵⁹, que dava aula em Paranaíba, e perguntei o salário, perguntei também qual era a possibilidade de fechar o curso, porque tiveram aqueles problemas que eles queriam fechar o curso e o Vinícius⁶⁰ me contava dessas coisas. Fiz várias perguntas antes de eu aceitar vir para Paranaíba, cheguei em 29 março de 2010, faz 10 anos que eu estou aqui, hoje eu tenho mais tempo de trabalho na universidade do que eu tenho no ensino básico.

Depois que cheguei aqui fiz o doutorado, o meu terceiro filho Pietro nasceu em 2016, em 2018 eu entrei na coordenação, fiquei por dois anos e fui reconduzido agora para mais dois, também fiz duas pós-graduações.

N: Professor, poderia comentar quais disciplinas leciona ou lecionou na universidade?

T: Um benefício de Paranaíba é que nós conseguimos trabalhar mais ou menos na área em que pesquisamos. A Sabrina e eu, que somos da Educação Matemática, trabalhamos com 95% das nossas disciplinas dentro da área. Aqui em Paranaíba não

⁵⁹ Professora Tatiana Bertoldi Carlos possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2007).

⁶⁰ Professor Vinícius Sanches Tizzo é licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba (2011), mestre (2014) e doutor (2019) em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Rio Claro.

existem aquelas brigas entre a área da Matemática pura e a área da Educação Matemática como ocorre em tantos lugares, mas também somos seis professores da área da Matemática, se brigarmos entre nós vai ficar cada um de um lado, mas nos damos muito bem.

Desde quando eu cheguei aqui em Paranaíba no ano de 2010, não era uma formação em 80% de Matemática e os outro 20% em Educação Matemática, eram bem divididas as áreas, fazendo uma porcentagem é mais ou menos meio a meio, não pode dar meio a meio, porque nós estamos em dois professores da Educação Matemática, contra quatro da Matemática pura, mas têm umas disciplinas que é de um pedagogo, isso dá uma equilibrada.

Tem semestre que damos Didática, não é a Didática da Matemática, mas a Didática da área pedagógica, outros semestres têm que dar Geometria Euclidiana, porque o professor substituto não deu certo. Na coordenação isso é horrível, porque você acaba ficando como coringa, você arruma o horário de todo mundo e fica com a disciplina que sobra no horário, mas são mais ou menos da nossa área.

N: Isso já era assim em 2006?

T: Quando a Silvia ligou para mim, disse-me que as disciplinas eram na área da Educação Matemática, a Silvia era coordenadora e era da área, já vinha uma história de alguém puxando a sardinha para sua brasa, lembro-me que quando eu fui substituto, você também se recorda, pois era aluna, tinha muita dificuldade com os professores, como temos ainda hoje. No primeiro semestre, eu fiquei só com disciplinas da Educação Matemática, mas em uma conversa com a Silvia ela me perguntou se eu não podia dar aula de Geometria no segundo semestre. Ela sabia que eu dava aula de Geometria no colégio, então quando fui substituto eu dei aula de Geometria Linear, isso no primeiro semestre de 2008. Também dei aula de Geometria Analítica, em 2006 não tinha nenhum professor efetivo, o primeiro efetivo que chegou foi o Márcio⁶¹ da Matemática pura.

⁶¹ Professor Marcio Ricardo Alves Gouveia possui graduação em Matemática (bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade de São Paulo (2003) e doutorado em Matemática Aplicada pela Universidade de São Paulo (2008).

Depois, quando eu cheguei como efetivo, as coisas estavam um pouco mais equilibradas. Em 2010 tinha a Sabrina, a Tatiana e a Andréia⁶², e os outros eram professores substitutos, mas logo depois chegou mais um professor de Matemática na vaga do Márcio, que foi o Wendel⁶³, mas também chegou a Elen⁶⁴. Até a Elen chegar eu dei aula de Geometria, acho que isso foi até 2012, mas desde então eu tenho trabalhado com disciplinas da Educação Matemática. Tem uma disciplina que é Metodologia de Pesquisa Educacional, que não é da Educação Matemática, mas é de uma área transversal; tem uma disciplina de Educação Especial, que na minha época chamava Fundamentos e Métodos da Educação Especial, quando eu cheguei dava essa disciplina, porque meu mestrado foi em inclusão. Hoje eu não dou a disciplina porque tem outro professor, que é de uma área correlata, que veio na vaga de Libras, então ele acaba dando essa disciplina para complementar a carga horária dele e eu fico com outras.

Hoje os alunos têm seis Práticas de Ensino, tem essa de Educação Inclusiva, tem uma disciplina que chama Tendências em Educação Matemática que é meio coringa, pois dá para fazer muitas coisas na disciplina, é uma disciplina regular, da área da Educação; tem a Didática e a de Políticas Educacionais, tem Psicologia da Educação, História da Matemática e Libras, acho que deve ter mais alguma que eu esqueci. Eu sei a maioria delas porque eu que faço os horários.

N: Professor, a grade sofreu alterações no decorrer do tempo?

T: Eu não tenho muita lembrança de como era a grade quando eu era professor substituto, a minha percepção do curso na época era muito diferente. A partir de 2010, eu sinto que vamos mudando um pouco, mas a grade em si não mudou muito, na verdade a gente acabou diminuindo um pouco, pois tinham doze disciplinas, tinha duas análises e Introdução a Análise I e II, hoje é só uma então tiveram algumas mudanças.

⁶² Professora Andréia Cristina Ribeiro possui graduação em Matemática (bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2006).

⁶³ Professora Elen Viviani Pereira Spreafico possui graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2007), mestrado (2010) e doutorado (2014) em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas.

⁶⁴ Professor Wendhel Raffa Coimbra possui licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007), mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do ABC (2009) e doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo.

N: Professor, poderia falar sobre o projeto político pedagógico?

T: Eu acompanhei uma reformulação em 2010, depois passou por uma reformulação pequena em 2015 e, depois uma grande reformulação em 2018, que é o que estamos usando agora, foi feito tudo aqui com algumas orientações e diretrizes da universidade, nós que fazemos essas adequações no próprio câmpus.

N: Professor, e qual a sua percepção do curso?

T: A minha formação era de uma faculdade particular, eu não tive ambiente de pesquisa, eu ia para faculdade e tinha aula, não existiam projetos de pesquisa. Na verdade, eu não sabia o que era isso, tinha uma iniciação científica que eu participei uma ou duas vezes, mas não fiz relatório, não fiz artigo, não fiz nada, eu participava porque não tinha ninguém que ia à faculdade, porque os alunos trabalhavam então eu não tive muito acesso a esse tipo de informações relacionadas às pesquisas, a minha área acadêmica na graduação foi muito pouco explorada. Quando eu fiz o mestrado eu dava aula quarta, quinta e sexta e fazia o mestrado de segunda e terça, depois de seis meses eu só ia às segundas-feiras, eu não tive uma participação nos seminários da pós-graduação, tinha aula e fazia a orientação com quem eu precisava, depois ia embora.

Em 2006 eu não sabia o que era uma universidade, essa é a grande verdade, eu não sabia o funcionamento da universidade, fui entender o que era uma universidade a partir de 2010, eu já tinha feito mestrado, já tinha trabalhado em Paranaíba, você foi prova disso, você viveu isso na nossa universidade na época em que ela não tinha cara de universidade. Primeiro, ela funcionava em um colégio, depois, quando foi para o câmpus, a dinâmica era de uma gestão de um grande colégio, então mesmo como substituto parecia que eu estava dando aula em um curso técnico, tanto que eu já tinha lecionado em um curso técnico, eu dava minhas aulas e ia embora, era essa a percepção que eu tinha, eu não sabia o que era uma universidade e, eu não conseguia ter um olhar crítico para falar: “ aqui está faltando tal coisa”, porque eu não tinha o conhecimento.

N: Professor, você comentou sobre a estrutura física do prédio, poderia comentar mais um pouco de como era?

T: A universidade veio para Paranaíba em 2001 por questões políticas. O prédio era da escola Ermírio⁶⁵, pelo que eu entendi tinha sido feito para a universidade inicialmente, mas não deu certo da universidade ocupá-lo, não sei exatamente o motivo, quando foi implantada a universidade ela funcionou uma época na escola Objetivo⁶⁶, uma época no Maria Luiza⁶⁷ e depois no Aracilda, não sei se você estudou nelas. A escola Aracilda tinha uma boa estrutura, era uma escola muito grande, mas não era bem cuidada.

A universidade ficava relegada a dois pavilhões localizados na parte superior da escola. Lembro-me que quando foi para o câmpus a mudança foi grande, de alguém que não tinha quase nada, para pessoas que tinham minimamente um lugar em condições de estudar, só que não tinha nenhuma rua asfaltada que ligasse a cidade à Universidade, a única pavimentação de asfalto que tinha era pela rodovia, mas mesmo assim ainda pegava um trequinho de terra para entrar no câmpus. Hoje, em 2020, em volta da universidade, têm vários bairros ainda com ruas de terra, mas tem várias casas, você estando de frente para a universidade no sentido de voltar para a cidade, três ruas já são asfaltadas. Antes tínhamos que espantar as vacas e correr de cachorros, hoje os cachorros continuam, mas as vacas já não têm mais. Em dia de chuva ninguém conseguia chegar limpo, a avenida que dá acesso do bairro até a universidade tem asfalto, mas não têm calçada, então os alunos que moram por ali têm que ir a pé e andar pela rua. O câmpus melhorou muito, hoje a universidade é outra coisa, construíram a clínica de Psicologia, sabe aquele corredor que acabava no final do banheiro, que tinha mato na parte de trás? Hoje tem mais um pavilhão de dois andares no fundo, continuando naquele corredor, de comprimento ele é metade daqueles que temos. Na parte de baixo fica a biblioteca, muito bem montada para um câmpus que tem três cursos, todos os móveis são próprios de biblioteca, não são aquelas estantes que tínhamos à época em que a biblioteca funcionava em uma sala de aula, hoje é um lugar onde os alunos podem estudar sentados em sofás ou naquelas cabines para estudo individual, tem salas para estudo coletivo, tem muitos

⁶⁵ Atualmente denominada Escola- Estadual Doutor Ermírio Leal Garcia, e foi criada em 1986.

⁶⁶ Prevê-Objetivo, criado em 1955, com a denominação de Educandário Santa Clara. Uma escola particular ainda existente em Paranaíba.

⁶⁷ A Escola Municipal Maria Luiza Corrêa Machado foi criada em 22 de junho de 1993 pelo Prefeito Moacir da Silva Queiroz (1991-1995), instalada no prédio cedido pela Prefeitura Municipal de Paranaíba pelo governo do Estado de Mato Grosso do Sul, onde funcionou a Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa. O prédio da escola também foi sede das Faculdades Integradas de Paranaíba (FIPAR) (de 1995 a 1998).

livros, um acervo com uma quantidade interessante e acesso à *internet* que é disponível para os alunos, ou seja, ficou muito bom.

Os professores ficam em salas divididas com apenas dois professores, não mais numa sala coletiva com várias mesas e que ficavam todos juntos. Houve um tempo que colocaram divisórias naquela sala comum, mas como as salas ficavam abertas na parte de cima, continuávamos a ouvir o que os outros falavam. Naquele cubículo onde ficam dois professores nem cabia direito as duas mesas e as cadeiras. Na sua época ainda era a sala coletiva, foi uma vitória para a universidade, a estrutura ficou muito legal, qualquer sala que você for tem ar condicionado, e no prédio que tem dois andares tem elevador, porque precisa manter a acessibilidade. Tem computador para todos, inclusive eu estou falando com você de um computador que eu uso na coordenação. O pessoal que é de São Paulo vai achar isso um absurdo, mas o nosso estacionamento não é mais na terra, já faz uns cinco anos que são aquelas lajotas sextavadas, o carro não suja, eu não podia nem lavar o carro porque lavava e ia trabalhar, quando voltava ele estava sujo. Quando começou o câmpus ele não tinha nada, hoje está tudo muito bem montado, claro, sempre tem algo a melhorar, mas perto do que já foi, estamos anos luz a frente.

Aquelas árvores de frutinhas que tinham na chegada, elas estão enormes, fazendo sombra, fizeram um jardim embaixo das árvores com bancos, para o pessoal ficar e agora tem cantina. Apesar de tudo isso que foi feito as árvores foram mantidas, não tiraram nenhuma, porque é cheio de burocracia para tirar as árvores. Quem conheceu em 2008 e vê hoje vai achar que é outro lugar. Quando a faculdade começou as pessoas não sabiam o que era a UFMS, hoje ainda tem pessoas que não sabem, vão dizer que é a universidade que fica de frente para o espelho d'água⁶⁸, mas outras já vão dizer que tem outra universidade que é na saída para Minas.

Ainda faltam algumas coisas, como um restaurante universitário, moradia estudantil, mas acho que dificilmente vai ter. Hoje ainda temos dificuldade de manter as pessoas em Paranaíba, temos um pessoal que está faz um tempo, as professoras Andréia e Tatiana talvez não tenham o interesse de sair, pois compraram casa, a filha da Andréia já está casada e tem uma filha e o marido é daqui. Eu estou aqui desde 2010, com os filhos, mas também não tenho interesse em sair, tenho a questão da minha filha que está em Varentim que fica próximo daqui, apesar de ela já ter 17 anos,

⁶⁸ O parque do Espelho D'Água é um ponto turístico da cidade de Paranaíba/MS.

claro que às vezes temos a pretensão de ir para outros lugares, mas vamos ficando, alguns estão de passagem e vem para cá porque é um concurso público, mas na hora que aparece um outro a pessoa vai embora, isso ainda acontece bastante.

Depois que saiu aquele reitor que era da época de vocês, o Però⁶⁹, a outra gestão que entrou tentou manter uma política de cargos, repondo os professores, tanto que o quadro de professores da Matemática está completo, só a Andréia que está na direção e tem um professor substituto no lugar dela, tem outro professor que está afastado para o doutorado e tem um substituto para ele, a professora que era da área da Educação saiu porque ela passou em um concurso para um Instituto Federal, perto da cidade dela que é Presidente Prudente⁷⁰, perto de onde você mora, ela ficava aqui em Paranaíba durante a semana e viajava aos finais de semana, porque o marido morava em Prudente, para a vaga dela ainda não tem um professor efetivo. Essa situação de ter um professor pedagogo, também mudou da época que você estudava aqui.

N: Os professores são oriundos da região?

T: A Andréia, Tatiana, Sabrina e eu somos da região de São José do Rio Preto. O Raildo⁷¹ que está afastado para o doutorado, ele é de Três Lagoas⁷², o Luiz⁷³, que é mais recente, é de Ilha Solteira⁷⁴, hoje os professores em sua maioria são do noroeste de São Paulo, tirando o Raildo. Em 2006, era só a Silvia que tinha vindo de Aquidauana⁷⁵, se eu não me engano, eu não me lembro qual a cidade que ela estava antes de vir para Paranaíba, mas a família dela é de Rio Claro, hoje ela está em Ilha Solteira, o Márcio era de Cosmorama⁷⁶, tinha vários professores substitutos que eu

⁶⁹ Manoel Catarino Paes Però foi reitor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul por dois mandatos – 26/10/2000 a 25/10/2004 e 25/10/2004 a 7/11/2008.

⁷⁰ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 357 km de Paranaíba/MS.

⁷¹ Professor Raildo Santos de Lima é bacharel em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mestre em Matemática pela Universidade Federal de Uberlândia e doutorando em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual Paulista.

⁷² Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 178 km de Paranaíba/MS.

⁷³ Professor Luiz Fernando de Souza Freitas possui graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Ilha Solteira (2009), mestrado (2012) e doutorado (2018) em Matemática Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas.

⁷⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 170 km de Paranaíba/MS.

⁷⁵ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 141 km da capital Campo Grande.

⁷⁶ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 207 km de Paranaíba/MS.

não lembro o nome. Lembro-me do arquiteto Jean Gleick⁷⁷, do Barbosinha⁷⁸, que deu aula muito tempo conosco, pois ele foi ficando como professor voluntário até que ele não conseguiu mais conciliar. Também tinha o Reginaldo⁷⁹ que era de Carneirinho⁸⁰, teve o engenheiro que era paraguaio, depois disso ele fez uns dois anos do curso de licenciatura em Matemática conosco, mas não terminou. Tinha o Marco⁸¹, a Cidinha⁸² que hoje é diretora da escola Aracilda, o Douglas⁸³ que fez mestrado e doutorado em Rio Claro e que hoje é professor substituto aqui, já faz um ano, ele está no lugar da professora de pedagogia. Em 2007, chegou a Andréia, em 2009 chegaram a Tatiana, a Sabrina e a Luzia, então a partir de 2009 as coisas deram uma melhorada boa, apesar de que saiu a Silvia e o Marcio, mas teve uma reposição.

N: E os alunos são oriundos da região?

T: Aproximadamente 80% dos alunos são de Paranaíba, uns 10% ou 15% são alunos da região de Inocência⁸⁴, Aparecida do Taboado⁸⁵, Iturama e Carneirinho, Cassilândia é mais difícil de vir para Paranaíba, faz tempo que não vem ninguém de lá, porque tem o curso de Matemática. O estudante não vai sair de Cassilândia para vir estudar aqui, uns 10% mais ou menos vêm morar aqui, eles são principalmente de São Paulo e de Minas.

Até 2014, se eu não me engano, era vestibular então ficava mais difícil vir o pessoal de fora, eu lembro que no último vestibular entraram apenas 14 alunos, porque já não tinha mais candidatos, apenas a Andréia⁸⁶ e o Odécio⁸⁷ se formaram. O Odécio hoje é meu orientando de mestrado na UFMS de Campo Grande e a Andréia

⁷⁷ Jean Gleik Martins Carvalho é arquiteto e urbanista.

⁷⁸ Professor José Barbosa de Barros possui graduação em licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática pela Faculdade de Educação Ciências e Letras Dom Bosco de Monte Aprazível (2000).

⁷⁹ Regis Flávio Alves De Queiroz.

⁸⁰ Cidade do estado de Minas Gerais, localizada aproximadamente a 58 km de Paranaíba/MS.

⁸¹ Professor Marco Antonio Okazima.

⁸² Professora Maria Aparecida de Andrade.

⁸³ Professor Douglas Gonçalves da Silva possui licenciatura em Matemática (2002) pelo Centro Universitário de Santa Fé do Sul/SP e Magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério pela Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa de Paranaíba-MS (1998). Possui mestrado (2015) e doutorado (2019) em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista- Câmpus de Rio Claro/SP.

⁸⁴ Cidade do estado de Minas Gerais, localizada aproximadamente a 88 km de Paranaíba/MS.

⁸⁵ Cidade do estado de Minas Gerais, localizada aproximadamente a 54 km de Paranaíba/MS.

⁸⁶ Professora Andréia Borges de Freitas.

⁸⁷ Professor Odécio Junior Batista Martins possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Paranaíba (2013) no momento cursa o Mestrado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande.

é professora do estado, sendo assim acredito que tinha uma demanda local para formação, pois não existia curso de Matemática, então veio uma universidade e as pessoas que tinham vontade de fazer fizeram e os alunos foram diminuindo.

Depois que a porta de entrada mudou para o Sisu⁸⁸ o aluno fica na *internet* mudando de curso até conseguir um. Desde quando começou, conseguimos formar turmas com quarenta alunos ou mais no primeiro ano, geralmente, se faz cinco ou seis chamadas até completar as vagas, sobra uma ou duas que são preenchidas por portador de diploma ou por transferência. Aumentou o número de alunos, não de maneira espetacular, mas melhorou.

A possibilidade de não precisar sair da cidade dele para vir fazer o vestibular melhorou, porque as pessoas conseguem vir de outros lugares, tanto que tivemos alunos de Campinas⁸⁹, São Carlos⁹⁰ e Rio Preto. Por conta do Sisu o custo diminuiu, pois o aluno não gasta mais com a inscrição do vestibular e nem com a estadia de quando prestava o vestibular, eu acho que melhorou depois que mudou para o Sisu.

N: Professor poderia comentar sobre o reconhecimento do curso?

T: O curso, se não me engano, foi reconhecido em 2006.

N: Poderia falar o motivo da escolha do curso de Matemática para Paranaíba?

T: Não sei se teve uma escolha estratégica, porque nem o pior estrategista iria trazer três cursos tão distantes um do outro. Temos Administração, Matemática e Psicologia, cursos tão longe um do outro que quando um grita o outro não escuta. Eu acho que essa escolha foi aleatória, como quase tudo o que aconteceu no início, não houve nenhuma divisão específica. Você lembra que a nossa secretaria durante muito tempo atendeu as pessoas pela janela, não tinha um balcão, porque não teve ninguém para direcionar como deveriam ser as coisas, acho que em nenhum aspecto teve algo estratégico.

Acredito que não foi uma escolha estratégica, até hoje isso é um problema porque não conseguimos montar um programa de mestrado, pois precisa de doze ou quatorze pessoas de uma mesma área para conseguir. Se fosse da área de saúde

⁸⁸ O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado do Ministério da Educação, onde as instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidatos que participaram do Enem.

⁸⁹ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 613 km de Paranaíba/MS.

⁹⁰ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 471 km de Paranaíba/MS.

podia montar o mestrado na saúde, se fosse na área de negócios podia montar na área de negócios, se fosse na área de licenciatura e tivesse mais cursos na área como Física e Química podia talvez montar na área de Ensino. Agora vai ter Contabilidade e a coisa começa a ter algum sentido. Eu vejo o câmpus crescendo para três pontos distintos, tenho muitas dúvidas se vai crescer para a área da licenciatura, acredito que não. O que eles tentam fazer, o que para mim é engraçado, é atrelar a Matemática e a Engenharia, as pessoas entendem que se trazer um curso de Engenharia vai ter alguma ligação com o nosso curso de Matemática, inclusive eu cansei de falar que o nosso curso forma professores, não é um curso que forma matemáticos puros, ou os que trabalham nas áreas aplicadas, a única coisa que vai melhorar se vir o curso de Engenharia é que se algum professor tiver com carga horária baixa, vai ter alguma aula de Cálculo na Engenharia. Já tentei argumentar que podia trazer alguma licenciatura de Biologia, talvez seja o que vai vir no lugar dessa Medicina Veterinária que eu acho difícil de vir, talvez venha Biologia e dê para fazer alguma coisa no Ensino de Ciências.

N: Professor, e sobre o perfil do aluno?

T: Essa é outra discussão entre nós, por um tempo os professores queriam que os alunos saíssem preparados para um mestrado em Matemática pura, acho que você passou por alguns momentos desses, o professor que veio para substituir o Márcio tinha mais ou menos a mesma percepção dele, a nossa discussão era que o curso é de formação de professores, então temos que ter o aluno com um perfil de professor, o aluno que, quando formado, vai trabalhar na escola e não um cara que vai sair para entrar em um mestrado de Matemática pura ou aplicada. O aluno que tiver interesse na Matemática pura que vá procurar as atividades extracurriculares.

Vou falar de uma aluna, se não me engano ela fez Análise Real três vezes porque foi reprovada. A discussão foi, que nível de exigência na área de Análise estávamos imprimindo aos alunos? Qual é o nível de exigência em Análise, do professor de Matemática, que a escola precisa? Temos que equalizar isso, porque não é possível que as pessoas daquela turma que entraram em quarenta alunos, se formarem no tempo certo apenas três. Eu explicava que seria interessante ter alunos que optassem pela Educação Matemática, por exemplo, um doutor na área consegue fazer discussões importantes. O que estava ocorrendo era um curso tão puxado que chegava a ser acima do necessário, que só conseguia passar 10% da turma. Eu falei

desta aluna porque ela passou no mestrado em Educação Matemática em Rio Claro, hoje ela faz doutorado, não sei se isso é bom para ilustrar, mas eu quis dizer que ela ficou três semestres para fazer uma disciplina e tinha potencial para várias outras coisas que talvez tivesse mais a ver com a sala de aula.

Hoje o corpo docente entende muito mais essa questão de que estamos formando professor, tanto que eu acredito que estamos mais próximos dessa formação, mas não que eu acho que esteja certo, porém está mais próximo do que eu acho que deveria. Se o aluno quiser voltar a sua formação para a área da Educação Matemática, da Matemática pura ou até mesmo da pesquisa, ele pode buscar isso nas atividades extracurriculares, mas a faculdade ela tem que oferecer para o aluno o nível básico em todos os campos para que depois ele opte e escolha qual área ele deve seguir.

Em 2020 temos vários egressos dando aula, outros foram para a área da Educação Matemática, por exemplo, não sei se você conhece a Natalia⁹¹, que é egressa de 2008, o Anderson, o Washington, o Vinícius, a Ronilce⁹², o pessoal que está em Campo Grande, o Odécio, o Eduardo⁹³ e a Suele⁹⁴ e, tem o João Paulo⁹⁵ que começou comigo e talvez volte, mas tem os que foram para Matemática pura ou

⁹¹ Professora Natalia Cristina da Silva possui licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba (2008), mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande (2016) no momento é a principal autora desta pesquisa de doutorado que vem sendo desenvolvida pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Bauru.

⁹² Professora Ronilce Maira Garcia Lopes é licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Paranaíba (2013), mestre em Educação Matemática (2016) e no momento cursa o Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista – câmpus de Rio Claro.

⁹³ Professor Eduardo Mariano da Silva é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus Paranaíba (2017); mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2020), no momento cursa o doutorado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande.

⁹⁴ Professora Suele Lopes Pedroso possui licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba, no momento cursa o mestrado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande.

⁹⁵ Professor João Paulo Fernandes de Souza possui licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba; mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande.

aplicada como o Milton⁹⁶, o Wállef⁹⁷ e o Vinicius⁹⁸. O Paulo Toro⁹⁹ que está querendo vir para Matemática aplicada. Como eu sou professor do programa de Campo Grande, os alunos acabam interessando-se pela área da Educação Matemática.

N: Professor, poderia comentar sobre o tempo que os professores têm para dedicar-se à pesquisa e à extensão?

T: Como eu te disse, em 2006 não tinha essa percepção, eu era substituto e ganhava, à época, 450 ou 460 reais por 12 aulas, hoje o salário de um substituto é outra realidade, ele recebe praticamente igual ao professor efetivo, só que ele tem que ter pelo menos 12 horas aulas, mas a universidade pede para que o deixemos com 16 horas aulas. Em relação à pesquisa e à extensão, o substituto tem uma qualidade bem inferior ao do efetivo. Quando eu cheguei em 2010, tínhamos 12 horas aulas a ser cumprida, isso para quem tem um projeto de pesquisa cadastrado. Eu, por exemplo, como estou na pós-graduação tenho menos aulas, com a coordenação tenho um pouco menos ainda, mas o professor normal tem 12 horas a serem cumpridas em sala de aula. Geralmente, são três disciplinas, os professores têm dedicação exclusiva e 40 horas de trabalho, então o resto eles têm que equilibrar entre as atividades administrativas, pesquisa e extensão. Claro que poderiam ser 8 horas aulas, assim o professor teria mais condições de fazer um trabalho de qualidade, porque você tem que preparar essas aulas, você gasta mais ou menos umas duas horas para preparar as suas quatro aulas da noite, temos as reuniões de colegiado, no final não sobra tanto tempo para produzir, fazer pesquisa, escrever artigo e, como somos obrigados a fazer, todo mundo trabalha muito mais de 40 horas.

N: A UFMS tem interação com outras universidades?

⁹⁶ Professor Milton Gabriel Garcia dos Santos possui licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba (2009), mestre pela Universidade Federal de Goiás (2011).

⁹⁷ Professor Wállef Januário Pereira da Silva é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Paranaíba, mestre e doutor em Matemática pela Universidade de Brasília.

⁹⁸ Vinicius Renan Araújo é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus Paranaíba (2019).

⁹⁹ Professor Paulo Felipe Toro é graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus Paranaíba (2019), mestre pela Universidade Estadual Paulista – Botucatu. Atualmente cursa Medicina.

T: Existe alguma interação entre a UEMS e a UFMS, os professores da UEMS fazem algumas coisas com os professores da UFMS, eu, por exemplo, estou no programa de pós da UEMS, mas eu não vejo nada que eu possa falar que só conseguiu alguma coisa porque a UEMS ou a FIPAR¹⁰⁰, ou alguma outra que veio aqui e ajudou. Eu posso dizer que no início o governo estadual deu alguma ajuda, acho que a secretária era cedida do estado, a faculdade funcionava no prédio da escola do estado, na época o município ajudava com um dinheiro que era mandado para a universidade, mas fora isso não vejo essa relação mais institucionalmente, talvez eu não consiga ver isso porque eu fico mais no âmbito local.

N: Professor, poderia comentar sobre a política?

T: A universidade já sofreu mais, em um momento que talvez as pessoas eram mais ligadas ao poder sofria mais interferência. Por exemplo, esse curso de Medicina Veterinária é político. Um político não ia gastar o seu nome em um curso de licenciatura em Matemática, licenciatura em Pedagogia, quis fazer um curso de Medicina Veterinária que vai beneficiar a quem? Vai beneficiar toda a região que tem os fazendeiros, a população mesmo não vai ser beneficiada diretamente, a vinda desse curso, que eu não sei se vai vir, é uma questão política.

À época, o deputado, senador e sei lá quem comprou essa ideia, porque era algo que ia beneficiar politicamente, depois disso o prefeito, que era o Tita,¹⁰¹ usou isso como uma questão política, a prefeitura comprou uma propriedade ao lado da universidade, isso porque ele tinha interesse. O Professor Netto voltou para a universidade como professor efetivo e se posicionou contrário à vinda do curso de Medicina Veterinária, em um determinado dia o Netto e o Tita se encontraram em uma lanchonete e começaram a discutir, e o prefeito deu um tapa no rosto do Netto, porque ele era contrário à vinda do curso.

A política usa a universidade, se juntarmos todos os discursos dos prefeitos de 2001 até hoje todos eles são responsáveis pela vinda e manutenção da universidade, todos eles falam. Já houve mais interferência da prefeitura, houve também uma época

¹⁰⁰ Faculdades Integradas de Paranaíba foi criada no ano de 1995. Atualmente exerce suas funções. Oferecendo os cursos de: Administração, Ciências Contábeis, Direito e Pedagogia.

¹⁰¹ Diogo Robalinho de Queiroz, mais conhecido como Diogo Tita, se elegeu pela primeira vez para o cargo de prefeito de Paranaíba em 1996, reelegendo-se na eleição seguinte. Em outubro de 2010 Tita foi convocado para assumir cargo de deputado na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul. Em abril de 2013 renunciou seu cargo de deputado para assumir a prefeitura de Paranaíba, pois o atual prefeito e vice haviam sido caçados de seus respectivos cargos.

que a diretora não era eleita, era uma diretora nomeada e isso gerava problemas. Hoje a dinâmica está um pouco diferente, não sei exatamente o porquê, se é pelo fato do corpo de funcionários estarem mais sólido, nunca fiz essa análise política do motivo da política local, regional e estadual ter uma atuação menor no câmpus. Vamos dizer que a politicagem, não vou nem dizer política, diminuiu um pouco, também acho que o prefeito atual não tem um perfil de político, ele nunca tinha sido político e ganhou as eleições. Então, talvez por isso que ele não tenha essa estratégia, até por falta de experiência política, não é nada bom usar das coisas para beneficiar a própria imagem.

N: Qual sua percepção do movimento de criação dos cursos de Matemática na região?

T: Então, eu não acho que o curso foi um diferencial para a região, pois aqui é muito próximo da divisa com o estado de São Paulo, os professores provavelmente buscavam suas formações em Três Lagoas e Cassilândia. O curso contribuiu para a cidade, mas se formos pensar já existiam nas cidades que citei, acredito que os docentes buscavam formações em outras regiões também.

N: O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?

T: Não, acho que não.

N: Teria o nome de alguém para me indicar?

T: A Andréia seria uma pessoa interessante, porque ela está aqui desde 2007, ela é a mais antiga, ela passou como coordenadora do curso e agora está como diretora do câmpus, ela tem condições de explicar umas coisas que eu não consegui explicar direito.

N: Eu agradeço ao senhor pela sua atenção, muito obrigada por conversar comigo. Como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que leia e acrescente, ou retire, o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.

T: Tá certo.

N: *Obrigada e uma boa noite.*

T: Tchau, um abraço.



Fonte: arquivo das redes pessoais da professora

PROFESSORA
SILVIA REGINA
VIEIRA DA SILVA



PROFESSORA SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA

Natalia: *Bom dia! Hoje, dia 12 de novembro de 2020, vamos falar com a Professora Silvia Regina que esteve envolvida com o curso de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – câmpus de Paranaíba. Professora, muito obrigada por ter aceitado o convite para conversar conosco. É comum, em nossas pesquisas, pedirmos que o nosso colaborador se apresente da forma que queira ser apresentado em nosso trabalho. Então, peço que a senhora se apresente.*

Silvia: Eu que agradeço por estar colaborando com você, uma aluna que conviveu comigo em Paranaíba em momentos bem difíceis.

Meu nome é Silvia Regina Vieira da Silva. A parte do ensino básico eu estudei em São Paulo¹, quando meu pai se aposentou fomos para Rio Claro², fiz a oitava série, que hoje é o nono ano, e o ensino médio em escolas públicas de Rio Claro, não fiz nada na escola particular.

O que marca para mim na questão do ensino médio é que era uma escola que tinha laboratórios, teatro e uma sala especial para Desenho. Tive aula de Desenho três anos em sala com prancheta, então a minha afinidade com Desenho é por conta dessa influência, deixei de pegar aulas na disciplina de Desenho aqui em Ilha Solteira³, porque tem pessoal específico.

Tinha laboratório de Física, Química e de Biologia, muito bom! À época, havia concorrência para estudar nessa escola. Eles faziam um vestibulinho, ainda não tinha essa história de divisão por bairro como tem hoje, as pessoas se matriculavam onde elas queriam, mas se a escola era concorrida, ela fazia uma prova - parecia com o vestibular, para autorizar a matrícula do aluno. Eu fiz essa prova e passei.

O ensino médio fiz na década de 1980. Um ano antes de eu entrar teve aquela história de que já direcionava, você fazia o clássico em exatas, humanas ou biológicas.

¹ A cidade de São Paulo é a capital do Estado de São Paulo, sendo o mais importante centro econômico do Brasil, possui cerca de 12 milhões de habitantes (IBGE, 2016).

² Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 177 km da capital São Paulo.

³ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 170 km de Paranaíba/MS.

Eu peguei a primeira turma de científico⁴ na escola Joaquim Ribeiro⁵. O ensino médio não era obrigatório ainda, agora já é obrigatório, mas eles ainda não encontraram mecanismos para cobrar essa obrigatoriedade, porque não tem como, quando é no ensino fundamental chama conselho tutelar, mas como que você vai chamar o conselho tutelar se a pessoa pode trabalhar? Penso que eles não encontraram mecanismos de segurar os adolescentes, uma forma de segurar é o ensino integral, mas mesmo assim os alunos podem evadir.

Interessante a minha Matemática do ensino médio, foi a pior disciplina, porque as professoras efetivas, Miriam⁶, que posteriormente se tornou professora da UNESP⁷, e Ema⁸, que não sei se está viva, estavam afastadas para fazer o mestrado, e então as aulas eram com substitutos, tinha substituto que se você soubesse o versículo da bíblia ganhava ponto positivo, foi muito ruim! A professora de Desenho dava aula de Matemática também. Ela ensinava Desenho, mas justificava com demonstrações Matemáticas. Eu aprendi Matemática na aula de Desenho [risos].

Prestei o vestibular logo após o terceiro ano do ensino médio e passei. Fiz a graduação em Rio Claro mesmo, porque se tivesse que sair minha família não teria condições de arcar e, na época, não tinha os auxílios sociais que hoje tem. Então ou eu passava ou deveria começar a trabalhar. Mas passei, comecei a fazer, mas não terminei em quatro anos, fiz em cinco. Na época era uma licenciatura 3+1⁹, as disciplinas de Matemática fazíamos com o pessoal do bacharelado, então, obviamente que os professores “esqueciam” que éramos da licenciatura. Na época, nem cogitamos falar que para licenciatura deveria ser com foco diferente, aceitávamos e pronto. Falo isso hoje e as pessoas que são da área da Matemática acham que na licenciatura tem que ser mais fácil, não é isso, hoje tenho noção da diferença que faz.

⁴ A professora está se referindo o que atualmente corresponde ao ensino médio, porém o ensino científico foi criado pela Lei 4.244 de 9 de abril de 1942, conhecida como a Reforma Capanema. Conforme esta lei o científico faria parte do ensino secundário e teria ênfase nas disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia.

⁵ Criado como Instituto “Joaquim Ribeiro” em 1926, atualmente é denominado de Escola Estadual Joaquim Ribeiro.

⁶ Professora Miriam Godoy Penteado é graduada em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Mestre em Educação Matemática pela UNESP, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; pós-doutorado na Universidade de Bristol, Inglaterra e Livre docência em Educação Matemática, pela Universidade Estadual Paulista, IGCE.

⁷ Criada em 1976 a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho é uma universidade pública brasileira, com atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à sociedade.

⁸ Não encontramos mais informações sobre a professora.

⁹ Segundo Martins-Salandim (2012) o modelo “3+1” constituía que as disciplinas de conteúdo específico ocupam os três primeiros anos do programa e as pedagógicas ficam para o último ano de formação.

Fiz a graduação e durante esse período tive a oportunidade de fazer iniciação científica com um professor da Matemática. Ele morreu faz uns dois anos, Gilberto Francisco Loibel¹⁰, uma pessoa que foi referência na parte de “Matemática pura”. Por conta dessa iniciação científica, apesar de ter gostado muito das ações educacionais da licenciatura que vivemos no último ano, eu acabei indo fazer mestrado na USP¹¹ São Carlos.

Infelizmente, ao contrário do que eu pensava, não foi uma experiência muito agradável. Terminei como um desafio, queria mostrar para alguns matemáticos que eu tinha condições técnicas de fazer o curso. Mas, na realidade, eu não me identifiquei com o comportamento dos professores, a forma como eles agiam. Foi o momento em que despertei em relação a não aceitar mais alguns comportamentos. Por exemplo, em uma disciplina de Topologia, o professor, quando íamos tirar dúvida na sala dele sobre alguma lista que ele deixava, antes de responder ele pegava um caderno velho, com folhas amarelas, lia na nossa frente, e depois respondia o que tínhamos perguntado. Então esses comportamentos começaram a me incomodar. Durante o mestrado eu tive problemas de saúde, e não terminei no prazo, mas terminei bem, pois meu trabalho teve repercussão no grupo da UNICAMP¹², fiquei satisfeita, com meu ego lá em cima, queria esfregar na cara das pessoas que achavam que eu não tinha condições técnicas.

Depois dessa experiência não queria continuar na Matemática. Terminei como um desafio pessoal e, como não terminei no tempo certo, acabei tendo que dar aula, porque a bolsa acabou e o desenvolvimento da dissertação não. Lecionava em uma escola que ficava localizada em um bairro periférico de São Carlos¹³. No início a escola não tinha prédio e o diretor, para forçar o governo do estado, acabou utilizando as salas de um cemitério. Quando fui “pegar aula” tinha muita gente, pensei: “não vou conseguir pegar aula, danou-se, como que eu vou sobreviver?” Porque minha família não tinha como me ajudar, aliás eu que ajudava. Para tentar “pegar aulas” a gente ficava numa fila por ordem de chegada, quando chegou um determinado momento,

¹⁰ Professor Gilberto Francisco Loibel (1932-2013) era licenciado e bacharel em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP no ano de 1955. Em 1959 defendeu sua tese de doutorado, fez pós-doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA), entre 1960 e 1962. O professor escreveu o primeiro livro sobre Teoria de Singularidades no Brasil.

¹¹ A Universidade de São Paulo - USP é uma das instituições públicas de ensino superior mais importante do Brasil, pois é responsável por grande parcela da produção científica do país.

¹² Universidade Estadual de Campinas foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966.

¹³ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 63 km de Rio Claro/SP

todos que estavam na minha frente saíram e eu consegui “pegar” todas as aulas à noite, eu fiquei super feliz [risos]. Mas, depois eu descobri o motivo: aulas no cemitério. Apesar dessa situação, essa experiência foi boa, para que eu pudesse pensar na condição que viviam aquelas pessoas, o cemitério era o de menos, eles estavam na escola. E detalhe, a aula era à noite, durante o dia eu ficava na USP. As aulas durante o dia estavam relacionadas aos anos iniciais do ensino fundamental.

Sempre tinha alguém com carro que dava carona até o centro da cidade, onde eu conseguia um ônibus que passava na frente da minha casa. Foi uma experiência muito boa. Na época não tinha demanda de aluno de quinta a oitava série, que hoje é do sexto ao nono. Os alunos em geral trabalhavam, ainda não existia a proibição de trabalho, tinha aluno catador de laranja, vendedor de picolé e outras coisas. Lecionei no supletivo também, tinha todo tipo de gente. Durante o dia só funcionava do pré¹⁴ até a quarta série¹⁵, e essa molecada ia à noite. Eram todos do bairro, tudo pertinho, não tinha problema. A questão era que estávamos em um local não adequado, mas foi uma experiência muito boa, uma experiência de processo de humanização. Na graduação o processo de humanização teve início com as aulas do professor Carrera¹⁶, quando a gente ministrou um curso como forma de desenvolver o estágio curricular. Isso foi na universidade, foi uma experiência muito boa, me marcou. Depois foi a história num bairro bem periférico. Fiquei sabendo recentemente que agora estão com problema de tráfico naquele bairro, uma pena! Uma realidade diferente, à época eu não percebia nada disso, era tranquilo nesse sentido.

Enquanto eu estava terminando o mestrado eu fiz vários concursos e um deles foi o da UFMS¹⁷, enquanto eu ainda fazia o mestrado. Mas como havia sido classificada em terceiro lugar, não fui chamada em 1994, logo que o concurso aconteceu. Quando terminei o mestrado entrei em contato com a instituição, para saber se ainda existia possibilidade de eu ser chamada, pois o concurso estava prestes a perder a validade. Quem estava lá em Corumbá, como chefe, era o Renato

¹⁴ Atualmente esta etapa de ensino corresponde a educação infantil obrigatória das crianças de 4 e 5 anos de idade.

¹⁵ Atualmente esta etapa de ensino corresponde ao 5º ano do ensino fundamental.

¹⁶ Professor Antonio Carlos Carrera de Souza possui graduação em licenciatura em Ciências pela Universidade Católica de Santos (1971), graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Santos (1975), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1986) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1992).

¹⁷ A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) iniciou suas atividades em 1962 no ainda estado de Mato Grosso uno. Com a separação do Estado de Mato Grosso, foi concretizada a federalização da instituição que passou a denominar-se Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Nogueira¹⁸, que faleceu naquele acidente em que o Ronaldo¹⁹ estava junto. Ele, considerando o meu contato, agiu politicamente para me chamarem, argumentando que eu tinha feito mestrado. Então me chamaram.

Assumi em janeiro de 1996 na UFMS de Corumbá²⁰, não em Paranaíba²¹. Comecei em Corumbá, fiquei quatro anos e depois me afastei para fazer o doutorado na Unesp de Rio Claro, em Educação Matemática, com o professor Carrera em Rio Claro. Na época, fiz parte de um programa federal de incentivo aos professores em relação à pós-graduação, então me afastei com salário e bolsa. Fiquei quatro anos afastada “só” fazendo doutorado.

O doutorado, para mim, foi um divisor de águas, tanto na questão de capacidade técnica, porque fazer mestrado em Matemática é totalmente diferente de fazer a pós-graduação em Educação Matemática, quanto com relação à História da Educação e conscientização política. Na realidade eu tive que criar outros hábitos logo no primeiro semestre, pois segui a orientação do meu orientador que disse: “Faça logo as três disciplinas que faltam para você completar”. E enquanto eu fazia as disciplinas, conversando com o pessoal, percebi que “isso” não era costume, fazia-se uma disciplina em cada semestre. Eu pedi equivalência de conteúdo, então só faltava para mim três disciplinas em educação, mas eram três disciplinas!

Terminei o semestre querendo ficar um tempo sem ler nada, porque foi um choque bastante grande. Fiz uma disciplina com o Carrera, uma com o Paulo Henrique²², acho que Teorias do Conhecimento, e outra com a Lúcia²³, Estatística na

¹⁸ Professor Renato Gomes Nogueira (1960-2008) atuava na Universidade Federal da Grande Dourados, faleceu em um trágico acidente automobilístico na BR 163 entre Campo Grande/MS e Dourados/MS. Era licenciado em Matemática pela UFMS (1984-1987), mestre em Educação Matemática pela UNESP - Rio Claro (1994), estava cursando seu doutorado em educação pela UFMS - Campo Grande (PAIS; FREITAS; BITTAR, 2008). Disponível em: < file:///C:/Users/natyc/Downloads/2798-Texto%20do%20artigo-8722-1-10-20161205.pdf >. Acesso em: 10 ago. de 2021.

¹⁹ Professor Ronaldo Marcos Martins (1976-2008) atuava na Universidade Federal da Grande Dourados e estava fazendo parte do grupo de estudos no programa em Educação Matemática da UFMS – Campo Grande, faleceu em um trágico acidente automobilístico na BR 163 entre Campo Grande/MS e Dourados/MS. Era licenciado em Matemática pela UNESP – Bauru, mestre (2001) e doutor (2007) em Educação Matemática pela UNESP – Rio Claro (PAIS; FREITAS; BITTAR, 2008). Disponível em: < file:///C:/Users/natyc/Downloads/2798-Texto%20do%20artigo-8722-1-10-20161205.pdf >. Acesso em: 10 ago. de 2021.

²⁰ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 1276 km de Rio Claro/SP.

²¹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 534 km de Rio Claro/SP.

²² Paulo Sérgio Emerique.

²³ Professora Maria Lúcia Lorenzetti Wodewotzky possui doutorado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (1974), e livre-docência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1998).

Educação. Na época que eu consegui aprender Estatística, na graduação foi uma das disciplinas que não fui muito bem.

Durante o desenvolvimento do doutorado, teve início o meu processo de esclarecimento, para entender algumas situações que tinham acontecido na graduação que tinha como característica o modelo 3+1 e depois o mestrado em Matemática. Ambos não me abriram muitos horizontes em relação à educação, política e muitas coisas. Então para mim o doutorado em Educação Matemática foi um divisor de águas.

Na época tinha três etapas de seleção - a Ivete²⁴ fez junto comigo -, fizemos prova teórica sobre um conteúdo de Matemática, redação sobre tema proposto, defendemos o projeto enviado na inscrição e fizemos prova de línguas, que não desclassificava. Meu projeto tinha ainda um “ranço” de Matemática, construção de material didático envolvendo Topologia, mas mudou totalmente.

Fiz parte do início do GH OEM²⁵ por meio do professor Carrera, também tinha o Vianna²⁶ e o Vicente²⁷. Pelo o que eu vejo dos trabalhos que estão saindo do grupo hoje, estão diferentes, já ampliaram as perspectivas, estão em um processo de evolução diferente, que eu acho muito legal.

O projeto novo foi uma experiência muito boa, porque me auxiliou a conhecer as histórias dos professores, complementando o meu processo de conscientização, então foi muito legal.

Terminei o doutorado e voltei para Corumbá, mas por uma situação adversa. Enquanto eu estava fazendo o doutorado, um amigo muito querido de Três Lagoas,

²⁴ Professora Ivete Maria Baraldi foi licenciada em Ciências com Habilitação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Unesp - de Bauru - SP (1992), mestre (1996) e doutora (2003) em Educação Matemática pela Unesp - Rio Claro, SP. Infelizmente a professora foi uma das vítimas da pandemia de COVID-19 que nos assola desde o ano de 2019, faleceu em 18 de janeiro de 2020, a mesma era a orientadora deste trabalho de pesquisa.

²⁵ Grupo de História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002, cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP - é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), atua nas seguintes Linhas de Pesquisas: Análise de livros didáticos - Hermenêutica de Profundidade; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de Professores: Pesquisa e Intervenção; Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/ghoem>. Acesso em: 10 ago. de 2021.

²⁶ Professor Carlos Roberto Vianna é licenciado em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (1980), mestre (1995) e doutor (2000) em educação pela Universidade de São Paulo.

²⁷ Professor Antonio Vicente Marafioti Garnica é bacharel em Matemática (1984) pela UNESP de Rio Claro, mestre (1992) e doutor (1995) pelo Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro e pós-doutorado na Indiana University – Purdue University de Indianapolis (EUA).

que nos queria mais perto, descobriu por meio da Marlene Durigan²⁸, que precisavam de algum professor efetivo da Matemática para assumir o curso em Paranaíba, pois não tinha nenhum efetivo e a comissão do MEC²⁹ estava para visitar o câmpus. Já havia passado outras pessoas por lá e ninguém tinha ficado.

Ele me colocou em contato com a Marlene que me perguntou se havia interesse de remoção para Paranaíba, que poderia ser viabilizada a bem da instituição, considerando a situação. Não precisaria fazer pedido de remoção e, de brinde, eu assumiria a direção, pois a professora Marlene pretendia deixar a direção. Mas as conversas cessaram e eu tive que voltar para Corumbá, o que me causou estranhamento, porque parecia algo necessário e urgente. Em Corumbá, visando entender o que havia acontecido, entrei em contato com a reitoria e descobri que a Marlene não estava mais na direção, outra pessoa assumiu a direção, mas ainda havia interesse na minha remoção. Depois descobri que a nova direção havia conseguido o cargo politicamente e tinha um pouco de incerteza com relação a minha remoção, porque me associava com a Marlene. Eu fiquei com a impressão que ela só me deixou ir para Paranaíba porque conversou com alguém que a informou que eu era “pau para toda obra³⁰”, porque eu me envolvia com muita coisa, trabalhava muito, gestão inclusive. Acabei conversando com a Marlene que me informou da situação: “Mudaram as coisas, aconteceu isso, isso e isso, agora você tem que conversar com tal pessoa”. Quando ela me explicou o que havia acontecido, pensei que não daria certo.

Eu gostava muito de Corumbá, vivi muitos momentos bons lá, mas estar em Rio Claro no doutorado mostrou que a distância dos nossos parentes era muito grande. Eram dezessete horas de carro até Rio Claro, às vezes não tinha voo por causa das queimadas, então se precisássemos ir rapidamente para Rio Caro, não teria como. Por exemplo, se estivéssemos em Corumbá quando minha sogra faleceu, não teríamos ido ao enterro. E isso pesou na hora de escolher.

²⁸ Professora Marlene Durigan possui graduação em licenciatura Plena em Letras Português Inglês pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1977), graduação em Licenciatura Plena em Letras Português Alemão pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1978), mestrado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1991) e doutorado em Letras Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995).

²⁹ O Ministério da Educação foi criado em 1930, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder.

³⁰ Expressão popular utilizada para dizer que alguém está sempre disposto a ajudar e nunca nega serviço.

Enfim, saiu a remoção e fomos eu e minha família para a Paranaíba. E quando a diretora me viu, grávida, a fisionomia dela mudou completamente. Cara de decepção! Acredito que se ela soubesse que eu estava grávida não teria dado andamento na remoção.

O objetivo da remoção era receber a comissão do MEC, mas apesar de conseguir organizar algumas “coisas”, não daria tempo de mudar o que já havia acontecido. Por exemplo, os alunos haviam tido aulas com professores de Matemática que ministravam aulas na rede sem especialização e sem mestrado, não tinha nada. Além disso, as disciplinas não haviam sido desenvolvidas da maneira adequada. Inclusive, da primeira turma, um ou dois alunos tinham se tornado professores de Matemática, os outros não, possivelmente por insegurança, devido à formação que ficou a desejar.

Assumi a função de coordenação sem a existência do cargo, então trabalhei na função sem receber. E tudo estava por fazer! Estávamos no prédio de uma escola estadual de ensino básico - a Aracilda³¹, por meio de uma parceria com o Governo do estado do Mato Grosso do Sul. As aulas e as salas dos professores ficavam no último andar, e a parte administrativa ficava no térreo. Acho que tinha uns três lances de rampa para chegar no último andar. Fiz de tudo, trabalho de secretária, de professora e de coordenadora.

Como professora eu era a mão de obra sem poder de escolha em relação às disciplinas, assumia as que estavam sem perspectiva de professor. Logo que cheguei assumi os estágios pelo fato de ser efetiva. Assumi disciplinas sem muita afinidade, que me renderam muito estudo, porque me preparei para ministrar. Enfim, posteriormente alguns concursos foram autorizados.

Mas tinha muita coisa para fazer, o que me causava certa angústia, porque alguns alunos já estavam saindo e com a formação muito a desejar e não tinha muito o que fazer.

O MEC nos visitou no final de agosto. Acho que eu tive uns dois meses, julho e agosto para assumir algumas turmas, mas obviamente que não deu para fazer grandes mudanças, mas não “maquiamos” nada, não escondemos nada. Pedi sinceridade aos alunos que eles fossem sinceros com tudo o que aconteceu. Eu

³¹ A atual Escola Estadual Aracilda Cícero Corrêa da Costa funciona no prédio Walmir Lopes Cançado, o qual abrigou por alguns anos a extinta Agência de Educação. A escola foi criada no ano de 1966 no governo de Pedro Pedrossian (1966-1971).

lembro o nome de um dos avaliadores do MEC, ele era da USP, Rui³² era o nome dele. Encontrei com ele depois da avaliação.

A biblioteca era extremamente deficitária. Tínhamos mais livros de ensino básico, livros didáticos, do que livros de universidade e o que eu poderia fazer? Ia mentir? Não! Não tinha jeito. Na conversa com a comissão, compartilhei a ideia que eu fazia do curso, que eu imaginava que tinha que ser, o que tinha que mudar, o que tinha acontecido e o que poderíamos fazer. Obtivemos a recomendação de aprovação e no relatório constava que a recomendação estava fundamentada nas perspectivas enunciadas pela coordenadora. Então, na realidade, a aprovação não veio em função do que tinha, se dependesse só do que tinha não teria sido aprovado. Foram as perspectivas!

Depois da recomendação do MEC, começamos o processo de desenvolvimento do curso, primeiro com alguns professores que já ministravam aula, com um controle maior, oferecendo sugestões, pedindo compromisso com o curso. Depois com relação à proximidade com os alunos, que denunciavam várias situações. Acho que consegui criar um vínculo bom com os alunos, tinham confiança, contavam os problemas que aconteciam, coisas absurdas aliás.

Dos concursados o primeiro foi o Márcio³³, da área da Matemática. Ele nunca tinha trabalhado como professor e acabou pegando uma realidade extremamente diferente do que ele já tinha vivido. Conversávamos muito visando dar suporte para mudanças que o contexto exigia. Quando cheguei e soube de tudo que havia acontecido, conheci os alunos, fiquei chocada, mas consegui me adaptar rapidamente, mas o Márcio levou um tempo maior, provavelmente pela formação acadêmica. Independente dessa situação ele também brigou pelo curso. Havia feito bacharelado, mestrado e doutorado em Matemática e tinha princípios que não se adequavam a realidade que tínhamos em Paranaíba. Não era fácil, não era fácil mesmo! Quem vinha de universidade consolidada e ia para um lugar totalmente desprovido de condições mínimas, precisava de um preparo técnico educacional e psicológico forte.

³² Professor Francisco Rui Tavares de Almeida.

³³ Professor Márcio Ricardo Alves Gouveia possui graduação em Matemática (bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática aplicada pela Universidade de São Paulo (2003) e doutorado em Matemática Aplicada pela Universidade de São Paulo (2008).

A terceira professora a chegar foi a Andréia³⁴, eu fui banca tanto do Márcio quanto da Andréia. Apesar da formação dela também ser em Matemática, ela mostrou ser mais flexível as adaptações. Então foi um ganho muito grande para nós. Formamos um grupo muito bom, apesar da dificuldade do Márcio com relação às adaptações. Formamos um grupo muito forte em função do curso, em termos de projetos, tentando conseguir mais contratações, conseguir mais benefícios para o curso, chegando a um ponto de a diretora se incomodar, achar que um de nós da Matemática poderia tirar o cargo que ela tinha assumido. Porque para ser diretor o doutorado é uma exigência e ela não tinha. Aliás, os únicos que tinham doutorado eram eu, o Márcio e a Andréia.

Quando a estrutura administrativa adequada finalmente foi instituída, as eleições para a direção finalmente aconteceram e para se inscrever, o doutorado foi exigido. Então o ambiente ficou ruim, mesmo sem aquela diretora estar na gestão. Ela havia sido removida para Campo Grande e outra professora, também sem doutorado, havia assumido. Até aquele momento não havia algo que motivasse uma perseguição, mas houve!

Antes mesmo do processo eleitoral para a direção, uma vaga do curso de Matemática havia sido destinada ao curso de Psicologia. Alguns alunos tinham ido pessoalmente à reitoria, em Campo Grande, denunciar situações mentirosas.

Durante o período de inscrição alguns colegas pediram para que eu me candidatasse. Eu não pretendia devido a todo o desgaste até aquele momento, mas todos os doutores eram professores do curso de Matemática. Na época a Tatiana³⁵ já estava lá, foi a quarta contratada, pois ela também tinha doutorado. Nós quatro nos inscrevemos, mas na realidade o problema era comigo.

O que pode ter culminado nessa perseguição? No nosso entender na época foi justamente ter lutado pelo curso e conseguido projeção na cidade. O curso de Matemática foi reconhecido pelas perspectivas e o de Psicologia não, curso que a diretora fazia parte. A vaga que a Andreia tinha ocupado era justamente a que tinham tentado desviar e eu havia conseguido reverter. Para isso havia viajado para Campo

³⁴ Professora Andréia Cristina Ribeiro possui graduação em Matemática (bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2006).

³⁵ Professora Tatiana Bertoldi Carlos possui graduação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2000), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (2007).

Grande³⁶ e uma reunião com o pró-reitor de graduação resolveu a situação. Teve eleição para a reitoria e não aceitei fazer campanha para o candidato da diretora. Então acredito que pouco a pouco o copo foi enchendo. A diretora não digeriu e começaram as perseguições.

O ponto mais alto foi durante as inscrições para a direção. Depois de eu me inscrever, último dia, uma professora de Três Lagoas, Eliana³⁷, foi transferida para se inscrever.

Os professores dos outros cursos, recém-contratados, foram coagidos por telefone a votarem nela. Soubemos dessa coação por professores do curso de Matemática, recém-contratados, que também foram coagidos. Foi muito ruim a situação!

O processo eleitoral foi suspenso judicialmente durante o período das eleições devido a uma denúncia no Ministério Público. Mas, para isto, precisavam autuar a professora Eliana, que estava escondida na casa da segunda diretora sem doutorado. Foi hilário! Depois, como o processo eleitoral foi suspenso, a professora Eliana ficou interinamente na direção. O clima ficou muito ruim!

Um dos alunos que havia tentado me prejudicar indo à reitoria, protocolou no Ministério Público Federal um processo alegando perseguição da minha parte na condução das disciplinas. Como eu tinha tudo arquivado, respondi tudo tranquilamente e no fim o processo foi arquivado. Depois descobri que tanto esse processo quanto a ida dos alunos na reitoria tinha sido ideia da primeira diretora sem doutorado.

Outro desgaste foi quando desenvolvemos um projeto de extensão envolvendo uma escola particular e as escolas públicas de Paranaíba. A ideia principal era capacitar os alunos para, posteriormente, conseguirem participar das Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Pública (OBMEP). O projeto envolveu o pessoal da escola particular, que cedeu a estrutura, alunos das diversas escolas públicas da cidade, duas alunas do curso de Psicologia, pois quando se tem alunos com altas habilidades é preciso apoio profissional especializado, para colaborar com a questão da socialização e também tinha a situação de estar misturando os alunos da escola

³⁶ Campo Grande é a capital do Estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 409 km de Paranaíba/MS.

³⁷ Professora Eliana da Mota Bordin de Sales, não encontramos mais informações sobre a docente.

pública com a particular. O desenvolvimento do projeto foi muito bom! Mas, durante as eleições esse projeto foi usado contra mim, como se eu tivesse feito algo de errado.

Chegou um momento que eu cansei, estava cansada de tudo aquilo, cheguei a chorar na frente dos alunos, tamanho o desgaste. Foi aí que resolvi ficar atenta aos editais de concurso, pois queria ir embora dali. Mas antes de eu tomar essa decisão já haviam surgido concursos aqui em Ilha Solteira, e eu não quis me inscrever, porque eu gostava do que eu estava fazendo em Paranaíba, não queria sair de lá. Aliás, se não tivesse acontecido todo esse lance de perseguição eu não teria saído de Paranaíba, não teria vindo para Ilha Solteira.

Então, quando surgiu outra oportunidade, não hesitei, prestei concurso aqui em Ilha Solteira, passei e comecei outra história. Mas, por conta de tudo que aconteceu em Paranaíba, às vezes eu não lembro de algumas situações de imediato. Algumas eu não me lembro completamente, apagou totalmente da minha memória. Já voltei para Paranaíba para visitar a Andréia, que se tornou uma grande amiga, mas vou direto para a casa dela, nunca voltei ao câmpus da UFMS. A Andréia já quis me levar lá, mas eu não quis ir, não quero ir.

Em Ilha Solteira foi melhor para todos, apesar de eu ter saído com a sensação de ter sido expulsa da instituição. Foram treze anos!

Nem para os meus amigos eu contei que iria prestar o concurso em Ilha Solteira, falei uma semana antes de eu pedir exoneração. Se eu tivesse falado antes eu não ia conseguir fazer o concurso. Aliás, o pedido de exoneração foi entregue uma semana antes de eu assumir o cargo em Ilha Solteira, na presença de duas testemunhas. Esta estratégia, de entrega antecipada, visava não ser prejudicada e assim, não poder exonerar. Se existisse algum processo administrativo eu não poderia exonerar, por exemplo.

N: Professora, poderia nos contar acerca da criação do curso?

S: Não sei como o curso de Matemática da UFMS/ Paranaíba está, mas no período que eu fiquei lá as pessoas que faziam curso de Matemática, a partir do momento em que a formação ficou melhor, se tornaram professores, porque muitos deles trabalhavam no comércio ou tinham uma situação diferente da realidade que encontramos aqui nas cidades do estado de São Paulo. Em Paranaíba, particularmente naquela época, ser professor de Matemática era muito melhor que outras profissões que as pessoas poderiam exercer. Antes da criação do curso em

Paranaíba as pessoas faziam o curso de Matemática em Santa Fé³⁸ do Sul, que deixou de existir. A criação do curso em Paranaíba pode ter acontecido para evitar as viagens. Cheguei a conhecer professores da rede que tinham feito o curso de Matemática em Santa Fé do Sul. Mas, é só uma suposição. Não me lembro de como foi fundamentada a solicitação para a criação do curso, mas a autorização institucional parece ter sido política. E, como seria mais um câmpus no orçamento da universidade federal, obviamente que os outros câmpus não gostaram. Então, algumas “coisas” demoravam para acontecer, mas em contrapartida conseguimos outras “coisas”, porque a primeira diretora sem doutorado havia sido indicada pelo Delcídio do Amaral³⁹.

Lembro da Marlene, do Tibuque⁴⁰, e soube que na Matemática havia trabalhado um professor removido de Campo Grande, o Luiz Carlos Pais⁴¹. Ele ficou um tempo lá tentando se adaptar, mas não aguentou, porque como eu falei, não era fácil estar em um lugar que tinha tudo para fazer, coisas mínimas mesmo. Depois cheguei a conversar com o Luiz Carlos sobre a situação e ele me disse que também tinha ido para Paranaíba com a promessa de se tornar diretor. A Marlene tinha doutorado, ela poderia estar na função, mas parece que saiu do cargo por indicação política.

O reconhecimento do curso aconteceu daquele jeito que eu falei, pela conversa extremamente aberta e sincera, os alunos também foram extremamente abertos com o MEC. Ao contrário do que eu pensava, o reconhecimento foi tranquilo, deu tudo certo, graças a Deus! Por isso que eu sofri bastante para sair de lá, porque havia desenvolvido muitos projetos, participava da capacitação de professores da rede, e teve o PIBID⁴², primeira versão do programa em parceria com uma escola estadual do centro da cidade, Escola José Garcia Leal⁴³. Eu era conhecida na cidade, por isso acho que acabei me tornando um problema, apesar de nunca ter me envolvido com política partidária.

³⁸ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 84 km de Paranaíba/MS.

³⁹ Delcídio do Amaral Gomez foi senador de 2003 a 2016 por Mato Grosso do Sul, em 2016 teve seu mandato cassado.

⁴⁰ Não encontramos maiores informações sobre o professor.

⁴¹ Professor Luiz Carlos Pais é graduado em licenciatura Matemática pela Universidade Federal do Pará (1980) e graduado em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará (1977), com mestrado em Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984) e doutorado em Educação Matemática pela Universidade de Montpellier (1991).

⁴² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica que tem por objetivo que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o dia a dia das escolas públicas de educação básica.

⁴³ Escola criada em 1933, denominada nos dias atuais como Escola Estadual José Garcia Leal.

N: Havia contribuição/apoio de outras instituições de ensino? Até mesmo no processo de reconhecimento?

S: Não, porque o processo de reconhecimento eu nem sabia como funcionava. Quando eu trabalhei em Corumbá o curso já era reconhecido, eu aprendi em Paranaíba. Depois descobri que a diretora achou legal eu ir para lá, não só pelo fato de assumir o curso de Matemática, mas porque eu tinha anos de UFMS e desde que eu entrei fiquei sendo coordenadora, então da parte administrativa eu tinha domínio. Na realidade eles contavam com meu trabalho braçal de secretária também, porque na UFMS não tem secretária para conselho de curso, aqui em Ilha Solteira tem uma secretária para os conselhos, lá a secretária é só para chefia. Então tínhamos que saber se virar, eu sabia me virar com um monte de coisa. Acabei orientando a pessoa que estava como secretária, na realidade eu fiz de tudo que se pode imaginar.

Eu fui para Paranaíba grávida de cinco meses, recebi a comissão grávida. Acho que meu nenê nasceu antes do tempo por conta dos quatro lances de rampa que eu tinha que subir. E eu não parava, subia e descia, subia e descia. Na semana que meu filho nasceu eu tinha mexido muito em arquivo, eu agachava, levantava, agachava, levantava, acho que isso antecipou o parto. Aliás, a minha licença maternidade não foi usufruída da forma como deveria ser, afastei-me porque eu tinha direito, mas quando já estava em condições físicas de suporte ao curso. Conversando esses dias eu lembrei que acabei dando aula estando em licença. O curso era como um filho para mim!

A influência de outras instituições foi pelas nossas vivências, porque tanto eu como o Márcio, a Andréia e a Tatiana estudamos na UNESP, eles na de Rio Preto⁴⁴ e eu em Rio Claro. Eu tinha trabalhado em Corumbá, então a influência foi das nossas vivências mesmo, não cheguei a procurar uma instituição para pensar nisso, era a experiência que tínhamos vivido nas instituições.

Lembro que para a primeira semana acadêmica que fizemos, o cartaz era em papel sulfite, porque não tínhamos verba nenhuma e eu não queria cobrar dos alunos. Convidei amigos e foi muito legal, não me arrependo. Tínhamos só café com bolacha, não tinha absolutamente nada. Como eles não tinham passado por nenhum evento

⁴⁴ Cidade do estado de São Paulo, localizada aproximadamente a 268 km de Paranaíba/MS

desse nível, foi uma experiência extremamente gratificante, pois eles começaram a fazer contato com as pessoas de fora de Paranaíba, foi evoluindo.

Depois, com outros professores, as “coisas” foram acontecendo. O Márcio e a Andréia fizeram várias coisas, vestiram a camisa, organizavam, pediam dinheiro na cidade e foi bem legal. Conviver com o Márcio, a Andréia e depois com a Tatiana, foi muito legal, uma ligação muito forte, apesar de ter diferenças de concepção em relação ao ensino. Conseguimos conviver muito bem, uma convivência muito tranquila que não é comum entre Matemática e educadores matemáticos. Depois chegou a Luzia⁴⁵, o Thiago⁴⁶, esqueci o nome de uma outra professora, professores da área de Educação Matemática.

N: *Sim. Professora poderia nos comentar sobre o projeto político pedagógico?*

S: ⁴⁷O projeto político pedagógico estava pronto. Quem sou eu para mudar em um mês o projeto político pedagógico? Então ficou do jeito que estava. Eu não me lembro se depois fizemos mudanças, eu não me lembro. Tínhamos noção da legislação do que podíamos fazer e do que tinha que se fazer, mas confesso que hoje eu tenho uma relação diferente com o projeto político pedagógico. Na época, tínhamos que “apagar o fogo”, não dava para pensar nessas coisas. Depois, quando o grupo de professores aumentou, eu saí! Quer dizer, durante um tempo eu carreguei o curso nas costas, depois, quando eu poderia descansar, colher os frutos, fui embora [risos].

N: *A professora tem conhecimento da criação de outros cursos de Matemática na região?*

S: Não tinha. Tinha em Três Lagoas⁴⁸, que seria necessário morar lá, em Santa Fé do Sul, que era uma hora de Paranaíba e em Cassilândia⁴⁹. Eu e o Márcio uma vez fomos até Cassilândia, era uma estrada muito perigosa. Realmente não seria adequado os

⁴⁵ Professora Luzia Aparecida de Souza possui graduação em licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (2003), mestrado e doutorado em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Rio Claro. Pós-doutora pela School of Education da University of Cape Town, South África (2019-2020).

⁴⁶ Professor Thiago Donda Rodrigues possui licenciatura em Matemática pelo Centro Universitário de Votuporanga - UNIFEV (2004), mestrado (2008) e doutorado (2015) em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Rio Claro.

⁴⁷ A professora está se referindo aos primeiros anos do curso, início dos anos 2000.

⁴⁸ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 178 km de Paranaíba/MS.

⁴⁹ Cidade do estado de Mato Grosso do Sul, localizada aproximadamente a 420 km da capital Campo Grande.

alunos estudarem à noite lá, era perigoso, muito ruim mesmo. Inclusive, quase participamos de um acidente, um acidente idiota, muito caminhoneiro e muita curva.

N: Certo. Professora poderia comentar da estrutura curricular, da grade do curso de Matemática?

S: Acho que a grade nós mudamos, atendendo a legislação. As Práticas de Ensino eram bem divididas durante os anos do curso, o Estágio Supervisionado era ministrado nos últimos anos. Lá eu orientava todos os alunos de Estágio e esse contato com a escola foi muito legal. Conseguimos fazer um bom trabalho de Estágio, sinto orgulho do trabalho que fizemos nas escolas. Porém sobre a metodologia de ensino, se eu for falar de tudo que está no papel, óbvio que seria o ideal, porém naquele momento que estava o curso, cobrávamos que o professor soubesse pelo menos o conteúdo que ele estava dando aula.

Metodologia de ensino era outra história, como eu fazia? Levava sugestões, pois eu já tinha passado pelo doutorado em Educação Matemática, para os que eram da Matemática algumas coisas não fluíam diretamente por uma questão de experiência vivida. Mas os substitutos tinham uma defasagem muito maior que os efetivos em questão até de conteúdo, dava para perceber quando precisava conversar com eles por denúncia de alunos, eles reagiam diferente.

Só para você ter uma ideia, teve reclamação em relação a roupa que a professora substituta usava. Como falar com a professora que ela deveria cuidar da roupa que utilizava para ministrar aulas? Uma aluna chegou a falar para mim: “Professora, existe algum livro que ensine a pessoa a se vestir para dar aula?” Eram coisas que você falava: “Gente do céu, o que estou fazendo aqui?” Mas, me apeguei nos alunos, foi um laço muito forte, então a metodologia de ensino era o de menos, fazíamos o que era possível. Lembro que na época eu já usava estratégia de filme com eles, usava algumas coisas de informática, mas eu tinha passado por um preparo e não tinha como exigir daqueles outros professores.

N: A professora poderia comentar sobre a estrutura física?

S: Durante o dia era uma escola de ensino básico e à noite utilizávamos o espaço. Quer dizer, durante o dia as salas eram usadas por crianças e adolescentes, às vezes tinha tabuada na parede. O espaço não era adequado, as carteiras estavam muito

estragadas, o banheiro vazava muito, tinham muitos problemas. Falavam que a primeira escola que foi utilizada era o Objetivo⁵⁰, depois foram para uma escola pública que não tinha nem vaso no banheiro. Então foram muitas situações inadequadas, e mais uma delas era que no início não tinha aula todos os dias. Arrisco supor que era um curso vago, porque não tinha gestão presente o tempo todo, cada um fazia o que queria e como queria, sem compromisso com aquele aluno que estava ali.

A biblioteca era daquele jeito que eu falei mais livro didático do que universitários, então o que acontecia? Os professores escreviam muito na lousa, porque não tinha livro, os alunos saiam exímios copiadores. A sala dos professores era coletiva, não tinha sala individual, era uma sala para todos igual uma escola de ensino básico, se você precisava se concentrar para fazer algum trabalho não tinha como, era sala de todos. Além disso, durante o dia tinha a criançada na escola, era aquela gritaria, e à noite juntava todos os professores. A sala era onde eles tomavam café, onde preparavam a aula, então era “uma beleza”! Não tinha condição alguma.

N: Professora, conte-nos sobre o perfil dos docentes?

S: Tivemos de tudo, eu já falei um pouco, no começo eram só substitutos, tivemos professores substitutos magníficos, por exemplo, o Barbosinha⁵¹. Arrepiam-me lembrar dele. Ele tinha só especialização, não sei dizer se ele tinha toda a técnica necessária para ministrar todas as disciplinas que ele ministrava, mas o comprometimento, a forma como lidava com os alunos era admirável. Uma aluna chegou a me falar que não podia tirar nota baixa com o Barbosinha, porque ele era tão legal, não poderia decepcioná-lo. Existiram pessoas como ele, mas existiram pessoas que deram muito trabalho. Alguns deixavam de dar aula, ou tinham comportamentos inaceitáveis, eu tinha que agir e conversar. Depois das orientações, essas pessoas deixaram de se candidatar a professor substituto. Em uma instituição já consolidada, na UNESP, por exemplo, o professor substituto, ou qualquer outro que não corresponda, é mandado embora, ele não fica. Mas, às vezes, o substituto é melhor que muitos efetivos, como

⁵⁰ Prevê-Objetivo, criado em 1955, com a denominação de Educandário Santa Clara, uma escola particular ainda existente em Paranaíba.

⁵¹ Professor José Barbosa de Barros possui graduação em licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática pela Faculdade de Educação Ciências e Letras Dom Bosco de Monte Aprazível (2000).

era o caso do Barbosinha. Eram muitos substitutos em uma região que não tinha tantas pessoas formadas, não tinha pós-graduação próximo, então não podíamos exigir muito.

Quando eu cheguei dei muita aula, todas as noites. A minha carga horária era muito alta, porque eu assumia muita aula, porque não tinha professor. Pesquisa científica? Nem pensar! Eu não conseguia fazer pesquisa, só desenvolvi algumas coisas relacionadas ao meu doutorado, coisa muito simples, porque o negócio lá era braçal, não dava tempo de você se concentrar.

Comecei orientar iniciação científica, propostas vinculadas com pesquisa em parceria com o Paulinho⁵², que foi professor aqui em Ilha Solteira, agora está aposentado, e por conta disso, alguns alunos que faziam parte foram fazer pós-graduação. Um deles fez mestrado em Matemática, outros dois foram para Rio Claro, um fez somente o mestrado e o outro já fez doutorado sanduíche na Alemanha. Eles foram um reflexo de outro momento do curso, quando já tínhamos muitas ações consolidadas. E, para mim, foi gratificante. Agora está sendo gratificante porque você, Natália, que foi minha aluna desde o segundo ou terceiro ano da graduação, demorou mais no processo, porque teve uma fase diferente, era uma outra realidade, você trabalhava, eu lembro, e falo isso até hoje para as pessoas, você vivia de aula particular, nem precisava trabalhar em escola, porque vivia de aula particular e como merendeira [risos].

N: E ganhava muito bem [risos]!

S: O processo foi diferente. Muita gente depois se arriscou a fazer pós-graduação, não é necessário fazer pós-graduação, mas tiveram condições de participar de um processo e ingressaram.

A estrutura melhorou quando foi para o prédio próprio. As salas eram adequadas, havia multimídia, mas a sala dos professores ainda era um espaço com todos os professores juntos, ou seja, ainda sem condição de desenvolver pesquisa no ambiente de trabalho. Porém, foi neste período que eu comecei a parceria com o Paulinho, pois o trabalho braçal havia diminuído, tinha mais gente para dividir serviço,

⁵² Professor Paulo Issamu Hiratsuka possui graduação em bacharelado em Matemática Pura pela Universidade de São Paulo (1973), mestrado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1978) e doutorado em Pós Graduação em Educação Matemática pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas (2003).

sujeitos parceiros mesmo, e então pude dedicar um pouco de tempo para a pesquisa e desenvolvimento de projetos de extensão.

Cheguei a ficar vinculada ao programa de pós-graduação em Campo Grande que estava no começo também, onde você, Natália, fez o mestrado [risos]. Eu viajava a cada 15 dias, mas aconteceu aquele acidente que envolveu o Renato Nogueira, Ronaldo, a Ivonélia⁵³ e o Chateaubriand⁵⁴, que foi orientando do Ubiratan,⁵⁵ estávamos muito próximos, era o meu grupo na pós-graduação, e eles faleceram num acidente. Foi um acidente extremamente trágico, eles faleceram na sexta, no domingo eu pedi meu desligamento do programa. Foi muito traumatizante, custei para me recuperar, não quis mais participar da pós, já tinha muita coisa para lidar em Paranaíba.

N: A professora poderia comentar sobre o perfil dos alunos?

S: A maioria dos alunos trabalhava, pelo menos nas primeiras turmas que eu peguei. Esses alunos que foram para pós-graduação não trabalhavam, então talvez por isso fez uma diferença da questão de ter uma dedicação durante o dia, de poder fazer uma iniciação científica, por isso conseguiram sair da graduação direto para fazer pós-graduação.

Mas no geral eram alunos do comércio, alunos que trabalhavam na escola em outras funções, tínhamos um aluno que trabalhava no açougue do supermercado, não lembro o nome dele, mas lembro que ele cheirava carne [risos]. Lembro que a

⁵³ Professora Ivonélia Crêscencio da Purificação (1963-2008) atuava na Universidade Federal da Grande Dourados e no programa em Educação Matemática na UFMS, faleceu em um trágico acidente automobilístico na BR 163 entre Campo Grande/MS e Dourados/MS. Era graduada em Matemática pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba/PR, mestre (1999) em educação pela Universidade Federal do Paraná, doutora (2004) em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PAIS; FREITAS; BITTAR, 2008). Disponível em: < file:///C:/Users/natyc/Downloads/2798-Texto%20do%20artigo-8722-1-10-20161205.pdf >. Acesso em: 10 ago. de 2021.

⁵⁴ Professor Chateaubriand Nunes Amâncio (1968-2008) atuava na Universidade Federal da Grande Dourados e no programa em Educação Matemática na UFMS- Campo Grande, faleceu em um trágico acidente automobilístico na BR 163 entre Campo Grande/MS e Dourados/MS. Era graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (1996), mestre (1999) e doutor (2004) em Educação Matemática pela UNESP – Rio Claro (PAIS; FREITAS; BITTAR, 2008). Disponível em: < file:///C:/Users/natyc/Downloads/2798-Texto%20do%20artigo-8722-1-10-20161205.pdf >. Acesso em: 10 ago. de 2021.

⁵⁵ Professor Ubiratan D'Ambrosio (1932-2021) era matemático pela Universidade de São Paulo (1955), doutorado em Matemática pela Universidade de São Paulo (1963) e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas, reconhecido mundialmente pela comunidade acadêmica por seus estudos na área de EtnoMatemática.

namorada dele tinha feito Matemática na FUNEC⁵⁶, ela participava das capacitações. Então, estar na faculdade pública e poder fazer um curso era muito gratificante, eles valorizavam muito. Lógico que não dá para ser perfeito, alguns eram mais largados, davam certo trabalho, por exemplo, os que tentaram me prejudicar com o auxílio da diretora sem doutorado, já tinham dado bastante trabalho, engraçado, na época eu costumava guardar tudo na minha casa, provas, trabalhos e foi isso que me salvou.

N: A professora poderia nos dizer qual sua percepção em relação ao movimento de criação do curso?

S: Foi um curso que começou do zero, zero mesmo, porque nem prédio tinha e para ver como a política era extremamente forte na cidade, conseguiram o terreno para construir o prédio novo. Não tinha nada construído, chamaram o Delcídio do Amaral para batizar a pedra, ele veio de helicóptero, aquele show! A cidade se mobilizou em função da vinda dele, e isso me incomodava muito, muito mesmo.

Então na percepção do curso o que me incomodava muito era isso, a política partidária extremamente forte. Eu cheguei a ser tirada da sala de aula para dar satisfação para a diretora sem doutorado. Para ela ouvir de mim que eu não tinha participado de uma reunião de políticos, porque tinham falado para ela, fofoca, eu não queria sair da sala e ela me tirou da sala de aula para tirar satisfação.

A percepção do curso é essa, uma política suja. Em termos dos alunos, a grande maioria queria fazer um curso bom e eles denunciavam situações que poderiam prejudicar essa perspectiva. Percebo que aqui na UNESP às vezes acontece alguma situação passível de denúncia e, em geral, não é feita. Lá em Paranaíba, os alunos conversavam abertamente comigo. Não era denúncia por meio de papel. Depois da denúncia eu tentava resolver o problema. Claro, não era uma situação leve, tinha um desgaste, porque eu intermediava as situações, em geral absurdas, tentando não trazer prejuízos para os alunos e também não constranger os envolvidos.

O tipo de aluno que tem no Mato Grosso do Sul é diferente do tipo de aluno que tem em São Paulo, ficamos muito presos em São Paulo, mas São Paulo teve um desenvolvimento econômico, mesmo no interior, desenvolvimento econômico e

⁵⁶ As Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul (1998) surgiram por meio da fusão de duas outras instituições superiores: a Faculdade de Educação Física da Alta Araraquarense (1972) e a Faculdade de Ciências e Letras (1976).

estrutural, saneamento básico é totalmente diferente. Tem ruas em Paranaíba que não são asfaltadas, em Três Lagoas tem mais, é uma peculiaridade de Mato Grosso do Sul, mas em Corumbá não era assim, podia ser pelo fato de ser uma cidade mais velha.

A maioria dos alunos trabalhava. Em teoria eram de origem bem simples e sonhavam por meio do curso ter uma qualidade de vida melhor, diferente da realidade daqui de São Paulo, considerado a mesma época histórica.

Eu acho que eles davam valor, qualquer coisa que você fizesse era muito valorizado, talvez por isso que eu acabei criando um vínculo muito grande. Você deve se lembrar de muitas coisas, porque estudou lá.

N: Sim, me recordo. A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa?

T: Não, acho que não.

N: A professora teria algum nome para nos indicar?

S: Acredito que o Márcio e a Andréia.

N: Professora eu agradeço por ter conversado comigo. Como expliquei anteriormente irei transcrever a entrevista, depois irei textualizar e enviar para que a Senhora leia e acrescente ou retire o que achar necessário. Mas é comum ao final da entrevista eu perguntar se o entrevistado me autoriza usar sua narrativa em minha pesquisa.

S: Claro! Agradeço pelo convite, fiquei muito feliz!

N: Obrigada eu professora, pois a senhora fez muita diferença em minha formação.

S: Fico muito feliz por poder conversar com você... Abraços!

N: Abraços e até mais!

O (DES)COMPASSO DA DANÇA EDUCACIONAL



Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>.
Acesso em: 4 jul. 2023.

*“Ao afirmarmos que dança é educação,
evidentemente não estamos nos referindo
a qualquer dança e a qualquer educação,
mas a um dançar e a um educar envolvidos
pela dimensão estética do existir...”*

(Karenine de Oliveira Porpino)

O (DES)COMPASSO DA DANÇA EDUCACIONAL

Vale salientar que os temas que surgiram em nosso processo analítico emergiram das narrativas dos nossos colaboradores. Nessa trama, a escolha para as discussões de cada temática também tem muito de nós, pesquisadoras, já que nossas percepções e sensibilidades reverberaram nesse momento. Assim, discutimos os desdobramentos das legislações que apontavam para a formalização da formação dos professores, bem como os cursos que eram ofertados em moldes aligeirados; também contextualizamos a criação da UFMS e UEMS, alguns aspectos políticos, a exemplo do desmembramento do estado de Mato Grosso *uno*, o processo migratório na região; dialogamos, ainda, sobre os entraves entre a Educação Matemática e a Matemática pura nos cursos de licenciatura que foram sendo criados e implementados na região do Bolsão/MS.

Neste escopo, dançar uma dança, da qual não sabíamos ao certo a coreografia que a bailaríamos, teve suas facetas, pois, até conseguirmos ter a percepção de qual seria o estilo mais adequado, foram muitos ensaios que não conseguiram nos indicar qual seria o passo mais correto a se tomar, porém dançamos aquilo que nos atravessava, dentro de nossas possibilidades. Neste contexto, dizemos que a educação não é um processo estático, mas uma dança em constante movimento, onde cada passo influencia o próximo que precisa ser dado e apresentado.

Na preparação de nosso trabalho, em algum momento, em uma participação em um evento, uma parecerista nos pontuou sua expectativa em relação à maneira que articularíamos a linha temporal de nosso trabalho. Isso porque tratamos de um dos cursos sobre o qual nos debruçamos a estudar, com data de criação distante da dos outros dois e, com isso, ocorreram muitas mudanças, tanto no contexto social quanto no das legislações. Esse posicionamento nos fez refletir em relação à linearidade do tempo de nossa pesquisa, pois estudamos e constituímos uma história do movimento de criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão de MS, ou seja, uma região atravessada por um tempo. Estudamos os movimentos e nuances de três cursos: o da atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em Três Lagoas, que teve seu funcionamento iniciado no ano 1972, o da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em Cassilândia, que iniciou suas atividades em 1994, e o da UFMS em Paranaíba, que iniciou em 2001.

Articular o tempo e todas as mudanças referentes às legislações educacionais durante esse período nos fez esboçar a compreensão de que estamos olhando para um tempo em que as circunstâncias para a criação dos cursos eram distintas.

E, neste viés, sabemos que a educação formal brasileira perpassou por muitos (des)compassos, desde a chegada dos jesuítas, em 1549. As legislações foram sendo criadas de forma a atender as demandas que foram surgindo no decorrer do tempo. Pontuamos que nem sempre os programas e as legislações criados eram planejados. Se isso era intencional, não sabemos dizer, mas observamos reflexos na educação brasileira até atualmente.

Também sabemos que, no que tange à formação de professores, a formalização ocorreu, ou ainda ocorre de maneira deficitária, tanto que programas e cursos foram sendo criados e implementados com a finalidade de tentar atender às demandas, porém com fundamentos que, por vezes, distanciavam-se da realidade política, econômica, histórica e cultural do contexto vivenciado no Brasil.

Vale ressaltar que, para nós, a formação dos professores é um movimento que vai além dos cursos de formalização em espaços escolares. É um processo que ocorre em espaços e tempos que não conseguimos periodizar. Segundo Alencar (2019, p. 307), “Formar-se, portanto, não tem a ver com fixação nem com forma(ta)ção, mas com invenção, criação... (re)inventando-se, (re)criando-se, ao longo de toda uma trajetória profissional, de uma trajetória de vida, de fluxos, de passagem...”.

Ainda neste viés de ampliar o conceito de formação/formar-se, Garnica (2023, p. 28) menciona:

Temos pensado o conceito de FORMAÇÃO, via de regra, num sentido restrito e reducionista já que, muito frequentemente, o termo ocorre aliado à escola e à escolaridade formal, desprezando a variedade de espaços, momentos, condições e ações alternativas em que essa formação EFETIVAMENTE tem ocorrido em nosso país. Reduzimos não só a formação à formação escolar, mas também não consideramos devidamente, ao falar de formação docente, os diferentes ambientes culturais e socioeconômicos em que essa formação ocorre (ou em que essas formações – no plural – ocorrem).

Então, dizemos que a formação de professores ultrapassa as legislações e as formações institucionalizadas. Diríamos que a formação se constitui em trajetória, em espaços multifacetados e dinâmicos.

Assim, precisamos arbitrar um tempo, uma origem. Decidimos iniciar pela década de 1960, quando ocorreu a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira (LDB), sendo que foi sob a égide dessa Lei e de suas seguintes reformulações que os cursos que estudamos foram criados.

Segundo Gonzales, Silva e Garnica (2019), a LDB nº 4.024/1961 desempenhou um papel relevante para o sistema educacional, pois, com a criação do Conselho Federal de Educação (CFE), o mesmo deveria deliberar sobre assuntos que estavam relacionados desde o ensino primário até o ensino superior. Já com a criação do Conselho Nacional de Educação, o mesmo tinha função de assessorar o Ministério da Educação sobre os assuntos que estavam relacionados a todos os níveis de ensino.

A LDB nº 4.024/1961 previa que o sistema educacional fosse organizado para que o pré-primário iniciasse em instituições que abrangessem os maternais e os jardins de infância. A faixa etária era de alunos com menos que sete anos. Já o ensino primário era direcionado a estudantes com mais que sete anos de idade e esta etapa educacional perfazia um período de quatro anos. Mas este tempo poderia ser estendido por mais dois anos, caso o aluno optasse por um programa de artes. O ensino médio foi subdividido em dois ciclos: ginásial e colegial. O ginásial teria uma duração de quatro anos, com as seguintes vertentes: comercial, industrial, agrícola e normal. Já o colegial exigia que o aluno estudasse por um período de três anos e teria as vertentes: industrial, comercial, normal e agrícola. Esses dois ciclos compunham o ensino secundário e o ensino técnico. E o ensino superior poderia ser realizado em universidades ou estabelecimentos isolados de ensino superior (Brasil, 1961).

As escolas primárias tinham por finalidade desenvolver o raciocínio e as atividades de expressão dos alunos, de modo que pudessem integrá-los com o meio físico e social, sendo que todas as crianças, a partir dos sete anos, eram “obrigadas” a cursar esta etapa. Porém, havia uma ressalva,¹ que dizia que estavam dispensados desta obrigação: os pais ou responsáveis que comprovassem pobreza, ou quando não houvesse escolas suficientes, ou ainda quando o período das matrículas fosse encerrado e, por último, quando o aluno apresentasse alguma doença ou anomalia grave (Brasil, 1961). A LDB nº 4.024/1961 e a Constituição vigente da época sinalizavam que a educação era um direito e o ensino primário era obrigatório, porém

¹ O artigo 30 da LDB 4024/61.

as condições em que o poder público deveria propiciar esse direito, para que ocorresse de forma efetiva essa obrigatoriedade, não eram claras.

No tocante à formação de professores, a LDB de 1961 determinava que a formalização dos docentes deveria acontecer em escolas normais de grau ginasial e a certificação de “ensino primário” em escolas de grau colegial, que certificariam o docente com o diploma de “professor primário”. Para lecionar em escolas de ensino médio, segundo a LDB de 1961, o professor precisava cursar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Gonzales, 2017).

Neste viés, a partir da LDB nº 4.024/1961, o CFE passou a deliberar sobre o ensino superior e, no que tange a formação de professores, foi estabelecido um currículo mínimo para os cursos de licenciatura, sendo que foi estabelecido que as disciplinas pedagógicas deveriam ser ofertadas ao longo do curso, de maneira que este contemplasse uma em cada semestre (Gonzales; Silva; Garnica, 2019).

Entendemos que essa determinação encerraria o modelo 3+1, instituído pela reforma Francisco Campos, porém notamos que essa prática continuou a ser realizada nas próximas décadas. Como nos relatou a professora Silvia, quando ela cursou a sua graduação em licenciatura em Matemática, nas cercanias dos anos 1980, nos primeiros anos, as turmas de licenciatura e bacharelado cursavam as disciplinas de forma coletiva. A professora enfatiza ainda que o seu curso foi realizado no modelo 3+1. Neste mesmo contexto, a professora Andreia também nos contou que, nas cercanias dos anos 1990, quando cursou seu bacharelado em Matemática, nos primeiros anos, os alunos, tanto do bacharelado quanto da licenciatura, faziam as disciplinas de forma coletiva. Neste escopo, também acreditamos que o curso de licenciatura ofertado se aproximava ainda do modelo 3+1. Com isto, inferimos que, mesmo que a legislação direcionasse para o fim das licenciaturas que se configuravam no modelo 3+1, esse curso ainda continuou a ser praticado no decorrer do tempo. Ainda, salientamos que, durante o período da LDB nº 4.024/1961, surgiram os modelos dos cursos de curta duração, para formar professores.

Após a criação da LDB de 1961, um de seus desdobramentos foi a obrigatoriedade da educação básica. Com isso, a educação superior no país e os cursos de formação de professores começaram a dar os primeiros passos na formalização dos docentes. Neves e Martins (2018) mencionam que, até o início da década de 1930, o ensino superior absorvia aproximadamente 30 mil estudantes e,

no ano de 1960, o ensino superior atendia cerca de 93 mil estudantes, sendo que mais da metade eram atendidos pelo setor público.

Ressaltamos que as primeiras universidades surgiram no Brasil em meados da década de 1930, destacando-se a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Em 1935, foi criada, na então Capital Federal no Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal (UDF), porém a instituição de ensino superior funcionou por um período de curta duração, até o ano de 1939, quando foi extinta e todos os cursos passaram a fazer parte da Universidade do Brasil (Nascimento, 2022). Já em 1940, foi criada a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Em 1964, ocorreu no Brasil o Golpe Militar, que instaurou um regime de ditadura, que permaneceu até 1985. Durante esse período, os objetivos da educação visavam atender às necessidades do mercado de trabalho, produzindo pessoas como mão de obra de indústrias estrangeiras (Melo, 2012). Durante essa época, houve um crescimento quantitativo das universidades. Segundo Cunha (1983), em 1945, havia cinco universidades no país, e passou a ser 37, em 1964. Nesse mesmo espaço temporal, as instituições isoladas passaram de 293 para 564. Mesmo com o aumento das escolas universitárias, elas não conseguiam atender a todos que eram aprovados nos concursos vestibulares. Para tentar resolver esta situação, criou-se o vestibular classificatório, o qual determinava o número de vagas por curso (Melo, 2012).

A Reforma Universitária, Lei nº 5.540/68, não teve participação popular e ocorreu de maneira autoritária e ditatorial, devido ao período político vivenciado no Brasil. As principais alterações foram a implantação de cursos de curta duração (dois anos). A licenciatura teria uma duração de quatro anos e a pós-graduação, que consistia no Mestrado e Doutorado, teria a duração entre dois e quatro anos. Também foram implantados os cursos básicos e o sistema de créditos, o que ocasionou a ruptura dos cursos, feitos em classes seriadas, e a matrícula por série (Freitag, 1986). Também foram criadas as monitorias, o regime de tempo integral e a dedicação exclusiva para os docentes. Como não havia vagas para todos os estudantes, foi criado o vestibular unificado por regiões e classificatório, e o jubramento, que determinava o prazo máximo para o estudante concluir o curso superior (Melo, 2012).

Neste contexto, houve a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 5.692/1971. Com ela, o ensino básico passou a ser dividido em dois graus e com novas nomenclaturas. Crianças que tinham mais de sete anos poderiam ser matriculadas no ensino de 1º grau, que era dividido em oito séries.

O ensino de 2º grau era oferecido em três ou quatro anos, e era preciso terminar o ensino de 1º grau. Foi preciso estabelecer uma equivalência entre as nomenclaturas primário e secundário, proposta pela LDB nº 4.024/1961. Assim, com a LDB nº 5.692/1971, o ensino primário e o 1º ciclo do ensino secundário (ginásio) correspondiam ao ensino de 1º grau, e o 2º ciclo do ensino secundário (colegial) equivalia ao de 2º grau. Vale ressaltar que, com a LDB nº 9.394/1996, houve novamente uma alteração na nomenclatura: o ensino fundamental passou a corresponder ao ensino de 1º grau, e o ensino médio ao ensino de 2º grau (Silva, C., 2015).

A obrigatoriedade apontava a permanência do aluno na escola no período de oito séries² do 1º grau, segundo a LDB nº 5.692/1971. Como era necessário que todos frequentassem as escolas, era preciso aumentar o quantitativo de vagas em escolas públicas e de bolsas de estudo em escolas particulares, oferecidas pelas empresas industriais, comerciais ou agrícolas para os trabalhadores e seus filhos. Porém, a ampliação do período de oito anos da obrigatoriedade escolar exigiu do Estado mais responsabilidade no que tangia à educação. Embora tudo se encaminhasse para a democratização do ensino, o número de escolas era insuficiente para atender a todos e, mais uma vez, uma parte da população estava excluída de um direito garantido por lei (Romanelli, 1996).

Quanto à formação de professores, a LDB (Lei nº 5.692/1971) flexibilizou a atuação dos professores e especialistas, exigindo-se uma formação mínima para o magistério: a) para atuar no ensino de 1º grau, que compreendia da 1ª a 4ª séries, seria necessário a habilitação específica de 2º grau; b) no ensino de 1º grau, da 1ª a 8ª séries, era necessário a habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada pela licenciatura de 1º grau, obtida em curso de curta duração; c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, seria necessário a habilitação específica obtida em curso superior de graduação, correspondente à licenciatura plena (Brasil, 1971).

Sendo assim, o período marcado pela Lei nº 5.692/1971 apresentou cenários de enfrentamentos, tanto que a sociedade não aceitava que se privilegiasse o ensino científico ao invés do acadêmico. A insuficiência dos recursos financeiros e humanos,

² Lembramos que, atualmente, a Lei 11.274/2006 instituiu o ensino fundamental de nove anos, alterando a nomenclatura de “série” para “ano”. As escolas de todo o país tiveram até o ano de 2010 para atender essa obrigatoriedade.

a carência de professores habilitados, materiais específicos para os cursos profissionalizantes e os currículos eram distantes da realidade experienciada pelos alunos (Melo, 2012).

Com a expansão do ensino básico, ao final da década de 1960 e início de 1970, a falta de profissionais habilitados para exercer o magistério foi se mostrando latente em todo o país, e um dos pontos que precisou ser superado foi a questão de que a universidade não era para todos, pois ela atendia somente as pessoas que pertenciam aos grupos elitizados culturalmente. Porém a reforma universitária propunha uma expansão no ensino superior em todo o país.

Em Mato Grosso *uno* havia uma disputa pela conquista de uma Universidade Federal. Campo Grande e Cuiabá lutavam para tal feito em sua cidade, intensificando o conflito que já existia entre os municípios que pretendiam se tornar a capital do estado (Both, 2014). Neste contexto, o movimento separatista permeou por um longo período, tanto que a região sul do estado, desde meados de 1950, lutava para conquistar uma instituição de ensino superior pública, mas tal feito só se efetivou em 1961 (Gonzales; Silva; Garnica, 2019).

Neste contexto de formação de professores, nós nos direcionaremos para a formalização dos docentes que atuavam no ensino da Matemática. De acordo com Martins-Salandim (2012), foi observado que, no interior do estado de São Paulo, em meados de 1960, foram criados oito cursos para formar professores de Matemática, o que foi um aumento muito significativo, visto que até aquele período havia somente quatro cursos no estado. Ainda a pesquisadora constatou que, na década de 1970, houve um aumento relevante de faculdades/universidades, havendo a abertura de mais vinte instituições de ensino.

Com a criação dos 29 cursos no interior paulista, 28 deles possuíam licenciatura; ou seja, devido à expansão do ensino de 2º grau, a procura pela formação em disciplinas específicas também teve seu aumento, justificando assim a implantação desses cursos.

Mas nem todos os estados tiveram a abertura significativa para formar professores de Matemática como o estado de São Paulo. Outros tiveram essa formalização de maneira mais lenta; a exemplo, citamos o estado do Maranhão. Segundo Fernandes (2011), naquele estado, os cursos voltados para formar professores de Matemática foram sendo criados e instalados de maneira lenta, se comparados a outras regiões do país. A primeira universidade pública, a atual

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), surgiu em meados da década de 1960. Até então, os que atuavam no magistério eram formados nas Faculdades Isoladas existentes no estado ou por engenheiros que se graduavam em outros estados, ou ainda pelos alunos que se destacavam durante o curso secundário e recebiam o convite para lecionar por meio de contratos temporários.

De acordo com Fernandes (2011), a formação para a docência também era realizada pelo programa emergencial da Cades. Com a criação do curso de licenciatura plena em Matemática na universidade federal, o município de São Luís tornou-se o “centro”, no que tange à formalização da formação dos docentes do estado. Foi somente na década de 1980, com a criação da Universidade Estadual do Maranhão (Uema) que se passou a oferecer o curso de Ciências com habilitação em Matemática nas cidades de Imperatriz e Caxias. Segundo Fernandes (2011), em meados da década de 1990, com a política de expansão das universidades, observa-se que a formalização da formação dos professores no estado atingiu de forma mais rápida os docentes, com programas que alcançaram de maneira significativa várias cidades; sendo assim, a interiorização produziu outras situações periféricas. Segundo a autora, a política de formação teve como exigência a LDB nº 9.394/1996, no que se refere à formalização de docentes para atuar no ensino básico do país.

Neste viés de uma institucionalização mais tardia, também citamos o estado do Rio Grande do Norte, que teve a oferta de formação dos docentes em programas que concediam a formação de forma aligeirada. Segundo Moraes (2017), as graduações específicas para o ensino da Matemática começaram a ser ofertadas no estado nos municípios de Natal, na Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN), em 1968; em Mossoró, na então Universidade Regional Rural de Mossoró, em 1978; na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Caicó, em 1979, e em Patu, em 1980. O pesquisador amplia a discussão da dinamicidade da relação centro e periferia, visto que a capital de um estado pode ser considerada “centro”, se comparada a cidades do interior, porém esses municípios interioranos podem ser considerados centros em relação a cidades menores ou à zona rural. Com isso, o autor enfatiza que, por conta desta dinamicidade em relação às “cidades centrais” e “cidades periféricas”, esta foi uma das características que influenciaram nos movimentos migratórios do estado. Esta relação centro e periferia também foi percebida neste trabalho e será discutida adiante.

Também destacamos o trabalho de Cury (2011), que discute o processo de formação de professores no estado de Tocantins, situação que também ocorreu de maneira mais lenta, se comparada ao estado de São Paulo, tanto que ele menciona que, no fim dos anos 1980, o ensino superior no estado de Tocantins era ofertado apenas nas três maiores cidades da região. Em Porto Nacional, com a Faculdade de Filosofia do Norte Goiano (FAFING), em 1963, com a oferta dos seguintes cursos: Geografia, História, Letras (Português/Inglês) e Ciências na modalidade de licenciatura curta. O pesquisador ainda diz que, embora na Lei que criou a universidade dissesse que funcionaria o curso de Matemática, não foi encontrado em documentos escritos ou fontes orais indícios da efetivação do curso. Na cidade de Gurupi, havia a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, criada em 1987. Oferecia os cursos de Pedagogia, Letras (Português/Inglês), Ciências na modalidade de licenciatura curta, embora em meados da década de 1980, na área de ensino, a instituição só oferecesse o curso de Pedagogia e Direito. Além dessas duas faculdades havia também a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína (FACILA), que foi criada em 1985, ofertando os cursos de licenciatura plena em Letras (Português/Inglês), História, Geografia; licenciatura curta, primeiro grau em Estudos Sociais e a modalidade de licenciatura curta em Ciências.

No estado de Tocantins, segundo Cury (2011), as instituições de ensino, estudadas em seu trabalho, contribuíram na formalização da formação de docentes em uma região carente de profissionais especializados, mas não só de professores, mas de pessoas que viam na universidade a oportunidade de se aperfeiçoar para seguir outros caminhos que não estavam ligadas ao campo educacional. O autor observa que as interferências políticas na implementação das instituições de ensino superior culminaram em um “mandonismo político” que sobreviveu/sobrevive na região.

O estado de Mato Grosso do Sul, também teve um processo lento em relação à formação de professores de Matemática, tanto que, até meados da década de 1980, não havia muitas instituições de ensino superior que ofertavam cursos que se destinavam a formar professores de Matemática. Segundo Silva, C. (2015), no ano de 1971, na cidade de Campo Grande foi criado um curso de licenciatura curta em Ciências com habilitações em Matemática e Biologia, na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (FADAFI), que foi transformada, em 1976, nas Faculdades

Unidas Católicas Dom Bosco (FUCMT) e, posteriormente, em 1993, na Universidade Católica Dom Bosco.

Segundo Silva, C. (2015) e Benfica (2016), os cursos de Matemática foram ofertados em instituições públicas, primeiramente na UEMT, antes da divisão do estado de Mato Grosso *uno*, e após a divisão, na UFMS, na cidade de Três Lagoas. O curso de licenciatura em Matemática, em 1975, foi transformado em licenciatura em Ciências e, em 1986, voltou a ser licenciatura em Matemática. Na cidade de Corumbá, foi ofertado, em meados da década de 1970, o curso de Ciências, mas na década de 1980 foi transformado em licenciatura em Matemática. No município de Campo Grande, foi ofertado, em 1981, o curso de Ciências e, a partir de 1983, o curso passou a ser em licenciatura em Matemática. Segundo Faoro (2014), na cidade de Dourados, o curso iniciou em 1975, como licenciatura curta em Ciências. Já no ano de 1984, como licenciatura curta em Ciências com habilitação em Matemática e, em 1987, o curso foi transformado em licenciatura plena em Matemática.

Já a instalação dos cursos na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul ocorreu também de forma morosa, se comparado, por exemplo, ao estado de São Paulo. Em 1970, foi criado na Universidade de Mato Grosso *uno*³ (UEMT⁴), em Três Lagoas, o curso de licenciatura em Matemática; em 1994, na cidade de Cassilândia, o curso de Ciências com habilitação em Matemática, que em 2001 se transformou em licenciatura plena em Matemática; e em 2001, o curso de licenciatura em Matemática na cidade de Paranaíba. Segundo Gonzales (2017), a universidade de Três Lagoas ofereceu o curso de licenciatura parcelada na cidade de Paranaíba e Aparecida do Taboado, em meados da década de 1970.

Neste sentido, dizemos que a carência de profissionais da docência foi sentida em várias localidades, tanto que o nosso entrevistado José Felice mencionou que, em meados da década, em 1967, quando realizava seu curso Normal, os seus professores eram, em grande parte, leigos⁵. Com o crescimento da quantidade de alunos e das escolas, houve a necessidade de formar mais professores para que pudessem atender as legislações vigentes. Entendemos que, embora tivesse

³ Utilizamos essa nomenclatura para sinalizar que o estado de Mato Grosso não havia sido dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

⁴ Atualmente conhecida como Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

⁵ Neste texto estamos entendendo por “professores leigos” profissionais que não possuíam a formação “formal”, suficiente, para lecionar no nível de ensino em que estavam atuando.

ocorrido um crescimento mal planejado na estruturação do ensino, essa situação foi necessária para o nosso sistema educacional.

A falta de profissionais habilitados para lecionar foi sentido em tantas localidades do país e observamos em nossa pesquisa, e em outras que aqui também elencamos, que a formalização da formação dos docentes que atuavam nas primeiras universidades perpassava por cursos de formação que surgiam em meio a carência e urgência, permeados por legislações que propunham o direito ao acesso à escola para todos. Consequentemente, conforme isso foi sendo efetivado, começaram os entraves. Se já havia escassez de profissionais que possuísem a formação exigida, desde os primórdios da educação brasileira, em meio ao processo de implantação da escolarização para a população, a carência se via latente, e com isso criavam-se, de forma emergencial, cursos que pudessem atingir um quantitativo significativo de pessoas pelo país.

Percebe-se que, em algumas regiões, a oferta para a formalização da formação de profissionais para atuar na docência ocorreu de forma mais morosa, se comparados a outras regiões; a exemplo, citamos: Maranhão, Rio Grande do Norte, Tocantins e o próprio Mato Grosso do Sul. Se comparados ao estado de São Paulo, tiveram seus primeiros cursos para formar professores de Matemática posteriormente. São Paulo viveu uma expansão dos cursos de Matemática na década de 1960, segundo nos relata Martins-Salandim (2012).

Em um outro momento, quando uma das pesquisadoras deste trabalho se debruçou a estudar a formação de professores na cidade de Paranaíba na segunda metade do século XX, observou esta fragilidade no que tangia formar docentes. Tanto que observamos, em nossa entrevista realizada com a professora Leocádia, que a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) foi criada com o intuito de difundir o ensino superior pelo interior do estado, pois havia grande carência de professores na região. Isso também foi percebido pelo professor Marco, que menciona que as primeiras turmas do curso de Cassilândia eram formadas por professores que já estavam lecionando nas escolas. A falta de profissionais era sentida em todos os âmbitos. Isso também se estendeu ao ensino superior, tanto que a professora Marlene, em nossa entrevista, conta-nos que, no início da instalação da universidade na cidade de Paranaíba, não havia profissionais qualificados com mestrado ou doutorado para lecionar, tanto que os primeiros professores, geralmente, possuíam somente o curso de graduação.

Em Mato Grosso *uno*, os cursos que formavam docentes para atuar na Matemática, primeiramente foram ofertados em cidades do interior do estado. Segundo Silva, C. (2015), estes cursos foram marginalizados, visto que em Campo Grande era ofertado os cursos de Medicina e Engenharia, cursos estes que eram vistos com prestígio, e as licenciaturas em Matemática ou o curso de Ciências com habilitação em Matemática foram oferecidos primeiramente nas cidades de Três Lagoas e Corumbá.

Os cursos que habilitavam os docentes para atuarem no ensino da Matemática eram criados sem um planejamento prévio, tanto que observamos, nas narrativas de nossos colaboradores, que foram os primeiros docentes dos cursos, que eles buscavam por estratégias de sobrevivência diante do caos que a urgência e a carência causavam, e isto era percebido na falta de professores, na ausência de infraestrutura física adequada, em bibliotecas que não possuíam o mínimo de exemplares para os cursos de Matemática. Mas essa característica não se estendeu somente aos cursos da região do Borsão/MS, foi percebido em outras regiões do Brasil, como citamos anteriormente, tanto que os cursos que deveriam ter as condições mínimas para a formação do profissional docente da Matemática foram sendo desenvolvidos à base de improvisação.

Além da falta de um planejamento, havia outros fatores que interferiam diretamente na instalação dos cursos. Citamos as influências políticas observadas na educação e na formação de professores, e este contexto pode ser um recorte espacial, sentido nas pesquisas que estudaram o movimento de formação nos estados de Tocantins⁶ e Maranhão⁷, na região de Barra do Garças⁸, na cidade de Paranaíba/MS⁹ e também na região do Borsão. Parece-nos que, mesmo com o movimento de migração que as localidades enfrentavam, isso não influenciava diretamente nas questões políticas, pois, quando os docentes chegavam para compor o quadro docente das universidades ou das escolas básicas, era imposto a eles a cultura já estabelecida no local.

⁶ Cury (2011).

⁷ Fernandes (2011).

⁸ Both (2021).

⁹ Silva (2016).

Os cursos que formavam professores para que eles formassem outros formadores

A dança bailada na Cades

Em nossa pesquisa, também, é apresentado outro programa que tinha a função de amenizar a falta de formação de professores: a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do ensino secundário (Cades). Ela foi criada na gestão de Armando Hildebrand, na companhia da Diretoria do ensino secundário, no governo de Getúlio Vargas, a partir do ritmo do Decreto nº 34.638, de 14 de novembro de 1953, que declarava como uma de suas finalidades difundir e elevar o nível do ensino secundário, assim tornando a educação secundária adequada aos interesses e necessidades daquele contexto, oferecendo uma educação mais eficiente e que tivesse uma articulação com a sociedade da época, criando possibilidades para que as pessoas pudessem ter acesso à escola secundária.

De acordo com Pinto (2008), a Cades perpassou por quatro momentos distintos. O primeiro foi da criação à implantação, que ocorreu entre 1953 e 1956, quando a Diretoria do ensino secundário estava sobre o comando de Armando Hildebrand. Naquele momento, procurou-se implantar as metas esboçadas pela Cades, tanto que, no primeiro semestre de 1954, foram ofertados os primeiros cursos de orientação para os professores inscritos no exame de suficiência;¹⁰ em um momento posterior foram ofertados cursos específicos para diretores e secretários de escola. Devido à criação da Cades e a sua ocupação por vários espaços no país, atrelava-se a ela as instâncias menores que eram Inspetorias Seccionais do ensino secundário, que estavam ligadas às Secretarias Estaduais de Educação, que eram responsáveis pela administração do ensino nos municípios (Baraldi, 2003).

¹⁰ Os Exames de Suficiência integravam uma prova escrita, uma prática ou oral e uma didática. As provas escritas eram divididas em duas etapas, sendo a primeira uma dissertação e a segunda de questões objetivas, que tinham em sua síntese as matérias ministradas nos cursos em que o aluno estava matriculado. Os candidatos que cursavam as disciplinas de Ciências Naturais, Física, Química, História Natural, Desenho, Economia Doméstica e Trabalhos Manuais, tinham a prova prática substituída pela oral. Já a prova didática era composta por duas etapas, uma escrita e uma prática, sendo que nesta última o candidato ministraria uma aula de 40 minutos, sendo que o tema seria sorteado 24 horas antes da aula e contemplaria algum assunto relacionado à disciplina em que o aluno estava matriculado (Miranda, 2019).

Para alcançar seus objetivos, a Cades ofertou cursos e estágios de especialização e aperfeiçoamento para os professores, técnicos e administradores de estabelecimentos de ensino secundário, com a concessão de bolsas de estudo a docentes secundários (Baraldi, 2003). Tanto que, em 1956, as inspetorias seccionais passaram a oferecer, em larga escala, cursos para preparação dos exames de suficiência e essa sintonia ocorreu devido à Lei nº 2.430, de 19 de fevereiro de 1955, que mencionava que os professores que fossem aprovados receberiam o registro que lhes conferia o direito de lecionar no ensino secundário, em localidades em que não havia professores habilitados. Os cursos tinham a duração de um mês, que normalmente eram oferecidos em janeiro ou julho, e que tinham por objetivo conseguir atingir aqueles professores que já lecionavam, mas sem uma formação específica.

Em 1956, houve a nomeação de um novo diretor para o ensino secundário: Gildásio Amado. Neste segundo momento, que ocorreu aproximadamente entre 1956 e 1963, houve a consolidação e expansão da Cades por todo o Brasil, por meio das inspetorias seccionais. Para garantir que todas as localidades pudessem ser contempladas, houve a criação das denominadas missões pedagógicas, que ocorreu pelo passo do Ofício Circular nº 15, de 10 de março de 1960. Essas ações eram ofertadas por equipes volantes, que possuíam integrante com experiência na docência (Pinto, 2008; Baraldi; Gaertner, 2013).

O terceiro momento proposto pela Cades, de 1953 a 1964, foi marcado pela renovação administrativo-pedagógica. O então nomeado a diretor do ensino secundário, Lauro de Oliveira Lima, devido ao trabalho executado na Inspeção Seccional do ensino secundário do Ceará, quando assumiu o cargo de diretor, apresentou um plano de ações sociológicas, pedagógicas e administrativas. Mas, devido à proximidade de Lauro com as ideias de esquerda e devido ao golpe militar, as ideias de renovação foram paralisadas, pois Lauro foi afastado de seu cargo (Pinto, 2008; Baraldi; Gaertner, 2013).

O quarto e último momento que culminou com o término da formação apresentada pelo ritmo da Cades ocorreu no período de 1964 a 1970 e Gildásio Amado estava novamente à frente da Diretoria do ensino secundário; porém, em sentido contrário de sua gestão anterior, conseguiu somente ofertar cursos de orientação para os exames de suficiência nos anos de 1965, 1966, 1967 e 1969 (Pinto, 2008; Baraldi; Gaertner, 2013). Baraldi (2003) e Pinto (2008) apontam alguns motivos para o fim da Cades: o primeiro é que a campanha foi criada com a finalidade de durar por um determinado período; e outro

foi devido à expansão do ensino superior no país, em decorrência da Lei nº 5.692/1971, no que diz respeito às licenciaturas plenas e curtas.

Sendo assim, a Cades foi criada em um momento no qual houve a expansão do ensino secundário no país, principalmente nas regiões interioranas, e essa situação culminava com o fato de o governo de Getúlio Vargas propor modernização e industrialização (Baraldi; Gaertner, 2013). Conforme Pinto (2008), a expansão pode ser notada nas décadas de 1940 e 1950, já que, no período de 1942 a 1952, houve um aumento de matrículas no ensino secundário de 210% no 1º ciclo e 436% no 2º ciclo. A expansão das unidades escolares “foi de 1.084% e 498% respectivamente” (Pinto, 2008, p. 753).

Como já discutimos anteriormente, o quantitativo de professores com cursos específicos para o magistério não conseguia atender as demandas do ensino, sendo que a precariedade desses profissionais se mostrava ainda mais latente nas cidades localizadas no interior, ou seja, nas cidades consideradas “periferias”, se comparadas às cidades que eram consideradas “centros” (Backes; Gaertner, 2007). Neste contexto, observamos que, na região sul do Estado de Mato Grosso *uno*, a situação não foi diferente das demais regiões, principalmente em um estado com grandes extensões territoriais, porém com poucas ofertas de formalização para os docentes. Se comparado ao estado de São Paulo, Mato Grosso *uno* era um estado periférico, porém, dentro do estado, a cidade de Campo Grande, segundo Lopes (2015), teve uma visibilidade em relação à Cades.

De acordo com a pesquisa de Lopes (2015), abordaremos algumas ações sobre execução da Cades no estado de Mato Grosso *uno*¹¹:

- a) no ano de 1957, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Matemática, Português e Francês, com aproximadamente 50 inscritos, sendo dez aprovados nos exames de suficiência e quatro candidatos na disciplina de Matemática;
- b) no ano de 1958, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, História, Geografia, Latim, Inglês, Francês e Desenho, com 85 inscritos, sendo 55 aprovados nos exames de suficiência, 31 tiveram a prorrogação da licença para lecionarem e nove dos aprovados foram para a disciplina de Matemática;

¹¹ Deixamos como referência para os dados da Cades em âmbito nacional o trabalho de Miranda (2019).

- c) no ano de 1959, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Física, História, História Natural, Geografia, Latim, Inglês, Francês e Desenho, com aproximadamente 53 inscritos, sendo 51 aprovados nos exames de suficiência e seis deles para a disciplina de Matemática;
- d) no ano de 1960, foram ofertados, na capital do estado de Mato Grosso *uno*, os cursos da Cades, reforçando a ideia de que os cursos deveriam ser ofertados preferencialmente em regiões afastadas dos grandes centros;
- e) no ano de 1961, o pesquisador não encontrou registros de que os cursos da Cades tenham sido ofertados em Mato Grosso *uno*;
- f) no ano de 1962, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências Naturais, Inglês e Desenho;
- g) no ano de 1964, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia;
- h) no ano de 1965, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, com a inscrição de 150 candidatos;
- i) no ano de 1966, foram ofertados, na cidade de Campo Grande, os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências, História e Geografia;
- j) no ano de 1967, foram ofertados, na cidade de Campo Grande (com 320 vagas), Cuiabá e Dourados (com 280 vagas), os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês, Francês, Espanhol e Desenho;
- k) no ano de 1968, foram ofertados, na cidade de Campo Grande e Dourados, os cursos nas seguintes disciplinas: Matemática, Ciência, História, Geografia e Inglês;
- l) no ano de 1969, foi ofertado, na cidade de Campo Grande, o curso na disciplina de Geografia;
- m) no ano de 1970, foram ofertados, na cidade de Dourados; os cursos nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, História, Geografia, Inglês,

Ciências Físicas e Biológicas, Francês e Desenho, sendo nove candidatos aprovados para a disciplina de Matemática.

Neste escopo, inferimos que a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do ensino secundário teve suas sintonias e descompassos durante o período de 1953 a 1971 e permitiu que um quantitativo de professores pudesse se formar e atuar no ensino secundário, tanto que nosso entrevistado Álvaro Sampaio nos relata que cursou a Cades em Araçatuba, cidade do interior paulista. Também nosso entrevistado José Felice cursou a Cades em janeiro de 1971. Segundo o professor, o curso de formação era oferecido pelo MEC e era precário, mas tinha o objetivo de oferecer aos professores leigos, que atuavam no ginásio¹² do estado de Mato Grosso *uno*, uma formação para lecionarem. Ao final do curso, que ocorreu na cidade de Campo Grande, os docentes receberam uma carteirinha do MEC que os autorizava a lecionarem. No caso de José Felice, ele era autorizado a dar aula de Matemática em todo o estado, pois não havia professores habilitados.

Diante do contexto educacional que precedeu a criação da Cades, além de ofertar ao docente a licença para lecionar, também o auxiliou com práticas de ensino, pois os professores que cursaram a Cades não tinham nenhuma formação específica para o ensino. Sabemos que a formação ofertada era longe da ideal, até porque estes cursos ocorriam em um curto espaço de tempo, normalmente nos meses de janeiro e julho, no período das férias escolares. No sul do estado de Mato Grosso *uno*, como abordamos anteriormente, a Campanha se fez necessária naquele momento, devido à escassez de profissionais, principalmente na área da Matemática, como pudemos observar na maioria das edições dos cursos no estado, que ocorreu com maior frequência na cidade de Campo Grande, mas também teve oferta nos municípios de Cuiabá – região localizada ao norte do estado de Mato Grosso, Corumbá e Dourados. Em todos estes lugares, foram ofertados cursos para a disciplina de Matemática. Neste viés, Lopes (2015) destaca a produção acadêmica por meio de livros e manuais que eram utilizados nos cursos da Cades. Esses materiais serviam de referência aos docentes que, por muitas vezes, viam-se sem apoio pedagógico em cidades periféricas, ou seja, afastadas dos grandes centros.

¹² Atualmente, a etapa de ensino corresponde à etapa do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

A dança bailada nas licenciaturas curtas

Como já pudemos discutir e salientar, a falta de profissionais habilitados para exercer a função docente foi latente, mesmo diante das legislações que propunham as exigências quanto à formalização desses profissionais. Dizemos que, em meio às urgências e carências, foram criados alguns programas e modelos de formação nos quais muitos professores se formaram. Entendemos que a formação que estes professores ofertaram posteriormente, quando se tornam formadores, estão interligadas com as que tiveram a possibilidade de cursar.

No início da década de 1970, quando o curso de licenciatura em Matemática de Três Lagoas estava sendo criado, a LDB de 1971 orientava que os professores que lecionassem nos anos finais do Primeiro e Segundo grau deveriam ser formados em nível superior (Brasil, 1971). Porém, antes mesmo da lei de 1971, o conselheiro Newton Sucupira, em 1964, apresentou ao Conselho Federal de Educação uma proposta de licenciatura curta, com a finalidade de amenizar a falta de docentes e assim conseguir expandir o ensino para todos, como se almejava (Sucupira, 1964).

De acordo com Gonzales (2017), que estudou as licenciaturas parceladas de curta duração, que foram criadas, em 1972, pela Universidade Federal de Mato Grosso *uno*, que tinha por finalidade habilitar os professores leigos em nível superior, constatou-se que, em 1970, 54,7% dos docentes mato-grossenses não possuíam cursos de graduação para lecionar.

Um dos colaboradores de Gonzales (2017) menciona que, para cursar as licenciaturas parceladas, havia uma pré-seleção pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc/MT). O candidato tinha que ter o 2º Grau e estar em exercício da docência e, depois de atender estes passos, era necessário fazer um vestibular. Em média, os quarenta melhores classificados entravam nesses cursos. Outra entrevistada por Both (2021) aponta que as licenciaturas parceladas tinham a mesma carga horária dos cursos regulares dos câmpus sedes e que uma disciplina que demoraria um semestre para ser realizada nos cursos regulares, nas parceladas tinham duração de uma semana. Pela rapidez dos cursos, os professores tinham dificuldades, tanto que os formadores deixavam materiais para os alunos estudarem no período não presencial. Outra característica das licenciaturas parceladas consistia em os cursos serem oferecidos, geralmente, em janeiro e julho, meses em que os professores estavam de férias ou recesso escolar e com isso esses alunos

professores ficavam grande período sem descansar. Assim, os professores atuantes nas redes públicas de ensino, teriam acesso às qualificações, mas sem que as comunidades, nas quais eles atuavam, tivessem prejuízos, devido às suas ausências nas demandas escolares (Gonzales; Silva; Garnica, 2019).

Em nosso trabalho, tivemos a oportunidade de conversar com o professor Edson Carvalho, que nos disse fazer parte das formações ofertadas nas licenciaturas parceladas, em meados de 1975 e 1976. A Universidade Estadual tinha um câmpus avançado em Barra do Garças¹³, no qual era ofertado um curso de Pedagogia a professores da rede estadual de ensino, que não tinham formação em nível superior, e o docente foi coordenador desses cursos que ocorriam em janeiro, no início de fevereiro e em julho. Ele destaca que eles e os alunos ficavam acomodados em uma escola e que as disciplinas eram ministradas semanalmente com a troca de professores. Ele também nos conta que o curso era um convênio da Universidade Estadual com a Secretaria de Educação do Estado e permitia que os alunos fossem de várias localidades, fazendo com que atingisse uma grande proporção de professores pelo estado.

Mesmo formando um grande número de professores, as licenciaturas parceladas era um programa de formação emergencial. Os cursos não supriram a demanda do estado, pois o número de docentes leigos, à época, era grande (Gonzales, 2017). Tanto que o nosso entrevistado José Felice menciona que começou a lecionar como professor de Matemática, na década de 1970, sem ter formação em nível superior e que seus colegas de trabalho também não tinham graduação. Neste mesmo sentido, a professora Leocádia nos diz que a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul começou a funcionar no ano de 1994 com o intuito de formar professores, assim contribuindo com o ensino do estado, pois existiam muitos professores leigos, principalmente nas áreas de Matemática, Física e Química.

Neste contexto de carências, a criação dos cursos de licenciaturas curtas foi apresentada, em meados de 1960, para contribuir com o descompasso entre a quantidade de professores que as escolas necessitavam e os professores que já possuíam seu curso de formação. Então, na década de 1970, o Conselheiro Valnir Chagas propôs este novo modelo de curso que se espalhou em instituições privadas pelo interior do país. No entanto, essas formações precisavam ser realizadas em um

¹³ Como sugestão de leitura, indicamos o trabalho de Both (2021), que estudou o curso ao qual estamos nos referindo.

tempo reduzido e com uma proposta de formação polivalente do professor (Curi, 2000).

A formação proposta pelos cursos de licenciatura curta em Ciências, segundo o Conselheiro Valnir Chagas, teria como característica dominante a integração do conhecimento. Assim, o currículo seria flexível e integraria o desenvolvimento de disciplinas isoladas. Na Resolução 30 do Conselho Federal de Educação, de julho de 1974, era proposto um currículo mínimo, o qual era dividido em duas etapas, sendo a primeira a licenciatura polivalente em Ciências de 1º grau, com carga horária de 1.800 horas, sendo acrescida de uma segunda parte de uma habilitação específica em Biologia, Física, Matemática ou Química, com uma carga horária mínima de 100 horas, assim habilitando o docente para o ensino médio. Com a publicação desta resolução, tornou-se obrigatório este novo currículo que teria como prazo limite para implantação do ritmo até o ano de 1978 (Curi, 2000).

Porém, as licenciaturas curtas tiveram uma reação contrária por parte da Sociedade Brasileira para o Progresso de Ciência (SBPC), Sociedade Brasileira de Física (SBF), Sociedade Brasileira de Química (SBQ), que se manifestaram junto ao MEC quanto à inadequação deste modelo de formação.

Entre 1974 e 1977, algumas universidades, como a Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal de Goiânia (UFGO), Universidade de Brasília (UnB) implantaram as licenciaturas em Ciências e suas habilitações, mas foi observado que o aluno não estava sendo preparado o suficiente para a atuação nas escolas e havia um número considerável de evasão (Curi, 2000).

Neste viés, no estado de Mato Grosso *uno* as licenciaturas curtas em Ciências foram oferecidas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) por meio da Resolução nº 82 do Conselho Diretor, em 02 de dezembro de 1974 e tinham a duração de 1.800 horas. Essas horas poderiam ser integralizadas em um período de dois a quatro anos, porém após ser implantado o curso ele passou a ser de 1.980 horas, ou seja, 116 créditos que eram distribuídos em 89 créditos destinados às disciplinas obrigatórias, quatro créditos às optativas, 12 créditos às disciplinas voltadas a área pedagógica, quatro créditos à prática de ensino/estágio supervisionado, mais quatro créditos em estudos de problemas brasileiros e mais três créditos em Educação Física (Universidade Federal de Mato Grosso, 1976; Miranda; Both, 2021).

Já a licenciatura plena em Ciências, com habilitação em uma das quatro áreas, tinha um total de 2.800 horas e que podiam ser cursadas em um período de três e

sete anos, porém ficando em média quatro anos para fazer o curso. Para a diplomação do curso de Ciências com habilitação em uma das quatro áreas, era preciso ter os 116 créditos da parte de Ciências e o aluno deveria complementar com mais 82 créditos, que eram divididos em: 60 créditos voltados às disciplinas obrigatórias, oito créditos eram destinados às optativas, oito créditos às disciplinas pedagógicas e os outros seis créditos eram destinados à Prática de Ensino/Estágio Supervisionado. Assim, a parte específica das complementações totalizava 1.450 horas (Universidade Federal de Mato Grosso, 1976; Miranda; Both, 2021).

As licenciaturas curtas ofertadas pela UFMT puderam ser realizadas até o ano de 1985¹⁴, quando foram convertidas em licenciaturas plenas em Matemática, Química, Física e Biologia. Porém, quem estava cursando teve o direito de terminar o curso de Ciências (Miranda; Both, 2021).

Em nosso trabalho, o curso de Ciências¹⁵ com habilitação em Matemática surgiu nas narrativas da professora Eliedete e Sonia, que nos contaram que, quando fizeram Matemática na UEMT¹⁶ em Três Lagoas, o curso era em Ciências e que depois havia a habilitação em Matemática. Sonia menciona que, primeiramente, tinha que fazer dois anos e meio de Ciências e, só posterior a esse período, cursava-se um ano e meio ou para Biologia ou para Matemática. Ela ainda relata que no curso, durante o primeiro período, havia muita Biologia e Zoologia, e com isso teve muitas dificuldades nos primeiros anos, porque ela queria fazer Matemática e não gostava de Biologia. Neste contexto, o colaborador Álvaro diz que, na época, não tinha curso de Biologia na região de Três Lagoas e, pela carência de professores na área, o curso de licenciatura em Matemática foi transformado em Ciências com habilitação em Matemática e Biologia. No entanto, depois, o curso de Licenciatura em Matemática retornou, porque, segundo ele, os cursos de Ciências com habilitação em Matemática e Biologia não atendiam o que era esperado para a formação de um professor para lecionar nessas disciplinas.

¹⁴ Resolução nº 64, do Conselho Diretor da UFMT.

¹⁵ O Parecer CFE 4.665/1978 diz da conversão do curso de licenciatura em Matemática em uma licenciatura em Ciências. A conversão do curso foi homologada pela Resolução 02/1974 de 30 de maio de 1974, do Conselho Universitário da UEMT, autorizada pela Resolução n.º 109/77 do Conselho Estadual de Educação. E em meados de 1986, o curso foi transformado em uma licenciatura em Matemática (Silva, C., 2015).

¹⁶ Resolução nº 82 do Conselho Diretor, em 2 de dezembro de 1974, extinguiu as licenciaturas plenas em Matemática, Física, Química e História Natural, substituindo-as por licenciaturas curtas em Ciências.

Podemos observar que existiam algumas lacunas. O que notamos era um curso proposto por uma legislação que pretendia formar professores de maneira rápida, em um curto período, para atender às demandas do ensino. Muito deste contexto vem de um sistema de educação brasileiro que, desde os seus primórdios, foi mal planejado, com a falta de organização e de empenho sobre o real objetivo, que era formar todos com a mesma qualidade, independentemente de sua classe social.

Também pudemos observar que, embora houvesse uma legislação que determinasse como seria a formação, nesta pesquisa e em outras pesquisas,¹⁷ o curso era moldado conforme a realidade da região, ou seja, eram singulares as demandas de cada universidade ou faculdade e os participantes de cada uma.

Segundo Silva, C. (2015), o estado de Mato Grosso *uno* ofertou as licenciaturas em Ciências. Em Campo Grande, no ano de 1971, foi criado um curso de licenciatura curta em Ciências na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (FADAFI), que, em 1976, tornou-se as Faculdades Unidas Católicas Dom Bosco (FUCMT) e em 1993, foi transformada em Universidade Católica Dom Bosco (UCBD). Nessa instituição, em 1980, houve a criação das habilitações em Matemática e Biologia. Silva, C. (2015) tematizou a formação de professores de Matemática em Campo Grande, foi o curso que funcionava no período noturno na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O curso tinha um currículo parecido com o de um curso de Matemática, mas antes mesmo de apresentar o seu projeto, a universidade, no ano 1983, modificou-o para licenciatura em Matemática, que tinha o seu funcionamento no período diurno. A mudança do período de funcionamento fundamenta-se no fato de que o aluno deveria ter tempo para se dedicar aos estudos.

Já em Aquidauana, o curso de Ciências também foi oferecido pela UEMT, no início da década de 1970, porém dentre as habilitações oferecidas não havia especificamente a área da Matemática e sim Biologia, tanto que, em 1987, o curso de Ciências foi transformado em Biologia. Em Corumbá, por volta de 1970, foram estudados os cursos de Ciências, sendo as habilitações de Biologia e Matemática oferecidas a partir de 1975 (Silva, C., 2015).

Muitos foram os docentes formados nos cursos em Ciências, não só no estado de Mato Grosso *uno* e Mato Grosso do Sul, mas em todo o Brasil. Percebemos que alguns professores optaram por se deslocarem, por não se identificarem com o curso

¹⁷ Silva (2016), Silva, C. (2015) e Gonzales (2017).

de licenciatura em Ciências. Isso pode ser observado na fala do Professor Álvaro Sampaio que, em sua entrevista, relata-nos as dificuldades que ele enfrentou para se formar em um curso de licenciatura em Matemática na cidade de Penápolis. Ele, inclusive, cita que havia uma perua kombi¹⁸ que levava os alunos da cidade de Mirandópolis até Araçatuba para fazer o curso de Ciências, o que parecia ser mais viável, já que a distância era menor, comparada a Penápolis. Dentre as facetas enfrentadas por Álvaro, ele nos relata que o curso funcionava em período diurno e que ele precisava de flexibilidade nos horários em que lecionava na cidade de Andradina, pois fazia esse deslocamento diariamente.

Na contramão dos cursos de licenciatura em Ciências, houve a publicação, pelo CFE, da resolução de nº 5, adiando a implantação da resolução CFE 30/74. Tanto que a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência publicou uma crítica, no que tange às licenciaturas polivalentes, pois elas tornavam frágil uma formação científica e pedagógica do corpo docente, por conta dos desencontros percorridos nos currículos (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1981). Segundo Candau (1987), em uma consulta pública realizada pelo MEC, em meados de 1981/1982, aos estabelecimentos de Educação Superior que ofereciam as licenciaturas curtas em Ciências e suas habilitações, foi constatado que eles queriam a volta das licenciaturas específicas, pois o professor polivalente não encontrou uma formação desejável (Hamburger, 1984).

As instituições que ofereceram os cursos de licenciatura curta possuíam algumas fragilidades, no que concerne a estrutura administrativa e acadêmica. O nível de profissionalização dos docentes era baixo. Possuíam, por vezes, somente um curso de graduação. Os alunos não possuíam um tempo específico para estudar, já que muitos lecionavam. Faziam a graduação para atender à legislação vigente na época, como é o caso do nosso entrevistado Álvaro, que necessitava trabalhar para seu autossustento. Já a formação promove lacunas, pois os conteúdos curriculares são fragmentados e desvinculados do ensino fundamental e ensino médio (Gatti, 1997). Mesmo diante de críticas à formação, promovida pelas licenciaturas curtas, estas permaneceram em vigência por aproximadamente quarenta anos, sendo extintas, em maio de 1999, pela Resolução da Câmara de Educação Superior nº 02, artigo 1º, tanto que a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 não prevê esta modalidade de licenciatura. Porém a

¹⁸ A Kombi é veículo automóvel de uso misto, já que ela pode transportar tanto carga quanto passageiros.

Resolução CNE/CES nº 11, de dez de julho de 2006, revogou o ato normativo, acima citado, que extinguiu os cursos (Silva, C., 2015).

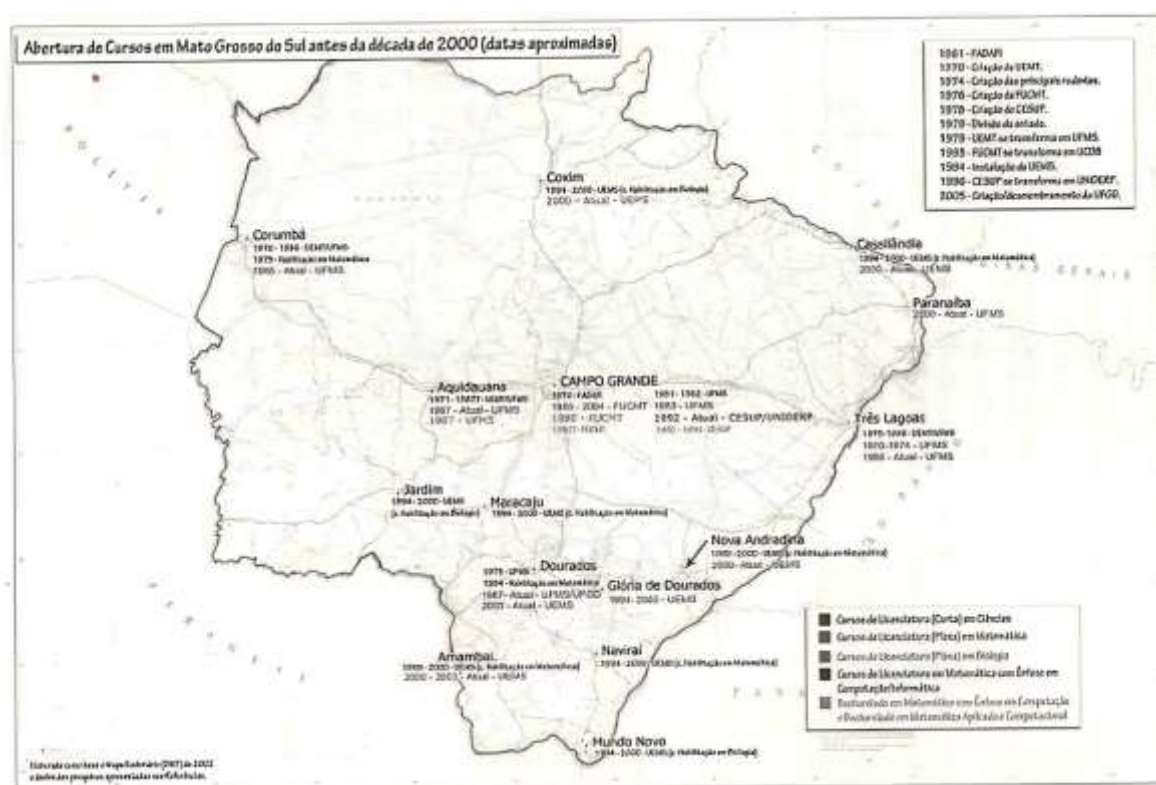
Guedes (2018) estudou a instalação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), a criação do curso de Ciências com habilitação em Matemática no ano de 1994 até o ano de 2000. Depois, esse curso foi transformado em licenciatura plena em Matemática. O curso de Ciências da UEMS tinha a duração de quatro anos, com carga de horária de 3.180 horas aulas e um currículo composto de uma parte comum, que ocorria nos dois primeiros anos do curso e a parte diversificada, que ocorria nos dois últimos anos. Ainda nesta formação, o currículo era composto por disciplinas complementares obrigatórias e de legislação especial, distribuídas nos dois primeiros anos do curso. O aluno, ao terminar a graduação, era diplomado em licenciatura em Matemática e poderia atuar no ensino fundamental, lecionando as disciplinas de Ciências Físicas, Biológicas e Matemática, e no ensino médio, nas disciplinas de Matemática ou Biologia. Isso dependia da habilitação escolhida e cursada. A pesquisadora, por meio de suas entrevistas, observou que, embora o curso fosse Ciências com habilitação em Matemática, era visto como uma licenciatura em Matemática, porque na grade haviam muitas disciplinas de Matemática, porém sem a especificidade que um curso de licenciatura em Matemática propõe.

No ano de implantação da UEMS, os cursos de Ciências com habilitações em Matemática e Biologia ocorria no período noturno, em seis unidades universitárias e cada localidade poderia ofertar somente uma habilitação. Em Cassilândia, Maracaju e Naviraí era ofertada a habilitação em Matemática e, em Coxim, Jardim e Mundo Novo, a habilitação em Biologia. Em 1999, também houve a implantação do curso de Ciências com habilitação em Matemática nas cidades de Nova Andradina e Amambai. Podemos observar que, em meados da década de 1990, ainda havia carência de professores, tanto que a UEMS foi criada com o propósito de formar docentes pelo interior do estado de Mato Grosso do Sul. Os primeiros alunos do curso de Cassilândia eram professores que já atuavam no ensino, mas não possuíam curso específico. Isso porque, na região do Bolsão, o curso de Matemática mais acessível era ofertado na cidade de Três Lagoas, o que exigia locomoção dos docentes, o que, para quem estava atuando, era inviável. A nossa entrevistada Eliedete até relata que tinha uma amiga que vinha da cidade de Cassilândia para fazer o curso de Ciências com habilitação em Matemática em Três Lagoas, mas ela percebia que, quando chegava

no final de semana, a aluna não produzia muito, devido ao cansaço das viagens e do trabalho, já que ela lecionava.

Entendemos que as universidades foram sendo expandidas, principalmente pelo movimento de interiorização das instituições, que foi sendo implementado. Entendemos que, neste novo cenário, o estado possui um quantitativo significativo de cursos para formar professores de Matemática, espalhados nas mais diversas regiões. Abaixo, trazemos o mapa (Figura 2) que ilustra as localidades em que os cursos foram sendo implantados no decorrer do tempo, esvaziando a ideia de que alguma região esteja desassistida com a formalização. O que inferimos é que, na instalação destes cursos, houve/há vários outros contextos de precariedades, que vão sendo desvelados, conforme vão sendo estudados.

Figura 2 – Mapa com a abertura dos cursos de Matemática em Mato Grosso do Sul



Fonte: Pinto (2021).

Diante de tudo que abordamos, percebemos que a educação brasileira não se concentrou em dançar apenas um ritmo, em performance clássica. Houve adequações e os ensaios de vários passos, para que se pudesse apresentar algum espetáculo. Entendemos que a educação não é um processo estático, mas uma dança

que vai desencadeando outra, sendo os movimentos cuidadosamente pensados e coreografados. Acreditamos que essas várias facetas da dança, de tombos, quedas e intermináveis recomeços foram essenciais para termos a dança que hoje é bailada em espaços dinâmicos e multifacetados nas diversas transformações da região. Temos a total consciência que ainda há muito que se ensaiar, pois esta dança está longe da sintonia desejada por todos, mas, diante das apresentações, esboçamos compreensões do que foi possível de ser realizado.

A NOSSA (RE)CRIAÇÃO COREOGRÁFICA

Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>. Acesso em: 4 jul. 2023.



"É preciso criar pessoas que se atrevam a sair das trilhas Aprendidas, com coragem de explorar novos caminhos. Pois a ciência construiu-se pela ousadia dos que sonham e o conhecimento é a aventura pelo desconhecido em busca da terra sonhada."

(Rubem Alves)

A NOSSA (RE)CRIAÇÃO COREOGRÁFICA

Entendemos que escrever uma história dos acontecimentos vivenciados, com todos os detalhes, é impossível. Partimos da premissa de que toda história é uma visão plausível sobre algo, entrelaçada pela subjetividade, envolvendo recortes, e que é possível sua tecitura a partir de pontos de vista acerca do momento experienciado.

Sabemos que a criação coreográfica perpassa por diversas situações, como a imprevisibilidade das criações dos dançarinos e a sensibilidade da composição do pesquisador. Por este viés, tratamos da construção de uma trama, de uma narrativa, a partir de fontes que ora foram apresentadas e que se encontram disponíveis para que sirvam de endosso para outros trabalhos. Também utilizamos as narrativas construídas com nossos colaboradores, destacando alguns passos que, ao nosso ver, permitem, à nossa plateia, conhecer condições e aspectos dos compassos em que os cursos de formação de professores em Matemática foram criados na região do Bolsão do estado do Mato Grosso, a partir de 1970 até a década de 2000.

Primeiramente, vamos fazer uma breve apresentação¹ das cidades do Bolsão, as quais, para nós, foram as cidades que escolhemos estudar: Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas, sendo que a região do Bolsão conta com dez municípios.

A cidade de Cassilândia² tem uma área de 3.658,252 km². É popularmente conhecida como a “Princesinha do Vale do Aporé” ou como “Cidade Sorriso”. Com seus 68 anos de emancipação política, tem como predomínio de sua cultura local uma forte influência de goianos, mineiros, paulistas e sul-mato-grossenses. Em seus primórdios, a região do Bolsão tinha o predomínio da pecuária, porém, nas últimas décadas, este contexto vem se alterando e ocorrendo uma diversidade econômica com a produção agrícola, florestal e industrial (Guedes, 2018).

No município de Cassilândia, há predomínio da pecuária e da produção florestal, já que a localidade tem, em suas redondezas, fazendas de gado e seringueira, além de algumas fábricas. Quanto à localização geográfica, Cassilândia faz divisa com o estado de Goiás e se localiza aproximadamente a 434 km da capital Campo Grande (Guedes, 2018).

¹ Dizemos breves apresentações, pois indicaremos outros trabalhos que já se debruçaram a apresentar tais localidades. Logo, pode-se usá-los como referência para esboçar compreensões dos contextos sociais, educacionais e geopolíticos de nossa localidade de estudo.

² Como referência acerca do município de Cassilândia, deixamos como sugestão os trabalhos de: Guedes (2018) e Simões (2007).

Cassilândia é banhada pelo Rio Aporé, sendo este um dos principais rios da região do Bolsão, fazendo divisa entre os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul. Devido à presença do rio, a cidade possui o Balneário do Salto, que contém uma cachoeira, com uma queda d'água de cinco metros de altura. Também há, neste local, uma usina hidrelétrica desativada (Guedes, 2018).

Quanto à formação de professores, a vinda da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) foi recebida com grande expectativa, já que, para se formar, os docentes procuravam a formalização em outras cidades ou até lecionavam sem a formação específica para o magistério, como apontam os colaboradores de Guedes (2018), ao dizer sobre o perfil das primeiras turmas do curso de Ciências com habilitação em Matemática. Segundo eles, os alunos eram, em sua maioria, professores que já lecionavam na cidade ou na região e buscavam, no curso, a formação específica para o magistério, pois a legislação “apontava” para tal situação.

Um outro município de nossos estudos é Paranaíba³, que, em seus primórdios, era conhecido como Santana de Paranaíba, localizado ao leste do estado de Mato Grosso do Sul, na região de influência do Cerrado e ocupando uma superfície de 5.402,778 km², sendo 7,740 km² de área urbana. A cidade se encontra localizada na divisa dos estados de Goiás e Minas Gerais e está, aproximadamente, a 62 km da divisa do estado de São Paulo e a 407 km da capital do estado, Campo Grande. O município de Paranaíba, atualmente, tem a maior parte de sua população residindo na zona urbana, porém ainda há muitos proprietários de terras, que fazem com que a economia tenha grande força da agropecuária, atividade que é praticada desde a fundação da cidade. Já a população que reside na zona urbana tem como fonte de renda as indústrias ou serviços da iniciativa privada (Silva, 2016).

Paranaíba, com seus 167 anos de emancipação política, é uma cidade que está se desenvolvendo social e culturalmente. A cidade recebe muitas pessoas advindas de outras regiões, tanto para estudar como para trabalhar. Sua localização privilegiada propicia a confluência dos diversos hábitos culturais trazidos das localidades com as quais faz divisa.

No que tange à formação de professores, a cidade de Paranaíba ficou por anos sem ofertar cursos para isso em uma instituição pública, tanto que muitos docentes lecionavam sem ter formação específica para o magistério, como citam os professores

³ Como referência acerca do município de Paranaíba, deixamos como sugestão o trabalho de Silva (2016).

Ignácio e Rodolpho, nas cenas construídas por Silva (2016). Por conta da proximidade com as cidades interioranas do estado de São Paulo, os docentes buscavam nestas localidades (Santa Fé do Sul, Andradina, Jales, Pereira Barreto, entre outras) a formalização, pois somente no ano de 2001 é que foi criado o câmpus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que passou a ofertar o curso de licenciatura em Matemática.

O nosso último município a ser conhecido é Três Lagoas⁴, que foi fundado em 1915 e recebeu este nome pelo fato de abrigar três lagoas na localidade. A cidade está situada no leste de Mato Grosso do Sul, estando a 339 Km da capital, Campo Grande. A área do município é de 10.206,37 km², sendo que a sua área urbana possui um perímetro de 18,48 km². A cidade é a quarta mais importante do estado de Mato Grosso do Sul e, atualmente, concentra o maior índice de urbanização e industrialização (Francisco, 2013; Pacheco; Lara, 2017).

Em um primeiro momento, a história do município de Três Lagoas se aproxima com a própria história do estado de Mato Grosso do Sul, pois o atrativo pela posse de terra fez com que a agricultura e a pecuária fossem difundidas pelo município, por meio do movimento migratório, assim gerando riquezas. A posição geográfica da localidade é privilegiada, já que é banhada pelos rios Sucuriú, Rio Verde, Rio Pardo e Rio Paraná (Francisco, 2013).

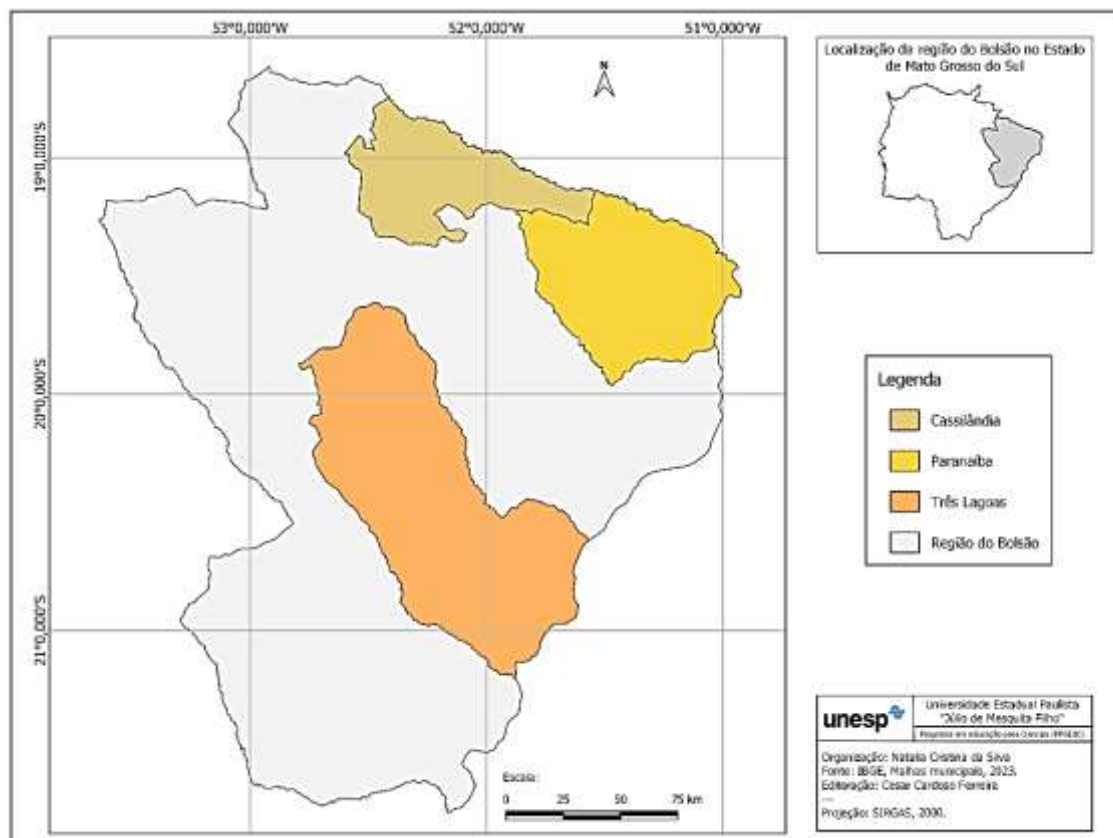
Também destacamos a Estrada de Ferro, que trouxe a urbanização e o desenvolvimento à cidade de Três Lagoas. Outro fator relevante a mencionar foi a construção da hidrelétrica Souza Dias (Jupiá), que, por meio da Vila Piloto, chegou a abrigar quinze mil trabalhadores, no período de 1964 a 1975, impulsionando o comércio (Francisco, 2013). Atualmente, a economia do município está sendo estimulada pela industrialização, com a produção de açúcar e celulose e pela fabricação de fertilizantes, em uma fábrica da Petrobras S.A.

Devido à localização geográfica privilegiada de Três Lagoas, já que a cidade faz divisa com o estado de São Paulo, e com a criação de uma instituição pública de ensino superior em meados da década de 1970, a localidade recebeu muitos docentes de outros lugares. A exemplo, citamos nossos colaboradores: Álvaro, Edson e Marlene, que deixaram suas cidades interioranas do estado de São Paulo, na busca de melhores condições de vida e crescimento profissional.

⁴ Como referência acerca do município de Três Lagoas, deixamos como sugestão os trabalhos de: Francisco (2013) e Pacheco e Lara (2017).

Abaixo, trazemos a Figura 3, que mostra a localização das cidades de Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas, na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul.

Figura 3 – Localização de Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas no Bolsão/MS



Fonte: IBGE, Malhas Municipais (2023). Mapa organizado pela pesquisadora (2024).

Neste contexto, desde o nosso trabalho de mestrado, percebemos conveniente entendermos a história da região. Naquele momento, buscamos traçar compreensões acerca das lutas para que a localidade fosse constituída. Desde lá, pensamos que o movimento divisionista e as ações políticas que ali ocorreram interferiram na formação de um povo e isso só veio a corroborar quando pudemos ouvir os professores, colaboradores em nossa pesquisa.

A divisão do estado de Mato Grosso *uno*⁵, dentro do movimento de implementação das instituições de ensino superior que estudamos, impactou na vida pessoal dos docentes, como observamos nas falas dos professores do curso de Três Lagoas, que revelam o quanto esse processo foi relevante para eles e também na

⁵ Esse termo vem sendo utilizado para diferenciar o atual estado de Mato Grosso do antigo (*uno*) que englobava, até 1977, o atual estado de Mato Grosso do Sul.

efetivação e constituição do curso. Até então, os professores tinham um perfil de viajantes, já que residiam em outras localidades e iam somente para dar suas aulas e ir embora, o que nos leva a compreender que não conseguiam se envolver integralmente com os alunos e com o curso.

Entendemos que a migração pode ser definida como uma mudança permanente, ou por um período, ou seja, a migração consiste em dois movimentos: um apresentado em um lugar de origem e outro em um lugar de destino. Os processos de migração podem causar dois impactos: positivos ou negativos. Isso ocorre quando os migrantes são altamente qualificados e veem o processo migratório como uma forma de conquistarem melhores ofertas de trabalhos, contribuindo para um impacto positivo, ou quando tem uma baixa qualificação e acabam tendo impactos negativos em seus locais de origem (Cury, 2011).

Em nosso trabalho, pudemos observar que os professores Álvaro, Andreia, Edson, José Felice, Irene, Leocádia, Marco, Marlene, Thiago e Sílvia, na busca de melhorar suas condições de formação e qualificação, deixaram suas cidades de origem. Para muitos, o estado de Mato Grosso do Sul poderia ser visto como um estado periférico, comparado, por exemplo, ao estado de São Paulo. Porém, Mato Grosso do Sul abrigou muitos migrantes, pois estes viam na localidade a possibilidade de melhorarem suas condições de vida, visto que era um estado que estava em ascensão econômica e política. Tanto que os nossos colaboradores da pesquisa, os professores Álvaro, Andreia, Edson, José Felice, Irene, Leocádia, Marco, Marlene, Thiago e Sílvia deixaram suas cidades de origens para lecionarem na então⁶ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) ou na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)⁷.

Diante do exposto, é pertinente falarmos do contexto histórico do estado de Mato Grosso *uno* nas cercanias de 1970, para que possamos olhar outros movimentos que foram apresentados anteriormente e que tiveram ligação direta com nosso trabalho. Assim sendo, relembremos que o território mato-grossense, nos primórdios

⁶ Mencionamos que no período em que os professores Álvaro e Edson foram lecionar na universidade, antes da divisão do estado de Mato Grosso, a instituição de ensino superior era denominada de Universidade Estadual de Mato Grosso.

⁷ Atualmente, no estado de Mato Grosso existe a Universidade do estado de Mato Grosso (UNEMAT) abrigando 13 câmpus, 17 núcleos pedagógicos e 24 polos educacionais de Educação a Distância. Disponível em: <https://unemat.br/site/institucional/nossa-hist%C3%B3ria>. Acesso em: 24 dez. 2023.

do século XX, corresponde atualmente aos estados de Rondônia⁸, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, um território vasto, que, apesar de ser considerado único, já tinha suas diferenciações culturais, no que tangia às suas regionalidades (Bittar, 2009; Gonzales, 2017).

A parte sul do estado de Mato Grosso *uno* se queixava da distância da capital Cuiabá, que se localizava aproximadamente a setecentos quilômetros da cidade de Campo Grande. A comunicação era estritamente comprometida entre a parte norte e a sul do antigo estado de Mato Grosso *uno*. Essa situação também fazia com que os divisionistas defendessem a necessidade de separação das regiões (Bittar, 2009). Neste sentido, o professor Álvaro, nosso colaborador, menciona que a distância da capital do estado – Cuiabá – era muito relevante para a tomada de decisões. Também em Silva (2016), os seus colaboradores salientaram que a distância de Cuiabá dificultava a comunicação e, por consequência, as situações eram resolvidas de maneira mais morosa.

Segundo Faoro (2014), na década de 1960, o estado de Mato Grosso, principalmente a região sul, perpassou por um significativo desenvolvimento econômico, devido à migração de paulistas, mineiros e gaúchos. Estas populações vinham em busca de melhores condições de vida. O governo incentivava os processos migratórios, com projetos que apontavam para a ocupação de um território vasto e fértil. Grande parte dos migrantes não possuíam o ensino primário, ou seja, eram trabalhadores braçais que se dedicavam à agricultura e à pecuária. Neste viés, Carli (2008) diz que os processos migratórios, que o sul do Mato Grosso perpassou, contribuiu para o desenvolvimento da região.

Dizemos que o estado de Mato Grosso do Sul foi beneficiado pelo programa do governo federal denominado “Marcha para o Oeste”. Esse movimento migratório tinha por finalidade promover a integração do Centro-Oeste e Norte do Brasil com as regiões litorâneas. A Marcha para o Oeste ocorreu no governo de Getúlio Vargas⁹ (1930-1945), que tinha por finalidade ocupar o território que até então não era povoado. O modelo proposto pelo governo pretendia instalar um desenvolvimento

⁸ O governo brasileiro, a partir da década de 40, começou a criar oficialmente vários territórios, sendo criado o Território Federal do Guaporé (13/09/1943) – atual estado de Rondônia, com terras desmembradas do Mato Grosso e do Amazonas. Disponível em: <https://transparencia.der.ro.gov.br/Institucional/Historico#:~:text=Em%201956%20passa%20a%20se,ligando%20Porto%20Velho%20a%20Cuiab%C3%A1>. Acesso em: 14 abr. 2024.

⁹ Getúlio Vargas foi militar, advogado e político. Tornou-se presidente do Brasil por meio da Revolução de 1930, sendo forçado a renunciar quinze anos depois.

econômico, em regiões do Centro-Oeste que possuíam pouca infraestrutura (Cunha, 2002).

Embora o projeto “Marcha para o Oeste” anunciasse que tinha por objetivo ocupar territórios que ainda não eram ocupados, destacamos que grande parte dessas “terras desocupadas”, na realidade, eram lugares ocupados pelas tribos dos povos indígenas. Assim, as ocupações tinham em seu contexto confrontos com os indígenas que já estavam na localidade (Schussler, 2007). Com isto, inferimos que havia a invisibilidade dos povos indígenas em relação às políticas governamentais.

Neste viés, Faoro (2014) esboçou compreensões, por meio de dados de crescimento demográfico, de que, na parte sul de Mato Grosso *uno*, houve um aumento populacional significativo entre as décadas de 1940 e 1970, tendo uma redução do fluxo migratório na região em 1980, devido à redução dos projetos/recursos destinados ao povoamento do estado.

O movimento migratório, por meio da Marcha para o Oeste, também foi percebido por Toillier (2013) no oeste do Paraná. O autor diz que o governo do estado viu com apreço as políticas de desenvolvimento, por meio dos movimentos migratórios, já que não estava satisfeito com a situação de abandono em que a região oeste paranaense se encontrava. Na tentativa de povoar a região que era ocupada por estrangeiros foi que o governo, com a finalidade de potencializar a economia por intermédio da agricultura familiar, recebeu um contingente significativo de pessoas advindas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

No mesmo contexto da porção sul-mato-grossense, Toillier (2013) menciona que a cultura regional do oeste paranaense também foi sendo formada por meio das pessoas que chegaram para ocupar a região. Elas deixaram suas localidades de origem, devido às pequenas propriedades, que utilizavam a mão de obra familiar, estarem sendo substituídas por latifúndios agropecuários. Então, essas famílias viam sua cultura se perdendo e vislumbravam, no novo local, uma maneira de ofertar melhores condições de vida aos seus herdeiros e também a oportunidade de dar prosseguimento em sua cultura.

Salientamos que, dentro do próprio estado de Mato Grosso, o movimento migratório também contribuiu com o povoamento da região, como consequência de programas implantados por Getúlio Vargas nos anos de 1950 e 1960. A migração de Mato Grosso *uno* teve um movimento intenso, tanto que o crescimento populacional

foi um dos maiores do país, pois cerca de 300 mil migrantes vieram para povoar a região (Miranda; Toillier; Baraldi, 2021).

Nas décadas de 1960 a 1980, o estado teve influências de programas governamentais que auxiliaram nos movimentos migratórios da localidade. São eles: em 1967, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco); em 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN); no ano de 1971, o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo Agroindustrial (Proterra); em 1975, o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro); no ano de 1979, o Programa Especial de Desenvolvimento de Mato Grosso (Promat); no ano de 1980, o Programa de Ações Sócio-Educativas e Culturais (Prodasec); e, em 1981, o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil (Polonoroeste) (Miranda; Toillier; Baraldi, 2021).

É notório que o movimento de migração trouxe para o estado de Mato Grosso *um* pessoas que contribuíram para o desenvolvimento de um estado que até então era ou ainda é visto como periférico. A regionalidade e a cultura foram sendo construídas de modo singular naquela região. Ainda dizemos que as partes sul e norte tiveram suas regionalidades criadas de modos distintos. Com isso, cada uma das populações tinha o sentimento de não pertencimento, mesmo cientes de que faziam parte de um único estado.

Em nossos esforços para esboçarmos compreensões acerca do movimento de separação do estado de Mato Grosso *um*, observamos que a guerra do Paraguai teve interferência no processo divisionista. O conflito ocorreu entre 1864 e 1870 e foi um embate entre Brasil, Uruguai e Argentina (formando a Tríplice Aliança), que tinham como rival o Paraguai. A guerra deveu-se à invasão dos paraguaios em territórios da província de Mato Grosso, em dezembro de 1864 (Gressler, Vasconcelos, 2005).

Após um longo período de guerra, iniciou-se um novo cenário em relação ao povoamento do estado de Mato Grosso *um*, pois um número significativo de ex-combatentes brasileiros e paraguaios fixaram-se na região, reestruturando e formando novas propriedades rurais. Também mencionamos que, a partir do ano de 1893, houve um movimento migratório dos sul-rio-grandenses, que estavam fugindo das Revoluções Federalistas, ocorridas entre os anos de 1893 e 1895 (Gressler; Vasconcelos, 2005).

Os movimentos que procuravam separar as partes sul e norte do antigo estado de Mato de Grosso *um* tiveram suas manifestações desde o início do século XIX, e

se arrastaram pelos séculos seguintes, ora de forma mais intensa e violenta, ora mais velada (Queiroz, 2006).

Neste escopo, destacamos que a Companhia Mate-Laranjeira e a construção da Estrada de Ferro Noroeste, a partir de meados de 1906, provocou a ascensão econômica de Campo Grande, trazendo ao município o controle do movimento separatista do estado (Carli, 2008; Gressler; Vasconcelos, 2005; Garcia, 2009). Após determinado período, a porção sul do estado de Mato Grosso *uno* obteve um notável desenvolvimento, destacando-se como o maior produtor de grãos do Brasil. A região possuía uma população maior que a parte norte, chegando a gerar mais de 70% da arrecadação de Mato Grosso *uno*. Assim, o norte do estado, por um longo período, dependeu economicamente do sul (Bittar, 2009; Silva, C., 2015).

Desde o término da guerra do Paraguai até o final dos anos 30 do século XX, as principais atividades na região sul de Mato Grosso *uno* foram a pecuária e a erva-mate, as quais estruturaram a região economicamente, tendo Corumbá como o principal meio de comercialização e exportação. A partir desse novo contexto, entendemos que os sulistas passaram a reivindicar formalmente a ascensão do crescimento político-econômico, e essa conjectura se fez notável no processo que inspirou os movimentos separatistas (Murtinho, 2009; Gressler; Vasconcelos, 2005).

Dizemos que outras narrativas foram apresentadas, com o intuito de ora defender a separação do estado de Mato Grosso e ora defender apenas a troca da capital de Cuiabá para Campo Grande, continuando assim um estado *uno*¹⁰.

Em 11 de outubro de 1977, o então Presidente da República do Brasil, General Ernesto Geisel¹¹, assinou a lei complementar nº 31, que desmembrou o território sul, criando assim o então estado de Mato Grosso do Sul e propiciando um novo ritmo a ser bailado nas localidades. Na Figura 4, mostramos o Presidente Ernesto Geisel assinando a Lei da divisão de Mato Grosso, em Brasília, em 11 de outubro de 1977.

¹⁰ Estamos fazendo referência à Revolução Constitucionalista de 1932. Segundo Bittar (1997), os sulistas tinham a intenção de que, se saísse vencedor o movimento paulista, continuariam com o Estado de Mato Grosso, porém transferindo a capital de Cuiabá para Campo Grande.

¹¹ Ernesto Geisel foi presidente do Brasil entre o período de 15 de março de 1974 e 15 de março de 1979. Foi o quarto presidente do regime militar, eleito pelo Congresso Nacional.

Figura 4 – Presidente Ernesto Geisel assinando a Lei de divisão de Mato Grosso



Fonte: Bittar (2009, p. 373).

Mesmo que o desejo de separação do estado tenha ocorrido por iniciativa popular, o povo não teve o poder de se manifestar a favor ou contra tal decisão, porém, como não houve movimentos contrários, entendemos que houve concordância quanto à separação das regiões (Bittar, 2009). A população não foi informada da criação do novo estado. A divulgação foi feita por meio dos movimentos que ocorreram na Rua 14 de julho, em Campo Grande, que ali se reuniram para comemorar a divisão do estado (Bittar, 2009). Abaixo, a Figura 5 retrata a comemoração dos sulistas na cidade de Campo Grande, após a criação do novo estado de Mato Grosso do Sul.

Figura 5 – Comemoração dos sulistas, após a criação do estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Bittar (2009, p. 374).

Com a criação do estado de Mato Grosso do Sul, os municípios pertencentes ao estado de Mato Grosso *uno* foram divididos de acordo com sua localização. A porção norte ficou localizada no estado de Mato Grosso, com 38 municípios e aproximadamente 900.000 habitantes, distribuídos em uma área total de 903.357,908 km². Já a porção sul ficou localizada no estado de Mato Grosso do Sul, com 60 municípios, possuindo aproximadamente 1.400.000 habitantes, distribuídos em 357.124,962 km² (Faoro, 2014).

Abaixo, a Figura 6 retrata como era geograficamente a região antes e depois da criação do estado sul-mato-grossense.

Figura 6 – Mapa que retrata o território do estado de Mato Grosso *uno* antes e depois do seu desmembramento



Fonte: <https://assecom.mpms.mp.br/memorial/linha-do-tempo/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

A separação de um estado, para nós, era um movimento somente visto em livros, já que a nossa região de origem não passou por tal situação, mas, a partir do momento em que pudemos vivenciar novas experiências em Mato Grosso do Sul, é perceptível como o processo separatista influenciou a vida das populações, que até nos dias atuais se incomodam, ao serem chamados de mato-grossenses, e logo fazem a correção da nomenclatura para sul-mato-grossenses. Assim, traçamos compreensões de como a regionalidade é singular de cada região e essa identidade foi sendo construída no decorrer do tempo.

Em uma dança, cada movimento é cuidadosamente coreografado, assim como nesse trabalho, no qual recriamos uma história da criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS. Pensamos que o processo migratório que ecoa na fala dos professores migrantes, seus desafios e seus triunfos, enfatizam o protagonismo desses educadores, destacando, em uma narrativa central de transformação e adaptação, as danças por eles vividas e experienciadas.

NO PASSO DA PRECARIEDADE

Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>.
Acesso em: 4 jul. 2023.



*"[...] o sofrimento
deve existir para que
se conheça a felicidade, deverá
também haver prosa para
que haja poesia"
(Edgar Morin)*

NO PASSO DA PRECARIIDADE

A apresentação de uma dança é um ato complexo, pois é necessário refletir em um planejamento que organize o espetáculo em todas as suas nuances, desde o figurino até os passos e estilo musical a ser dançado, mas não é somente isto, pois há muitas situações que, mesmo previstas por toda a equipe que se debruça a promover o espetáculo, fogem de toda a organização. No caso de nosso trabalho, retratamos como “improvisação” a precariedade em que as instituições foram sendo criadas; porém, temos a consciência de que a complexa interação entre a política educacional e os impactos socioeconômicos são os passos de uma dança que moldam não apenas o ensino superior, mas a identidade cultural da região.

Neste contexto, também acreditamos que, para a criação dos cursos de Matemática da região do Bolsão, um planejamento seria necessário, porém, durante nossas entrevistas, observamos que, por influências políticas, as universidades (UFMS e UEMS) foram sendo instaladas sem condições iniciais para uma instituição de ensino superior, sendo essa uma marca registrada por vários outros pesquisadores, como nos trabalhos de Cury (2011), Faoro (2014), Fernandes (2011), Guedes (2018), Martins-Salandim (2012), Moraes (2017), Paiva (2023), Silva, C. (2015).

O ensino superior no Mato Grosso *uno* surgiu na segunda metade do século XX, com a criação de faculdades e institutos na então capital do estado, Cuiabá, e nas cidades de Campo Grande e Corumbá, as mais populosas até o desmembramento do estado (Benfica, 2016). No sul do estado, já havia ocorrido tentativas de instalação de instituições de ensino superior, porém estas foram interrompidas, como podemos observar no Quadro 3.

Quadro 3 - Tentativas de implantação do ensino superior no sul de Mato Grosso
uno

Período em que houve a tentativa de instalação	1929-1933	1948-1968
Nome e local da tentativa de instalação	Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia / Campo Grande	Instituto Pedagógico São Vicente / Campo Grande

Fonte: Benfica (2016).

A primeira tentativa, mostrada na tabela acima, foi a instalação de uma instituição de ensino superior no sul do estado, relatada por Maymone (1989) no livro *Da farmácia e odontologia à Universidade: memórias*. Ele menciona que funcionou, entre 1929 e 1933, a Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia de Campo Grande, “[...] e que, mesmo não tendo sido oficializada, formou uma turma de Farmacêuticos e uma de Cirurgiões Dentistas” (Maymone, 1989, p. 24). Já a segunda tentativa foi devido à influência da Igreja Católica. Segundo Benfica (2016), houve formações em Filosofia para os salesianos e pós-noviços entre 1948 e 1968 e que foram desenvolvidas no Instituto Pedagógico São Vicente, que se situava na Lagoa da Cruz, Chácara São Vicente. Porém, com a transferência dos estudantes para a cidade de Lorena, no estado de São Paulo, houve a interrupção do funcionamento do Instituto.

A luta por uma universidade pública na porção sul do estado de Mato Grosso *uno* foi registrada por Maymone (1989), contudo o ensino superior público na região iniciou-se com a criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (FFOMT), que foi instalada na cidade de Campo Grande no ano de 1962¹. Porém, as atividades relacionadas ao ensino começaram em meados de 1964, sendo a Autorização de Funcionamento Provisório da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso dada pela Resolução nº 03/64. Ainda nos dias 22, 24, 26 e 28 de junho, ocorreu o vestibular para o ingresso dos alunos (Benfica, 2016). Abaixo a Figura

¹ A Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso foi criada por meio da Lei Estadual nº 1.755, de 9 de novembro de 1962.

7 nos mostra a primeira festa dos calouros da FFOMT e a Figura 8 a vista aérea da UEMT.

Figura 7 - Primeira festa dos calouros da FFOMT



Fonte: Maymone (1989, p. 101).

Figura 8 - Vista aérea da UEMT



Fonte: <https://eambiental-faeng.ufms.br/historia-da-ufms/>.

Segundo menciona Benfica (2016), a criação da FFOMT esteve ligada às iniciativas de um grupo da classe média de profissionais da área de saúde, sendo que alguns deles faziam parte do quadro de servidores públicos. A iniciativa da criação da faculdade era justificada pelo fato de formarem profissionais habilitados para atuarem em diversas atividades.

Para se iniciar a implantação do ensino superior no sul do estado de Mato Grosso *uno*, de acordo com Maymone (1989), havia falta de profissionais habilitados para atuarem nos cursos, o que era uma das dificuldades, já que a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Nível Superior² sinalizava que, para suprir a falta de profissionais nas mais diversas áreas, a porção sul do estado de Mato Grosso *uno* deveria contemplar as áreas de Agronomia, Veterinária, Saúde, Engenharia, Química, Arquitetura, Ciências, Técnicas Sociais, Economia, Filosofia, Direito, Letras e Pedagogia. Esta falta de profissionais habilitados tem sido apontada por vários pesquisadores em outras regiões do Brasil, principalmente por aqueles envolvidos com o projeto de mapeamento da formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, dentre os quais destacamos Alencar (2019), Cury (2011), Faoro (2014), Fernandes (2011), Gonzales (2017), Morais (2012), Morais (2017), Silva, C. (2015), Silva (2016).

Para Maymone (1989), a falta de profissionais para atuarem nos cursos de Farmácia e Odontologia não ocorreria, já que ele defendia que nos cursos de Farmácia e Odontologia poderiam atuar profissionais de diversas áreas, como por exemplo, advogados, médicos, veterinários, profissionais do magistério, agrônomos, advogados, químicos, biólogos, entre outros, situação essa que nos leva a um certo estranhamento, pois se haveria esta vasta gama de profissionais habilitados para atuarem nos cursos de Farmácia e Odontologia, também estes profissionais poderiam atuar em outros cursos. Certamente, essa justificativa não seria a mais plausível. Talvez estes cursos trariam um certo prestígio para a cidade de Campo Grande, já que, à época, havia o desejo político divisionista.

Para a criação das instituições de ensino superior, o governo tinha o apoio de membros da comunidade. Podemos observar esta situação em Rosa (1993), quando menciona que foram doados 50 hectares da Fazenda Bálsamo para que se criasse, segundo a Lei nº 2.629, de 26 de junho de 1966, o Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande (ICBCG). O Instituto foi implantado no mesmo período do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (Rosa, 1993). Esse apoio que era recebido da comunidade se estendeu (e ainda se estende) por vários anos, tanto que, quando se implantou, em 2001, na cidade de Paranaíba, o câmpus da UFMS, a professora Marlene nos diz que a criação da universidade na localidade se deu por força política

² Atualmente, conhecemos como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), criada em 11 de junho de 1951.

do prefeito à época. Situação também próxima quanto à escolha da instalação das unidades da UEMS no estado de Mato Grosso do Sul. Essa situação é referenciada tanto pelo professor José Felice quanto pela professora Leocádia, que nos relatam que os políticos iam até o governador e solicitavam uma unidade da universidade em sua cidade, e assim a unidade de Cassilândia conseguiu ser implantada por força política, como nos relata Guedes (2018).

Depois de criada e instalada a FFOMT, deu-se o processo de expansão dos cursos, com a criação do Instituto de Ciências Biológicas e Letras de Cuiabá. E, com a autorização do Conselho Estadual de Educação, a faculdade passou a ser denominada de ICBCG. No ano de 1968, começou a funcionar no Instituto o curso de Medicina, sendo que, no mesmo ano, passou a funcionar o Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá (ISPC) (Benfica, 2016).

Segundo Rosa (1993), no primeiro ano do ICBCG, surgiram dificuldades financeiras no governo e, conseqüentemente, isso afetou a instituição. Ou seja, o estado não arcaria com todas as despesas. Houve uma reunião com os alunos e ficou decidido que haveria a necessidade do pagamento de mensalidades. Foi estipulada a quantia de Cr\$ 30.000,00³ (trinta mil cruzeiros). As dificuldades econômicas da Instituição pública ocorreram desde a FFOMT até a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), ou ainda nos primeiros anos da UFMS (Benfica, 2016). As dificuldades enfrentadas pela instituição foram relatadas pelo professor Álvaro Sampaio, quando ele nos menciona que, durante um período, os alunos pagavam uma contribuição, como se fosse uma mensalidade; ou seja, os problemas financeiros da universidade se expandiram para outras localidades externas a Campo Grande.

Dos centros superiores instalados no estado de Mato Grosso *uno*, o de Corumbá foi o que implementou, no ensino público, os cursos de formação de professores. Foram criadas as licenciaturas em História, Letras e Pedagogia (Benfica, 2016). Abaixo, a Figura 9 nos mostra a vista aérea da cidade de Corumbá e do Instituto Superior de Corumbá (ISPC).

³ No ano de 1967, a moeda Cruzeiro é substituída por Cruzeiros Novos (Benfica, 2016).

Figura 9 - Vista aérea da cidade de Corumbá e do ISPC



Fonte: Benfica (2016).

Em 1968, foi criada⁴ a escola de ensino superior em Três Lagoas, denominada Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas (ICHLT)⁵. Porém, como nos conta o professor Álvaro Sampaio, o início das atividades do Instituto, em Três Lagoas, só se deu no ano de 1970⁶.

Havia uma disputa no campo educacional em relação à concentração das instituições de ensino superior, tanto que Cuiabá, no final da década de 1960, chegou a contar com duas faculdades. Porém, a situação que Campo Grande apresentava no campo educacional era mais favorável, já que a porção sul do estado tinha maior contingente de eleitores, tanto que a Cidade Universitária de Campo Grande começou a ser construída por essa situação, fazendo com que a sociedade cuiabana reivindicasse uma Universidade Federal em Cuiabá.

Segundo Maymone (1989), o pedido de criação de uma Universidade Federal de Mato Grosso chegou ao presidente João Goulart⁷ e, por meio da Lei nº 1.198/63, foi autorizada a criação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, na cidade

⁴ Lei nº 2.881, de 29 de novembro de 1968.

⁵ Mais adiante, trataremos especificamente da criação e implantação da instituição de ensino superior de Três Lagoas.

⁶ Lei Estadual nº 2.972/70.

⁷ João Goulart foi o 24.º presidente do país, eleito sob um regime populista em 1961. Foi deposto pelo golpe militar de 1964.

de Campo Grande. Porém, com o golpe militar de 1964, o projeto acabou ficando esquecido e retornou em cena ao final da década de 1960, no governo estadual de Pedro Pedrossian. Mesmo Campo Grande tendo a preferência pela instalação de uma universidade federal (essa predileção ocorria até mesmo por parte do governador), contudo a capital foi a escolhida para a instalação da universidade, devido à pressão da sociedade cuiabana (Benfica, 2016).

A criação e a interiorização do ensino superior no sul de Mato Grosso *uno* tem como pano de fundo uma discussão que permeava a sociedade local, pois se debatia que os jovens saíam do estado para buscar a formação em nível superior, só que, após concluírem seus estudos, não retornavam mais ao estado (Nogueira, 2005). A implantação da UEMT teve como origem a criação, em 1962, da Faculdade de Farmácia e Odontologia na cidade de Campo Grande, do Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá (ISPC) e do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHLT) de Três Lagoas. Antes da criação da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) e da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), as escolas de ensino superior receberam o nome de Faculdades ou de Institutos.

Com a agregação dos Institutos, criou-se a Universidade Estadual de Mato Grosso⁸, no sul do estado, em um momento de expansão do sistema público de ensino. Em meados da década de 1960, várias leis estaduais mencionavam a ampliação do ensino superior em Cuiabá e em Campo Grande, e havia apontamentos para a implementação de Instituições em Corumbá, Três Lagoas e Dourados (Dorileo, 2005; Rosa, 1993).

Ressaltamos que, no período de 1960 e 1970, o estado de Mato Grosso *uno* começava timidamente a expandir seu sistema de ensino. Neste viés, os cursos de licenciatura foram instalados, seguindo algumas normatizações definidas de acordo com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961 e 1971, que sinalizavam os perfis dos cursos de formação. Também neste período, salientamos que o governo de Pedro Pedrossian chegou a investir 40% da arrecadação estadual na educação (Benfica, 2016). Neste contexto, foram criadas as primeiras instituições de ensino superior na porção sul do estado de Mato Grosso *uno*.

No movimento de instalação das instituições superiores na região sul do estado de Mato Grosso *uno*, houve a criação do Centro Pedagógico de Aquidauana, no ano de

⁸ A Lei Estadual nº 2.947, de 16/09/1969, criou a Universidade Estadual.

1970, o qual passou a ofertar os cursos de licenciatura curta em Letras e em Estudos Sociais. Abaixo, trazemos a Figura 10 do Centro Pedagógico de Aquidauana. Benfica (2016) menciona que o centro foi a última unidade a ser negociada no processo de criação da UEMT. O Centro não estava no projeto original da UEMT, mas, por forças políticas, a negociação se efetivou com o governo de Mato Grosso *uno*.

Figura 10 - Centro Pedagógico da cidade de Aquidauana



Fonte: <https://cpaq.ufms.br/em-agosto-campus-de-aquidauana-completa-49-anos-de-historia/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Segundo entrevista de Joana Neves (2014 *apud* Benfica, 2016), o que favoreceu a criação do Centro Pedagógico de Aquidauana foi o fato de que o advogado José Manuel Fontanilla Fragelli⁹, que assumiu o governo em 1971, morava em Aquidauana. Então, o governador Pedro Pedrossian, para manter a cordialidade com seu sucessor, criou a instituição de ensino superior em Aquidauana, negociação que fora intermediada pelo prefeito da época, Fernando Lucarelli¹⁰, e por outras pessoas que tinham influência política com o governo.

Segundo Faoro (2014), na cidade de Dourados também houve a instalação de um Centro Pedagógico¹¹, o qual também passou a oferecer os cursos de licenciatura

⁹ Manuel Fontanilla Fragelli foi advogado, pecuarista e deputado estadual por Mato Grosso (1947-1954), deputado federal por Mato Grosso (1955-1959), governador de Mato Grosso do Sul (1970-1974) e Senador por Mato Grosso do Sul (1980-1987).

¹⁰ Fernando Lucarelli foi prefeito de Aquidauana, porém não encontramos maiores informações sobre o político.

¹¹ Lei Estadual nº 2.851, de 1968.

curta em Letras e em Estudos Sociais¹². Abaixo, trazemos a Figura 11, que mostra a inauguração do Centro Pedagógico de Dourados (CPD), no dia 20 de dezembro de 1970.

Figura 11 - Inauguração do prédio do CDP

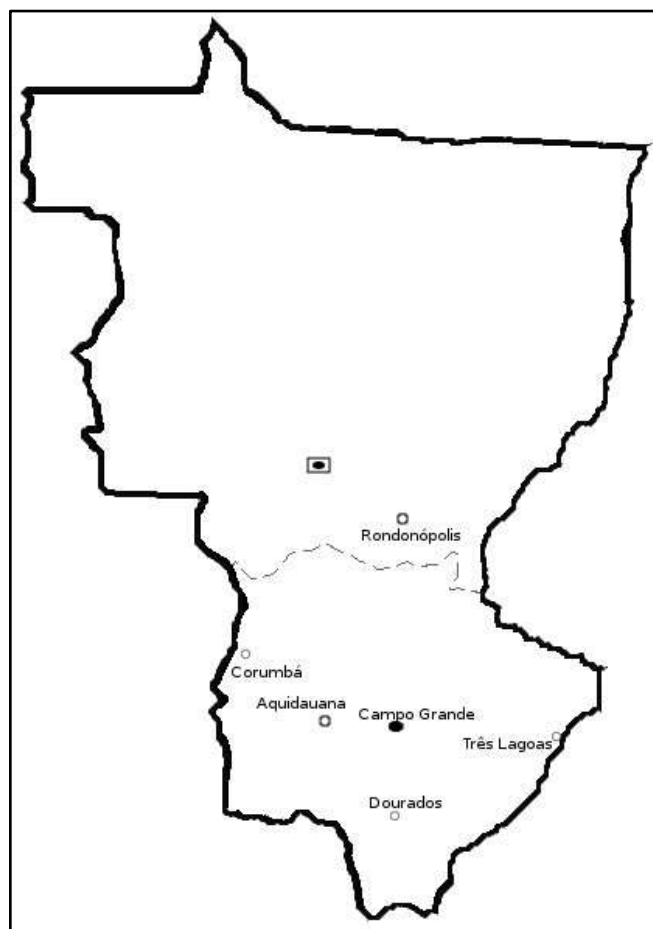


Fonte: Faoro (2014).

O Centro Pedagógico de Rondonópolis (CPR) foi criado no final de 1975, por meio da Resolução nº 26, de 6 de dezembro de 1975 (Rosa, 1993). O Centro foi instituído com a ideia de funcionar como extensão do Centro Pedagógico de Corumbá. Essa situação ocorreu devido ao trabalho de docentes que realizaram em Rondonópolis os cursos de licenciatura curta parcelada. Abaixo, apresentamos a Figura 12, que retrata o mapa dos municípios em que a UEMT abrigava um Centro Pedagógico, quando houve a divisão do estado de Mato Grosso.

¹² Segundo a autora, a partir no ano de 1975, criou-se o curso de licenciatura curta em Ciências.

Figura 12 - Mapa com os Centros Pedagógicos da UEMT



Fonte: Benfica (2016)

A UEMT, no ano de 1971, funcionava nas cidades de Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas, Dourados e Aquidauana. Com exceção de Campo Grande, as demais unidades eram denominadas de Centros Pedagógicos, até o processo de federalização da universidade, que se iniciou no ano de 1978. Devido ao desmembramento do estado de Mato Grosso, os Centros Pedagógicos passaram a ser denominados de Centros Universitários.

Destacamos ainda que, quando criados os cursos, as instituições de ensino superior não possuíam seus prédios próprios. Eram utilizados locais cedidos em parcerias com o próprio estado ou com os municípios. Posteriormente, houve a construção dos prédios próprios ou cedidos. Esta situação nos parece ser comum quando um curso era criado, pois, passados praticamente quarenta anos, o câmpus de Paranaíba também foi criado com as mesmas condições, ou seja, utilizando espaços cedidos, até possuir o seu prédio próprio.

A falta de infraestrutura na criação e instalação das universidades tem sido uma questão percebida e discutida por pesquisadores, tanto do GHOM quanto do HEMEP, em suas pesquisas. Fernandes (2011), por exemplo, discute essa situação na criação dos primeiros cursos de formação de professores no estado do Maranhão. Ela ainda menciona que havia uma falta de planejamento em questões pedagógicas e estruturais na criação dos cursos, já que os alunos não possuíam espaços próprios, ou seja, não havia espaços adequados, como laboratórios e nem mesmo salas específicas para que os docentes pudessem planejar suas aulas, situação que fora também narrada por nossos colaboradores.

A questão de falta de infraestrutura na criação das instituições públicas de ensino superior tem sido uma situação apontada por diversas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo GHOM. Em Martins-Salandim (2012), que estudou o movimento de criação de cursos de Matemática no interior do estado de São Paulo na década de 1960, podemos observar que o seu colaborador Eurípedes Alves da Silva cita a precariedade da atual Unesp, câmpus de São José do Rio Preto,¹³ quando cursou Matemática. Ele fala: “Eu me lembro de ter estudado muito, até para suprir as deficiências, pois, ainda que os professores tivessem boa vontade, tínhamos que estudar para suprir a deficiência do curso, inclusive da infraestrutura que era precária”. Inclusive, o professor diz que a primeira turma do curso de Matemática do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) formou cerca de dez alunos, que enfrentaram muitas dificuldades para terminar a graduação, e uma das situações enfrentadas era a precariedade da biblioteca, a pouca ou nenhuma disponibilidade de docentes, que vinham de outras cidades para atender os alunos. Ele ainda menciona que os laboratórios eram muito precários, e os professores não tinham espaços específicos para elaborar suas atividades pedagógicas.

Neste viés, em Moraes (2017), que se debruçou a esboçar compreensões de como ocorreu a formação dos professores que ensinavam Matemática no estado do Rio Grande do Norte, um de seus colaboradores (professor Benedito) menciona a falta de infraestrutura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como o caso da biblioteca, a qual não tinha um espaço adequado para seu funcionamento.

¹³ Em 1976, o Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) recebeu esta nomenclatura, mas ele foi um dos institutos isolados da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de São José do Rio Preto. Foi criado em 1957, primeiramente, como Universidade do Município de São José do Rio Preto (UMURP), posteriormente recebeu os nomes de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFL) e Instituto Isolado de Educação de São José do Rio Preto.

Cury (2011) construiu uma história da formação de professores de Matemática e dos primeiros cursos que formalizavam esses profissionais no estado do Tocantins e, em seu trabalho, alguns de seus colaboradores citam a falta de estrutura da Universidade Federal de Tocantins (UFT)¹⁴. A exemplo, citamos o professor Ivanildo Rodrigues, que menciona que, quando chegou na universidade, havia dois cursos: um de Matemática e outro de Pedagogia. Porém, para atender aos cursos, havia somente um computador e bem precário. Ele ainda diz que conseguia desenvolver poucas atividades, já que, no primeiro ano, o curso de Matemática tinha uma disciplina chamada Introdução à Ciência da Computação, mas, como não tinha computador para ministrar as aulas, era utilizada somente a lousa. Ele também diz que, para a disciplina de Desenho Geométrico, não se tinha uma prancheta sequer.

Muito próximo ao ocorrido na criação das instituições públicas de ensino superior de Mato Grosso do Sul, Alencar (2019), que teve por finalidade estudar a atuação e formação de professores que ensinavam Matemática na região do Cariri, estado do Ceará, diz que, quando houve a descentralização da Universidade Regional do Cariri (Urca), foram oferecidos cursos nos municípios de Iguatu, Campos Sales e Missão Velha. Esses cursos foram instalados sem ter uma estrutura de Universidade, tanto que os cursos funcionavam em escolas de educação básica das redes pública e privada, situação essa também relatada e vivenciada por nossos colaboradores.

Diante deste contexto, é possível notar que, quando as universidades eram/são criadas ou expandidas, existia/existe uma característica muito marcante: a precariedade em relação à infraestrutura física. Não havia um espaço próprio para ser utilizado pelas instituições e elas acabavam funcionando em lugares cedidos. Espaços esses que não possuíam a estrutura de uma universidade. Muitas vezes, eram escolas de educação básica, ou seja, eram realizadas adequações para que a instituição pudesse iniciar suas atividades e oferecer seus cursos, até que ela tivesse um local próprio. Também notamos que a falta de uma infraestrutura física afeta diretamente em questões pedagógicas, pois as universidades começam as atividades sem materiais de apoio suficientes, com isso comprometendo a formação que os alunos recebem.

¹⁴ Segundo Cury (2011), a Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína (TO) (FACILA) foi denominada de Universidade do Tocantins (UNITINS) e depois se transformou na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Neste viés, Gomes (2013) cita que uma das paisagens observadas pelos trabalhos desenvolvidos no GHOEM eram os signos das carências e urgências, ou seja, quando havia carência na formação do professor, eram criados “modelos e cursos”, de forma emergente, para habilitar o profissional de magistério e, mesmo dentro dessas emergências que iam sendo delineadas, iam se desvelando outras carências. A exemplo, citamos que, na criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS, quando implementados estes cursos, a falta de estrutura e planejamento, tanto administrativa quanto pedagógica, ia se mostrando como novas carências, dentro de um espaço complexo de emergências.

Outro fator que percebemos neste trabalho e que também foi notado nas nossas cenas de mestrado¹⁵, é a dinamicidade da relação dos centros e periferias. Segundo Martins-Salandim (2012), as cidades do interior do estado de São Paulo eram periféricas, se comparadas aos grandes centros urbanos, mas também estes municípios interioranos poderiam ser considerados “centros no interior”, já que muitas pessoas buscavam formação em cursos que eram ofertados no interior do estado. Esse foi o caso dos professores entrevistados por Silva (2016), que deixavam a cidade de Paranaíba para buscar formação/formalização em Matemática nas cidades do interior do estado de São Paulo, mesmo com a abertura de um curso de Ciências com habilitação em Matemática na cidade de Cassilândia, no ano de 1994.

A dinamicidade na relação centro e periferia pode ser percebida quando comparamos a criação de cursos para formação de professores, que começa a ocorrer na década de 1960 e depois mais visível na década de 1970, na porção sul do Mato Grosso *uno*; ou seja, podemos pensar que os cursos instalados no interior de São Paulo eram periféricos dentro do próprio estado, mas, se comparados à parte sul do estado de Mato Grosso, eram centros de formação, já que houve o movimento migratório de docentes para formar os cursos no sul do estado de Mato Grosso. A exemplo, citamos nossos colaboradores Álvaro, Andreia, Edson, Jose Felice, Marlene, Thiago e Silvia.

Para esboçar compreensões de todas as discussões apresentadas, trazemos a seguir o Quadro 4, no qual trazemos a relação das instituições que foram criadas no estado de Mato Grosso *uno* e que fizeram parte da UFMT, que, após o desmembramento do estado, passou a ser denominada UFMS.

¹⁵ Estamos nos referindo ao trabalho de Silva (2016).

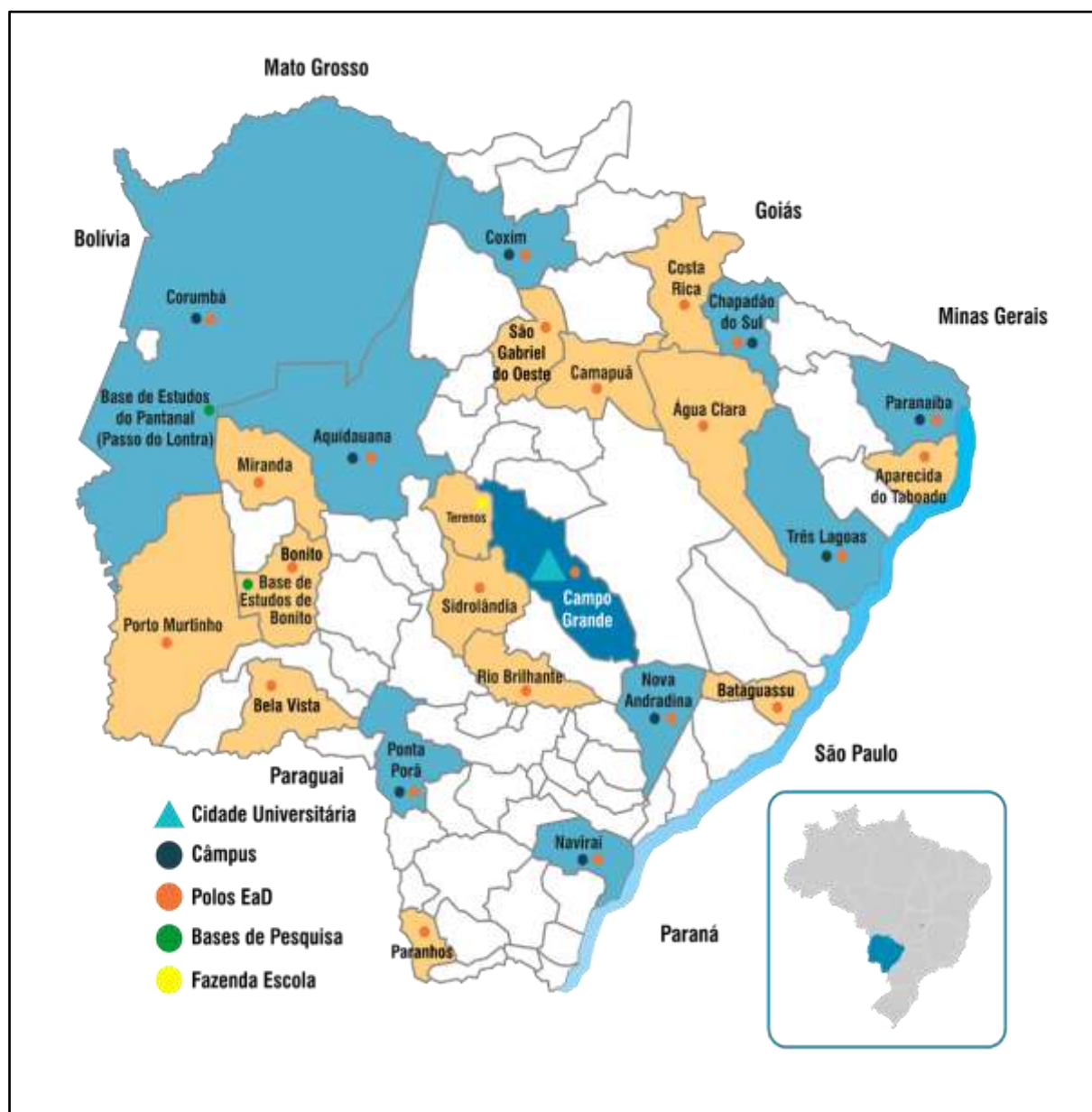
Quadro 4 - Relação de instituições superiores

Instituição de Ensino Superior	Localidade	Estado	Criação/ Funcionamento
Faculdade de Farmácia e Odontologia de Mato Grosso (FFOMT)/ ICBCG	Campo Grande	Mato Grosso <i>uno</i>	1962
Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá (ISPC)	Corumbá	Mato Grosso <i>uno</i>	1968
Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas (ICHLT)	Três Lagoas	Mato Grosso <i>uno</i>	1968
Centro Pedagógico de Dourados (CPD)	Dourados	Mato Grosso <i>uno</i>	1968
Centro Pedagógico de Aquidauana (CPA)	Aquidauana	Mato Grosso <i>uno</i>	1970
Centro Pedagógico de Rondonópolis (CPR)	Rondonópolis	Mato Grosso <i>uno</i>	1975

Fonte: Dados da pesquisa.

Atualmente, a UFMS tem nove câmpus espalhadas em várias cidades do estado de Mato Grosso do Sul. São elas: Aquidauana, Chapadão do Sul, Corumbá, Coxim, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba, Ponta Porã e Três Lagoas. Também atende em vários polos de Educação a Distância (EAD). Abaixo, a Figura 13, que traz o mapa que retrata os câmpus e os polos EAD da UFMS.

Figura 13 - Mapa de localização dos câmpus da UFMS



Fonte: Disponível em: <https://www.ufms.br/universidade/localizacao/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

A criação de uma universidade tem fortes questões políticas mais amplas, porém acreditamos que sua implementação parece ser um fator decisório para uma população ou para uma região, pois ela impulsiona a economia pela vinda de migrantes, seja para trabalhar ou estudar, mas principalmente interfere em um movimento cultural de pessoas que passam a ter oportunidades que antes não tinham.

Da criação à implementação de uma universidade

A criação e a implementação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) se deu a partir de uma proposta política na primeira Constituinte do então estado de Mato Grosso do Sul, em 1979. Depois da divisão do estado de Mato Grosso *uno*, continuou, dentro do estado de Mato Grosso do Sul, uma briga pelo poder entre as cidades de Campo Grande e Dourados e isso se deu pela escolha de Campo Grande como a capital do estado. À época, Dourados era o segundo município do estado, com a renda per capita superior da então capital, Campo Grande (Reis, 2016).

O deputado estadual eleito pela cidade de Dourados pelo partido da Arena, Walter Benedito Carneiro¹⁶, por meio da emenda aditiva nº 50, de 24 de abril de 1979, propôs a criação da universidade estadual, sendo que sua instalação deveria ocorrer na cidade de Dourados, como aponta a notícia do jornal O Progresso, na Figura 14. A maioria dos membros de seu partido apoiavam a criação da universidade, porém era preciso também ter o apoio do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e isso ocorreu por meio de Sultan Rasslan¹⁷, e assim aprovaram, por unanimidade, a emenda.

Posteriormente, foi promulgada a sua Constituição, em junho de 1979, que, em seu artigo 190, trouxe a criação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede em Dourados. Anteriormente a esta tentativa, a proposta de Walter Carneiro havia sido rejeitada pelo relator do projeto da Constituição Estadual, Ramez Tebet¹⁸. Ele acreditava que a universidade deveria ser criada por uma lei ordinária (Reis, 2016).

¹⁶ Walter Benedito Carneiro é do médico veterinário e conhecido político que participou de momentos marcantes da história do estado de Mato Grosso do Sul, como a elaboração da primeira Constituição e a instalação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

¹⁷ Sultan Rasslan foi professor, também locutor de rádio e notável parlamentar, exerceu o cargo de vereador pelo MDB em Dourados em 1977 e de deputado constituinte pelo MDB em 1979.

¹⁸ Ramez Tebet nasceu em Três Lagoas/MS em 1936, Tebet era advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1959. Na vida pública, Tebet também atuou como prefeito de Três Lagoas (1975-1978), deputado estadual/MS (1978-1982), vice-governador/MS (1982-1986), Governador/MS (1986-1987) e senador/MS (1995-2003 e 2003-2006). Tebet faleceu em 17/11/2006.

Figura 14 - Notícia do Jornal O Progresso, que diz que a UEMS será criada com sede em Dourados



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/>¹⁹ (figura adaptada pelas pesquisadoras da apresentação).
Acesso em: 8 jan. 2022.

O estado do Mato Grosso do Sul, depois da divisão, sofreu certa instabilidade em diversas áreas que politicamente se intensificou no ano de 1979. Isso porque o governador Henry Amorim²⁰, que havia sido nomeado pelo presidente Ernesto Geisel, foi exonerado de seu cargo em junho de 1979. Após este acontecimento, houve muita alternância das forças partidárias no governo²¹, porém os governadores tiveram mandatos curtos, e somente em 1983 houve a eleição e o povo elegeu seu primeiro governador, Wilson Barbosa Martins²² (Reis, 2016).

¹⁹ Todas as fontes jornalísticas utilizadas neste texto dançado primeiramente foram cedidas pela professora Leocádia em nosso e-mail particular, porém, em busca pela história da UEMS, encontramos as imagens no site do qual fizemos referência abaixo das fontes.

²⁰ Henry Amorim foi engenheiro e político; também foi o primeiro governador do estado de Mato Grosso do Sul, quando era funcionário público do Departamento Nacional de Obras de Saneamento.

²¹ Em nosso trabalho de mestrado (Silva, 2016), discutimos como a alternância das políticas partidárias interferiram diretamente no estado de Mato Grosso do Sul e na educação.

²² Wilson Barbosa Martins foi prefeito de Campo Grande de 1958 a 1962, foi deputado federal de Mato Grosso de 1963 a 1969, quando teve seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos pelo Ato Institucional nº 5. Foi governador do estado de Mato Grosso do Sul de 1982 a 1986, quando deixou o mandato para concorrer a uma vaga de senador, a qual ele ocupou de 1987 a 1994; foi eleito governador do estado de Mato Grosso do Sul de 1995 a 1999.

Diante da instabilidade política instalada na esfera governamental do estado, não houve discussões acerca da implantação da universidade. Somente com a eleição de Wilson Barbosa, e com as discussões de professores estaduais acerca do projeto “Educação para a Democracia”, proposto pela Secretaria de Educação, é que a UEMS aparece timidamente no Plano Estadual de Educação, realizado em 1983 (Mazini; Rosa, 2019; Reis, 2016).

Mas foi somente em 1984 que o deputado Walter Carneiro solicitou a aprovação de um projeto de lei que autorizava o governo a tomar as medidas que fossem possíveis para a implementação da universidade. Porém, o governador Wilson Martins não se pronunciou em relação ao projeto de lei do deputado, pois o estado enfrentava as reivindicações dos professores estaduais em relação ao piso salarial. Os docentes criaram um movimento de greve que deixou marcas no mandato do governador (Reis, 2016).

Somente no ano de 1989, como mostra a Figura 15, após dez anos, a Assembleia Legislativa votou e aprovou a criação da universidade, e seu funcionamento teve início no ano de 1992 (Mazini; Rosa, 2019). O governador Pedro Pedrossian²³ tinha interesse em implantar a UEMS ao lado da Universidade Federal, para que futuramente pudesse uni-las.

²³ Pedro Pedrossian era formado em Engenharia Civil pela Universidade Mackenzie na cidade de São Paulo. Foi eleito governador do estado de Mato Grosso para o mandato de 1966-1971; foi eleito senador do estado de Mato Grosso do Sul em 1979 e permaneceu até 1980, quando renunciou para assumir o governo do Estado, já que Marcelo Miranda havia sido exonerado do cargo por motivos político-eleitorais. Assim, ocupou o cargo de 1980 a 1982. Novamente, foi eleito governador do Estado de Mato Grosso do Sul (1991-1994). Pedro Pedrossian criou três universidades públicas: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Pedro Pedrossian faleceu em 2017, aos 89 anos.

Figura 15 - Notícia do Jornal O Progresso, que informa sobre a votação para instalação da UEMS em Dourados



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Mas a implementação ocorreu sob a égide da Secretaria de Educação do Estado, embora a instalação da universidade tenha se efetivado em 1993. A professora Leocádia nos conta que a universidade foi muito pensada anteriormente, por um grupo liderado por ela, já que estava como secretária de educação.

Mato Grosso *uno*, antes de sua divisão, era um grande território de extensão geográfica e o governador Pedro Pedrossian que conduziu tanto o estado de Mato Grosso *uno* quanto Mato Grosso do Sul, teve como feito a criação de três universidades: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) (antes da divisão do estado), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) (quando o estado foi desmembrado) e a UEMS, conforme mostra a notícia jornalística na Figura 16. Para o governador, a UEMS foi a instituição mais fácil de ser implementada, pois a legislação já previa a sua criação, então foi preciso somente colocar em prática o que estava previsto. A professora Leocádia também enfatiza esse pensamento, dizendo que, quanto à legalidade, tudo estava feito, pois a criação da universidade já constava na Constituição do estado.

Figura 16 - Notícia do Jornal O Progresso, que cita a criação das três universidades em Mato Grosso *uno*



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

A universidade tinha como escopo principal a formação de professores, pois, mesmo na época em que foi criada, ainda no estado havia muitos professores sem formação específica para lecionar: os leigos²⁴. Para suprir essa necessidade, ela foi pensada para formar a demanda de docentes para o próprio estado e, para ter um alcance maior, foi articulada para ser implementada nas cidades do interior.

A escolha das cidades se deu estrategicamente e em grande parte por força política. A ala política do estado (prefeitos, deputados e outros) ia até o governador e pedia que abrisse uma unidade em sua cidade²⁵. Isso também foi muito evidenciado nas narrativas dos professores José Felice e Leocádia. Na Figura 17, podemos visualizar que a UEMS iria ser implantada a princípio em onze cidades do Mato Grosso do Sul.

²⁴ Neste texto, estamos entendendo por “professores leigos” profissionais que não possuíam a formação “formal”, suficiente, para lecionar no nível de ensino em que estavam atuando.

²⁵ Guedes (2018) discute o caso da UEMS de Cassilândia.

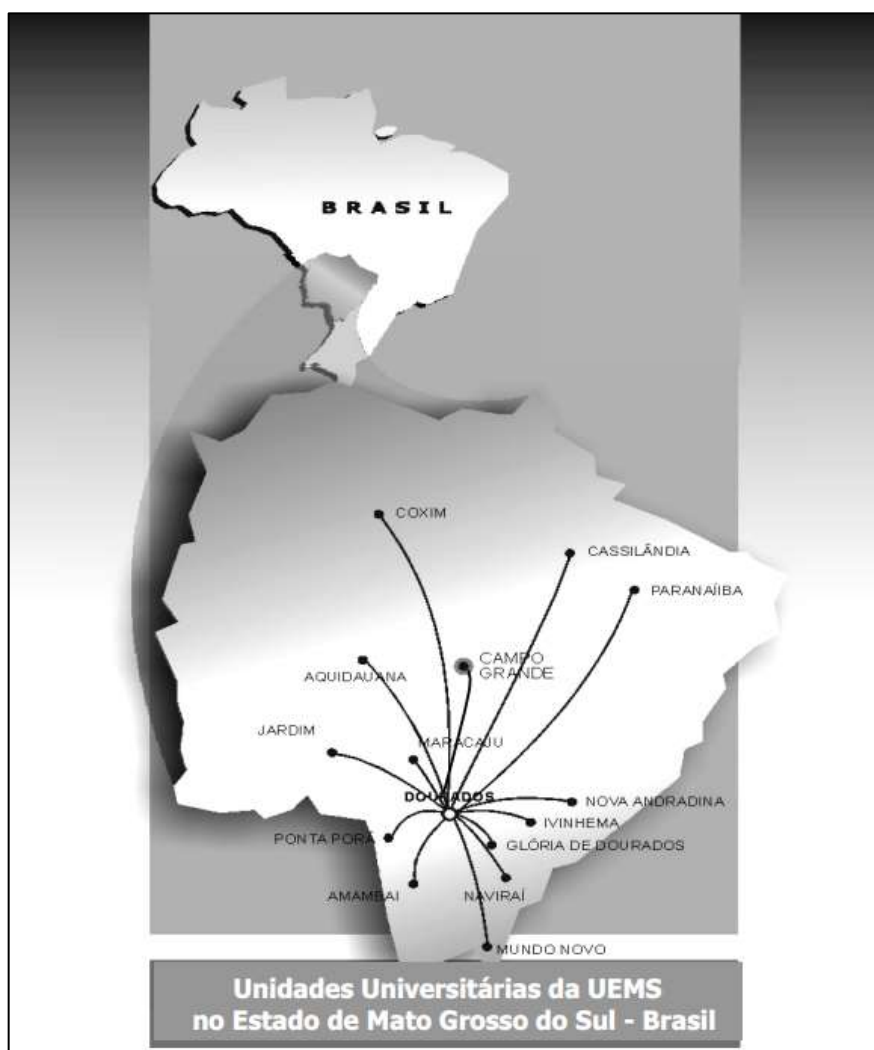
Figura 17 - Notícia do Jornal O Progresso, que menciona que a UEMS iria ser implantada em onze cidades de Mato Grosso do Sul



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Foi entre idas e vindas que a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul foi criada com quinze unidades, como mostramos na Figura 18, nas cidades: Amambai, Aquidauana, Cassilândia, Coxim, Glória de Dourados, Ivinhema, Jardim, Maracaju, Novo Mundo, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba e Ponta Porã. Abaixo, mostramos o mapa do estado com as unidades da UEMS.

Figura 18 - Mapa com previsão das unidades da UEMS



Fonte: <http://www.uems.br>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Como observamos, as 15 unidades universitárias estavam espalhadas por todo o estado, tentando cumprir uns dos objetivos da instituição, que era levar a educação superior pelo interior do estado e, conseqüentemente, contribuir com a formação de professores. Esta era outra finalidade da universidade, tanto que, quando foram escolhidos os cursos, as cidades normalmente reivindicavam os cursos de Medicina, Engenharia e Direito, porém era explicado a elas que era necessário ter cursos de licenciatura, como, por exemplo, Letras e Matemática, pois havia poucos docentes formados nessas áreas do conhecimento (Mazini; Rosa, 2019).

Foi formada uma comissão que, depois de muitos estudos e visitas em outras universidades, deveria criar um modelo que se distinguísse dos demais e

que atendesse as demandas regionais, visando ao desenvolvimento do estado. Tanto que a comissão estudou a região e, em seguida, foi visitar as 15 cidades, sendo que a professora Eliza Cesco, nossa colaboradora, liderava esse grupo. Nos municípios, foram realizadas assembleias com a sociedade, para que decidissem quais os cursos que viriam para suas unidades, segundo nos relata a professora Leocádia.

Na criação da UEMS, houve o movimento denominado de “rotatividade”, situação que até então era desconhecida e não foi vivenciada por nenhuma outra instituição de ensino superior no Brasil. Essa rotatividade consistia de quatro ofertas do curso de licenciatura em determinado município; depois o curso mudaria para outra cidade, fazendo com que uma maior quantidade de docentes formados em diversas áreas do conhecimento fosse espalhada pelo interior do estado.

Porém, este projeto da rotatividade não conseguiu se solidificar, pois os docentes não tinham estabilidade em uma determinada localidade, fazendo com que eles se locomovessem constantemente, tornando-se professores migrantes. O professor Marco nos conta que a rotatividade não era bem-vista entre os docentes, pois eles queriam fixar moradia e constituir família e as constantes mudanças dificultavam suas perspectivas.

Outra dificuldade para a efetivação da rotatividade era oriunda da falta de fortalecimento do curso, pois não seria possível solidificar um grupo que se dedicasse a estudar e propor pesquisas para certa área, tendo que constantemente se locomover. Na criação da universidade, a rotatividade parecia ser interessante a ser implementada, pois, no início, a instituição estava voltada para o ensino. Primeiramente, pretendia-se formar um grande número de docentes, fortalecendo o ensino básico no estado.

Na implementação da universidade, houve dificuldades, tanto que a rotatividade não prevaleceu, deixou de ser implementada e deu espaço para que outro contexto pudesse ser vivenciado. Os docentes começaram a se fixar no local, fortalecendo assim os cursos, principalmente no campo da pesquisa, pois, com mais pessoas formadas, foi possível que pudessem sair para fazer cursos de mestrado e doutorado e retornassem ao estado para então contribuir com o ensino na educação básica e na superior.

A ideia de se espalhar unidades pelo estado surgiu com o estudo da apresentação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), como nos contou a

professora Leocádia, pois foi delineado um passo de “multiunidades”, diferentes das outras universidades brasileiras que iam implementando seus campi gradativamente. Acreditamos que, com isso, a busca se inverteu. A universidade foi até os alunos, difundindo o ensino superior pelo interior do estado. Também vale salientar que muitas universidades brasileiras foram criadas pela junção de faculdades já existentes (Martins-Salandim, 2012). A legislação permite que as universidades sejam criadas pela junção de faculdades preexistentes e consolidadas ou se organizem de forma própria, como foi o caso da UEMS.

No dia 17 de dezembro de 1983, Jair Madureira, que era representante do Governo do Estado em Brasília, DF, foi convidado pelo governador Pedro Pedrossian para ser o reitor *pro tempore* da UEMS, pois ele tinha conhecimento do projeto de criação da universidade, uma vez que fez parte da comissão de implementação. Além disso, possuía experiência, já que tinha sido reitor da UFMS (Mazini; Rosa, 2019).

No dia 18 de dezembro de 1993, na cidade de Dourados, diante de mais de quinze mil pessoas (prefeitos, deputados e diversos políticos) e com mais de quatro toneladas de fogos de artifícios, o governador Pedro Pedrossian assinou o ato de implantação da UEMS, tendo como reitor *pro tempore* Jair Madureira²⁶, e como vice-reitor Luiz Antonio Alvarez Gonçalves (Mazini; Rosa, 2019). Abaixo, trazemos, na Figura 19, notícias jornalísticas referentes ao dia da implantação na UEMS.

²⁶ Jair Madureira foi o primeiro reitor da UEMS, de 1993 a 1994, foi membro da comissão de implantação da Universidade, acompanhou os primeiros momentos da instituição

Figura 19 - Notícias jornalísticas sobre a inauguração da UEMS



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/> (figura adaptada por nós coreógrafas/dançarinas da apresentação). Acesso em: 8 jan. 2022.

Com a universidade criada, era preciso dar continuidade ao projeto, enquanto tramitavam no Conselho Estadual as medidas burocráticas para implantação da UEMS. Em 20 de fevereiro de 1994, o governador Pedro Pedrossian aprovou o estatuto da UEMS. Para que a universidade pudesse funcionar, era preciso ter prédios

e funcionários, o que nem sempre ocorria, como já apontamos e como nossos entrevistados relatam. A professora Leocádia menciona que a universidade funcionou em locais que eram emprestados até que fossem construídas as unidades. O professor Marco nos fala sobre as dificuldades encontradas por não ter um espaço próprio. No caso da unidade de Cassilândia, o prédio era cedido pelo estado, sendo que, nos períodos diurno e vespertino, funcionava uma escola de ensino básico e, no período noturno, a universidade.

Assim, ocorreu/ocorre²⁷, por todo o estado de Mato Grosso do Sul, a implementação e expansão da UEMS, até que se construísse o prédio próprio ou que, por algum motivo, tivesse um local específico para a universidade funcionar, como no caso de Cassilândia que, depois de iniciar suas atividades em uma escola cedida pelo governo, passou a exercer suas atividades no prédio do Colégio Agrícola, que foi desativado na cidade e passou a ser a sede da UEMS.

O quadro de funcionários para ajudar na parte administrativa da universidade foi cedido por funcionários do estado. Leocádia, neste sentido, relatou-nos que os municípios também ajudaram no que tange à instalação das universidades. Eles cederam os funcionários para trabalhar nos prédios. Estes exerciam suas funções em um período para os municípios e, no período noturno, auxiliavam nas universidades.

Para a implementação da UEMS, foi realizado o primeiro vestibular, com a colaboração da UFMS, que auxiliou em diversos aspectos. Os professores Leocádia e José Felice nos disseram que a seleção do corpo docente foi realizada com os que já eram professores no estado de Mato Grosso do Sul. Muitos vieram cedidos por um tempo para lecionar na nova universidade, e também foi feito um processo seletivo com os docentes que se interessavam em ser professor na universidade. Assim, as unidades conseguiram compor seu corpo docente. Em 8 de agosto de 1994, toda a equipe necessária para se começar a implementação da UEMS estava em suas respectivas funções e os alunos estavam estudando.

Todo começo emerge entre muitas dificuldades e a implementação da UEMS não foi diferente. Mesmo com a contribuição dos municípios, as estruturas físicas não

²⁷ Dizemos ocorre, pelo fato de que a UEMS em Campo Grande houve uma expansão da UEMS a partir do ano de 2023 no bairro das Moreninhas. A UEMS está em funcionamento na Escola Estadual Waldemir Barros da Silva, que atende alunos em um turno e no contraturno atende os alunos da universidade. Disponível em: <https://diariomsnews.com.br/noticias/moreninhas-contara-com-novo-polo-da-uems-a-partir-de-2023/>. Acesso em: 2 jan. 2024.

eram adequadas para a universidade. Percebemos isso na fala do professor Marco, ao dizer que, no início, a unidade de Cassilândia funcionava em uma escola pública, em que não havia espaço para laboratórios, a biblioteca funcionava em uma sala de aula e não havia um acervo condizente para uma universidade. E acrescenta que o curso de Matemática tinha como recurso somente a sala de aula e a pouca literatura, que muitas vezes era composta por livros didáticos.

A primeira reitora a ocupar o cargo por eleição foi a professora Leocádia. Ela nos conta que ocupou esse cargo, e nos relata o percurso que trilhou, dizendo que, para garantir a integridade da primeira eleição da universidade, a polícia teve que dar apoio. Em 13 de dezembro de 1994, Leocádia Aglaé Petry Leme e o vice-reitor Luiz Antônio Alvares Gonçalves tomaram posse na UEMS. No entanto, ficaram no cargo somente por 30 dias, pois, em 12 de janeiro de 1995, foram destituídos, sendo declaradas nulas suas nomeações para a reitoria e isso se deu devido à vitória do governador Wilson Martins, que, durante a campanha eleitoral, questionava a legalidade da criação da universidade. Ele dizia que, por ser ano eleitoral, tudo tinha sido feito às pressas por Pedrossian e que a UEMS precisaria passar por uma reavaliação, conforme mostramos na reportagem na Figura 20.

Figura 20 - Notícia jornalística, que menciona o momento de reavaliação da UEMS



Diante deste contexto, Wilson Barbosa Martins encaminhou ofício ao Ministro da Educação, solicitando que ele não efetuasse a autorização da universidade até que se pudesse rever a sua estrutura administrativa e o projeto pedagógico. Como Leocádia e Luiz Antônio foram destituídos do cargo, foi nomeada a professora Sandra Luiza Freire como reitora *pro tempore* da UEMS, como apresentamos na Figura 21.

Figura 21 - Notícia jornalística, que menciona sobre as ações da Reitora da UEMS



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Em um período de apenas quatro anos, a universidade passou por quatro administrações: um reitor *pro tempore*, Jair Madureira²⁸, que ocupou o cargo por um ano e iniciou a implementação da UEMS, ofertando seu primeiro vestibular em julho de 1994; uma reitora, Leocádia Petry Leme²⁹, que ficou no cargo por um mês e logo foi destituída pelo governador eleito, Wilson Martins, o qual nomeou Sandra

²⁸ Decreto "P" n. 2.563/93, de 20/12/1993.

²⁹ Decreto "P" n. 2.601/94, de 13/12/1994.

Luiza Freire³⁰ como reitora *pro tempore*, que permaneceu no cargo por nove meses, enquanto tramitou na justiça uma ação judicial que considerou improcedente a exoneração da professora Leocádia e a restituiu ao seu cargo de reitora em 26 de outubro de 1995³¹. Durante a implementação da universidade, por interferências políticas, podemos dizer que, em seu início, a UEMS passou lutando para se manter aberta; com isso, a estrutura, tanto pedagógica quanto técnica, acabou se desenvolvendo de maneira mais lenta. No período em que a universidade teve como reitora *pro tempore* a professora Sandra, não houve a abertura de vestibular. Quando a professora Leocádia reassumiu seu cargo de reitora, iniciou-se a abertura de um novo vestibular, como retrata a notícia da Figura 22.

Figura 22 - Notícia jornalística, que anuncia a abertura do vestibular da UEMS



Fonte: <https://portal.uems.br/25-anos/>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Quando o governador Wilson Martins ficou sabendo da decisão em favor da Professora Leocádia, nomeou uma Comissão interventora, com o nome de **Comissão**

³⁰ Decreto "P" n. 0486/95, de 12/01/1995.

³¹ Decreto "P" n. 3097, de 25/10/1996.

para regularização legal da UEMS,³² que tinha como finalidade avaliar a pertinência da instituição e a manutenção de sua organização em 13 unidades de ensino. Segundo a professora Leocádia, o governo de Wilson Martins alegava problemas orçamentários com a criação da universidade, tanto que queria fechar algumas; seriam mantidas apenas as unidades de Dourados, Aquidauana, Jardim, Amambai, Coxim, Ivinhema e Paranaíba. Porém, em 8 de maio, com a decisão de fechamento de algumas Unidades Universitárias, os alunos se mobilizaram e lotaram a Assembleia Legislativa, fazendo com que o governo voltasse atrás da decisão de fechar as unidades. Assim, foram mantidas todas. Destaque-se que a professora Leocádia já havia feito um pedido para falar na Assembleia Legislativa sobre a situação da universidade.

Apesar de a UEMS ter a autorização de funcionamento pelo Conselho Estadual de Educação³³, o projeto da universidade foi legalizado em 1997, pelo mesmo conselho³⁴, sendo a primeira universidade brasileira a ser autorizada por um conselho estadual (Mazini; Rosa, 2019). A criação da UEMS se dava por conta da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB³⁵), que foi aprovada no final do ano de 1996 e, para atender o que a legislação pedia e estabelecer uma nova estrutura administrativa, foram iniciadas, com toda a comunidade universitária, discussões sobre o que nortearia a elaboração de um estatuto e um regime geral.

Com o apoio e consultoria de José Carlos Gomes³⁶, da Universidade Estadual de Maringá, foi organizado o primeiro texto que serviu de base para todos os segmentos da universidade. Aprovado pela comunidade universitária e pelo Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, foi publicado no Diário Oficial do Estado, no dia 15 de janeiro de 1999, marcando uma nova situação para a universidade, agora não mais como coadjuvantes, mas como profissionais que já sabiam como se organizava e funcionava uma universidade. Tanto que, com a composição dos conselhos superiores, permitiu-se a participação da comunidade universitária e de toda a comunidade local, onde as

³² Decreto “P” n. 8359/95, de 04/10/1995.

³³ Parecer 008/94.

³⁴ Deliberação n. 4.787, de 20/08/1997.

³⁵ LDB 9.393/96.

³⁶ José Carlos Gomes foi presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, entre os anos de 1995 a 2003. Também exerceu a função de secretário da Indústria e Comércio do Estado do Paraná entre o período de 1987 a 1989, vice-prefeito municipal da cidade de Curitiba de 1993 a 1997 e Senador pelo Paraná entre o período de 1987 a 1995.

unidades foram espalhadas pelo estado, tendo a sua participação nas decisões administrativas e pedagógicas.

Na nova composição da universidade, foi possível que todos os cursos tivessem seus respectivos coordenadores e que as unidades fossem representadas por professores escolhidos pelos seus pares. Outra alteração significativa foi a substituição dos departamentos pelas coordenações de curso e a criação de núcleos, com o objetivo de desenvolver e fortalecer a pesquisa e a extensão, pois, como disseram os professores Leocádia, José Felice, Marco e Irene, no início da universidade, a preocupação era com o ensino e que a extensão e a pesquisa começassem a surgir posteriormente.

A unidade de Cassilândia

Com a criação da UEMS, a cidade de Cassilândia foi contemplada com uma unidade. Era grande a expectativa. Afinal, foram 14 anos da criação da universidade até ela começar a ser implantada. O início da universidade em Cassilândia se deu em 1994, com dois cursos – Letras e Ciências com Habilitação em Matemática –, sendo o último extinto no ano de 2000, dando início, no mesmo ano, ao curso de licenciatura plena em Matemática³⁷.

A UEMS foi criada por esforços políticos e a escolha das cidades que receberiam a universidade também ocorreu da mesma maneira. Cassilândia foi uma das cidades em que houve influência política para a implantação, tanto que, até o mês de dezembro de 1993, Cassilândia não era uns dos municípios contemplados para implantar uma unidade. Porém, Valdomiro Alves Gonçalves, líder do PTB³⁸ na Assembleia Legislativa pediu ao governador Pedro Pedrossian, que também foi membro do PTB, que incluísse a cidade na lista de municípios que seriam contemplados com uma unidade da universidade (Guedes, 2018).

No final do mês de janeiro de 1994, Cassilândia recebeu alguns membros da comissão de implantação da UEMS: Ary Rigo (vice-governador), Roberto Razuk (representante da Assembleia Legislativa), Leocádia Aglaé Petry Leme (secretária de estado de educação), Fernando Paiva (vice-reitor da Universidade Federal de Mato

³⁷ Informações retiradas do site: <https://portal.uems.br/graduacao/curso/matematica-licenciatura-cassilandia>. Acesso em: 23 nov. 2022.

³⁸ Partido Trabalhista Brasileiro.

Grosso do Sul) e Jair Soares Madureira (ex-reitor da UFMS), que depois foi nomeado reitor *pro tempore* da UEMS (Guedes, 2018). Esta comissão, segundo a professora Leocádia, tinha por finalidade avaliar quais cursos seriam implementados, e isso seria realizado depois de uma consulta com a sociedade local.

A população cassilandense tinha o desejo pela implantação do curso de Direito e Agronomia, porém o primeiro curso já havia sido prometido para as cidades vizinhas de Paranaíba e Três Lagoas e o curso de Agronomia para a cidade de Aquidauana, pois, na localidade, havia um câmpus que permitia a implantação desse curso. Era um caso diferente na cidade de Cassilândia, que não tinha infraestrutura para a implantação da unidade da UEMS, tanto que ela funcionou primeiramente em um espaço cedido de uma escola pública.

Talvez o desejo da população de Cassilândia pelo curso de Agronomia se desse pelo fato de que a cidade fica em uma região agropastoril e, à época, possuía a Escola Municipal Agrícola de Cassilândia (EMAC); ou seja, a economia que predominava era da agropecuária (Guedes, 2018). Este contexto pode ser observado na narrativa da professora Leocádia, que mencionou a sua participação em um evento que ocorreu na França, e na oportunidade ela foi contextualizar a região de Cassilândia, apresentando as fazendas e o gado, mostrando a predominância da economia agropastoril.

Embora a sociedade cassilandense e o deputado Valdomiro desejassem os cursos de Direito e Agronomia, Cassilândia recebeu cursos na área da educação. A definição dos cursos ocorreu no auditório da Escola Estadual Hermelina Barbosa, com a presença da população, de políticos, professores de diversas áreas e estudantes. Assim, a comissão de implantação ofertou primeiramente o curso de Letras, embora houvesse o desejo por outros cursos. A comissão sugeriu o curso de Ciências com habilitação em Matemática e, em uma escolha sem escolha, o município de Cassilândia ficou com os dois cursos (Guedes, 2018).

Talvez a escolha se deu pela carência de professores habilitados para lecionarem ou até mesmo pela falta de estrutura para receber outros cursos, já que nem o prédio próprio a universidade possuía (Freitas, 2001). Neste viés, segundo Guedes (2018), a carência de professores na área de Ciências era significativa na cidade de Cassilândia. Essa situação foi narrada por seus colaboradores, momento em que eles puderam contar que, mesmo com as determinações que as legislações

orientavam, havia muitos professores que lecionavam na cidade de Cassilândia sem a habilitação específica para a área.

Por Cassilândia estar localizada em uma região de divisa com o estado de Goiás, e comparada a cidades circunvizinhas, por ser considerada o “centro da região”, já que as cidades não dispunham de uma universidade de ensino superior pública, tal fato proporcionou uma procura significativa pelos cursos noturnos ofertados na UEMS. Mesmo que a cidade já tivesse a FIC³⁹, que oferecia os cursos de Pedagogia e Administração, no período noturno, a população de menor condição econômica não teria a oportunidade de custear essa instituição, assim optando pela universidade pública.

Até o ano de 2001, a UEMS de Cassilândia funcionava no prédio da Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal. O professor Marco nos contou que a UEMS utilizava dois pavimentos da escola estadual. No pavimento superior, funcionava a parte administrativa e no debaixo funcionavam as salas de aula do curso de Letras e de Matemática; porém o espaço era pequeno e apertado. A falta de espaço também era notada na sala dos professores e na biblioteca, sendo que esta última não tinha um acervo muito grande. Marco ainda nos narra que, no ano de 2001⁴⁰, quando surgiu o curso de Agronomia, que era um desejo político da cidade, o prefeito cedeu o antigo Colégio Agrícola e a UEMS mudou-se para lá e passou a ter local próprio, a partir do ano de 2002.

Nota-se que a criação do curso de Agronomia, além de ser um desejo de muitos, também foi um marco para a UEMS de Cassilândia, já que, segundo o professor Marco, o novo prédio possibilitou condições mínimas para o desenvolvimento dos cursos que a unidade oferecia. Isso pode ser observado também na narrativa da professora Irene, que diz que o curso de Matemática possui laboratórios e outros espaços que contribuem para a formação de professores. Abaixo, trazemos a Figura 23 da fachada da unidade universitária da UEMS de Cassilândia.

³⁹ Faculdades Integradas de Cassilândia.

⁴⁰ Resolução CEPE/UEMS nº 246, de 13 de setembro de 2001.

Figura 23 - Fachada da UEMS em Cassilândia



Fonte: <https://www.uems.br/cidades/detalhes/cassilandia>. Acesso em: 16 out. 2023.

Outra característica observada por Guedes (2018) foi que o curso instalado formava professores para lecionar Matemática, embora em um primeiro momento tenha recebido a nomenclatura de Ciências com habilitação em Matemática. Para a sociedade cassilandense e também para os alunos do curso, era um curso de Matemática, ou seja, o perfil do curso foi sendo delineado com esta característica.

O câmpus de Três Lagoas

Segundo Benfica (2016), houve uma maior manifestação política na parte sul do estado de Mato Grosso *uno* para a criação de instituições de ensino superior, tanto que, no ano de 1968, houve a criação do Instituto de Ciências Humanas e Letras de Três Lagoas (ICHL). Com o surgimento da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) em 1969⁴¹, o Conselho Estadual de Educação do Estado, por meio da

⁴¹ Lei Estadual nº 2.947.

Resolução nº 29/1970, de 4 de abril de 1970, renomeou o Instituto de Ciências Humanas e Letras, que passou a funcionar como Centro Pedagógico de Três Lagoas, ofertando os cursos de licenciatura plena em Pedagogia, Letras, História, Geografia e Matemática. Porém, as primeiras aulas foram ministradas em março de 1970, em um espaço cedido pelo município, a Escola Paroquial Bom Jesus. O espaço foi utilizado até a construção do prédio próprio⁴².

Em Três Lagoas, havia uma queixa no que tangia à distância aos ditos grandes centros do próprio estado de Mato Grosso *uno*, causando uma sensação de isolamento. Porém, a proximidade com o estado de São Paulo fez com que o Centro Pedagógico de Três Lagoas atuasse como concorrente de faculdades particulares em cidades paulistas, como Jales, Santa Fé do Sul e Araçatuba, tanto que um dos articuladores da criação do Centro Pedagógico, padre Jair Gonçalves, relata sua preocupação, mencionando que a população de Três Lagoas estava ameaçada pelo atraso social, pela falta de ter uma instituição de nível superior (Benfica, 2016). Em Três Lagoas, na margem direita do rio Paraná, estava o estado mato-grossense; já quando se olhava para o outro lado, confrontava-se com o estado de São Paulo, região que tinha oportunidades de cursos em nível superior, fator este que tornou ainda mais aguçada a necessidade da criação e de dinamização e aperfeiçoamento do ensino.

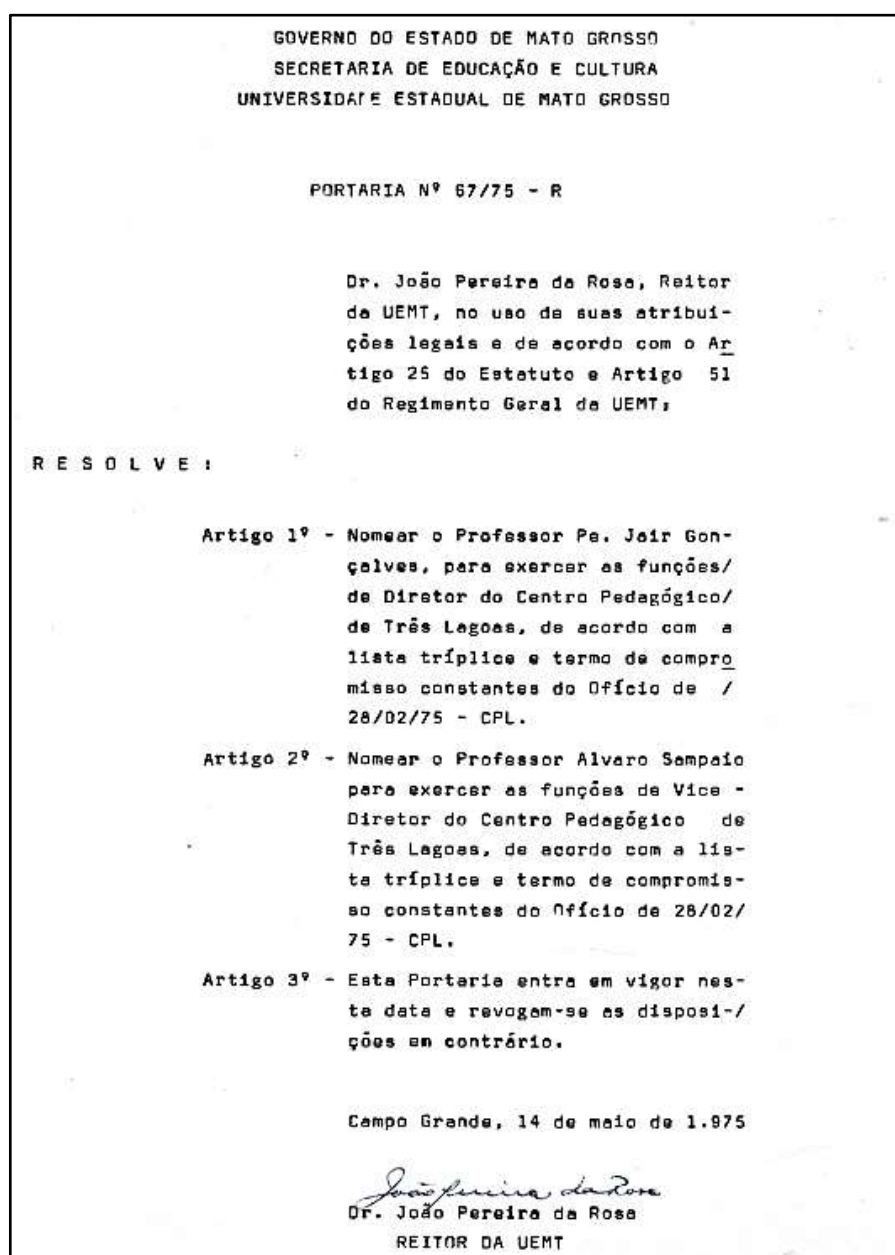
Outro fator marcante colocado por padre Jair para a criação do Centro Pedagógico em Três Lagoas foi a falta de qualificação dos docentes, pois, como o ensino se propagou pelo país, criou-se mais escolas para atender às demandas locais e, com isso, fazia-se necessário ter mais professores para atuarem nesses espaços de formação, pois observava-se que a formação desses docentes consistia em cursos normais ou eram professores leigos. Com a pouca oferta do ensino, era necessário encaminhar muitas pessoas para os grandes centros e com isso havia o número de alunos que se transferiam do interior para as capitais com a finalidade de estudar. Ao final dos estudos, estes não mais retornavam à cidade de origem, provocando um desnivelamento cultural e de mão de obra especializada entre os grandes centros e o interior (Benfica, 2016).

O Centro Pedagógico de Três Lagoas teve sua criação devido a esforços coletivos de um grupo de pessoas. O padre Jair Gonçalves foi um dos pioneiros a

⁴² As informações foram retiradas de: <https://www.ufms.br/universidade/campus-ufms/campus/campus-de-tres-lagoas/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

acreditar nessa ideia e buscar a sua concretização, tanto que ele foi o primeiro diretor do Centro. O professor Álvaro Sampaio nos narrou que o primeiro diretor e os chefes de departamentos foram por indicação, porém que os demais foram eleitos. Ele mesmo foi o primeiro vice-diretor do Centro Pedagógico de Três Lagoas, conforme podemos ver na notícia na Figura 24.

Figura 24 - Nomeação da primeira eleição de diretor e vice-diretor do Centro Pedagógico de Três Lagoas



Fonte: Arquivos pessoais do professor Álvaro Sampaio.

A freira e professora Zélia Lopes da Silva, em uma entrevista concedida a Benfica (2016), relata sobre a influência de padre Jair Gonçalves na criação do Centro Pedagógico em Três Lagoas e sobre o seu trânsito pelo meio político regional. Também narra, em um outro momento, na entrevista concedida ao professor Alcides Falleiros, mencionada por Benfica (2014). Provavelmente, se não fosse a liderança e esforços do padre Jair, o Centro em Três Lagoas teria demorado mais a ser implementado.

O Centro Pedagógico de Três Lagoas foi criado com os cursos de História, Geografia, Pedagogia, Matemática e Letras. Segundo o professor Álvaro, nos primeiros anos, o Centro Pedagógico teve como seu principal objetivo a estruturação, ou seja, era necessário adequar o espaço para dar continuidade à implementação da instituição. Nessa concepção de organização estrutural, notamos que, quando a instituição foi criada, ainda não possuía um local para o seu funcionamento. Foi preciso colocar cada coisa em seu devido lugar. As primeiras turmas tiveram suas aulas no dia 16 de março de 1970 (Benfica, 2014), no Patronato Bom Jesus, que atendia alunos do que hoje denominamos de ensino fundamental I, II e ensino médio, tanto que a professora Eliedete narra sobre o funcionamento da unidade de ensino superior de Três Lagoas no “Bom Jesus”. Neste escopo, Álvaro também conta que, quando chegou à instituição, ela funcionava no Patronato, mas que a unidade própria já estava sendo construída, o que, segundo sua percepção, foi muito importante, pois puderam ter mais espaço e organizar o Centro de forma a se caracterizar como uma instituição de ensino superior.

Para que fosse implementada a instituição, os acordos políticos se faziam presentes. Para que os municípios recebessem os Centros Pedagógicos, era necessário a concessão do terreno e, em Três Lagoas, a Prefeitura Municipal doou um terreno ao estado de Mato Grosso. A condição imposta foi a construção do Centro Pedagógico, não podendo o estado permutar ou vender o imóvel (Benfica, 2014). Abaixo, trazemos a Figura 25, que mostra a placa de inauguração do Centro Pedagógico de Três Lagoas.

Figura 25 - Placa de inauguração do Centro Pedagógico de Três Lagoas



Fonte: Benfica (2014).

Na Figura 26, pode-se ver o Centro Pedagógico de Três Lagoas, no início da década de 1970.

Figura 26 - Vista aérea do Centro Pedagógico de Três Lagoas



Fonte: Imagem pertencente à Coleção Memória Universitária. Seção Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Núcleo de Documentação Histórica "Honório de Souza Carneiro", câmpus de Três Lagoas.

Abaixo, trazemos também a Figura 27, que mostra a fachada do Centro Pedagógico de Três Lagoas.

Figura 27 - Foto da fachada do Centro Pedagógico de Três Lagoas



Fonte: Imagem pertencente à Coleção Memória Universitária. Seção Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Núcleo de Documentação Histórica “Honório de Souza Carneiro”, câmpus de Três Lagoas.

Antes da divisão do estado de Mato Grosso *uno*, o Centro Pedagógico de Três Lagoas teve como sua particularidade os professores migrantes. Percebemos, na fala do professor Edson e do professor Álvaro, que eles vinham das cidades circunvizinhas para lecionar. Pelo que eles narram em suas entrevistas, havia outros docentes que também faziam esse percurso, pois eles vinham de carona. Esse contexto de viagens e deslocamentos foi amenizado com a federalização da universidade. Os professores Álvaro e Edson nos relatam que passaram a residir na cidade de Três Lagoas, pois o salário deles teve uma grande melhora, tanto que eles compararam que, antes da federalização da universidade, os docentes recebiam por horas-aulas e o salário era menor do que comparado ao dos professores que atuavam na rede estadual do estado de São Paulo.

Com a efetivação dos profissionais, devido à federalização da UFMS, todos os profissionais foram incorporados ao serviço público federal, tornando-se efetivados e os contratos de trabalho tiveram de seguir a legislação referente aos servidores das Fundações Públicas Federais. Os servidores tiveram sua contratação realizada por meio da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) até a promulgação da Lei nº 8.112, de 1990 (Benfica, 2014).

O regime de trabalho continuava a incomodar os professores até meados da década de 1980, porque muitos docentes continuavam a exercer um contrato de trabalho de 20 horas e os que possuíam contrato de 40 horas semanais acabavam

lecionando muitas disciplinas e se sobrecarregavam. Os professores Álvaro e Edson nos contam que era difícil se afastarem para cursar pós-graduação, já que não existiam muitos docentes e quando um ia para se aperfeiçoar, os que ficavam eram responsáveis por assumir todas as disciplinas que eram de seu encargo e as dos que foram buscar formação. Somente a partir de 1986, o regime de trabalho de dedicação exclusiva começa a ser paulatinamente implantado na UFMS e assim foi melhorando as condições de trabalho dos docentes. Neste sentido, Edson nos conta que cursar a pós-graduação se tornou mais acessível.

Segundo Benfica (2016), a federalização da universidade também alavancou o âmbito da pesquisa e da extensão, pois foi possibilitado um melhor aparelhamento administrativo-financeiro, com verbas que puderam ser aplicadas no desenvolvimento dos cursos, favorecendo a tríade do ensino, pesquisa e extensão, que até então não podiam ser efetivadas devido às dificuldades que se enfrentou durante os três primeiros anos de criação e implementação da universidade na cidade de Três Lagoas.

O câmpus de Paranaíba

A criação do curso de Matemática da UFMS de Paranaíba nos traz uma reflexão e várias memórias, já que fomos discentes do curso de licenciatura em Matemática em seus primeiros anos de implementação. Logo, esta escrita – não que as outras não tenham, mas esta em específico – tem muito das experiências⁴³ que atravessaram sua vida e sua carreira profissional, pois foi por meio da graduação lá cursada que traçou os rumos até aqui trilhados.

Em 24 de maio de 2000, o Conselho Universitário da UFMS, por meio da Resolução COUN nº 18 e do Regimento Geral da UFMS, em vigor na época, em seu inciso VIII, art. 17, Capítulo II, referente à organização administrativa, consta o Câmpus de Paranaíba. Porém somente na Resolução COUN nº 10, de 03 de maio de 2001, foram contemplados os cursos de Administração, Matemática e Psicologia para

⁴³ Neste trabalho é utilizado o termo experiência no sentido de Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21): “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca”.

o câmpus de Paranaíba, sendo que o primeiro vestibular de inverno para preencher as vagas ocorreu no ano de 2001⁴⁴.

Neste sentido, a professora Marlene nos narra que, em 3 de maio de 2001, foi oficialmente criado o câmpus de Paranaíba. Já no dia 24 de maio, a professora Marlene diz que recebeu o contato por telefone do então pró-reitor de ensino de graduação, Dr. Cézar Augusto Carneiro Benevides, chamando-a para uma reunião em Campo Grande. Então ela foi comunicada de que seria a gestora do câmpus de Paranaíba. Ela ainda diz que não poderia recusar o pedido do pró-reitor, pois ele a auxiliava na gestão dos cursos de Três Lagoas. No dia 26 de maio, a professora foi conhecer Paranaíba e, em junho e julho, ela diz que foi oficializada a implantação dos cursos. Ela ainda diz que o primeiro vestibular para os cursos da UFMS, câmpus de Paranaíba, ocorreu em julho de 2001, provavelmente nos dias 19 e 20 de julho, e no dia 6 de agosto as aulas foram iniciadas.

A professora Marlene menciona que, quando exerceu suas atividades de gestão no câmpus de Paranaíba, ela foi designada assessora do reitor e respondia pelas atividades acadêmicas e administrativas no/do câmpus. À época, não havia supervisores de cursos, nem chefes de departamento, tanto que ela acumulava e exercia as três funções. Ela relata que teve dificuldades em administrar o câmpus, porque o mesmo não contava como uma unidade gestora, embora aparecesse desde o ano 2000 na legislação/documentação dos conselhos superiores da UFMS. Ela ainda nos diz que o câmpus de Paranaíba existia porque já havia funcionado como “Unidade de Paranaíba” durante o período de 1982 a 1990, sob a coordenação de professores de Três Lagoas, com os cursos de Letras (Português/Inglês) e Ciências com habilitação em Física e Biologia.

Durante o primeiro semestre de 2001, foi montado o Processo nº 23104.005016/2001-35, que continha a minuta de convênio de cooperação mútua entre a UFMS e a Prefeitura de Paranaíba⁴⁵. Depois do parecer favorável da PROJUR/UFMS, com ressalvas quanto a cedências e cessões, o Convênio de Cooperação Mútua foi consagrado em 5 de agosto de 2001 e tinha a duração de

⁴⁴ As informações foram retiradas do: <https://www.ufms.br/universidade/campus-ufms/campus/campus-de-paranaiba/>. Acesso em: 12 jan. 2024. Também foi utilizado o Projeto Político-Pedagógico do curso de Matemática, cedido para nós pelo professor Thiago Donda.

⁴⁵ As informações foram retiradas do: <https://www.ufms.br/universidade/campus-ufms/campus/campus-de-paranaiba/>. Acesso em: 12 jan. 2024. Também foi utilizado o Projeto Político-Pedagógico do curso de Matemática, cedido para nós pelo professor Thiago Donda.

cinco anos. O convênio foi proposto com o intuito de contribuir com o bom funcionamento do câmpus. Podemos notar que, para que a universidade pudesse dar seus primeiros passos na expansão de seus câmpus, ela contou fortemente com as parcerias, tanta na esfera estadual quanto nas municipais, como foi o caso do câmpus de Paranaíba.

Neste sentido, Marlene conta que o convênio de cooperação mútua contribuiu para o funcionamento da universidade e que a responsabilidade pelo câmpus foi assumida pela prefeitura de Paranaíba, que intermediou e conseguiu com que a universidade, em seu início, funcionasse no prédio do Educandário Santa Clara Preve Objetivo, já que não possuía um prédio próprio, como mostramos na Figura 28.

Figura 28 - UFMS/CPAR na Escola Preve Objetivo



Fonte: Página do câmpus de Paranaíba/UFMS⁴⁶.

Em agosto de 2003, após dois anos, e pela limitação do espaço físico para abrigar as novas turmas ingressantes na Escola Preve Objetivo, o câmpus de

⁴⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/cpar.ufms/photos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Paranaíba – CPAR foi transferido para a Escola Municipal Maria Luíza Corrêa Machado, como mostramos na Figura 29.

Figura 29 - UFMS/CPAR na Escola Maria Luiza



Fonte: Página do câmpus de Paranaíba/UFMS⁴⁷.

Com o passar do tempo, a universidade foi crescendo e novas turmas foram sendo formadas e, em agosto de 2005, para atender novamente às necessidades de adequação das instalações físicas, a Prefeitura Municipal de Paranaíba, por meio de convênio com o Governo do estado de Mato Grosso do Sul, cedeu parte do Centro Educacional Valmir Lopes Cançado para o CPAR, que teve seu câmpus funcionando provisoriamente na escola, como mostramos na Figura 30. Porém, esta mudança de localidade não ocorreu de maneira tranquila. Uma das pesquisadoras deste trabalho, juntamente com a comunidade de estudantes, à época, uniram-se e foram até as ruas da cidade com panelas, assovios e cartazes para se manifestarem, por melhorias, tanto administrativas quanto pedagógicas da universidade. Eles solicitavam primeiramente a mudança de prédio, pois o espaço da Escola Maria Luiza era inadequado para atender às demandas de uma universidade. Também foi reivindicada a construção de um prédio próprio para o câmpus.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/cpar.ufms/photos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Figura 30 - UFMS/CPAR na Escola Aracilda Cícero Corrêa da Costa



Fonte: Página do câmpus de Paranaíba/UFMS⁴⁸.

Em 11 de janeiro de 2006, iniciou-se a construção do prédio próprio do câmpus de Paranaíba, em um terreno doado pela Prefeitura Municipal de Paranaíba e as atividades acadêmicas foram iniciadas no segundo semestre de 2007⁴⁹. A conquista de um prédio adequado parece ter impactado na vida dos professores e alunos. A professora Sílvia menciona que a estrutura da faculdade melhorou quando foi para o prédio próprio, pois as salas eram adequadas para atender aos alunos. Quando a faculdade funcionou na Escola Aracilda, que era uma unidade de ensino que têm três andares, o último era cedido para a UFMS, porém havia aulas no período noturno para os alunos da escola e, como alguns espaços eram compartilhados, não era possível atender às demandas de uma instituição de ensino superior.

Neste viés, o professor Thiago nos diz que a universidade utilizava dois pavilhões localizados na parte superior da escola e, quando houve a mudança para o câmpus, foi uma grande transformação, já que os alunos não tinham praticamente

⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/cpar.ufms/photos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁴⁹ As informações foram retiradas do: <https://www.ufms.br/universidade/campus-ufms/campus/campus-de-paranaiba/>. Acesso em: 12 jan. 2024. Também foi utilizado o Projeto Político-Pedagógico do curso de Matemática, cedido para nós pelo professor Thiago Donda.

nada. Já no prédio próprio, os alunos tinham minimamente um espaço que possibilitava condições para estudarem. Andreia nos diz que todo começo foi precário e isso corrobora com as vivências que tivemos como aluna do curso de Matemática, quando o câmpus não possuía a estrutura adequada de uma universidade. Não houve um planejamento quando ela foi criada. Tudo foi sendo organizado com o decorrer do tempo. Mas a construção do prédio próprio foi um marco, pois antes disso tudo era organizado envolto a precariedades, o que interferiu diretamente na formação dos alunos. Trazemos a Figura 31, para mostrar o câmpus após a finalização da construção do prédio próprio da UFMS/CPAR.

Figura 31 - Finalização da construção do câmpus da UFMS/CPAR



Fonte: Página do câmpus de Paranaíba/UFMS⁵⁰.

Abaixo trazemos a Figura 32, com uma foto que retrata a inauguração do câmpus.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/cpar.ufms/photos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Figura 32 - Inauguração do câmpus de Paranaíba



Fonte: Página do câmpus de Paranaíba/UFMS⁵¹.

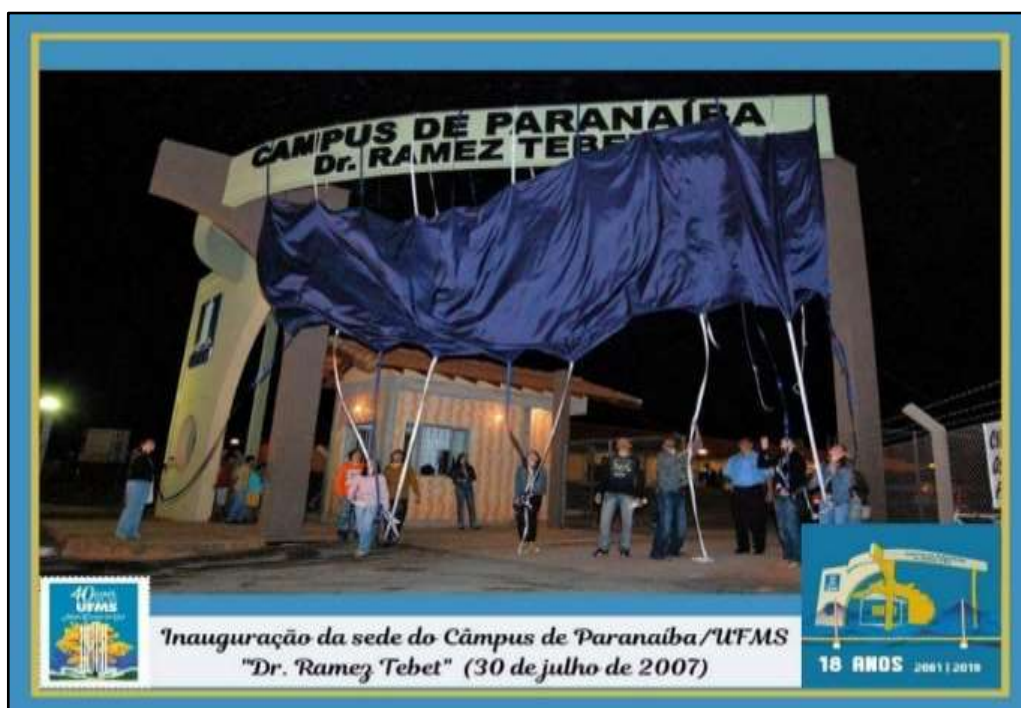
A construção do câmpus de Paranaíba sofreu várias influências políticas, desde a sua construção, com a escolha do terreno⁵², cedido pela Prefeitura, bem como a própria vinda da universidade para o município. Conseguiu-se um câmpus, devido à influência do prefeito à época, tanto que o prédio próprio da universidade recebeu o nome em homenagem a um político, Ramez Tebet⁵³, como mostramos na Figura 33.

⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/cpar.ufms/photos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁵² Disponível em: <https://www.ufms.br/universidade/campus-ufms/campus/campus-de-paranaiba/>. Acesso em: 12 jan. 2024. Também foi utilizado o Projeto Político-Pedagógico do curso de Matemática, cedido para nós pelo professor Thiago Donda.

⁵³ Para o dançante que quiser saber mais sobre o passo da inauguração do câmpus de Paranaíba, conferir em: <https://www.treslagoas.ms.gov.br/ufms-inaugura-campus-senador-ramez-tebet-em-paranaiba/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

Figura 33 - Alunos participando da inauguração do câmpus



Fonte: Página do câmpus de Paranaíba/UFMS⁵⁴.

A construção do câmpus foi uma conquista. Foi então que se passou a oferecer condições mínimas aos alunos que ali puderam se formar, docentes estes que se espalharam pelo país e estão participando e formando outras pessoas.

A falta de espaço foi um passo de precariedade vivenciado pelos cursos instalados na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul. Acreditávamos que, com a construção/aquisição de um prédio próprio para as universidades, as condições mínimas iriam ser oportunizadas, porém observamos que após a mudança para um local próprio, ainda houve situações que continuavam a ser inadequadas. Acreditamos que o movimento sincronizado na criação da UEMS e da UFMS – aberturas de cursos e/ou unidades – depende mais de decisões políticas do que de demandas sociais, tendo como interesse a capitalização de votos (municipal, estadual e federal) ou até mesmo interesse do reitor.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/cpar.ufms/photos>. Acesso em: 20 mar. 2023.

A DANÇA SE DÁ A VÉR NOS REDEMOINHOS



*Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>.
Acesso em: 4 jul. 2023.*

"Assim como nos redemoinhos reais, as produções artísticas do dançar inquietam, desconstróem, transgridem o construído, mas também podem fazer surgir novas formas de pensar, novas atitudes e novas formas de ver, ora aproveitando, ora rejeitando ações anteriores."

(Karenine de Oliveira Porpino).

A DANÇA SE DÁ A VER NOS REDEMOINHOS

Esboçando compreensão do fluxo que há nas inúmeras e variadas manifestações de movimento, foi então que resolvemos trazer o que acreditamos ser redemoinhos. A princípio, eles causam instabilidade ao corpo que dança, mas, posteriormente, os movimentos corporais abrem perspectivas mais amplas para a compreensão das situações. Assim, acreditamos ser estes os entraves entre a área específica da Matemática e da Educação Matemática. Em um primeiro momento, os embates fizeram acometer as instabilidades, que ao nosso ver ainda não foram superadas, mas esse movimento abriu espaços para refletirmos sobre a ampliação e visibilidade da própria Educação Matemática no decorrer do tempo.

Os entraves entre a área específica da Matemática e a Educação Matemática foi um movimento perceptível nos três cursos que estão compondo esta pesquisa, porém, no curso ofertado na cidade de Três Lagoas, mostrou-se de forma mais latente, tanto que a professora Eliedete mencionou, em sua entrevista, que ela não sentia que ocorria diálogo entre a parte específica da Matemática e a Educação Matemática, e que a sua percepção frente às ações que ocorriam no âmbito do curso de licenciatura era que a Educação Matemática era percebida com menosprezo pelos seus colegas de trabalho. Ela cita que, quando se afastou para cursar o doutorado na área de Educação Matemática, percebeu um julgamento de que ela estava se afastando para estudar algo que não era relevante para o curso.

Vale ressaltar o que já pontuamos em outros momentos de nosso texto. A temporalidade que atravessa a criação dos cursos de Matemática na região do Borsão/MS é distinta; ou seja, o tempo em que as coisas acontecem se apresenta em contextos diferentes. Diante disso, temos a percepção de que, no curso de Matemática da cidade de Três Lagoas, para o docente ser um educador matemático, era preciso ter vivências na educação básica. Neste sentido, a professora Sonia nos conta que, por ter lecionado na educação básica, ela gostava da parte do ensino e acabava lecionando as matérias da Educação Matemática. Já no curso de Paranaíba, não observamos esta ótica, mas relacionamos esta situação pelo panorama histórico em que as coisas foram se estruturando e se desvelando.

A criação do curso de Três Lagoas foi implementada no início da década de 1970 e o de Paranaíba no início do ano de 2000. Isso nos leva a refletir sobre quanto

se tinha avançado nas discussões acerca do ensino e da própria Educação Matemática nesse período. Quantos cursos, por exemplo, havia no país, na década de 1970, que formavam educadores matemáticos? O que foi se alterando, no decorrer do tempo, quando os cursos de Cassilândia e de Paranaíba foram criados?

Neste viés, achamos pertinente situar o nosso leitor sobre como os contextos foram sendo configurados no decorrer do tempo, inferindo que situações vivenciadas nos dias atuais talvez tenham resquícios dessa época. As reflexões entre o modelo de formação de professores de Matemática recaem sobre as discussões que foram sendo realizadas em relação ao ensino, à Educação Matemática e à própria Matemática.

As preocupações relacionadas com a Educação Matemática tomaram corpo após três grandes revoluções: a Revolução Industrial em 1767, a Revolução Americana em 1776 e a Revolução Francesa em 1789, com a transição do século XIX para o século XX (Miguel; Garnica; Iglioni; D'Ambrósio, 2004).

Segundo Miorim (1998), os matemáticos do mundo, mas principalmente dos Estados Unidos e da Europa, começaram a se debruçar para elaborar uma proposta para o ensino da Matemática. Com isso, foram sendo organizados eventos, com a finalidade de reunir docentes de vários lugares para discutir e trocar experiências. Tanto que o primeiro evento internacional teve início com o *I Congresso Internacional de Matemáticos*, ocorrido em Zurique, Suíça, no ano de 1897, momento em que os professores colocaram em pauta os problemas enfrentados em relação ao ensino da Matemática e possíveis formas de solucioná-los.

Os autores Miguel, Garnica, Iglioni e D'Ambrósio (2004) pontuam que começa a se observar conflitos entre matemáticos e educadores, desde o ano de 1901, durante uma reunião da *British Association Glasgow*, pois houve a menção de que os matemáticos é quem decidiam os assuntos a serem ensinados nas escolas para os cientistas, e era esse mesmo matemático que se encarregaria de formar professores que atuariam no ensino. Devido a divergências de opiniões, houve o interesse de pesquisadores matemáticos pelos assuntos relacionados ao ensino da Matemática.

Somente no *Congresso Internacional de Matemática*, realizado em Roma, no ano de 1908, é que houve “[...] a consolidação da Educação Matemática como uma subárea da Matemática e da educação, de natureza interdisciplinar [...]” (Miguel; Garnica; Iglioni; D'Ambrósio, 2004, p. 27). Também destacamos que, nesse evento ocorrido em Roma, foi criada a Comissão Internacional de Instrução Matemática

(IMUK/ICMI), sendo presidida pelo matemático alemão Felix Klein. Então, começa a se notar um espaço adequado para as discussões que tinham como finalidade a Educação Matemática. Nesse evento, o Brasil teve a sua participação como um país associado, sendo que não pôde ter direito ao voto nos assuntos discutidos (Valente, 2006).

No âmbito internacional, houve a criação de outros espaços, que tinham a finalidade de discutir o ensino da Matemática. Dentre eles, destacamos o *National Council of Teachers of Mathematics* (NCTM), ambiente em que a pesquisa, dentre seus objetivos, não era algo tão relevante. Embora esses lugares tivessem sido criados com o objetivo de discutir assuntos da área, poucos pesquisadores frequentavam tais ambientes. Segundo Miguel, Garnica, Iglori e D'Ambrósio (2004), a pesquisa em Educação Matemática não atraía os estudiosos da temática.

Em 1962, ocorreu *V Congresso Internacional de Matemática*, em Cambridge, na Inglaterra. Nesse evento, o Brasil teve sua participação oficial e seu representante foi o professor do Colégio Pedro II, Eugênio de Barros Raja. Com o início da Primeira Guerra Mundial, as diversas reuniões que ocorreram pelo IMUK deixaram de ocorrer, pois houve o envolvimento no conflito de países que faziam parte da comissão (Valente, 2006; Miorim, 1998). Com o fim da guerra, os trabalhos da comissão puderam ter prosseguimento.

No Brasil, destacamos o *Congresso Brasileiro de Ensino de Matemática* (CBEM) que ocorreu entre 1955 e 1966. Foi durante os eventos que se formaram grupos de pesquisas, que discutiam o Movimento da Matemática Moderna (MMM). Também foi oportunizada uma interação entre pesquisadores brasileiros com educadores matemáticos de outras partes do mundo.

Segundo Miorim (1998), o primeiro CBEM realizou-se em 1955, na cidade de Salvador (BA). Foi o momento em que houve um diálogo referente a problemas enfrentados no ensino da Matemática. Participaram 103 professores da Bahia e 12 representantes de outros estados, como o Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Já o segundo congresso foi realizado em Porto Alegre, no ano de 1957, com a participação de 240 pessoas. A adesão por esses espaços de discussão foi sendo ampliada, tanto que, no terceiro congresso, realizado em 1959, no Rio de Janeiro, participaram 500 pessoas, sendo que estiveram representantes de 18 estados. Um quantitativo significativo de

participantes era do Distrito Federal e de São Paulo, com 182 e 92 professores, respectivamente.

No Brasil, em meados da década de 1970 e início da década de 1980, período marcado pelo Movimento da Matemática Moderna é que surge a Educação Matemática (Miorim, 1998; Miguel; Garnica; Iglori; D'Ambrósio, 2004). Também surge a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e os programas de pós-graduação específicos, com destaque para o de Educação Matemática na Universidade Estadual Paulista, Unesp-Rio Claro.

O professor Edson nos contextualizou que, na década de 1970, ele também não entendia o motivo pelo qual se deveria ter um olhar para o ensino, tanto que, quando ele estava fazendo seu curso de licenciatura em Matemática na Unesp em Rio Claro, acreditava que era desnecessário olhar para uma nova maneira de pensar o ensino, pois ele acreditava que ter uma solidez na área pura da Matemática era suficiente para que o aluno aprendesse. Contudo, essa situação foi sendo esvaziada, quando se tornou formador no curso de licenciatura em Matemática em Três Lagoas, pois os alunos apresentavam muitas dificuldades durante o curso.

O docente Edson ainda destaca que houve um movimento para readequação da Educação Matemática no mundo, mas no Brasil e nas instituições públicas foi (ou ainda é) difícil a transição. Edson relata que o professor Luiz Roberto Dante defendia a mudança no ensino, mas muitos outros docentes, que eram respeitados na área da Matemática, não aceitaram com tranquilidade a quebra de paradigmas. Os professores não tinham interesse em mudar, porque para eles o conhecimento dos conteúdos matemáticos era suficiente para a formação de professores. Segundo Moreira (2012, p. 1.139), pensava-se que “[...] o bom professor precisa, antes de tudo, deter o conhecimento”.

A consolidação e fortalecimento da Educação Matemática ocorreu em meados da década de 1980 (Gomes, 1997). Um fator que contribuiu para esta mudança foi o *I Encontro Paulista de Educação Matemática*, realizado em 1989. Nesse evento, houve um espaço de discussão sobre elementos específicos da área, e como encaminhamento foi proposta uma articulação entre as disciplinas específicas e pedagógicas, já que é adequado formar o aluno em ambos os aspectos.

O início da década de 1990 foi um período muito relevante para a Educação Matemática no Brasil, tanto que retornam ao país mais de 20 educadores matemáticos que terminaram o doutorado nos Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha. Com

isso, no final de 1990, houve uma estimativa de mais de 200 doutores que atuavam na área (Nascimento, 2022).

Neste escopo, em 1997, um grupo de docentes propõe, à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), um Grupo de Trabalho (GT) em Educação Matemática. Em um primeiro momento, houve reações contrárias, pois se acreditava que haveria um isolamento dos pesquisadores, porém, após discussões que se pautaram em uma falta de espaço para circular as pesquisas na área, foi criado e implementado o GT (Miguel; Garnica; Igliori; D'Ambrósio, 2004).

Neste sentido, mencionamos que, na década de 1990, houve uma expansão significativa na área da Educação Matemática pelo Brasil, com a criação, ao final da década, do *Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM)* e a criação, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da área de Ensino de Ciências e Matemática (Nascimento, 2022).

Também salientamos a ampliação dos cursos de pós-graduação em várias localidades do país. Como já citamos o caso da Unesp em Rio Claro, também mencionamos o da PUC-SP, o da FEUnicamp e o da UFMS, que teve o seu primeiro curso de pós-graduação na área da Educação Matemática na região Centro-Oeste e o primeiro a funcionar em uma universidade federal no país (Nascimento, 2022). A abertura deste programa teve um significado importante para a região que estamos estudando, uma vez que a localidade era vista como periférica, se comparada ao estado de São Paulo, mas passou a oferecer o curso. Então, dizemos que Mato Grosso do Sul passa a ser centro de formação para educadores matemáticos, oportunizando também aos docentes desse estado tal formação. Um estado que teve a criação de cursos para formação de professores de Matemática, de forma mais lenta, passa a despontar no que tange à formação desse profissional.

Neste contexto de discussões e alterações, Edson nos menciona que, atualmente, a Educação Matemática está mais sólida no Brasil e que isso não ocorreu rapidamente, já que é um processo que se encontra em andamento. Ele salienta que é necessária uma articulação entre as disciplinas da área específica e da Educação Matemática, porém, em sua concepção, o diálogo não é fácil de ser realizado. Edson diz que sente dificuldades em dialogar com a parte conceitual e metodológica, ou seja, promover a articulação para que o aluno consiga esboçar compreensões de uma

situação que não é trivial, tanto que ele acredita que o embate entre a área específica e a da Educação Matemática se estenderá por muitos anos.

Com este breve contexto sobre a Educação Matemática no mundo e no Brasil, mostramos que as discussões da área, principalmente em nosso país, são recentes, quando os cursos que estamos estudando na região do Borsão/MS foram sendo criados, principalmente o de Três Lagoas, o que já difere dos cursos de Cassilândia e de Paranaíba, que já foram criados quando havia um outro panorama no país em relação à formação de um profissional docente da Matemática.

Vale ressaltar que os cursos de licenciatura em Matemática foram sendo criados a fim de atender as legislações que apontavam para uma formação específica do profissional do magistério, como já discutimos anteriormente¹. Segundo Moreira e Ferreira (2013), por um tempo, o professor de Matemática era preparado para transmitir a outros a soma do conhecimento da matéria e o conhecimento acerca do ensino. Com isso, a licenciatura ofertava ao futuro docente conhecimentos cursados com três anos de Matemática e mais um ano de Didática, ou seja, perpassou pelo período em que valia a relação: licenciatura = bacharelado + didática, movimento que ficou conhecido como o modelo 3+1.

Este modelo de formação nos leva a inferir que, para ser um bom professor, seria necessário deter o conhecimento primeiramente, no caso em que estamos tratando, os conhecimentos sólidos da Matemática, que são realizados nos três primeiros anos de curso; ou seja, a preocupação estava centrada em transmitir esse conhecimento e não como fazê-lo, já que isso era realizado somente no último ano (Moreira, 2012).

O movimento do modelo de licenciatura 3+1 pode ter tido início na forma como os cursos em nível superior eram ministrados na década de 1930, tanto que o título de bacharelado era obtido pelos alunos que cursavam três anos de um determinado curso, como exemplo, o de Matemática. Findados estes três anos, o aluno poderia estudar mais um ano de disciplinas pedagógicas. Assim, os bacharéis poderiam lecionar (Castro, 1974). O movimento 3+1 foi criado no contexto da criação das universidades brasileiras, que implantaram a formação de professores para as instituições de ensino secundárias, nas denominadas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (Saviani, 2009). De acordo com o Decreto-Lei nº 1.190, de 1939,

¹ Estamos nos referindo ao capítulo denominado de: **O (des)compasso da dança educacional**.

ficou estabelecido o domínio do movimento 3+1 nos cursos de licenciaturas e nos cursos de Pedagogia.

Concluído os três primeiros anos dos cursos em nível superior, era conferido ao aluno o título de bacharelado, e, após mais um ano cursando disciplinas de cunho pedagógico, o de licenciado. Segundo o artigo 20 do Decreto-Lei nº 1.190, o curso de Didática seria composto das seguintes disciplinas: Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Fundamentos Biológicos da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação; ou seja, para um bacharel tornar-se docente, era preciso cursar as seis disciplinas e lhe seria conferido o título (Scheibe, 1983). Embora o curso de bacharelado tivesse uma duração menor que o da licenciatura, ele tinha maior visibilidade e era o preferido; já as licenciaturas eram desprestigiadas (Scheibe, 1983).

O esquema 3+ 1, que teve início na década de 1930, perdurou por muitos anos e atenuadas as legislações que não esvaziavam a ideia do que era necessário para ser professor. De acordo com Saviani (2011), conteúdo e forma são características intrínsecas da formação docente, porém uma articulação entre as duas é um processo complexo. A característica do conteúdo sobressai à forma, parecendo que o domínio do conteúdo específico era o suficiente para o professor, e que a forma de como ocorreria parece-nos que se daria de acordo com a solidez do conteúdo específico ou por meio de treinamentos específicos.

O modelo de formação centrado no esquema 3+1 vai na contramão ao “modelo pedagógico-didático de formação de professores” (Saviani, 2011, p. 9). O autor menciona que, além de uma cultura geral e da formação de conteúdos específicos, um curso de graduação precisa assegurar ao aluno uma preparação pedagógico-didática que se entrelace com os conteúdos específicos.

Diante deste contexto, pudemos experienciar, durante nossa trajetória de pesquisa, que é velado, nos cursos de Matemática da região do Bólsão/MS, um embate entre a área específica da Matemática e da Educação Matemática, mas para isso pensamos ser pertinente promover uma discussão entre os tipos de conhecimentos que deveriam/devem ser necessários/possíveis à prática do professor de Matemática. Alguns pesquisadores vêm discutindo questões sobre os conhecimentos relativos à docência, como Nascimento (2022), Santos e Lins (2016), Silva, D. (2015) e Moreira e Ferreira (2013).

Em seu trabalho, Silva, D. (2015) e Moreira e Ferreira (2013) destacam que poucos são os autores que tratam do conhecimento específico do professor e da ênfase no caso do docente de Matemática. Os pesquisadores abordam o trabalho de Shulman (1986), o qual propõe três categorias que devem ser consideradas no trabalho docente: 1) conhecimento do conteúdo, que estaria centrado no domínio e organização do conteúdo; 2) conhecimento pedagógico do conteúdo, com ênfase de como se dá a aplicabilidade do conteúdo; 3) conhecimento do currículo, com referência aos saberes do currículo escolar.

Posteriormente, em 1987, Shulman readequou as três primeiras categorias construídas por ele, desdobrando-as em sete: 1) conhecimento pedagógico geral, com referência a questões relacionadas à gestão e organização da sala de aula; 2) conhecimento das características cognitivas dos alunos; 3) conhecimento dos contextos educacionais, que englobaria as compreensões acerca do funcionamento desse na sala de aula, até a gestão financeira, ou seja o sistema educacional até as características específicas da comunidade bem como suas características culturais; 4) conhecimento dos objetivos gerais da educação escolar, seus propósitos e valores da educação, bem como de sua base histórica e filosófica; 5) conhecimento do conteúdo que se refere à disciplina a ser ensinada; 6) conhecimento do currículo, que seria a referência aos assuntos de cada nível de escolarização, bem como o leque de possibilidades de materiais relacionados com o currículo escolar; 7) conhecimento pedagógico do conteúdo, que seria a integração do conteúdo específico e a forma de ensiná-lo, configurando-se em um amálgama do profissional docente (Silva, D., 2015; Moreira; Ferreira, 2013).

As discussões propostas por Shulman (1986, 1987) tinham como foco o professor em um contexto geral. No trabalho de Silva, D. (2015), com o apoio da teoria de Ball, Thames e Phelps (2008), é apresentado um modelo proposto por Shulman, que apresenta, como ponto central, o conhecimento do professor de Matemática, o que chamou de conhecimento matemático para o ensino. Neste modelo, os conhecimentos específicos do professor de Matemática são distribuídos em seis domínios: 1) conhecimento comum do conteúdo; 2) conhecimento especializado do conteúdo; 3) conhecimento matemático horizontal; 4) conhecimento do conteúdo e dos alunos; 5) conhecimento do conteúdo e do ensino; 6) conhecimento do conteúdo e do currículo.

Neste contexto, Silva, D. (2015) nos apresenta alguns apontamentos acerca do que entende por cada domínio. O conhecimento comum do conteúdo seria as habilidades específicas das Matemáticas que o docente apresenta, ou seja, não só da Matemática escolar, mas vários outros contextos. Neste sentido, Lins e Santos (2016) mencionam que o professor precisa traçar compreensões acerca da Matemática em várias dimensões, para que, adequadamente, proponha ao aluno um leque de possibilidades que não se restringem somente ao ambiente escolar.

O conhecimento especializado do conteúdo, segundo Silva, D. (2015, p. 47),

[...] é caracterizado por se referir às habilidades e conhecimentos matemáticos específicos para o trabalho do professor, ou seja, característico de sua prática pedagógica. Entre outras características, o professor necessita compreender diferentes interpretações das operações, precisam ser capazes de falar explicitamente sobre como a linguagem Matemática é utilizada, responder a perguntas, questionamentos e, além disso, precisam saber utilizar distintas representações Matemáticas que são mais adequadas em certos contextos.

O conhecimento matemático horizontal seria as inter-relações do conhecimento matemático ao longo da escolarização. O domínio do conhecimento do conteúdo e dos alunos é caracterizado pela relação que os alunos têm com a Matemática. Já o docente precisa estar preparado para enxergar que os conhecimentos trazidos pelo aluno podem causar confusão, assim possibilitando, por meio das ideias incompletas dos estudantes, uma sistematização do conteúdo (Silva, D., 2015).

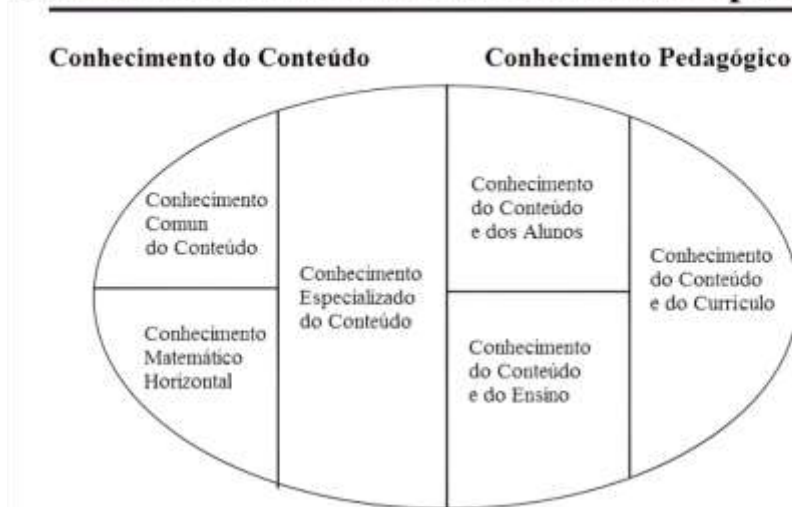
Nesta perspectiva, Silva, D. (2015, p. 47) afirma que o conhecimento do conteúdo e do ensino

[...] é caracterizado por combinar conhecimentos em relação ao conteúdo e também ao ensino desse conteúdo. Neste domínio estão questões relativas à utilização de decisões de sequências de conteúdos, que levem os alunos a aprofundá-lo. Nele evidencia-se a relação que envolve uma ideia ou procedimento matemático particular e uma familiaridade com princípios pedagógicos para o ensino de um tópico particular.

E, por fim, o domínio conhecimento do conteúdo e do currículo é a ênfase dada aos conhecimentos das finalidades educacionais das etapas de ensino. Para ilustrar todos os domínios propostos acima, trazemos a Figura 34, que trata dos domínios do conhecimento matemático do ensino proposto por Ball, Thames e Phelps (2008) e traduzido por Silva, D. (2015).

Figura 34 – Domínios do conhecimento matemático para o ensino

Domínios do Conhecimento Matemático para o Ensino

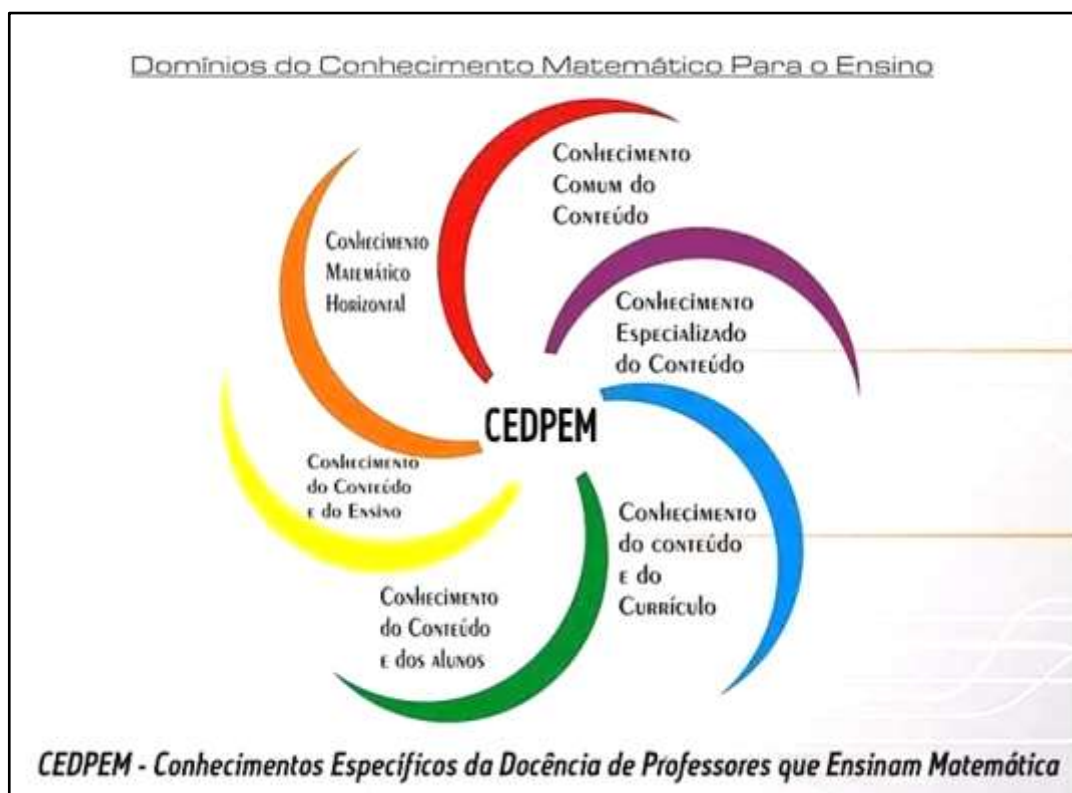


Fonte: Silva, D. (2015, p. 48)

Observando esses domínios de conhecimento apresentados e todos os apontamentos realizados por Silva, D. (2015), dizemos que há uma multiplicidade de conhecimentos que o docente de Matemática mobiliza em sua prática profissional. Neste viés, Santos e Lins (2016, p. 339) definem que existe “[...] uma Matemática do professor de Matemática, Matemática da Educação Matemática e a Matemática do matemático”, ou seja, o professor tem um vasto leque de possibilidades a ser utilizado.

Assentimos com Silva, D. (2015), quando ele nos apresenta um outro modelo de conhecimento mobilizado pelo professor de Matemática, tendo como referência os já elencados acima (Shulman, 1986, 1987; Ball; Thames; Phelps, 2008). O autor utiliza a metáfora do cata-vento, para ilustrar o movimento. Já colocado em movimento pelo vento, suas abas constituem seu corpo e realizam uma unificação, ou seja, as abas se “unem” em um todo. Trazendo para nosso contexto, os domínios do conhecimento seriam as abas do cata-vento, mas, quando colocados em movimento, que seria a prática docente, constituem-se em um todo, sendo que todos estão interligados a um único fim: a formação do aluno. Abaixo, retratamos a Figura 35, que representa a readequação dos domínios do conhecimento Matemático para o ensino, tendo como pano de fundo a ideia da metáfora do cata-vento proposta por Silva, D. (2015).

Figura 35 – Readequação do conhecimento matemático para o ensino



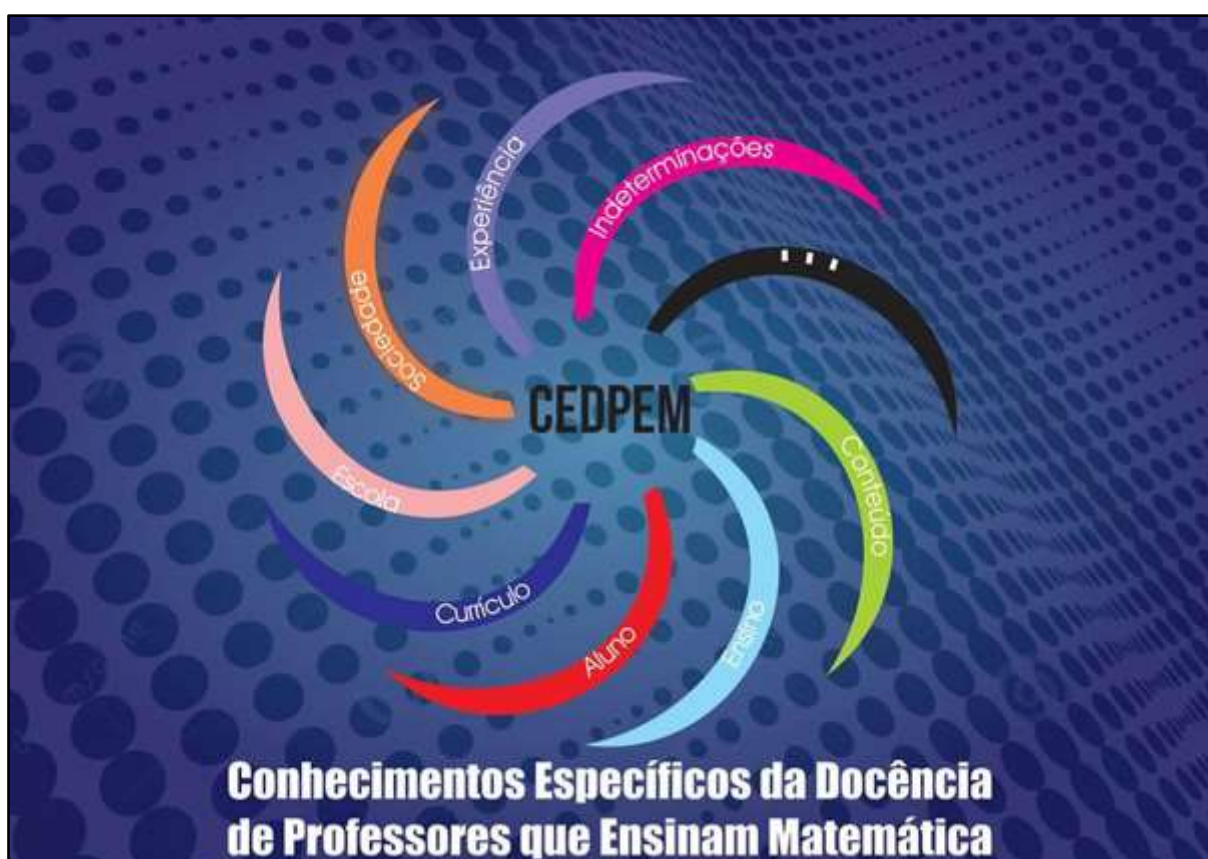
Fonte: Silva, D. (2015, p. 51).

Acreditamos ser mais pertinente a ideia de que, ao realizar a ação docente, os conhecimentos do professor não sejam categorizados, estanques, solitários, cada um em uma posição, mas sim a ideia proposta por Silva, D. (2015), de que, quando esses conhecimentos estão em movimento, não é possível dissociá-los. Estão todos inter-relacionados. Sabemos do ato complexo de esboçar compreensões de que um curso de licenciatura em Matemática precisa formar um aluno que tenha esse leque de possibilidades, pois é necessária uma quebra de paradigmas que foram sendo estabelecidos na constituição da formalização de um profissional do magistério, mas também vimos que o entrave, em relação à área específica da Matemática e da Educação Matemática se mostra infrutífera, visto a dinamicidade multifacetada que é formar um docente em Matemática.

Neste viés, Silva, D. (2015) propõe um outro esquema para representar o conhecimento de um professor de Matemática, com a ideia de um cata-vento, com o acréscimo, em uma das abas, de três pontinhos, que querem nos dizer que o professor é um ser em construção e transformação e que há temáticas que estão fora do ambiente escolar. É que estão totalmente envoltas na prática educacional. Esta aba é

o ponto forte da representação construída pelo autor. Abaixo, mostramos a Figura 36, que retrata o modelo proposto para os conhecimentos específicos da docência de professores que ensinam Matemática.

Figura 36 – Conhecimentos específicos da docência de professores que ensinam Matemática



Fonte: Silva, D. (2015, p. 53).

Segundo Silva, D. (2015, p. 54), as temáticas que constam nas abas do cata-vento são “[...] ideias que atravessam a vida do professor de Matemática”. Ele exemplifica que, quando é utilizada a palavra conteúdo, é uma proposição em relação aos significados que o docente tem acerca da Matemática, bem como o modo de mobilizá-la.

Neste sentido, Santos e Lins (2016) nos propõem que o professor de Matemática precisa ter uma cultura geral na temática em que vai lecionar, ter experiência e repertório para consolidar uma solidez. Porém, Moreira e Ferreira (2013) mencionam que a solidez para um professor de Matemática é uma ação que extrapola

o conhecimento do conteúdo. No nosso entendimento, ela está alicerçada no entrelaçamento de tudo o que já pontuamos acerca do conhecimento.

Temos consciência de que, embora o Parecer do CFE 292/1962 tenha determinado que as disciplinas pedagógicas deveriam ser distribuídas ao longo dos quatros anos do curso de licenciatura, parece-nos que até hoje, mesmo com o aumento da carga horária das disciplinas de cunho pedagógico, diluídas ao longo dos anos, os resquícios do movimento 3+1 ainda esteja ligado a alguns cursos de licenciaturas, mesmo que atualmente esteja proposto outro modelo de licenciatura. Neste sentido, dizemos que o movimento 3+1 saiu das licenciaturas, mas as licenciaturas não saíram dele (Moreira, 2012).

Por meio das narrativas constituídas em nossa pesquisa, percebemos um movimento singular no que tange aos cursos de Matemática. O professor Edson é licenciado em Matemática, curso realizado no período de 1969 a 1972, à época na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, que era um instituto isolado². Segundo Martins-Salandim (2012), somente no ano de 1976 houve uma reestruturação no estado de São Paulo e institutos isolados existentes formaram a UNESP³. Edson nos relata que o curso funcionava em período integral (manhã e tarde). Tinha início às sete horas da manhã e ia até as seis da tarde. As disciplinas eram todas anuais. Embora o curso fosse de licenciatura, equivalia, no que conhecemos atualmente, a um bacharelado, e que, na sua graduação, havia uma grande preocupação em fornecer uma formação em Matemática sólida, pois se o aluno tivesse uma preparação consistente em Matemática, ele seria capaz de ensiná-la, tanto que o modo como seria ensinado ficava a cargo das disciplinas pedagógicas que eram ministradas nos últimos anos do curso.

A professora Sílvia também diz que, devido à sua formação ter ocorrido no movimento 3+1, realizado em cinco anos (1987-1991), ela nos conta que as disciplinas

² Segundo Martins-Salandim (2012), o curso de Matemática, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, foi o segundo a ser criado no interior do estado de São Paulo, em 1959. Uma grande parte do quadro docente foi composto por professores da USP-São Paulo, instituição com a qual havia intensas relações, mas também fizeram parte do quadro docente, professores de Brasília e do Rio de Janeiro. Em 1967, houve a incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro pela UNICAMP, mas a transferência dos cursos, inclusive o de Matemática, para Campinas, não foi bem-vista pelos docentes, estudantes e pela comunidade, causando a sua desintegração, assim retornando a ser um Instituto Isolado. Somente no ano de 1976, o Instituto Isolado de Rio Claro e mais outros cinco institutos foram reunidos, e deram origem à terceira universidade estadual do estado, a UNESP - Universidade Estadual Paulista.

³ Martins-Salandim (2012) estudou o movimento de interiorização do ensino superior, em meados da década de 1960 no estado de São Paulo.

específicas de Matemática foram cursadas junto com os alunos do bacharelado e que, devido a essa organização, os professores se “esqueciam” que na sala havia também alunos de licenciatura. Os alunos não pensavam em reivindicar sobre a situação de que o curso era uma licenciatura e não um bacharelado. Sílvia ainda diz que até nos dias de hoje, quando ela comenta com professores da área da Matemática sobre sua formação, eles acreditam que os cursos de licenciatura têm que ser mais fáceis do que os de bacharelado, ou seja, não entendem a especificidade de cada um.

Elencamos que, mesmo com a legislação sinalizando o fim do modelo 3+1, este continuou ou continua a ser realizado. Assim, a professora Andreia afirma que cursou o bacharelado em Matemática no período de 1997 a 2000, pois a concorrência dele era menor do que o da licenciatura. Porém, devido ao grande número de reprovação que existia no curso de bacharelado, a faculdade uniu as duas turmas (licenciatura e bacharelado) para cursarem as disciplinas específicas juntas e, ao seu término, o aluno poderia optar pela licenciatura ou pelo bacharelado.

Inferimos que, mesmo em períodos distantes, ainda ocorria a prática de juntar as turmas de bacharelado e licenciatura para cursar as disciplinas específicas da Matemática, mesmo que os cursos apresentassem objetivos distintos, indicando existir uma falta de compreensão no que se refere à formação de um profissional docente.

Com este texto, buscamos mostrar que não é nossa intenção estabelecer como deve ser a formação Matemática em um curso de licenciatura. Queremos reverberar questões que nos levem a pensar que formar um professor na área possui especificidades que não podem ser esquecidas. Segundo Moreira e Ferreira (2013, p. 985), a escola é um ambiente que tem suas finalidades e, por isso, “[...] demanda conhecimentos específicos sobre ela, o que ocupa algum lugar no processo de formação na licenciatura”. E, por fim, falamos que seria relevante discutir sobre esses espaços nos cursos, possibilitando vivências que proporcionem os saberes específicos da docência em Matemática.

Acreditamos que quando os cursos de formação são criados e implementados, em um primeiro momento, busca-se uma identidade que vai sendo consolidada no decorrer do tempo, porém o perfil do curso vai se constituindo de acordo também com a formação dos docentes que integram a licenciatura, pois eles conseguirão falar com mais propriedade das experiências vivenciadas por eles.

Para finalizarmos, fazemos a seguinte reflexão: porque enquadramos as disciplinas do núcleo duro da Matemática como disciplinas específicas? Esta é uma categorização até mesmo realizada por nós, licenciados da área. Mas se o curso tem o objetivo de formar o professor de Matemática, por qual motivo as disciplinas da Educação Matemática não fazem parte do rol das disciplinas específicas? Os redemoinhos causados pelos entraves entre a área dita da Matemática e a Educação Matemática, foi um movimento significativo do qual reverberou reflexões e até mesmo a ampliação e suas nuances dentro da área da Matemática.

A CORPOREIDADE DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA



*Todas as imagens utilizadas nas capas de abertura dos ensaios foram retiradas da internet. Disponível em:
<https://www.istockphoto.com/br/foto/bom-homem-bonito-sendo-focado-na-dan%C3%A7a-gm878964794-245065760>.
Acesso em: 4 jul. 2023.*

*Talvez seja este o aprendizado mais difícil: manter
o movimento permanente, a renovação constante,
a vida vivida como caminho e mudança.
(Frase atribuída à Maria Helena Küner, dramaturga).*

A CORPOREIDADE DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Este trabalho foi um movimento trilhado, não só durante o período de doutorado, mas de preocupações que nos atravessam em relação à formação de professores de Matemática, que foram se mostrando durante nossa trajetória, principalmente quando começamos a olhar a região do Bolsão/MS. Sabíamos que teríamos desafios a serem enfrentados durante o nosso processo de doutorado, porém o mais desafiador e doloroso foi o surgimento de uma pandemia, e com ela as suas consequências, a perda de milhares de pessoas. Muitas destas vidas foram ceifadas por negligência de políticas públicas que tivessem como ponto central o “ser humano”.

A pandemia nos reverberou várias reflexões sobre a vida e também sobre a pesquisa. Foi preciso contornar as adversidades e nos readequarmos ao novo cenário. Os diálogos desta pesquisa tomaram novo rumo. Costumeiramente, realizamos entrevistas presencialmente, porém, diante da situação e em respeito aos nossos colaboradores, mobilizamos uma outra opção de produção de dados. Valemo-nos do uso dos recursos disponíveis e realizamos as entrevistas de forma “*online*”. Assim, foi possível esboçar compreensões sobre o movimento de criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS, a partir da década de 1970 até meados de 2000. Para alcançar nossos objetivos, utilizamos entrevistas que envolveram doze professores que atuaram e/ou estudaram nos anos iniciais desses cursos, além de outras fontes escritas a que tivemos acesso.

Pudemos observar a situação periférica da região do Bolsão/MS, em relação a outras localidades, no momento político em que o primeiro projeto de formação de professores de Matemática foi apresentado. No final da década de 1960, outras regiões brasileiras (a exemplo do estado de São Paulo) preparavam-se para a expansão do ensino superior, conforme era proposto pela Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68). O Bolsão teve sua primeira universidade (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) instalada no início da década de 1970, na cidade de Três Lagoas.

Como houvesse a necessidade de docentes habilitados na área de Matemática na região, as pessoas buscavam em outras localidades a formalização, devido à situação privilegiada da localidade, que faz divisa com o estado de São Paulo. Muitos

professores buscavam sua formação nesses lugares, ou até mesmo lecionavam sem uma formação específica. Já havia a carência de professores formados na região, que aumentou, após a Lei nº 5.692/71 ter exigido a formação específica para o magistério para atuar no ensino básico, potencializando a urgência de criação de cursos de formação de professores, a partir da década de 1970 até meados de 2000, na região do Bolsão/MS.

Depois de anos, a carência de docentes ainda era percebida, tanto que a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) foi instalada na década de 1990, com o intuito de levar para o interior do estado um quantitativo de docentes habilitados. Foi assim que a cidade de Cassilândia, por anseios políticos, recebeu uma unidade universitária da UEMS. Porém, na contramão do que as legislações apontavam, foi criado um curso de licenciatura em Ciências com habilitação em Matemática, com a justificativa de que o docente formado teria um leque de opções maior em que atuar. A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em uma política de interiorização e expansão do ensino superior, criou o câmpus de Paranaíba na década de 2000, e com isso o curso de licenciatura em Matemática começou a ofertar a formalização aos professores.

As iniciativas de criar os cursos de licenciatura em Matemática partiram de uma política de formação de professores e foi guiada pela carência de docentes licenciados na região, principalmente na área de Matemática, e implantada para atender às exigências da Lei nº 9.394/96, no que tange à formação de professores para atuar na educação básica.

Neste escopo, a região tinha uma grande carência de professores com formação em Matemática, para atuar na educação básica; porém o primeiro curso não se preocupou com a formação do docente. Parece-nos que era mais importante formar alunos preparados para ingressar na pesquisa do que no ensino. As outras duas universidades que estudamos, em seus anos iniciais, buscavam delinear um perfil, tanto que foram percebidos entraves entre as áreas da Educação Matemática e da Matemática Pura.

Os cursos foram criados com a intenção de suprir a falta de professores na região, porém acreditamos que a formação de professores de Matemática ficou relegada a segundo plano e isso se dava principalmente pela formalização dos primeiros docentes que atuavam nos cursos. Alguns deles se formaram pelo

movimento do modelo 3 +1, resultante do disposto no Decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939.

Acreditamos que o modelo de formação do primeiro curso de licenciatura plena em Matemática no Bolsão/MS pautou-se mais pela formação de matemáticos, mesmo que em sua nomenclatura fosse uma licenciatura. Já os cursos que surgiram na década de 1990 tinham uma estrutura curricular que visava formar professores para atuarem na educação básica, mesmo que também em sua configuração se mostrassem, em certos momentos, tendenciosos a hierarquizar a “Matemática Pura”, como sendo disciplinas primordiais para os cursos.

Neste contexto, delineamos que o tempo em que as situações ocorreram no processo de formação do professor, na região que estudamos, interferiu nas concepções, tanto que observamos que a Educação Matemática, na década de 1970 e 1980, parecia estar ligada ao profissional que atuasse diretamente na educação básica, o que para os docentes dos cursos criados na década de 1990 e 2000 se mostrou de maneira distinta, pois a Educação Matemática passou por um processo que possibilitou outras concepções aos professores.

Com o leque de possibilidades ampliado, em relação à área da Educação Matemática, acreditamos que o perfil de um curso vai se desenhando de acordo com as ações propostas pela comunidade de professores, e essas propostas são colocadas de acordo com o rol de possibilidades que trazem de suas formações. Destacamos que essa questão entre a Matemática e o modo de ensiná-la são conhecimentos existentes. Não queremos defender modelos, mas acreditamos que a unificação desses domínios específicos do professor de Matemática é essencial para uma formalização dos formadores.

Outra característica percebida em nosso trabalho foi o contexto da precariedade em que os cursos de Matemática foram criados e expandidos. Neste contexto, eles buscavam sobreviver diante das mazelas impostas pela ausência de infraestrutura adequada, pela falta de professores e até mesmo de bibliotecas com acervo mínimo voltado para os cursos de Matemática. Pela falta das condições mínimas para o desenvolvimento dos cursos, em seus anos iniciais, eles tentaram praticar o ensino, dentro do que era possível, praticavam timidamente a extensão, mas não tinham estrutura para desenvolver pesquisas. Com isso, dizemos que a formação de professores de Matemática na região do Bolsão/MS, certamente, esteve relacionada com o modo próprio como as licenciaturas surgiram no país, sem estrutura

adequada, e envoltas em políticas públicas e legislações que não tinham por interesse central a formação do aluno, constituindo-se, na prática, nos interesses políticos partidários, nas “adequações” das legislações, de acordo com a necessidade de cada local.

Outro fator observado por nós tem relação com as influências políticas partidárias. Foi um movimento que interferiu nos cursos de Matemática, desde sua criação, como ocorreu, por exemplo, na escolha de gestores, quando vimos, infelizmente, perseguições políticas, fazendo com que professores deixassem seus cargos e buscassem, em outras localidades, condições para exercer sua profissão.

Em nossa pesquisa, pudemos mostrar o (des)compasso na criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS, a partir da década de 1970 até meados de 2000; também apontamos a urgência em formar professores. Diante desse cenário, surgiram modelos de formação, como a Cades, as licenciaturas curtas e as licenciaturas em Ciências, cursos estes nos quais nossos colaboradores se preparavam para, posteriormente, fazer parte do movimento que formou/forma docentes para atuarem na área da Matemática na região que nos propusemos a estudar, ou até mesmo em outras regiões.

Observamos que a criação dos cursos de Matemática não ocorreu de forma linear, e sim multifacetada, em uma configuração que se mostrou incerta. Só assim conseguimos esboçar compreensões para o conflito de interesses, alterações e permanências, acreditando que a criação dos cursos esteve ligada a decisões políticas e não por demandas sociais, tendo como trama a capitalização de votos (municipais, estaduais e federais) e interesses próprios, ou seja, uma criação “desordenada”, mas com um certa “ordem” de planejamento – não o que era esperado para cursos superiores, tanto que sabemos que a formação era longe de ser a ideal para um professor de Matemática, porém era a possível para aquele contexto dinâmico e multifacetado das diversas transformações da região.

Com esta pesquisa, contamos uma história da criação dos cursos de Matemática na região do Bolsão, desvelando uma interação entre a política educacional, a migração de professores e os impactos socioeconômicos que moldaram não somente a educação superior, mas a identidade cultural da localidade.

Com isso, abordamos, neste trabalho, temáticas que nos atravessaram em nossa trajetória acadêmica, mas temos consciência que, devido à quantidade de assuntos abordados pelos colaboradores, há várias outras possibilidades de

encaminhamentos que não foram estudados por nós; a exemplo, citamos os atravessamentos femininos, narrados em nossas entrevistas. Novas “danças” possibilitarão outros rumos que serão traçados em outras trajetórias que podem se constituir. E para finalizarmos, acreditamos que a formação de um professor vai além de processos formativos institucionalizados, ou seja, o formar-se permeia as trajetórias de vidas dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Da história detalhe à história problema: o erudito e o intelectual na elaboração do saber histórico. **Locus**: Revista de História da UFJF, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 54-72, jul./dez. 2004.
- ALENCAR, A. C. **Vozes do Cariri**: monólogos e diálogos sobre a história da formação de professores de Matemática no interior do Ceará. 2019. 347 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.
- BACKES, T.; GAERTNER, R. Educação e Memória: inventário das obras publicadas na área de Matemática pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades). **Revista Dynamis**, Blumenau, v. 13, p. 21-28, 2007.
- BALL, D. L.; THAMES, M. H.; PHELPS, G. Content Knowledge for Teaching: What make it special? **Journal of Teacher Education**, [s. l.], v. 59, n. 5, p. 389-407, 2008.
- BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP)**: Uma história em construção. 2003. 240 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.
- BARALDI, I. M.; GAERTNER, R. **Textos e contextos**: um esboço da Cades na história da educação (Matemática). Blumenau: Edifurb, 2013.
- BENFICA, T. A. H. A Universidade Pública em Três Lagoas/MS e as titubeações do campo histórico (1970-1990). **Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 3, n. 6, p. 76-96, jan./jun. 2014.
- BENFICA, T. A. H. **História e Universidade**: a institucionalização do campo histórico na Universidade Estadual de Mato Grosso/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1968-1990). 2016. 379 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.
- BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul: a construção de um estado**: Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande: UFMS. v. 1. 2009.
- BITTAR, M. **Mato Grosso do Sul**: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997). 1997. 538 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSI, A. O tempo e os tempos. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 19-32.
- BOTH, B. C. **Sobre a Formação de Professores de Matemática em Cuiabá – MT**

(1960-1980). 2014. 404 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

BOTH, E. G. **Outros Diamantes**: Histórias da Formação de Professores (de Matemática) em uma Região de Garimpo. 2021. 875 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1961. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 11429, 27 dez. 1961.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 6377, 12 ago. 1971.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018. Revoga a Portaria MEC nº 1.134, de 10 de outubro de 2016, e estabelece nova redação para o tema. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 59, 31 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior - IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 131, 11 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 8-12, 2 jul. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 25 maio 2021.

CANDAU, V. L. **Novos rumos da licenciatura**. Brasília, DF: INEP, 1987.

CARLI, M. A. F. **Dourados e a democratização da terra**: povoamento da Colônia Agrícola Municipal de Dourados (1946-1956). Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CASTRO, A. D. de. A licenciatura no Brasil. **Revista de História**, São Paulo, v. 50, n. 100, p. 627-652, out./dez. 1974. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132649/128733>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CUNHA, L. A. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. (Coleção Educação em Questão).

CUNHA, J. M. P. da. **A Migração no Centro-Oeste Brasileiro no período 1970-90: o esgotamento de um processo de ocupação**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2002.

CURI, E. **Formação de professores de Matemática: realidade presente e perspectivas futuras**. 2000. 179 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. 2011. 290 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

DORILEO, B. P. **Ensino superior em Mato Grosso: até a implantação da UFMT**. Campinas: Komedi, 2005.

FAORO, T. C. T. **A Formação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul: um olhar sobre os anos iniciais da licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em Dourados**. 2014. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

FARIA, S. C. **Processo de Expansão e de Interiorização da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Uems) e a Democratização Da Educação Superior (1993-2010)**. 2013. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2013.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão: Cartas para uma Cartografia Possível**. 2011. 388 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

FRANCISCO, A. L. **Ciclos econômicos aportados na cidade de Três Lagoas: da pecuária as indústrias de transformação**. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013.

FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1986.

FREITAS, J. B. de. **Contribuições do curso de ciências – habilitação Matemática da UEMS para a formação de professores: concepções e avaliações de seus alunos**. 2001. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2001.

GARCIA, E. B. **Desbravadores de Sertões: Saga e genealogia dos Garcia Leal**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2009.

GARNICA, A. V. M. A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro. *In: CIBEM. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 5., 2005, Porto. **Anais [...]**. Porto: AMP – Associação de Professores de Matemática de Portugal, 2005.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015a.

GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, História Oral, insubordinação e Educação Matemática. *In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática*. Campinas: Mercado de Letras, 2015b. p. 181-206.

GARNICA, A. V. M. Sobre a Formação de Professores e Pesquisadores em Educação Matemática: pontos para uma Agenda. **Revista Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 21-44, 2023.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. da. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. **Bolema**, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GATTI, B. **Formação de professores e carreira**: problemas e movimentos de renovação. São Paulo: Autores Associados, 1997.

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (GHOEM). Sobre o Ghoem. Disponível em: <https://www2.fc.unesp.br/ghoem/index2.html>. Acesso em 10 ago. 2024.

GOMES, M. L. M. Formação e Atuação de professores de Matemática, testemunhos e mapas. *In: GARNICA, A. V. M. (org). Cartografias Contemporâneas: mapeando a formação de professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Appris, 2013. p. 11-37.

GOMES, M. L. M. Matemática e Escola: uma experiência integradora na Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Minas Gerais. **Zetetiké**, Campinas, v. 5, n. 7, p. 95-109, jan./jun. 1997.

GOMES, M. L. M.; GARNICA, A. V. M. History of Mathematics Education in Brazil: an overview of secondary education. **The Montana Math Enthusiast**, [s. l.], v. 18, p. 352-384, 2021.

GONZALES, K. G. **Formar professores que ensinam Matemática**: uma história do movimento das Licenciaturas Parceladas no Mato Grosso do Sul. 2017. 534 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2017.

GONZALES, K. G.; SILVA, C. R. M.; GARNICA, A. V. M. A Matemática nos Cursos de Ciências no Sul do Mato Grosso Uno. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, p. 665-694, out./dez. 2019.

GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos**. Dourados: L. Gressler, 2005.

GUEDES, T. R. **Entre a necessidade e o jogo político: uma história sobre a criação e a extinção do curso de ciências da UEMS em Cassilândia**. 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

HAMBURGER, A. As licenciaturas nas áreas de ciências naturais e exatas. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 36, p. 1543-1555, set. 1984.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, M. H. S. **“Como Ensinar Matemática no curso ginásial”**: um manual da Cades e suas propostas para a formação de professores de Matemática. 2015. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 2012. 379 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MATO GROSSO DO SUL. Lei nº 4.431, de 12 de novembro de 2013. Altera e acrescenta dispositivos à Lei nº 2.230, de 2 de maio de 2001, e dá outras providências. **Diário Oficial**, Campo Grande, n. 8.555, p. 1-3, 13 nov. 2013.

MAYMONE, H. **Da Farmácia e Odontologia à Universidade: memórias**. Campo Grande: Ed. UFMS/Núcleo de Imprensa Universitária, 1989.

MAZINI, A.; ROSA, E. **UEMS 25 Anos: Uma história contada por todos!** Dourados: Editora UEMS, 2019.

MELO, J. M. S. de. **História da Educação no Brasil**. 2. ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MIGUEL, A.; GARNICA, A. V. M.; IGLIORI, S. B. C.; D'AMBRÓSIO, U. A. Educação Matemática: breve histórico, ações implementadas e questões sobre sua disciplinarização. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 70-93, set./dez. 2004.

MIORIM, M. Â. **Introdução à História da Educação Matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

MIRANDA, B. C. B. **A Cades e um novo modelo de professor secundário nas décadas de 1950 e 1960**. 2019. 248 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2019.

MIRANDA, B. C. B.; BOTH, E. G. Movimentos de formação de professores (de Matemática) em dois municípios mato-grossenses. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v. 28, e026, p. 1-26, 2021.

MIRANDA, B. C. B.; TOILLIER, J. S.; BARALDI, I. M. Movimentos de Formação de Professor: Aspectos de duas Regiões Brasileiras. *In*: GARNICA, A. V. M.; BARALDI, I. (org.). **Cartografias Contemporâneas: Novos Estudos (Historiográficos) para um Mapeamento da Formação e Atuação do Professor que Ensina/Ensinava Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2021. p. 159-180.

MORAIS, M. B. **Peças de uma História: Formação de Professores de Matemática na região de Mossoró (RN)**. 2012. 301 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MORAIS, M. B. **Se um Viajante...** Percursos e Histórias sobre a Formação de Professores de Matemática no Rio Grande do Norte. 2017. 1006 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

MOREIRA, P. C. 3+1 e suas (In)Variantes: (Reflexões sobre as possibilidades de uma nova estrutura curricular na Licenciatura em Matemática). **Bolema**, Rio Claro, v. 26, n. 44, p. 1137-1150, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bolema/v26n44/03.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MOREIRA, P. C.; FERREIRA, A. C. O lugar da Matemática na Licenciatura em Matemática. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 27, n. 47, p. 981-1005, dez. 2013.

MURTINHO, M. N. **Análise Econômica da divisão de Mato Grosso (1970-2000)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

NASCIMENTO, R. P. do. **Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: Uma Geometria a e para ensinar na Licenciatura em Matemática (1994-2019)**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.

NEVES, C. E. B.; MARTINS, C. B. Ensino Superior no Brasil: uma visão abrangente. *In*: MARTINS, C. B.; VIEIRA, M. M. **Educação Superior e os Desafios no Novo Século: contextos e diálogos Brasil-Portugal**. Brasília, DF: Editora UnB, 2018. p. 95-124.

NOGUEIRA, R. G. A formação dos professores de Matemática nos cursos de Licenciaturas da UEMT: 1962-1979. **Intermeio: revista do mestrado em**

Educação, Campo Grande, v. 11, n. 21, p. 40-51, jan. 2005.

NUNES, C. Memória e História da Educação: práticas e representações. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 9-25, 2003.

PACHECO, D. de L.; LARA, C. de B. Q. História, memória e patrimônio cultural de Três Lagoas/MS: as imagens fotográficas da “cidade das águas”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA (CIH), 8., 9 a 11 out. 2017, Maringá. **Anais [...]** Maringá: UEM, 2017. p. 2618-2625. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3515.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2023.

PAIVA, P. H. A. A. de. **Uma História da Formação de Professores no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de São João Del-Rei (2001-2019)**. 2023. 478 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

PAIS, L. C.; FREITAS, J. L. M.; BITTAR, M. Uma mensagem de lembrança aos colegas educadores matemáticos que faleceram em março de 2008. **Perspectivas da Educação Matemática**, Campo Grande, v. 1, n. 2, p. 7-22, jul./dez. 2008.

PINTO, D. C. Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino secundário: uma trajetória bem-sucedida?. In: MENDONÇA, A. W.; XAVIER, L. N. (org.). **Por uma política de formação do magistério nacional: o Inep/MEC dos anos 1950/1960**. Brasília, DF: Inep, 2008. (Coleção Inep 70 anos, v. 1).

PINTO, T. P. A Expansão de Cursos regulares de Matemática/Ciências no Mato Grosso do Sul. In: GARNICA, A. V. M.; BARALDI, I. (org.). **Cartografias Contemporâneas: Novos Estudos (Historiográficos) para um Mapeamento da Formação e Atuação do Professor que Ensina/Ensinava Matemática no Brasil**. Curitiba: Appris, 2021. p. 181-201.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. Tradução de R. Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUEIROZ, P. R. C. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). **Diálogos**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006.

REIS, A. T. V. **A importância das TICs e da Educação como processo comunicacional dialógico no ensino superior: um estudo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**. 2016. 160 f. Tese de doutorado em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROSA, J. P. da. **As duas histórias da Universidade: 1966-1978**. Campo Grande: UFMS, 1993.

SANTOS, J. R. V. dos; LINS, R. C. Movimentos de Teorizações em Educação Matemática. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 30, n. 55, p. 325-367, 2016.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p.143-155, jan./abr. 2009.

SAVIANI, D. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. **Poiésis Pedagógica**, Catalão, v. 9, n. 1, p. 7-19, jan./jun. 2011.

SCHEIBE, L. A formação pedagógica do professor licenciado: contexto histórico. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 31- 45, ago./dez. 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8316/7647>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SCHMIDT, B. *et al.* Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 8, n. 4, p. 960-966, out. 2020.

SCHUSSLER, D. **Migrantes camponesas e professoras primárias**: trajetórias de vida entre o espaço privado e o espaço público. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Movimentos Sociais) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. **Harvard Educational Review**, [s. l.], v. 57, n. 1, p. 1-22, 1987. Disponível em: <https://people.ucsc.edu/~ktellez/shulman.pdf>. Acesso em: 3 maio 2024.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge Growth. **Teaching Educational Research**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986. Disponível em: <https://wcu.edu/webfiles/pdfs/shulman.pdf>. Acesso em: 3 maio 2024.

SILVA, C. R. M. da. **Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 2015. 369 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

SILVA, D. W. da. **Conhecimentos Específicos da Docência de Professores que Ensinam Matemática em um Grupo de Trabalho que Analisa Produções Escritas em Matemática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

SILVA, N. C. **Cenas sobre a formação e atuação de professores de Matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX**. 2016. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

SIMÕES, M. C. de M. **Desenvolvimento local na cidade de Cassilândia: a festa do peão de boiadeiro e a construção da identidade e do sentimento de pertença.** 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). Sugestões para formação de professores da área científica para as escolas de 1º e 2º graus. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 1, n. 33, p. 369-377, mar. 1981.

SUCUPIRA, N. Sobre o exame de suficiência e formação do professor polivalente para o ciclo ginásial. **Documenta**, [s. l.], n. 31, p. 107-111, 1964.

TOILLIER, J. S. **A formação do professor (de Matemática) em terras paranaenses inundadas.** 2013. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

THOMPSON, P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL. Conselho Universitário. **Resolução Conjunta/Couni/Cepe-UEMS nº 2, de 25 de junho de 1998.** Dispõe sobre o Programa de Estímulo aos Docentes. Dourados: Conselho Universitário, 1998a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. **Portaria nº GR 1099/76, de 30 de dezembro de 1976.** Cuiabá: UFMT, 1976.

VALENTE, W. R. A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil: um tema para estudos históricos comparativos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 18, p. 19-34, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3214/3124>. Acesso em: 9 abr. 2024.

APÊNDICE A – Carta de apresentação da pesquisa aos colaboradores

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

As entrevistas que realizamos tem a finalidade específica, ser parte de uma tese de doutorado, que está sendo desenvolvida por Natalia Cristina da Silva sob a orientação do Profa. Dra. Maria Ednéia Martins juntamente ao Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, câmpus de Bauru/SP. A pesquisa tem por objetivo traçar compreensões sobre o movimento de criação e expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão – MS, a partir da década de 1970 até meados de 2000, por meio de fontes escritas e orais. As fontes orais serão produzidas a partir de depoimentos de (ex)professores e (ex)funcionários que fizeram parte destes cursos. A História Oral constrói a partir desses diálogos uma narrativa histórica, que neste trabalho servirão para construirmos um cenário histórico sobre a instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS. O procedimento metodológico adotado percorre momentos aos quais o entrevistado tem acesso: a gravação áudio da entrevista, a transcrição e a textualização. Logo após a entrevista retorna ao colaborador para que o próprio entrevistado verifique, acrescente ou retire partes que não queira tornar público, e o pesquisador lhe concederá todo o espaço para que isso aconteça, ficando assim evidenciado o cuidado ético que perpassa a pesquisa, pois o colaborador detém o direito absoluto de realizar quaisquer alterações na narrativa, pois é necessário que ele a legitime como sendo suas lembranças. Ao final da constituição da fonte escrita o entrevistado deverá assinar o documento de cessão de direitos dos documentos escritos, sendo a garantia de cumprimento dos acordos estabelecidos entre o pesquisador e o colaborador.

Agradecemos desde já a participação de cada colaborador.

Natalia Cristina da Silva
Pesquisadora

Profa. Dra. Maria Ednéia Martins
Orientadora

APÊNDICE B – Roteiros de entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS CARGOS DE DOCÊNCIA

1. Apresentação

- ✓ Apresentação pessoal.

2. Formação

- ✓ Básica;
- ✓ Graduação;
- ✓ Pós-graduação.

3. Carreira

- ✓ Trajetória;
- ✓ Disciplinas;
- ✓ Funções.

4. Criação do Curso

- ✓ Motivo do Curso de Matemática;
- ✓ Política;
- ✓ Autorização;
- ✓ Reconhecimento;
- ✓ Relevância da criação do curso para região;
- ✓ Influências de outras instituições.

5. Curso

- ✓ Leis e diretrizes;
- ✓ Projeto Político Pedagógico;
- ✓ Tem conhecimento da criação de outros cursos de Matemática na região.

6. Estrutura Curricular

- ✓ Grade;
- ✓ Metodologia de ensino;

7. Estrutura Física

- ✓ Condição dos prédios;
- ✓ Sala de aula;
- ✓ Biblioteca;
- ✓ Sala professores.

8. Corpo Docente

- ✓ Origem;
- ✓ Tempo de atuação;
- ✓ Tipo de vinculação;
- ✓ Quantidade de professores;
- ✓ Tempo destinado a Pesquisa;
- ✓ Tempo destinado a Extensão;
- ✓ Curso de formação continuada;
- ✓ Perfil do professor;
- ✓ Relação com outras instituições.

9. Corpo Discente

- ✓ Origem;
- ✓ Campo de atuação;
- ✓ Perfil do aluno.

10. Análise

- ✓ Percepção do curso;
- ✓ Qual sua percepção do movimento de criação dos cursos de Matemática na região;
- ✓ Considerações Finais.

11. O (a) senhor(a) teria o nome de algum professor(a) para que eu pudesse conversar?

12. Gostaria de falar ao(à) senhor(a) que esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao(à) senhor(a) para fazer as modificações que achar pertinente.

Sendo assim o(a) senhor(a)_____ autoriza o uso da imagem e som de sua entrevista, bem como os produtos gerados a partir dela?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS CARGOS DE GESTÃO

Roteiro de entrevistas**13. Apresentação**

- ✓ Apresentação pessoal.

14. Formação

- ✓ Básica;
- ✓ Graduação;
- ✓ Pós-graduação.

15. Carreira

- ✓ Trajetória;
- ✓ Disciplinas;
- ✓ Funções.

16. Criação da UEMS

- ✓ Motivo da criação.

17. Criação do Curso

- ✓ Motivo do Curso de Matemática;
- ✓ Política;
- ✓ Autorização;
- ✓ Reconhecimento;
- ✓ Relevância da criação do curso para região;
- ✓ Influências de outras instituições.

18. Curso

- ✓ Leis e diretrizes;
- ✓ Projeto Político Pedagógico;
- ✓ Grade;
- ✓ Tem conhecimento da criação de outros cursos de Matemática na região.

19. Estrutura Física

- ✓ Condição dos prédios;

20. Corpo Docente

- ✓ Seleção de professores;
- ✓ Tempo destinado a Pesquisa;
- ✓ Tempo destinado a Extensão;
- ✓ Curso de formação continuada;
- ✓ Perfil do professor;

21. Corpo Discente

- ✓ Perfil do aluno.

22. Análise

- ✓ Percepção do curso;
- ✓ Qual sua percepção do movimento de criação dos cursos de Matemática na região;
- ✓ Considerações Finais.

23. O (a) senhor(a) teria o nome de algum professor(a) para que eu pudesse conversar?

24. Gostaria de falar ao(à) senhor(a) que esta entrevista será transcrita e textualizada e voltará ao(à) senhor(a) para fazer as modificações que achar pertinente.

Sendo assim o(a) senhor(a)_____ autoriza o uso da imagem e som de sua entrevista, bem como os produtos gerados a partir dela?

APÊNDICE C – Carta de retorno aos colaboradores

Carta de Retorno

Prezada colaboradora, venho por meio desta apresentar, para fins de análise, legitimação e autorização, o material referente à entrevista que a senhor(a) me concedeu no dia_____ em função da minha pesquisa de doutorado, orientada pelo professora Dra. Maria Ednéia Martins, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), que versa sobre o movimento de criação e expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul.

Junto a esta carta seguem os seguintes materiais: áudio da entrevista concedida; um texto em versão digital intitulado transcrição, contendo a transcrição literal do áudio da entrevista e um texto digital intitulada textualização, que será a versão a ser publicada. Desse texto foram retirados as repetições e os traços mais marcantes da oralidade, foram acrescentadas notas de rodapé para tornar claro alguns termos, instituições ou pessoas. Encaminho as versões digitais dos documentos devido à pandemia da Covid-19 que vem nos assolando.

Depois que a senhora fizer a leitura e realizar as alterações necessárias peço que por meio da Cartão de Cessão faça a legitimação do texto, como sendo o registro de sua entrevista concedida. Saliento que depois da assinatura da Carta de Cessão, o depoimento não será mais alterado em seu texto, podendo haver mudanças nas notas de rodapé ou na pontuação e acentuação, em virtude de possível revisão ortográfica.

Desde já, agradeço a colaboração da senhora neste trabalho.

Natalia Cristina da Silva

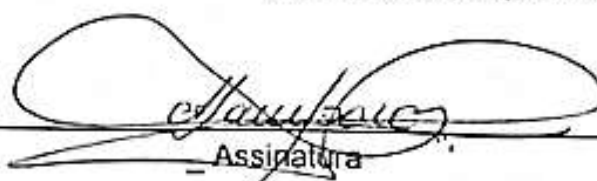
APÊNDICE D – Cartas de cessão

CARTA DE CESSÃO DO PROFESSOR ÁLVARO SAMPAIO

Carta de Cessão

Eu, Álvaro Sampaio, RG nº [REDACTED] Declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 05/11/2020, com duração de 1h36min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bólsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo a pesquisadora, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Três Lagoas (MS), 25 de julho de 2022.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DO PROFESSOR EDSON RODRIGUES CARVALHO

Carta de Cessão

Eu, Edson Rodrigues Carvalho, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 05/11/2020, com duração de 1h48min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo a pesquisadora, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Campo Grande (MS), 17 de agosto de 2022.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA ELIEDETE PINHEIRO LINO

Carta de Cessão

Eu, Eliedete Pinheiro Lino, RG nº [REDACTED], SSP/MS, declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 01/10/2020, com duração de 1h16min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Três Lagoas (MS), 20 de novembro de 2022.

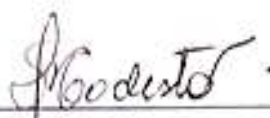


Assinatura

Carta de Cessão

Eu, Sonia Angelina Garcia Modesto, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 03/10/2020, com duração de 1h23min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Três Lagoas (MS), 24 de julho de 2022.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA IRENE COELHO ARAÚJO

Carta de Cessão

Eu, Irene Coelho de Araújo, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 11/05/2020, com duração de 2h08min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Cassilândia (MS), 05 de abril de 2021.

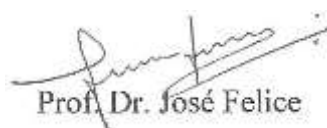
Irene Coelho de Araújo

CARTA DE CESSÃO DO PROFESSOR JOSÉ FELICE

Carta de Cessão

Eu, José Felice, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 10/09/2020, com duração de 1h35min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo a pesquisadora, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Nova Andradina (MS), 25 de julho de 2022.



Prof. Dr. José Felice

Assinatura

CARTA DE CESSÃO DO PROFESSORA LEOCÁDIA AGLAÉ PETRY LEME,
ASSINADA POR SEU FILHO SANDRO PETRY LAUREANO LEME

Carta de Cessão

Eu, Sandro Petry Laureano Leme, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED], SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que minha mãe a Professora Leocádia Aglaé Petry Leme, concedeu em 02/07/2020, com duração de 1h31min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada e conferida por mim; sobre a imagem e identificação de minha mãe. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Campo Grande (MS), 28 de novembro de 2022.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DO PROFESSOR MARCO APARECIDO QUEIROZ DUARTE

Carta de Cessão

Eu, Marco Aparecido Queiroz Duarte, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 26/05/2020, com duração de 1h30min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização(edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo a pesquisadora, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Cassilândia (MS), 11 de março de 2021.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA ANDREIA CRISTINA RIBEIRO

Carta de Cessão

Eu, Andreia Cristina Ribeiro, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 29/10/2020, com duração de 1h57min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bólsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Paranaíba (MS), 14 de setembro de 2022.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA MARLENE DURIGAN

Carta de Cessão

Eu, Marlene Durigan, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 20/01/2020, com duração de 1h24min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bólsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Três Lagoas (MS), 09 de março de 2021.


Assinatura

CARTA DE CESSÃO DO PROFESSOR THIAGO DONDA RODRIGUES

Carta de Cessão

Eu, Thiago Donda Rodrigues, RG [REDACTED], declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 22/06/2020, com duração de 2h42min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bóia Preta de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo a pesquisadora, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Paranaíba (MS), 07 de julho de 2022.



Assinatura

CARTA DE CESSÃO DA PROFESSORA SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA

Carta de Cessão

Eu, Silvia Regina Vieira da Silva, RG nº [REDACTED] declaro ceder a Natalia Cristina da Silva, RG nº [REDACTED] SSP/SP, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 12/11/2020, com duração de 1h26min; sobre a transcrição literal da referida entrevista; sobre a textualização (edição) do registro oral, que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada; sobre minha imagem e identificação e sobre documentos por mim cedidos. Estou ciente de que o material em alusão irá compor a sua tese de doutorado, que versa sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970, a ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru (SP), podendo o pesquisador, para tal fim, publicar integral ou parcialmente o conteúdo da textualização, bem como os documentos, imagens, identificação e referências à minha pessoa, neste ou em estudos posteriores, desde que exclusivamente para fins acadêmicos e referenciando sempre o estudo do qual o material faz parte originalmente. Outrossim, autorizo o seu arquivamento em bancos de dados físicos ou eletrônicos, com fins acadêmicos, para posteriores consultas ou estudos por esse ou outros pesquisadores.

Ilha Solteira (SP), 14 de setembro de 2022.


Assinatura